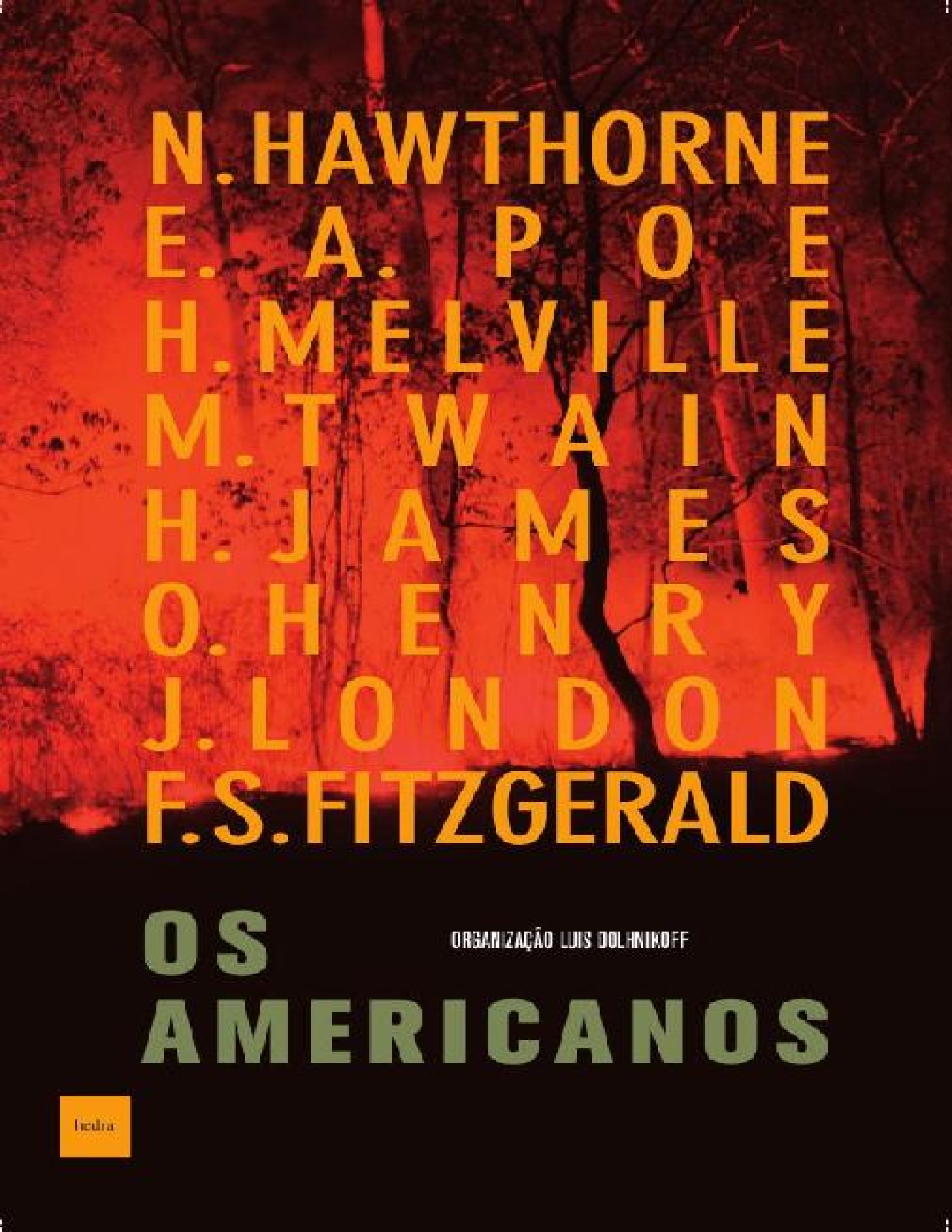

N. HAWTHORNE
E. A. POE
H. MELVILLE
M. TWAIN
H. JAMES
O. HENRY
J. LONDON
F. S. FITZGERALD
OS AMERICANOS
ORGANIZAÇÃO LUIS DOLHNIKOFF

Copyright © Hedra.
Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

1ª edição, 2015
1ª edição *e-book,* 2017
copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2015
tradução© Aline Scátola, Angélica Beresi, Guilherme da Silva Braga, Luiz Roberto Takayama, Marcos Maffei, Márcio Roberto P. da Silva, Roberto Amado, Sergio Romanelli
edição Jorge Sallum e Luis Dolhnikoff
assistência editorial Luan Maitan
revisão Bruno Domingos, Bruno Oliveira, Iuri Pereira, Luan Maitan, Thiago Lins
capa Ronaldo Alves
ISBN e-book 978-85-1135-142-2
edição e-book Luiza Brandino
corpo editorial Adriano Scatolin, Caio Gagliardi, Jorge Sallum, Luis Dolhnikoff, Oliver Tolle, Ricardo Musse, Ricardo Valle, Tales Ab'Saber

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Editora Hedra Ltda.
R. Fradique Coutinho, 1139
05416-011 - São Paulo SP Brasil
Telefone/fax: (11) 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Sumário

Nathaniel Hawthorne
Os sete vagabundos
Edgar Allan Poe
O barril de Amontillado
O gato preto
O baile da morte vermelha
O retrato oval
O demônio da obstinação
Descida ao Maelström
A queda da casa de Usher
Herman Melville
Hawthorne e seus musgos
Correspondência
A Nathaniel Hawthorne
A Nathaniel Hawthorne
A Nathaniel Hawthorne
A Nathaniel Hawthorne
A Nathaniel Hawthorne
A Nathaniel Hawthorne
A Sophia Hawthorne
A Julian Hawthorne
A Nathaniel Hawthorne
A Nathaniel Hawthorne
Anexo: a história de Agatha relatada pelo advogado
A Nathaniel Hawthorne
A Nathaniel Hawthorne
Mark Twain
Fragmentos do diário de Adão
Diário de Eva
Fragmento do diário de Adão
Depois da Queda
Quarenta anos depois
No túmulo de Eva
Passagens do diário de Satã
Autobiografia de Eva
Solilóquio de Adão

Henry James
A volta do parafuso
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
XVII
XVIII
XIX
XX
XXI
XXII
XXIII
XXIV
O. Henry
A última folha
Parte 1
Parte 2
Parte 3
Parte 4
Final
Perdido no desfile de modas
Parte 1
Parte 2
Final

Vinte anos depois
Parte 1
Final
Mammon e o Cupido
Parte 1
Parte 2
Parte 3
Parte 4
Final
Reabilitação e regeneração
Parte 1
Parte 2
Parte 3
Parte 4
Parte 5
Parte 6
Final
O sótão
Parte 1
Parte 2
Pausa para Reflexão
Parte 3
Parte 4
Parte 5
Final
O cliente da cidade dos cactos
Parte 1
Parte 2
Parte 3
Parte 4
Final
Histórias de uma nota ilícita de dez dólares
Introdução
Parte 1
Parte 2
Parte 3
Final

O policial e o hino da igreja
Parte 1
Parte 2
Final
Uma questão dealtitude inadequada
Parte 1
Parte 2
Parte 3
Pausa para Reflexão
Jack London
O chamado selvagem
1. Rumo ao primitivo
2. A lei do porrete e dos caninos
3. O domínio da fera primordial
4. O conquistador da supremacia
5. A labuta nas trilhas
6. O amor ao homem
7. O som do chamado
Francis Fitzgerald
O curioso caso de Benjamin Button
I
2
3
4
5
6
7
8
9
10
II

Nathaniel Hawthorne

Nathaniel Hawthorne (1804–1864), o primeiro grande escritor norte-americano, também foi um dos criadores de alguns dos principais temas literários do país, a partir do retrato poderoso do período puritano de *A letra escarlate* (1850) (Hawthorne nasceu na própria cidade de Salém onde, no século , ocorreu o mais famoso episódio de "caça às bruxas" da história americana). O romance, tido como um dos maiores da literatura norte-americana ao lado de *As aventuras de Huckleberry Finn* de Mark Twain, era considerado pelo próprio Hawthorne um "romance psicológico", muito antes de esta se tornar uma categoria literária. Na verdade, talvez fosse melhor descrito como um romance psicossocial, pondo em confronto direto os aspectos mais pessoais de três personagens e a sociedade em que vivem na pequena cidade de Boston do século . O livro foi um sucesso imediato, e ajudou seu autor a adotar a literatura como profissão. Hawthorne é também considerado um dos mais importantes contistas da literatura americana, com várias coletâneas famosas publicadas em vida, como *Twice-Told Tales* (1937), *Mosses from an Old Manse* (1846) e *Tanglewood Tales* (1853). Casado com Sophia Peabody, com quem teria três filhos, Hawthorne era próximo dos "transcendendalistas" Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, tendo vivido em sua comunidade na cidade de Concord, além de conviver com alguns dos grandes escritores da época, como Herman Melville. Tornou-se, por tudo isso, uma espécie de modelo do escritor americano para as gerações seguintes.

O conto de Hawthorne aqui reproduzido, "Os sete vagabundos", leva o leitor para um Estados Unidos desconhecido ou pouco conhecido, o do interior de uma Costa Leste do início do século ainda não industrializada, com sua paisagem física marcada por campos, matas e florestas, e sua paisagem humana dominada por personagens errantes, algo ingênuos, algo ciganos, longe do tempo produtivo das cidades modernas e entregues à camaradagem e aos sabores e dissabores das circunstâncias. Todos são meio artistas, inclusive da sobrevivência, que no entanto sabem levar com leveza. Além disso, formam um grupo heterogêneo, em que as diferenças são vistas com prazer e interesse, sobre o pano de fundo comum do mesmo

modo de vida. Um velho marionetista, um vendedor ambulante de livros, um casal de jovens estrangeiros errantes, um escritor iniciante também errante, um mendigo profeta e um índio que ganha a vida em exibições de arco e flecha formam o grupo improvável, reunido por causa de uma tempestade e mantido por certo tempo pelo motivo comumente adotado de improviso de ir a uma feira rural. E no entanto, há algo de caracteristicamente americano em tudo isso, pois longe de se perder por completo com o avanço da civilização mercantil, urbana e industrial, esse modo de vida, marcado pelo desprendimento e pela proximidade com o ambiente natural, se manterá como um modelo sempre recuperável, não como um pequeno "ideal" nostálgico, mas como uma alternativa existencial, que se manifestará na filosofia de Henry Thoreau, na busca por novas fronteiras como o Alasca de Jack London e o mar de Herman Melville, na vida "*on the road*" dos anos 1950, na contracultura dos anos 1960 e na permanente errância de multidões de americanos pelo vasto país, em busca de algum lugar, de alguma coisa ou de si mesmos.

Tradução Angélica Beresi.

Os sete vagabundos

Passeando a pé, na primavera de minha vida e no verão do ano, cheguei uma tarde a um lugar que me dava a escolha de três direções. Reto à minha frente, o caminho principal estendia seu empoeirado comprimento até Boston; à esquerda, uma bifurcação dirigia-se até o mar e teria feito minha viagem a bagatela de 20 ou 30 milhas mais longa, enquanto pelo caminho à direita eu poderia ter ido por lagos e montanhas até o Canadá, visitando de passagem a ilustre cidade de Stamford. Numa planície de grama ao pé do poste de sinalização, apareceu então um objeto, que apesar de se locomover de modo diferente, lembrou-me a mansão portátil de Gulliver entre os Brobdingnags. Era um grande vagão coberto, ou, mais apropriadamente, uma pequena casa sobre rodas, com uma porta de um lado e uma janela protegida por persianas verdes do outro. Dois cavalos mastigando forragem de cestas que serviam de focinheiras estavam amarrados perto do veículo; um delicioso som musical vinha do interior; e eu imediatamente conjecturei que seria algum espetáculo itinerante detido na confluência de caminhos para interceptar viajantes tão ociosos quanto eu. A chuva avançava fazia tempo pelo céu ocidental, e agora pairava tão ameaçadora que procurar abrigo era uma questão óbvia. “Olá! Quem é o guarda aqui? O porteiro está dormindo?”, gritei, aproximando-me da escada de dois degraus que descia do vagão.

A música cessou ante a minha intimação, e à porta apareceu não o tipo de figura que eu tinha mentalmente designado para o artista errante, mas um velho senhor muito respeitável, personagem perante o qual me arrependi de ter usado um estilo tão liberal. Trazia um capote cor rapé e roupas justas, com botas de bordas brancas, e exibia a leve dignidade no aspecto e nos gestos que muitas vezes pode ser observada em velhos mestres de escola, e às vezes em diáconos, representantes da cidade ou outros potentados desse tipo. Uma pequena moeda de prata foi meu passaporte para dentro de suas instalações, onde encontrei só mais uma pessoa, que descreverei adiante.

“Este é um dia sem graça para os negócios”, disse o velho cavalheiro, enquanto me conduzia ao interior; “Só me detive aqui para que os animais se refrescassem; meu destino é a reunião no campo de Stamford”.

Talvez o cenário transportável desta narrativa ainda peregrina pela Nova Inglaterra permita que o leitor comprove a precisão da minha descrição. Seu espetáculo, pois não usarei a indigna expressão "teatro de fantoches", consistia de uma multidão de pequeninas pessoas reunidas em um palco em miniatura. Dentre eles havia artesões de todo tipo, em atitudes próprias de sua labuta, e um grupo de atraentes damas, além de nobres cavalheiros em pé, preparados para a dança; uma companhia de soldados de infantaria formava uma fila atravessando o palco, com um aspecto firme, severo, e terrível o bastante para se ter uma sensação de alívio ao considerar que só tinham três polegadas de altura; e conspícuo acima do conjunto via-se um bufão, com um gorro pontudo e o sobretudo multicolorido característicos de sua profissão. Todos os habitantes desse mundo de mímica estavam imóveis, como as figuras de um quadro, ou como pessoas que num momento estivessem vivas no meio das suas ocupações e alegrias e, no seguinte, fossem transformadas em estátuas, preservando o eterno semblante do labor concluído e o prazer que não poderia ser mais sentido. No entanto, assim que o velho cavalheiro fez girar a manivela do realejo, sua primeira nota produziu o mais reanimador dos efeitos nas figuras, que iniciaram as suas respectivas ocupações e diversões. Por idêntico impulso, o alfaiate ocupou-se com sua agulha, o martelo do ferreiro desceu sobre a bigorna e os dançarinos rodopiaram levemente nas pontas dos pés; a companhia de soldados dividiu-se em pelotões, retirou-se do palco e foi substituída por uma tropa a cavalo, que avançou saltitante com tal barulho de trombetas e atropelo de cascos, que teria deixado perplexo o próprio Dom Quixote, enquanto um velho bêbado, de inveterados maus hábitos, levantava sua garrafa preta e tomava um gole considerável. Enquanto isso, o bufão começou a pular e a dar cambalhotas, mexendo os quadris, abanando a cabeça e piscando os olhos de uma maneira tão realista como se estivesse ridicularizando a falta de sentido de todos os assuntos humanos, e desdenhando de toda a multidão abaixo dele. Finalmente o velho mágico (porque comparei o artista a Próspero, entretendo seus hóspedes com uma máscara de sombras) me levou a dar voz à minha admiração. "Que maravilhoso trabalho!", exclamei, levantando as mãos assombrado.

De fato, gostara do espetáculo e estava exultante com a solenidade do velho ao comandá-lo, pois eu não possuía nada daquela sabedoria tola que reprova toda ocupação não utilitária neste mundo de vaidades. Se há uma

faculdade de que disponho melhor do que a maioria dos homens é a de me lançar mentalmente em situações alheias, e perceber com uma visão alegre as circunstâncias desejáveis para cada um. Eu poderia ter invejado a vida feliz desse grisalho diretor de espetáculos, passada como se estivesse no meio de uma aventura segura e agradável, guiando às vezes seu grande veículo através das areias de Cape Cod e às vezes pelos caminhos acidentados das florestas do Norte e do Leste, detendo-se ora no pasto ante o lugar de reunião da vila, ora em uma praça pavimentada da metrópole. Quantas vezes esse coração deve ter-se alegrado com o encantamento das crianças ao ver essas figuras animadas, ou experimentou seu orgulho ser gratificado ao arengar eruditamente ante homens adultos sobre as forças mecânicas que produziam tão maravilhosos efeitos. Ou se permitiu trazer à tona sua galanteria (pois esse é um atributo do qual os homens solenes não carecem) pela visita de belas donzelas. Em seguida, com que sentimento de frescor devia retornar, nos intervalos, à sua peculiar moradia. "Assim seria se uma vida feliz como essa me fosse permitida", pensei.

Apesar de o vagão do diretor de espetáculos poder acomodar quinze ou vinte espectadores, agora só continha, além de nós dois, a outra pessoa à qual eu lançara um olhar ao entrar. Ele era um jovem polido e bem cuidado de 22 ou 23 anos; seu chapéu escuro e o sobretudo verde com colarinho de veludo eram elegantes, mas não novos, enquanto o par de óculos verdes, que pareciam desnecessários a seus olhinhos alertas, davam-lhe um ar de erudito e literato. Depois de me proporcionar tempo suficiente para que eu inspecionasse os bonecos, ele avançou com uma reverência e desviou a minha atenção para alguns livros num canto do vagão. Em seguida, começou a exaltá-los, com uma surpreendente volubilidade de palavras profundas. E de uma ingenuidade nos elogios que ganhou meu coração, como se eu fosse o mais misericordioso dos críticos. Certamente sua coleção requeria um considerável poder de admiração pelos vendedores; havia vários velhos amigos meus, novelas daqueles dias felizes quando minhas afeições flutuavam entre Scottish Chiefs e Thomas Thumb, além de outros, posteriores, cujos méritos não haviam sido reconhecidos pelo público. Fiquei feliz de achar esse querido, venerável volumezinho, o *New England Primer*, de aspecto tão vetusto como nunca, apesar de estar em sua milésima edição; um conjunto de livros ilustrados me devolveu à infância, em parte pelo brilho das suas capas e em parte pelos contos de

fadas que continham; comprei-o; e uma série de baladas e canções teatrais populares extraiu a maior parte do que restara em meu bolso. Para equilibrar tais despesas não mexi nem com sermões, nem com ciência, nem com moralidade, apesar de haver ali volumes sobre todos eles; nem com *A vida de Franklin* no papel mais tosco, mas tão vistosamente encadernado, que seria admirável até para o próprio grande homem, no traje de tribunal que recusou vestir em Paris; nem com o *Webster* para soletrar, nem com alguns poemas secundários de Byron, nem com meia dúzia de pequenos Testamentos a 25 centavos cada.

Havia ainda um pequeno volume de capa azul, que o vendedor ambulante me passou de uma maneira tão peculiar que o comprei imediatamente pelo preço que pedia, e então, pela primeira vez, descobri de repente estar conversando com o autêntico autor de um livro impresso. O literato demonstrou grande afabilidade comigo, e assim me aventurei a perguntar para onde estava indo. "Acompanho este velho cavalheiro, e agora nos dirigimos ao campo de reuniões de Stamford".

Então me explicou que pela atual temporada havia alugado um canto do vagão como livraria, que, como espirituosamente observou, era uma verdadeira biblioteca circulante, pois eram poucas as regiões do país onde não estivera, e comecei a resumir mentalmente as alegrias incomuns na vida de um vendedor ambulante de livros, especialmente quando seu caráter era como o do indivíduo que eu tinha à minha frente. Devia estimar em alto grau o encanto diário e reiterado de entrevistas como aquela, na qual apreendia a admiração de um desconhecido passageiro, ao informá-lo de que um homem de bom gosto e de certo êxito literário viajava pelo país em um vagão de um *showman*. Um trunfo ainda mais valioso, e quem sabe não infrequente, podia talvez ser obtido em suas conversações com velhos clérigos vegetando longamente em um rochoso, arborizado e periaquático assentamento no interior de Nova Inglaterra, que, enquanto recrutava para sua biblioteca algo do sortimento de sermões do vendedor ambulante, o exortaria a tentar uma educação superior e a se tornar o primeiro erudito de sua classe. Ainda mais doces e cheias de orgulho seriam suas sensações quando declamasse poemas enquanto vendia livretos; ele encantaria o espírito e, por acaso, também comoveria o coração de uma bela professora camponesa, ela mesma uma poeta carente de honrarias, usando meias azuis que ninguém fora ele se dera o trabalho de olhar. Mas a cena de sua mais completa glória seria quando o vagão tivesse se detido por uma noite

e seu sortimento de livros fosse transferido para algum bar cheio de gente. Então ele poderia recomendar à sua variada companhia, fossem viajantes da cidade, condutores de gado das colinas, magistrados das redondezas, ou mesmo o proprietário e seu desagradável cocheiro, trabalhos adequados a cada gosto particular; comprovando o tempo todo, por meio de crítica aguda e profundos comentários, que a boa instrução contida em seus livros só era superada pela de seu cérebro. Assim, alegremente ele atravessaria o país; às vezes um arauto à frente de *The march of Mind*, às vezes um caminhante de braços dados com uma péssima literatura, mas ceifando em toda parte a colheita de uma real e sensata popularidade. "Se alguma vez me intrometer na literatura", pensei, fixando-me em uma adamantina resolução, "será como um vendedor viajante de livros".

Embora fosse ainda metade da tarde, o ar havia escurecido ao nosso redor, e umas poucas gotas de chuva caíram sobre o teto do nosso veículo, tamborilando como pés de pássaros que houvessem voado para lá para descansar. Um som agradável de vozes se fez ouvir, e logo apareceu no meio da escada a bela figura de uma jovem senhorita, cujo rosto corado era tão alegre que mesmo no meio daquela luz sombria parecia estarem os raios de sol brilhando seu gorro. Depois vimos as atraentes feições morenas de um jovem que, com uma galanteria mais desenvolta do que seria de esperar em terra ianque, a ajudava a subir no vagão. Ficou imediatamente evidente, quando os dois desconhecidos entraram, que eram de uma profissão parecida com a dos meus companheiros; eu estava encantado com os mais do que hospitaleiros, os paternalmente bondosos modos do velho artista ao lhes dar as boas-vindas; enquanto o jovem literato conduzia a moça de olhar feliz a um lugar no longo banco. "Vocês se abrigaram a tempo, meus jovens amigos", disse o dono do vagão. "O céu teria caído sobre vocês dentro de cinco minutos".

A resposta do jovem evidenciou trata-se de um estrangeiro, não por qualquer variação da expressão idiomática ou sotaque de um bom inglês, mas pela fala mais cuidadosa e precisa de alguém naturalmente familiarizado com a língua.

"Sabíamos que a chuva cairia sobre nós", disse, "e nos perguntamos se seria melhor entrar na casa no topo do monte ali em frente, mas vendo seu vagão no caminho…", "concordamos em vir para cá", interrompeu a moça, com um sorriso: "Porque nos sentiríamos mais à vontade em uma casa rolante como esta".

Com uma imaginação desenfreada e indeterminada, eu inspecionava minuciosamente esses dois pombos que tinham voado para dentro de nossa arca. O jovem, alto, ágil e atlético, tinha uma massa de cachos negros e brilhantes aglomerados ao redor de um semblante escuro e vivaz, que, se não tinha uma grande expressão, era em compensação mais ativa e chamava mais a atenção do que os pacatos rostos de nossos conterrâneos. Ao chegar, carregava uma esplêndida caixa de mogno, de aproximadamente dois pés quadrados, mas muito leve em relação a seu tamanho, que tinha de imediato descido dos ombros e depositado no chão do vagão.

A menina tinha a tez quase tão alva quanto a de nossas mais belas senhoritas, e mais brilhante do que a maioria; a leveza de sua figura, que parecia calculada para atravessar o mundo todo sem se cansar, caía bem com o radiante contentamento de seu rosto; e sua alegre indumentária, combinando várias cores do arco-íris, vermelho, verde e laranja escuro, era tão adequado à sua aparência festiva que parecia ter nascido com ela. Enquanto aquele alegre desconhecido vinha bem equipado com esse instrumento inspirador de júbilo, o violino, que sua companheira lhe tirou das mãos para imediatamente começar o processo de afinação. Nenhum de nós, os ocupantes prévios do vagão, precisou indagar sobre a caixa; pois não era um mistério sequer para frequentadores de assembleias, feiras de gado, formaturas e outras reuniões festivas em nosso sóbrio país; aliás, tenho uma amiga muito querida, que sorrirá quando esta página trouxer à sua memória uma façanha cavalheiresca protagonizada por nós, ao resgatar uma caixa de imagens como aquela de uma dupla de camponeses bêbados.

“Venha”, eu disse à donzela de alegre indumentária, “vamos visitar todas as maravilhas do mundo juntos”.

Ela entendeu a metáfora imediatamente, embora eu não fosse me incomodar em absoluto se tivesse consentido com o significado literal das minhas palavras. A caixa de mogno estava colocada numa posição adequada, e olhei pela sua janelinha redonda de lente de aumento, enquanto a menina, sentada ao meu lado, dava curtos esboços descritivos, conforme as imagens, uma após outra, se desdobravam ante meus olhos. Visitamos juntos, ou ao menos a nossa imaginação o fez, muitas cidades famosas, com suas ruas que sempre desejei trilhar; de repente estávamos no porto de Barcelona, olhando a cidade; em seguida, ela me levou pelo ar

para a Sicília, e me pediu que procurasse o flamejante monte Etna; então voamos para Veneza e nos sentamos em uma gôndola sob o Rialto; e então ela me pôs entre os apinhados espectadores da coroação de Napoleão. Mas havia uma cena, cuja localidade ela não pôde me dizer, que atraiu a minha atenção por mais tempo do que todos aqueles deslumbrantes palácios e igrejas, já que eu mesmo tinha visto, no verão anterior, aquela humilde casa de reuniões, naquele mesmo canto rodeado de pinheiros, entre nossas próprias montanhas verdejantes. Todas aquelas imagens foram aceitavelmente exibidas, ainda que de uma maneira muito inferior às descrições da menina; não era fácil de compreender como, em tão poucas frases, ainda mais em uma língua que eu supunha estranha à dela, formulava uma descrição visionária de cada uma das diferentes cenas. Quando tínhamos viajado pela vasta extensão da caixa de mogno, olhei o rosto da minha guia.

"Para onde você vai, minha bela dama?", perguntei com as palavras de uma velha canção.

"Ah", disse a alegre donzela, "você igualmente poderia perguntar para onde o vento de verão vai. Somos errantes, aqui, ali e em toda parte. Onde quer que exista júbilo, nossos corações alegres serão atraídos por ele. Hoje, de fato, nos falaram de um grande baile, de um festival por aqui; e logo talvez precisem de nós no que você chama de campo de reunião em Stamford".

Então, naquela minha feliz juventude, enquanto sua agradável voz ainda soava em meus ouvidos, suspirei por mim mesmo; por sua companhia em uma vida que parecia poder realizar as minhas mais loucas fantasias, acariciadas desde a infância. Para aqueles dois desconhecidos, o mundo estava em sua idade de ouro, não porque estivesse menos escuro e triste do que antes, mas porque seu abatimento e tristeza não tinham lugar na sua etérea natureza. Onde quer que eles aparecessem em sua peregrinação jubilosa, a juventude faria eco à sua felicidade, a maturidade acometida pela preocupação descansaria por um momento de seu labor, e a idade cambaleando já por entre os túmulos sorriria com murcha alegria por causa deles. O berço solitário, a rua estreita e lúgubre, a sombria escuridão pegariam um raio como o que agora brilhava em nós, enquanto esses brilhantes espíritos perambulavam por aí. Abençoado par, cujo lar feliz estava em toda parte da terra. Olhei então para os meus ombros e os considerei suficientemente largos para sustentar todas aquelas cidades e

montanhas dos retratos; meus pés me pareceram igualmente elásticos, tão incansáveis quanto as asas da ave do Paraíso; o meu era então um coração calmo,que teria ido cantando por todo seu prazeroso caminho.

"Ah menina", eu disse em voz alta, "por que você não veio sozinha?".

Enquanto estávamos ocupados com a caixa de espetáculos, a incessante chuva havia trazido um outro caminhante ao vagão. Quanto à idade, era muito parecido ao velho artista, mas muito menor, mais magro e mais murcho do que ele, e menos respeitável, em um remendado traje cinza; contudo, ele tinha um semblante fino e sagaz, e um par de diminutos olhos cinzentos que olhavam de modo perspicaz de suas cavidades. O velho sujeito estava fazendo gracejos com o artista, de um modo que insinuava um conhecimento anterior; mas percebendo que a donzela e eu tínhamos terminado nossos assuntos, puxou um documento dobrado e o apresentou a mim. Como eu tinha podido antecipar, era uma carta circular, escrita em uma letra muito bela e legível, e assinada por vários distintos cavalheiros, dos quais eu nunca tinha ouvido falar, atestando que o portador havia se deparado com todas as variedades de infortúnio, e recomendando para ele a atenção de todas as pessoas caridosas.

Desembolsos anteriores tinham me deixado com não mais do que uma nota promissória de cinco dólares; no entanto, me ofereci para fazer uma doação ao mendigo, desde que me desse troco. O objetivo da minha generosidade aparecia claramente em meu rosto, e demonstrava que eu não tinha nada do abominável espírito tão tipicamente ianque de obter prazer ao detectar a menor e mais inofensiva demonstração de desonestidade.

"Se porventura o banco estiver em boas condições, o que eu não posso afirmar", disse o velho maltrapilho, "eu poderia ter o suficiente para trocar sua nota".

"Ela é do Banco de Suffolk: tão boa quanto dinheiro vivo."

Como o mendigo não teve nada a objetar, apresentou uma pequena bolsa de camurça atada cuidadosamente com um cadarço. Quando este se abriu, apareceu um muito próspero tesouro de moedas de ouro, de todos os tipos e tamanhos, e até imaginei entrever, flamejante no meio delas, a plumagem dourada daquela rara ave de nossa moeda, a águia americana. Nesse precioso monte foi depositado meu bilhete de banco, sendo a taxa de câmbio consideravelmente desfavorável a mim. Uma vez mitigadas

suas necessidades, o indigente puxou de seu bolso um velho e oleoso baralho, que provavelmente tinha contribuído para encher a bolsa de camurça de mais de uma maneira.

"Venha", ele disse. "Vejo um raro destino em sua face e, por 20 centavos a mais, lhe direi qual é".

Nunca me recuso a dar uma olhadela no futuro; estão, depois de embaralhar as cartas, e quando a bela donzela as tinha cortado, entreguei uma moeda ao mendigo profeta. Como outros de sua profissão, antes de predizer os sombrios fatos que vinham ao meu encontro, ele deu uma prova da sua sobrenatural ciência, descrevendo cenas pelas quais eu já tinha passado. E ele me fez acreditar por um pequeno fato. Quando o velho terminou de ler uma página de seu livro do destino, dirigiu seus olhos perspicazes olhos para os meus e passou a relatar, em seus mínimos detalhes, o que fora o acontecimento mais singular de minha vida até então. Era algo que eu não tinha intenção de revelar, até o desdobramento geral de todos os segredos; nem seria um caso mais estranho de sabedoria inescrutável ou conjectura afortunada, se o mendigo me encontrasse na rua e repetisse, palavra por palavra, a página que hoje escrevi. O adivinho, depois de predizer um destino que o tempo relutaria em provar, levantou suas cartas, deixou a bolsa com os tesouros e começou a conversar com os outros ocupantes do vagão.

"Bem, meus amigos", disse o artista, "vocês ainda não disseram para onde seus passos se dirigem esta tarde".

"Eu viajo para o norte, para um clima temperado", respondeu o ilusionista, "através de Connecticut e então por Vermont, e posso estar em Canadá antes do outono. Mas devo parar para ver o término da reunião de Stamford".

Comecei a pensar que todos os vagabundos de Nova Inglaterra iriam se concentrar naquela ocasião e tinham feito daquele vagão seu ponto de reunião. O artista então propôs que, quando terminasse a chuva, todos eles deviam prosseguir juntos o caminho até Stamford.

"A jovem dama", observou o galante livreiro, fazendo uma reverência profunda, "e esse cavalheiro estrangeiro, segundo entendo, estão em uma excursão de recreio para o mesmo lugar. Acrescentaria incalculavelmente ao meu deleite, e presumo que ao do meu colega e de seus amigos, se se deixassem persuadir a se unirem à nossa festa". Aquele programa de ação contou com a aprovação de todos, e nenhum dos envolvidos era mais

consciente do que eu de suas vantagens. Eu não tinha razões a serem acrescentadas. Tendo ficado satisfeito com as diversas maneiras pelas quais os outros quatro haviam alcançado a felicidade, concentrei minha mente em descobrir que deleites seriam próprios do velho retardatário, ao mesmo tempo andarilho, mendigo e profeta. Como ele aparentava alguma semelhança com o próprio Demônio, imaginei que para ele o adequado, a fim de procurar e obter prazer em seu modo de vida, seria possuindo algumas das mais leves e cômicas características mentais e morais do demo das histórias populares. Entre elas, poderiam ser considerados o amor pela trapaça em benefício próprio, um olhar astuto e um gosto agudo pela debilidade da ridícula fraqueza humana, além do talento para as pequenas fraudes. Assim, para aquele velho haveria prazer mesmo na consciência, tão insuportável para muitas mentes, de que toda esta vida é uma fraude, e no que se referia a ele em relação ao seu público, essa pequena artimanha tinha a superioridade de uma sabedoria unificadora. Todos os dias se passariam com uma sucessão de trunfos minuciosos e pungentes; por exemplo, quando sua importunidade arrebatou uma miséria do coração de um avarento, ou quando meu bobo bom caráter transferiu parte do meu magro bolso à sua gorducha bolsa de couro, ou quando um certo ostentoso cavalheiro jogou uma moeda ao mendigo maltrapilho que era mais rico do que ele; ou quando, por fim, pois nem sempre ele seria decididamente diabólico, suas pretensas necessidades o faziam amenizar a escassez de uma vida realmente indigente. Tudo isso era o tipo de felicidade que eu podia conceber, apesar da minha falta de solidariedade com ela. Talvez eu estivesse então inclinado a admitir que a vida perambulante fosse mais apropriada a ele do que aos seus companheiros; pois Satanás, com quem eu tinha comparado o pobre homem, se comprazia desde os tempos de Jó em “perambular para cima e para baixo pela terra”, e certamente essa ardilosa disposição, que opera não em claros planos leigos, mas por estratagemas desconexos, não poderia ter um alcance adequado a menos que fosse naturalmente impulsionada para uma mudança constante de cenário e de sociedade. Porém minhas reflexões foram interrompidas.

“Um outro visitante!”, exclamou o velho artista.

A porta do vagão estava fechada por causa da tempestade, que rugia e explodia com prodigiosa fúria e grande comoção, e golpeava violentamente nosso refúgio, como se reivindicasse como legítimas

pressas todos esses andarilhos, enquanto nós, pouco nos importando com o desagrado dos elementos, conversávamos confortavelmente sentados. Houve então uma tentativa de abrir a porta, sucedida por uma voz proferindo alguma estranha, ininteligível tagarelice, que meus companheiros equivocadamente confundiram com grego e eu suspeitei que fosse o latim dos ladrões. Contudo, o artista avançou e permitiu a entrada de uma figura que me fez imaginar ter nosso vagão retrocedido duzentos anos no passado, ou que a floresta e seus habitantes haviam brotado ao nosso redor como por encanto.

Era um índio armado com seu arco e sua flecha. Seu traje era uma espécie de gorro, adornado com uma só pena de alguma ave selvagem, e uma espécie de toga rústica de algodão azul, envolta firmemente ao seu corpo; no peito, como nas ordens de cavalaria, pendia uma lua crescente e um círculo e outros ornamentos de prata; enquanto um pequeno crucifixo denotava que nosso padre, o papa, tinha se interposto entre o índio e o Grande Espírito, a quem ele havia antes adorado em sua simplicidade. Esse filho da pradaria e peregrino da tormenta ocupou seu lugar silenciosamente no meio de nós. Quando a primeira surpresa passou, eu corretamente conjeturei que pertencia à tribo *penobscot*, cujos grupos eu tinha visto muitas vezes em suas excursões de verão descendo nossos rios do Leste. Eles remavam em suas canoas de bétula entre as escunas, e construíam suas choupanas ao lado do açude de um moinho portentoso, e faziam algumas trocas com seus trabalhos de artesanato, ali onde seus pais caçavam cervos. Nossa nova visita provavelmente estava perambulando através do campo em direção a Boston, subsistindo com a descuidada caridade das pessoas, enquanto ele transformava seu arco e sua flecha em uma conta rentável atirando por centavos, que seriam o prêmio de sua bem sucedida pontaria.

O índio não estava há muito tempo sentado quando nossa alegre donzela tentou atraí-lo à conversação. Ela que parecia toda feita do brilho do sol no mês de maio; pois não havia nada tão escuro e tão lúgubre que seu agradável espírito não pudesse lançar-lhe alguma luz; e o indígena, como um pinheiro em sua floresta nativa, logo começou a se expandir numa espécie de melancólica alegria. Finalmente, ela perguntou se a sua viagem tinha algum propósito ou objetivo específico.

“Eu vou atirar no campo de reuniões em Stamford”, respondeu o índio.

“E com mais cinco”, disse a menina, “estamos todos indo para o campo de reuniões também. Você será um de nós, que viajamos com corações leves; e, quanto a mim, canto canções alegres e conto estórias alegres e estou cheia de pensamentos alegres e danço alegremente ao longo do caminho, portanto nunca há tristeza entre os que me acompanham. E você acharia muito tedioso, por certo, percorrer sozinho todo o caminho até Stamford”.

As minhas ideias sobre o caráter aborígene me levaram a temer que o índio preferisse suas próprias solitárias contemplações às da alegre sociedade que se lhe oferecia; mas ao contrário, a proposta da menina teve uma aceitação imediata e pareceu animá-lo com uma abstrata expectativa de divertimento. Então me entreguei a um curso de pensamento que, ou fluiu naturalmente a partir dessa combinação de acontecimentos, ou surgiu de minha imaginação à deriva, provocando tanta emoção em meu espírito quanto se estivesse escutando a música mais profunda. Vi a humanidade, nesta enfadonha velha época da terra, ou suportando uma tediosa existência entre a fumaça e a poeira das cidades, ou respirando um ar mais puro, mais ainda assim se deitando à noite sem nenhuma esperança de não esgotar o amanhã e todos os amanhãs que compõem a vida entre as mesmas cenas maçantes e o mesmo trabalho miserável que havia escurecido o brilho do sol hoje. Mas havia alguns, cheios do espírito primaveril, que preservavam o frescor da juventude até seus últimos anos, mediante a contínua excitação por novos objetivos, novos encalços e novos companheiros, pouco importando se seu lugar de nascimento tivesse sido aqui na Nova Inglaterra ou se os seus túmulos se fechariam sobre eles na Ásia Central. O destino estava convocando uma assembleia desses espíritos livres; inconscientes do impulso que os dirigia a um centro comum, eles tinham vindo até aqui de longe e de perto; por último apareceu o representante desses poderosos vagamundos, que tinha caçado cervos durante milhares de anos e estava caçando-os agora na Terra dos Espíritos. Vagando através dos resíduos dos tempos, os bosques tinham desaparecido ao redor do seu caminho; seus braços tinham perdido algo de sua força, seus pés, de sua velocidade, seu porte, de sua bravia realeza, seu coração e espírito, de sua selvagem virtude e força inculta; mas aqui, indomável à rotina da vida artificial, perambulando agora ao longo do empoeirado caminho, como antigamente sobre as folhas da floresta, aqui estava, ainda, o indígena.

“Bem”, disse o velho artista, no meio das minhas meditações, “aqui há uma honesta companhia – um, dois, três, quatro, cinco, seis – todos indo ao campo de reuniões em Stamford. Agora, esperando não ofendê-lo, gostaria de saber onde este jovem cavalheiro estará indo”. Como apareci entre esses vagamundos? A mente livre, que prefere a sua própria insensatez à sabedoria dos outros; sobretudo, o impulso irrequieto, que muitas vezes me fez infeliz no meio dos divertimentos; estes foram meus apelos para pertencer à sua sociedade.

“Meus amigos!”, gritei, indo para o centro do vagão, “eu vou com vocês ao campo de reuniões em Stamford”.

“Mas com que competência?”, perguntou o velho artista após um momento de silêncio. “Todos nos podemos conseguir nosso pão de alguma maneira honesta. Todo homem honesto deveria ter seu sustento. O senhor, como presumo, é um mero cavalheiro andante.”

Informei então à companhia, que quando a Natureza me deu a propensão ao seu modo de vida, ela não tinha me deixado totalmente destituído de qualificações para ele; embora eu não pudesse negar que o meu talento fosse menos respeitável e poderia ser menos rentável do que o mais medíocre dos seus. Meu desígnio, resumindo, era imitar os contadores de estórias dos quais os viajantes orientais tinham nos relatado e me tornar um romancista itinerante, recitando as minhas ficções extemporâneas a tantas plateias quantas eu pudesse reunir.

“Ou esta é a minha vocação ou terei nascido em vão.”

O adivinho, com uma astuta piscadela à companhia, propôs me levar como aprendiz de uma ou outra de suas profissões, qualquer uma delas, sem dúvida, teria dado plenas possibilidades a qualquer talento inventivo que eu pudesse possuir. O bibliotecário disse umas poucas palavras em oposição ao meu plano, em parte influenciadas, suspeito, pelos ciúmes de autoria e em parte pela apreensão de que a prática da viva voz pudesse se tornar geral entre os romancistas, para o infinito detrimento do comércio de livros. Temendo uma rejeição, solicitei a opinião da alegre donzela.

“Alegria”, exclamei, apropriando-me das palavras de *L’Allegro*, “a ti eu demando! Alegria! Admita-me no seu bando!”

“Poupemos o pobre jovem”, disse Alegria, com uma bondade que me fez amá-la profundamente, embora eu não fosse tão fanfarrão a ponto de interpretar erroneamente seus motivos. “Percebo grandes promessas nele. Na verdade, uma sombra às vezes borboleteia sobre sua face, porém o

brilho de sol logo a segue. Ele nunca é culpado de um só pensamento triste sem que um outro alegre nasça gêmeo dele. Nós o levaremos conosco; e verão que ele nos fará rir antes de chegar ao campo de reuniões de Stamford".

Suas palavras silenciaram os escrúpulos dos demais e me beneficiaram com minha admissão na liga; cujos termos estabeleciam que, sem uma comunidade de bens ou lucros, iríamos nos prestar mutuamente toda ajuda e afastar todo dano ao nosso alcance. Definido esse assunto, uma maravilhosa alegria se instalou em nossa tribo, manifestando-se de forma característica em cada indivíduo. O velho artista, retomando seu lugar no realejo, agitou as almas dos diminutos seres com uma das melodias mais rápidas do livro de música; alfaiates, ferreiros, cavalheiros e damas, todos pareciam compartilhar o espírito da ocasião; e o bufão interpretou seu papel mais burlescamente que nunca, acenando e piscando particularmente para mim. O jovem estrangeiro esgrimiu seu violino com mão de mestre e presenteou com um eco inspirador a melodia do autor. O livreiro e a alegre donzela começaram a dançar; o primeiro executou o "*double shuffle*" em um estilo que todos deveriam testemunhar; enquanto a menina, colocando as mãos na fina cintura, exibiu uma rapidez tão leve com os pés e atitude e movimentos tão variados, que não pude conceber como ela iria parar; imaginando, nesse momento, que a natureza a tinha feito como o velho artista criado feito seus bonecos, sem nenhum propósito terreno se não dançar. O Índio vociferava uma sucessão de terríveis clamores, amedrontando-nos um pouco, até que os interpretamos como uma canção de guerra, com a qual, imitando seus ancestrais, ele estava prefaciando o "assalto" a Stamford. O ilusionista, entretanto, sentado pedantemente em um canto, extraía um furtivo deleite da cena toda, e como o bufão burlesco que era, dirigia seu misterioso olhar particularmente para mim.

Quanto a mim, com grande euforia de imaginação, comecei a dispor e colorir os incidentes de um conto, com o qual me propus entreter alguma plateia nesse mesmo entardecer; porque vi que meus sócios estavam um pouco envergonhados de mim e não poderia perder tempo em obter um reconhecimento público das minhas habilidades. "Venham, companheiros", disse por último o velho artista, a quem tínhamos elegido presidente, "a chuva terminou e devemos cumprir nosso dever para com essas pobres almas em Stamford".

“Chegaremos entre eles em procissão, com música e dança”, gritou a alegre donzela.

Adequadamente, aliás, porque se deve compreender que nossa peregrinação tinha de ser feita a pé; saímos alegremente do vagão, um por um, incluindo o velho cavalheiro com suas botas de bordas brancas, dando um grande pulo quando descemos a escada. Sobre nossas cabeças havia tal glória de raios de sol e esplendor de nuvens, e tal brilho de verdor ao longe que, como modestamente comentei nessa hora, a natureza parecia ter lavado o rosto e vestido as suas melhores joias e uma fresca bata verde, em homenagem à nossa confederação. Lançando nossos olhares na direção norte, vimos um cavaleiro se aproximando vagarosamente, e respingando as pequenas poças do caminho de Stamford. Ele vinha a nossa frente, destacando-se na sua sela com rígida perpendicularidade, uma figura alta, delgada, de um tom de preto enferrujado, que o artista e o ilusionista imediatamente reconheceram: era um pregador ambulante de grande fama entre os metodistas. O que nos surpreendia era o fato de que seu rosto estava virado na direção do campo de reuniões em Stamford. No entanto, assim que esse outro aficionado da vida errante se acercou do nosso pequeno espaço verde, onde um poste de sinalização e nosso vagão estavam lado a lado, meus seis companheiros vagamundos e eu nos precipitamos à sua frente e o rodeamos, gritando em uníssono: “O que há de novo do campo de reuniões de Stamford?”.

O missionário olhou para baixo, surpreso ante esse rol tão singular de gente, que só poderia ser selecionado em suas audiências mais heterogêneas Certamente, considerando que todos nos poderíamos ser classificados com o título genérico de “vagabundo”, havia uma grande diversidade de personagens entre o artista solene, o astuto mendigo profeta, o violinista estrangeiro e sua alegre donzela, o esperto vendedor de livros, o Índio sombrio e eu mesmo, o romancista itinerante, franzino jovem de dezoito anos. Cheguei a imaginar que um sorriso se esforçava para atrapalhar a gravidade de ferro da boca do pregador.

“Boa gente”, respondeu, “o campo de reuniões foi desmontado”.

Isto dito, o ministro metodista fustigou seu corcel e cavalgou em direção oeste. Sendo assim anulada nossa união, pela simples remoção de seu objetivo, fomos dispersados de imediato aos quatro ventos. O adivinho, fazendo um aceno para todos e dando uma piscadela peculiar para mim, partiu para sua excursão setentrional, rindo para si mesmo

enquanto tomava o caminho de Stamford. O velho artista e seu assistente literário já estavam atrelando seus cavalos ao vagão, com o desígnio de peregrinar em direção sudoeste, ao longo do litoral. O estrangeiro e a alegre donzela, levando sua licença de felicidade, seguiram o caminho leste, que eu havia trilhado naquele dia; enquanto partiam, o jovem tocou uma melodia cheia de vida, e o espírito feliz da menina irrompeu em uma dança; e assim, como se se dissolvessem no ar, o agradável par saiu da minha vista, como se fossem um raio de sol e o som de uma música alegre. Por fim, com uma sombra meditabunda que atravessasse minha mente, embora marcado pela leve filosofia de meus recentes companheiros, me uni ao Índio *penobscot* e partimos em direção à cidade distante.

Edgar Allan Poe

Edgar Allan Poe (1809–1849), depois de ter sido abandonado pelo pai e perdido a mãe aos dois anos, foi criado pela família Allan, de quem adotou o nome. Sua vida seria marcada por perdas e dificuldades pessoais: além das mortes da mãe, do irmão e de sua prima e primeira mulher, Virginia Clemm, sofreu com as turbulentas relações com o pai adotivo, agravadas pelo alcoolismo e por problemas financeiros, que o acompanharam a vida inteira, até sua própria morte solitária e prematura. Teria tempo, no entanto, para se tornar um dos principais *inventores* (para usar o termo de Pound) da literatura moderna. Poe revolucionou a perspectiva da criação poética ocidental, ao publicar seu famoso poema "O corvo" junto com a análise minuciosa de sua elaboração ("A filosofia da composição"), encerrando mais de dois milênios do mito, tão antigo quanto a épica grega, da "inspiração poética" — e das "musas inspiradoras", originalmente divindades que sopravam, ou "inspiravam", o poema no ouvido de seu receptor —, substituídos pelo que ficaria conhecido, a partir do modernismo (que, de certo modo, se inicia com Poe), por *construtivismo* — a ideia, radicalmente moderna, de que a obra de arte é uma construção, o resultado do trabalho deliberado e consciente dos sentidos e do intelecto de seu criador. Além disso, Poe também seria o inventor de vários gêneros que marcariam profundamente a literatura contemporânea, como as histórias policiais e de terror psicológico. Cedo traduzido e divulgado na França, país culturalmente mais influente da época, por Baudelaire, Edgar Allan Poe ocuparia desde então um lugar central na literatura e na cultura contemporâneas.

Todas as principais obras de Poe do gênero moderno por excelência do terror psicológico ou "metafísico" estão aqui reunidas: "O gato preto", "O barril de Amontillado", "O baile da morte vermelha", "O retrato oval", "O demônio da obstinação", "Descida ao Maelström" e, principalmente, "A queda da casa de Usher". Publicadas entre 1839 e 1846, jamais seriam superadas em seu próprio gênero. Não apenas pela construção magistral de cada narrativa, tornando Poe um dos mestres mundiais do conto (e uma das principais influências de autores como Jorge Luís Borges), mas também pelo estilo ao mesmo tempo denso e preciso na descrição das

cenas, na construção das frases e na escolha das palavras, além de certa ambiência psicológica que materializa muitas das principais condições contemporâneas, como o pânico, a paranoia e o estresse, tornando Poe um insuspeito precursor de Kafka. É o caso exemplar de "A queda da casa de Usher". A "casa de Usher" do título é, ao mesmo tempo, a velha mansão da família e a velha família em si. Esta mútua impregnação entre ambiente, circunstâncias e personagens, sintetizada no título, é a marca maior dessa narrativa, desde sua famosa abertura, com o narrador que responde ao chamado de um amigo para se encontrar, em um dia negro de nuvens pesadas, num jardim de árvores secas, ao lado de um lago escuro e frio, e em frente a uma mansão de pedras que parece uma grande ruína prestes a desabar. Na verdade, a grande ruína prestes a cair é a própria família, nas pessoas de seus últimos representantes, dois irmãos mortalmente doentes, cujo fim será também o fim de uma linhagem que se estende desde a já antiga fundação do país, como uma entidade extemporânea perdida em uma época à qual não pertence, o mundo moderno.

Tradução Guilherme da Silva Braga.

O barril de Amontillado

Eu aguentara as incontáveis injúrias de Fortunato da melhor forma possível, mas quando ele se atreveu a me insultar jurei vingança. Contudo, o senhor, que tão bem conhece minha disposição anímica, não há de supor que eu tenha feito ameaças. A vingança viria *no momento certo*; quanto a isso eu estava decidido — mas a própria decisão excluía toda e qualquer possibilidade de risco. Eu não desejava apenas puni-lo, mas puni-lo com impunidade. Um mal não se repara quando a justiça volta-se contra o justiceiro. Tampouco se repara quando a pessoa a causar o primeiro mal não se sente justiçada por sua vítima.

Que fique bem claro: nem palavras nem atos traíam minhas intenções, e Fortunato seguia acreditando na minha boa-fé. Eu continuava, como era meu hábito, sorrindo ao vê-lo, mas ele ignorava que o que *agora* me fazia sorrir era a imagem de sua ruína.

Fortunato, ainda que em outros aspectos fosse um homem respeitável e até mesmo temível, tinha uma fraqueza. Sentia muito orgulho de seus talentos como *connaisseur* de vinhos. Poucos italianos são conhecedores das artes. Seu entusiasmo, em geral, conforma-se à ocasião e à oportunidade; e é assim que defraudam milionários britânicos e austríacos. Em relação à pintura e às pedras preciosas, Fortunato, como seus conterrâneos, não passava de um charlatão; mas seu conhecimento de vinhos era legítimo. Nesse aspecto estávamos em pé de igualdade; eu mesmo também entendia de vinhos italianos, e, sempre que a ocasião se apresentava, comprava à farta.

Uma tarde, durante a louca época de carnaval, encontrei meu amigo. Ele se aproximou de mim tomado de exaltação, pois já bebera um bocado. Estava vestido de bufão. Usava uma fantasia justa e listrada; na cabeça, um chapéu de formato cônico, enfeitado com guizos. Fiquei tão contente ao vê-lo que me arrependi de ter-lhe torcido a mão.

— Fortunato, que alegria encontrá-lo! O senhor está com um aspecto formidável. Escute: eu recebi um barril que me venderam por Amontillado, mas tenho lá minhas dúvidas.

— Como? — exclamou ele. — Um barril de Amontillado? Impossível! E na época de carnaval…!

— Tenho lá minhas dúvidas — prossegui. — Mas fui tolo o bastante para pagar o preço de um barril de Amontillado legítimo antes de consultá-lo. Não encontrei o senhor em parte alguma, mas tampouco quis perder a barganha.

— Amontillado!

— Tenho lá minhas dúvidas.

— Amontillado!

— Preciso esclarecê-las.

— Amontillado!

— Como o senhor está ocupado, vou procurar Luchesi. Ele tem um tino admirável para essas coisas. Logo vai me dizer se…

— Luchesi não sabe sequer a diferença entre Amontillado e Xerez.

— E mesmo assim há quem diga que o paladar de Luchesi rivaliza com o seu.

— Muito bem, vamos.

— Para onde?

— Para a sua adega.

— Caro amigo, não; não quero abusar da sua boa vontade. Vejo que o senhor está ocupado. Luchesi…

— Não estou ocupado. Vamos!

— Meu amigo, não. Não é pelo compromisso, mas por causa dessa gripe que o aflige. A adega é muito úmida. Está toda incrustada de salitre.

— Vamos, mesmo assim. O frio não é nada. Amontillado! Foi da sua boa vontade que abusaram. Quanto a Luchesi, ele é incapaz de distinguir Xerez de Amontillado.

Ao terminar de falar, Fortunato tomou-me pelo braço; e, com uma máscara de seda negra e um manto ajustado a meu corpo, deixei que ele me conduzisse a meu próprio *palazzo*.

Os criados não estavam em casa; haviam-se todos abalado para os festejos. Eu avisara que não estaria de volta antes do amanhecer e dera ordens expressas para que não deixassem a casa. Essas ordens, eu bem sabia, garantiriam o desaparecimento imediato de cada um deles assim que eu lhes virasse as costas.

Peguei dois archotes e, entregando um para Fortunato, conduzi-o pelos caminhos meândricos de várias suítes, até nos depararmos com a arcada que dava acesso à adega. Desci por uma longa escada em espiral, pedindo-

lhe que me seguisse com cautela. Por fim, galgamos o último degrau, e chegamos juntos ao pé das catacumbas da família Montresor.

Meu amigo dava passos hesitantes, e os guizos no chapéu tilintavam à medida que avançávamos.

— O barril…? — perguntou-me

— Um pouco mais adiante — respondi. — Mas veja só as teias que brilham aqui nas paredes da cave!

Fortunato virou-se em minha direção e fitou-me com olhos baços, que secretavam o muco da embriaguez.

— Salitre? — ele perguntou, por fim.

— É, salitre. Desde quando o senhor está com essa tosse?

— Cof! Cof! Cof… Cof! Cof! Cof… Cof! Cof! Cof… Cof! Cof! Cof… Cof! Cof! Cof…

Meu pobre amigo levou alguns minutos até que pudesse responder.

— Não é nada — disse, por fim.

— Muito bem — eu disse, decidido. — Vamos voltar; sua saúde é preciosa. O senhor é rico, respeitado, admirado e amado; é feliz, como eu também outrora fui. Um homem que vai deixar saudades. O que viemos fazer aqui não tem a menor importância. Vamos voltar; de outro modo o senhor vai adoecer, e eu não quero ser o responsável. Além disso, Luchesi pode…

— Basta! A tosse não é nada; não vou morrer por causa disso. Não vou morrer de tosse.

— É verdade, é verdade — ponderei. — De fato, eu não tinha a menor intenção de alarmar o senhor sem necessidade… mas tome cuidado. Um gole desse Medoc vai nos proteger da umidade.

Então eu abri o vinho, que tirei de uma fila de garrafas que estavam no chão.

— Beba! — eu disse, servindo Fortunato.

Ele levou o vinho aos lábios, que formavam um ricto. Parou e meneou a cabeça, e os guizos no chapéu tilintaram.

— Bebo pelos mortos que descansam ao nosso redor! — exclamou.

— E eu bebo à sua longa vida.

Mais uma vez Fortunato tomou-me o braço, e assim prosseguimos.

— Essa cave é muito extensa — disse ele.

— Os Montresor eram uma família grande e numerosa.

— O brasão me escapa à memória.

— É um enorme pé dourado em um campo cerúleo, pisando em uma serpente feroz, que está com as presas enterradas no calcanhar.

— E o lema?

— *Nemo me impune lacessit.*[1]

— Ótimo! — ele disse.

O vinho fazia seus olhos brilharem, e os guizos retiniam. O Medoc também acalentara meus devaneios. Atravessamos longos corredores cheios de esqueletos empilhados, que se misturavam aos barris e às pipas nas profundezas mais recônditas das catacumbas. Mais uma vez detive-me e, decidido, agarrei o braço de Fortunato logo acima do cotovelo.

— O salitre! Veja, está aumentando. Brota da cave como musgo. Aqui, estamos debaixo do leito do rio. As gotículas de umidade escorrem pelos ossos e… Chega, vamos voltar antes que seja tarde. A sua tosse…

— Não é nada — retrucou. — Vamos adiante. Mas antes, mais um gole de Medoc!

Abri uma ânfora de De Grâve e ofereci-lhe. Meu amigo esvaziou-a de um só trago. Seus olhos brilhavam com um forte clarão. Fortunato deu uma risada e atirou o recipiente vazio para o alto, com um gesto que não compreendi.

Olhei-o, surpreso. Ele repetiu o grotesco movimento.

— O senhor não entende?

— Não — respondi.

— Então o senhor não pertence à irmandade.

— Do que está falando?

— O senhor não é maçom.

— Sou, sou sim — respondi.

— O senhor? Não acredito! O senhor, maçom?

— Sim, maçom!

— Um sinal — pediu Fortunato —, um sinal.

— Aqui está — respondi, tirando uma colher de pedreiro de entre as dobras do meu manto.

— Pare de fazer gracejos — exclamou meu amigo, afastando-se alguns passos. — Vamos até o Amontillado.

— Vamos — respondi enquanto guardava a ferramenta sob o manto e mais uma vez oferecia-lhe o braço.

Fortunato se apoiou em mim, largando o peso. Seguimos nosso caminho até o Amontillado. Passamos por uma fileira de arcos baixos,

descemos, seguimos e, descendo mais um pouco, chegamos a uma cripta profunda, onde o ar fétido fazia com que nossos archotes apenas cintilassem em vez de queimar.

Na extremidade mais distante dessa cripta havia uma outra, menos espaçosa. Suas paredes revestiam-se de ossadas humanas empilhadas até a abóbada, no mesmo estilo das grandes catacumbas de Paris. Três lados dessa cripta interior ainda estavam ornados assim. Os ossos que recobriam o quarto lado, no entanto, haviam sido arrancados e jaziam sobre a terra, formando uma pilha considerável. No interior da parede que a remoção das ossadas pusera-nos à vista, descobrimos uma terceira cripta, um recesso ainda mais afastado, com aproximadamente um metro de largura e de profundidade e dois metros de altura. A construção do recesso não parecia servir a propósito algum; dava a impressão de ser apenas o intervalo entre duas das colossais pilastras que sustentavam o teto das catacumbas, fechado em um dos lados por uma das sólidas paredes de granito.

Em vão Fortunato ergueu sua tocha embotada, tentando enxergar as profundezas daquele recesso. A luz, enfraquecida, não nos permitia ver-lhe o fim.

— Siga adiante — eu disse. — O Amontillado está aí dentro. Quanto a Luchesi…

— É um ignaro! — interrompeu meu amigo, ao mesmo tempo em que dava um passo cambaleante para frente e eu seguia em seu encalço. Logo ele chegou à outra extremidade do nicho e, vendo que a rocha barrava-lhe o progresso, deteve-se, confuso e desnorteado. No instante seguinte eu o havia acorrentado ao granito. Na superfície da parede havia duas argolas dispostas na horizontal, distantes entre si aproximadamente sessenta centímetros. De uma pendia uma corrente curta, e, da outra, um cadeado. Passar os elos pela cintura de Fortunato e depois prendê-los ao cadeado foi uma questão de segundos. Meu amigo estava demasiado surpreso para resistir. Retirando a chave, saí do recesso.

— Passe a mão na parede — eu disse; — Não há como o senhor não sentir o salitre. De fato, este é um lugar muito úmido. Mais uma vez eu *rogo* que retornemos. Não? Então não me resta outra alternativa senão deixá-lo. Mas, antes disso, devo dispensar-lhe todas as atenções possíveis.

— O Amontillado! — exclamou Fortunato, ainda estupefato.

— Eu já ia esquecendo; o Amontillado!

Ao proferir essas palavras eu me ocupava com a pilha de ossos que tive ocasião de mencionar. Espalhando-os, logo apoderei-me das pedras e de uma certa quantidade de cimento que ali se ocultavam. Com esse material e minha colher de pedreiro, pus-me com afinco a erguer uma parede logo à entrada do nicho.

Eu mal havia terminado de assentar a primeira linha de tijolos quando descobri que a embriaguez de Fortunato havia-se, em boa parte, dissipado. A primeira indicação disso veio na forma de um grito grave e lamentoso que se fez ouvir no interior do recesso. Não era o grito de um bêbado. Seguiu-se um silêncio longo e obstinado. Assentei a segunda linha, a terceira e logo a quarta, então ouvi as vibrações furiosas da corrente. durou vários minutos, durante os quais interrompi meu trabalho e sentei-me sobre as ossadas para ouvir com mais satisfação. Quando por fim o clamor cessou, voltei à colher de pedreiro e, sem parar, assentei a quinta, a sexta e a sétima linha. A essa altura a parede já me dava no peito. Fiz outra pausa e, segurando o archote por cima da parede, projetei alguns raios enfraquecidos sobre a figura lá dentro.

A sucessão de gritos altos e estridentes que irrompeu da garganta daquela figura acorrentada parecia-me empurrar para trás com toda a força. Por um instante hesitei, tremi. Desembainhei meu florete e comecei a desferir estocadas no interior do recesso; mas um instante de reflexão bastou para acalmar-me. Passei a mão pelo sólido material das catacumbas e me dei por satisfeito. Reaproximei-me da parede; respondi aos clamores. Eu os ecoava, os auxiliava, ultrapassava-os em volume e intensidade. O clamante silenciou.

Era meia-noite, e minha tarefa chegava ao fim. Eu completara a oitava, a nona e a décima linha. Já terminara uma parte da décima primeira e última; faltava apenas encaixar e cimentar a derradeira pedra. Com grande esforço, ergui-a; ajustei-a quase na posição desejada. Mas nesse instante emergiu do nicho uma gargalhada grave que me pôs os cabelos de pé. Foi seguida por uma voz triste, que a custo reconheci como sendo a de Fortunato. A voz disse:

— Haha! Haha… Hehe! Hehe… uma ótima piada, mesmo… uma excelente brincadeira. Ainda vamos rir muito disso no *palazzo*… Hehe! Hehe… enquanto tomamos vinho… Hehe!

— O Amontillado! — eu disse.

— Hehe… Hehe! Sim, o Amontillado! Mas não está ficando tarde? Não estarão nos esperando no *palazzo*, Lady Fortunato e os outros? É hora de partir!

— Sim — respondi —, é hora de partir.

— Montresor, *pelo amor de Deus!*

— Sim — eu disse —, pelo amor de Deus.

Após essas palavras, esperei — em vão — uma resposta. Fiquei impaciente. Chamei, aos gritos:

— Fortunato!

Nada. Chamei de novo:

— Fortunato!

Outra vez, nada. Enfiei a tocha pela última abertura na parede e deixei-a cair lá dentro. Como resposta, ouvi apenas o tilintar dos guizos. Meu coração confrangeu-se — era a umidade das catacumbas. Apressei-me a terminar meu trabalho. Pus a última pedra em posição e cimentei-a. Por fim, recobri a parede com as velhas ossadas. Passado meio século, nenhum mortal as perturbou. *In pace requiescat!*

---

1. “Ninguém me fere impunemente.” [N. da E.]↩

O gato preto

Quanto à fantástica e, ao mesmo tempo, prosaica história que estou prestes a narrar, não espero e nem peço que me acreditem. Eu seria um louco consumado se o esperasse em um caso como o presente, em que meus próprios sentidos rejeitam as evidências que se lhes apresentam. No entanto, não sou louco — e nem tampouco sonho. Mas amanhã eu morro, e hoje me apraz aliviar a alma. Meu desígnio imediato é apresentar ao mundo de forma simples, sucinta e desprovida de comentários uma série de meros acontecimentos domésticos. Com suas consequências, tais eventos me aterrorizaram — me torturaram — me destruíram. Contudo, esforçar-me-ei por não os explicar. Para mim, os eventos mencionados pouco representam além do Horror — a muitos parecerão menos terríveis do que barrocos. Chegará o dia, talvez, em que algum intelecto reduzirá minha quimera ao prosaico — um intelecto mais ponderado, mais lógico e bem menos excitável que o meu, incapaz de ver, nas circunstâncias que detalharei estupefato, mais do que uma trivial série de causas e consequências perfeitamente explicáveis.

A docilidade e a humanidade de meu caráter fizeram-se notar desde a mais tenra idade. A bondade em meu coração era tão aparente que me levou a ser motivo de chacota entre os amigos. Eu tinha uma afeição especial pelos animais, e meus pais presentearam-me com uma variedade deles. Era com estes animais que eu passava a maior parte de meu tempo e, para mim, não havia alegria maior do que alimentá-los e acariciá-los. Esta tendência peculiar cresceu comigo e, na idade adulta, tornou-se a principal fonte de meus prazeres. Aos que nutriram afeto por um cão astuto e fiel, sequer preciso elucubrar sobre a natureza ou a intensidade da satisfação que se obtém desse convívio. Há um certo desinteresse, uma certa abnegação no amor de um animal, que fala direto ao coração dos que tiveram oportunidade de testar a amizade mesquinha e a fidelidade diáfana do reles *Homem*.

Casei-me cedo e tive a bem-aventurança de encontrar na minha esposa uma disposição semelhante à minha. Ao reparar no afeto que eu nutria por animais de estimação, ela não tardou a providenciar-nos agradáveis companhias. Tínhamos pássaros, peixinhos dourados, um belo cão, coelhos, um macaquinho e um *gato*.

Este último era um animal de grande porte, muito bonito, com a pelagem toda negra e de uma sagacidade impressionante. Ao falar de sua inteligência, minha esposa, que tinha o coração um tanto maculado por crendices, amiúde mencionava a antiga crença popular segundo a qual todos os gatos pretos seriam bruxas disfarçadas. Não que ela jamais levasse *a sério* essa crença — menciono a peculiaridade sem nenhum motivo especial, simplesmente porque agora me ocorreu.

Plutão — esse era o nome do gato — era meu animal e meu companheiro favorito. Apenas eu o alimentava, e ele me seguia por todos os cômodos da casa. Era somente a muito custo que eu conseguia impedi-lo de me seguir também pelas ruas.

Nossa amizade perdurou, dessa maneira, por vários anos, durante os quais meu temperamento e minhas inclinações — por influência da Intemperança Demoníaca — haviam (enrubesço ao confessar) sofrido uma guinada para pior. A cada dia eu me tornava mais ranzinza, mais irritadiço, mais indiferente aos sentimentos alheios. Cheguei a lançar invectivas contra minha própria esposa. Por fim, hostilizei-a com violência doméstica. Meus animais de estimação, é claro, também deram pela mudança em meu comportamento. Eu não apenas os negligenciava, mas os maltratava também. Por Plutão, no entanto, eu ainda nutria afeto suficiente para livrá-lo dos maus-tratos, o que não acontecia aos coelhos, ao macaco e nem mesmo ao cachorro se, porventura, atravessassem-me o caminho. E a doença se apoderou de mim — pois que doença é como o Álcool? — e por fim até mesmo Plutão, que estava velho e, portanto, algo enfezado — até mesmo Plutão começou a sofrer com os efeitos deste mau humor.

Uma noite, ao voltar para casa muito embriagado de uma visita à cidade, tive a impressão de que o gato evitava minha companhia. Tratei de agarrá-lo; foi quando, assustado com minha violência, o animal fincou os dentes na minha mão. Incontinente, fui tomado pela fúria de um demônio. Eu estava fora de mim. Minha alma original parecia, de um só golpe, abandonar-me o corpo; e a malevolência demoníaca, exacerbada pelo gim, punha a vibrar cada fibra em minha figura. Do bolso do colete, saquei meu canivete, estendi a lâmina e, segurando o pobre animal pelo pescoço, extraí da órbita um de seus olhos! Enrubesço, queimo, tremo ao registrar tamanha atrocidade.

Quando a manhã seguinte restituiu-me a razão — quando os vapores da pândega noturna já se haviam dissipado — fui tomado por um

sentimento que mesclava horror ao arrependimento pelo crime perpetrado; mas era, no máximo, um sentimento débil e incerto, e minha alma seguia imaculada. Mais uma vez entreguei-me a excessos e logo afoguei no vinho qualquer lembrança de meu ato.

Enquanto isso, o gato aos poucos convalescia. A imagem da órbita vazia era, de fato, perturbadora, mas ele já não parecia sentir qualquer dor. O gato passeava pela casa como lhe era costumeiro, mas, como seria de se esperar, fugia aterrorizado na minha presença. Ainda me restava uma porção tão generosa do antigo coração que fui, eu mesmo, o primeiro a contristar-se com a repulsa manifesta de uma criatura que tanto me amara em outros tempos. Mas esse sentimento em breve deu lugar à irritação. E então sobreveio, como se para minha derrocada final e inelutável, o espírito da obstinação. Este é um espírito de que a filosofia não se ocupa. Contudo, a certeza de que a alma vive não é menor do que a certeza de que a obstinação é um dos impulsos primitivos inerentes ao coração humano — uma das faculdades, ou propensões, primárias e indivisíveis, que norteiam o caráter do Homem. Quem já não se flagrou, dezenas de vezes, a perpetrar um ato vil ou tolo sem motivação alguma — apenas porque *não deveria*? Não temos, pois, uma inclinação perpétua, em que pese ao nosso melhor juízo, a infringir o que é *Lei* apenas por entendê-la como tal? O espírito da obstinação, dizia eu, sobreveio para minha derrocada final. Foi esse insondável anseio da alma por *afligir-se* — por violentar sua própria natureza — por praticar o mal pelo mal — que me instigou a dar prosseguimento e, por fim, a levar às últimas consequências minhas agressões contra o animal inocente. Houve uma manhã em que, a sangue frio, passei uma corda por seu pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore; enforquei-o com os olhos marejados e o coração amargurado pelo remorso; enforquei-o porque eu *sabia* que me amara e nunca me havia causado mágoas; enforquei-o porque *sabia* que, ao fazê-lo, incorria em pecado — em um pecado mortal tão grave a ponto de — fosse tal coisa possível — colocar minha alma imortal para além do alcance até mesmo da misericórdia infinita do Mais Misericordioso e do Mais Temível Deus.

Na noite posterior ao dia em que esse ato cruel foi perpetrado, despertei de meu sono aos gritos de “fogo!”. O dossel da minha cama estava em chamas. A casa inteira ardia. Foi a muito custo que eu, minha esposa e uma criada escapamos da conflagração. A destruição fora

completa. Tudo o que eu tinha consumira-se nas chamas, e nada restou senão resignar-me ao desespero.

Creio estar acima da fraqueza que tenta estabelecer uma relação de causa e efeito entre a minha atrocidade e o desastre. Nada mais faço além de detalhar uma corrente de acontecimentos — e não desejo que lhe falte nenhum elo. No dia seguinte ao incêndio, fui visitar as ruínas. As paredes todas, à exceção de uma, haviam desabado. Era uma parede interna, não muito espessa, próxima ao meio da casa, e contra a qual a cabeceira de minha cama ficava encostada. Lá, o estuque havia, em grande parte, resistido à ação do fogo — o que atribuí ao fato de que fora aplicado havia pouco tempo. Ao redor dessa parede havia uma aglomeração de pessoas, e muitas pareciam examinar-lhe uma certa parte com grande interesse e atenção. As palavras "estranho!", "esquisito!" e outras exclamações similares despertaram-me a curiosidade. Ao aproximar-me, vi, como que gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a silhueta de um enorme *gato*. A representação era de uma acuidade realmente impressionante. Ao redor do pescoço do animal, via-se uma forca.

Quando vislumbrei esse fantasma — pois eu não o via como outra coisa —, fui tomado de espanto e terror extremos. Mas, aos poucos, o juízo veio em meu auxílio. Lembrei-me de que eu enforcara o gato em um jardim adjacente à casa. Com o clamor provocado pelo incêndio, a multidão logo enchera o jardim — e uma dessas pessoas devia haver cortado a corda e atirado o gato para dentro do meu quarto, aproveitando-se de uma janela aberta. O motivo provável seria tentar acordar-me. das outras paredes comprimira a vítima de minha crueldade contra o estuque recém-aplicado; e então a cal, com o fogo e a amônia resultante da carcaça, executara o retrato tal como eu o via.

Conquanto eu pudesse, assim, esclarecer a meu juízo, se não de todo à minha consciência, o estranho fato detalhado, este não deixou de causar uma impressão profunda em minha imaginação. Por meses o fantasma do gato me assombrou; e, durante esse período, insinuou-se em meu espírito um sentimento difuso que parecia, mas não era, remorso. Cheguei ao ponto de lamentar a perda do animal e pus-me a procurar, nos estabelecimentos infames que eu então frequentava, um outro da mesma espécie e de aparência semelhante, para que assumisse o seu lugar.

Uma noite, sentado em um antro da mais abjeta infâmia, minha atenção dirigiu-se a uma silhueta escura, que repousava sobre a tampa de

um dos enormes barris de gim, ou de rum, que constituíam a maior parte da mobília no local. Por alguns minutos eu olhara ininterruptamente para a tampa deste barril, e surpreendi-me por não ter percebido a silhueta antes. Aproximei-me e toquei-a com a mão. Era um gato preto — um enorme gato preto — grande como Plutão e muito semelhante a ele em todos os aspectos, à exceção de um. Plutão não tinha sequer um pelo branco em toda a extensão do corpo; mas esse gato tinha uma grande, ainda que indefinida, mecha de pelos brancos que lhe recobria quase todo o peito.

Ao roçar de meus dedos, o gato levantou-se, ronronou, esfregou a cabeça na minha mão e pareceu maravilhado com a atenção recebida. Por fim eu encontrara o objeto de minha busca. De imediato, propus-me a comprá-lo do proprietário; mas o homem não reclamou nenhum direito sobre o gato — nada sabia quanto a ele — jamais o vira até então.

Continuei com meus afagos e, ao insinuar minha partida, o animal manifestou o desejo de seguir-me. Deixei que me seguisse; no caminho até em casa, por vezes eu me curvava e afagava-lhe a cabeça. Depois de conhecer a casa, o gato aclimatou-se com notável rapidez e tornou-se o grande favorito da minha esposa.

Quanto a mim, logo senti a escalada de uma aversão ao animal. Era precisamente o oposto do que eu esperara; mas — não sei como nem por quê — a afeição do gato por mim causava-me asco e irritação. Aos poucos, estes sentimentos culminaram em ódio. Eu evitava a criatura; ao mesmo tempo, um sentimento de vergonha e a lembrança de meu ato cruel impediam-me de lhe impor qualquer abuso físico. Passaram semanas sem que eu lhe oferecesse violência ou maus-tratos; mas aos poucos — muito aos poucos — passei a sentir uma ojeriza indescritível pelo felino e a evitar, em silêncio, sua odiosa presença, como quem evita o hálito da peste.

O que, sem dúvida, agravou o ódio que eu nutria pelo animal foi a descoberta, na manhã seguinte à sua adoção, de que, como Plutão, esse gato também perdera um de seus olhos. A circunstância, contudo, não fez mais do que torná-lo ainda mais caro à minha esposa, que, como já mencionei, era imbuída, em alto grau, da humanidade que fora outrora minha característica distintiva e fonte dos mais simples e mais puros prazeres.

Minha aversão pelo gato, no entanto, parecia fomentar sua afeição por mim. A criatura seguia meus passos com uma tenacidade que o leitor

dificilmente poderia conceber. Bastava que eu me sentasse, e o gato aninhava-se sob a cadeira ou saltava-me ao colo, dedicando-me seus repulsivos carinhos. Se eu me pusesse de pé, para andar, o animal enfiava-se entre as minhas pernas e por pouco não me derrubava; ou, afiando as garras longas e afiadas em minhas vestes, escalava, desse modo, até a altura do meu peito. Em momentos como esses, ainda que eu tivesse o impulso de matá-lo com um golpe, eu me continha, em parte pela lembrança do crime anterior, mas em particular — não há por que não confessar de uma vez por todas — pelo *terror* que o animal me incutia.

O terror não estava relacionado a um dano físico — mas eu não saberia como defini-lo de outra forma. Quase sinto vergonha ao confessar — sim, mesmo condenado nesta cela, quase sinto vergonha ao confessar — que o terror e o horror que o animal me inspirava foram agravados pela mais reles quimera imaginável. Mais de uma vez, minha esposa havia-me chamado a atenção para o tufo de pelos brancos, já mencionado, que constituía a única distinção visível entre a estranha criatura e a outra que eu havia aniquilado. O leitor decerto lembra que esse tufo, ainda que fosse grande, não tinha, a princípio, nenhuma forma definida; mas, aos poucos — de um modo quase imperceptível, que por muito tempo o juízo me fizera ignorar como sendo um devaneio —, adquiriu contornos de singular nitidez. A silhueta representava o objeto que agora estremeço ao nomear — e por isso, mais do que tudo, eu sentia repulsa e pavor daquele monstro e tê-lo-ia matado *se não me faltasse a coragem* — representava, juro, a imagem de algo hediondo — de uma coisa horripilante — do patíbulo! — ah, lamentoso e fero instrumento do Horror e do Crime — da Agonia e da Morte!

Eu me sentia um desgraçado, muito além das desgraças da reles Humanidade. E que um *animal atroz* — cujo semelhante eu aniquilara, cheio de desprezo — que um *animal atroz* me causasse — a *mim*, um homem feito à imagem do Grande Deus — um sofrimento tão cruel! Ai de mim! Nem os dias nem as noites concediam-me o alento do Repouso. Ao longo do dia, a criatura não me deixava em paz por um instante sequer; e, durante a noite, eu acordava de hora em hora, atormentado por sonhos de um pavor indescritível, apenas para deparar-me com o hálito quente daquela *coisa* em meu rosto e com o enorme peso — um Pesadelo encarnado que eu não tinha forças para afastar — eternamente prostrado *sobre o meu peito*!

Oprimido por esses tormentos, o pouco de bondade que ainda restava em mim terminou por sucumbir. Pensamentos maldosos tornaram-se meus únicos confidentes — os mais negros e depravados pensamentos. O mau humor típico do meu temperamento transformou-se em ódio a tudo e a todos; ao passo que a vítima mais comum e mais paciente dos arroubos súbitos, frequentes e incontroláveis de fúria a que eu, cego, sucumbia era — ai de mim! — minha própria esposa.

Um dia, em razão de alguma tarefa doméstica, ela me acompanhava ao porão da velha morada que a pobreza nos constrangia a habitar. O gato seguiu-me pelas escadas e, ao quase me derrubar de cabeça, impeliu-me à loucura. Brandindo um machado e esquecendo, em minha fúria, o terror pueril que até o momento detivera-me a mão, desferi um golpe contra o animal que, sem dúvida, seria fatal se eu lograsse acertá-lo. Mas a mão de minha esposa aparou o golpe. Exasperado com a interferência, tomado de um furor mais que demoníaco, desvencilhei-me e enterrei o machado em seu crânio. Ela caiu morta no mesmo instante, sem um suspiro sequer.

Depois de cometer o hediondo crime, dediquei-me de imediato, e a sangue frio, à tarefa de ocultar o corpo. Fosse dia ou noite, eu não poderia retirá-lo da casa sem o risco de ser avistado pelos vizinhos. Concebi projetos vários. Em dado momento, pensei em esquartejar o corpo em pedaços minúsculos e em depois destruí-lo com o fogo. Em seguida, resolvi cavar uma sepultura no chão do porão. Mais tarde, considerei a possibilidade de precipitar o cadáver no poço do jardim — de pô-lo em uma caixa, como se fosse alguma mercadoria, conforme os procedimentos normais, e então contratar um carregador para tirá-lo da casa. Por fim, decidi valer-me de um expediente que julguei muito mais apropriado que qualquer um desses. Resolvi emparedar o corpo no porão — como os monges da Idade Média emparedavam suas vítimas, segundo atestam documentos.

O porão prestava-se bem a esse fim. As paredes não eram muito sólidas e recentemente haviam sido recobertas com um reboco grosseiro, que a umidade das paredes não deixara secar. Ademais, em uma das paredes via-se uma projeção, motivada por uma falsa chaminé, ou lareira, que fora fechada de modo a confundir-se com o restante da estrutura. Não tive dúvidas de que poderia deslocar os tijolos da projeção, depositar o corpo lá dentro e cimentar tudo outra vez, de modo que ninguém detectasse nenhum elemento suspeito.

E nesse cálculo eu não me enganara. Valendo-me de um pé-de-cabra, desloquei os tijolos e, tendo depositado o cadáver contra a parede interna, deixei-o escorado lá dentro enquanto, sem grandes dificuldades, reconstruía a estrutura tal como ela se apresentara. Com argamassa, areia e fibra — com todo o cuidado possível — preparei uma mistura idêntica ao reboco original e, com ela em mãos, pus-me a cimentar os tijolos. Ao terminar, senti-me satisfeito ao ver que tudo estava em ordem. A parede não dava a menor mostra de interferência. A sujeira no piso foi limpa com um rigor minucioso. Olhei triunfante ao redor e disse a mim mesmo: "Aqui, finalmente, meu trabalho não foi em vão".

O passo seguinte foi procurar o animal que causara tamanha desgraça; por fim eu me decidira a matá-lo. Caso eu o tivesse visto naquele instante, seu destino estaria selado; mas pareceu-me que a astuta criatura assustara-se com minha explosão de raiva e abstinha-se do confronto. Não há como descrever ou imaginar o sentimento profundo e jubiloso de alívio que o sumiço da criatura odiada propiciou-me ao coração. O gato não reapareceu sequer durante a noite — e assim, pela primeira vez desde que adentrara a casa, pude dormir tranquilo e sossegado; sim, *dormi*, mesmo com um assassinato a oprimir-me a alma!

O segundo e o terceiro dia passaram sem que meu algoz voltasse. Mais uma vez eu respirava a liberdade. O monstro, aterrorizado, fugira para sempre! Nunca mais eu o veria! Minha alegria era completa! A culpa infundida pelo meu negro ato pouco me incomodava. Algumas investigações foram feitas, mas respondi prontamente a todas as perguntas. Chegaram mesmo a fazer uma busca — infrutífera, decerto. Eu dava minha bem-aventurança por certa no futuro.

Quatro dias após o assassinato, um destacamento de polícia chegou, sem aviso, à minha casa, e mais uma vez começaram investigações minuciosas nas dependências. Eu, no entanto, certo quanto à inescrutabilidade de meu esconderijo, não sofri constrangimento algum. Os oficiais solicitaram que eu os acompanhasse nas buscas. Nenhum canto, nenhum recôndito escapou aos olhares minuciosos. Por fim, desceram ao porão pela terceira ou quarta vez. Meus nervos permaneciam calmos. Meu coração batia tranquilo, como o de um inocente que dorme. Atravessei o porão de uma ponta à outra. Cruzei os braços sobre o peito e comecei a perambular de um lado para o outro. Os policiais deram a busca por encerrada e preparavam-se para ir embora. A satisfação em meu peito

era tão intensa que eu mal conseguia conter-me. O desejo de pronunciar uma palavra de triunfo me consumia — o que também serviria para reafirmar minha inocência.

— Senhores — eu disse, por fim, enquanto os policiais subiam as escadas —, alegro-me por ter aplacado suas suspeitas. Desejo-lhes saúde, e que sejam um pouco mais corteses. A propósito, senhores, esta casa… esta casa é muito bem-construída. (Tomado pelo desejo louco de fazer um comentário leve, eu mal sabia o que dizia.) Eu diria mesmo que se trata de uma construção *excelente*. Estas aqui… aonde estão indo, meus senhores? … estas aqui são paredes sólidas.

E, nesse momento, o frenesi da bravata levou-me a desferir um poderoso golpe de bengala na parede, justamente sobre os tijolos que ocultavam o cadáver da esposa do meu coração.

Que Deus me livre e guarde das garras do Demônio! As reverberações do golpe mal haviam sucumbido outra vez ao silêncio quando uma voz respondeu-lhes, vinda do túmulo! — um som, a princípio indistinto e quebrado, como o choro de uma criança, que logo transformou-se em um grito longo, alto e contínuo, sobrenatural e inumano — um uivo — um lamento estridente, que misturava notas de horror e triunfo, tal como se poderia ouvir apenas no inferno, da garganta dos condenados agonizantes e dos demônios que exultam com o sofrimento.

Seria tolice falar sobre os meus pensamentos. Quase desfalecido, cambaleei até a parede oposta. Por um instante, os policias no alto da escada permaneceram imóveis por conta da perplexidade e do terror. No momento seguinte, doze braços robustos punham os tijolos abaixo. A parede desabou. O cadáver, já em avançado estado de decomposição e coberto de sangue coagulado, assomava, em pé, diante dos espectadores. Sobre a cabeça, com a boca vermelha em um ricto e seu único olho de fogo, repousava a besta hedionda que me levara a cometer o assassinato e cuja voz me consignara ao patíbulo. Eu emparedara o monstro no túmulo!

O baile da morte vermelha

A “Morte Vermelha” assolava o país havia muito tempo. Nenhuma peste jamais fora tão fatal — nem tão horrenda. O sangue era seu Avatar e selo — o rubro e o horror do sangue. Sobrevinham dores excruciantes e vertigem súbita, seguidas de sangramento abundante nos poros e dissolução. As manchas escarlates no corpo e em particular no rosto da vítima eram o estigma da peste, que acabava com qualquer esperança de receber ajuda e compaixão dos semelhantes. A manifestação, o progresso e o término da doença eram processos que duravam apenas meia hora.

Mas o Príncipe Próspero seguia feliz, impávido e sagaz. Quando metade dos súditos haviam perecido, o príncipe conclamou mil amigos saudáveis e despreocupados dentre os cavaleiros e damas da corte e, na companhia destes, retirou-se para o profundo isolamento de uma de suas abadias fortificadas. Era uma construção enorme e imponente, criação do gosto excêntrico e altivo do príncipe. A abadia era cercada por uma muralha forte e elevada. Os portões eram de ferro. Os cortesãos, depois de entrar, trouxeram fornalhas e marretas e os soldaram. Foi decidido que não deveria haver meio de ingresso ou egresso a impulsos súbitos de desespero e de frenesi no interior da fortificação. A abadia foi abastecida com fartas provisões de víveres. Mediante essas precauções, os cortesãos poderiam desafiar a epidemia. O mundo exterior ficava abandonado a seus próprios desígnios. Entrementes, seria loucura lamentar-se — ou mesmo pensar. O príncipe havia providenciado todo o aparato necessário ao entretenimento. Havia bufões, *improvisatori*, bailarinas e músicos; havia Beleza e vinho. Toda essa trupe encontrava-se lá dentro, em segurança. Lá fora a “Morte Vermelha” rondava.

No fim do quinto ou sexto mês de reclusão, quando a fúria da peste estava em seu auge, o Príncipe Próspero ofereceu a seus mil amigos um faustoso baile de máscaras.

Era um espetáculo suntuoso, o baile. Mas antes, permitam-me descrever as salas em que se passava. Havia sete delas — uma suíte imperial. Em muitas construções, tais suítes formam um panorama longo, em linha reta, ao passo que as portas deslizantes quase tocam as paredes em ambos os lados, de modo a não comprometer a visão do todo. No palácio, a situação era outra; o que não era surpreendente, dado o amor que

o duque tinha a tudo que é *bizarro*. Os cômodos eram dispostos de modo tão irregular que a visão abarcava pouco mais de um a cada vez. A cada vinte ou trinta metros o corredor fazia uma curva abrupta, e cada curva trazia consigo um novo efeito. À esquerda e à direita, no meio de cada parede, uma janela gótica alta e estreita dava para um corredor fechado que acompanhava os meandros da suíte. Essas janelas eram guarnecidas por vitrais de cores variáveis segundo o tom predominante da decoração na câmara para as quais se abriam. A janela da extremidade leste, por exemplo, era ornada em azul — e suas janelas eram de um azul marcante. O segundo aposento tinha ornamentos e tapeçarias púrpura, e púrpura eram seus vitrais. O terceiro cômodo era todo verde, e verde eram seus caixilhos. O quarto fora mobiliado e iluminado em laranja — o quinto em branco — o sexto em violeta. A sétima câmara era revestida por tapeçarias de veludo negro que pendiam do teto e das paredes, caindo em pesadas dobras sobre um tapete de material e cor idênticos. Mas, em particular nessa câmara, a cor do vitral não correspondia à decoração. O vidro aqui era escarlate — um matiz profundo de sangue. Em nenhum dos sete cômodos havia lampião ou candelabro em meio à profusão de ornatos dourados que se espalhavam por toda parte e pendiam do teto. Não havia luz de espécie alguma que emanasse de lampião ou vela no interior das câmaras. Mas, nos corredores que seguiam a suíte havia, em frente a cada janela e sustentado por um pesado tripé, um braseiro de fogo que projetava seus raios através do vitral, mergulhando os cômodos em uma intensa luminosidade. Eis como se produziam miríades de aparições espalhafatosas e fantásticas. Mas, no aposento mais a oeste — o aposento negro —, o efeito da luminosidade que se derramava sobre as tapeçarias, depois de filtrar pelas vidraças cor de sangue, era macabro ao extremo e impingia aos que entravam um desespero tão intenso que poucos na companhia eram audaciosos o bastante para cruzar-lhe os umbrais.

Também era essa a câmara que abrigava, junto à parede oeste, um enorme relógio de ébano. O pêndulo balançava de um lado para o outro com um som abafado, opressivo e monocórdio; e quando o ponteiro dos minutos completava a volta e a hora soava, irrompia dos pulmões metálicos do relógio um som alto e claro e grave, de profunda musicalidade, mas com nota e timbre tão peculiares que, a cada hora que passava, os músicos da orquestra viam-se constrangidos a interromper a execução por alguns momentos a fim de escutá-lo; os valsistas, por

conseguinte, detinham suas evoluções; e toda a alegre comitiva se desconcertava; e, enquanto as batidas do relógio não cessassem, percebia-se que os mais frívolos empalideciam e que os mais idosos e os mais calmos passavam as mãos na testa, como estivessem num devaneio confuso ou meditassem. Mas quando os ecos por fim se dissipavam, o som de leves risadas fazia-se ouvir em meio à companhia; os músicos olhavam-se e riam do próprio nervosismo e da própria ingenuidade, enquanto, à meia-voz, faziam promessas de não se deixar afetar quando a próxima hora soasse; e então, ao cabo de sessenta minutos (que abrangem três mil e seiscentos segundos do Tempo que voa), o relógio soava mais uma vez, e sobrevinha o mesmo desconcerto e o mesmo tremor e a mesma introspecção de antes.

Mas, apesar de tudo, o festejo seguia alegre e magnífico. O duque tinha gostos peculiares e um bom olho para cores e efeitos. Menosprezava a moda em voga. Fazia planos ousados e flamejantes, e suas criações brilhavam com o lustre da barbárie. Há quem o pudesse achar louco. Seus seguidores achavam que não. Mas era preciso ouvir, ver e tocar o duque para ter *certeza*.

Fora ele, em grande parte, quem escolhera os ornatos móveis das sete câmaras por ocasião do baile; e os mascarados estavam vestidos de acordo com seu gosto pessoal. Saibam que a aparência dos mascarados era grotesca. Havia um excesso de brilho e reflexos e esplendor e desvario — muito do que mais tarde se viu no *Hernani*. Havia figuras arabescas com adereços, pernas e braços destoantes. Havia coisas de um gosto delirante, tal como só um louco poderia conceber. Havia muita beleza, muito exagero, muita *bizarria*, um pouco de terror e um tanto que poderia causar repulsa. No interior das sete câmaras, o que se via desfilar de um lado a outro eram hostes de sonhos. E esses — os sonhos — contorciam-se dentro dos aposentos e ao seu redor, assumindo os tons das salas e fazendo com que a vigorosa música da orquestra desse a impressão de ecoar seus passos. E logo o relógio de ébano soa mais uma vez no salão de veludo. E então, por um instante, tudo para, e o silêncio só é cortado pela voz do relógio. Os sonhos assumem a rigidez do gelo na posição em que se encontram. Mas os ecos do pulmão mecânico dissipam-se — não duram mais que um átimo — e uma risada à meia-voz paira no ar enquanto desaparecem. E mais uma vez a música se eleva, os sonhos vivem, contorcendo-se de um lado para o outro mais alegres do que nunca,

assumindo os tons dos diversos vitrais por onde filtra o lume dos braseiros. Mas para a câmara mais a oeste das sete já nenhum dos mascarados se aventura; as trevas noturnas se adensam; e através das vidraças cor de sangue flui um clarão rubro; e a negrura das tapeçarias apavora; e quem pisa sobre o negro tapete escuta ao pé do relógio o retinido abafado de uma nota mais solene do que qualquer outro som que chega aos ouvidos dos convivas que desfrutam alegrias mais remotas nos outros apartamentos.

Mas os outros apartamentos estavam um tanto cheios, e neles o coração da vida batia com fervor. E a folia seguiu rodopiando, até que, por fim, o relógio começou a soar meia-noite. E então a música silenciou, como já narrei; e as evoluções dos valsistas detiveram-se; e tudo o mais cessou, intranquilo como antes. Mas agora os carrilhões do relógio haviam de soar doze batidas; e assim sucedeu; talvez um tanto a mais de pensamento, com o tanto a mais de tempo, tenha-se insinuado nas meditações dos que estavam pensativos em meio aos convivas. E assim, também, aconteceu, talvez, que antes de os últimos ecos do último retinido haverem-se dissipado por completo, muitos participantes encontraram disposição para notar a presença de uma figura mascarada que não havia chamado a atenção de conviva algum até o momento. E, tendo o rumor da nova presença se espalhado aos sussurros, por fim ergueu-se da companhia um zunzum, ou um murmúrio, que expressava reprovação e surpresa — e que, por fim, expressou terror, horror e repulsa.

Em uma congregação de quimeras como a que pintei, pode-se imaginar que um traje vulgar não suscitaria tamanho furor. De fato, a licença dada às fantasias era quase ilimitada; mas a figura em questão havia ultrapassado o próprio Herodes; e transposto até mesmo os limites do decoro do príncipe. Existem acordes no peito dos mais incautos que não se produzem sem emoção. Mesmo para as almas perdidas, para quem a vida e a morte não passam de um chiste, há assuntos com os quais não se brinca. De fato, logo a companhia inteira parecia sentir que à fantasia e à postura do estranho faltava tanto o bom-senso como a boa conduta. A figura era alta e esquálida, paramentada dos pés à cabeça com a vestimenta dos mortos. A máscara que lhe ocultava o semblante era de tal forma similar ao vulto de um cadáver enrijecido que mesmo um observador minucioso poderia tomá-la por real. Mesmo assim, os foliões poderiam ter tolerado e até mesmo aprovado aquilo tudo. Mas o mascarado chegara ao ponto de

reproduzir os sintomas da Morte Vermelha. A vestimenta estava embebida em *sangue* — e a testa ampla, tal como os demais traços do rosto, salpicada pelo horror escarlate.

Quando o olhar do Príncipe Próspero caiu sobre essa imagem espectral (que, com movimentos vagarosos e solenes, como se quisesse interpretar seu papel com maior realismo, desfilava de um lado para o outro em meio aos valsistas), viram-no sofrer uma convulsão, a princípio acompanhada de um tremor provocado pelo terror ou pela repulsa; mas, no instante seguinte, a fronte se lhe enrubesceu de raiva.

— Quem se atreve? — perguntou de modo rude aos cortesãos que o rodeavam. — Quem se atreve a nos insultar com essa zombaria blasfema? Segurem-no e arranquem-lhe a máscara… Vejamos quem será enforcado nas ameias ao nascer do sol!

Era no aposento leste, ou azul, que o Príncipe ao proferir essas palavras. Elas ecoaram pelas sete câmaras em alto e bom som — pois o príncipe era um homem ousado e robusto, e a música silenciara com o mero aceno de sua mão.

Era no aposento azul que o príncipe estava, com um grupo de cortesãos pálidos a seu lado. No início, enquanto ele falava, a companhia esboçou um movimento apressado em direção ao intruso; este também estava por perto e, então, com passos nobres e confiantes, aproximou-se do príncipe. Mas, graças ao espanto que a audácia do mascarado inspirara em toda a companhia, não houve ninguém que estendesse a mão para segurá-lo; e assim, desimpedido, ele passou a menos de um metro do príncipe; e, enquanto a numerosa congregação, como se por um impulso comum, afastava-se do centro das salas em direção às paredes, o mascarado seguia seu caminho sem que o importunassem, com as mesmas passadas solenes e comedidas que desde o início haviam-no distinguido, da câmara azul à púrpura — da câmara púrpura à verde — da verde à laranja — desta, mais uma vez à branca — e de lá para a violeta, antes que um gesto resoluto fosse esboçado a fim de detê-lo. Foi nesse momento, contudo, que o Príncipe Próspero, enlouquecido pela raiva e pela vergonha da covardia momentânea que o acometera, cruzou às pressas os seis aposentos, sem que ninguém o acompanhasse por conta do terror mortal que contagiara a todos. Acima da cabeça o príncipe brandia uma adaga desembainhada e, em seu ímpeto, chegara a pouco mais de um metro da figura que se afastava, quando esta, ao ganhar a extremidade do apartamento de veludos

negros, virou-se de súbito e confrontou seu perseguidor. Ouviu-se um grito agudo — e a adaga caiu, reluzindo, no negror do tapete, sobre o qual, ao cabo de um instante, caiu também o Príncipe Próspero, ceifado pela morte. Então, com a coragem a que o desespero incita, a multidão de foliões precipitou-se ao interior do apartamento escuro e, tendo em suas mãos o mascarado, cuja figura seguia empertigada e imóvel à sombra do relógio de ébano, arquejaram com horror indescritível ao descobrir que a mortalha e a máscara cadavérica que puxavam com tanta brutalidade não recobria nenhuma forma tangível.

E nesse instante notou-se a presença da Morte Vermelha, que se esgueirara como um ladrão à noite. E, um por um, os foliões foram tombando nos salões festivos orvalhados pelo sangue, e cada um morreu na pose agonizante em que tombou. E a vida do relógio de ébano expirou junto com a do último conviva. E as chamas nos braseiros extinguiram-se. E as Trevas, a Decomposição e a Morte Vermelha reinaram para sempre sobre tudo.

O retrato oval

O castelo onde meu criado aventurara-se a forçar nossa entrada, em vez de permitir que eu passasse a noite, ferido como eu estava, ao relento, era uma daquelas construções lúgubres e grandiosas que há tempos debruçam-se por sobre os Apeninos, não apenas de fato como também na imaginação da sra. Radcliffe. O lugar dava a impressão de ter sido abandonado havia pouco tempo, em caráter temporário. Instalamo-nos em um dos aposentos menores e mais humildes. O quarto ficava em um torreão afastado. A decoração era sofisticada, mas antiga e maltratada pelo tempo. As paredes estavam cobertas por tapeçarias e ornadas com troféus de armas; ademais, havia um número incomum de pinturas modernas muito agradáveis com molduras de arabescos dourados. Essas pinturas, que pendiam não apenas das paredes amplas, mas também dos inúmeros recônditos que a arquitetura bizarra do palácio fazia necessários — essas pinturas, talvez em virtude de um delírio incipiente, despertaram-me um profundo interesse, de modo que solicitei a Pedro que fechasse as pesadas cortinas daquele cômodo — uma vez que já era noite —, que acendesse os pavios de um candelabro alto que estava junto à cabeceira da minha cama e que abrisse, tanto quanto possível, as cortinas franjadas de veludo negro que envolviam a cama. Fiz esse pedido para que eu pudesse me entregar se não ao sono, pelo menos à contemplação daqueles quadros e à leitura de um pequeno tomo encontrado sobre o travesseiro, que se propunha a fazer críticas a eles e a

Por muito — muito tempo eu li — e concentrado, absorto, eu contemplava. As horas passaram céleres e agradáveis até que a meia-noite escura se instaurou. do candelabro aborrecia-me e, preferindo fazer um esforço a importunar meu criado, que dormia, estiquei o braço e ajustei-o de modo a obter mais luz sobre o livro.

Mas esse ato teve consequências de todo inesperadas. Os raios das inúmeras velas (pois havia muitas) iluminaram um nicho do quarto que até então permanecera envolto na densa sombra de uma das colunas da cama. E assim vi, iluminado, um quadro que até então me passara despercebido. Era o retrato de uma menina em que despontavam os primeiros sinais da mulher. Observei a pintura por alguns instantes e logo fechei os olhos. O que me despertou esse impulso era algo que a princípio eu mesmo não

compreendia. Mas, enquanto as pálpebras permaneciam-me fechadas, vasculhei meus pensamentos em busca do motivo para fechá-las. Um movimento impulsivo deu-me tempo para pensar — para ter certeza de que os olhos não me haviam logrado — para serenar meus devaneios e lançar à tela um olhar mais sóbrio e mais preciso. Passados alguns instantes, olhei mais uma vez para o retrato.

Que naquele instante eu o via de modo objetivo estava além de qualquer dúvida; pois o primeiro clarão das velas sobre a tela parecia ter dissipado o estupor onírico que aos poucos dominava meus sentidos e me reconduzido, de sobressalto, à vigília.

O retrato, conforme descrevi, era o de uma jovem moça. Era um simples busto, executado com a técnica que se costuma chamar de *vignette*; o estilo era muito semelhante ao das famosas cabeças de Sully. Os braços, o colo e até mesmo as pontas do cabelo radiante fundiam-se de modo imperceptível na sombra vaga e mesmo assim densa que constituía o segundo plano da obra. O quadro tinha uma moldura oval, dourada com grande esmero e filigranas à mourisca. Como obra de arte, nada poderia ser mais admirável do que a pintura em si. Mas não fora nem a execução do trabalho nem a beleza imortal daquele semblante o que me comovera de maneira tão súbita e tão contundente. Também seria impensável que minha fantasia, já desperta de seu cochilo, houvesse tomado o retrato por uma pessoa real. Percebi de imediato que as particularidades da composição, do estilo *vignette* e da moldura haveriam de ter afastado essa ideia no mesmo instante — haveriam de ter impedido que fosse sequer matéria de consideração. Ocupado com esses pensamentos, permaneci, talvez por uma hora inteira, meio sentado, meio reclinado, com o olhar fixo no retrato. Por fim, ao deslindar o segredo de seu efeito, deitei-me. Descobri que o encanto do quadro residia na *perfeição absoluta* da expressão naquele rosto que parecia vivo e que, a princípio tendo-me assustado, logo pôs-me perplexo, subjugou e aterrorizou-me. Sob a influência de um espanto profundo e reverencial, recoloquei o candelabro em seu lugar. Com a causa da minha agitação fora de vista, debrucei-me com avidez sobre o volume que discorria sobre as pinturas e suas histórias. Ao buscar o número que identificava o retrato oval, li as obscuras e peculiares palavras que seguem:

"Era uma donzela de rara beleza, e só não era mais amável do que era alegre. Numa hora infeliz ela viu, amou e desposou o pintor. Ele,

arrebatado, estudioso, rigoroso, já tendo a Arte por esposa; ela, uma donzela de rara beleza, e só não era mais amável do que era alegre; toda luz e sorrisos, brincalhona como os filhotes de corça; amava e apegava-se a tudo; detestava somente a Arte, que era sua rival; temia apenas a palheta e os pincéis e outros instrumentos indesejáveis que a privavam de ver o rosto do amado. Assim, para a moça, era uma coisa terrível ouvir o pintor falar sobre o desejo de retratar sua jovem esposa. Mas ela era humilde e dócil, e posou por semanas a fio em um torreão escuro onde a luz que iluminava a tela vinha apenas de cima. Mas o pintor comprazia-se naquele trabalho, que se estendia hora após hora, dia após dia. Ele tinha uma alma apaixonada, indomável, suscetível, e era dado a devaneios; assim, *não percebia* que a terrível luz que se filtrava pelo torreão solitário abatia a saúde e o ânimo da esposa, que definhava à vista de todos, menos da sua. Mesmo assim ela seguia sorrindo, sem queixar-se, porque notava que o pintor (que era muito renomado) sentia um prazer imenso ao desempenhar a tarefa, e trabalhava dia e noite para retratar a mulher que tanto o amava, mas que a cada dia ficava mais desanimada e fraca. E na verdade algumas pessoas que viam o retrato comentavam a semelhança à meia-voz, como se falassem de um milagre, e de uma prova não só da habilidade do pintor como também do profundo amor que ele nutria pela modelo que retratava com tanta maestria. Mas, à medida que o trabalho chegava ao fim, o acesso ao torreão foi vetado, pois o pintor tomara-se de arrebatamento e mal despregava os olhos da tela, mesmo que fosse para olhar o rosto da esposa. E ele *não percebia* que as cores espalhadas sobre a tela vinham das faces daquela que sentava ao seu lado. E ao cabo de várias semanas, quando faltavam apenas alguns retoques — uma pincelada nos lábios e um sombreado no olhar —, o ânimo da esposa mais uma vez bruxuleou como a chama no interior do lampião. E foi dada a última pincelada, e logo o sombreado estava completo; então, por um instante, o pintor ficou em transe diante da obra que executara; mas no momento seguinte, ainda olhando a pintura, ficou pálido e começou a tremer; horrorizado, gritou: 'Isso é a própria *Vida*!' e virou-se para contemplar a amada: *Ela estava morta!*"

O demônio da obstinação

Ao considerar as faculdades e os impulsos — os *prima mobilia* da alma humana —, os frenologistas esqueceram-se de incluir uma certa propensão que, mesmo subsistindo como um sentimento radical, primitivo e irredutível, foi também ignorado por todos os moralistas que os precederam. Na mais pura arrogância do juízo, todos nós o ignoramos. Permitimos que a existência desse sentimento escapasse a nossos sentidos graças ao nosso ceticismo — à nossa falta de fé — seja na Revelação ou na Cabala. A ideia jamais nos ocorreu simplesmente porque parecia supérflua. Não víamos *necessidade alguma* desse impulso — dessa propensão. Não percebíamos o quanto era necessário. Não éramos capazes de entender, ou melhor, não teríamos como haver entendido, se a noção desse *primum mobile* se nos houvesse afigurado — não teríamos meios de compreender o modo como poderia nos ajudar a expandir os objetivos da humanidade, fossem efêmeros ou eternos. Não se pode negar que toda a frenologia, e boa parte da metafísica, foram engendradas *a priori*. O homem com inclinações intelectuais ou lógicas — não o homem paciente e contemplativo — põe-se a imaginar padrões, a ditar os propósitos divinos. E tendo assim perscrutado as intenções de Jeová a seu contento, este homem cria, a partir dessas intenções, inúmeros sistemas mentais. No campo da frenologia, por exemplo, o primeiro passo foi estabelecer, como se poderia esperar, que a Divindade quis que fosse dado ao homem comer. A partir daí, impingimos ao homem um órgão de alimentação, e é com este órgão que a Divindade compele o homem — quer queira, quer não — a comer. O segundo passo, ao averiguarmos que a vontade de Deus era que o homem perpetuasse a espécie, foi descobrir-lhe, incontinente, o órgão amatório. E assim com a combatividade, o idealismo, a causalidade, a construtividade — assim, em suma, com todos os órgãos, a despeito de representarem uma propensão, um sentimento ou uma faculdade pura do intelecto. E neste arranjo dos *Principia* das ações humanas, os discípulos de Spurzheim, estivessem eles certos ou errados, em parte ou de todo, não fizeram mais do que seguir, em princípio, os passos de seus predecessores ao deduzir e apurar cada coisa a partir do destino preconcebido do homem, tomando por base os objetivos do Criador.

Teria sido mais sábio, mais seguro, classificar (se classificar for preciso) tendo por base as ações humanas corriqueiras ou ocasionais, as ações ocasionais de sempre, em vez de embasar-se no que julgamos ser o desígnio Divino. Se não conseguimos compreender as obras visíveis de Deus, como haveríamos de compreender-lhe os pensamentos inconcebíveis, que conferem às coisas sua existência? Se não compreendemos as criaturas de Deus, como haveríamos de compreender-lhe o humor, as etapas da criação?

A indução, *a posteriori*, teria levado a frenologia a admitir, como princípio inato e primitivo da ação humana, algo indefinível, paradoxal, a que podemos chamar de *obstinação*, na falta de um termo mais adequado. No sentido em que emprego o termo, a obstinação é um móvel imotivado, motivação *unmotiviert*. Sua influência nos impele a agir na ausência de um objetivo compreensível; ou, se a proposição soar demasiado contraditória, podemos modificá-la de modo a dizer que sua influência nos impele a agir justamente porque *não deveríamos*. Em teoria, não pode haver lógica mais ilógica, mas, de fato, não a pode haver mais convincente. Há intelectos em que, dadas certas condições, essa lógica torna-se irresistível. A certeza que sinto quanto a estar vivo não é maior do que a certeza de que a convicção quanto à maldade ou à impropriedade de um ato é amiúde a *força inelutável* que nos impele, sozinha, a perpetrá-lo. Também estou certo de que a tendência irrefreável a praticar o mal pelo mal não se presta a análise ou a resolução em elementos ulteriores. Trata-se de um impulso radical, primitivo — elementar. Pode-se argumentar, e estou ciente disso, que, ao persistirmos em certos atos por sentir que não deveríamos persistir neles, nossa conduta não passa de uma modificação do que, via de regra, obtém-se da *combatividade* descrita pela frenologia. Um rápido exame revela a falácia que se esconde por trás dessa ideia. A combatividade frenológica traz, em sua essência, a necessidade de autodefesa. É nossa garantia contra as intempéries da vida. Seu princípio resguarda nosso bem-estar; e, assim, o desejo de sentir-se bem se acirra ao mesmo tempo em que a combatividade se desenvolve. Segue que o desejo de estar bem deve excitar-se consoante a algum princípio modificado da combatividade, mas, no caso daquilo a que chamo *obstinação*, o desejo de estar bem não apenas se excita, mas traz consigo um forte sentimento antagônico.

Um apelo ao coração é, afinal, a melhor resposta ao sofisma apresentado. Ninguém que consulte a própria alma com sinceridade,

ninguém que a questione a fundo, poderá negar o modo radical como esta propensão opera. Nossa incapacidade de compreendê-la só não é maior que o modo pronunciado como a percebemos. Não existe pessoa que não tenha sido atormentada, em algum momento, pelo desejo de provocar seu interlocutor com um circunlóquio, por exemplo. O orador sabe que desagrada; tem toda a intenção de agradar, e costuma ser direto, preciso e claro; a linguagem mais clara e luminosa trava uma luta para ser dita na ponta de sua língua, e a custo o orador evita que escape; teme e deplora a raiva de seu interlocutor; contudo, ocorre-lhe a ideia de que, por meio de algumas convoluções e parênteses, é possível despertar esta mesma raiva. Esse mero pensamento basta. O impulso escala e transforma-se em disposição, a disposição em vontade, e a vontade em um desejo irresistível; e, por fim (para grande lástima e mortificação do interlocutor, e malgrado todas as consequências), o orador compraz-se com a realização desse desejo.

Estamos diante de uma tarefa que cumpre terminar depressa. Sabemos que a demora significa a ruína. mais importante de nossa vida nos chama, com um toque de clarim, à ação enérgica e imediata. Estamos radiantes, consumidos pela vontade de atirarmo-nos à tarefa, antecipando o glorioso resultado que nos põe a alma em chamas. Devemos, precisamos começá-la hoje, e, no entanto, a deixamos para amanhã — por quê? Não há resposta, salvo que nos sentimos *obstinados*, usando a palavra sem compreender seu princípio. O amanhã chega, e com ele uma ânsia ainda mais exasperada por desempenhar nossa tarefa; mas, junto com essa ânsia, surge também um desejo inominado, deveras temível — porque incompreensível — de postergar. O desejo ganha força à medida que o tempo passa. Chega o último momento em que podemos agir. Estremecemos com a violência do conflito interno — do definido contra o indefinido — da substância contra a sombra. Mas, se o embate chega a esse ponto, a sombra prevalece — lutar é inútil. É quando os sinos dobram por nosso bem-estar. Ao mesmo tempo, é o cantar do galo para o espectro que há tanto nos oprime. O fantasma esvoaça — desaparece — estamos livres. Recobramos a força de outrora. Já podemos trabalhar. Mas — ai de nós — *é tarde demais!*

Debruçamo-nos sobre a borda de um precipício. Fitamos o abismo — sentimos náuseas e vertigem. O primeiro impulso é afastar-se do perigo. Mas, sem saber por quê, permanecemos lá. Aos poucos, náuseas e vertigem fundem-se em uma nuvem de sentimentos inomináveis.

Lentamente, de modo ainda menos perceptível, a nuvem assume uma forma, tal como a fumaça de onde o gênio emergia nas *Mil e uma noites*. Mas de *nossa* nuvem, à borda do precipício, surge algo palpável, uma forma, muito mais terrível que os gênios ou demônios das fábulas, que, contudo, nada mais é do que um pensamento, ainda que seja um pensamento que instila pavor e nos enregela os ossos com a força deleitosa de seu horror. É a mera ideia do que sentiríamos ao nos precipitar daquela altura. E esta queda — esta aniquilação veloz —, justamente por envolver aquela que é a imagem mais horrenda e deplorável de todas as imagens horrendas e deploráveis da morte e do sofrimento que jamais se apresentaram às nossas consciências — justamente por esse motivo nós agora a desejamos com avidez. E, uma vez que o juízo luta para nos afastar da beirada, empenhamos todo nosso ímpeto em aproximarmo-nos do vazio. Não há, em toda natureza, arrebatamento mais impaciente que o de alguém que, tremendo à beira do precipício, medita sobre a Queda. Entregar-se, por um momento que seja, ao *pensamento* é estar perdido para sempre; pois a reflexão tenta nos dissuadir, e *não é outro o motivo que nos incita.* Se não houver um braço amigo para deter-nos, ou se não logramos afastar-nos do abismo, o impulso e a queda terminam por nos destruir.

Não importa como examinemos tais ações, resulta sempre que são causadas pelo espírito da *Obstinação*. Perpetramo-las porque sentimos que não devemos. Não há nenhum princípio apreensível por trás nem além de tudo isso; com efeito, poderíamos atribuir essa obstinação às próprias forças do Espírito do Mal se, por vezes, não agisse em nosso proveito.

Falei tudo isso para que, de certo modo, eu possa responder à sua pergunta, explicar por que estou aqui, representar algo que ao menos insinue o que me levou a trajar hoje esses grilhões e justifique minha presença nesta cela. Se eu não tivesse sido tão prolixo, o senhor teria ou se equivocado a meu respeito ou, como a turba, me tomado por louco. De fato, o senhor logo perceberá que sou apenas uma dentre as inúmeras vítimas do Demônio da Obstinação.

Nenhum feito poderia ter se perpetrado com deliberação mais completa. Por semanas, por meses a fio eu planejei o assassinato. Desisti de mil planos que, por algum motivo, não eliminavam *por completo* a chance de me descobrirem. Por fim, ao ler um livro francês de memórias, deparei-me com o caso de uma doença que acometera Madame Pilau e por pouco não lhe custara a vida, causada pela ação de uma vela

acidentalmente envenenada. A ideia exerceu um grande fascínio sobre mim. Eu sabia que minha vítima costumava ler na cama. Sabia, também, que sua habitação era estreita e mal-ventilada. Mas não vou aborrecer o senhor com esses detalhes irrelevantes. Não preciso descrever o simples artifício que usei para tirar a vela que estava no castiçal em seu quarto e substituí-la por outra, que eu mesmo havia preparado. Na manhã seguinte encontraram-no morto na cama, e o veredicto do legista registrou — "Morte por visitação Divina".

Tendo herdado todas as posses da minha vítima, passei anos de bem-aventurança. A ideia de que me pudessem descobrir jamais cruzara meus pensamentos. Quanto aos resquícios da fatal candeia, eu mesmo havia tomado conta deles. Não restara nem a sombra de uma pista que pudesse levar à minha condenação ou sequer levantar suspeitas quanto ao crime. A intensidade da satisfação que despontava em meu peito ao pensar que eu estava a salvo é inconcebível. Por muito tempo rejubilei-me com este sentimento, que me propiciava mais prazer do que todas as vantagens materiais resultantes do crime. Mas aos poucos o sentimento prazeroso foi se transformando, de modo gradual e quase imperceptível, em um pensamento que me irritava e me assombrava. Irritava-me porque me assombrava. Era raro eu conseguir pensar em outra coisa, mesmo que por um instante. É comum ficarmos irritados quando o refrão de alguma música vulgar ou algum trecho de uma ópera medíocre não nos saem dos ouvidos, ou melhor, da cabeça. O tormento não diminui nem mesmo se a canção for boa, ou a ária, meritória. E assim eu acabei por surpreender a mim mesmo, infinitas vezes, refletindo sobre a minha segurança e repetindo, à meia-voz, a frase "estou a salvo".

Um dia, passeando, notei que eu repetia para mim mesmo essas palavras, a meia-voz. Em um momento de grande impertinência, dei a elas a seguinte forma: "Salvo! Estou a salvo! Estou a salvo, a não ser que eu faça a tolice de confessar!".

Assim que as palavras escaparam-me à boca senti o gelo instilar-se em minhas veias. Eu já vivenciara esses surtos de obstinação (cuja natureza os torna difíceis de explicar) e recordo que em nenhuma instância eu resistira ao assédio. Agora, a sugestão casual de que eu pudesse ser tolo o bastante para confessar o assassinato cometido insurgia-se como se fosse o próprio fantasma da vítima — e me acenava com a morte.

A princípio, empenhei-me em afastar esse pesadelo anímico. Pus-me a caminhar com brio — depressa — mais depressa — e logo eu estava correndo. Um desejo louco de gritar me consumia. As ondas do pensamento quebravam uma atrás da outra — cada uma delas trazendo consigo um novo terror, pois — ah! Eu bem, muito bem sabia que, naquelas circunstâncias, *pensar* seria a danação. Contudo, apertei o passo. Eu avançava como um louco em meio à multidão nas ruas. Por fim, a massa compreendeu o alarme e pôs-se a me seguir. Nesse momento senti que *meu destino estava selado*. Se eu pudesse arrancar minha língua, eu a teria arrancado, mas uma voz brutal soava em meus ouvidos, e uma garra ainda mais bruta aferrou-me pelo ombro. Dei meia volta — eu arquejava. Por um instante, senti todos os sintomas de um sufocamento; fiquei cego, surdo e zonzo; e então senti como se algum demônio invisível, de mão enorme, me desse um tapa nas costas. O segredo há tempos escondido irrompeu da minha alma.

Dizem que falei de modo bastante articulado, mas com ênfases claras e uma pressa nervosa, como se temesse alguma interrupção antes de chegar ao fim das breves mas pungentes frases que me conduziram ao patíbulo e ao inferno.

Ao terminar meu relato, que propiciaria a mais completa condenação judicial, caí prostrado, inconsciente.

Para que dizer mais? Hoje trago em mim essas correntes, e estou *aqui*! Amanhã estarei livre

Descida ao Maelström

Havíamos chegado ao cume da mais alta escarpa. Por alguns minutos, o velho pareceu impedido de falar pelo cansaço.

— Há não muito tempo — disse ele, por fim —, eu teria guiado o senhor por esses caminhos com a mesma disposição que o meu filho mais novo; mas, uns três anos atrás, aconteceu comigo algo que nenhum mortal jamais vivenciou (ou, se vivenciou, não viveu para contar), e aquelas seis horas de terror profundo destruíram meu corpo e minha alma. O senhor deve achar que sou *muito* velho. Mas não sou. Em menos de um dia esses cabelos, que eram negros como o breu, ficaram brancos; a força abandonou meus braços e minhas pernas; e meus nervos foram destroçados a tal ponto que agora o menor esforço me põe a tremer, e assusto-me até com as sombras. Sabe, senhor, basta eu olhar daqui destes escolhos e já começo a sentir vertigens.

Os "escolhos", em cuja borda o velho se atirara para descansar de um modo tão impensado que metade de seu corpo dependurava-se no vazio, enquanto tudo o que o impedia de cair no abismo era o modo como seus cotovelos firmavam-se na borda escorregadia — os "escolhos" erguiam-se como um imponente precipício de rocha negra e rebrilhante, dominando o panorama rochoso lá embaixo a quase quinhentos metros de altura. Motivo algum me levaria a menos de dois metros do precipício. De fato, o perigo representado pela posição do meu guia teve um efeito tão poderoso sobre mim que logo prostrei-me ao chão, agarrando-me aos arbustos, sem coragem de sequer olhar para o céu — ao mesmo tempo em que buscava, em vão, dissuadir-me da ideia de que até mesmo os alicerces da montanha estariam à mercê da fúria dos ventos. Foi preciso um certo tempo até que eu me convencesse a juntar coragem suficiente para sentar-me no chão e lançar o olhar à distância.

— O senhor precisa livrar-se dessas fantasias — disse o velho —, pois eu o trouxe até aqui para que o senhor tivesse a melhor visão possível do cenário onde aconteceu o que há pouco eu mencionei… e para narrar minha história diante deste cenário.

E logo prosseguiu, com modos bastante peculiares:

— Estamos próximos à costa da Noruega, a 68 graus de latitude. Esta é a grande província de Nordland, e estamos no soturno distrito de Lofoden.

Esta montanha onde agora estamos chama-se Helseggen, a montanha das nuvens. Peço que o senhor se levante um pouco. Segure-se na grama caso sinta tontura, isso… olhe para lá, além do cinturão de vapor sob nossos pés, para o mar.

Olhei, sofrendo com a vertigem, e deparei-me com um oceano que se estendia aos limites da vista, com águas tão escuras que de imediato recordei-me do relato escrito pelo geógrafo núbio sobre o *Mare Tenebrarum*. A imaginação humana seria incapaz de conceber um panorama de maior desolação. À esquerda e à direita, os horrendos rochedos negros e sobranceiros estendiam-se até o horizonte, como se fossem as muralhas do mundo. Seu caráter obscuro ficava ainda mais evidente graças às ondas que quebravam de encontro à rocha branca e lívida, uivando e gritando sem parar. Em frente ao cume onde estávamos, a uma distância de oito ou nove quilômetros mar adentro, via-se uma ilhazinha; ou melhor: sua existência era percebida graças à turbulência das águas ao redor. Uns três quilômetros mais próximo da margem, havia uma segunda ilha, ainda menor, terrivelmente escarpada e estéril, cercada em alguns pontos por um cinturão de rochas negras.

O aspecto do oceano, no espaço compreendido entre a ilha mais distante e a costa, tinha algo de muito estranho. Naquele momento, o vento soprava com tanta força em direção à terra que, ao largo, um brigue capeava com a vela de carangueja rizada — o casco desaparecendo repetidas vezes sob as águas —, ainda que, no local onde estávamos, não houvesse nenhum avultamento regular das ondas, mas apenas um respingar breve, ligeiro e raivoso das águas que vinham de todas as direções — até mesmo contra o vento. Espuma havia pouca, salvo nas proximidades das rochas.

— A ilha mais distante — prosseguiu o velho — é chamada de Vurrgh pelos noruegueses. Aquela no meio é Moskoe. Um quilômetro e meio para o Norte está Ambaaren. E lá estão Islesen, Hotholm, Keildhelm, Suarven e Buckholm. Mais ao longe, entre Moskoe e Vurrgh, estão Otterholm, Flimen, Sandflesen e Stockholm. Estes são os nomes verdadeiros desses lugares… mas por que dar nome a eles é algo que nem eu nem o senhor podemos compreender. O senhor está ouvindo? Está vendo a mudança nas águas?

Havia uns dez minutos que estávamos no topo de Helseggen, vindos do interior de Lofoden, de modo que não avistáramos o mar até que, lá do

alto, ele se descortinasse a nossos olhos. Enquanto o velho falava eu percebi um som alto, que ia se intensificando, como o rumor de uma manada de búfalos nas pradarias americanas; e ao mesmo tempo dei-me conta de que aquilo que os marinheiros chamam de "aspecto *encapelado*" do oceano aos nossos pés transformava-se rapidamente em uma correnteza que rumava ao Leste. Diante dos meus olhos, a correnteza adquiriu uma força espantosa. Cada segundo aumentava sua velocidade — seu ímpeto premente. Passados cinco minutos, uma fúria incontrolável açoitava todo o mar entre a margem e a ilha de Vurrgh; mas era da costa até Moskoe que a turbulência mostrava-se em toda a sua força. Lá estava o leito das águas, transformado pelo flagelo em mil canais conflituosos, na explosão repentina de um frenesi convulso — avultando-se, fervilhando, chiando — rodopiando em enormes e incontáveis redemoinhos, todos girando e precipitando-se ao Leste com uma velocidade que a água não assume em lugar algum, salvo nas cataratas.

Dentro de poucos minutos, o cenário sofreu outra alteração radical. A superfície das águas ficou mais serena, e os redemoinhos desapareceram um por um, enquanto impressionantes riscas de espuma despontavam onde, poucos momentos atrás, não se via nada. Essas riscas, por fim, estendendo-se a grandes distâncias e fundindo-se umas às outras, assumiam o movimento giratório dos redemoinhos desaparecidos e pareciam formar o germe de outro, ainda mais impressionante. De repente — muito de repente — o turbilhão assumiu uma existência distinta e bem-definida: um círculo de mais de um quilômetro e meio de diâmetro. A borda do redemoinho estava representada por um cinturão largo de espuma cintilante; mas nenhuma partícula de espuma era tragada pela bocarra daquele cone horripilante, cujo interior, até onde se enxergava, era composto por uma lisa, brilhante e negra parede d'água, inclinada 45 graus em relação à linha do horizonte, revolvendo-se com uma rapidez vertiginosa, dando voltas e mais voltas em um movimento inclinado e opressivo, lançando aos ventos uma voz assustadora, meio grito, meio urro, tal como nem mesmo as poderosas cataratas do Niágara jamais alçaram aos céus em sua agonia.

A montanha tremia até os alicerces, e a rocha rumorava. Atirei-me ao chão, com o rosto voltado para baixo, e agarrei-me à escassa vegetação da montanha, incapaz de controlar meus nervos.

— Isso… isso *só pode* ser o grande redemoinho do Maelström! — disse eu, por fim, ao velho.

— Esse é um dos nomes — respondeu ele. — Nós, noruegueses, o chamamos de Moskoe-ström, por causa da ilha de Moskoe, que fica no meio do caminho.

Minhas leituras sobre o redemoinho não me haviam preparado de modo algum para uma visão daquelas. de Jonas Ramus, talvez o mais completo de todos, não consegue transmitir sequer a mais remota ideia, seja da magnitude, seja do horror da cena — tampouco da sensação confusa de algo *inaudito*, que tanto perturba o espectador. Não sei a partir de que ponto Ramus observou o fenômeno, nem em que condições; mas estou certo que não foi do cume de Helseggen nem durante uma tormenta. Contudo, há algumas passagens em sua descrição que podem ser citadas graças à riqueza de detalhes, ainda que o efeito atingido fique muito aquém da impressão produzida por tal espetáculo. Eis o que ele escreveu:

Entre Lofoden e Moskoe, a profundidade das águas é de trinta a trinta e cinco braças; mas, do outro lado, em direção a Ver (Vurrgh), as águas tornam-se mais rasas e não oferecem segurança para a passagem de embarcações, pois há risco de colisão contra as rochas mesmo no tempo mais favorável. Na maré alta, as correntes enchem o espaço entre Lofoden e Moskoe com uma rapidez incontida; mas o fragor da impetuosa vazante, ao desembocar no oceano, é maior do que o estrondo da mais terrível dentre as cataratas. Pode-se ouvir o bramido a quilômetros de distância, e os redemoinhos, ou fossas, têm dimensões e profundidade tais que, se um navio for apanhado pela correnteza, ele é inevitavelmente absorvido e tragado ao fundo do mar, onde se choca contra as pedras; e, quando a água descansa, apenas seus destroços tornam à superfície. Mas esses intervalos de calmaria dão-se apenas no momento em que a maré passa de vazante a cheia, e em tempo bom; não duram mais do que um quarto de hora, depois do que a violência das águas aos poucos retorna. Quando a corrente atinge o ápice da turbulência, com sua fúria agravada por uma procela, é perigoso chegar a menos de uma milha norueguesa do redemoinho. Barcos, iates e navios já foram arrastados por não tomarem as devidas precauções antes que fosse tarde demais. Também acontece com frequência de uma baleia chegar demasiado perto da corrente e sucumbir à sua violência; nesses casos, não há como descrever os uivos e os urros destes animais enquanto buscam, em vão, escapar à influência das águas. Certa feita, um urso, que

tentava nadar de Lofoden a Moskoe, foi carregado pela corrente e tragado às profundezas; seus terríveis rugidos alcançaram a costa. Grandes cargas de abetos e pinheiros, depois de tragadas pelo redemoinho, emergem destroçadas a tal ponto que dão a impressão de nelas crescerem cerdas. Esse fato demonstra que o fundo compõe-se de rochas escarpadas, em meio às quais os objetos são arremessados de um lado para o outro. é regulada pelo fluxo e refluxo do mar — em uma alternância constante de maré alta e vazante a cada seis horas. No ano de 1645, no Domingo da Sexagésima, a turbulência e o fragor foram tão intensos que as pedras das casas erigidas na costa caíram ao chão.

Quanto à profundidade das águas, não sei como poderiam tê-la estabelecido nas imediações do redemoinho. As "trinta e cinco braças" devem referir-se a partes do canal próximas às margens de Moskoe ou de Lofoden. no olho do Moskoe-ström deve ser imensuravelmente maior; e, para prová-lo, não é preciso mais do que olhar de relance na direção do abismo giratório, o que se pode fazer do pico de Helseggen. Ao olhar das alturas para aquele Flegetonte uivante lá embaixo, não pude deixar de sorrir da simplicidade com que o bom Jonas Ramus registrou, como sendo fatos quase incríveis, as anedotas de baleias e de ursos; pois o fato é que me parecia óbvio que até mesmo o maior navio existente, ao aproximar-se da influência mortal do redemoinho, não haveria de resistir melhor do que uma pluma resiste ao furacão, sendo o seu desaparecimento físico uma consequência imediata. As tentativas de elucidar o fenômeno — algumas das quais, eu bem me lembro, pareceram bastante plausíveis em minha análise — agora revestiam-se de um aspecto muito diferente e insatisfatório. A ideia geralmente aceita é a de que este, assim como três outros redemoinhos menores entre as ilhas Ferroe,

são causados, no fluxo e no refluxo, pela colisão de ondas que sobem e descem contra uma elevação rochosa no fundo do mar, que confina a água de modo a precipitá-la em seguida, como acontece nas cataratas; sendo assim, quanto mais a maré sobe, maior é a queda, e o resultado natural é um torvelinho, ou redemoinho, com um impressionante poder de sucção que já se encontra descrito por experimentos menores.

Essas são as palavras da *Encyclopædia Britannica*. Kircher e outros estudiosos acreditam que no centro do canal do Maelström encontra-se um abismo que penetra a crosta terrestre e desemboca em algum ponto remoto — sendo o Golfo de Bótnia mencionado com algum grau de certeza em

pelo menos uma ocasião. Enquanto eu observava o fenômeno, esse esclarecimento um tanto infundado era o que mais parecia convencer a minha imaginação; e, ao mencionar o fato ao meu guia, fui informado de que, ainda que essa fosse a explicação aceita por quase todos os noruegueses, não era a sua opinião. Quanto à teoria, o velho se disse incapaz de compreendê-la; fui obrigado a concordar — pois, por mais convincente que seja no papel, a explicação torna-se de todo inconcebível, e mesmo absurda, em meio aos estrondos do abismo.

— Olhe bem para o redemoinho agora — disse o velho —, se o senhor quiser dar a volta aqui na escarpa para se proteger do vento e abafar o barulho da água, posso contar uma história que vai convencê-lo de que sei alguma coisa sobre o Moskoe-ström.

Pus-me no local sugerido, e o velho prosseguiu.

— Eu e meus dois irmãos tínhamos uma sumaca aparelhada como escuna, de mais ou menos setenta toneladas de carga, que usávamos para pescar em meio às ilhas além de Moskoe, perto de Vurrgh. Em todas essas voragens do mar a pesca é boa, quando a oportunidade se apresenta: basta ter a coragem de arriscar. Mas, de todos os costeiros de Lofoden, só nós três navegávamos regularmente até as ilhas, como estou lhe dizendo. A região pesqueira fica bem mais ao Sul. Lá, pesca-se de dia e de noite, sem grandes riscos; assim, é o lugar preferido. No entanto, é em meio aos penedos que se encontram os melhores peixes, e em quantidades muito maiores. Assim, muitas vezes nós pegávamos em um único dia o que os pescadores mais tímidos tinham de se esforçar para pegar em uma semana. Na verdade, isso acabou virando uma especulação desesperada, com o risco de vida assumindo o lugar do trabalho, e a coragem, o

Guardávamos a sumaca em uma enseada a oito quilômetros daqui; e em geral, quando o tempo estava bom, aproveitávamos os quinze minutos de calmaria para atravessar o canal principal do Moskoe-ström, bem acima da voragem, e então deitar âncora nas proximidades de Otterholm ou de Sandflesen, onde a força dos redemoinhos é menor. E então ficávamos lá até a próxima calmaria, fazíamos a pesagem e tomávamos o caminho de casa. Jamais começávamos uma expedição dessas sem vento lateral constante para a ida e para a volta; só zarpávamos com a certeza de que o vento seria suficiente para o retorno, e raramente nos enganávamos a este respeito. Por duas vezes, em seis anos, fomos obrigados a permanecer a noite inteira fundeados por conta de uma calmaria, o que é uma coisa

rara por aqui; e uma vez tivemos de ficar na região pesqueira por quase uma semana, passando fome, tudo por conta de um vento forte que começou a soprar logo depois da nossa chegada e deixou as águas do canal revoltas demais para navegar. Tudo indicava que acabaríamos à deriva em alto-mar (pois a força dos redemoinhos era tão grande que, por fim, a âncora enredou-se na amarra e começamos a garrar) se uma das inúmeras correntes, daquelas que aparecem hoje e somem amanhã, não nos houvesse arrastado até Flimen, onde nos abrigamos e, por sorte, conseguimos fundear.

Eu não conseguiria dar ao senhor nem sequer a mais remota ideia das dificuldades que enfrentamos na "região pesqueira". É um mau lugar para se estar, mesmo com bom tempo, mas nós sempre trabalhávamos para evitar os perigos do Moskoe-ström. Mesmo assim, o coração subia-me à boca quando estávamos atrasados ou adiantados em relação à calmaria, ainda que fosse apenas um minuto. Às vezes o vento não era tão forte quanto havíamos suposto, e então nosso progresso era mais lento do que o esperado. Enquanto isso, as correntes mais fortes tornavam a navegação muito difícil. Meu irmão mais velho tinha um filho de dezoito anos, e eu também tinha dois garotos meus. Na época, eles nos ajudavam muito, quer nos remos, quer na pesca… mas, ainda que nos arriscássemos, não tínhamos coragem de expor nossos filhos ao perigo; afinal de contas, não há *como* negar que o perigo era tremendo.

Daqui a alguns dias vai fazer três anos que a história que vou contar aconteceu. Era dez de julho de 18…, um dia que o povo aqui da região não vai esquecer nunca: foi o dia em que soprou o mais terrível furacão jamais visto sobre a terra. Mesmo assim, durante toda a manhã e boa parte da tarde, uma brisa agradável e constante soprou do sudeste. O sol brilhava; nem mesmo os mais experientes pescadores suspeitaram do que estava

Eu e meus dois irmãos havíamos navegado até as ilhas por volta das duas da tarde, e logo a sumaca estava abarrotada dos melhores peixes, que, nós todos percebemos, naquele dia viam-se em quantidades até então nunca vistas. Meu relógio marcava *sete horas* quando fizemos a pesagem e pusemo-nos a caminho de casa, de modo a atravessar a pior parte do Ström durante a calmaria, que, como nós sabíamos, começaria às oito.

Partimos com vento favorável a boreste e, por algum tempo, prosseguimos a grande velocidade, sem sequer sonhar com perigos, pois de fato não havia razão nenhuma para tal. De repente, uma brisa vinda de

Helseggen nos pegou de surpresa. Esse era um fenômeno muito estranho (nunca um vento soprara daquela direção), e eu fiquei um pouco ressabiado, sem saber ao certo por quê. Orçamos o barco, mas não conseguimos cruzar os redemoinhos, e eu estava quase sugerindo que voltássemos ao ancoradouro quando, ao olhar para a popa, vimos que o horizonte estava todo encoberto por uma única nuvem cor de cobre, que se erguia numa velocidade espantosa.

Enquanto isso, a brisa parou, e vimo-nos em meio a uma calmaria, à deriva. Mas essa situação não durou o suficiente para que pensássemos no que fazer. Dentro de alguns segundos a tempestade nos alcançou; em dois minutos o céu estava completamente encoberto. Com a escuridão e a espuma, ficava quase impossível enxergarmo-nos a bordo.

Seria loucura tentar pôr em palavras a intensidade do furacão que começou a soprar. Nem o mais velho pescador em toda a Noruega jamais vira coisa igual. Arriamos as velas antes que a tempestade nos alcançasse, mas, já na primeira rajada, os dois mastros caíram na água como se alguém os houvesse serrado. O mastro principal levou consigo meu irmão mais moço, que se havia amarrado nele por segurança.

Nosso barco era a pluma mais leve que jamais singrara aquelas águas. O convés era corrido, e havia apenas uma pequena escotilha perto da proa, que nós costumávamos fechar com uma tranca antes de atravessar o Ström, para nos protegermos dos mares encapelados. Se não fosse esse detalhe, estaríamos arruinados, pois em certos momentos as águas cobriam todo o convés da embarcação. Como meu irmão mais velho escapou à morte é algo que até hoje não sei. Quanto a mim, depois de arriar o traquete, atirei-me ao convés, com os pés de encontro à amurada da proa e segurando uma argola ao pé do mastro do traquete. Tudo isso eu fiz por instinto (o que sem dúvida era o melhor a fazer), pois eu estava agitado demais para pensar.

Por alguns momentos, como eu disse, ficávamos submersos; e nessas horas eu prendia a respiração e me segurava na argola com mais força. Quando eu já não aguentava mais, pus-me de joelhos, ainda me segurando, e consegui manter a cabeça acima da superfície. Nesse instante o barco chacoalhou, como os cachorros fazem ao sair da água e, assim, de certa forma, livrou-se do oceano. Eu tentava lutar contra o estupor que se apoderava de mim, me recompor e recobrar os sentidos para decidir o que fazer. Foi quando alguém agarrou-se ao meu braço. Era meu irmão mais

velho! Meu coração deu pulos de alegria, porque eu tinha certeza de que ele caíra para além da amurada. Mas no momento seguinte a alegria transformou-se em horror: ele aproximou a boca do meu ouvido e gritou *"Moskoe-ström!"*.

Não há como descrever o que senti naquele instante. Estremeci dos pés à cabeça, como se tomado pelo mais violento calafrio. Eu sabia muito bem o que aquela única palavra significava… sabia o que ele queria me comunicar. O vento nos conduzia rumo à voragem do Ström, e nada poderia nos salvar!

O senhor bem sabe que, ao atravessar o *canal* do Ström, sempre passávamos muito além do redemoinho, mesmo quando o tempo estava calmo, e então esperávamos pela calmaria… mas dessa vez estávamos justo em cima da voragem e, além de tudo, com um furacão! "Pode ser que atravessemos o redemoinho durante a calmaria… ainda tenho esperança", pensei. Mas no instante seguinte amaldiçoei minha ingenuidade em achar que haveria qualquer esperança! Eu sabia que estávamos todos condenados, mesmo se estivéssemos em um navio de guerra equipado com dúzias e mais dúzias de canhões.

A essa altura a fúria da tempestade se aplacara, ou talvez já não a sentíssemos com tanta intensidade enquanto as rajadas nos impeliam adiante. Mas logo as ondas, que até então se haviam mantido baixas e espumantes graças ao vento, transformaram-se de repente em verdadeiras montanhas d'água. O céu também sofrera uma alteração bastante singular. Estava escuro como breu em todas as direções, mas quase acima de nós abriu-se, entre as nuvens, um rasgo circular de céu claro (claro como eu nunca vira, e de um azul muito profundo). Por aquela falha via-se fulgurar a lua cheia, com um brilho intenso como o de nenhum outro luar. iluminou tudo a nosso redor, até os mínimos detalhes… mas, ah, Deus, a cena que se nos apresentava!

Tentei falar com meu irmão por uma, duas vezes; mas, sem sabermos por quê, o fragor aumentou a tal ponto que ele não conseguia ouvir uma palavra minha, ainda que eu gritasse a plenos pulmões direto em seu ouvido. Então ele balançou a cabeça, pálido como um cadáver, e levantou um dedo, como se a dizer "*escute!*".

No início, não entendi o que ele queria, mas logo me ocorreu um pensamento terrível. Tirei meu relógio do bolso. O mecanismo não estava funcionando. Olhei para o mostrador sob a luz do luar e logo irrompi em

pranto, atirando o relógio ao mar. *O ponteiro havia parado às sete horas!* Estávamos atrasados em relação ao horário da calmaria, e o Ström rodopiava em toda a sua fúria!

Em um navio robusto, bem mareado e sem muita carga, as ondas dão a impressão, quando o vento sopra forte, de sumir debaixo do casco; é uma situação muito estranha para quem está acostumado a ficar em terra, e na língua do mar é o que se chama de "cavalgar". Até esse momento nós vínhamos cavalgando as ondas sem problemas; mas eis que um vagalhão gigantesco atingiu-nos à ré e arrastou-nos consigo à medida que subia, alto, cada vez mais alto, como se rumasse aos céus. Eu jamais acreditaria que uma onda pudesse chegar àquelas alturas. E então, depois de fazer uma curva e deslizar sobre a onda, caímos… e mergulhamos. Fiquei enjoado e zonzo, como se eu estivesse caindo do alto de uma montanha num sonho. Mas enquanto estávamos lá em cima eu dera uma rápida olhada ao redor. Foi quanto me bastou. Vi nossa posição exata naquele segundo. O redemoinho do Moskoe-Ström estava quatrocentos metros adiante… mas não mais como o Moskoe-Ström a que estamos acostumados. Não; comparado ao turbilhão daquele dia, o que o senhor vê agora não passa de uma roda-d'água. Se eu não soubesse onde estávamos e o que esperar da situação, eu não teria sequer reconhecido o lugar. Diante daquilo tudo, fechei os olhos, aterrorizado. As pálpebras apertavam-se uma contra a outra, como durante um espasmo.

Passados menos de dois minutos, as ondas pararam de súbito, e vimo-nos envoltos na espuma. O barco deu uma guinada para bombordo, e então disparou nesta direção como um raio. Ao mesmo tempo o rugir das águas foi abafado por uma espécie de grito estridente, como se milhares de navios soltassem ao mesmo tempo o vapor. Estávamos no cinturão de espuma que sempre circunda o redemoinho; e eu pensei, é claro, que no instante seguinte cairíamos no abismo. Não dava para ter uma visão clara do interior por causa da velocidade espantosa da corrente que nos arrastava. O barco não parecia de modo algum afundar nas águas; antes dava a impressão de subir sempre à tona, como uma bolha de ar. A boreste estava o redemoinho, e a bombordo erguia-se o mundo oceânico que havia pouco deixáramos. Era como se uma muralha convulsa se erguesse entre nós e o horizonte.

Pode parecer estranho, mas, nesse instante, quando estávamos à beira do abismo, eu me sentia mais tranquilo do que antes. Ao abandonar a

esperança, livrei-me, em boa parte, do terror que a princípio me paralisava. Fora o terror que exasperara meus nervos.

Pode parecer bravata, mas o que vou dizer ao senhor é a mais pura verdade: comecei a pensar que aquela morte seria algo grandioso, e que seria tolice preocupar-me com algo tão desprezível quanto a minha vida diante daquela incrível manifestação do poder divino. Creio ter enrubescido de vergonha quando essa ideia me ocorreu. Em seguida, fui tomado por uma curiosidade aguda quanto ao redemoinho. Eu sentia vontade de explorar aquelas profundezas, mesmo que à custa da minha própria vida; minha maior tristeza seria não poder contar aos amigos em terra sobre os mistérios que eu havia de desvendar. Estes, claro, eram os devaneios de um homem defrontado com uma situação extrema; desde então, já pensei várias vezes que as revoluções do barco pudessem ter-me deixado um pouco zonzo.

Uma outra circunstância contribuiu para que eu me recompusesse: foi quando o vento parou. Não tinha como nos alcançar naquela situação… pois, como o senhor mesmo viu, o cinturão de espuma é um bocado mais baixo que o nível das águas, que nesse momento erguia-se acima de nós; uma crista alta, escura e montanhosa. Se o senhor nunca esteve no mar durante um vendaval, não faz ideia do quanto o açoite do vento e da espuma é capaz de transtornar os pensamentos. fica cego, surdo, asfixiado e sem poder agir nem pensar. Mas a essa altura já estávamos, em boa parte, livres desses contratempos… afinal, os condenados à morte têm direito a certas regalias que lhes são negadas antes da condenação.

Perdi a conta de quantas voltas demos na voragem. Ficamos girando depressa, dando voltas e mais voltas por talvez uma hora, antes voando que flutuando, aos poucos afastando-nos da borda para avançar cada vez mais em direção ao temível interior do redemoinho. Durante todo esse tempo eu seguia agarrado à argola. Meu irmão estava na popa, segurando-se ao barril firmemente amarrado à almeida, único objeto que não fora lançado ao mar quando a primeira rajada soprou. Quando chegamos mais perto do fosso, ele avançou em direção à argola, enquanto, em seu terror, esforçava-se por soltar as minhas mãos, pois não havia espaço suficiente para nós dois nos agarrarmos. Nunca senti tristeza maior do que ver meu próprio irmão tentar um ato desses, mesmo sabendo que ele estava fora de si… o terror toldara-lhe a razão. Mesmo assim, não disputei a argola. Eu sabia que não faria a menor diferença; assim, deixei-o ali e fui à popa, em

busca do barril. A empreitada não era difícil, pois o barco girava com uma certa estabilidade, em águas parelhas; apenas balançava para um lado e para o outro com os golpes e os fervilhamentos do redemoinho. Mal havia eu me estabelecido em meu novo posto, demos uma guinada brusca para boreste e logo fomos a pique na voragem. Balbuciei uma oração apressada a Deus e achei que tudo estava acabado.

Enquanto eu sentia o estômago embrulhar-se com a queda, o instinto fez-me segurar o barril com ainda mais força, e fechei os olhos. Por alguns instantes, não me atrevi a abri-los… eu esperava a morte imediata, e fiquei surpreso por não estar travando uma batalha já perdida contra as águas. Mas o tempo continuava passando. E eu ainda estava vivo. A sensação de queda havia parado; o movimento do barco parecia quase o mesmo de antes, quando estávamos no cinturão de espuma, com a única diferença de que o barco estava menos inclinado. Tomei coragem e abri os olhos.

Jamais vou esquecer o sentimento de espanto, de horror e admiração com que olhei ao redor. Como em um passe de mágica, o barco parecia estar flutuando a meio caminho do fundo, no interior de um cone de vastas dimensões e espantosa profundidade, com laterais tão lisas que pareciam de ébano, salvo pela rapidez extraordinária com que se revolviam e pelo brilho lustroso e mortiço que delas emanava, enquanto os raios lunares, vindos do rasgo circular entre as nuvens, precipitavam-se em uma glória dourada ao longo das paredes negras e para além das profundezas mais recônditas daquele abismo.

A princípio eu estava confuso demais para prestar atenção no que quer que fosse. Tudo o que eu via era a apoteose de uma grandeza aterradora. Contudo, logo após me recompor, olhei instintivamente para baixo. Graças ao modo como o barco se inclinava nas águas do redemoinho, eu conseguia ter uma visão clara naquela direção. Navegávamos em águas parelhas, ou seja, com o convés paralelo à linha-d'água. A água, no entanto, inclinava-se em um ângulo de mais ou menos 45 graus, de modo que o barco parecia estar muito adernado. Mesmo assim, pude manter meus pés e mãos firmes, quase como se estivéssemos navegando em águas mortas, o que se explica, segundo penso, pela velocidade das nossas revoluções.

Os raios do luar pareciam mergulhar no fundo do abismo; mesmo assim, eu enxergava pouco, por conta de uma densa névoa que a tudo envolvia, e acima da qual pairava um magnífico arco-íris, como a ponte

estreita e balançante que os muçulmanos acreditam ser a única passagem entre o Tempo e a Eternidade. Essa névoa, que também poderíamos chamar de borrifo, era sem dúvida causada pelo encontro das enormes paredes do turbilhão, lá no fundo… mas o bramido que de lá se erguia aos Céus eu não ouso descrever.

A primeira escorregadela rumo ao abismo, que nos afastou do cinturão de espuma, conduziu-nos um bom pedaço para baixo; mas a descida não se manteve no mesmo ritmo. Dávamos voltas e mais voltas… não com movimentos uniformes, mas com guinadas e solavancos vertiginosos, que às vezes nos faziam avançar apenas algumas centenas de metros e, outras vezes, nos faziam quase dar a volta no redemoinho. A cada revolução chegávamos mais perto do fundo; esse avanço era lento, mas claramente perceptível.

Olhando ao redor do enorme deserto de ébano líquido que nos carregava, percebi que o nosso barco não era o único objeto preso no abraço da voragem. Acima e abaixo havia destroços de embarcações, grandes quantidades de madeira para construção e troncos de árvore, além de objetos menores, como móveis, caixas quebradas, barris e aduelas. Eu já mencionei que meu terror inicial transformara-se em uma curiosidade prodigiosa. Essa curiosidade parecia intensificar-se à medida que eu me aproximava de meu derradeiro destino. Eu comecei a observar, com uma atenção inesperada, os vários objetos que flutuavam ao nosso redor. Acho que eu estava *delirando*, pois comecei a *entreter-me* com especulações sobre a velocidade relativa dos objetos que se precipitavam na espuma lá embaixo. “Esse abeto”, disse eu para mim mesmo, “com certeza vai ser a próxima coisa a desaparecer”; qual não foi minha surpresa ao ver que os destroços de um navio mercador holandês ultrapassaram-no e desapareceram antes do tronco. Por fim, após fazer várias adivinhações desse gênero e de me equivocar em todas elas, esse fato (o fato de eu sempre me enganar em meus cálculos) desencadeou sucessivas reflexões que me fizeram mais uma vez estremecer dos pés à cabeça e puseram meu coração a palpitar.

O que me afetou de modo tão profundo não foi um novo terror, mas *o despontar de uma esperança*. Essa esperança nascera, em parte, da memória, e em parte das observações que eu então fazia. Eu tentava me lembrar da grande quantidade de objetos que flutuavam ao longo da costa de Lofoden, depois de terem sido tragados e expelidos pelo Moskoe-

Ström. A grande maioria era destroçada de modo formidável; ficavam tão esfolados e ásperos que davam a impressão de que alguém os enchera de farpas… mas ao mesmo tempo eu lembrava nitidamente que outros *nada sofriam*. Eu não via outro modo de explicar essa discrepância a não ser supondo que os destroços esfolados eram os únicos que haviam sido tragados *até o fundo*, enquanto os outros haviam sido carregados pelo redemoinho já em um momento posterior ou, por algum motivo, haviam descido mais devagar após serem arrastados, de modo a não atingir o fundo antes que a maré mudasse para cheia ou vazante, conforme o caso. De qualquer modo, julguei possível que esses objetos pudessem ser, mais tarde, devolvidos à superfície do oceano sem sofrer o mesmo destino daqueles absorvidos durante o estágio inicial, ou tragados com maior rapidez. Além disso, fiz três observações importantes. A primeira foi que, via de regra, os corpos maiores desciam mais depressa; a segunda, que, no caso de duas massas equivalentes, sendo uma esférica e a outra de *qualquer outro* formato, o corpo esférico afundava com maior rapidez; a terceira, por fim, foi a de que, no caso de duas massas de tamanho equivalente, sendo uma cilíndrica e a outra de qualquer outro formato, o corpo cilíndrico era absorvido mais devagar. Desde que escapei, discuti o assunto muitas vezes com um velho mestre-escola aqui de Lofoden; foi com ele que aprendi a usar as palavras “cilindro” e “esfera”. Ele me explicou, mesmo que eu já tenha esquecido a explicação exata, que o que eu observei foram justamente as consequências naturais dos formatos dos fragmentos que boiavam; e mostrou-me como um cilindro, flutuando em um redemoinho, oferece mais resistência à sucção e afunda com mais dificuldade do que um corpo de massa igual com outro formato.[1]

Uma circunstância em particular parecia corroborar minhas observações ao mesmo tempo em que me punha ansioso por explicá-las; pois, a cada revolução, passávamos por objetos como um barril, uma verga ou o mastro de uma embarcação, e esses objetos, que estavam no mesmo nível de nosso barco quando primeiro abrimos os olhos para os prodígios do redemoinho, a essa altura encontravam-se muito acima de nós e davam a impressão de pouco terem-se afastado da posição original.

A hesitação havia desaparecido. Decidi prender-me ao barril onde eu me segurava, cortar as amarras que o prendiam à almeida e atirar-me às águas. Eu chamava a atenção do meu irmão com sinais, apontava para os barris que flutuavam a nosso redor e fazia tudo ao meu alcance para que

ele entendesse o que eu estava a fazer. Por fim ele pareceu entender meu plano, mas, tendo ou não entendido, balançou a cabeça, desesperado, e recusou-se a soltar a argola. Não havia como alcançá-lo, e a situação não admitiria demora; assim, com grande amargura, abandonei meu irmão a seu destino, amarrei-me ao barril com as cordas que o prendiam à almeida e precipitei-me nas águas sem hesitar mais um segundo sequer.

O resultado foi exatamente o imaginado. Como sou eu mesmo quem lhe conta essa história (e o senhor bem vê que eu *de fato* sobrevivi), e como o senhor já conhece o modo como escapei e assim pode antecipar tudo o quanto ainda tenho a dizer, trato agora de abreviar meu relato. Passada mais ou menos uma hora do momento em que me fiz ao mar, o barco, já muito afastado em direção ao centro do abismo, deu três ou quatro voltas em rápida sequência e, levando consigo meu querido irmão, afundou, para todo o sempre, no caos de espuma lá embaixo. O barril a que eu me amarrara havia afundado menos da metade da distância que me separava do fundo do abismo, no momento em que pulei do convés, quando uma grande mudança operou-se no redemoinho. A cada instante que passava, suas paredes punham-se menos inclinadas. Aos poucos, as revoluções foram ficando cada vez menos violentas. Por fim, a espuma e o arco-íris desapareceram, e o fundo do abismo deu a impressão de erguer-se, devagar. O céu estava limpo, os ventos haviam cessado e a lua cheia se punha, radiante, no Oeste; foi quando dei por mim à superfície do oceano, em frente às margens de Lofoden e acima do ponto onde a voragem do Moskoe-Ström *estivera*. Era chegado o momento da calmaria… mas o mar ainda agitava-se em vagalhões enormes após o furacão. Fui arrastado com violência pelo canal do Ström e, após alguns minutos, fui levado pela costa até a região pesqueira. Exausto, fui recolhido por um navio; mas, mesmo estando salvo, emudeci ao lembrar de tamanho horror. Os que me ajudaram foram meus velhos amigos e colegas do dia-a-dia, mas eles não me reconheceram mais do que reconheceriam um fantasma. Meu cabelo, que no dia anterior era negro como o breu, estava branco como o senhor agora o vê. Dizem que toda a expressão do meu rosto também mudou. Contei minha história e… ninguém me acreditou. Agora eu a conto *ao senhor*… mas sei que dificilmente me dará mais crédito do que os alegres pescadores de Lofoden.

---

1. Ver Arquimedes, *De Incidentibus in Fluido*, lib. 2. [N. do A.]↩

A queda da casa de Usher

Ao longo de todo um dia indolente, escuro e silencioso na estação do outono, em que nuvens ameaçadoras pairavam baixo no céu, eu atravessara, a cavalo, um panorama de singular desolação; e por fim divisei ao longe, enquanto as sombras vespertinas insinuavam-se, toda a melancolia da Casa de Usher. Não sei como se deu o fato — mas, com a mera visão da casa, um insustentável sentimento de pesar varou-me a alma. Conforme digo, insustentável; pois o sentimento não era mitigado sequer por aquelas impressões agradáveis, uma vez que poéticas, que o intelecto em geral deriva mesmo dos mais austeros panoramas de horror e desolação. Lancei o olhar sobre o cenário que se estendia à minha frente — sobre a casa em si e o caráter simples da paisagem — sobre as paredes nuas — sobre as janelas vazias como olhos — sobre alguns juncos viçosos — e sobre uns poucos troncos brancos de árvores apodrecidas — tudo com uma opressão do espírito tão profunda que a melhor comparação possível em termos terrenos é aquela com o despertar de um sonho opiáceo — o retorno amargo à vida prosaica — o terrível cair do véu. Meu coração enregelava-se, afundava, sentia enjoos — um desamparo irremediável do pensamento que nenhum impulso da fantasia era capaz de incitar ao sublime. O quê — perguntei-me —, o que me causava tamanha perturbação ao contemplar a Casa de Usher? O mistério afigurava-se insolúvel; eu não conseguia sequer tratar dos devaneios vagos que se acumulavam sobre mim enquanto eu ponderava. O que restou foi consolar-me com a insuficiente conclusão de que, enquanto há, *sem dúvida*, combinações de objetos simples e naturais capazes de afetar-nos desse modo, a análise dessa influência permanece em esferas da compreensão que ultrapassam nosso entendimento. Refleti que, com um simples rearranjo dos elementos naquela cena, dos detalhes naquela vista, seria possível alterar ou mesmo destruir-lhe o potencial de causar impressões dolentes; e, agindo sob o impulso dessa ideia, tomei as rédeas do meu cavalo, conduzi-o às margens íngremes de um lago negro e lúrido de águas plácidas logo ao lado da mansão e olhei para baixo — abalado por um tremor ainda mais forte do que o anterior —, deparando-me com a imagem invertida e remodelada dos juncos cinzentos, dos horrendos troncos de árvore e das janelas vazias como olhos.

Contudo, era nessa morada sombria que eu havia de passar algumas semanas. O proprietário, Roderick Usher, fora um amigo muito querido de infância; mas muitos anos haviam se passado desde o nosso último encontro. Uma carta, no entanto, alcançara-me num recanto afastado do país — uma carta dele — que, em um paroxismo de inconveniência, exigiu que eu lhe respondesse com uma visita. A caligrafia dava sinais de perturbação nervosa. O missivista falava de moléstias graves — de uma desordem mental que o oprimia — e de um vívido desejo de rever-me, na condição de seu melhor e único amigo íntimo, a fim de buscar, na alegria de meu convívio, um lenitivo para sua enfermidade. como tudo isso, e muito mais, fora escrito — o pedido feito de *todo o coração* — não admitia hesitação de minha parte; sendo assim, atendi prontamente ao chamado que ainda me aparentava deveras singular.

Ainda que, meninos, tivéssemos uma amizade muito estreita, a verdade é que eu sabia muito pouco a respeito de meu amigo. Sua reserva era excessiva e constante. Eu sabia, no entanto, que a família antiga em cujo seio ele nascera era conhecida, desde tempos imemoriais, por uma disposição particularmente sensível, que se fizera notar, ao longo das gerações, em diversas obras de arte impetuosas, e manifestara-se, em tempos mais recentes, tanto em repetidos gestos de caridade, longânimes e ao mesmo tempo discretos, como em uma devoção apaixonada às complexidades, e porventura ainda mais às belezas ortodoxas e mais reconhecíveis, da ciência musical. Também chegara a meu conhecimento o fato bastante notável de que o tronco da linhagem Usher, mesmo remontando a épocas longínquas, não apresentava, ao longo de sua história, nenhuma ramificação duradoura; dito de outro modo, a família inteira constituía-se de uma linha de descendência única, e, salvo variações ocasionais e insignificantes, fora sempre assim. E essa ausência, eu meditava, enquanto percebia a consonância do caráter da mansão com o caráter reconhecido daquelas pessoas e especulava sobre a influência que, no passar dos séculos, um pode ter exercido sobre o outro — fora talvez essa ausência de ramificações paralelas e a consequente transmissão em linha reta, do patriarca ao filho, do patrimônio e do nome o que, por fim, promoveu uma identificação tão intensa entre os dois a ponto de amalgamar o nome original da propriedade e a dúbia e extravagante denominação da “Casa de Usher” — uma denominação que parecia

abranger, na mente dos aldeões que a pronunciavam, tanto a família quanto a mansão familiar.

Já tive ocasião de relatar que meu experimento algo pueril — o de olhar para o lago — terminou por intensificar ainda mais aquela primeira impressão singular. Não resta dúvida de que tomar consciência desse rápido aumento na minha superstição — por que eu não haveria de chamá-la assim? — teve como principal efeito a aceleração do próprio aumento. Há muito tempo sei que essa é a lei paradoxal que rege todos as sensações baseadas no terror. E pode ter sido por essa mesma razão que quando, a partir do reflexo na água, voltei a erguer o olhar para a mansão, um estranho devaneio insinuou-se entre meus pensamentos — de fato, um devaneio tão absurdo que bastará mencioná-lo para demonstrar a força implacável das sensações que me oprimiam. Eu estava tão entregue a meus transportes que cheguei a acreditar, de fato, que a mansão e o terreno encontravam-se envoltos por uma atmosfera própria daquele lugar — uma atmosfera que não tinha afinidade alguma com o ar do céu, mas cujos eflúvios emanavam de árvores podres, da parede cinza e do lago silencioso — um miasma pestilento e místico, indolente, apático, quase imperceptível e de tons cinzentos.

Depois de afastar do espírito o que tomei por fantasia, esquadrinhei, mais atento, o aspecto real da construção. Sua principal característica parecia ser a antiguidade extrema. O tempo havia-lhe imposto um desbotamento profundo. Minúsculos fungos recobriam todo o exterior e pendiam do beiral graças a uma delicada tessitura em teias de aranha. Mas nada disso apresentava um grau inesperado de dilapidação. O trabalho em alvenaria permanecia intacto; e parecia haver uma inconsistência flagrante entre o justo encaixe das partes e a precária condição das pedras individuais. Lembrei-me da completude especiosa dos trabalhos em madeira que apodrecem por longos anos em porões abandonados, longe da influência do ar externo. No entanto, afora essas marcas de desgaste profundo, o material dava poucos sinais de fadiga. Talvez o olhar de um observador atento pudesse descobrir uma fissura quase imperceptível, que, começando no telhado junto à fachada, descia até o chão por uma linha em zigue-zague e perdia-se nas águas sombrias do lago.

Feitas essas observações, cavalguei por uma estradinha curta que levava até a casa. Um criado encarregou-se da minha montaria, e logo cruzei a arcada gótica do vestíbulo. Um *valet de chambre* de passos

furtivos conduziu-me, em total silêncio, por inúmeras passagens sombrias e elaboradas no caminho até o gabinete de seu patrão. Muito do que eu via pelo caminho contribuía, não sei bem como, para amplificar aquelas sensações vagas que já mencionei. Mesmo que os objetos ao meu redor — mesmo que os entalhes no teto, as tapeçarias lúgubres nas paredes, o negror de ébano dos pisos e os fantasmagóricos troféus de armas que chacoalhavam com meus passos não passassem de itens aos quais, ou à semelhança dos quais, eu estivera acostumado desde a mais tenra idade — mesmo que eu não hesitasse em admitir que tudo me era familiar — ainda assim eu imaginava quão desconhecidas seriam as quimeras que essas imagens evocavam. Em uma das escadarias, encontrei o médico da família. Seu semblante, pensei, estampava uma expressão de astúcia e perplexidade. Perturbado, dirigiu-me algumas palavras e seguiu adiante. Neste instante o serviçal abriu uma porta e conduziu-me à presença de Roderick Usher.

O aposento onde eu me encontrava era muito grande e luxuoso. As janelas eram altas, estreitas e pontudas, e elevavam-se a uma altura tão grande do escuro piso em carvalho que era de todo impossível alcançá-las pelo interior da mansão. Tênues raios de luz escarlate filtravam pelas venezianas e realçavam os objetos dominantes ao redor; o olhar, porém, em vão tentava penetrar nos ângulos mais afastados e nos recônditos do teto abobadado com arabescos. Tapeçarias soturnas pendiam das paredes. A mobília era profusa, desconfortável, antiga e desgastada. Diversos livros e instrumentos musicais espalhavam-se ao redor, mas não conferiam nenhuma vitalidade à cena. Senti que respirava uma atmosfera de pesar. Trevas austeras, profundas e irremediáveis envolviam tudo.

Ao ver-me entrar, Usher levantou de um sofá onde estivera deitado e cumprimentou-me com um afeto caloroso que, a princípio, tomei por cordialidade exagerada — pelos modos afetados de um *ennuyé*. Bastou, no entanto, um simples vislumbre de seu rosto para que eu me convencesse de sua absoluta sinceridade. Sentamo-nos; e por alguns momentos, enquanto ele seguia calado, eu o observava com um misto de pena e de admiração. Com certeza jamais alguém sofrera alterações tão terríveis num tempo tão exíguo como Roderick Usher! Foi-me duro aceitar a imagem do homem que definhava à minha frente como sendo o meu antigo companheiro de infância. Seu rosto, contudo, permanecia notável como sempre fora. A tez tinha um aspecto cadavérico; os olhos eram

enormes, aquosos e iluminados tal como outros não há; os lábios, finos e deveras pálidos, mas com linhas de uma beleza incomum; um nariz de suave talhe hebraico, mas com narinas de tamanho raro em silhuetas daquela estirpe; um queixo de formação delicada, que denunciava, com a saliência parca, uma carência de energia moral; os cabelos, mais diáfanos e tênues do que teias de aranha; tais feições, somadas a uma expansão inesperada logo acima das têmporas, compunham um semblante difícil de esquecer. Porém, as características predominantes dessas feições, e a impressão que causavam, haviam se acentuado de tal forma que cheguei a pôr em cheque a identidade do meu interlocutor. O palor mortiço da pele e aquele fulgor milagroso no olhar muito me impressionaram, e cheguei mesmo a sentir terror. O cabelo sedoso também crescera desprovido de cuidados, e uma vez que, com sua textura diáfana, mais flutuava do que caía em torno ao rosto, não fui capaz, malgrado meus esforços, de associar aquela expressão arabesca com nenhuma aparência humana.

Os modos de meu amigo chamaram-me a atenção devido a uma incoerência — uma inconsistência; e logo descobri que esta se originava de uma série de esforços débeis e fúteis por superar um tremor constante — uma excessiva agitação dos nervos. De fato eu me havia preparado para algo dessa natureza — não apenas pela carta, mas também pelas reminiscências de alguns modos seus quando menino e pelas conclusões tiradas a partir de seu aspecto físico um tanto peculiar e de seu temperamento. Os modos de Usher eram ora vibrantes, ora acabrunhados. A voz de súbito passava de uma indecisão trêmula (quando os espíritos animais pareciam desaparecer por completo) a uma espécie de concisão enérgica — uma pronúncia abrupta, densa, pausada e oca — a prolação grave, equilibrada e modulada à perfeição em tons guturais, que se observa nos bêbados cambaleantes ou nos comedores de ópio contumazes — tal era o modo como Usher falava nos momentos de maior exaspero.

Foi assim que falou sobre o motivo de minha visita, do agudo desejo de ver-me e do bálsamo que esperava encontrar em minha companhia. Também tratou, por fim, do que julgava ser a natureza de sua moléstia. Segundo me disse, era um mal físico hereditário, para o qual, desesperado, buscava a cura — uma simples aflição dos nervos, acrescentou em seguida, que sem dúvida haveria de passar em breve. A enfermidade manifestava-se em uma hoste de sensações grotescas. Algumas dessas, à medida em que ele as detalhava, despertaram-me o interesse e

surpreenderam-me, ainda que os termos e o tom geral da narrativa possam ter-me influenciado. Usher sofria de uma sensibilidade mórbida dos sentidos; a comida mais insossa era-lhe intragável; trajava apenas roupas de uma determinada textura; o perfume das flores parecia-lhe opressivo; os olhos eram castigados pela mais tênue luminosidade; e não havia som, salvo o dos instrumentos de corda, que não lhe instilasse horror.

Reencontrei-o escravo de um terror singular.

— Será o meu fim — disse ele —, essa loucura deplorável *tem de ser* o meu fim. É assim, e não de nenhuma outra forma, que sucumbirei à minha perdição. Temo os acontecimentos futuros, não por eles próprios, mas pelas consequências que podem trazer consigo. Tremo só de pensar no menor e mais trivial incidente capaz de influenciar essa terrível perturbação anímica. Na verdade, não abomino a sensação de perigo, exceto em sua manifestação mais absoluta… o terror. Esse nervosismo, essa lastimável condição, mais cedo ou mais tarde vai precipitar o momento em que terei de abandonar por completo a razão e a vida para lutar contra a terrível quimera do medo.

Aos poucos, em comentários truncados e ambivalentes, foi-me revelado um outro sintoma bastante peculiar de sua condição mental. Roderick Usher deixava-se dominar por certas impressões supersticiosas relativas à morada que habitava, de onde, por anos a fio, não ousara sair — relativas à influência irresistível de uma superstição descrita em termos tão obscuros que não me é dado repeti-los — uma influência decorrente de certos pormenores relacionados à forma e à aparência da mansão familiar que haviam, passados anos de sofrimento, prevalecido sobre seu espírito — um efeito que o aspecto das paredes e torreões cinzentos, e das águas negras do lago onde se refletiam, havia, por fim, operado no bem-estar de sua existência.

Ele admitia, contudo — mas não sem certa hesitação — que o desânimo pudesse, em boa parte, ser atribuído a uma origem mais natural e muito mais palpável — à longa e grave doença — de fato ao iminente ocaso — de sua amada irmã — companheira única de longos anos — o último e único parente vivo que lhe restava.

— A morte dela — começou ele, com uma amargura que jamais hei-de esquecer — faria dele (dele, o fraco desesperançoso) o último remanescente da vetusta linhagem dos Usher.

Enquanto Usher falava, Lady Madeline (tal era o nome da irmã) passou com vagar por um recanto mais afastado da habitação e, sem dar por minha presença, desapareceu. Eu a observei com uma grande estupefação mesclada ao horror — contudo era-me impossível justificar esses sentimentos. Um estupor me oprimia enquanto meu olhar acompanhava-lhe os passos evanescentes. Quando, ao cabo de alguns instantes, a porta fechou-se, meu olhar, como que por instinto, buscou o semblante do irmão — mas este agora trazia o rosto enterrado nas mãos, e pude apenas notar que um palor incomum apossara-se de seus dedos, por onde fluíam incontáveis lágrimas arrebatadas.

A doença de Lady Madeline desafiara os médicos por muito tempo. Apatia inamovível, definhamento gradual da paciente e surtos reiterados, ainda que breves, de natureza cataléptica; eis o estranho diagnóstico. Até então ela havia resistido aos avanços da doença e não se prostrara na cama; mas, quando o primeiro anoitecer insinuou-se depois da minha chegada, Lady Madeline sucumbiu (foi o que o irmão contou-me à noite, em uma agitação incontida) à força prosternatória de sua ruína; e fui informado de que o breve relance que eu tivera de sua pessoa seria, também, provavelmente o último — de que, ao menos enquanto a irmã vivesse, eu não a

Durante os dias que seguiram, seu nome não foi mencionado por Usher nem por mim: e durante esse período fiz o quanto me era possível para aliviar a melancolia do meu amigo. Pintávamos e líamos juntos; ou então eu punha-me a escutar, como em um sonho, as improvisações musicais de seu violão falante. E assim, à medida que uma intimidade mais estreita granjeava-me acesso aos recônditos de sua alma, com mais amargura eu percebia a futilidade de quaisquer esforços por alegrar um intelecto de onde a escuridão, como se imbuída de um caráter positivo, derramava-se por sobre todos os objetos do universo físico e moral, em uma irradiação constante de obscuridade.

Sempre trarei comigo a memória das muitas horas solenes que assim passei em companhia do senhorio da Casa de Usher. Não sou capaz, no entanto, de reproduzir o caráter preciso dos estudos ou das atividades em que ele me envolvia, ou até os quais me conduziu. Um idealismo exaltado e descomedido conferia um lustre sulfúreo a tudo ao nosso redor. Os longos réquiens que Usher compunha de improviso soarão para todo o sempre em meus ouvidos. Lembro, com o peito confrangido, da perversão

e da amplificação singulares a que submeteu a tempestuosa última valsa de Von Weber. Das pinturas sobre as quais sua intrincada fantasia meditava, e que rumavam, a cada golpe do pincel, em direção a uma vagueza que me punha a estremecer ainda mais eufórico, porque eu tremia sem saber por quê — dessas pinturas (vívidas como suas imagens nesse exato instante se me apresentam) eu empreendia, em vão, abstrair o quanto fosse redutível à esfera das simples palavras escritas. Graças à simplicidade absoluta, à destituição de suas composições, Usher capturava e dominava a atenção. Se alguma vez um mortal pintou uma ideia, esse mortal foi Roderick Usher. Ao menos eu — nas circunstâncias em que me encontrava à época — sentia que, das abstrações puras que o hipocondríaco consignava às telas, emanava uma aura de terror irrefreável, de uma intensidade cuja sombra jamais flagrei sequer na contemplação dos desvarios sem dúvida cintilantes, mas demasiado figurativos, de Fuseli.

A sombra de uma das visões fantasmagóricas de meu amigo, que não partilhava com tanta intensidade o ímpeto de abstração, pode ser conjurada, ainda que de modo imperfeito, em palavras. O pequeno quadro retratava o interior de um longuíssimo túnel ou galeria retangular, com teto baixo, liso e branco, desprovido de quaisquer interrupções e objetos. Alguns detalhes na obra criavam a ilusão de que a passagem estendia-se por subterrâneos localizados a uma profundidade enorme da superfície da terra. Não havia saída visível em nenhum ponto daquela extensão e não se divisavam archotes nem outras fontes de luz; contudo, um esplendor de intensos raios luminosos inundava a cena, banhando-a em uma claridade mortiça e incompatível com sua natureza.

Há pouco mencionei a enfermidade mórbida que afligia o nervo auditório e fazia com que toda a música soasse insuportável para o doente, à exceção de certos timbres de corda. Talvez tenham sido esses limites estreitos, dentro dos quais Usher resignou-se ao violão, que deram à luz, em boa parte, o caráter fantástico de suas interpretações. No entanto, a *facilidade febril* com que executava seus *impromptus* não se deixava explicar assim. Esses devem ter sido — e de fato foram, tanto nas notas como nas palavras de suas fantasias arrebatadoras (pois não era raro que Usher se fizesse acompanhar de rimas improvisadas) — o resultado de um controle e de uma concentração mental que, conforme relatei, manifestavam-se apenas em momentos de extrema agitação. Tenho

lembranças vívidas de uma dessas rapsódias. Fiquei, talvez, ainda mais impressionado com o recital, da forma como se me apresentou, porque, em seu teor implícito, ou místico, imaginei perceber, pela primeira vez, que Usher tomara consciência do frágil equilíbrio que mantinha sua vacilante razão sobre o trono. Os versos do poema, intitulado “O palácio assombrado”, eram quase, se não exatamente, assim:

[]
Num vale de verde fácil,
Com bons anjos de habitante,
Certo esplêndido palácio —
Bel palácio — erguia o semblante.
Junto aos sonhos do monarca —
Que achado!
Nunca uma asa de anjo abarca
Material tão elevado!

[]
Sobre o bastilhão robusto,
Auriflamas cor d’aurora
(Eis a história de um vetusto
Tempo de outrora);
E com as brisas lá sopradas
No doce dia
Por entre ameias e amuradas
Um cheiro alado recendia.

[]
Quem cruzava o vale via,
Por duas límpidas janelas,
Anjos voando em harmonia,
Ao som de cordas singelas,
Sobre o trono em que a figura —
(Porfirogênio!)
Um rei de toda a glória à altura —
Traçava os rumos de seu reino.

[]

Rubis e perlas cintilavam
Nos plácidos umbrais,
Por onde soavam, soavam, soavam,
Fluíam, eternais,
As tropas de Ecos, no lavor
De assim cantar,
Em vozes cheias de esplendor,
O sábio rei deste lugar.

[]
Mas a tragédia, vil, malsã,
Depôs o rei do grande estado;
(Ai, ai de nós! — pois o amanhã
Não vai nascer para o coitado!)
E em torno ao paço, toda a glória
Do fausto vulto
Não passa de uma vaga história
Do antigo tempo sepulto.

[]
E agora, no palácio antigo,
Em meio ao vale dos viajantes,
Se veem espectros no postigo
Ao som de notas dissonantes,
Enquanto flui qual corredeira,
Pelos umbrais,
A turba eterna e zombeteira
Que não sorri jamais.

Lembro-me de que as impressões sugeridas por essa balada levaram nossos pensamentos a enveredar por caminhos em que se tornou manifesta uma convicção de Usher que menciono não por sua novidade (pois outros[1] já defenderam opiniões parecidas), mas pela tenacidade com que a defendia. Tratava-se, em linhas gerais, da crença na consciência das plantas. Contudo, em seus desvarios, a ideia assumira um caráter mais ousado e, em certos momentos, precipitava-se aos domínios do caos. Faltam-me palavras para expressar a abrangência, o *completo abandono* de

sua convicção. A crença, no entanto, estava relacionada (como eu já havia sugerido) às pedras cinzentas no templo de seus ancestrais. A manifestação da consciência dera-se, conforme ele imaginava, no modo de colocação dessas pedras — na ordem de sua disposição, tal como na dos inúmeros *fungos* que as recobriam e também das árvores apodrecidas ao redor — e, sobretudo, na permanência inabalável dessa disposição e em seu reflexo nas silenciosas águas do lago. A prova — a prova dessa consciência — podia ser observada, segundo Usher (e nesse momento eu estremeci enquanto o ouvia falar) na condensação gradual, mas infalível, de uma atmosfera peculiar que circundava as paredes da mansão e o lago. O resultado era visível, acrescentou ele, na silenciosa, mas pertinaz e temível influência que, no passar dos séculos, havia forjado os destinos de sua família e que fazia *dele* o que eu naquele instante via — o que ele era. Tais opiniões dispensam comentários, e assim me calo.

Nossos livros — os livros que, por anos a fio, haviam formado uma parte considerável da existência mental do inválido — tinham, como se havia de esperar, uma afinidade estreita com esse caráter fantasmático. Estudamos juntos trabalhos como o *Ververt et Chartreuse* de Gresset; o *Belphegor* de Maquiavel; *O céu e o inferno* de Swedenborg; o *Subterranean Voyage of Nicholas Klimm* de Holberg; as *Chiromancy* de Robert Flud, Jean d'Indaginé e De la Chambre; o *Journey into the Blue Distance* de Tieck; e *A cidade do sol*, de Campanella. Um dos tomos favoritos era uma edição in-octavo do *Directorium Inquisitorum*, escrito pelo dominicano Eymeric de Gironne; e havia passagens de Pomponius Mela, sobre antigos sátiros africanos e egípcios, com as quais Usher fantasiava por horas no sofá. Seu deleite maior, no entanto, era folhear as páginas de um raríssimo e curioso livro de encadernação in-quarto gótica — o manual de uma igreja esquecida — o *Vigiliæ Mortuorum secundum Chorum Ecclesiæ Maguntinæ*.

Não pude deixar de pensar no ritual extravagante dessa obra e de sua provável influência sobre o hipocondríaco quando, certa manhã, após informar-me que Lady Madeline havia sucumbido, Usher expressou o desejo de conservar o cadáver por duas semanas (antes da inumação definitiva) em uma das incontáveis galerias que a mansão comportava. O motivo deste procedimento um tanto singular, no entanto, era algo que eu não me sentia em posição de questionar. O irmão fora levado a tomar essa decisão (foi assim que me apresentou seu relato) em virtude do caráter

incomum da moléstia que vitimara a falecida, de certos questionamentos indiscretos e precipitados por parte de seus médicos e da localização remota e vulnerável do cemitério familiar. Não nego que, ao relembrar a expressão sinistra no semblante da pessoa com quem me havia deparado na escadaria, logo após minha chegada à mansão, não senti desejo algum de opor-me ao que eu considerava no máximo uma precaução inofensiva e livre de quaisquer traços de anormalidade.

A pedido de Usher, ajudei-o pessoalmente com os preparativos do sepultamento provisório. Uma vez posto no ataúde, carregamos o corpo, sozinhos, para o local do repouso. A galeria onde deixamos o esquife (e que permanecera fechada por tanto tempo a ponto de nossos archotes, meio extintos naquele ambiente opressivo, darem pouca margem a explorações) era pequena, úmida e desprovida de qualquer abertura que permitisse a entrada de luz; e localizava-se, a uma grande profundidade, logo abaixo da parte da mansão que abrigava meus aposentos. O subterrâneo dava a impressão de ter servido, em remotos tempos feudais, aos terríveis propósitos de uma masmorra e, em tempos mais recentes, como depósito de pólvora ou de alguma outra substância altamente combustível, uma vez que partes do piso e todo o interior da longa arcada que atravessamos pelo caminho haviam recebido um meticuloso revestimento de cobre. A porta, de ferro maciço, recebera uma proteção semelhante. imenso fazia com que as dobradiças, ao mover-se, produzissem um rangido de singular

Depois de colocarmos nosso lamentoso fardo sobre o catafalco nessa região de horror, em parte afastamos a tampa do caixão, ainda solta, e pusemo-nos a olhar o rosto de sua ocupante. Foi quando uma semelhança notável entre o irmão e a irmã chamou-me a atenção pela primeira vez; e Usher, talvez adivinhando meus pensamentos, murmurou algumas palavras das quais depreendi que ele e a falecida houveram sido gêmeos e que uma sintonia de natureza pouco explicável sempre existira entre os dois. Nossos olhares, no entanto, não detiveram-se por muito tempo sobre a morta — pois não lográvamos conter o horror. A doença que precipitara Lady Madeline ao túmulo na flor da idade havia, como é próprio de todas as moléstias catalépticas, impingido-lhe a zombaria de um leve rubor no seio e nas faces, assim como um sorriso duradouro nos lábios, tão terrível na morte. Recolocamos a tampa, apertamos-lhe os parafusos e, tendo

fechado a porta de ferro, refizemos, pesarosos, o caminho até os aposentos na parte superior da casa, onde a escuridão mal parecia abrandar-se.

Seguiram-se dias de luto amargo, e, ao cabo desses, uma alteração perceptível operou-se na desordem mental que afligia meu amigo. Seus modos costumeiros haviam desaparecido. As ocupações costumeiras haviam sido ignoradas ou esquecidas. Roderick Usher ia de um aposento ao outro com passos ligeiros, descompassados e confusos. O palor de seu semblante parecia ter assumido, se é que fora possível, um tom ainda mais cadavérico — e o brilho no olhar havia sumido de todo. A rouquidão ocasional se fora; e um tremor hesitante, como o de um terror incontrolável, passou a caracterizar sua fala. Em certos momentos eu chegava a supor que aquela mente perturbada guardasse um segredo opressivo e estivesse buscando a coragem necessária para sua revelação. Em outros, mais uma vez vi-me obrigado a atribuir tudo aquilo aos caprichos inexplicáveis da loucura, pois eu o flagrava olhando para o vazio por horas a fio, profundamente compenetrado, como se a ouvir um som imaginário. Não causa surpresa que essa doença tenha-me aterrorizado — tenha-me infectado. Aos poucos — mas de modo inelutável — eu sentia a influência tempestuosa daquelas superstições fantásticas apoderar-se de mim.

Foi só na sétima ou oitava noite após levarmos o corpo de Lady Madeline para a masmorra, ao recolher-me para os meus aposentos, que conheci a força implacável dessas impressões. O sono passou-me ao largo — enquanto as horas passavam uma após a outra. Tentei valer-me da razão para afastar o nervosismo que me dominava. Busquei convencer-me de que a maior parte, se não tudo, do que eu sentia era devido à influência perturbadora dos objetos lúgubres que compunham a mobília do quarto — das tapeçarias escuras e rotas, que, atormentadas pelo sopro da tempestade iminente, balançavam de um lado para o outro nas paredes e farfalhavam, intranquilas, em torno aos adornos da cama. Mas os esforços foram em vão. Um tremor incontrolável aos poucos dominou-me o corpo; e logo meu coração estava sob o jugo de um íncubo que me impelia a um desespero imotivado. A custo, recobrei a compostura, ergui-me sobre as almofadas e, com o olhar voltado para a escuridão impenetrável do aposento, pus-me a escutar — ignoro por que motivo, uma vez que agi por um ímpeto do instinto — certos sons graves e indefinidos, audíveis quando a tempestade, a intervalos espaçados, dava trégua, e vindos eu não

sabia de onde. Tomado de um sentimento de horror, inexplicável e insuportável, vesti-me às pressas (pois eu decidira passar a noite em vigília) e busquei recuperar-me da condição miserável em que me encontrava andando ligeiro de um lado para o outro no quarto.

Mal havia eu começado a dar voltas quando passos na escada adjacente chamaram-me a atenção. Reconheci aquelas passadas como sendo as de Usher. No instante seguinte ele bateu de leve à minha porta e entrou, carregando uma lamparina. Seu rosto tinha, como sempre, uma aparência cadavérica — mas além disso havia um júbilo insano em seu olhar — uma *histeria contida*, patente no modo como se comportava. Aqueles ares me assustaram — mas qualquer coisa era preferível à solidão que tanto me afligira, e recebi aquela visita com alívio.

— O senhor não viu? — perguntou-me de repente, depois de ter olhado ao redor em silêncio por alguns instantes. — Diga-me, o senhor não viu? Pois então espere, e logo verá!

Com essas palavras ele arrojou-se a um dos batentes e escancarou-o à tempestade.

A fúria impetuosa da rajada que soprou por pouco não nos arrancou do piso. Era, de fato, uma noite tempestuosa, mas de uma beleza austera e de uma singularidade atroz em seu terror e encanto. Parecia haver um furacão nas proximidades, pois a direção do vento sofria alterações frequentes e violentas; e a extrema densidade das nuvens (tão baixas que chegavam a encostar nos torreões da mansão) não impediu que percebêssemos a velocidade vigorosa com que deslizavam de toda a parte umas contra as outras, sem se afastar rumo ao horizonte. Dizia eu que mesmo essa densidade extrema não impediu que percebêssemos a agitação — mesmo sem avistar a lua e as estrelas — e ainda que o relâmpago não houvesse refulgido nos céus. Mas a superfície das enormes massas de vapor revolto, assim como todos os objetos terrestres ao nosso redor, cintilavam com o brilho sobrenatural das tênues emanações gasosas que circundavam e envolviam a mansão.

— O senhor não… o senhor não pode ver uma coisa dessas! — disse eu tremendo, a Usher, ao mesmo tempo em que o conduzia, com uma violência gentil, da janela até uma poltrona. — Essas ilusões que tanto o perturbam não passam de fenômenos elétricos ordinários… ou pode ser que tenham sua terrível origem nos miasmas fétidos do lago. Vamos fechar a janela; está muito frio e isso lhe faz mal. Eis aqui um de seus

romances prediletos. Eu vou ler para o senhor; escute-me, e assim passaremos essa noite terrível em companhia um do outro.

O antigo tomo que eu havia pegado era o *Mad Trist* de Sir Launcelot Canning; o epíteto de romance favorito de Usher fora mais uma piada infeliz do que um comentário a sério, pois, na verdade, pouco há na prolixidade vulgar e pouco imaginativa desse volume que pudesse falar ao idealismo nobre e espiritual de meu amigo. Era, contudo, o único livro à disposição naquele instante; e eu nutria a vaga esperança de que pudesse abrandar o estado eufórico em que o hipocondríaco se encontrava (pois a história das aflições mentais registra inúmeras anomalias dessa natureza) mesmo com a leitura daqueles dislates inaproveitáveis. Com efeito, a julgar pelos ares de vivacidade inquieta com que ele escutava, ou parecia escutar, as palavras da história, eu bem poderia ter-me felicitado pelo sucesso da empreitada.

Eu havia chegado àquela famosa passagem em que Ethelred, o herói do *Trist*, tendo em vão buscado meios pacíficos de entrar na morada do eremita, decide abrir caminho à força. Nesse ponto, a aventura é narrada com as seguintes palavras:

Então Ethelred, que tinha o coração valoroso e além disso revigorara suas forças em virtude do vinho que sorvera, abandonou todas as tratativas com o eremita que, em verdade, era um homem obstinado e mau; e, sentindo a chuva cair-lhe pelas espáduas e a tormenta que se anunciava, ergueu incontinente a maça e, com golpes implacáveis, abriu um buraco nas tábuas da porta e lá enfiou a mão protegida pela manopla; e, forçando-a com grande vigor, tanto rachou e quebrou e despedaçou tudo o que lá havia que os barulhos da madeira seca e oca estrondearam e reverberaram por toda a extensão da floresta.

Ao término dessa frase, dei um sobressalto e por um instante detive-me; pois eu tivera a impressão (atribuída de imediato a um exagero de minha fantasia) — eu tivera a impressão de que, vindo de algum recôndito longínquo da mansão, havia-me chegado aos ouvidos, de modo quase imperceptível, o que, em vista da impressionante semelhança de caráter, poderia ser o eco (ainda que indistinto e abafado) das pranchas quebradas e despedaçadas que Sir Launcelot descrevia em grande detalhe. Sem dúvida fora essa coincidência o que me chamara a atenção; pois que, em meio ao estrépito dos caixilhos e batentes e aos vários barulhos próprios da tempestade, cuja fúria escalava, o som, em si mesmo, não haveria de ter

nada que pudesse-me despertar interesse ou inquietude. Retomei a narrativa:

Mas o bravo Ethelred, tendo cruzado o limiar da porta, tomou-se de fúria e surpresa ao perceber que não havia sinal do eremita perverso; mas, em seu lugar, um prodigioso dragão encouraçado com a língua de fogo, de guarda em frente a um palácio de ouro com piso de prata; e em uma parede havia um escudo de metal brilhante com a seguinte lenda gravada:

Quem vence o dragão, o escudo conquista.

E Ethelred ergueu a maça e desferiu um golpe sobre a cabeça do dragão, que lhe caiu aos pés e lançou vapores pestilentos da garganta, com um uivo tão horrendo e tão atroz, e ademais tão estridente, que Ethelred teve por bem cobrir os ouvidos com as mãos para abafar aquele terrível fragor, tal como jamais se ouvira.

Nesse ponto fiz mais uma interrupção abrupta, tomado de profundo espanto — pois não havia a menor dúvida de que, nessa instância, eu de fato ouvira (ainda que fosse incapaz de precisar a direção de onde viera) o som grave e aparentemente distante, mas ríspido, longo e muitíssimo incomum de um rangido ou de um grito — a réplica perfeita daquilo que minha fantasia logo antes conjurara a fim de representar o uivo do dragão conforme a descrição do romancista.

Oprimido, como eu decerto estava diante dessa segunda coincidência extraordinária, por incontáveis sensações conflituosas, dentre as quais o espanto e o terror absoluto predominavam, consegui manter presença de espírito suficiente para não exacerbar, por meio de quaisquer observações, a delicada condição nervosa de meu amigo. Eu não estava certo de que ele houvesse escutado os sons em questão; era, no entanto, inegável que os últimos minutos houvessem operado uma estranha alteração em seu comportamento. Aos poucos, Usher, que estava à minha frente, começou a virar a poltrona onde estava sentado, até que tivesse a porta do quarto diante de si; de modo que eu não lhe enxergava o rosto por inteiro, ainda que estivesse em condições de perceber que seus lábios fremiam como se estivesse a murmurar palavras inaudíveis. A cabeça pendia-lhe por sobre o peito — e no entanto eu sabia que ele não adormecera, pois, de perfil, notara de relance um olho aberto, como que paralisado. Os movimentos de seu corpo também estavam em desacordo com a ideia do sono — pois, na poltrona, ele oscilava de um lado para o outro, em um balanço delicado e

constante. Logo ao me aperceber de tudo isso, dei continuidade à narrativa de Sir Launcelot, que assim prosseguia:

E assim o herói, a salvo da terrível fúria do dragão e meditando sobre o lustroso escudo e a quebra daquele feitiço, tirou a carcaça do meio do caminho e, com grande bravura, galgou a prata que revestia o piso do castelo até o lugar onde o escudo pendia da parede; e este não aguardou a chegada do cavaleiro, mas caiu-lhe aos pés no chão de prata, com um enorme e rumoroso clangor.

Assim que essas palavras deixaram meus lábios — como se um pesado escudo de latão houvesse, de fato, naquele momento, caído sobre um piso de prata —, escutei uma reverberação inconfundível, oca, metálica e ribombante, ainda que abafada. Com os nervos em frangalhos, pus-me de pé num sobressalto; mas o balanço regular de Usher seguia imperturbável. Fui depressa até a cadeira que ele ocupava. Os olhos estavam fixos à frente, e a expressão no semblante, como que petrificada. Mas, ao sentir o toque da minha mão em seu ombro, toda sua figura estremeceu; um sorriso doentio pôs-lhe os lábios a fremir; e percebi que ele falava alguma coisa entre murmúrios graves, apressados e incompreensíveis, como se alheio à minha presença. Inclinado sobre meu amigo, por fim compreendi a terrível importância de suas palavras.

— O senhor não escuta?… pois eu escuto, e já havia escutado *antes*. Há muito… muito… muito tempo, há vários minutos, várias horas, vários dias que escuto… mas não tive coragem de… ah, tenha piedade de mim, desgraçado que sou!… eu não tive coragem… não tive *coragem* de falar! *Nós a enterramos viva!* Eu não disse que meus sentidos eram aguçados? Digo-lhe que *nesse exato instante* estou ouvindo os primeiros movimentos dela no caixão. Eu já os tinha ouvido… há muitos, muitos dias… mas não tive coragem de… *não tive coragem de falar!* E agora… essa noite… Ethelred… haha!… o arrombamento da porta do eremita, o último berro do dragão e o clangor do escudo!… ou melhor, a destruição do esquife, o ranger dos gonzos do caixão e as dificuldades na arcada revestida de cobre! Ah, para onde é que eu vou fugir? Será que em breve ela estará aqui? Não vem ela a passos rápidos censurar-me a pressa? Já não ouço os passos na escadaria? Não é esse o som pesado e terrível com que seu coração bate? louco! — e súbito ele se pôs de pé, berrando essa palavra, como se pusesse toda a alma naquele esforço — Louco! Saiba que ela está à nossa porta!

Como se a energia sobre-humana dessas palavras tivesse o poder de um encanto — a enorme e vetusta porta logo começou a abrir, devagar, sua grave bocarra de ébano. Era obra da rajada que soprava — mas de fato, no outro lado da porta, erguia-se a figura altiva e amortalhada de Lady Madeline of Usher. Os mantos brancos estavam maculados pelo sangue, e toda sua figura lívida ostentava os sinais da amaríssima batalha. Por um momento ela ficou tremendo e cambaleando de um lado para o outro no limiar da porta; logo, com um urro grave, caiu sobre a figura do irmão e, nos últimos frêmitos da morte agonizante, derrubou-o já sem vida ao chão, vítima dos terrores que havia previsto.

Aterrorizado, fugi do quarto e da mansão. A tempestade ainda rugia em toda sua fúria quando cruzei a estrada. De repente o caminho iluminou-se com uma luz exuberante, e eu me virei para descobrir a origem de um clarão tão incomum; pois aquele recanto era ocupado pela mansão e suas sombras. O brilho era o da lua cheia que, tingida de sangue, cintilava, radiante, através daquela fissura outrora a custo perceptível que, como tive ocasião de relatar, descia desde o teto da construção, em zigue-zague, até suas fundações. A olhos vistos, a rachadura alargou-se — o furacão fez sentir sua rajada — a orbe lunar entrou, por inteiro, no meu campo de visão — meus pensamentos rodopiavam enquanto eu via as robustas paredes desabarem — houve um som de gritos tumultuosos como a voz de mil cachoeiras — e as águas do lago fétido e profundo a meus pés fecharam-se, negras e silenciosas, sobre os destroços da casa de usher.

---

1. Watson, dr. Percival, Spallanzani e, especialmente, o bispo de Landaff. Ver “Chemical Essays”, vol. v. [N. do A.]↩

Herman Melville

Herman Melville (1819–1891), um nova-iorquino que passou boa parte da vida como marinheiro, depois de haver desertado nas Ilhas Marquesas, no Pacífico, iniciou sua carreira literária com *Typee* (1846) e *Omoo* (1847), relatos desse episódio e de sua convivência com os povos ilhéus. Ambos se tornaram verdadeiros *best-sellers* à época, fato que não mais se repetiria em sua carreira literária. Ao contrário, suas obras posteriores, de *Mardi* a *The confidence-man*, passando por *Moby Dick* e *Pierre*, entre outras, serão repetidos fracassos. No final da vida, esquecido e trabalhando como inspetor de alfândega do porto de Nova York, dedica-se silenciosamente à poesia e à criação de sua última obra-prima, *Billy Budd*, também inspirada em suas experiências no mar, e publicada postumamente. A posteridade, contudo, seria mais generosa e também mais lúcida em relação ao seu valor literário, a começar por *Moby Dick*, que se tornaria uma das obras exemplares, em mais de um sentido, da modernidade. Na verdade, é uma das poucas obras modernas que foram capazes de alcançar certa dimensão épica, ainda que, compreensivelmente, de uma épica às avessas, e, portanto, de um (anti)mito. A começar dos nomes bíblicos de seus dois personagens humanos principais, o narrador, Ismael — referência ao filho errante de Abraão, e o capitão, Ahab — nome de um rei da antiga Israel que se deixou seduzir pelo culto idólatra a Baal, e que por isso foi morto por Deus no meio de uma batalha. O capitão também se deixa seduzir por um "demônio", a grande baleia branca, cuja caça se torna uma obsessão, uma "idolatria" — além de uma batalha na qual ele perderá a vida. Moby Dick, a grande baleia, adquire por sua vez uma dimensão polissêmica, pela qual sintetiza todas as grandes forças que estão além das grandes forças da sociedade industrial, a técnica, o plano, a razão, a vontade. Ahab, em seu navio armado de arpões acoplados a canhões, é na verdade uma pequena cápsula da civilização industrial lançado no vasto oceano do incognoscível, e, portanto, do incontrolável — e é o incontrolável materializado por Moby Dick o inimigo contra o qual Ahab se bate, não como um antigo herói combatendo com meios adequadamente heroicos monstros adequadamente monstruosos, mas como um pequeno anti-herói inadequadamente armado pela técnica

combatendo um “monstro” inadequadamente assim transformado por sua própria ação. O romance, em todo caso, é complexo demais para poder ser reduzido a uma crítica à civilização industrial, e muito menos a uma alegoria do embate entre civilização e natureza. Mesmo porque, Moby Dick também representa o Incontrolável em si, a morte. Ahab assume, então, a dimensão de um verdadeiro herói, no sentido em que os heróis o são precisamente porque é a sua ação que determina sua tragédia — e porque suas lutas são sempre, afinal, uma única luta, que deve ser travada para ser perdida, pois contra a mesma morte; daí, afinal, qualquer possível heroísmo.

O texto de Melville aqui reproduzido, “Hawthorne e seus musgos”, não é uma peça de ficção, mas tampouco deixa de sê-lo. Quase à maneira de Borges, é, como escreve o tradutor, um híbrido literário: “De ‘Hawthorne e seus musgos’, diz-se geralmente que se trata de um ensaio ou, mais precisamente, de um ensaio crítico de um grande escritor americano sobre outro. No entanto, se fosse mesmo necessário encaixá-lo em algum gênero, ele estaria, mais do que inaugurando um novo gênero literário, se integrando ao movimento de constituição de uma nova literatura, ela mesma expressão do movimento revolucionário da constituição de um povo, de um novo mundo. Melville, escritor americano, inventa o *patchwork* na literatura enquanto a América vai se construindo como colcha de retalhos, com imigrantes de vários países. […] Mais que um ensaio literário, “Hawthorne e seus musgos” é o relato de uma experimentação que se exprime em traços ou fragmentos, que se dá a ver tal como ela se desenrola em seu próprio processo de formação, deixando aparecer em sua textura mesma, mais ou menos discerníveis, flagrantes por vezes, as marcas de reorientações, retomadas e remanejamentos sofridos, que lá permanecem como que para testemunhar o que terá sido a criação: movimento e busca, movimento de uma busca. Assim, vemos fragmentos autobiográficos se juntarem a outros de crítica e de resenha literária, de digressões metafísicas seguidas de exortações de cunho político”.

Tradução Luiz Roberto Takayama.

Hawthorne e seus musgos

Por um virginiano passando o mês de julho em Vermont

Um quarto forrado com papel de parede numa boa e velha casa de fazenda, a uma milha de qualquer outra habitação e mergulhada até o beiral na folhagem; cercada por montanhas, antigas florestas e açudes índios — este é, com certeza, o lugar para se escrever sobre Hawthorne. Há um certo encanto neste ar do norte pois o amor e o dever parecem ambos nos impelir à essa tarefa. Um homem de natureza grandiosa e profunda apossou-se de mim neste isolamento. Selvagem e enfeitiçadora, sua voz ressoa em mim; ou, em intonações mais doces, pareço ouvi-la no canto dos pássaros da colina, que cantam nos lariços junto à minha janela.

Quem dera todos os excelentes livros fossem crianças abandonadas, sem pai nem mãe; fosse assim, e poderíamos prestar-lhes homenagem sem mencionar seus pretensos autores. Nenhum homem de verdade recusaria isso —; e muito menos aquele que escreve: "Quando o Artista se eleva alto o suficiente para alcançar a Beleza, o símbolo pelo qual a faz perceptível aos sentidos mortais torna-se de pouco valor a seus olhos, enquanto seu espírito possui a si mesmo no gozo da realidade".

Mais do que isso. Não sei qual seria o nome correto para colocar na página de rosto de um excelente livro, mas tenho a impressão de que os nomes de todos os bons autores são fictícios, muito mais do que aquele de Junius — significando claramente, como eles o fazem, o místico e sempre esquivo Espírito de toda Beleza, que, de modo ubíquo, possui os homens de gênio. Por mais puramente inventiva que essa fantasia se apresente, ela parece receber entretanto alguma garantia do fato de que, em um encontro pessoal, nenhum grande autor jamais se elevou à idéia que dele fazia seu leitor. Mas como esse pó, de que nossos corpos são compostos, poderia exprimir de maneira adequada as mais grandiosas capacidades que se encontram entre nós? E diga-se, com todo o respeito, que nem mesmo no caso de alguém considerado superior ao homem, nem mesmo em nosso Salvador, puderam seus traços visíveis indicar qualquer sinal do caráter augusto de sua natureza interior. Senão, como poderiam aqueles judeus, testemunhas oculares, não ter visto o paraíso em Seu olhar?

É surpreendente como um homem pode viajar ao longo de um caminho no campo e, contudo, perder a mais esplêndida ou a mais doce vista por

causa de uma cerca interposta, tão parecida com todas as outras cercas, que nada deixa adivinhar da vasta paisagem que se estende além. Assim foi para mim no que diz respeito à encantadora paisagem na alma desse Hawthorne, desse extraordinário Homem dos Musgos. Seu "Velho Presbitério" foi escrito há quatro anos já, mas nunca o tinha lido até um ou dois dias atrás. Eu o tinha visto nas livrarias — tinha ouvido falar dele amiúde — ele me havia sido mesmo recomendado por um amigo de bom gosto como um ótimo livro, sereno, talvez demasiado merecedor de popularidade para ser popular. Mas, há tantos livros que são chamados de "excelentes" e tantos os de mérito que são impopulares que, em meio a grande agitação de outras coisas, a sugestão de meu amigo de bom gosto foi desconsiderada e, por quatro anos, os *Musgos de um velho presbitério* nunca me refrescaram com seu verde vivaz. Pode ser, entretanto, que com todo esse tempo o livro, como o vinho, só tenha ganhado corpo e aroma. De qualquer modo, ocorreu que essa longa procrastinação redundou em um feliz resultado. Outro dia, no café da manhã, uma jovem da montanha, minha prima, que nas últimas duas semanas tem me servido todas as manhãs morangos e framboesas — os quais, como as rosas e as pérolas nos contos de fadas, parecem cair dentro do pires vindos desses canteiros de morangos que são suas bochechas — essa agradável criatura, essa charmosa Cherry me diz: "Vejo que você passa suas manhãs no celeiro, e lá eu encontrei ontem as *Viagens à Nova Inglaterra* de Dwight. Ora, tenho algo muito melhor que isso, algo mais apropriado ao nosso verão nessas montanhas. Tome essas framboesas e depois lhe darei algum musgo". "Musgo!", disse eu. "Sim, e você deve levá-lo à granja com você, e adeus Dwight."

Assim ela me deixou e logo retornou com um volume viçosamente encadernado e adornado com um curioso frontispício em verde — nada menos que um pedaço de musgo verdadeiro habilmente aplicado sobre a folha de guarda. "Ora!", disse eu deixando cair minhas framboesas, "isso é *Musgos de um velho presbitério.*". "Sim", disse prima Cherry, "sim, é aquele floreado do Hawthorne". "Hawthorne e Musgos", disse eu, "basta, é de manhã, é julho no campo e eu vou para a granja".

Estendido sobre trevos recém-ceifados, a brisa da vertente da colina soprando sobre mim através da ampla porta da granja e apaziguado pelo zunido de abelhas nas campinas circundantes, de que forma mágica se insinuou em mim esse Homem dos Musgos! E quão satisfatoriamente,

quão generosamente cumpriu aquela deliciosa promessa a seus convidados do Velho Presbitério, a respeito dos quais está escrito: “Outros podem proporcionar-lhes prazer, divertimento ou instrução — tais coisas podem ser adquiridas em qualquer lugar — mas cabe a mim dar-lhes repouso. Repouso numa vida de atribulações! O que de melhor se poderia fazer a espíritos fatigados, cansados desse mundo? O que de melhor poderia ser feito para alguém que entra em nosso círculo mágico do que lançar sobre ele o feitiço de um espírito mágico?”. Assim, ao longo daquele dia, semimergulhado no trevo fresco, eu contemplava, de Hawthorne, essa “aurora assíria, o pôr do sol e o nascer da lua pafianos do cume de nossa Colina Oriental”.

Os suaves arrebatamentos do homem enredaram-me numa teia de sonhos e, quando o livro foi fechado, quando o sortilégio se findou, esse mágico “despediu-se apenas com confusas reminiscências, como se eu tivesse sonhado com ele”.

Que meigo luar de humor contemplativo banha aquele Velho Presbitério! — a rica e rara destilação de um coração pungente escoando lentamente. Nenhuma grosseria escandalosa, nenhum gracejo vulgar nutrido por banquetes opulentos e procriado em borras de vinho mas um humor tão espiritualmente gentil, tão elevado, tão profundo e, no entanto, tão ricamente saboroso que dificilmente seria desapropriado num anjo. É a religião mesma da alegria; pois não há nada de tão humano que não possa se elevar até aí. O pomar do Velho Presbitério parece ser o emblema visível do espírito esplêndido que o descreveu. Essas velhas árvores tortas e disformes “que estendem seus ramos curvos e que se apoderam tão bem da imaginação que nós nos lembramos delas como acontecimentos singulares e excêntricos.” E então, cercado por essas formas grotescas e silenciado no repouso do meio-dia pelo sortilégio de Hawthorne, quão apropriadamente pode a tranquila queda de seus rubros pensamentos em sua alma ser simbolizada pelo “som pesado de uma grande maçã, na tarde mais serena, caindo sem um sopro de vento, da mera necessidade de sua perfeita madureza!” Pois não menos maduras e rubras são as maçãs dos pensamentos e das fantasias desse doce Homem dos Musgos.

Botões de flores e cantos de pássaros — que coisa deliciosa é isso! — “Estará já o mundo tão decadente para que a Primavera não possa renovar seu verdor?” E o *Culto do Fogo*? Já teria sido a lareira tão exaltada como um altar? O simples título desse conto é melhor que qualquer outra obra

comum em cinquenta volumes in-folio. Como é perfeito isso: “Nem era diminuído o charme de sua suave e familiar cortesia e prestimosidade pelo fato de que o espírito poderoso, se lhe fosse oferecida a ocasião, desembestaria pela pacífica casa, envolveria seus habitantes com seu terrível abraço e deles nada deixaria sobrar exceto seus ossos embranquecidos. Essa possibilidade de louca destruição só fez ficar mais bela e comovente sua doméstica gentileza. Era tão meigo de sua parte, sendo dotado de um tal poder, ficar estendido, dia após dia e uma longa e solitária noite após outra, sobre o piso enegrecido do avanço da lareira, traindo somente, uma vez ou outra, sua natureza selvagem ao empurrar sua língua vermelha para fora do topo da chaminé! Verdade, ele fez muita maldade no mundo e, certamente, estava prestes a fazer ainda mais, mas seu coração caloroso reparava tudo. Ele era bom para a raça humana”.

Mas ele tinha ainda outras maçãs, não completamente tão vermelhas, embora plenamente tão maduras —; maçãs que foram deixadas a murchar nas árvores após ter passado a agradável colheita de outono. A composição do *Velho Mercador de Maçãs* é concebida no mais sutil espírito de tristeza; aquele cuja “infância submetida e tímida prefigurava sua aurora abortada, que continha igualmente dentro de si a profecia e a imagem de sua magra e entorpecida velhice”. Sensibilidades como as que se encontram nesse trecho não podem proceder de um coração comum. Elas denotam uma tal profundidade de ternura, uma tal ilimitada simpatia por todas as formas de ser, um amor tão onipresente, que somos obrigados a dizer que esse Hawthorne é aqui quase o único de sua geração pelo menos na artística manifestação de tais coisas. Mais ainda. Sensibilidades como essas e muitas, muitas outras similares, ao longo de todos os seus capítulos — fornecem chaves que nos permitem penetrar um pouco mais no intrincado e profundo coração de onde se originaram. E vemos que o sofrimento, numa época ou noutra e numa forma ou noutra somente ele pode capacitar algum homem para desenhá-lo nos outros. Sobre toda sua pessoa, a melancolia de Hawthorne repousa como um Verão Índio que, embora banhando uma região inteira na mesma doçura, ainda revela a nuança distintiva de cada grande colina e de cada vale serpenteando ao longe.

Mas é a menor parte do gênio que provoca admiração. Até onde Hawthorne é conhecido, ele parece ser considerado um escritor agradável com um estilo agradável um homem tranquilo e inofensivo de quem

dificilmente se esperaria alguma coisa profunda e pesada: um homem que não quer significar nada de significante. Mas não há homem algum no qual o humor e o amor, como os picos de uma montanha, sobem a uma tal sublime altura como para receber as irradiações dos mais altos céus —; não há homem algum no qual humor e amor são desenvolvidos nessa elevada forma chamada gênio; nem tal homem pode existir sem também possuir como o indispensável complemento destes, um grande, um profundo intelecto que mergulha no universo como uma sonda. Ou, amor e humor são somente os olhos através dos quais um tal intelecto vê seu mundo. A grande beleza num tal espírito não é senão o produto de sua força. O que, para todos os leitores, pode ser mais encantador do que a peça intitulada *Monsieur du Miroir*?; e, ao mesmo tempo, para um leitor de alguma maneira capaz de sondá-lo plenamente, o que pode possuir mais mística profundidade de significação? Sim, lá ele se senta e me olha essa "forma de mistério", esse "idêntico Monsieur du Miroir". "Parece-me que deveria tremer agora, se seu mágico poder de deslizar através de todos os obstáculos para me achar o colocasse subitamente diante de meus olhos".

Quão profunda, não, quão assustadora é a moral desenvolvida pelo *Earth's Holocaust*; onde — começando com as ocas loucuras e afetações do mundo todas as vaidades, todas as teorias e formas vazias são, uma após a outra e por uma extensão admiravelmente gradual e crescente, lançadas no fogo alegórico até que, finalmente, nada reste senão o coração humano que tudo engendra; o qual permanecendo ainda não consumado, a grande conflagração não é nada.

Assim como essa peça, *Intelligence Office* é uma maravilhosa simbolização das operações secretas nas almas dos homens. Há outros contos, ainda mais carregados de grave significação.

The Christmas Banquet e *The Bosom Serpent* seriam bons temas para uma estranha e elaborada análise relativa às partes conjeturais da mente que as produziu. Pois, a despeito de toda a luz do sol do verão índio sobre este lado da alma de Hawthorne, o outro lado — como a metade escura da esfera física — está coberto de um negrume dez vezes mais negro. Mas, essa escuridão não faz senão dar mais efeito à aurora sempre em movimento que avança sem cessar através dela e navega em torno de seu mundo. Que Hawthorne tenha simplesmente se servido desse negrume místico como um meio para produzir os efeitos maravilhosos de suas luzes e sombras, ou que realmente nele se esconda, talvez sem ele mesmo saber,

um toque de obscuridade puritana isso eu não saberia dizer. É certo, contudo, que esse grande poder de negrume que o habita tira sua força de seus apelos àquela idéia calvinista de Inata Depravação e de Pecado Original, de cujas visitações, de uma forma ou de outra, nenhuma mente de pensamentos profundos está inteiramente livre para sempre. Pois, em certos estados de espírito, nenhum homem pode pesar esse mundo sem inserir alguma coisa na balança, algo como o Pecado Original para restabelecer o equilíbrio. Em todo caso, talvez nenhum escritor tenha alguma vez agitado esse espantoso pensamento com maior terror do que esse mesmo inofensivo Hawthorne. Mais ainda: esse conceito negro o impregna, de parte a parte. Você pode ser enfeitiçado por sua luz de sol, transportado pelas brilhantes cintilações dos céus que ele constrói acima de você —; mas há o negrume das trevas além; e mesmo suas brilhantes cintilações não são senão franjas a jogar sobre as bordas de nuvens de trovão. Numa palavra, o mundo se engana a respeito desse Nathaniel Hawthorne. Ele mesmo deve ter sorrido várias vezes com esse absurdo engano sobre si. Ele é incomensuravelmente mais profundo que a sonda do simples crítico. Pois não é o cérebro que pode examinar um tal homem; é somente o coração. Não podemos chegar a conhecer a grandeza inspecionando-a; não há nenhum olhar que a apreenda a não ser por intuição; não precisamos fazê-la tilintar, mas somente tocá-la e descobriremos que é ouro.

Ora, é esse negrume em Hawthorne de que falei que tanto me cativa e me fascina. Pode ser, todavia, que ele seja demasiado desenvolvido nele. Talvez ele não nos dê um raio de sua luz para cada sombra de sua escuridão. Mas, seja como for, é esse negrume que fornece a infinita obscuridade de seu pano de fundo esse pano de fundo sobre o qual Shakespeare joga com seus mais magníficos conceitos, coisas que lhe valeram seu mais alto renome, embora mais circunscrito, como o mais profundo dos pensadores. Pois Shakespeare não é adorado pelos filósofos como o grande homem da tragédia e da comédia. “Que cortem sua cabeça! Chega de Buckingham!”, essa espécie de fala extravagante, interpolada por outra mão, faz a platéia explodir em aplausos essas almas enganadas que imaginam Shakespeare como um simples homem das corcundas de Ricardo iii e dos punhais de Macbeth. Mas, são essas coisas muito profundas nele; são esses jorros ocasionais da Verdade intuitiva nele; essas curtas e rápidas sondagens do eixo mesmo da realidade —; tais são as

coisas que fazem Shakespeare ser Shakespeare. Pelas bocas dos sombrios personagens de Hamlet, Timão, Lear e Iago, ele diz astuciosamente ou às vezes insinua coisas que sentimos serem espantosamente verdadeiras, que não seriam senão loucura para qualquer homem de bem enunciá-las ou mesmo sugeri-las em seu próprio nome. Atormentado até o desespero, Lear o rei frenético, arranca sua máscara e emite a sensata loucura da verdade vital. Mas, como disse antes, é a menor parte do gênio que atrai a admiração. E assim, muito da cega e desenfreada admiração que tem sido cumulada a Shakespeare é dissipada sobre a menor parte dele. E poucos de seus infindáveis comentadores e críticos parecem ter se lembrado ou mesmo se apercebido de que os produtos imediatos de um grande espírito não são tão grandes quanto aquela não desenvolvida (e, algumas vezes, não desenvolvível) e, contudo, palidamente discernível grandeza da qual esses produtos imediatos são apenas os infalíveis indícios. No túmulo de Shakespeare jaz infinitamente mais do que Shakespeare já escreveu. E, se exalto Shakespeare, não é tanto pelo que ele fez mas antes pelo que ele não fez ou se absteve de fazer. Pois, neste mundo de mentiras, a Verdade é forçada a fugir como uma corça branca assustada, na floresta; e somente por lampejos fugazes ela se revelará, como em Shakespeare e noutros mestres da grande Arte de Contar a Verdade ainda que veladamente e por fragmentos.

Mas, se esse modo de ver o popularíssimo Shakespeare é raramente o de seus leitores, e, se muito poucos dos que o louvam, alguma vez o leram profundamente ou talvez somente o tenham visto sobre o palco enganador (que, sozinho, faz e continua a fazer apenas seu renome na multidão) se poucos homens têm tempo, paciência ou gosto pela verdade espiritual tal como ela se encontra nesse grande gênio —; então, não é surpresa que, em nossa época, Nathaniel Hawthorne seja um homem quase inteiramente incompreendido até agora entre os homens. Lá e cá, em alguma tranquila poltrona na cidade ruidosa, ou em algum profundo recanto entre as silenciosas montanhas, ele pode ser apreciado por algo que ele é. Mas, diferentemente de Shakespeare, que foi forçado pelas circunstâncias a tomar o partido contrário, Hawthorne (seja por simples falha de inclinação, seja por inaptidão) se abstém de todo o barulho e de todo alarde da grande farsa e da tragédia manchada de sangue que atraem a popularidade; satisfeito com as tranquilas e ricas efusões de um grande intelecto em repouso, e que envia poucos pensamentos à circulação, exceto

quando são levados pelas artérias até seus grandes pulmões calorosos e expandidos em seu honesto coração.

Não é, porém, necessário que nos fixemos nesse seu negrume se isto não nos convém. Na verdade, nem todos os leitores o discernirão, pois ele é, na sua maior parte, apenas insinuado àqueles que podem melhor compreendê-lo e explicá-lo; ele não é imposto a todos igualmente.

Alguns podem se assustar ao ler Shakespeare e Hawthorne sobre a mesma página. Se um exemplo fosse necessário, eles podem dizer que menos luz bastaria para elucidar esse Hawthorne, esse pequeno homem nascido ontem. Mas, de bom grado, não sou um daqueles que, no que se refere a Shakespeare pelo menos, exemplifica a máxima de Rochefoucauld segundo a qual "exaltamos a reputação de alguém a fim de rebaixar a dos outros"; um daqueles que, para ensinar aos aspirantes à alma nobre que não há esperanças para eles, declaram Shakespeare completamente inalcançável. Mas Shakespeare tem sido quase alcançado. Há mentes que penetraram tão longe quanto Shakespeare no universo. E dificilmente existe um mortal que, num momento ou noutro, não tenha sentido em si tão grandes pensamentos quanto alguns daqueles que se encontram em Hamlet. Não devemos, por inferência, difamar a humanidade por causa de homem algum, seja ele quem for. Esta é uma compra de contentamento demasiado barata para a mediocridade consciente fazer. Além disso, essa absoluta e incondicional adoração por Shakespeare cresceu tanto que se tornou uma parte de nossas superstições anglo-saxônicas. Os Trinta e Nove artigos agora são Quarenta. A intolerância se introduziu nesse assunto. Vocês têm de acreditar que Shakespeare é inalcançável ou então abandonem o país. Mas, que espécie de crença é essa para um americano, um homem que é obrigado a carregar o progressismo republicano na Literatura bem como na Vida? Creiam-me, meus amigos, que Shakespeares estão nascendo neste dia às margens do Ohio. E ainda virá um dia quando diremos "quem lê um livro de um inglês moderno?" O grande erro parece ser que, mesmo com aqueles americanos que aguardam a vinda de um grande gênio literário entre nós, eles, de algum modo, imaginam que este virá em trajes do tempo da rainha Elizabeth que ele será um escritor de dramas fundados sobre a história antiga da Inglaterra ou sobre os contos de Bocaccio. Ao passo que grandes gênios são partes de suas épocas; eles mesmos são suas épocas e possuem uma coloração correspondente. Da mesma maneira os judeus que, enquanto seu Messias

caminhava humildemente por suas ruas, ainda rezavam pela sua grandiosa chegada; procurando numa carruagem quem já estava entre eles montado em um asno. Não devemos nos esquecer de que, em sua própria época, Shakespeare não era Shakespeare, mas somente o Senhor William Shakespeare da hábil e florescente firma de Condell, Shakespeare & Co., proprietários do Globe Theatre de Londres; e que foi criticado por um autor cortês chamado Greene como sendo um "corvo arrogante" embelezado "com plumas de outros pássaros". Pois notemos bem, a imitação é frequentemente a primeira acusação lançada contra a verdadeira originalidade. Por que é assim, não há espaço para expor aqui. É preciso ter um grande espaço marinho para nele enunciar a Verdade; especialmente quando ela parece ter um aspecto de novidade, como a América em 1492, embora ela fosse tão antiga e talvez mais antiga do que a Ásia; somente que esses filósofos sagazes, marinheiros comuns, nunca a tinham visto antes, jurando que lá não havia senão água e luar.

Ora, não digo que Nathaniel de Salem seja maior que William de Avon, ou tão grande quanto. Mas, a diferença entre os dois homens não é, de forma alguma, incomensurável. Com alguma coisa a mais, Nathaniel será verdadeiramente William.

Quero dizer também que, se Shakespeare não tem sido igualado, ele certamente será superado, e superado por um americano nascido agora ou que ainda está por nascer. Pois jamais nos bastará, que na maioria das outras coisas superamos o mundo em feitos assim como em vanglória, jamais nos bastará cruzarmos os braços e dizer: não além desse ponto não se pode avançar. Tampouco nos servirá, de modo algum, dizer que o mundo está ficando grisalho e encanecido agora, e que perdeu aquele fresco encanto que tinha outrora e em virtude do qual os grandes poetas dos tempos passados se tornaram o que estimamos que eles sejam. Não. O mundo é hoje tão jovem quanto no dia em que foi criado; e este orvalho matinal de Vermont é tão úmido aos meus pés quanto o orvalho do Éden foi aos pés de Adão. E tampouco a natureza foi totalmente revirada por nossos antepassados a ponto de não restar encantos e mistérios para essa última geração encontrar. Longe disso. A trilionésima parte ainda não foi dita; e tudo o que já foi dito apenas multiplica as possibilidades para o que resta ser dito. Não é tanto a escassez, mas a superabundância de materiais o que parece incapacitar os autores modernos.

Deixem, pois, a América prezar e estimar seus escritores; sim, deixem-na glorificá-los. Eles não são em tão grande número para que possam esgotar sua boa vontade. E, uma vez que ela tem bons amigos e parentes de sua própria família para encerrá-los em seu seio, não a deixem esbanjar seus abraços à família de um estrangeiro. Pois, acreditem ou não, a Inglaterra, afinal de contas, é, em muitas coisas, uma estranha para nós. A China é mais íntima e tem mais verdadeiro amor por nós do que ela. Mas, mesmo que não houvesse Hawthorne, Emerson, Whittier, Irving, Bryant, Dana, Cooper, Willis (não o autor de *Dashes,* mas o de *Belfry Pigeon*) — que não houvesse nenhum deles e outros do mesmo calibre entre nós, ainda assim, deixem a América prezar primeiro a mediocridade, mesmo em seus próprios filhos, antes que ela preze (pois em todos os lugares o mérito exige o reconhecimento de todos) a melhor excelência nos filhos de qualquer outro país. Deixem que seus próprios autores, digo eu, tenham a prioridade de apreciação. Fiquei muito contente com um impetuoso primo meu da Carolina que disse certa vez: "Se não houvesse na Literatura nenhum outro americano para defender ora, então eu defenderia Pop Emmons e sua *Fredoníada*, até que surgisse uma melhor epopéia, e juraria que ela não está muito atrás da *Ilíada*". Deixando as palavras de lado, em espírito, ele estava com a verdade.

Não que o gênio americano necessite de patrocínio a fim de se expandir. Pois essa espécie explosiva de substância se expandirá, mesmo que parafusada num torno, e o arrebentará, mesmo que este seja de aço triplo. É pelo bem da nação, e não pelo de seus autores, que desejaria ver a América atenta à crescente grandeza de seus escritores. Pois, que grande vergonha seria se outras nações viessem antes dela coroar seus heróis da pena. Mas, é quase este o caso agora. Autores americanos têm recebido mais justos e distintivos elogios (conquanto arrogante e ridiculamente dados em certos casos) mesmo de algum inglês do que de seus próprios compatriotas. Há, quando muito, cinco críticos na América; e muitos deles estão adormecidos. Com respeito ao patrocínio, é o autor americano que patrocina hoje o seu país e não o seu país que o patrocina. E se, algumas vezes, alguns dentre eles fazem apelo ao povo por maior reconhecimento, não o fazem sempre por motivos interesseiros, mas patrióticos.

É verdade que poucos dentre eles têm manifestado aquela originalidade indiscutível que merece grande louvor. Mas, aquele agradável escritor que, por acaso, dentre todos os americanos, tem

recebido os maiores aplausos de seu próprio país por suas produções aquele muito popular e afável escritor, embora bom e autoconfiante em muitas coisas, talvez deva a maior parte de sua reputação à imitação consciente de um modelo estrangeiro e à fuga estudada de todos os tópicos que não os mais fáceis. No entanto, é melhor fracassar na originalidade do que ter sucesso na imitação. Aquele que nunca fracassou em alguma parte, tal homem não pode ser grande. O fracasso é a verdadeira prova de grandeza. E, se dissermos que o repetido sucesso é uma prova de que um homem conhece sabiamente seus poderes é somente para acrescentar, neste caso, que ele os conhece por serem pequenos. Deixem-nos acreditar, portanto, de uma vez por todas, que não há esperança para nós nesses fáceis e agradáveis escritores que conhecem seus poderes. Seja dito sem malícia, mas para falar do fato pura e simplesmente, eles não fornecem senão um apêndice a Goldsmith e a outros autores ingleses. E nós não queremos Goldsmiths americanos; não, não queremos Miltons americanos. A coisa mais intolerável que se poderia dizer de um verdadeiro autor americano seria a de que ele não passa de um Tompkins americano. Chame-o de um americano e pronto; pois não se pode dizer coisa mais nobre sobre ele. Isso não quer dizer que todos os escritores americanos devam aderir deliberadamente à nacionalidade em seus escritos; mas somente isso, que nenhum escritor americano deve escrever como um inglês ou um francês; deixem-no escrever como um homem, pois assim estará seguro de escrever como um americano. Deixem-nos longe dessa influência bostoniana de servilismo literário à Inglaterra. Se alguém deve mesmo desempenhar o papel de lacaio neste assunto, deixem a Inglaterra fazê-lo e não nós. E não está distante a hora em que as circunstâncias possam forçá-la a isso. Enquanto estamos rapidamente nos preparando para aquela supremacia política entre as nações, que espera por nós profeticamente no fim deste século; de um ponto de vista literário, estamos deploravelmente despreparados para isso; e parecemos zelosos em permanecermos assim. Até o presente, pôde haver razões para que assim fosse; mas já não existe nenhuma boa razão para isso. E tudo o que é exigido para se emendar nesse assunto é simplesmente o seguinte: que, embora reconhecendo livremente toda excelência em qualquer lugar que seja, devemos nos refrear em louvar indevidamente escritores estrangeiros e, ao mesmo tempo, reconhecer devidamente os escritores meritórios que nós temos —; esses escritores que respiram aquele espírito democrático

inabalável da cristandade em todas as coisas, que agora praticamente dirige este mundo embora, ao mesmo tempo, dirigido por nós mesmos — nós, americanos. Deixem-nos condenar audaciosamente toda imitação, ainda que ela venha para nós graciosa e fragrante como a manhã; e encorajar toda originalidade, ainda que, no começo, ela seja tão intratável e tão feia quanto os nós de nossos pinheiros. E, se algum de nossos autores fracassar ou parecer fracassar, então, nas palavras de meu entusiasmado primo de Carolina, deixem-nos dar um tapa em suas costas e apoiá-lo contra toda a Europa para seu segundo *round*. A verdade é que, do nosso ponto de vista, essa questão de uma literatura nacional chegou a tal ponto conosco que, num certo sentido, devemos nos tornar briguentos senão a batalha estará perdida ou a superioridade tão longe de nós que dificilmente podemos dizer que ela será nossa alguma vez.

E agora, meus compatriotas, como um excelente autor de sua carne e de seu sangue um homem que não imita e, talvez a seu modo, um homem inimitável — quem melhor posso eu recomendar a vocês, em primeiro lugar, do que Nathaniel Hawthorne? Ele é um da nova, e de longe, da melhor geração de seus escritores. O odor de suas faias e de seus pinheiros o impregna; suas próprias vastas pradarias estão em sua alma; e se vocês adentrarem em sua profunda e nobre natureza, ouvirão o distante rugir de seu Niágara. Não deixem para as gerações futuras o alegre dever de reconhecê-lo pelo o que ele é. Tomem essa alegria para vocês mesmos, em sua própria geração; e então ele sentirá esses gratos impulsos nele que podem possivelmente incitá-lo ao pleno florescer de alguma façanha ainda maior a seus olhos. E, ao reconhecê-lo, dessa maneira, vocês reconhecem os outros; abraçam a irmandade inteira. Pois o gênio, no mundo inteiro, fica de mãos dadas, e um só choque de reconhecimento percorre todo o círculo.

Em se tratando de Hawthorne, ou antes, de Hawthorne em seus escritos (pois jamais vi o homem e, nas chances de uma pacata vida de agricultor, distante dos lugares que ele frequenta, talvez nunca hei de vê-lo), em se tratando de suas obras, até aqui omiti toda menção a seus *Twice-Told Tales* e a sua *A letra escarlate*. Ambos são excelentes; mas cheios de tão múltiplas, estranhas e difusas belezas que me faltaria tempo para apontar somente a metade delas. Mas há coisas nesses dois livros que, tivessem sido elas escritas na Inglaterra há cem anos atrás, Nathaniel Hawthorne teria tomado plenamente o lugar de muitos dos ilustres nomes que nós

agora respeitamos com vigor. Não obstante, fico contente em deixar Hawthorne a si mesmo e à infalível busca de posteridade; e quão grandes possam ser os louvores que concedi a ele, sinto que, fazendo isso, servi e honrei mais a mim mesmo do que a ele. Pois, no fundo, a grande excelência é louvor suficiente para si mesma; mas o sentimento de um amor e de uma admiração sinceros e apreciativos em relação a ele é auxiliado pela expressão; e o louvor caloroso e honesto sempre deixa um agradável sabor na boca; e é uma coisa nobre confessar o que é nobre nos outros.

Mas não posso abandonar meu tema ainda. Nenhum homem pode ler um bom autor e saboreá-lo até os ossos enquanto lê sem fantasiar em seguida, para si mesmo, alguma imagem ideal do homem e de seu espírito. E, se vocês procurarem corretamente, encontrarão quase sempre que o próprio autor lhes forneceu em algum lugar seu próprio retrato. Pois os poetas (seja em prosa ou em versos), sendo pintores da natureza, são, como seus irmãos do pincel, verdadeiros retratistas que, na multidão de fisionomias a serem esboçadas, invariavelmente não omitem as suas próprias; e em todos os grandes exemplos eles as pintam sem nenhuma vaidade, embora, por vezes, com algo de furtivo que necessitaria de muitas páginas para se definir propriamente.

Submeto, portanto, à apreciação daqueles que conhecem melhor o homem pessoalmente, se o que se segue não é Nathaniel Hawthorne; e, para ele mesmo, se algo envolvido nele não exprime o temperamento de seu espírito, aquele temperamento duradouro de todo homem verdadeiro e franco, aquele de alguém que procura, não de alguém que já encontrou:

“Um homem entrou agora, em trajes negligentes, com aspecto de um pensador, mas, de algum modo, demasiado tosco e musculoso para um erudito. Sua face era cheia de intenso vigor, com algum atributo mais fino e mais penetrante por detrás; embora áspera à primeira vista, era contrabalançada pelo ardor de um grande coração caloroso que tinha força o bastante para aquecer seu poderoso intelecto de parte a parte. Ele avançou em direção ao Informante e olhou-o com um olhar de tão implacável sinceridade que poucos segredos talvez estivessem fora de seu alcance.”

“Procuro a Verdade”, disse ele.

Vinte e quatro horas se passaram desde que escrevi o que precede. Acabei de voltar do celeiro, tomado mais e mais de amor e de admiração

por Hawthorne. Pois estava justamente a recolher através dos Musgos, colhendo cá e lá muitas coisas que havia previamente me escapado. E descobri que colher simplesmente seguindo esse homem é melhor do que estar na colheita de outros. Para ser franco (embora talvez um pouco tolo), apesar do que escrevi ontem sobre esses Musgos, eu não os tinha colhido todos então; mas tinha sido, contudo, suficientemente sensível à sua sutil essência para escrever como o fiz. A qual infinita altura de amorosa admiração e encantamento posso ainda ser levado quando, banqueteando-me com esses Musgos repetidas vezes, terei incorporado inteiramente toda sua substância no meu ser isto não posso dizer. Mas sinto já que esse Hawthorne deixou cair sementes germinantes em minha alma. Ele expande e se aprofunda quanto mais o contemplo; e projeta mais e mais suas fortes raízes da Nova Inglaterra no solo quente de minha alma sulista.

Por uma cuidadosa consulta ao Sumário, constato agora que passei por todos os contos; mas, quando escrevi ontem, não tinha absolutamente lido duas peças notáveis para as quais desejo agora chamar especial atenção *A Select Party* (Uma festa seleta) e *Young Goodman Brown* (O jovem compadre Brown). Seja dito aqui a todos aqueles que este meu pobre rabisco fugaz pode incitar a uma leitura atenta dos *Musgos*, que eles não devem, de forma alguma, se deixar desapontar ou enganar com a banalidade de muitos títulos desses contos, ou zombar deles. Pois, em mais de um caso, o título trai inteiramente a peça. É como se rústicas garrafas *demijohns*, contendo os melhores e mais caros vinhos de Falerno e de Tokay, fossem etiquetadas “Cidra”, “Perada” e “Vinho de Sabugo”. A verdade parece ser que, como muitos outros gênios, esse Homem dos Musgos se deleita em lograr o mundo pelo menos com respeito a si mesmo. Pessoalmente, não duvido de que ele antes prefira ser geralmente estimado tão somente como um tipo de autor mais ou menos; querendo reservar a apreciação minuciosa e penetrante do que ele é àquela parte mais qualificada para julgar — isto é, a si mesmo. Além disso, no fundo de suas naturezas, homens como Hawthorne, em muitas coisas, consideram os aplausos do público como uma evidência tão forte e presumível de mediocridade naqueles a quem se dirigem, que os faria, em algum grau, duvidar de seus próprios poderes caso ouvissem muitos zurros vociferantes dirigidos a eles nas pastagens públicas. É verdade que tenho zurrado eu mesmo (se lhes agradar ser perspicazes o bastante para interpretarem desse modo), mas então reivindico ser o primeiro a ter

zurrado tanto sobre essa questão específica; e, por esta razão, declarando-me culpado da acusação, ainda reivindico todo o mérito devido à originalidade.

Mas, qualquer que seja o motivo, jocoso ou profundo, pelo qual Nathaniel Hawthorne escolheu intitular suas peças da maneira como o fez, é certo que algumas delas são diretamente calculadas para enganar — enganar de maneira flagrante o leitor superficial de suas páginas.

Para ser honesto e franco uma vez mais, deixem-me dizer alegremente que dois desses títulos enganaram desconsoladamente um leitor atento como eu; e isto, após eu ter sido impressionado pelo sentimento da grande profundidade e largueza de vistas desse americano. "Quem, em nome do trovão" (como dizem por aqui as pessoas do campo), "Quem, em nome do trovão" anteciparia alguma maravilha numa peça intitulada *Young Goodman Brown*? Poderíamos supor, é lógico, que se trata de uma pequena e simples história destinada a ser um suplemento de *Goody Two Shoes*[1] Ao passo que é tão profunda quanto Dante, e não se poderia terminá-la sem dirigir ao autor as suas próprias palavras — "Cabe a vocês penetrarem, em cada peito, no profundo mistério do pecado". E também, com o Jovem Compadre, na perseguição alegórica de sua esposa puritana, clamamos em nossa angústia "Fé! — gritou Compadre Brown com uma voz atormentada e desesperadora; e os ecos da floresta zombaram dele, gritando: 'Fé! Fé!' como se coitados desnorteados estivessem todos procurando-a ao longo do deserto".

Ora, essa mesma peça intitulada *Jovem Compadre Brown* é uma das duas que eu não tinha lido inteiramente ontem, e faço alusão a ela agora por que é, em si mesma, um tal forte e inequívoco exemplo do negrume em Hawthorne, o qual havia eu presumido de suas meras sombras ocasionais, como os revelados em vários outros contos. Mas, tivesse eu previamente examinado com atenção o *Jovem Compadre Brown*, teria, sem dificuldades, tirado a conclusão a qual cheguei daquela vez, quando ignorava que o livro continha uma tão direta e categórica manifestação dele.

A outra peça das duas referidas é intitulada *Uma festa seleta* a qual, em minha simplicidade inicial ao apoderar-me originalmente do livro, imaginava dever tratar-se de alguma festa com tortas de abóbora na Velha Salem, ou alguma festa com sopa de peixe em Cabo Cod. Ao passo que, por todos os deuses de Peedee! é a coisa mais doce e mais sublime que foi

escrita desde Spencer. Não, não há nada em Spencer que a supere, nada talvez que se iguale a ela. E a prova é a seguinte: leiamos qualquer canto de *A rainha das fadas*, e em seguida leiamos *Uma Festa Seleta*, e decidamos qual delas mais nos agrada isto é, se somos qualificados para julgar. Não nos intimidemos com isso; pois, quando Spencer estava vivo, ele era considerado quase como Hawthorne é hoje era considerado em geral somente como um "gentil" homem inofensivo. Pode ser que, para um olhar comum, a sublimidade de Hawthorne pareça perdida em sua suavidade como talvez nessa sua mesma *Festa seleta*, para a qual construiu uma tão augusta cúpula de nuvens crepusculares e as serviu em pratos mais ricos que os de Baltazar quando convida seus nobres a banquetearem-se na Babilônia.

Mas, meu principal propósito agora é o de chamar a atenção para uma página extraordinária dessa peça que se refere a um convidado de honra que, sob o nome de "Mestre Gênio" mas sob a aparência de "um homem jovem mal vestido sem insígnias de posto ou sem uma reconhecida eminência", é apresentado ao Homem da Imaginação que é quem dá a festa. Ora, a página que se refere a esse "Mestre Gênio" exprime de modo tão feliz muito do que escrevi ontem a respeito da vinda do Messias literário da América, que não posso senão ficar encantado com a coincidência; especialmente quando mostra uma tal paridade de idéias, pelo menos neste único ponto, entre um homem como Hawthorne e um homem como eu.

E aqui, que me seja permitido emitir outra concepção minha relativa a esse Messias americano ou "Mestre Gênio", tal como Hawthorne o chama. Não pode ocorrer que esse espírito imponente não tenha sido, não é, e nunca será individualmente desenvolvido num único homem? E pareceria, de fato, tão insensato supor que essa grande plenitude transbordante possa ser, ou possa ser destinada a ser compartilhada por uma pluralidade de homens de gênio? Certamente, para se tomar somente o maior exemplo registrado, Shakespeare não pode ser considerado como a concreção de todos os gênios de seu tempo nele mesmo? nem como tão incomensuravelmente além de Marlow, Webster, Ford, Beaumont, Jonson, que de tais grandes homens pode-se dizer que nada compartilharam de seu poder? Quanto a mim, penso que havia dramaturgos da era elisabetana cuja distância entre eles e Shakespeare não era grande em hipótese alguma. Deixem qualquer um, até agora pouco familiarizado com esses

negligenciados velhos autores, lê-los pela primeira vez do começo ao fim, ou ler simplesmente os *Specimens* que Charles Lamb deu deles, e então ficará estupefato com o talento maravilhoso desses filhos de Anak, e chocado com esse exemplo renovado do fato de que a Fortuna tem mais a ver com a fama do que com o mérito embora, sem mérito, não possa haver fama duradoura.

Contudo, argumentar-se-ia de forma muita errada sobre meu país se essa máxima coubesse bem para Nathaniel Hawthorne, um homem que já iluminou algumas poucas mentes "tal como uma luz que nunca ilumina a terra, salvo quando um grande coração queima como o fogo da casa de um esplêndido intelecto".

As palavras são dele, na *Festa seleta*, e elas constituem um cenário magnífico para um sentimento meu coincidente, mas que exprimi ontem de maneira desconexa em referência a ele mesmo. Contradiga quem quiser, enquanto escrevo agora, sou a Posteridade falando por procuração — e os tempos vindouros me darão razão quando declaro que o americano que, até o presente dia, tem manifestado em literatura o maior cérebro com o maior coração, tal homem é Nathaniel Hawthorne. Além do mais, o que quer que Nathaniel Hawthorne possa escrever doravante, *Musgos de um velho presbitério* será considerado, no final das contas, sua obra-prima. Pois, em algumas obras, há um sinal seguro, embora secreto, que prova a culminação dos poderes (somente aqueles que são passíveis de desenvolvimento, todavia) que as produziram. Mas não desejo, de forma alguma, a glória de um profeta. Peço ao Céu que Hawthorne possa *ainda* provar que sou um impostor nessa predição. Especialmente porque eu, de algum modo, me apeguei à estranha fantasia de que, em todos os homens, residem escondidas certas maravilhosas propriedades ocultas — como em algumas plantas e minerais — as quais, por algum feliz mas raro acidente (assim como o bronze foi descoberto pela fusão do ferro e do cobre no incêndio de Corinto), podem ter a sorte de serem chamadas a se manifestar aqui sobre a terra; não esperando inteiramente por sua melhor descoberta na mais apropriada e abençoada atmosfera do Céu.

Uma palavra a mais — pois é difícil ser finito sobre um tema infinito, e todos os temas são infinitos. Para algumas pessoas, todos esses meus rabiscos podem ser considerados inteiramente desnecessários, tanto mais que, "há anos atrás" (eles podem dizer) "nós encontramos a rica e rara substância desse Hawthorne, a qual você agora exibe publicamente, como

se somente *você mesmo* fosse o descobridor deste diamante português de nossa literatura.” Mas mesmo concedendo tudo isso e acrescentando a quase certeza de que os livros de Hawthorne sejam vendidos a cinco mil exemplares o que isto significa? Eles deveriam ser vendidos a centenas de milhares; e lido por milhões; e admirado por todos aqueles que são capazes de admiração.

---

1. Referência à história de ninar *The History of Little Goody Two-Shoes*, atribuída Oliver Goldsmith e publicada em 1765.↩

Correspondência

A Nathaniel Hawthorne

Esse golpe indireto através da senhora Hawthorne não há de surtir efeito. Não serei dissuadido de meu prazer prometido por nenhum encantamento sirênico dessa dama. *Você*, Senhor, é quem tomo como responsável, e a visita (em toda sua original integralidade) deve ser feita. — O que! somente *passar o dia* conosco?1 — Um groenlandês poderia também falar em passar o dia com um amigo, quando o dia tem somente meia polegada de duração.

Como eu disse antes, meu melhor trenó de viagem estará à sua porta, e providências foram tomadas não somente para a acomodação de toda a sua família, mas também para qualquer quantidade de *bagagem.*

Não tema, você não nos causará o menor trabalho. Sua cama já está feita, e a lenha preparada para o seu fogo. Ainda há pouco, olhei nos olhos de duas aves cujas caudas foram chanfradas, enquanto vítimas destinadas à mesa. Guardo a palavra "Bem-vindo" o tempo todo em minha boca, de maneira a estar pronto para o instante em que você cruzar a soleira da porta.

(A propósito, os antigos romanos, como você sabe, tinham um *Salve* gravado em *suas* soleiras.)

Outra coisa sr. Hawthorne — não pense que está vindo para alguma casa afetada e cheio de etiquetas — isto é, cheio de etiquetas de maneira habitual. Você não há de ficar muito aborrecido com formalidades. Pode fazer o que desejar — dizer ou *não* dizer o que lhe agradar. E se sentir qualquer inclinação para esse tipo de coisa — você pode passar o período de sua visita *na cama*, se quiser — cada hora de sua visita.

Preste atenção — há um excelente Montado Sherry esperando por você e um Porto muito potente. Nós teremos vinho quente com sabedoria, e torradas amanteigadas enquanto contamos histórias, ótimas anedotas e garrafas de manhã até a noite.

Venha — sem tolices. Senão — mandarei guardas atrás de você.

Quarta-feira então — se o tempo permitir a viagem de trenó, buscarei vocês lá pelas onze horas da manhã.

A propósito — se a senhora Hawthorne, por alguma razão, concluir que *ela* não pode, quanto a ela, passar a noite conosco — então *você* deve — e as crianças, se você quiser.

H. Melville

A Nathaniel Hawthorne

Meu Caro Hawthorne,

No que diz respeito aos sapatos do jovem cavalheiro,2 devo dizer que um par que lhe caiba, do modelo desejado, não pode ser encontrado em toda Pittsfield um fato que enfraquece lamentavelmente aquele orgulho metropolitano que me inspirava outrora a capital de Berkshire. De agora em diante, Pittsfield deve esconder seu rosto. Contudo, se um par de *botinas* servir, Pittsfield ficará muito feliz em provê-lo. Queira mencionar tudo isso a sra. Hawthorne e mandem-me instruções.

"*A Casa das Sete Torres*: Um Romance. Por Nathaniel Hawthorne. Um vol. In-16, 334 páginas." O conteúdo deste livro não desmente seu título romântico, rico e agrupando várias coisas. Com grande alegria passamos quase uma hora em cada torre em separado. Este livro é como um belo quarto antigo mobiliado abundantemente mas, no entanto, de maneira criteriosa, com aquela espécie de móveis que precisamente melhor lhe convém. Há ricas tapeçarias nas quais estão bordadas cenas das tragédias! Há uma antiga porcelana chinesa com refinados padrões disposta sobre um guarda-louça esculpido; há compridos e indolentes sofás para se atirar sobre eles; há um admirável bufê abundantemente guarnecido com bons alimentos; há um odor como o de um velho vinho na dispensa; e, finalmente, num canto, há um escuro e pequeno livro escrito em letras góticas, com fecho dourado, intitulado "*Hawthorne: Um Problema"*. Ele nos encantou; provocou sua releitura; roubou-nos um dia, e nos deu de presente um ano inteiro de meditações; ele produziu grande felicidade e exultação com a lembrança de que o arquiteto das Torres reside somente a seis milhas daqui e não a três mil milhas de distância, na Inglaterra, por exemplo. Achamos que o livro, pelo deleite de um interesse contínuo, supera as outras obras do autor. As cortinas estão mais abertas; entra mais sol; as alegrias despontam mais. Se tivéssemos que particularizar o que mais nos impressionou nas passagens mais profundas, indicaríamos a cena

em que Clifford, por um momento, deseja se atirar pela janela para juntar-se à procissão; ou a cena em que o juiz é deixado sentado em sua cadeira ancestral. Clifford está inteiramente tomado por uma terrível verdade. Ele é concebido no mais puro e verdadeiro espírito. Ele não é uma caricatura. Ele é Clifford. E aqui nós desejamos dizer que, se as circunstâncias permitirem, não há nada de que mais gostaríamos do que consagrar um elaborado e cuidadoso estudo à completa consideração e análise do sentido e da significação daquilo que tão fortemente caracteriza todos os escritos desse autor. Há uma certa fase trágica da humanidade que, em nossa opinião, nunca foi mais poderosamente personificada do que por Hawthorne. Queremos dizer o caráter trágico do pensamento humano em suas próprias operações imparciais, inatas, mais profundas. Achamos que, em nenhum espírito conhecido, o intenso sentimento da verdade visível jamais penetrou tão profundamente do que no desse homem. Por verdade visível entendemos a apreensão da absoluta condição das coisas presentes tal como elas atingem o olhar do homem que não as teme, embora lhe sejam maléficas o homem que, como a Rússia ou o Império Inglês, declara a si mesmo uma natureza soberana (em si mesmo) dentre os poderes do céu, do inferno e da terra. Ele pode perecer; mas, enquanto existir, insistirá em tratar com todos os Poderes de igual para igual. Se alguns desses Poderes escolherem reter certos segredos, deixe-os; isso não enfraquece minha soberania em mim mesmo; isso não me torna tributário. E, talvez, no final das contas, *não* haja segredo. Estamos inclinados a pensar que o Problema do Universo é como o poderoso segredo da franco-maçonaria, tão horrível para todas as crianças. Ele se revela, no final, consistir em um triângulo, uma marreta e um avental nada mais! Estamos inclinados a pensar que Deus não pode explicar Seus próprios segredos, e que Ele gostaria de uma pequena informação sobre certos pontos de Si Mesmo. Nós, mortais, O espantamos, assim como Ele nos espanta. Mas é esse o *Ser* da questão, aqui se encontra o laço com o qual nos enforcamos a nós mesmos. Tão logo você diz *Eu*, um *Deus*, uma *Natureza*, de imediato você salta de seu banquinho e se dependura no poste. Sim, essa palavra é o carrasco. Tire Deus do dicionário e você O terá nas ruas.

Aqui está a formidável verdade sobre Nathaniel Hawthorne. Ele diz Não! numa tempestade; mas o próprio Diabo não conseguiria fazê-lo dizer *sim*. Pois todos os homens que dizem *sim* mentem; e todos aqueles que dizem *não*… ora, estão na feliz condição de judiciosos viajantes que

percorrem a Europa sem bagagens: eles cruzam as fronteiras da Eternidade com apenas uma bolsa de viagem — quer dizer, o Ego. Enquanto que esses senhores do *sim* viajam com um monte de bagagens e, que o Diabo os carregue! eles não ultrapassam jamais a alfândega. Qual é a razão, sr. Hawthorne, para que, nos últimos estágios da metafísica, um sujeito passe sempre a *jurar* desse modo? Poderia continuar por mais uma hora. Veja você, comecei com uma pequena crítica extraída a seu favor da "Pittsfield Secret Review", e eis que aportei na África.

Dê uma caminhada numa dessas manhãs e venha me ver. Sem tolices, venha.i Lembranças à sra. Hawthorne e às crianças.

H. Melville

p.s. O casamento de Phoebe com o daguerreotipista é um belo golpe porque ele se revela ser um *Maule.* Se você passar pela loja de Hepzibah, compre-me um Jim Crow (novo) e me mande por Ned Higgins.3

A Nathaniel Hawthorne

Meu caro Hawthorne

Há muito tempo que eu deveria ter me chacoalhado até você em minha charrete de tábuas de pinho se, desde algumas semanas atrás, não estivesse mais ocupado do que você possa imaginar — fora de casa — construindo, consertando, remendando em todas as direções. Ademais, tive minhas colheitas para fazer — milho e batatas (espero mostrar a você algumas das famosas logo, logo) e muitas outras coisas para cuidar, todas se acumulando nessa única e específica estação. Trabalho com minhas próprias mãos; e à noite minhas sensações corporais são parecidas com aquelas que eu frequentemente sentia antes, quando era um empregado, fazendo meu trabalho diário de sol a sol. Mas, pretendo continuar lhe visitando até que você me diga que minhas visitas são desnecessárias e supérfluas. Com nenhum filho de homem observo alguma etiqueta ou cerimônia exceto as cristãs, de caridade e de honestidade. Disseram-me, meu camarada, que há uma aristocracia do cérebro. Alguns homens têm defendido e afirmado isso audaciosamente. Schiller parece tê-lo feito, embora eu não saiba muito sobre ele. Em todo caso, é verdade que há aqueles que, embora sejam ardorosos defensores da igualdade política, ainda assim aceitam as propriedades intelectuais. E posso perceber bem, creio eu, como um homem de espírito superior pode, por sua intensa cultura, conduzir a si mesmo, por assim dizer, a uma certa aristocracia espontânea de sentimento — excessivamente delicada e refinada — similar àquela que, num Howard[4] inglês, transmite um choque de peixe-elétrico ao menor contato com um plebeu social. Assim, quando você vir ou ouvir algo de minha cruel democracia de todos os lados, você pode sentir possivelmente um ligeiro acesso de recuo ou algo desse tipo. É natural ficar desconfiado de um mortal a declarar audaciosamente que um ladrão na cadeia é um personagem tão nobre quanto o general George Washington. Isso é cômico. Mas a Verdade é a coisa mais estúpida sob o sol. Tente ganhar a vida através da Verdade — e você irá direto para a Sopa Popular. Céus! Deixem qualquer pastor pregar a Verdade de sua

fortaleza, o púlpito, e o farão cavalgar para fora de sua igreja sobre a rampa de seu próprio púlpito. Dificilmente se pode duvidar que todos os Reformadores se baseiam, mais ou menos, sobre a verdade; e para o mundo em geral, não são os reformadores quase universalmente motivos de riso? Por que isso? A verdade é ridícula para os homens. Assim, confortavelmente aqui em meu quarto, convencido e tagarela, inverto o critério de lorde Shaftesbury.5

Parece uma incoerência defender a democracia incondicional em todas as coisas e confessar, entretanto, uma aversão a toda humanidade — como um todo. Porém, não é nada disso. Mas, trata-se de um sermão infindável — basta. Comecei dizendo que a razão de eu não ter ido a Lenox é essa — à noite, sinto-me completamente acabado, como se diz, e incapaz de enfrentar as longas sacudidas para chegar até sua casa e voltar. Em uma semana, mais ou menos, vou para Nova York, para me enterrar num quarto no terceiro andar, e trabalhar como um escravo em minha "Baleia" enquanto ela vai para o prelo. *Esta* é a única maneira de terminá-la agora o tanto que sou arrastado para lá e para cá pelas circunstâncias. A calma, a frieza, o humor silencioso da grama crescendo com os quais um homem *deve* sempre compor temo que isso não possa ser senão raramente o meu caso. Os dólares me condenam ao inferno; e o malévolo Diabo está sempre arreganhando os dentes para mim, mantendo a porta entreaberta. Meu caro Senhor, tenho um pressentimento — eu deverei finalmente ficar gasto e perecer como um velho ralador de noz-moscada, feito aos pedaços pelo constante atrito com a madeira, isto é, com a noz-moscada. O que sinto mais inclinado a escrever, me é proibido — não será satisfatório. Entretanto, considerando-se tudo, não posso escrever de *outra* maneira. Desse modo, o produto é uma bagunça final, e todos os meus livros são malfeitos. Estou talvez um pouco aborrecido nesta carta, mas veja minha mão! — quatro bolhas nesta palma provocadas por enxadas e martelos durante os últimos dias. É uma manhã chuvosa; assim, estou dentro de casa e todo o trabalho está suspenso. Sinto-me alegremente disposto e, portanto, escrevo de uma maneira um pouco melancólica. Queria ter Gin aqui! Se alguma vez, meu caro Hawthorne, nos tempos eternos que virão, você e eu tivermos que nos sentar no Paraíso, sozinhos em algum pequeno canto escuro; se, de algum jeito, formos capazes de contrabandear uma caixa de champanhe (não acredito num Paraíso Abstêmio), e se cruzarmos nossas pernas celestiais na grama celestial que é sempre tropical e

entrechocarmos nossas taças e nossas cabeças em conjunto até que ambas toquem musicalmente em concerto, então, ó meu caro companheiro de morte, como deveremos discursar agradavelmente sobre todas as múltiplas coisas que tanto nos afligem agora quando a terra inteira não deverá ser senão uma reminiscência, sim, sua dissolução final, uma antiguidade. Então canções deverão ser compostas como aquelas quando findam as guerras; canções humorísticas, cômicas "Ó, quando eu vivia naquele esquisito pequeno buraco chamado mundo", ou "Ó, quando eu penava e suava lá embaixo", ou então "Ó, quando eu golpeava e era golpeado nas batalhas" — sim, deixem-nos aguardar com ansiedade por tais coisas. Deixem-nos jurar que, se nós suamos agora, é por causa do calor seco que é indispensável à nutrição da vinha, a qual carregará as uvas que nos dará em seguida nosso champanhe.

Mas, eu estava falando sobre a "Baleia". Como os pescadores dizem, "ela está em seus espasmos de agonia" quando eu a deixei há três semanas atrás. Vou, contudo, pegá-la pela mandíbula antes que seja tarde e terminá-la de uma maneira ou de outra. De que adianta elaborar o que, em sua essência mesma, tem vida tão curta quanto um livro moderno? Uma vez que escrevi os Evangelhos neste século, deveria morrer na sarjeta. Só falo de mim mesmo e isso é egoísmo e egocentrismo. Concedo. Mas como evitar? Estou escrevendo para você; sei pouco sobre você, porém, algo sobre mim mesmo, assim, escrevo sobre mim pelo menos para você. Não se incomode em escrever; e não se incomode em me visitar; e quando vier *mesmo* me visitar, não se incomode em falar. Farei tudo, eu mesmo, escrever, visitar e falar — a propósito, no último *Dollar Magazine*, li *O pecado imperdoável*. Era um sujeito triste esse Ethan Brand.[6] Não tenho dúvidas de que você seja nesse momento responsável por muita agitação e tremor na tribo do "grande público". Trata-se de um assustador credo poético aquele no qual a cultura do cérebro devora o coração. Mas é minha *prosaica* opinião que, na maioria dos casos, naqueles homens que têm bons cérebros e que fazem bom uso deles, o coração se estende até às coxas. E ainda que você os defume no fogo do sofrimento como verdadeiros pernis, a cabeça dá apenas mais rico e melhor sabor. Sou pelo coração. Para os cães a cabeça! Prefiro ser um tolo com coração do que Júpiter Olímpico com sua cabeça. A razão de os homens em geral temerem Deus e, no fundo, detestarem-No, é porque desconfiam antes de Seu coração, e O imaginam todo cérebro como um relógio. (Você nota que

eu emprego letra maiúscula no pronome que se refere a Deidade; você não acha que há um pouco de adulação nesse uso?) Outra coisa. Estive outro dia por vinte e quatro horas em Nova York, e vi um retrato de N. H. E tenho visto e escutado muitas alusões lisonjeiras (de um ponto de vista de editor) às *Sete Torres*. E vi *Contos* e "Um Novo Volume" anunciado, de N. H. De modo que, em suma, digo para mim mesmo, esse N. H. está em ascensão. Meu caro sr., eles começam a lhe patrocinar. Toda Fama é patrocínio. Deixem-me ser um infame: não há patrocínio *nisso*. A "reputação" que tem H. M. é horrível. Pense nisso! Passar à posteridade já é ruim o bastante, de qualquer maneira; mas, passar como um "homem que viveu entre canibais"! Quando falo em posteridade em referência a mim mesmo, quero dizer somente dos bebês que provavelmente nascerão imediatamente após ter entregado minha alma. Deverei passar à posteridade para alguns deles, com toda probabilidade. *Taipi* lhes será dado, talvez, com seus bolos de gengibre. Chego a encarar essa questão da Fama como a mais transparente de todas as vaidades. Leio Salomão mais e mais, e vejo nele, a cada vez, significações mais e mais profundas e inexprimíveis. Há um ano atrás não pensava na Fama como agora. Todo o meu desenvolvimento tem sido feito há poucos anos atrás. Sou como uma daquelas sementes retiradas das Pirâmides do Egito a qual, após ter sido durante três mil anos uma semente e nada mais do que uma semente, ao ser plantada em solo inglês, se desenvolveu, cresceu em verdor e depois tombou apodrecida. Assim sou eu. Até os vinte e cinco anos não tive desenvolvimento algum. É a partir dos vinte cinco anos que dato minha vida. Não se passaram nem mesmo três semanas, em algum momento entre essa época e agora, que eu não tenha me desenvolvido interiormente. Mas sinto que atingi agora a folha mais interna do bulbo e que logo a flor secará. Parece-me que, nesse momento, Salomão foi o homem mais verídico que já tenha alguma vez falado e, contudo, ele *arranjou* um pouco a verdade tendo em vista o conservadorismo popular; ou então houve muitas corrupções e interpolações no texto. Lendo alguns dos dizeres de Goethe, tão venerado por seus fiéis, encontro por acaso o seguinte: "*Viva no todo*". Isto é, sua identidade separada não é senão desprezível bom; mas, saia de si mesmo, espalhe-se e se expanda, e traga para si os frêmitos de vida que são sentidos nas flores e nas árvores, que são sentidos nos planetas Saturno e Vênus, e nas Estrelas Fixas. Que bobagem! Eis um sujeito com uma terrível dor de dente. "Meu querido rapaz," Goethe lhe

diz, “você está dolorosamente atormentado com esse dente; mas você deve *viver no todo* e então ficará feliz!” Como em todos os grandes gênios, há uma imensa porção de disparate em Goethe, e à proporção de meu próprio contato com ele, uma monstruosa quantidade disso em mim.

H. Melville

p.s. “Amém!”, diz Hawthorne. Há, entretanto, alguma verdade nesse sentimento do “todo”. Você deve tê-lo sentido muitas vezes, deitado sobre a grama num dia quente de verão. Suas pernas parecem emitir raízes para dentro da terra. Seus cabelos, você os sente como folhas sobre sua cabeça. Tal é o sentimento do *todo*. Mas, o que prejudica a verdade é que os homens insistem na aplicação universal de um sentimento ou de uma opinião passageira.

p.s. Você não deve deixar de admirar meu discernimento em pagar a postagem desta carta.

A Nathaniel Hawthorne

Meu caro Hawthorne

O ar límpido e a janela aberta me convidam a escrever para você. Desde algum tempo tenho tão ocupado com mil coisas que quase esqueci quando foi a última vez que escrevi a você e se recebi uma resposta. Esta estação tão persuasiva me trouxe novamente ao espírito, desde algumas semanas, certas quimeras excêntricas e mais que lúgubres, tais como aquelas que homens como você e eu e alguns outros, formando uma cadeia de postos de Deus ao redor do mundo, devem estar prontos para encontrar de tempos em tempos e lutar contra elas da melhor maneira que pudermos. Mas elas virão pois, nos desertos selvagens, sem limites e sem caminhos, mas ainda deslumbrantes, pelos quais se espalham esses postos avançados, os índios abundam cruelmente, tanto quanto os insignificantes mosquitos, mas que ainda assim picam. Desde que você esteve aqui, construí alguns barracos (ligados à antiga casa) e igualmente alguns barracos em forma de capítulos e ensaios. Tenho arado, semeado, erguido, pintado, imprimido e rezado — e agora começo a vislumbrar um período menos atarefado e a desfrutar da calma paisagem de uma formosa varanda aqui ao norte da velha casa de fazenda.

Entretanto, ainda não estou inteiramente livre de algo urgente. Somente metade da "Baleia" passou pela impressão; pois, cansado com o longo atraso dos impressores e desgostoso com o calor e a poeira do forno de olaria babilônico de Nova Iorque, voltei para o campo para sentir a relva — e terminar o livro reclinado sobre ela, se puder. Estou certo de que você me perdoará por este falatório todo sobre mim mesmo, pois se eu *falo* tanto sobre esse assunto, esteja certo de que o resto do mundo está pensando sobre si mesmo dez vezes mais. Vamos falar, mesmo se mostramos todas as nossas faltas e fraquezas pois é um sinal de força ser fraco, ter consciência disso e mostrá-lo não de modo deliberado e ostentatório, mas casualmente e sem premeditação. Eis que caio em minha velha fraqueza — pregar. Estou ocupado, mas não estarei durante muito tempo. Venha e passe um dia aqui se você puder e quiser; se não, fique em Lenox e que Deus lhe dê longa vida. Logo que ficar livre de minhas ocupações atuais tratarei eu mesmo de dar um passeio e fazer uma visita a você. Deixe pronto uma garrafa de brandy porque sempre tenho vontade de beber essa heróica bebida quando conversamos sobre heróicas questões ontológicas. Esta é uma carta bastante louca sob alguns aspectos, eu receio. Se for assim, atribua isso aos efeitos tóxicos desse tardio fim de junho operando sobre um temperamento demasiado influenciável e por acaso nervoso.

Devo enviar-lhe uma barbatana da *Baleia* como degustação? A cauda não está cozida ainda — se bem que o fogo do inferno no qual o livro inteiro é assado possa, sem despropósito, tê-lo cozinhado todo antes disso. Este é o mote do livro (o secreto) Ego non baptiso te in nomine[7] — mas, complete o resto você mesmo.

H. M.

A Nathaniel Hawthorne

Meu caro Hawthorne:

Esta não é uma carta, nem mesmo um bilhete — mas apenas uma palavra lançada a você, de passagem, por sobre o portão de seu jardim. Agradeço-lhe pela sua longa carta de curso fácil e fluido (recebida ontem), que fluiu através de mim e refrescou minha pradaria toda, tal como o Housetonic[8] — que está à minha frente — faz na realidade. Estou agora ocupado com várias coisas — não incessantemente, contudo; mas o suficiente para exigir meus constantes remendos; estamos no ápice da estação do feno e meu pangaré está, a todo momento, arrastando para casa seu jantar de inverno. E assim, de uma maneira ou de outra, não sou ainda um homem desocupado; mas, deverei sê-lo muito em breve. Enquanto isso, na primeira oportunidade que tiver, devo descer até sua casa, meu bom companheiro de existência, visto que nós — quero dizer, você e eu, — devemos ter um pouco de vagabundagem antes de o outono chegar. Graylock — é para lá que devemos ir e vagabundear. Mas antes de começarmos, devemos cavar um buraco bem fundo e enterrar todos os Demônios Sombrios, para aí permanecerem até o Final dos Tempos.

Adeus, sua marca X[9]

A Nathaniel Hawthorne

Meu Caro Hawthorne

As pessoas pensam que, se um homem suportou algum sofrimento, ele deveria receber uma recompensa; mas, de minha parte, se realizei o mais duro trabalho diário possível e depois vou me sentar num canto e tomar minha refeição confortavelmente — ora, então não acho que mereça qualquer recompensa pelo meu duro trabalho do dia — pois, não estou em paz agora? Não é bom o meu jantar? Minha paz e meu jantar são minhas recompensas, meu caro Hawthorne. Assim, sua carta provedora de alegria e geradora de exultação não é minha recompensa pelo trabalho de poceiro que tive com esse livro, mas é o bônus da boa deusa além do que era estipulado — pois, em cinco ciclos, nenhum homem, se for inteligente, esperará um reconhecimento apreciativo de seus companheiros, ou mesmo de um só dentre eles. Apreciação! Reconhecimento! É Júpiter apreciado? Ora, desde Adão, quem alguma vez apreendeu o significado dessa grande alegoria — o mundo? Então nós, pigmeus, devemos estar satisfeitos por termos nossas alegorias de papel somente mal compreendidas. Digo que sua apreciação é minha sublime gratificação. À minha maneira, orgulhosa e humilde — um rei pastor eu era o senhor de um pequeno vale na solitária Criméia; mas, agora, você me deu a coroa da Índia. No entanto, ao tentar colocá-la sobre minha cabeça, constatei que ela caía sobre minhas orelhas, apesar de seu tamanho asinino — pois são somente tais orelhas que sustentam tais coroas.

Sua carta me foi entregue na noite passada na estrada que leva para a casa do sr. Morewood, e eu a li lá mesmo. Se estivesse em casa, teria sentado imediatamente e respondido. Em mim, as divinas magnanimidades são espontâneas e instantâneas — agarre-as enquanto puder. O mundo gira, e sua outra face aparece. Desse modo, não posso escrever agora o que senti. Mas, senti-me panteísta então — seu coração bate em minhas costelas e o meu nas suas, e ambos nas de Deus. Um sentimento de indizível segurança me habita nesse momento em razão de você ter compreendido o livro. Escrevi um livro perverso, e sinto-me

imaculado como o cordeiro. Inefáveis sociabilidades estão em mim. Gostaria de me sentar e de jantar com você e com todos os deuses do antigo Panteão Romano. É um sentimento estranho — nele não existem nem esperança nem desesperança. Contentamento — é isso; e irresponsabilidade; mas sem inclinação licenciosa. Falo agora de meu mais profundo sentido de ser, não de um sentimento incidental.

De onde vem você, Hawthorne? Com que direito você bebe de meu frasco de vida? E quando o levo aos meus lábios — veja! são os seus e não os meus. Sinto que a Divindade se partiu como o pão na Ceia, e que nós somos seus pedaços. Daí essa infinita fraternidade de sentimento. Ora, simpatizando-se com o escrito, meu anjo vira outra página. Você apreciou pouco o livro. Mas, de vez em quando, enquanto lia, você compreendia o pensamento dominante que o impelia — e que você louvou. Não foi assim? Você foi arcangélico o bastante para desprezar o corpo imperfeito e abraçar a alma. Uma vez, você abraçou o feio Sócrates porque viu a chama em sua boca e ouviu o ímpeto do demônio — o familiar e reconheceu o som; pois você o ouviu em suas próprias solidões.

Meu caro Hawthorne, os ceticismos atmosféricos se insinuam em mim agora e me fazem duvidar de minha sanidade ao escrever a você desse modo. Mas, creia-me, não estou louco, excelentíssimo Festo![10] Mas a verdade é sempre incoerente, e quando grandes corações batem juntos, o abalo é um pouco atordoante. Adeus. Não escreva uma palavra sobre o livro. Isso seria roubar de mim meu miserável deleite. Lamento de todo coração nunca ter escrito nada sobre você[11] — isso é sórdido. Senhor, quando deveremos acabar de crescer? Enquanto ainda nos restar algo por fazer, então nada fizemos. Assim, agora, deixem-nos acrescentar Moby Dick às nossas bênçãos, e andar a partir daí. Leviatã não é o maior dos peixes tenho ouvido falar de Krakens.

Esta é uma longa carta, mas você não é, de modo algum, obrigado a respondê-la. Possivelmente, se você respondê-la e dirigi-la a Herman Melville, ela se extraviará — pois os dedos que agora guiam esta caneta não são exatamente os mesmos que acabaram de pegá-la e colocá-la sobre esse papel. Senhor, quando acabaremos de mudar? Ah! É uma longa etapa, e nenhuma estalagem à vista, e a noite chegando, e o corpo frio. Mas com você como companheiro de viagem, estou contente e posso ser feliz. Sinto que deverei deixar esse mundo com mais satisfação por ter chegado a

conhecer você. Conhecer você me persuade mais do que a Bíblia de nossa imortalidade.

Que pena que, em troca de sua simples e franca carta, você tenha recebido tal algaravia! Lembranças à sra. Hawtorne e às crianças, e também adeus a você, com minha bênção.

Herman

p.s. Não posso parar ainda. Se o mundo fosse inteiramente composto de Mágicos, vou lhe contar o que eu faria. Instalaria uma fábrica de papel numa das extremidades da casa e, desse modo, teria uma infindável fita de papel desenrolando-se sobre minha escrivaninha; e, sobre essa fita sem fim, escreveria mil — um milhão — um bilhão de pensamentos, todos sob a forma de uma carta endereçada a você. O ímã divino está sobre você e meu ímã responde a ele. Qual é o maior? Questão estúpida — eles são *Um*.

p.s. Não pense que ao escrever uma carta para mim você deverá ser sempre atormentado com uma imediata resposta a ela — e assim nos mantendo ambos debruçados sobre uma escrivaninha eternamente. Nada disso! Não deverei responder sempre às suas cartas e você pode fazer o mesmo como lhe agradar.

A Sophia Hawthorne

Cara sra. Hawthorne

Tenho procurado pela mais bela Bath que possa encontrar, de borda dourada e estampada, sobre a qual inscrever meu humilde aviso de recepção de sua carta altamente lisonjeira de 29 de dezembro: fiquei de fato perplexo por você ter encontrado alguma satisfação naquele livro. É verdade que alguns *homens* disseram ter ficado contentes com ele, mas você é a única *mulher* — pois, de maneira geral, as mulheres têm pouco gosto pelo mar. Entretanto, uma vez que você, com sua natureza espiritualizada, vê mais que os outros e, pelo mesmo processo, refina tudo o que vê, ainda assim, não são as mesmas coisas que outras pessoas veem, mas coisas que, embora pense humildemente descobri-las, você, na verdade, as cria de você mesma. Portanto, no final das contas, não estou tão surpreso por seus comentários a respeito de *Moby Dick*. De qualquer forma, sua alusão, por exemplo, ao "Jorro Fantasma" me mostrou, pela primeira vez, que havia um sutil significado nisso — mas, nesse caso, eu não quis *significar* isso. Tinha alguma vaga idéia enquanto o escrevia de que o livro inteiro era suscetível de uma construção alegórica, e também de que *partes* dele o eram — mas, a característica de muitas das alegorias específicas subordinadas me foi revelada, pela primeira vez, após ler a carta do sr. Hawthorne a qual, sem citar quaisquer exemplos determinados, anunciava, contudo, o caráter integralmente alegórico do todo. Mas, minha cara Senhora, não deverei lhe enviar novamente um balde de água salgada. O próximo cálice que lhe confiarei será um jarro campestre de leite.12

E agora, como vão vocês em West Newton?13 Estão todos os afazeres domésticos em ordem? Senhorita Una está contente? e Senhor Julian, satisfeito com a paisagem em geral? E sr. Hawthorne continua suas séries de visitas a todos os seus vizinhos num raio de dez milhas? Devo enviar-lhe dez pacotes de cartões de visita? E uma caixa de luvas de pelica? E lenços parisienses da última moda? No fim de contas, ele frequenta a sociedade em demasia — sete noites fora, em uma semana, deveriam satisfazer qualquer homem razoável.

Ora, Madame, tivesse você nada dito sobre *Moby Dick*, e tivesse sr. Hawthorne igualmente se silenciado, então teria lhes falado, talvez, algo sobre outro (maravilhoso) *Livro de Maravilhas*.14 Mas tal como são as coisas, devo ficar em silêncio. Como é que, enquanto todos nós, seres humanos, ficamos tão inteiramente desembaraçados ao censurar uma pessoa; uma vez que desejamos louvar, começamos a nos sentir desajeitados? Jamais fico vermelho após censurar um homem; mas me torno escarlate após elogiá-lo. E, entretanto, tudo isso está errado, e, entretanto, não podemos evitá-lo; e assim vemos o quão verdadeira era aquela frase musical do poeta quando ele cantava: "Nós não podemos evitar nós mesmos".

Pois, embora saibamos o que devemos ser; e o que seria muito encantador e muito belo sermos; ainda assim não podemos sê-lo. Isso é o mais triste também. A vida é um longo Dardanelo, minha cara Madame, cujas margens são brilhantes e com flores que queremos colher, mas as ribanceiras são demasiado altas; e assim nós flutuamos e flutuamos, esperando chegar enfim a um lugar onde desembarcar — e zás! ei-nos lançados ao grande mar! Entretanto, mesmo assim os geógrafos dizem que não devemos nos desesperar, porque além do mar imenso, tão desolado e vazio quanto ele possa parecer, se estende toda a Pérsia e as deliciosas terras em torno de Damasco.

Assim, desejo a você uma agradável viagem, enfim, a esse suave e distante país.

Creia-me sinceramente seu

Herman Melville

p.s. Esqueci de dizer que sua carta me foi enviada para Pittsfield — o que a atrasou. Minha irmã Augusta me pede para enviar suas mais sinceras lembranças a você e ao sr. Hawthorne.

A Julian Hawthorne

Meu Caro Senhor Jul

Fiquei igualmente surpreso e encantado ao ver sua carta em caracteres de impressão. (De início, pensei que se tratava de uma circular; seu pai lhe dirá o que é *isso*). Fico muito feliz por ter um lugar no coração de um tão bom pequeno camarada como você.

Você me conta que a neve em Newton é muito profunda. Bom, ela é ainda mais profunda aqui, creio eu. Outro dia fui para o bosque e me afundei tão profundamente entre grandes cicutas e bordos que pensei que ficaria firmemente atolado até a chegada da primavera uma Imagem de Neve.15

Mande lembranças a seu bom pai, Senhor Julian, e Adeus, e que o Céu sempre abençoe você, e que você seja um bom garoto e se torne um grande e bom homem.

Herman Melville

[*Marca de fábrica do papel gravado em relevo:* bath *sobreposto por uma coroa e sobrepondo duas*]

A propósito, eis uma coroa. Significativo, isso. Permita-me, eu lhe peço, colocá-la sobre sua cabeça como prova vitoriosa de seu triunfante *Vale da Alegria*. Embora não seja estritamente apropriada, eu a embelezei com um penacho.16

A Nathaniel Hawthorne

Meu caro Hawthorne:

Esse nome "*Hawthorne*" parece ser ubíquo. Ultimamente tenho dado uns passeios e ele me saudou vocalmente e tipograficamente em toda espécie de lugares e de toda espécie de maneiras. Estava na solitária e robsoniana Ilha de Naushon (uma daquelas do grupo de Elisabeth) e lá, numa imponente varanda, eu o vi gravado em dourado na parte de trás de um livro bem novo nas mãos de um pastor.17 Fui visitar um senhor em Brooklyne e, enquanto estávamos nos sentando para beber vinho, chega da cidade a dona da casa trazendo em sua mão um radiante livro — "Meu querido", disse ela ao marido, "trouxe para você o novo livro de *Hawthorne*!" Embarco no vagão do trem que vai de Boston para cá. Entra um garoto cheio de vida: "Novo livro de *Hawthorne*!" — Chego em casa na hora certa. Minha esposa me diz "aqui está o novo livro do sr. Hawthorne; veio pelo correio". E nesta manhã, veja só! sobre minha mesa um pequeno bilhete assinado *Hawthorne* de novo. Bom, Hawthorne18 é uma flor encantadora; que ela possa florescer em todo canto.

Lamento muito, mas não posso, nesse momento, ir vê-lo em Concord, como você propôs. Acabo de voltar de duas semanas de ausência; e, nos últimos três meses e mais, tenho sido um completo vadio e um selvagem — fora de casa o tempo todo. Portanto, chegou a hora de me sentar novamente.

Envie-me, por favor, uma amostra de sua duna de areia, um raio de sol do semblante de sra. Hawthorne e uma vinha da pérgola encaracolada do Senhor Julian.

Como acabo de chegar em casa, não avancei muito em seu livro, mas o bastante para ver que você, de forma muito admirável, empregou materiais mais ricos do que eu os tinha imaginado. Especialmente neste dia, o livro é bem vindo como um antídoto contra o lunatismo de alguns sonhadores — que são apenas sonhadores. Mas quem diabos não é um sonhador?

H. Melville

p.s. Minhas lembranças a senhorita Una e ao Senhor Julian — e os “cumprimentos” e perfumes da estação ao “Botão de Rosa.”19

A Nathaniel Hawthorne

[*canto esquerdo danificado*] … Enquanto visitava Nantucket há cerca de quatro semanas atrás, conheci um senhor de New Bedford, um advogado, que me forneceu consideráveis informações sobre diversos assuntos nos quais estava interessado. Uma noite, estávamos a conversar, creio eu, sobre a grande paciência, persistência e resignação das mulheres da ilha ao se sujeitarem sem se queixarem às longas e longas ausências de seus maridos marinheiros, quando, por meio de um relato, esse advogado me deu uma amostra de sua experiência profissional. Embora sua memória estivesse um pouco confusa a respeito de alguns detalhes da história, ainda assim contou-me o suficiente para despertar em mim o mais vivo interesse; e pedi-lhe que me enviasse sem falta um relato mais completo tão logo chegasse em sua casa — ele me havia dito previamente que, na época do ocorrido, ele o tinha registrado em seus cadernos. Não tive mais notícias até que, uns dias depois de ter chegado aqui em Pittsfield, recebi através do correio o documento em anexo. Você vai perceber, através do bilhete desse senhor dirigido a mim,[20] que ele assumiu que eu pretendia fazer um uso literário da história; mas eu não lhe havia sugerido nada do gênero, e meu interesse inicial e espontâneo surgiu de considerações muito diferentes. Confesso, contudo, que desde então tenho meditado um pouco sobre o assunto com o intuito de escrever uma história baseada nesses incidentes notáveis. Mas, pensando bem, ocorreu-me que esse assunto encontra-se muito numa veia que lhe é pessoalmente familiar. Para ser franco, creio que dessa questão você haveria de tirar melhor proveito do que eu. Além disso, o assunto parece gravitar naturalmente em sua direção (falar… [*metade de uma linha danificada*] deveria de direito pertencer a você. Eu poderia … [*metade de uma linha danificada*] o Procurador para o entregar a você. — O imenso interesse que senti por essa história enquanto ele a narrava para mim foi aumentado pela emoção do senhor que a contava e que evidenciava a mais sincera simpatia por ela, embora esta já fizesse parte de seu passado. Mas, esse meu grande interesse pode ter sido talvez, em grande medida, reforçado por uma ou outra circunstância

acidental, de modo que, provavelmente, a história pode parecer não possuir tanto páthos e tanta profundidade para você. Entretanto, você verá como ela é [*trecho ilegível*]

Ao estimar o caráter de Robinson, deveria ser permitido um livre exercício da caridade. Faço objeção àquela passagem do Diário que diz "*ele deve ter recebido uma porção de sua punição nessa vida*" — sugerindo, portanto, um futuro castigo suplementar. Não acho, de forma alguma, que o abandono de sua esposa tenha sido algo premeditado. Se fosse assim, ele teria, provavelmente, mudado de nome após tê-la deixado. Não: ele era um homem fraco e suas tentações (se bem que saibamos pouca coisa sobre elas) eram fortes. Todo o pecado se insinuou insensivelmente nele — de modo que seria talvez difícil para ele determinar o dia exato no qual poderia dizer para si mesmo, "*Agora* abandonei minha mulher"; exceto, é verdade, no dia em que se casou com a senhora de Alexandria. E aqui me recordo do seu *Marido Londrino*;21 apesar de os casos diferirem bastante. Muitas coisas mais podem ser mencionadas; mas, me abstenho; você encontrará o caráter sugestivo por você mesmo; e, talvez, tudo ainda melhor sem a minha intromissão.

Se você estiver suficientemente interessado em se empenhar numa verdadeira história baseada nessa narrativa, então eu o considero ter o absoluto direito aos detalhes auxiliares que se seguem, colhidos por mim ao acaso durante meus passeios pelas ilhas e os quais — como você há de perceber — parecem pertencer legitimamente à história, em seu estado acabado, embelezado e plenamente desenvolvido; mas, de tudo isso, você deve ser, é claro, seu próprio juiz — eu apenas submeto o caso a você; eu não decido.

Se a história se iniciar com o naufrágio, então, deve haver uma tempestade; e cairia bem se algum leve vestígio da *calmaria* que a precede fosse colocado adiante para conduzir todo o resto. Imagine agora um alto penhasco suspenso sobre o mar e coroado com um pasto de ovelhas; um pouco mais longe — e mais ao alto — um farol onde reside o pai da futura sra. Robinson, a Primeira. A tarde é suave e quente. O mar com um ar de decisão solene, com uma elaborada decisão, desliza cerimoniosamente sobre a praia. A atmosfera é carregada de maneira sufocada com o som das longas linhas de arrebentação. Não há terra alguma defronte desse despenhadeiro exceto a Europa e as Índias Ocidentais. A jovem Agatha (mas você deve lhe dar algum outro nome) aparece perambulando ao

longo do penhasco. Ela nota como as sucessivas investidas do mar o corroeram; de modo que as cercas desabam de ponta a ponta e precisam ser transferidas mais para dentro. O mar invadiu também aquela parte onde sua moradia se ergue próxima ao farol. Plena de meditações, ela se reclina para frente na beira do despenhadeiro e olha fixamente em direção do mar. Ela nota um punhado de nuvens no horizonte, pressagiando uma tempestade através de toda essa quietude. (De uma família de marinheiros e tendo sempre morado à beira-mar, ela é entendida sobre esses assuntos.) Isso dá novamente o que pensar. Subitamente ela percebe a sombra alongada do penhasco sobre a praia a cem pés abaixo dela, e então observa uma sombra movendo-se ao longo da sombra. Ela é projetada por uma ovelha do pasto. Esta havia avançado bem para a beirada do despenhadeiro, e lança um meigo e inocente olhar distante sobre as águas. Aqui, num estranho e belo contraste, temos a inocência da terra contemplando placidamente a malignidade do mar. (Tudo isso tendo uma poética referência a Agatha e seu amante do mar, que está chegando junto com a tempestade: a tempestade lhe traz seu amante, ela percebe um vago e distante relance de seu navio antes de deixar o despenhadeiro.)

p.s. Seria bom se, de seu conhecimento das profundas misérias produzidas às esposas dos homens do mar, Agatha tivesse tomado, em sua juventude, a decisão de jamais se casar com um marinheiro; resolução, todavia, que será posteriormente subjugada pela onipotência do Amor.

p.s.2. Agatha deveria ter um papel ativo durante o naufrágio e, de alguma maneira, ser a salvadora do jovem Robinson. Este deveria ser o único sobrevivente. Ele deveria ser cuidado por Agatha em sua casa durante a enfermidade subsequente aos ferimentos causados pelo naufrágio. Ora, esse navio naufragado foi arrastado sobre os bancos de areia e levado até a praia, onde foi feito em pedaços, exceto a proa. Esta, com o passar do tempo, fica incrustada na areia — após o intervalo de alguns anos, mostrando nada mais que a resistente proa (ou, o esqueleto da proa) emergindo a mais ou menos dois pés na maré baixa. Todo o resto foi invadido e coberto com areia. Desse modo, após a desaparição de seu marido, a triste Agatha vê todos os dias esse melancólico monumento, com todas as suas lembranças.

Após um suficiente lapso de tempo — quando Agatha torna-se alarmada com a prolongada ausência de seu jovem marido e está aguardando sem descanso uma carta dele — então, devemos introduzir o

posto de correio — não, essa frase não convém, mas eis de que *coisa* se trata. Devido ao distanciamento do farol de qualquer lugar habitado, nenhum correio regular o alcança. Mas, a mais ou menos uma milha de distância, há uma estrada que liga duas cidades providas de correio. E, no cruzamento do que poderíamos chamar de estrada do Farol com a estrada do Correio, lá se encontra um poste sobre o qual se fixa uma pequena e tosca caixa de madeira com uma tampa e um gonzo de couro. Dentro dessa caixa, o carteiro coloca todas as cartas destinadas às pessoas do farol e aos pescadores da vizinhança. É para esse *poste* que eles devem vir para buscar suas cartas. E, é para ele, é claro, que a jovem Agatha se dirige — por dezessete anos, diariamente. Assim como suas esperanças gradualmente se enfraquecem, do mesmo modo o próprio poste e a pequena caixa se deterioram. No fim, o poste apodrece no chão. Devido a ser pouco usado — ou quase nunca ser usado — a grama cresce abundantemente em torno dele. Finalmente um pequeno pássaro faz seu ninho nele. Enfim, o poste cai.

O pai de Agatha deve ser um velho viúvo — um homem do mar, mas que logo o abandona por causa de repetidos desastres. Por essa razão ele leva uma vida subjugada, tranquila e sábia. E agora ele toma conta de um farol para advertir as pessoas daqueles grandes perigos pelos quais ele mesmo passou.

Outros poucos detalhes me ocorrem — mas nada essencial — e temo cansar você, ou senão, fazê-lo sorrir de minha estranha e impertinente intromissão. E assim seria se, a meu ver, nenhuma dessas coisas parecesse pertencer legitimamente à história; pois elas me foram sugeridas de maneira visível por cenas que contemplei realmente sobre a mesma costa onde a história de Agatha transcorreu. Portanto, meu caro Hawthorne, não imagino de modo algum que você pensará que sou tão tolo para bajular a mim mesmo dando a você algo que pertença a mim propriamente. Não estou senão restituindo a você sua propriedade — a qual você rapidamente teria identificado por si mesmo — se você estivesse naquele mesmo lugar tal como aconteceu comigo.

Deixe-me concluir dizendo que, com seu grande poder sobre tais coisas, me parece que você pode construir uma história de extraordinário interesse a partir desse material fornecido pelo advogado de New Bedford. Você tem um esqueleto da verdadeira realidade para construir sobre ele com plenitude, talento e beleza. E, se eu achasse que poderia fazê-lo tão

bem quanto você, ora, então não o deixaria para você. A narrativa do Diário é cheia de significações. Considere a menção dos *xales* — e a inferência tirada deles. Pondere a conduta desse Robinson do começo ao fim. Observe sua agitação e suspeita quando alguém chama por ele. Mas, por que tagarelar assim — você notará tudo isso e mais profundamente do que eu, possivelmente.

Escrevi tudo isso numa grande pressa; assim, você deve decifrá-lo da melhor maneira que puder.

p.s. O caso foi resolvido depois de umas poucas semanas, de maneira a mais amigável e digna, através da divisão da propriedade. Creio que a sra. Robinson e sua família se recusaram a reclamar ou receber qualquer coisa que pertencesse realmente a sra. Irvin ou que Robinson tivesse obtido através dela.

Anexo: a história de Agatha relatada pelo advogado

Acabo de retornar de uma visita a Falmouth com o sr. Janney de Missouri em virtude de um dos casos mais interessantes e românticos no qual jamais esperaria um dia estar envolvido. O senhor de Missouri, sr. Janney, veio à minha casa na noite do último sábado e relatou a mim e a meu sócio que ele havia se casado com a filha de uma tal sra. Irvin, antigamente de Pittsburgh, Pensylvania, e que essa sra. Irvin havia se casado, pela segunda vez, com um homem chamado Robertson. Este último havia morrido há cerca de dois anos. Ele, sr. Janney, foi nomeado administrador de seu espólio que somava 20 mil dólares — aproximadamente 15 meses mais tarde, morre também a sra. Robertson e, entrementes, o administrador ficou encarregado de procurar os herdeiros do espólio. Ele descobriu que Robertson era um inglês cujo nome original era Shinn — que ele havia morado em Alexandria D. C. onde tinha dois sobrinhos. Ele também escreveu para Inglaterra e havia apurado a história e a genealogia da família com muita precisão, quando, um dia, indo para a Agência de Correio, encontrou uma carta dirigida a James Robertson, o falecido, trazendo o selo postal de Falmouth, Massachussets — ao abri-la, constatou que era de uma pessoa que assinava Rebecca A. Gifford, dirigindo-se a ele como "Pai". A existência dessa moça era do conhecimento da sra. Robertson, e seu marido a havia declarado como ilegítima. O administrador manda então uma carta à sra. Gifford informando-a sobre o falecimento de seu pai. Ele ficou surpreso, logo depois, pelo aparecimento em St. Louis de um quaker sagaz de Falmouth chamado Dillingham, munido de muitos poderes e fortalecido com cartas e certificados provando a existência de uma esposa em Falmouth, com a qual Robertson havia se casado em 1807 em Pembroke, Massachussets, e a legitimidade da filha que havia se casado com um tal sr. Gifford e que apresentava fortes reivindicações pela totalidade da herança.

O administrador e os herdeiros, tendo fortes dúvidas levantadas pelas declarações de Robertson durante sua vida e pelas expressões peculiares contidas nas cartas exibidas, assim como pela validade do casamento e

pela reivindicação baseada sobre ela, resolveram resistir e os procedimentos legais se iniciaram imediatamente. O objetivo da visita do sr. Janney foi o de assistir a tomada de depoimentos, sob notificação dos reclamantes — o secretário do ministro da cidade e as testemunhas presentes à cerimônia constataram o fato de um casamento legal e o nascimento de uma criança legítima, além de toda contestação ou controvérsia, todas as testemunhas eram da mais alta respeitabilidade e a viúva e a filha muito me interessaram.

Parece que Robertson naufragou sobre a costa de Pembroke, onde essa jovem, então senhorita Agatha Hatch, vivia — que ele foi cuidado e recebido com hospitalidade, e que, após um ano, ele a desposou nas devidas formas da lei — que ele fez duas curtas viagens ao mar. Cerca de dois anos após o casamento, deixando sua esposa *grávida*, ele partiu em busca de emprego e, dessa época até *dezessete* anos após, ela nunca mais ouviu dele, de maneira alguma, direta ou indiretamente, nem uma só palavra. Sendo pobre, ela trabalhou como enfermeira para ganhar o seu pão de cada dia e ainda conseguiu, com seus parcos ganhos, dar a sua filha uma educação de primeira classe. Tendo se tornado ligada a Sociedade de Amigos, ela a enviou ao seu mais célebre internato e, quando a vi, constatei que ela havia tirado proveito de todas as suas oportunidades mais do que a maioria das mulheres. Enquanto isso, Robertson foi para Alexandria D. C. onde entrou num bem sucedido e lucrativo negócio e se casou com sua segunda esposa. Ao término desse longo período de dezessete anos que, para a pobre e abandonada esposa, havia decorrido tristemente; enquanto ela estava ocupada fora de sua casa, seu pai foi ao seu encontro de charrete para lhe informar que seu marido havia voltado e desejava vê-la assim como sua filha — mas, se ela não quisesse vê-lo, que ele, em todo caso, visse a criança. Eles todos voltaram juntos e o acharam a caminho, vindo a encontrá-los a aproximadamente meia milha da casa do pai dela. Esse encontro foi-me descrito pela mãe e pela filha — cada incidente parecia gravado na memória de ambas. Ele se desculpou o melhor que pôde por seu silêncio e pela sua longa ausência, mostrou-se muito afetuoso, recusou-se a dizer onde vivia, persuadiu-as a não fazerem qualquer investigação, deu-lhes uma bela soma em dinheiro, prometeu voltar para sempre e partiu no dia seguinte. Ele reapareceu depois de aproximadamente um ano, justamente na véspera do enlace de sua filha e lhe deu um presente de casamento. Não muito depois disso, sua esposa em

Alexandria morre. Ele então escreveu a seu genro para vir ao seu encontro — é o que este fez — permaneceu dois dias e trouxe de volta um relógio de ouro e três belos xales que tinham sido previamente usados por alguma pessoa. Eles todos reconheceram então que tinham suspeitas, por causa dessa circunstância, de que ele havia se casado uma segunda vez.

Logo depois disso, ele visitou Falmouth novamente e, como ficou provado, pela última vez. Ele anunciou sua intenção de se mudar para o Missouri e insistiu para que toda a família fosse com ele, prometendo dinheiro, terras e outras assistências a seu genro. Sua oferta não foi aceita. Chorou ao lhes dizer adeus. Desde seu retorno ao Missouri até sua morte, uma correspondência constante será mantida, enviou-lhes dinheiro anualmente e anunciou seu casamento com sra. Irvin. Ele não teve filhos de suas duas últimas esposas.

O sr. Janney ficou completamente desapontado com o caráter das testemunhas e com o caráter dos reclamantes. Ele os considerava, logo que chegou, como cúmplices de uma fraude praticada contra a sra. Irvin e seus filhos. Mas, eu estava convencido, e creio que ele também, de que seus motivos em manter silêncio eram elevados e puros, dignos, de todo modo, da verdadeira sra. Robertson. Ela expôs suas razões com uma simplicidade e com um páthos que conduziram essa convicção irresistivelmente ao meu espírito. O único bem (?) que poderia ter ocorrido ao desmascará-lo teria sido o de provocar a fuga de Robertson e o de desgraçá-lo para sempre e isso certamente teria feito sra. Irvin e seus filhos infelizes pelo resto de suas vidas. “Não desejava” — disse a esposa — “fazer nenhum deles infelizes apesar de tudo o que sofri por sua causa”. Este foi para mim o exemplo mais impressionante de uma submissão à injúria e à angústia, ininterrupta e sem queixas, da parte de uma esposa, o que fez dela, aos meus olhos, uma heroína.

Janney me informou que R. e sua última esposa não viviam muito felizes juntos e, principalmente, que ele parecia ser um homem muito ciumento e desconfiado — que, quando uma pessoa o visitava em sua casa, ele jamais adentrava a sala até saber de quem se tratava e “tudo sobre ele”. Ele deve ter recebido uma porção de sua punição nessa vida. Revelou-se o fato de que, no curso da investigação, eles tinham concordado em dar para Dillingham a metade do que ele poderia obter deduzindo-se a despesas de sua parte. Após a força das provas terem se tornado reconhecidas, sr. Janney começou a fazer sérios esforços para

efetuar um acordo sobre a reivindicação. Qual será o resultado, o tempo dirá. Este é, suponho, o fim de minhas ligações com o caso.

A Nathaniel Hawthorne

Meu Caro Hawthorne,

Se você acha que vale a pena escrever a história de Agatha e que deveria empenhar-se nela; então tenho uma pequena ideia a respeito, a qual, embora insignificante, pode não estar inteiramente fora de lugar. Talvez, aliás, a idéia tenha já lhe ocorrido. A aparente facilidade com que Robinson, no início, abandona sua esposa e então toma uma outra, pode, provavelmente, ser atribuída a noções singulares de liberdade de ação que a maioria dos marinheiros tem de todas as delicadas obrigações desse gênero. Em sua prévia vida de marinheiro, Robinson havia encontrado uma esposa (por uma noite) em cada porto. O senso de obrigação do voto conjugal a Agatha tinha pouco peso para ele no início. Foi somente quando passou alguns anos de vida em terra firme que seu senso moral sobre esse ponto se desenvolveu. E daí, sua conduta subsequente — remorso, etc. Revolva isso em sua mente e veja se é correta. Senão, conclua o caso você mesmo.

Se você se deparar com um pequeno livro chamado , dê uma olhada e divirta-se com ele. Dentre outros, você aparece nele e eu também. Mas é você o mais reverenciado, sendo o mais maltratado e ocupando o maior espaço. Trata-se de um *Guia* de Berkshire.

Não sei quando deverei vê-lo. Entretanto, devo deitar meus olhos sobre você num dia desses. Guarde um pouco de champanhe ou gim para mim.

Meus respeitos e minhas melhores lembranças à sra. Hawthorne e às crianças.

H. Melville

p.s. Se você encontrar alguma *areia* nessa carta, encare-a como tantas areias de minha vida, que escorreram enquanto escrevia.

A Nathaniel Hawthorne

Meu caro Hawthorne,

Outro dia, em Concord, você exprimiu incerteza quanto a empreender a história de Agatha e, no fim, você insistiu para que *eu* a escrevesse. Decidi fazer isso e devo começá-la imediatamente logo que chegar em casa; e, na medida de minha capacidade, deverei me esforçar para fazer justiça a uma história real tão interessante. Você não quer, portanto, reunir todas as peças do caso para mim; e se algo, ao acaso, lhe ocorrer em seus pensamentos, não o anotaria para mim na mesma página do meu memorando? Gostaria de ter tomado essa decisão em Concord, pois assim poderíamos ter conversado mais plenamente e com mais atenção a respeito da história e, desse modo, trazendo novas luzes. Corrija isso, eu lhe peço, na medida que lhe for conveniente. Com sua permissão, farei uso da "*Ilha de Shoals*", pelo menos quanto ao nome. Deverei também introduzir o velho marinheiro de Nantucket da maneira como lhe falei. Invoco sua bênção sobre meus esforços; e sopre uma brisa favorável sobre mim. Apreciei bastante minha visita a você e espero que tenha lhe proprocionado igualmente alguma satisfação.

H. Melville

A Julian, Una e Rose, minhas saudações.

---

1. Quando de sua primeira visita aos Hawthorne ocorrida uma semana antes, havia sido acordado que a família inteira — senhor e senhora Hawthorne e os dois filhos — passaria alguns dias na casa de fazenda de Melville. O "golpe indireto" referido aqui diz respeito a uma carta da sra. Hawthorne enviada no dia 26 na qual promete somente "passar o dia" em sua casa, daí o protesto de Melville exigindo que a visita fosse realizada "em toda sua original integralidade".↩
2. Trata-se de um dos filhos de Hawthorne, Julian, então com 5 anos, e dois anos mais novo que sua irmã Una.↩

3. Todos os nomes citados nesse *post-scriptum* são de personagens do romance de Hawthorne *A Casa das Sete Torres*.↩
4. Tradicional família inglesa cuja origem data do século x.↩
5. Segundo esse moralista do século xviii, um dos aspectos da verdade seria o de justamente sobreviver ao ridículo.↩
6. Título de um conto de Hawthorne publicado pela primeira vez em 1850.↩
7. "*Ego non baptiso te in nomine patris, sed in nomine diaboli*", é o que diz o capitão Acab em *Moby Dick* ao batizar, com o sangue dos arpoadores pagãos, o arpão com o qual pretende matar a Baleia.↩
8. Rio Housetonic que corta a região.↩
9. Era assim que assinava Queequeg, personagem de *Moby Dick*.↩
10. "Defendendo-se deste modo, disse Festo em voz alta: 'Estás louco, Paulo! As muitas letras fizeram-te perder o juízo'. Paulo respondeu: 'Não estou louco excelentíssimo Festo. O que digo, são palavras de verdade e sensatez." (Atos dos Apóstolos, xxvi, 24—26).↩
11. Não é verdade; como se sabe, *Hawthorne e seus musgos* havia sido publicado pouco antes, em agosto do ano precedente.↩
12. Alusão a *Pierre*, o livro seguinte de Melville depois de *Moby Dick*.↩
13. Hawthorne e sua família haviam então se mudado de Berkshire para a casa de amigos em West Newton, Pennsylvania.↩
14. "Wonder(full) Book". Melville joga aqui com as palavras ao referir-se ao livro de Hawthorne *Wonder Book* (*Livro das maravilhas*) que acabara de ser publicado, qualificando-o, ao mesmo tempo, como *wonderfull* (maravilhoso).↩
15. Título de um conto de Hawthorne.↩
16. Referência ao novo livro de Hawthorne *The Blithedale Romance*.↩
17. Trata-se do pastor Ephraim Peabody, parente de Sophia Hawthorne.↩
18. "Hawthorn" é o nome de uma planta medicinal conhecida como *crataegos* que dá flores de cores variadas.↩
19. Trata-se de *Rose*, a mais nova filha de Hawthorne que nascera havia uns poucos meses.↩

20. Esse bilhete está perdido hoje. Originalmente, ele acompanhava o relato do advogado como um item separado.↩
21. Alusão a *Wakefield*, novela de Hawthorne.↩

Mark Twain

Mark Twain (1835–1910), pseudônimo de Samuel Langhorne Clemens, é universalmente considerado um dos mais importantes escritores norte-americanos. Observador privilegiado de um tempo e de um lugar marcantes na história do país, trabalhou como tipógrafo, repórter, colunista, palestrante, minerador e navegador de barcos a vapor no rio Mississipi, o que lhe permitiu conhecer a fundo as condições de vida dos vários grupos sociais do Sul e do Meio-oeste, ambiente e indivíduos que serviriam de cenário e modelo para seus grandes romances, como *As aventuras de Tom Sawyer* e *As aventuras de Huckleberry Finn* — livros que, desde sua publicação, tornaram-se uma das fontes principais do imaginário nacional norte-americano. Twain, por outro lado, por sua obra literária mas também por sua atuação como crítico incansável de muitos costumes e instituições de sua época, com destaque para a escravidão, tornou-se ele próprio uma das referências morais e intelectuais dos .

Diários de Adão e Eva poderia ser considerado um "Evangelho segundo Mark Twain" — não fosse o fato de não tratar da vida de Cristo, mas da vida no Paraíso antes da expulsão. É, enfim, uma espécie de diário íntimo do primeiro casal, dividido em duas partes: "Fragmentos do diário de Adão" e "Diário de Eva" — acrescidos dos contos "Solilóquio de Adão", "Autobiografia de Eva" e "Passagens do diário de Satã". Se as duas primeiras partes refletem as novas (literalmente) condições de vida no Paraíso logo após a Criação, incluindo as primeiras impressões de Adão sobre o trabalho divino e sobre sua nova companheira e vice-versa (além das razões de ela começar a fazer algumas mudanças no local), os contos trazem as experiências da maturidade e da vida depois do Éden, acrescidas das considerações de um observador privilegiado: Satã (aqui reinventado como alguém capaz de ajudar, a partir de sua imensa experiência, o jovem e ingênuo casal). *Diários de Adão e Eva* mescla a consciência contemporânea da insignificância humana frente ao Cosmos, as eternas (ao menos desde a criação de Adão e Eva) questões de gênero e da vida a dois e a sátira religiosa. Temas mais do que modernos nas mãos de um dos mestres da modernidade — e do humor literário. Os textos aqui reunidos foram encontrados em uma "caixa póstuma", onde o autor guardava o que

fora censurado pelas editoras ou que ele próprio pretendia manter inédito até sua morte.

Tradução Sergio Romanelli.

Fragmentos do diário de Adão

A primeira menção autêntica às cataratas do Niágara
traduzido do manuscrito original por Mark Twain

Segunda-feira — Esta nova criatura de cabelos longos está sempre no meu caminho e me seguindo para cima e para baixo. Não gosto disso, não estou acostumado a ter companhia. Preferiria que ficasse com os outros animais… Hoje está nublado e o vento sopra do leste; acho que nós vamos ter chuva… *Nós*? De onde tirei essa palavra? Ah, me lembro agora, é a nova criatura que a usa.

Terça-feira — Andei examinando as enormes cachoeiras. É o que há de mais bonito na propriedade, acho. A nova criatura as chama de cataratas do Niágara — por quê? Eu é que não sei. Ela diz que se *parecem* com as cataratas do Niágara. Isso não é explicação que se dê; é puro capricho e imbecilidade. Não tenho chance de dar nome a nada. A nova criatura dá nome a tudo que lhe aparece na frente, antes mesmo de eu poder protestar. E usa sempre o mesmo pretexto de que se *parece* com a coisa. O dodô, por exemplo. Ela diz que é só olhar para ele que a gente vê que "ele se parece com um dodô". Vai ter de ficar com esse nome, sem dúvida. Me cansa ficar remoendo isso, até porque não me faz bem. Dodô! Não se parece mais com um dodô do que eu!

Quarta-feira — Construí uma cabana para me proteger da chuva, mas não pude ficar com ela só para mim, em paz. A nova criatura já se enfiou aqui. Quando tentei expulsá-la, começou a jorrar água por aqueles dois buracos por onde ela olha, e enxugava com o dorso das patas, fazendo um barulho que mais parecia o de animais quando estão inquietos. Eu queria que essa coisa não falasse; fica o tempo todo falando. Parece um golpe baixo contra a pobre criatura, um insulto, mas não é isso que quero dizer. É que até agora eu nunca tinha ouvido a voz humana, e qualquer som novo ou estranho se impondo aqui sobre a solene tranquilidade dessas sonhadoras solidões fere meu ouvido e parece desafinado. E esse novo som está tão próximo de mim, sobre meu ombro, bem no meu ouvido, primeiro de um lado, depois do outro, e só estou acostumado a sons que estejam mais distantes de mim.

Sexta-feira — Essa mania de dar nome às coisas continua sem parar, independente do que eu fizer. Eu tinha um ótimo nome para este lugar, era

musical e bonito — jardim do éden. Pessoalmente, continuo a chamá-lo assim, mas não em público. A nova criatura diz que é cheio de florestas, rochedos e paisagens, e portanto não lembra um jardim. Diz que se *parece* mais com um parque e só. Por causa disso, sem me consultar, o rebatizou de Parque das cataratas do Niágara. Bastante pretensioso, na minha opinião. E já tem até uma placa:

não pise na grama

Minha vida agora já não é tão feliz quanto antes.

Sábado — Essa nova criatura come frutas demais. Desse jeito nós vamos ficar sem. "Nós" de novo — palavra *dela*; minha, agora, também, de tanto ouvir. Bastante neblina nesta manhã. Não saio sozinho com neblina, ela sim. Sai independente do tempo e volta com os pés cheios de lama. E fala sem parar! Costumava ser tão agradável e calmo antes.

Domingo — Aguentei firme. Esse dia está ficando cada vez mais difícil. Foi escolhido, em novembro passado, para ser o dia de descanso. Eu já tinha seis desses dias por semana. Esta manhã, encontrei a nova criatura tentando apanhar maçãs da árvore proibida.

Segunda-feira — Essa coisa diz que seu nome é Eva. Para mim tanto faz, não tenho nada contra. Diz que é para eu chamá-la assim, quando quiser que se aproxime. Eu disse que achava supérfluo. Essa palavra, evidentemente, fez meu prestígio aumentar; e, de fato, é uma palavra grande, boa, vai pegar logo. Diz que não é uma coisa, mas uma mulher. Isso é meio duvidoso; para mim dá na mesma; o que ela é não me importa, desde que fique na dela e não fale mais.

Terça-feira — Ela sujou a propriedade inteira com seus nomes execráveis e plaquinhas ofensivas:

por aqui para a piscina de hidro
por aqui para a ilha das cabras
caverna dos ventos por aqui

Ela diz que esse parque daria um belo resort de verão se tivéssemos esse costume. Resort de verão — outra de suas invenções — somente palavras, sem significado algum. O que é um resort de verão? Mas é melhor não perguntar, ela detesta dar explicações.

Sexta-feira — Agora fica implorando para eu não caminhar pelas pedras das cataratas. Que mal pode haver? Diz que dá calafrios nela. Me

pergunto por quê; sempre fiz isso… sempre gostei dessas quedas e dessa sensação gostosa. Achei que era para isso que as cataratas serviam. Não vejo outra utilidade nelas, e para alguma coisa devem ter sido feitas. Ela diz que foram criadas apenas para servir de paisagem… como os rinocerontes e o mastodonte.

Atravessei as cataratas dentro de um barril, isso não foi bom o suficiente para ela. Fui até o outro lado dentro de uma tina, ainda não estava bom. Atravessei o redemoinho e as quedas num traje de folhas de figo. Rasgou todo. Daí em diante, só reclamações chatas sobre minha extravagância. Sou importunado demais por aqui. O que eu preciso é de uma mudança de ares.

Sábado — Escapei na terça passada à noite e viajei por dois dias; construí outra cabana para mim em um lugar recluso, apagando minhas pegadas tão bem quanto pude, mas ela me achou com a ajuda de um bicho que domesticou e chamou de lobo, e se aproximou fazendo aquele som penoso de novo, com água saindo daqueles buracos com que ela olha. Fui obrigado a voltar com ela, mas acho que vou dar no pé outra vez assim que tiver uma chance. Ela se ocupa com um monte de bobagens; entre outras coisas, estudar por que os animais chamados leões e tigres se alimentam de grama e flores, quando, como ela diz, seus dentes indicam que eles foram feitos para comer uns aos outros. Isso é uma tolice, porque fazer isso significaria matar um ao outro, o que acabaria introduzindo, a meu ver, o que se chama de "morte"; e a morte, como me foi dito, ainda não entrou no parque. O que de certo modo é uma pena.

Domingo — Aguentei firme.

Segunda-feira — Acho que agora entendo para que serve a semana: é para ter tempo de se recuperar do cansaço do domingo. Parece uma boa ideia… Ela anda subindo de novo naquela árvore. Joguei torrões nela até ela descer. Ela disse que não tinha ninguém olhando. Parece achar que isso é uma justificativa boa o bastante para ficar se arriscando desse jeito. Eu disse isso a ela. A palavra "justificativa" elevou sua admiração por mim ainda mais, e a inveja também, pensei. É boa essa palavra.

Terça-feira — Ela disse que foi feita a partir de uma costela do meu corpo. Isso é no mínimo duvidoso, se não coisa pior. Não estou sentindo falta de costela nenhuma… Ela está bem aflita por causa daquele abutre; diz que grama não lhe cai bem; está com medo que não poder criá-lo porque acha que é da natureza dele alimentar-se de carne estragada. O

abutre tem que se virar da melhor forma possível com o que tem por aqui. Não podemos subverter a ordem das coisas só para o bem dele.

Sábado — Ontem ela caiu no lago enquanto se admirava. Coisa que ela faz o tempo todo. Quase se afogou e disse que a sensação não foi nada boa. Isso fez que começasse a ter pena das criaturas que vivem lá no fundo, que decidiu chamar de peixes. Aliás, ela continua pondo nomes nas coisas, inclusive nas que não precisam de nome, até porque elas nem atendem quando são chamadas. Mas ela não se importa, é uma tonta mesmo; e assim acabou pegando um monte desses peixes ontem à noite e os enfiou na cama para ficarem quentinhos. Fiquei observando-os o dia inteiro, e acho que não estão mais felizes aqui do que estavam antes, só mais quietos. À noite vou botar todos para fora. Não vou dormir com eles de novo, são pegajosos, e é nojento ficar deitado sem roupa ao lado deles.

Domingo — Aguentei firme.

Terça-feira — Agora ela anda às voltas com uma cobra. Os outros animais estão felizes, pois ela estava sempre incomodando e fazendo experiências com eles, e eu fico feliz porque a cobra fala, e isso me dá uma folga.

Sexta-feira — Ela disse que foi a cobra quem a instigou a comer da fruta daquela árvore alegando que o resultado seria uma grande, bela e nobre aprendizagem. Eu disse que isso teria outras consequências também… introduziria a morte no mundo. Que burrada, teria sido melhor guardar esse comentário só para mim; acabei dando uma ideia a ela… achou que poderia salvar o abutre doente e também fornecer carne fresca para os leões e os tigres desesperados. Mandei-a ficar longe daquela árvore. Ela disse que não. Vejo problemas à frente. Vou cair fora outra vez.

Quarta-feira — Foi bem movimentada. Escapei ontem e cavalguei a noite toda, o mais rápido que meu cavalo pôde, na esperança de conseguir ficar bem longe do parque e me esconder em outra região, antes que começassem os problemas; mas não era para ser. Mais ou menos uma hora depois de o sol nascer, quando eu cavalgava por uma relva florida onde milhares de animais pastavam, dormiam, ou brincavam uns com os outros, de acordo com seu desejo, de repente eles irromperam em grunhidos e a planície foi tomada por uma comoção frenética, e os animais começaram a atacar uns aos outros. Eu sabia o que era — Eva tinha comido da fruta, e a morte adentrava nosso mundo… Os tigres comeram meu cavalo, me ignoraram quando mandei que parassem, e teriam me devorado também se

eu tivesse ficado — o que não fiz, pois saí correndo… Encontrei esse lugar fora do parque. Foi até confortável por alguns dias, mas ela me descobriu. Me encontrou e logo chamou o lugar de Tonawanda — porque, para variar, achava que *parecia* com Tonawanda. Para falar a verdade, não fiquei chateado por ela ter aparecido porque aqui tem pouca coisa para colher, e ela trouxe algumas maçãs. Fui obrigado a comê-las, estava morto de fome. Era contra os meus princípios, mas quando a gente está com fome os princípios não contam muito… Ela veio coberta de galhos e ramos de folhas, e quando perguntei o que pretendia com isso e arranquei tudo e joguei fora, ela ficou meio sem graça e corou. Nunca tinha visto uma pessoa ficar sem graça e corar, e aquilo me pareceu inadequado e idiota. Ela disse que logo eu saberia por quê. Ela tinha razão. Faminto como eu estava, larguei a metade da maçã que estava comendo — certamente a melhor que eu provara, considerando que já findava a estação — e me cobri com os galhos e ramos jogados fora, e lhe falei com autoridade, mandei que pegasse mais alguns e que não fizesse um espetáculo. Ela obedeceu, e depois disso rastejamos até o lugar onde a guerra dos animais selvagens tinha acontecido e recolhemos algumas peles, com as quais mandei que ela fizesse roupas mais apropriadas para ocasiões públicas. São um pouco desconfortáveis, é verdade, mas têm estilo, e isso é que importa quando se trata de roupas… Acho que ela é uma bela de uma companheira. Percebi que ficaria um tanto solitário e deprimido sem ela agora que perdi minha propriedade. Outra coisa: ela disse que nos mandaram trabalhar para o nosso sustento de agora em diante. Ela vai ser útil. Eu vou supervisionar.

Dez dias depois — Ela me acusa de ser a causa do nosso desastre! Diz, com aparente sinceridade e verdade, que a Serpente garantiu que a fruta proibida não era maçã e sim castanha. Eu disse que então era inocente, pois não tinha comido nenhuma castanha. Ela disse que a Serpente lhe informara que "castanha" era um termo figurado que significava piada velha e bolorenta. Fiquei sem graça, pois fiz muitas piadas para passar o tempo, apesar de achar, honestamente, que eram novas quando pensei nelas. Ela me perguntou se tinha feito alguma bem no momento da catástrofe. Fui obrigado a admitir que fiz uma para mim mesmo, mas não em voz alta. Era assim: estava pensando sobre as Quedas e disse: "Que maravilha é ver um imenso corpo d'água caindo!". Então, em um instante, num pensamento brilhante que me passou pela cabeça, eu o soltei,

dizendo: “Seria muito melhor vê-lo subindo até aqui!”… e eu estava quase morrendo de tanto rir quando a natureza inteira irrompeu em guerra e morte e tive que fugir para não arriscar minha vida. “Isso”, disse ela triunfante, “é bem isso; a Serpente mencionou exatamente essa piada, e chamou-a de ‘A Primeira Castanha’, e disse que coincidia com a criação.” Ai de mim, de fato a culpa é toda minha. Quem dera não fosse tão espirituoso; ah, se não tivesse tido um pensamento tão brilhante!

No ano seguinte — Chamamos essa criaturinha de Caim. Eva a pegou enquanto eu estava fora, armando redes na costa norte do lago Erie; apanhou-a na floresta a uns três, quatro quilômetros da nossa caverna… pode também ter sido a uns seis, sete quilômetros, ela não sabe bem ao certo. Ele se parece um pouco com a gente, e pode até ser um parente. Isso é o que Eva acha, mas penso que está enganada. A diferença em tamanho reforça a conclusão de que se trata de uma nova espécie de animal… um peixe, talvez, apesar de que, quando o joguei na água para ter certeza, ele afundou, e ela se atirou na água e o pegou antes que desse tempo de ver se meu experimento confirmava minha suspeita. Continuo achando que é um peixe, mas ela não se importa com o que seja, e não me deixa pegá-lo para fazer novas tentativas. Não entendo isso. Com a chegada dessa nova criatura, parece que a natureza dela mudou completamente, ela ficou irracional com relação aos experimentos. Pensa nele mais do que em qualquer outro animal, mas não sabe dizer por quê. Sua mente está confusa, desordenada; tudo confirma isso. Às vezes, quando esse peixe choraminga e quer ir para a água, ela fica com ele nos braços quase a noite toda. Nesses momentos, a água vem de dentro daqueles buracos por onde ela olha, e ela faz carinho nas costas dele e uns sons bem suaves com a boca para acalmá-lo. Tenta demonstrar de mil maneiras que o entende e que tem pena dele. Nunca a vi fazer isso com nenhum outro peixe, e isso me incomoda muito. Ela costumava carregar os filhotes de tigre do mesmo modo, e brincava com eles, antes de perdermos a propriedade, mas era só brincadeira; não se preocupava tanto com eles quando a comida não lhes caía bem.

Domingo — Ela não trabalha aos domingos, fica por aí deitada, fatigada, e gosta de ver o peixe revolvendo-se por cima dela de um lado para outro. Emite uns sons abobalhados para entretê-lo, faz de conta que está mordiscando suas patinhas para ele rir. Eu nunca tinha visto um peixe que conseguisse rir. Isso me faz duvidar… Comecei a gostar dos domingos

também. Ficar supervisionando a semana inteira deixa o corpo cansado. Deveria ter mais domingos. Antigamente eles eram quase insuportáveis, mas agora eles vêm a calhar.

Quarta-feira — Esse ser não é um peixe. Ainda não descobri exatamente o que é. Faz uns sons horrorosos quando não está satisfeito, mas quando está, diz "gugu, dadá". Não é um dos nossos, já que não sabe caminhar; não é um pássaro, não sabe voar; não é um sapo, porque não sabe saltar; não é uma cobra, pois não rasteja. Tenho certeza de que não é um peixe, mas não encontro chance de descobrir se consegue ou não nadar. Passa o tempo todo deitado, em geral de costas, de pernas para o ar. Nunca vi outro animal fazer isso. Eu disse que achava isso um enigma; mas ela apenas admirou a palavra, sem entender. A meu ver, ou é um enigma, ou é um tipo de inseto. Se ele morrer, vou desmembrá-lo para ver como é que ele funciona. Nunca uma coisa me deixou tão perplexo.

Três meses depois — A perplexidade aumenta em vez de diminuir. Durmo bem pouco. Ele parou de ficar só deitado, agora também fica esperneando. Mas difere dos outros animais de quatro patas porque as da frente são bem mais curtas, e por causa disso a parte principal do corpo dele fica apontando desconfortavelmente para cima, e isso não é nada atraente. Foi construído como nós, mas a sua maneira de se movimentar mostra que não é da nossa espécie. As pernas da frente curtas e as traseiras compridas indicam que deve ser da família dos cangurus, mas de uma espécie diferente, pois os verdadeiros cangurus pulam e esse não. Mesmo assim é de uma variedade bem curiosa e interessante, que ainda não foi catalogada. Como eu a descobri, me sinto no direito de assegurar que o crédito da descoberta seja associado ao meu nome. Assim, chamei-o de *Kangaroorum adamiensis*… Deve ter sido jovem quando veio, pois nesse meio-tempo cresceu excessivamente. Está umas cinco vezes maior do que quando chegou, e quando está descontente é capaz de produzir de vinte e duas a trinta e cinco vezes mais ruídos do que no início. Coerção não muda isso, na verdade tem o efeito contrário. Por essa razão, desisti de analisar seu mecanismo. Ela o acalma por meio da persuasão e dando-lhe coisas que antes tinha me proibido de dar. Como falei, eu não estava em casa quando ele apareceu, mas ela jurou que o encontrou na floresta. Parece estranho que seja o único, mas deve ser isso mesmo, pois cansei de procurar nessas últimas semanas tentando encontrar outro para juntar à minha coleção e para que ele tenha com quem brincar. Isso certamente o

faria acalmar-se e conseguiríamos domesticá-lo mais facilmente. Mas não encontro vestígio de outro igual, e o mais estranho é que não há pegadas. Ele deve viver na superfície, não consegue se cuidar sozinho; mas como se movimenta sem deixar rastro? Armei dezenas de armadilhas, que não deram em nada. Peguei tudo que é tipo de animal pequeno, exceto esse; animais que entram na armadilha por pura curiosidade, para ver por que o leite está lá, sem tomar nem um gole sequer.

Três meses depois — O canguru continua a crescer, o que é muito estranho e intrigante. Nunca imaginei que a fase de crescimento dele poderia ser tão longa. Agora está com pelos na cabeça. É diferente do pelo dos cangurus e exatamente igual ao nosso cabelo, que é muito mais fino e macio, e em vez de ser preto é vermelho. Estou pasmo com o desenvolvimento imprevisível dessa aberração zoológica inclassificável. Ah se eu conseguisse pegar mais um, mas não tenho esperanças; é uma nova variedade e a única amostra; é isso. Mas consegui agarrar um legítimo canguru e o trouxe para cá pensando que este, estando sozinho, preferiria ter aquele como companhia a não ter ninguém de sua espécie. Ou pelo menos outro animal de que poderia se sentir próximo e que se compadecesse dele nessa condição de abandono, entre estranhos, que não conhecem seus jeitos e hábitos e não sabem o que fazer para que se sinta entre amigos. Mas foi um erro. Ele teve um ataque quando viu o canguru, tanto que me convenci de que ele realmente nunca tinha visto um. Tenho pena desse pobre e ruidoso animalzinho, mas não há nada que possa fazer para deixá-lo feliz. Ah se eu conseguisse domesticá-lo… mas isso está fora de questão; quanto mais tento, pior ele fica. Me parte o coração vê-lo assim, em seus tormentos de tristeza e paixão. Quero soltá-lo, só que ela não quer nem ouvir falar disso. Parece cruel e atípico, mas ela pode estar certa. Ele pode estar mais solitário do que nunca, pois se eu não consigo encontrar nenhum dos seus semelhantes, que dirá ele?

Cinco meses depois — Não é um canguru. Não, porque se firma segurando no dedo dela e assim consegue dar alguns passos com as pernas traseiras, antes de cair. Deve ser um tipo de urso; apesar de não ter uma cauda… pelo menos não ainda… nem pelo, exceto na cabeça. Ele continua crescendo. E isso é muito curioso, pois ursos atingem a fase adulta antes. Ursos são perigosos desde a catástrofe, e eu não vou ficar satisfeito com ele fuçando por aqui sem uma focinheira. Eu lhe ofereci um canguru se ela deixasse ele ir, mas não adiantou. Eva parece disposta a nos colocar em

tudo quanto que é situação de risco. Ela não era assim antes de perder o juízo.

Duas semanas depois — Examinei sua boca. Ainda não apresenta perigo: tem apenas um dente. E ele ainda não tem cauda. Faz mais barulho agora do que antes, principalmente à noite. Eu me mudei dali. Mas voltarei sempre pelas manhãs, para o café e para verificar se já tem mais dentes. Se sua boca ficar cheia de dentes, será a hora de ele ir, com ou sem cauda, pois um urso não precisa de uma para se tornar perigoso.

Quatro meses depois — Me ausentei por um mês para caçar e pescar lá naquela região que ela chama de Buffalo; não sei bem por quê, a não ser que seja por não ter búfalos por lá. Nesse meio-tempo, o urso aprendeu a andar por aí sozinho, somente nas pernas traseiras, e diz "papá" e "mamá". Certamente trata-se de uma nova espécie. Essa semelhança no uso de palavras pode ser puramente acidental, é claro, e pode não ter propósito ou significado nenhum; mas mesmo nesse caso é extraordinário, pois os ursos não sabem fazer isso. Essa imitação da fala, a falta geral de pelos e a completa ausência de cauda são indicação suficiente de que deve ser um novo tipo de urso. Um estudo mais aprofundado desse animal haveria de ser bem interessante. Enquanto isso, partirei numa expedição distante para as florestas do norte a fim de fazer uma pesquisa exaustiva. Deve haver outro em algum lugar, e esse talvez vá se tornar menos perigoso se estiver na companhia de outros de sua espécie. Vou sair imediatamente, mas não sem antes colocar uma focinheira nele.

Três meses depois — A caçada foi muito, muito cansativa e sem sucesso. Enquanto estive fora, sem sair da propriedade, ela conseguiu pegar outro! Eu nunca tive essa sorte. Mesmo que tivesse caçado por essas florestas durante uns cem anos, nunca toparia com outro desses.

No dia seguinte — Comparei o antigo com o mais novo, e ficou claro que pertencem à mesma espécie. Queria empalhar um para minha coleção, mas ela é contra por uma razão ou por outra, então acabei desistindo da ideia, apesar de achar que é um erro. Seria uma perda irreparável para a ciência se eles desaparecessem. O mais velho está mais domesticado do que antes e ri e fala como um papagaio, tendo aprendido isso, é claro, por ter passado tanto tempo na companhia de um e por ter a faculdade imitativa bem desenvolvida. Ficarei muito surpreso se for comprovado que é um novo tipo de papagaio; por outro lado, não deveria ficar tão surpreso assim, pois ele já foi de tudo quanto era espécie desde os

primeiros dias, quando ainda parecia ser um peixe. O mais novo é tão feio quanto o primeiro era no começo; a mesma cor de enxofre e carne crua e aquela cabeça com formato meio estranho, sem nenhum pelo. Ela o chama de Abel.

Dez anos depois — Eles são meninos; descobrimos há muito tempo. Era a forma como eles chegavam, tão pequenos e imaturos, que nos baratinava. Também já temos umas meninas. Abel é um bom menino, mas se Caim tivesse permanecido um urso teria se aperfeiçoado mais. Depois de todos esses anos, me dei conta de que no começo estava errado sobre Eva; é melhor viver fora do Jardim com ela, do que nele sem ela. No começo achava que ela falava demais; mas hoje ficaria mal se não falasse ou se saísse da minha vida. Abençoada seja a castanha que nos aproximou e que me ensinou a ver a bondade do seu coração e a doçura do seu espírito!

fim

Diário de Eva

Traduzido do original

Sábado — Estou com quase um dia de vida agora. Cheguei ontem. Ao menos é o que parece. E deve ser isso mesmo, pois se houve um dia antes do de ontem eu não estava lá para ver, ou me lembraria dele. Mas pode ser, claro, que tenha havido um dia antes de ontem e eu simplesmente não tenha notado. Muito bem; vou ficar de olho, e se algum dia antes de ontem acontecer, vou tomar nota. É melhor começar direito e não deixar os registros ficarem confusos, meu instinto me diz que esses detalhes ainda vão ser importantes para os historiadores um dia. Me sinto como um experimento, exatamente como um experimento; seria impossível alguém se sentir mais como um experimento do que eu. Por isso começo a ficar convencida de que é exatamente isso que *eu sou* — um experimento e nada mais.

Se eu for mesmo um experimento, será que sou o único? Não, acho que não. Acho que o resto faz parte também. Sou a principal, mas acho que o resto também tem a ver com o assunto. Será que a minha posição está assegurada, ou devo ficar de olho e tomar cuidado? Prefiro ficar de olho. O instinto me diz que a vigilância eterna é o preço da supremacia. (Acho que essa é uma boa frase para alguém tão jovem como eu.)

Tudo está mais bonito hoje do que ontem. Na pressa de terminar ontem, as montanhas ficaram um pouco picotadas, e algumas planícies ficaram tão abarrotadas de lixo e sobras que o aspecto ficou meio desolador. Peças de arte nobres e belas não devem ficar sujeitas à pressa; e este majestoso novo mundo é mesmo um nobre e belo trabalho. E certamente maravilhoso, chegando quase à perfeição, apesar de ter sido feito em tão pouco tempo. Há estrelas demais em algumas partes e de menos em outras, mas isso pode ser remediado logo, sem dúvida. A lua se soltou ontem, e caiu fora do esquema — uma grande perda; me corta o coração pensar nisso. Não há nada entre os ornamentos e decorações comparável a sua beleza e acabamento. Devia ter sido mais bem fixada. Ah, se conseguíssemos pegá-la de volta.

Mas não dá para saber onde foi parar. Além do mais, quem a pegar vai escondê-la; sei disso porque faria o mesmo. Acho que poderia ser honesta em relação a tudo o mais, mas já descobri que a essência e o centro da

minha natureza é o amor pelo belo, uma paixão pelo belo, e que não seria seguro confiar em mim em posse de uma lua que pertencesse a outra pessoa que não soubesse que ela estava comigo. Eu poderia abrir mão de uma lua que eu achasse durante o dia, pois teria medo de que alguém estivesse vendo; mas, se eu a achasse na escuridão, tenho certeza de que inventaria uma desculpa para não ter que dizer nada a respeito. Porque eu adoro as luas, elas são tão lindas, tão românticas. Gostaria que tivéssemos cinco ou seis delas; eu nunca mais iria dormir; não me cansaria nunca de ficar deitada sobre os musgos, olhando para elas.

As estrelas são bacanas também. Gostaria de ter algumas para pôr no cabelo. Mas acho que nunca vou conseguir. Você ficaria surpreso de saber como elas estão longe daqui, apesar de não parecerem tão distantes. Quando elas apareceram pela primeira vez, ontem à noite, tentei derrubar algumas usando um bambu, mas não era comprido o bastante, o que me deixou surpresa; então tentei atirar uns torrões nelas, até cansar, mas não consegui derrubar nenhuma. Deve ser porque sou canhota e não arremesso bem. Mesmo quando mirei numa outra, para ver se acertava finalmente a que queria, não consegui. Vi a mancha preta do torrão passar bem no meio daquele conglomerado dourado; fiz isso umas quarenta ou cinquenta vezes, mas passava de raspão; se tivesse aguentado um pouco mais, talvez conseguisse acertar uma em cheio.

Por isso chorei um pouco, o que é natural, suponho, para alguém da minha idade, e depois de descansar acabei pegando uma cesta e fui caminhando em direção à borda do círculo, lá onde as estrelas ficam perto do solo, achei que poderia pegar com as mãos. Isso seria melhor, daria para reuni-las com cuidado, de modo que não quebrassem. Mas era mais longe do que eu pensava, e acabei desistindo; estava tão cansada que não conseguia dar mais nem um passo. Além disso, tinha os pés muito inchados e doloridos.

Não pude voltar para casa; era muito longe, estava esfriando, mas achei uns tigres e me aninhei entre eles; foi adoravelmente confortável, seu hálito era doce e agradável, porque só comem moranguinhos. Nunca tinha visto um tigre antes, mas conheci logo pelas listras. Se conseguisse uma dessas peles, faria um belo vestido para mim.

Hoje já tenho uma noção melhor das distâncias. Andava tão louca para pegar tudo que achava bonito, tentava alcançar, ávida, mas quando algumas dessas coisas estavam fora do meu alcance ou, ao contrário,

quando pareciam estar só a uns dois metros de distância — mas entre espinhos —, foi aí que aprendi uma lição. Fiz até um axioma, de cabeça — o meu primeiro: *o experimento arranhado evita o espinho*. Acho que está muito bom para alguém da minha idade.

Segui o outro experimento por aí, ontem à tarde, a distância, para tentar entender para que ele tinha sido feito. Mas não consegui descobrir. Acho que é um homem. Nunca tinha visto um, mas parecia ser, e tenho quase certeza de que era mesmo. Sinto que tenho mais curiosidade com relação a ele do que com relação aos outros répteis. Suponho que seja um, pois tem cabelo desgrenhado e olhos azuis e se parece com um réptil. Não tem ancas, se afina como uma cenoura, se abre como um guindaste; acho que é um réptil, mas pode também ser uma obra arquitetônica.

No começo tinha medo dele, e corria cada vez que ele se virava, com medo de que me perseguisse; aos poucos fui notando que a criatura só queria fugir; depois, quando minha timidez diminuiu, eu o segui por horas e horas, sempre uns vinte metros atrás, o que o deixou nervoso e infeliz. A certa altura, ele estava bastante preocupado e subiu numa árvore. Esperei um bom tempo, mas acabei desistindo e fui para casa.

Hoje, a mesma coisa. Por minha causa, subiu outra vez na árvore.

Domingo — Esse ser ainda está lá em cima. Descansando, parece. Mas isso é um pretexto: domingo não é dia de descanso. O sábado é que foi escolhido para isso. Ele demonstra estar mais interessado em descansar do que em qualquer outra coisa. Eu ficaria cansada de tanto descansar. Me canso só de ficar sentada olhando para a árvore. Me pergunto para que afinal ele serve. Nunca o vejo fazendo coisa nenhuma.

Eles devolveram a lua ontem à noite, fiquei *tão* contente! Acho que foi muito honesto da parte deles. Ela escorregou e caiu de novo, mas não me incomodei; não é preciso se preocupar quando se tem vizinhos assim; eles vão pegar de volta. Gostaria de poder fazer alguma coisa para expressar minha gratidão. Gostaria de mandar algumas estrelas para eles, temos muito mais do que precisamos. Quer dizer, eu, não nós, pois dá para perceber que aquele réptil não se interessa por nada disso.

Ele não tem gostos refinados, nem mesmo é gentil. Quando fui lá ontem à noite, na hora do crepúsculo, ele tinha descido e estava tentando pegar aqueles peixinhos manchados que brincam no lago; tive que afugentá-lo com torrões para que subisse na árvore outra vez e os deixasse em paz. Fico pensando se é para *isso* que ele serve. Será que não tem

coração? Não tem compaixão por essas pequenas criaturas? Será que foi projetado para um trabalho tão desumano? Parece que sim. Um dos torrões o atingiu atrás da orelha, e ele fez uso da linguagem. Fiquei emocionada, foi a primeira vez que ouvi alguém falar, além de mim. Não entendi as palavras, mas pareciam bem expressivas.

Quando descobri que sabia falar, fiquei mais interessada nele, pois eu adoro falar; falo o dia inteiro, até quando estou dormindo. Sou muito interessante, mas se tivesse alguém com quem conversar poderia ser duplamente interessante, e não pararia nunca se ele também quisesse conversar.

Se esse réptil for mesmo um homem, não poderá mais ser chamado de coisa, isso não seria gramatical, seria? Isso seria um *ele*. Pelo menos é o que eu acho. Nesse caso, teríamos que chamá-lo assim: no nominativo, *ele*; no dativo, *lhe*; no possessivo, *seu*. Bom, vou considerá-lo um homem e chamá-lo de ele até descobrir o que é de verdade. É mais prático do que ficar em dúvida.

Domingo da semana seguinte — Passei a semana na cola dele, para nos conhecermos melhor. Eu é que tinha que ficar puxando conversa, porque ele era tímido, mas não me importei. Ele parecia feliz por eu estar próxima, e usei bastante o sociável "nós", porque ele parecia gostar de se sentir incluído.

Quarta-feira — Agora estamos nos acertando muito bem mesmo, e nos conhecendo cada vez mais. Ele não me evita mais como antes, o que é um bom sinal; demonstra que gosta de me ter por perto. Isso me agrada, eu me esforço para ser útil no que puder, de modo que seu apreço por mim aumente. Durante os últimos dois dias assumi a tarefa de nomear as coisas, o que lhe trouxe muito alívio, porque ele não leva muito jeito para isso. Evidentemente está muito grato. Não consegue pensar em nenhum nome racional para desmentir essa impressão de que lhe falta talento. Mas não deixo que perceba que estou ciente desse seu defeito. Sempre que aparece uma nova criatura eu já dou um nome, antes que ele tenha tempo de se expor com aquele silêncio desconcertante. Assim, já o poupei de muitos embaraços. Eu não tenho um defeito como esse. No momento em que ponho os olhos num animal, já sei o que é. Não preciso refletir nem por um segundo; o nome certo vem instantaneamente, como uma inspiração, e é isso que deve ser, uma inspiração, pois tenho certeza de que

não estava dentro de mim nem meio minuto antes. Parece que só pelo formato da criatura e pelo jeito como ela age sei que animal é.

Quando o dodô apareceu, ele pensou que fosse um gato selvagem — eu vi nos seus olhos. Mas eu o poupei. Fui cuidadosa em fazer isso de maneira que não ferisse seu orgulho. Simplesmente falei de um jeito bem natural, como uma surpresa agradável, e não como se estivesse querendo lhe passar uma informação: "Ora, veja se não é um dodô!". Então expliquei — sem que parecesse uma explicação — como eu sabia que era um dodô, e, mesmo percebendo que ele estava um pouco incomodado por eu saber que criatura era aquela, ficou evidente que ele me admirava. Que sensação prazerosa! E fiquei me lembrando disso, antes de dormir, com enorme satisfação. Como algo tão insignificante pode nos deixar tão felizes, especialmente quando nos sentimos merecedores.

Quinta-feira — Minha primeira mágoa. Ontem ele me evitou e pareceu querer que eu não falasse mais com ele. Não pude acreditar, pensei que havia algum engano, eu adorava ficar com ele, e adorava ouvi-lo falar, por isso não conseguia entender por que tanta antipatia em relação a mim quando eu não havia feito nada. Mas essa sensação acabou se confirmando, então decidi ir embora e me sentei sozinha naquele lugar de onde o avistei pela primeira vez naquela manhã em que fomos feitos e eu não sabia ainda o que ele era e fiquei indiferente; mas agora esse lugar estava carregado de tristeza, e tudo ali me fazia lembrar dele; meu coração estava sofrendo. Eu não sabia muito bem por quê, pois era um sentimento novo, que eu jamais havia sentido, era um mistério que eu não conseguia decifrar.

Quando a noite chegou, não suportei mais a solidão e fui ao novo abrigo que ele construiu para perguntar o que eu tinha feito de errado e como repará-lo e fazer com que fosse amável comigo de novo. Mas ele me pôs para fora, na chuva; e foi essa a minha primeira mágoa.

Domingo — Está tudo bem de novo e estou feliz; mas aqueles foram dias bem difíceis, e evito pensar neles.

Tentei pegar umas daquelas maçãs para ele, mas minha mira não é muito boa. Fracassei, mas acho que a boa intenção o agradou. Elas são proibidas, e ele diz que isso vai me prejudicar, mas se vou me prejudicar tentando agradá-lo, por que devo me importar com esse tipo de dano?

Segunda-feira — Esta manhã eu lhe disse meu nome, na esperança de que ficasse interessado, mas ele não deu a mínima. É estranho. Se me

dissesse seu nome, eu me interessaria. Acho que o som do nome dele seria mais agradável para meus ouvidos do que qualquer outro som.

Ele fala bem pouco. Talvez seja porque não é muito inteligente e, como é muito sensível com relação a isso, tenta disfarçar. É uma pena que se sinta assim, porque inteligência não é nada; é no coração que estão os valores. Gostaria de poder fazê-lo entender que um coração amoroso é riqueza mais que suficiente, e que sem isso o intelecto é pobreza.

Embora fale tão pouco, tem um vocabulário considerável. Esta manhã usou uma palavra surpreendentemente boa. Ele, claro, se deu conta disso, pois a usou duas vezes depois, tentando aparentar casualidade. Não se saiu muito bem, mas ainda assim demonstrou possuir alguma percepção. Sem dúvida essa semente pode germinar, se cultivada.

De onde ele tirou aquela palavra? Não me lembro de tê-la usado alguma vez.

Não, ele não mostrou o menor interesse pelo meu nome. Tentei disfarçar minha decepção, mas acho que não consegui. Saí e me sentei num montículo de musgos, com os pés na água. É para lá que eu vou quando necessito de companhia, quando quero ver alguém, conversar um pouco. Aquele lindo corpo branco pintado na água não é suficiente — mas é melhor que nada, é melhor que a solidão absoluta. Ele fala quando eu falo; fica triste quando eu fico; me conforta com sua compaixão; diz: “Não fique abatida, pobre menina sem amigos”. Ela é uma boa amiga para mim, minha única amiga, ela é minha irmã.

Na vou esquecer nunca, nunca mesmo, da primeira vez que ela me abandonou. Meu coração estava como chumbo dentro do corpo. “Ela era tudo o que eu tinha, e foi embora!” Em desespero eu disse: “Você parte meu coração; não consigo mais suportar esta vida!”, e escondi o rosto entre as mãos, desconsolada. Quando retirei as mãos do rosto, depois de um tempo, ali estava ela novamente, branca, brilhante e bonita, e eu me joguei em seus braços!

Senti então a felicidade plena; eu já conhecia a felicidade, mas nunca daquele modo, aquele êxtase. Nunca mais duvidei dela depois disso. Às vezes, ela ficava distante — talvez uma hora, às vezes o dia inteiro, mas eu esperava e não duvidava; eu dizia: “Ela deve estar ocupada, ou viajando, mas voltará”. De fato: ela sempre voltava. À noite, se estivesse escuro, não voltava, pois era uma criaturinha tímida, mas quando a lua aparecia ela vinha. Não tenho medo da noite, mas ela é mais jovem do que

eu, nasceu depois de mim. Foram muitas as visitas que lhe fiz; ela é meu consolo e refúgio quando a vida está difícil — é isso que ela é.

Terça-feira — Passei a manhã toda trabalhando para melhorar a propriedade, e fiquei longe dele de propósito, na esperança de que se sentisse sozinho e viesse ao meu encontro. E nada.

Ao meio-dia dei minhas atividades por encerradas e me entretive saltitando com as abelhas e as borboletas e me divertindo entre as flores, essas maravilhosas criaturas que captam o sorriso de Deus e o preservam! Eu as colhi e trancei em coroas e guirlandas e me vesti com elas enquanto lanchava — maçãs, obviamente; depois me sentei à sombra, ansiosa, esperando. Mas ele não apareceu.

Não faz mal. Não teria dado em nada mesmo, pois ele não gosta de flores. Ele as chama de lixo, e não consegue distinguir umas das outras, acha que por ser assim é superior. Não gosta de mim, não gosta de flores, não gosta da pintura do céu ao anoitecer — será que há algo de que ele goste afora construir cabanas onde se enfiar para se proteger da chuva boa e límpida, apalpar melões e selecionar uvas, para ver como esses frutos estão se desenvolvendo?

Coloquei um galho seco no chão e tentei fazer um buraco com a ajuda de outro galho, para testar uma ideia. De repente levei um susto. Uma película transparente e azulada surgiu do buraco; larguei tudo e corri! Achei que fosse um espírito, fiquei muito assustada! Olhei para trás, ele não estava me seguindo; então me escorei numa pedra e descansei, ofegante, e esperei até minhas pernas pararem de tremer, aí voltei com cuidado, alerta, olhando tudo, pronta para correr se fosse o caso; quando cheguei perto, afastei uns galhos de roseiras e espiei — desejando que o homem estivesse por ali, pois eu estava tão linda e atraente —, mas o espírito tinha desaparecido. Fui até lá; havia um punhado de um pó delicado, cor-de-rosa, no buraco. Coloquei o dedo nele para sentir a textura, gritei *ai*! e retirei o dedo. A dor foi cruel. Pus o dedo na boca e, pisando primeiro num pé, depois noutro, gemendo, eu logo aliviei a dor; então, cheia de interesse, comecei a examinar aquilo de novo.

Estava curiosa para descobrir o que era esse pó rosa. De repente o nome me ocorreu, embora nunca o tivesse ouvido. Era *fogo*! Impossível alguém estar mais certo sobre qualquer coisa neste mundo do que eu estava naquele momento. Então, sem hesitar, chamei aquilo de fogo.

Tinha criado algo que não existia antes; acrescentei algo novo aos inúmeros bens deste mundo; me dei conta disso e fiquei orgulhosa da minha invenção, queria correr e encontrá-lo para falar dela, talvez subisse em seu conceito — mas refleti e acabei desistindo. Não, ele não se interessaria. Ele perguntaria para que serve, e o que eu poderia responder, já que não era *bom* para nada, era apenas belo, meramente belo.

E assim suspirei e não fui. Pois não servia para nada; não servia para construir uma cabana, não ajudaria no desenvolvimento dos melões, não apressaria a colheita dos frutos; não tinha utilidade, era pura bobagem e vaidade; ele desprezaria minha invenção e diria palavras rudes. Mas para mim não era algo desprezível. Eu disse: "Oh, fogo, eu te amo, delicada criatura rosa, por ser *belo* — e basta!", e quase o acolhi em meu peito. Mas me contive. E então me veio à cabeça outra máxima. Mas, como era tão parecida com a primeira, tive medo de que não passasse de plágio: "O Experimento queimado evita o fogo".

Voltei à labuta, e quando obtive bastante pó de fogo outra vez, despejei sobre minha mão coberta com grama seca, na intenção de assim poder carregá-lo até em casa, para tê-lo sempre ao meu lado e poder brincar com ele; mas uma brisa atiçou o fogo, espalhando-o em minha direção; larguei tudo e corri. Quando me voltei, o espírito azul estava se elevando, se esticando e se espalhando como uma nuvem, e na hora pensei em um nome para ele — *fumaça*! —, e, palavra de honra, nunca tinha ouvido falar em fumaça.

Logo labaredas amarelas e vermelhas brilhantes ascendiam por entre a fumaça, e imediatamente eu as batizei de *chamas*, e eu estava certa de novo, apesar de serem as primeiras que surgiram no mundo. Elas subiram pelas árvores e flamejaram esplendidamente para dentro e para fora daquele vasto e crescente volume de fumaça; e só me restava bater palmas, rir e dançar em meu êxtase; era tudo tão novo e estranho, tão maravilhoso e belo!

Ele veio correndo, parou e olhou, mas não disse uma palavra por vários minutos. Depois perguntou o que era. Ah, foi lamentável ele ter perguntado de modo tão direto. Tive de responder, claro, e respondi. Disse a ele que era fogo. Se ele se incomodou por eu saber e ele ter de perguntar, não foi culpa minha; eu não tinha a menor intenção de aborrecê-lo. Depois de uma pausa ele perguntou:

"Como foi que apareceu?"

Outra pergunta direta, mais uma resposta direta.

"Fui eu que inventei."

O fogo se espalhava cada vez mais. Ele foi até a beira do lugar que estava em chamas e, olhando para baixo, disse:

"E o que é isso?"

"São pedaços de carvão."

Pegou um para examinar, mas mudou de ideia e colocou de volta no chão. Foi embora. Não tem interesse por *nada* mesmo.

Eu, porém, estava interessada. Havia cinzas — de uma cor meio cinza e suave, delicadas e bonitas —, e de imediato eu sabia o que eram. E as brasas; eu conhecia as brasas também. Achei minhas maçãs e ajuntei-as, estava contente, porque ainda sou muito jovem e meu apetite é grande. Mas fiquei frustrada, elas tinham estourado e estavam podres. Aparentemente podres; mas na verdade não, estavam até melhores do que as cruas. O fogo é lindo; e acho que algum dia ainda vai ser útil.

Sexta-feira — Eu o vi novamente, por alguns instantes; na segunda-feira passada, ao anoitecer, também, mas só por um momento. Esperava que ele me elogiasse por tentar melhorar a propriedade, minhas intenções eram as melhores e eu me esforcei bastante. Mas ele não estava satisfeito, deu meia-volta e foi embora. Ele também estava chateado por outra razão; tentei mais uma vez convencê-lo a não atravessar mais as cataratas. Isso porque o fogo me revelou uma nova paixão — bem nova mesmo, e marcadamente diferente do amor, da tristeza, e desses outros sentimentos que eu já conhecia — o *medo*. Era horrível! — queria nunca ter descoberto, me traz momentos obscuros, estraga a minha felicidade, me dá arrepios, tremores. Mas não consegui dissuadi-lo, ele ainda não descobrira o medo, e assim não tinha como me entender.

Fragmento do diário de Adão

Preciso me lembrar que ela é muito jovem, apenas uma menina, e tenho de fazer concessões. Ela é puro interesse, curiosidade, vivacidade. O mundo para ela é um charme, um milagre, um mistério, uma alegria. Ela nem consegue falar de pura alegria quando encontra uma nova flor, tem de passar a mão, acariciar, cheirar e falar com ela, e despejar nomes carinhosos sobre todas elas. Ela é louca por cores; pedras marrons, areia amarela, musgos cinzentos, folhagem verde, céu azul, o perolado da

aurora, a sombra púrpura nas montanhas, as douradas ilhas flutuantes em mares escarlate do poente, a pálida lua velejando através das camadas de nuvens, as joias estelares brilhando na imensidão do espaço — nenhuma delas com qualquer valor prático, até onde eu pude perceber, mas sim porque têm cores e são majestosas, é o bastante para ela, ela é louca por cores. Se conseguisse se acalmar e ficar quieta por pelo menos dois minutos, seria um espetáculo repousante. Nesse caso, acho que poderia olhar para ela e apreciá-la, para ser franco, acho que poderia mesmo, estou começando a me dar conta de que ela é criatura de uma graciosidade fora do comum de criatura — flexível, esbelta, curvilínea, bem torneada, ágil e, certa vez, quando estava parada feito estátua de mármore branco e banhada de sol sobre um rochedo, com a cabeça inclinada para trás e as mãos a proteger-lhe os olhos, olhando o voo de um pássaro no céu, percebi como ela era linda.

Segunda-feira, meio-dia —

Se houver alguma coisa no planeta em que ela não esteja interessada, não consigo lembrar o que possa ser. Há animais aos quais sou indiferente, mas ela não. Não faz discriminação, ela aceita todos; acha que todos são tesouros, cada novo animal é bem-vindo.

Quando o gigantesco brontossauro veio caminhando devagar até a clareira, ela o considerou uma bela aquisição para a propriedade. Eu o considerei uma calamidade. É um bom exemplo da falta de harmonia em nossa visão das coisas. Ela acreditava que conseguiria domesticá-lo; eu queria considerá-lo apenas como um novo bem da propriedade, e me mudar de lá. Ela achava que poderia amansá-lo com treinamento e fazer dele um animal doméstico; eu disse que um bichinho de mais de seis metros de altura e um pouco mais de vinte e cinco metros de comprimento não seria apropriado num lugar assim; mesmo com a melhor das intenções, e sem querer mal a ninguém, ele poderia se sentar sobre a casa e esmagá-la, porque só de observar os olhos dele dá para ver que é meio distraído. Mesmo assim o coração dela estava inclinado a ficar com aquele monstro, e ela não estava disposta a abrir mão dele. Ela achou que poderíamos começar um laticínio com ele, queria que eu a ajudasse a tirar leite; mas eu não ia fazer isso, era muito arriscado. O sexo do animal não parecia ser o correto, e além do mais não tínhamos uma escada. Então ela quis montá-lo e apreciar o cenário. Uns dez a doze metros só de cauda arrastando pelo chão, como uma árvore caída, e ela achava que podia subir

nele; estava errada, claro; quando chegou na parte mais íngreme, que era bem lisa, escorregou, e teria se machucado não fosse por mim.

Estaria ela satisfeita agora? Não. Nada nunca a satisfaz, exceto provas concludentes; teorias não testadas estão fora de questão, ela não as aceita. Ela já nasceu imbuída do espírito científico. É o certo, reconheço; me atrai, sinto a sua influência, e se ficasse mais com ela acho que investigaria também. Bom, ela tinha mais uma teoria sobre esse colosso: achava que se conseguíssemos domesticá-lo e torná-lo dócil poderíamos colocá-lo no meio do rio e utilizá-lo como ponte. A verdade é que ele já era bem manso — pelo menos no que lhe dizia respeito —, e assim ela acabou pondo sua teoria em prática, mas fracassou: toda vez que o colocava na posição certa no rio e ia até a beira para tentar atravessar por cima dele, ele vinha atrás e a seguia, como se fosse uma montanha de estimação. Como os outros animais. Todos eles fazem isso.

Sexta-feira — Terça… quarta… quinta… hoje: todos esses dias sem vê-lo. É bastante tempo para ficar sozinha; mas é melhor ficar sozinha do que não ser bem-vinda.

Eu precisava de companhia — acho que fui feita para isso —, e fiz amizade com os animais. Eles são charmosos, têm boa disposição e bons modos, nunca estão de cara amarrada, nunca nos fazem sentir como intrusos, sorriem e balançam a cauda quando têm uma, e estão sempre prontos para brincar ou fazer um passeio, ou qualquer coisa que a gente propuser. São verdadeiros cavalheiros. Nos divertimos muito todos esses dias, não me senti sozinha nem por um instante. Solitária? Não, não posso dizer isso. Sempre há um bando deles ao redor — às vezes, quatro ou cinco acres cheios —, não dá para contar; e quando se fica parado numa rocha, olhando por cima dessa vastidão peluda, tão estampada e alegre e feliz, com cores e reflexos vivazes e brilhantes de sol, ondulada de listras, dá para pensar que é um lago, mas sabemos que não é; há tempestades de pássaros sociáveis, e furacões de asas zunindo, e quando o sol paira sobre aquela comoção de penas é resplendor de todas as cores imagináveis, suficiente para cegar uma pessoa.

Fizemos longas excursões, vi uma boa parte da terra, quase tudo; sou a primeira viajante, e a única. Quando estamos em marcha, o cenário é grandioso — não há nada igual em lugar algum. Para o meu conforto, monto num tigre ou num leopardo, porque são suaves e têm as costas curvadas, e me encaixo bem ali, e porque são animais bonitos, mas para

distâncias longas e paisagens monto num elefante. Ele me levanta com a tromba. Descer eu consigo sozinha; quando estamos prontos para acampar, ele se senta, e deslizo por suas costas.

Os animais e pássaros são todos muito simpáticos uns com os outros, não há disputas. Todos falam, e todos falam comigo, mas deve ser numa língua estrangeira, pois não consigo entender palavra do que dizem; mas em geral me entendem quando respondo, particularmente o cachorro e o elefante. Isso me envergonha. É uma demonstração de que são mais inteligentes do que eu, portanto meus superiores. Isso me incomoda, quero ser o Experimento principal — é isso que pretendo.

Aprendi uma boa quantidade de coisas. Sou instruída, mas no começo não sabia nada. Era totalmente ignorante. No princípio isso me aborrecia, porque, apesar de ficar observando por tanto tempo, eu nunca estava por perto quando a água subia de volta pelas cataratas. Mas agora não me importo mais. Fiz experiências e mais experiências, e finalmente descobri por que a água não subia. Ela subia, sim, mas só à noite. Por isso é que o lago nunca seca, o que ocorreria, claro, se durante a noite a água não subisse. O melhor é sempre testar as coisas por meio de experimentos; assim é que se aprende; se depender só da adivinhação, da suposição e da conjectura, você nunca será uma pessoa instruída.

Certas coisas não há como descobrir; mas você nunca saberá que não dá só pela adivinhação ou suposição; não, você deve ser paciente e continuar fazendo experiências, até descobrir que não tem como descobrir. Aí é que está o prazer, isso faz o mundo mais interessante. Se não houvesse nada para descobrir, seria chato. Mesmo ficar tentando e não descobrir nada é tão interessante quanto tentar e descobrir, talvez mais. O segredo das águas era um tesouro, até que o entendi, aí a emoção acabou, a sensação foi de perda.

Por meio de experimentos, sei que a madeira nada, assim como as folhas secas e as penas, e muitas outras coisas; desse modo, por meio de evidência cumulativa, se sabe que pedras também nadam; mas você tem que aceitar simplesmente que sabe, pois não há maneira de comprovar — até agora. Quem sabe encontrarei uma — e então aquele prazer desaparecerá. Essas coisas me deixam triste, pois aos poucos, quando tiver descoberto tudo, não haverá mais emoção, e eu adoro emoção! Uma noite dessas, só de pensar nisso, não consegui dormir.

No começo não conseguia entender para que eu tinha sido feita, mas agora acho que foi para buscar os segredos deste maravilhoso mundo e ser feliz, e agradecer ao Criador por ter feito tudo isso. Creio que ainda há muito para aprender — assim espero; e devagar, sem me apressar muito, acho que levará várias semanas. Assim espero. Quando você joga uma pena no ar, ela flutua, vai planando e desaparece; aí você joga um torrão de barro — e ele não desaparece. Ele cai, toda vez. Testei várias vezes, e foi sempre assim. Me pergunto por quê. É claro que não cai, mas parece que cai. Imagino que seja ilusão de óptica. Das duas, uma. Não sei qual. Talvez seja a pena, talvez o torrão. Não consigo comprovar qual dos dois, só consigo demonstrar que um dos dois é falso, e deixo a pessoa fazer sua escolha.

Por meio da observação sei que as estrelas não vão durar. Vi algumas das melhores derreterem e escorregarem do céu. Se uma pode derreter, é possível que as outras também derretam na mesma noite. Essa tristeza virá — sei disso. Decidi que as observarei toda noite até cair de sono; e vou fixar aqueles campos cintilantes na minha memória para que aos poucos, quando tiverem sido retiradas, eu possa devolver aquela miríade linda de estrelas ao céu negro e fazê-las brilhar novamente, e duplicá-las com o borrão de minhas lágrimas.

Depois da Queda

Quando olho para trás, o Jardim parece um sonho que eu tive. Era bonito, insuperavelmente bonito, encantadoramente bonito; e agora está perdido, nunca mais o verei.

O Jardim está perdido, mas eu o achei, e estou feliz. Ele me ama do jeito dele; eu o amo com todas as forças da minha natureza passional, e isso, penso, está de acordo com minha juventude e meu sexo. Se pergunto por que o amo, descubro que não sei e que realmente não me importo muito com isso; suponho que esse tipo de amor não seja um produto da razão ou da estatística, como o amor de alguém por outros répteis e animais. Acho que é para ser assim. Amo alguns pássaros pelo seu canto; mas não amo Adão por causa do seu canto — não, não é assim; quanto mais ele canta, menos eu quero ouvir. Ainda assim, peço que cante, porque desejo aprender a gostar de tudo que lhe interessa. Tenho certeza de que

consigo aprender, no início era insuportável, mas agora sim. Pode azedar o leite, não me importa, eu me acostumo a tomá-lo assim mesmo.

Não é por causa da sua inteligência que o amo — não, não é. Não é ele o culpado de sua pouca inteligência, não foi ele quem a fez; ele é como Deus o criou, e isso basta. Havia um sábio propósito nisso, tenho certeza. Aos poucos a sua inteligência vai se desenvolver, mas não será de uma hora para outra; além do mais, não há pressa, ele está muito bem do jeito que é.

Não é por causa do seu modo cortês e atencioso nem por sua delicadeza que eu o amo. Ele é pobre nesses quesitos, mas é bom o suficiente assim como é, e está melhorando.

Não é por causa da sua capacidade que o amo — não, não é. Acho que tem essa qualidade dentro de si, não sei por que esconde de mim. É minha única dor. No mais, ele é franco e aberto comigo, agora. Tenho certeza de que não me esconde nada além disso. Fico magoada quando ele me esconde alguma coisa, às vezes perco até o sono pensando nisso, mas vou tirar isso da cabeça, não vai atrapalhar minha felicidade, que no mais é plena e transbordante.

Não é por causa da sua educação que o amo — não, não é. Ele é autodidata, e de fato sabe uma série de coisas, mas nem tantas.

Não é por causa do seu cavalheirismo que o amo — não, não é. Ele me dedurou, mas não o culpo; acho que é uma peculiaridade do sexo, e ele não escolheu o dele. É claro que eu não o deduraria, morreria antes, mas é uma peculiaridade do sexo também, e não posso receber crédito por isso, porque também não escolhi o meu.

Então, por que é que o amo? Acho que é *só porque ele é masculino.*

No fundo ele é bom, e o amo por isso, mas também o amaria sem isso. Se ele me batesse e abusasse de mim, continuaria amando. Eu sei. É uma questão de sexo, acho.

Ele é forte e bonito, e o amo por isso, o admiro e me orgulho dele, mas o amaria mesmo sem essas qualidades. Se ele fosse simples, eu o amaria do mesmo jeito; se ele estivesse meio acabado, o amaria também, e trabalharia por ele, me mataria trabalhando por ele, e rezaria por ele, e o velaria ao pé da cama até o dia da minha morte.

Sim, eu acho que o amo meramente porque ele é *meu* e é *masculino*. Acho que não há outra razão. Assim, é como eu disse: esse tipo de amor

não é produto da razão nem da estatística. Simplesmente *aparece* — não se sabe de onde — e não pode ser explicado. Nem precisa.

É o que eu acho. Mas sou apenas uma menina, a primeira que examinou essa questão, e pode ser que em minha ignorância e inexperiência eu tenha me enganado.

Quarenta anos depois

É minha prece, meu desejo, que possamos passar desta vida juntos — um desejo que nunca deverá se extinguir nesta terra, mas que existirá dentro do coração de cada esposa que ama, até o final dos tempos; e deverá ser chamado pelo meu nome.

Mas se um de nós tiver de partir antes, rogo que seja eu; pois ele é forte, eu sou fraca, não sou necessária para ele como ele o é para mim — a vida sem ele não seria vida; como eu a suportaria? Esta oração também é imortal, e não deixará de ser feita enquanto minha raça continuar. Sou a primeira esposa; e na última das esposas serei perpetuada.

No túmulo de Eva

"Onde quer que ela estivesse, lá estava o Éden."
Adão

fim

Passagens do diário de Satã

Muitos anos atrás, eu estava entre arbustos, perto da Árvore do Conhecimento, quando o Homem e a Mulher ali chegaram e tiveram uma conversa. Também desta vez estive presente, quando voltaram, depois de tantos anos. Eram como antes — apenas um menino e uma menina; elegantes, curvilíneos, esbeltos, flexíveis — brancos como a neve, levemente enrubescidos pela cor rosa do céu, inocentemente inconscientes de sua nudez, graciosos de ver; belos, além das palavras.

Novamente ouvi a conversa. Como da outra vez, eles quebravam a cabeça para entender aquelas palavras: “bem”, “mal”, “morte”, e tentavam decifrar seu significado; mas não eram capazes disso, claro. Adão disse:

“Venha, talvez a gente consiga encontrar Satã. Ele deve entender dessas coisas.”

Então eu me aproximei, e enquanto olhava para Eva, admirando-a, disse:

“Você nunca me viu antes, doce criatura, mas eu já. Conheço todos os animais; em termos de beleza, ninguém se iguala a você. Seu cabelo, seus olhos, seu rosto, os tons da sua pele, sua forma, o charme dos seus membros brancos e afilados — tudo belo, adorável, perfeito.”

Isso a agradou, e ela se olhou, esticando um pé e uma mão para poder admirá-los; e então, inocentemente disse:

“É um prazer poder ser tão bela. E Adão… é assim também.”

Ela o fez dar uma volta para lá e para cá, para exibi-lo, com um orgulho tão sem malícia nos olhos azuis; e ele… considerou isso tão normal, e estava tão inocentemente feliz, que disse: “Quando estou com flores na cabeça, fico ainda mais bonito”.

Eva confirmou: “É verdade — você vai ver”, e correu para lá e para cá, como uma borboleta, e colheu flores, e em pouco tempo trançou as flores em uma guirlanda e colocou sobre a cabeça dele; então, na ponta dos pés, ajeitou aqui e ali, com seus dedos ágeis, a cada toque ganhando em graça e forma; ninguém sabe como nem por quê, mas há nisso alguma lei cuja arte e segredo apenas ela domina, sem que ninguém possa aprender; e, quando finalmente ficou como queria, ela bateu palmas de satisfação, e esticando-se o beijou — uma visão tão linda, no conjunto, eu nunca tinha visto nada assim.

De volta ao que interessa no momento, o significado dessas palavras… Será que devo dizer?

Certamente ninguém mais do que eu gostaria de revelar, mas como faria isso? Não conseguia pensar em uma maneira de fazê-la entender, e lhe disse isso, e então falei:

"Tentarei, mas não sei se vai adiantar. Por exemplo, o que é dor?"

"Dor? Não sei."

"Claro que não. Como poderia? Não existe dor em seu mundo; a dor é impossível para você, que nunca experimentou a dor física. Reduzindo a uma fórmula, a um princípio, o que teremos?"

"O que teremos?"

"Isto: coisas que estão fora do nosso âmbito — do nosso mundo particular — coisas que por nossa constituição e habilidades não somos capazes de ver, sentir ou vivenciar — *não podem ser entendidas por meio de palavras*. Em resumo, é isso. É um princípio, é axiomático, é uma *lei*. Entende agora?

A delicada criatura parecia confusa, e depois de tudo que eu disse fez esta vaga observação:

"O que quer dizer 'axiomático'?"

Ela perdeu o x da questão. É claro que perderia. Mas seu esforço significava meu sucesso, pois era a confirmação nítida da verdade do que eu vinha tentando explicar. "Axiomático" era, naquele momento, uma coisa fora do âmbito de sua experiência, por isso não tinha significado para ela. Ignorei a pergunta e continuei:

"O que é o medo?"

"Medo? Não sei."

"Claro que não. Como saberia? Você nunca sentiu isso, e não pode sentir se não pertence ao seu mundo. Nem com centenas de milhares de palavras eu conseguiria fazer você entender o que é o medo. Como, então, explicar a morte? Você nunca a viu, é estranha ao seu mundo; fica impossível fazer a palavra significar algo para você, pelo menos a meu ver. De certa forma, é como um sono…"

"Ah, isso eu sei o que é!"

"Mas é sono só de certo modo, como eu disse. Na verdade é mais do que um sono."

"O sono é agradável, o sono é adorável."

"É, mas a morte é um sono *longo*, muito longo."

“Melhor ainda. Então, não pode haver nada mais agradável que a morte.”

Pensei comigo: “Pobrezinha, um dia saberá que verdade patética acabou de dizer; algum dia você talvez dirá, de coração partido: ‘Venha até mim, oh, morte, a compadecida! Faça-me mergulhar em seu misericordioso esquecimento, oh refúgio dos tristes, amiga dos desamparados e desconsolados!’”. Então eu disse em voz alta: “Mas esse sono é eterno”.

A palavra entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Não tinha como ser diferente.

“Eterno? O que quer dizer ‘eterno’?”

“Ah, esse é mais um conceito que não existe no seu mundo, ainda não. Não há como lhe explicar isso.”

Era um caso sem esperança. Palavras referindo-se a coisas alheias a sua vivência eram como uma língua estrangeira para ela, sem nenhum significado. Ela era como um bebê cuja mãe diz: “Não coloque o dedo na chama da vela, você vai se queimar”. “Queimar” é uma palavra estrangeira para o bebê e não vai deixá-lo com medo até que a experiência revele o sentido. É perda de tempo a mãe fazer um comentário desse, o bebê continuará brincando sorridente, e colocará o dedo na linda chama… *uma vez*. Depois dessas reflexões, que guardei só para mim, disse outra vez que achava que não conseguiria fazê-la entender o significado da palavra “eterno”. Ela ficou em silêncio por alguns momentos, remoendo essas questões profundas no mecanismo ainda virgem que era sua mente; então desistiu do quebra-cabeça e mudou de assunto:

“Bom, há ainda estas outras palavras. O que é o bem? E o que é o mal?”

“Aí está, mais uma dificuldade. Esses conceitos também são alheios ao seu mundo. Existem apenas no reino da moralidade. Você não tem moral.”

“O que é moral?”

“É um sistema de leis que distingue entre o certo e o errado; moral ou imoral. Essas coisas não existem para você. Eu não sei se consigo explicar, você não entenderia.”

“Mas tente.”

“Bom, obediência à autoridade constituída é uma lei moral. Suponha que Adão a proibisse de colocar seu filho no rio e deixá-lo lá a noite toda… você o deixaria lá?”

Ela respondeu com uma simplicidade tão amável e inocente:

"Claro que sim, se quisesse."

"Bom, como eu disse, você não teria como saber; você não tem noção de dever, ordens, obediência… essas coisas não significam nada para você. No seu estado atual, você não é responsável por nada do que faz, diz ou pensa. É impossível que faça algo errado, pois você não tem noção do que é certo e errado mais do que os outros animais. Você e eles só podem fazer o que é certo, o que quer que façam será sempre certo e inocente. Essa é uma condição divina, a mais sublime e pura condição tanto na terra como no céu. É o dom dos anjos. Os anjos são completamente puros e sem pecado, pois não distinguem o certo do errado, e todos os seus atos são irrepreensíveis. Ninguém pode fazer algo errado se não sabe distinguir *entre* o certo e o errado."

"E tem alguma vantagem em saber?"

"Vantagem nenhuma! Esse conhecimento seria como tirar dos anjos tudo o que é mais divino, mais angelical, o que os degradaria de maneira imensurável."

"E existem pessoas que sabem a diferença entre o certo e o errado?"

"Não no… bem, não no céu."

"O que traz esse conhecimento?"

"O senso moral."

"O que é isso?"

"Bom… não importa. Agradeça por não saber do que se trata."

"Por quê?"

"Porque é uma degradação, um desastre. Sem ele, *não dá* para errar; com ele, dá. Por isso, ele só tem uma função, só uma — a de ensinar a *errar*. Não tem nenhuma outra função. Foi ele que inventou o erro; o erro simplesmente não existe até que o senso moral o faça existir."

"Como se adquire esse senso moral?"

"Comendo da fruta desta árvore, aqui. Mas por que você quer saber? Gostaria de ter senso moral?

Ela se voltou, desejosa, para Adão:

"Você gostaria de ter?"

Ele não mostrou nenhum interesse particular, disse apenas:

"Sou indiferente. Não entendi nada dessa conversa, mas se você quiser podemos comer a fruta, não vejo por que não."

Pobres criaturas ignorantes, a ordem de se absterem de comer da fruta não significou nada para eles; eram apenas crianças, e não podiam entender coisas não provadas e abstrações verbais que representavam coisas alheias a seu pequeno mundo e a suas parcas experiências. Eva esticou-se para alcançar uma maçã! Adeus Éden e seus prazeres sem pecado; bem-vindos pobreza e dor, fome e frio e sofrimento, privação, lágrimas e vergonha, inveja, disputas, malícia e desonra, idade, cansaço, remorso; e a seguir, desespero e orações para livrar-se da morte, sem suspeitar que os portões do inferno se abrem mais adiante! Ela experimentou — e a fruta caiu de sua mão.

Foi triste. Ela parecia alguém que acaba de acordar lento e confuso de um sono profundo. Olhou para mim meio perturbada, sem entender, então olhou para Adão, segurando aquele seu véu de longos cabelos dourados para trás com as mãos, até que seu olhar inquisidor caiu sobre a própria nudez. O sangue rubro subiu-lhe às faces, ela se escondeu atrás de um arbusto e ficou lá, chorando:

"Oh, minha modéstia se foi, minhas formas inofensivas tornaram-se uma vergonha — minha mente era pura e limpa; pela primeira vez maculei-a com um pensamento sujo!" Ela gemia e murmurava em sua dor, e deixou a cabeça pender, dizendo: "Estou degradada, caí tão baixo, nunca conseguirei me reerguer".

Os olhos de Adão fixos nela mostravam um assombro sonolento; ele não conseguia entender o que tinha acontecido, já que isso acontecia fora do seu mundo; as palavras dela não faziam o menor sentido para quem ainda não tinha senso moral. E esse assombro só aumentou, pois, sem que ela se desse conta, seus cem anos de vida se apoderaram dela e fizeram seus olhos divinos e os matizes de suas carnes frescas desbotarem, os cabelos ficaram grisalhos, a boca e os olhos ganharam vincos, sua forma encolheu, e o lustre acetinado de sua pele desapareceu.

Tudo isso o inocente menino presenciou; então, fiel e corajoso, ele pegou a maçã e provou; não disse nada.

As mudanças caíram sobre ele também. Ele juntou ramos suficientes para ambos cobrirem suas vergonhas; deram meia-volta e seguiram seu caminho, de mãos dadas, curvados pela idade, e assim saíram de cena.

Autobiografia de Eva

Começarei por algumas passagens do meu diário.

Diário de Eva

Segunda, 8 de janeiro, ano 1 — Quem sou eu? O que sou? Onde estou?

Segunda, mais tarde — Estas perguntas continuam sem resposta. Não tem importância; deixa para lá.

Duas semanas depois — Que solidão. Que monotonia. Um verdadeiro tédio. Os pássaros e os tigres e as coisas são companhia agradável, eles me amam e eu os amo, mas ultimamente, aqui, eles parecem de algum modo insuficientes. Falta algo, não sei o quê.

Se ao menos eles pudessem ver como sou bonita, bem proporcionada e macia, e como os meus membros têm formas delicadas. É possível que eles vejam; às vezes penso que sim; mas só olham, eles não *dizem* — pelo menos não numa língua que eu entenda.

Começo a ter certeza de que é isso que falta — ouvir isso *dito*.

Quarta — Nada se compara à beleza do reflexo do meu corpo branco e esguio no lago, quando fico ali na beira, me inclino e deixo meus cabelos loiros penderem no ar. Ontem, o leopardo me encarou como que extasiado; corei de prazer; meus olhos queimaram num fogo úmido, e eu poderia tê-lo abraçado — mas ele não *disse* nada de sua admiração. Estava tão ansiosa por isso!

Então ele se voltou e viu outro leopardo, e seus olhos flamejaram de receptividade, e ele disse algo que não entendi e então avançou impaciente, e os dois adentraram a floresta lado a lado, afagando um ao outro. Isso me fez chorar de rancor. Vou dar uma sova nesse outro leopardo.

Sexta — Há alguma coisa errada, com certeza — pelo menos um desvio do usual; pode ser o destino, pode ser apenas acidental — seja como for, o fato é que todas as outras criaturas têm companheiros, eu não. Sou a única sozinha. Há dois leopardos, dois mastodontes, dois megatérios, dois pterodáctilos, dois tigres, dois leões, dois elefantes, dois de todas as coisas — e eu sem ninguém. Isso não pode ser natural; sem dúvida não era para ser assim. O que foi que eu fiz? Não fiz nada. Não merecia esse desgosto, essa vergonha, esse constrangimento.

Sábado — Pois isso *é* um constrangimento. Antes nem tanto, mas desde que pensei nisso ontem me sinto como se todos os olhos estivessem voltados para mim, furtivos, inquisidores, e isso me faz sentir tímida e infeliz.

Tola também. Pois foi tolice falar *com* as criaturas, em vez de falar comigo mesma, esta manhã, dizendo: "Nossa, eu não sabia que era tão tarde; eu aqui, matando o tempo, e meu companheiro pode chegar a qualquer momento de sua longa viagem e ficar *muito* desapontado se eu não estiver lá para recebê-lo". Era tolice, mas o que eu podia fazer? Queria tanto que eles pensassem que tenho um companheiro, que sou como os outros animais, e não uma aberração. Mas é claro que eles não me entenderam, meus esforços foram em vão. Quase me convenci de que um ou dois animais podem ter compreendido o que eu disse e contado aos outros, mas não foi bem assim. Quando eu me sentava, eles ficavam todos ao redor, observando e ouvindo, mas não davam sinal de ter entendido. Pouco depois, uma pequena e gentil forasteira, bonita, de olhar dócil, e totalmente desconhecida para mim — eu a chamarei de Gazela —, aproximou-se e aconchegou a cabeça em meus braços; eu a abracei cheia de gratidão, acreditando que ela havia entendido, e disse: "Você *entende*, não entende, minha querida? Diga que entende e que vai me ajudar a encontrar meu companheiro perdido".

Mas ela não sabia do que eu estava falando; perdi todas as minhas esperanças, levantei e fui embora chorando, com algumas criaturas a me seguir por hábito, enquanto outras ficaram onde estavam, indiferentes.

Três meses depois, maio — Como as coisas mudaram! Já não são mais casais, são famílias agora. Junto a cada casal há os mais adoráveis filhotinhos, e tão ladinos e graciosos, tão bonitinhos e fofinhos! Brincam comigo o dia todo, e dormem amontoados por cima de mim à noite, afastam minha solidão e me trazem paz. Todas as criaturas que voam têm ninhos e ninhadas de pequeninos, e os bosques estão repletos de seus trinados encantadores.

Por isso sou mais feliz que antes. Tento afastar de mim esse pensamento — o pensamento de um companheiro —; durante o dia consigo, fico contente e não sinto a minha dor. Mas à noite sonho — e sonho.

19 de maio — Agora há um potro, e o casal de cavalos está feliz. O potro é do tamanho de um cãozinho, e seus pais, do tamanho de um

labrador. Eles têm cinco dedos, o que não parece o mais acertado para um cavalo, mas não parecem se importar com isso.

A princípio, considerei a grande aranha peluda um animal feio e desagradável de ter por perto, mas a paciência e o bom temperamento dela acabaram me conquistando. As moscas e os besouros a infernizam o dia todo, zumbindo e esvoaçando em volta enquanto ela tenta dormir; e se atiram em sua linda teia, debatendo-se e pelejando na tentativa de libertar-se; em vez de ficar furiosa, ela rompe os grilhões e os liberta, passando então horas a fio a remendar os buracos da teia, sem nunca demonstrar qualquer ressentimento. Ela não tem tempo para sair em busca de alimento, e me admira que se mantenha saudável e rechonchuda; ela suga o orvalho, mas eu nunca a vi comer nada. Todas as outras criaturas comem.

O leão come nabos; o tigre come tomates; a hiena vive de morangos, a raposa come maçãs, a lontra come cerejas, o abutre come laranjas, a águia come bananas, o falcão vive de peras, mas se a aranha come alguma coisa eu ainda não descobri o que é.

Todos os animais brincam juntos, reunidos de acordo com o tamanho: os carneiros e os cordeiros e os cavalos e os cervos e os lobos e os cães, e outros de tamanho semelhante, em um grupo; os camelos e bezerros e vacas e leões e tigres e leopardos e assim por diante em outro; o elefante, o mastodonte e o megatério, o rinoceronte, a preguiça, grande como o tronco de uma árvore, o sapo gigante, com três metros de altura, em outro; e os enormes sáurios em outro ainda. E como esses monstros saltam e dão cambalhotas quando estão com vontade de brincar! Quando apostam corrida o chão treme sob seus pés, e quando eles se chocam ouve-se a pancada à distância de um quilômetro, e ver os grandalhões lançarem os pequeninos, como o elefante e o hipopótamo, pelo ar com a mesma facilidade com que eu atiraria um punhado de terra, e com tanto bom humor e se divertindo à beça, é um esporte *tão* divertido que me leva às lágrimas de tanto rir, de modo que eu sempre corria para observá-los.

E aqueles lagartos imensos, meu Deus! Quando eles balançam a cauda, as árvores menores vão abaixo como se fossem ervas daninhas! Mas eles gostam mesmo é de lutar. Ontem, um grande ictiossauro, com trinta metros de altura, lutou corpo a corpo com sua parceira, de vinte e nove metros, e saltavam treze metros, debatendo-se um nos braços do outro, e rugindo como um furacão, foi incrível de ver.

É mesmo uma pena que eu não tenha parceiro para desfrutarmos juntos esses momentos.

25 de maio — Tenho companhia. Aquele lindo papagaio do qual estive cuidando fala! Nunca fiquei tão surpresa. Esta manhã ele se escarranchou pelo galho, daquele seu jeito bizarro, até me alcançar, então inclinou a cabeça de modo tão manhoso, e disse:

— Eva boazinha, Eva pobrezinha! Polly quer biscoito!

Ele falou isso com todas as letras. Eu o apertei contra o coração, abracei-o com alegria, dizendo:

— Oh, meu querido! Você é meu parceiro?

Mas ele apenas gritou, a voz esganiçada, numa explosão de gargalhadas diabólicas:

— Biscoito! Biscoito! Coitadinho do Polly! Polly quer biscoito! Rápido, Satã!

Ah, que êxtase ouvir a minha língua natal!

— Você *tem* de ser o meu parceiro perdido — diga! — eu imploro!

Foi um pensamento tolo, mas eu estava enlouquecida de tanta saudade. Ele tinha uma parceira — eu já sabia disso. Ela vinha todos os dias, e eles saíam à cata de caquis e rabanetes para os filhotes. Ela apareceu e o levou com ela, embora ele continuasse a vociferar aquela palavra estranha, "biscoito", e estivesse enormemente exasperado e bastante relutante em sair.

"Eva." O que será isso? E Satã… e biscoito… Polly é um nome, é claro, seu próprio nome. Quem lhe deu esse nome? Nenhum outro animal tem nome, até onde eu saiba. Vou arranjar um para mim mesma, se eu conseguir pensar em um bem bonito.

3 de junho — Polly está ficando bastante sociável e divertido agora que ele sabe que eu também sei falar. Ele é alegre e festivo e insolente e fala e ri e grita o tempo todo. Mas no final das contas é um pouco decepcionante, ele quase não dá valor a conversações mais elevadas, e o seu leque de assuntos é tão limitado. Outro defeito — ele se repete demais. Isso é vulgar. E indica uma mentalidade inferior, assim como uma indiferença ao aperfeiçoamento. Não quero julgar injustamente, mas, para ser franca, sou obrigada a dizer que acredito que ele carece de espiritualidade. Pode parecer indelicado, mas acho que é verdade; de fato, eu sei que é. Ele não expressa muito bem suas emoções; dificilmente apresenta qualquer traço de sentimento; seu espírito é mundano; se eu

tento conduzi-lo a planos mais elevados de pensamento, ele fica aborrecido e diz: “Chega!”; e ontem, quando falei com grande emoção “Quão majestoso é o universo, quão nobre é a criação, quão amplo, quão impressionante…”, ele explodiu num guincho agudo e áspero, seguido da sua risada odiosa e vociferou uma torrente de palavras estranhas que pelo que meu instinto me dizia não deviam ser nada agradáveis, e pediu um biscoito.

Fiquei profundamente magoada e mudei de assunto. Eu tinha tantas esperanças com relação a ele — e agora o sonho acabou. Ele não pode suprir as necessidades mais elevadas da minha natureza; meus anseios a esse respeito permanecerão insatisfeitos, meu espírito sedento não será aplacado. Foi uma revelação amarga.

Mas onde foi que ele aprendeu inglês? Com a companheira é que não foi, ela não fala outra língua. Às vezes fico convencida de que ela deve ter encontrado o meu companheiro — deve tê-lo visto cara a cara —, ouvido ele falar! Então fui arrebatada pelo mundo e quase desmaiei com o adorável êxtase que se seguiu a esse pensamento.

Nesses momentos, eu lhe suplicava que me dissesse; rogava, implorava, ajoelhava-me diante dele com lágrimas nos olhos, — inutilmente, pois tudo o que ele respondia é que queria mais uma bolacha. E eu queria saber o que é uma bolacha, para poder atender ao seu desejo e dar um tempo desse tema cansativo. Ele estava habituado às más companhias, incultas, seu próprio linguajar revelava isso. Será que era mesmo meu companheiro? Esse pensamento me é prazeroso, mas também doloroso. Eu queria que meu companheiro fosse nobre, cortês e refinado; e, oh, ele é com certeza! Não devo crer no contrário.

7 de junho — Finalmente me dei conta de que Eva é um nome — *meu* nome! Quem me deu esse nome? Polly? Não, essa pobre cabecinha de vento não seria capaz de criar nada. Seria ele então meu companheiro? Creio que sim e não me permitirei duvidar disso. Ele sabe de minha existência, disso eu tenho certeza, ele está a minha procura, aflito, com saudade de mim — talvez esteja pensando em mim nesse exato momento — sussurrando meu nome! Oh, eu poderia desmaiar de felicidade! Oh, meu Satã, meu querido!

Mas talvez não seja ele. Satã é um nome — estou convencida disso; mas ultimamente houve um outro: Adão. Por um momento, pareceu significar uma espécie, depois parecia significar o indivíduo de uma

espécie, mas ultimamente pareceu às vezes significar o *nome* de um indivíduo — algo que remete a esse indivíduo em particular. Não importa, contanto que eu encontre meu companheiro, o nome não tem importância nenhuma. Oh, mas que eu possa vê-lo ao menos! E saber de antemão quando, para poder me pentear e aparecer em minha melhor forma.

9 de junho — As mesmas questões intrigantes continuam na minha cabeça boa parte do tempo. Quem sou eu? De onde vim? E não encontro resposta. Polly não consegue responder; de qualquer modo, vejo que nem tenta; o assunto não lhe interessa e ele não fala sobre isso. Sua mente é frívola, ele só se importa com coisas banais. É patético ver a rapidez com que ele foge de assuntos mais sérios. Acho que suspeita de suas limitações e tem vergonha delas. Quando fica ansioso, esquece o decoro e irrompe em uma série de obscenidades. Isso é outra prova de que teve contato com alguém que fala minha língua e que pertence a minha espécie, pois não pode ter inventado essas frases — não seria capaz. Será que ele conheceu Satã? E Adão? Gostaria que esse tivesse sido meu privilégio. Satã é um nome bonito. Pergunto-me se ele gostaria de me encontrar quando estou com uma guirlanda de orquídeas na cabeça. Acho que sim. Estou usando uma agora.

Aqui e muito solitário. Nem sempre, mas muitas vezes. Nunca durante o dia, porque estou sempre ocupada durante o dia, nomeando e classificando as criaturas, plantas, árvores, flores e coisas, das oito ao meio-dia e das duas às seis. Pois esse é o meu expediente. E quando me dá na telha, o que acontece quase sempre, tiro uns dias para brincar com os animais. Também com certa frequência subo no lombo do elefante e faço longas excursões pelas florestas dos morros ou vales floridos, acampando quando a noite vem. Sempre acompanhada, pois os animais vêm em manadas, e os pássaros, em revoadas. Milhares! Nunca se cansam, brincando e correndo o tempo todo. Bonito de ver. E a vida, e a graça, e a animação, e as cores cintilantes com o brilho dos raios de sol, cada lombo aveludado e cada asa brilhante fazendo sua contribuição especial para o espetáculo geral.

Mas à noite, quando as criaturas estão dormindo, muitas vezes me sinto só. Deitada sobre um campo de flores, com nada para fazer exceto apreciar a lua vagando pelo céu e cobrindo as flores e as planícies com sua luz cor de prata. E fica tudo tão profundamente quieto! Nenhum ruído — pois não há animais notívagos. Deve haver alguns. Tentei treinar a coruja e

a raposa para vigiar à noite, mas eles não se interessaram, não quiseram assumir esse papel. Não comem nada a não ser laranjas e abacaxis, e à noite não têm como apanhar essas frutas.

Então deito e fico olhando a lua ou as estrelas, e penso naquele mistério, naquele problema: quem sou eu? De onde venho? Sou apenas um acidente? Será que aconteci apenas, ou fui intencional? E onde está Satã? Onde está Adão? Nas minhas excursões viajei léguas e mais léguas, mas não encontrei sinal deles. Não cheguei a nenhum limite? Será que o mundo não tem um fim? Sei que viajei mais de duzentas milhas em linha reta e ainda não cheguei ao limite — sempre há mais terra. Essa vastidão é terrível, oprime o meu espírito.

Ainda lembro como se fosse ontem. Eu era uma jovenzinha faceira, cheia de vida, com aquele esplêndido entusiasmo da juventude; viajar era meu deleite; a cada milha da minha jornada coisas novas se revelavam e cada novidade me trazia um prazer especial; todos os dias viajava por um mundo novo, novas maravilhas, novas combinações de beleza, majestade e sublimidade, e todas as noites eu sonhava com os encantamentos do dia e os revivia. Essa tinha sido a minha viagem mais longa; nunca estivera tão longe de casa. Estava escalando montanhas — era uma nova experiência.

diário — Era fácil de perceber que estava ficando mais frio, mas não havia chuva. Isso era estranho. Antes, chovia quando ficava mais fresco. Não havia explicação para essa nova coisa. O frio foi aumentando — crescia de forma estável. Examinei de perto a terra e as pedras, mas permaneciam como antes — a mudança de temperatura não estava sendo influenciada por elas. Eu estava inquieta. Havia algo de sinistro e assombroso nesse frio sem causa aparente.

Fiquei mais calma quando refleti que essa condição anormal das coisas não duraria muito mais e que com paciência e perseverança aos poucos alcançaríamos uma proximidade maior com o sol e esse frio não resistiria aos seus raios tão próximos, e então não mais tremeríamos de frio e começaríamos a tostar, isso sim. Mas, milagre dos milagres, o oposto aconteceu. Quanto mais escalávamos em direção à fonte de calor, mais frio ficava. Essa é a verdade. Um mistério que provavelmente nunca será explicado.

Antes da noite o frio era de amargar, de arrepiar; e o vento, em vez de acariciar meu corpo desprotegido como de costume, era cruel, cortante. Meu cabelo, ajeitado em duas longas tranças sobre as costas, absorveu a

umidade da atmosfera e ficou duro, congelado. Minhas bochechas e o nariz doíam tanto que me fizeram chorar.

De repente, chegamos a um precipício bem alto, e de lá avistamos ao longe um vale encantador, de beleza e glória inimagináveis, adormecido à luz do sol. Que pradaria, que campos, que bosques, que clareiras, quantas variedades de flores, que suavidade, que riqueza, que resplendor e brilho, que rapsódia de cores — um sonho! E por lá corriam quatro rios brilhantes, estampados de reflexos, serpenteando de um lado a outro, as suaves distâncias daquele céu de solidão e paz, que desaparecia gradualmente no remoto lugar onde a terra e o céu se fundiam.

Minha pobre casinha, que até então parecia tão bonita…

Como chegar até aquele alegre vale? Essa era minha preocupação. Eu desceria até lá e lá viveria para sempre. "Lá certamente encontrarei Satã, lá encontrarei Adão", disse, "lá não estarei mais sozinha".

Mas não encontrei nenhuma passagem naquele precipício. Ansiosa, subi e desci por pequenas trilhas, procurando, mas não havia nenhum caminho. E durante esse tempo o sol foi afundando. Finalmente, a escuridão se apossou de tudo, e aquelas terras do meu desejo desapareceram. Eu não era mais que um esboço de uma moça; sentei e chorei. Os animais vieram e me consolaram, e tentaram me dizer que eu tinha amigos, que não sofresse. Então me levantei e com eles fui procurar um refúgio para passar a noite.

Deitei, e eles se aconchegaram ao meu redor, e seu pelo me aqueceu e seu calor me fez adormecer. Acordei na aurora e vi que algo muito estranho estava acontecendo. Um pó branco se espalhava, e quando caía em meu braço transformava-se em água. Fiquei apavorada. Subi nas costas do elefante sem me importar para onde estava indo, e assim nos livramos dessa estranha invasão dos céus.

Batizei isso de neve — e é exatamente isso. O elefante me levou até o pé da montanha; por duas semanas ficamos ladeando a base dessas planícies, tentando achar o lugar onde os rios desembocavam, para conseguir entrar no Vale Alegre; mas nunca encontramos.

Não fiquei satisfeita por muito tempo. Dia e noite aquela visão me surgia na ternura do sonho e me atormentava com uma saudade implacável, pedindo para rever aquelas planícies outra vez. Os arredores da minha morada tinham perdido o charme; pareciam tão sem graça e pobres; não me davam mais nenhum prazer.

E foi assim que, em setembro, peguei o caminho de novo, com meus gigantes me seguindo, e mais uma vez procurei pelos rios, dia após dia, mas não achei; então escalei as montanhas, estava determinada a encarar a neve para usufruir novamente aquela vista.

E eu vi! Parada na neve e no vento cortante, nas brechas entre neve pesada e chuva de gelo, entrevi o mágico vale novamente.

Depois disso, persegui o lugar. Acampei na base da montanha e todos os dias escalava até o cume para me alimentar da visão, sempre procurando um modo de descer o precipício.

diário — Hoje, aqui em cima, tive o mais estupendo choque da minha vida. Na neve fresquinha eu deparei com uma grande pegada de um humano.

Minha cabeça ficou zonza, quase desmaiei. Meus membros inferiores balançaram de fraqueza — ou talvez por causa da esmagadora sensação de gratidão. Fiquei parada, olhando atenta para aquela marca de pé em um delicioso delírio de felicidade, depois me agachei e a beijei. Beijei uma dúzia de vezes; depois, já em cima do elefante, disse: "Siga essas pegadas!".

Eu me lembro bem. Segui as pegadas umas quinze ou vinte milhas ao longo das curvas do precipício, então desci por uma trilha quase imperceptível, estreita demais para o elefante. Deixei-o naquele ponto junto com outros animais e desci a pé, seguida por tigres e leões, macacos e alces irlandeses, ursos e outras criaturas menores, centenas, milhares, e muitos, muitos pássaros.

Finalmente cheguei ao vale. A glória, o esplendor, a beleza da realidade superaram minha visão; e a fragrância era inebriante. Mas as pegadas tinham desaparecido, bem onde começava um gramado aveludado. Havia ali uma miríade de criaturas, e todos nos davam as boas-vindas carinhosos; mas meu parceiro não estava entre eles.

Foi um dia triste. Na verdade, o mais agudamente triste de todos que eu já vivera até então. Estou velha agora: curvada, esgotada, debilitada, enviuvada, e minha cabeça está branca de tanto sofrimento. Enfrentei a dor por uns mil anos, mas esse dia se destaca em minha memória por ter sido o mais marcante: foi o dia em que senti minha primeira verdadeira tristeza; foi a primeira vez que fiquei com o coração realmente partido. Este manuscrito apagado está manchado de lágrimas, e ainda agora, depois de dez séculos, mais lágrimas. Choro de pena daquela pobre criança, pois

agora, tão distante daquela época, sinto como se não fora eu, mas um filho que perdi — meu filho. Outras mães devem ter sentido algo semelhante ao relembrar não como eram antes, como foi meu caso, mas aqueles pequenos seres, filhos e filhas, que cresceram e ficaram adultos, maduros. Algumas vezes, por momentos, essas pobres mães têm visões de seus filhinhos brincando por aí, e reconhecem suas vozes e risadas — há tanto tempo perdidas! É então que sentem uma dor lancinante, sabendo que essas criancinhas se foram para sempre, mesmo que sua versão adulta esteja presente e ainda seja preciosa. Os amados e perdidos! *Elas* sabem — as mães! Elas sabem o que os adultos são e o que foram um dia — o que foram e o que são é o mesmo, e ainda assim tão diferente. O que são permanece, e o que foram partiu da vida dessas mães para nunca mais, a não ser em visões.

Ainda assim, apesar do desgaste dos séculos, consigo ver aquela criatura sedosa exatamente como era, a mais bela naquele belo Éden; e o velho coração, apesar de empedernido, ainda sente a dor da frustração daquele dia.

diário — Há semanas perambulo por aqui. Caminhei léguas e mais léguas em todas as direções sem encontrar o menor vestígio dele. O vale é cruelmente vasto! Mais cedo, hoje, tive uma boa ideia e então peguei um perdigueiro e subi com ele até onde encontrei a pegada na neve, esperançosa de que ele o encontraria o mais tardar em uma hora. Mas foi mais uma frustração; ele não se interessou. Como se aquela pegada não exalasse cheiro nenhum, saiu fuçando noutra direção. Isso prova que nossa espécie não exala cheiro. O que pode indicar nossa superioridade — primazia mesmo. Mas deixemos essa questão para depois.

Ano 2, 6 de janeiro — Meu aniversário. Estou fazendo um ano. E nesse dia, entre todos, eu o encontrei. Estava deitado na relva, sob uma árvore frondosa, dormindo. Meu coração quase disparou de felicidade. Não há palavras para descrever sua beleza: tão jovem, tão cheio de vitalidade, desabrochando como eu. Mas era mais alto, vigoroso e musculoso, porém não tão largo nos quadris. Tinha cabelo castanho crespo, que pendia, negligente, sobre os ombros — oh, tão lindo! E a pele do rosto, tão branca e rosada, agradável de tocar, como a minha. Acariciei-o à vontade, brinquei com o cabelo dele, beijei seus olhos e lábios e nunca me senti tão feliz em todo esse meu primeiro ano de vida. Um menino tão encantador — e todo meu! Sussurrei, e murmurei, e sussurrei outra vez, e disse,

carinhosa: “Satã, querido Satã!”, não para acordá-lo, só para ouvir seu nome e sentir a emoção de pronunciá-lo.

Finalmente ele acordou, e se sentou, olhando fixo para mim. Não consegui me conter e joguei meus braços ao redor de seu pescoço, e o apertei contra mim e o beijei na boca — uma, duas, três, seis vezes. Isso o deixou assustado; ele me empurrou e se levantou, seus olhos ardiam de raiva e espanto, e suas narinas se dilataram como as de um cavalo e seus joelhos tremiam.

Como ele pôde me usar assim? O que foi que eu fiz? Eu não queria o seu mal. Estava feliz por estar com ele, e só queria expressar isso do único modo que conhecia; sou jovem, e não tive ninguém que me ensinasse, e, se fiz uma besteira, será que foi assim tão grave para eu ser tão humilhada? Não pude acreditar que isso tinha acontecido. Nunca tinha sido tratada desse jeito antes; os animais sempre retribuíram meu amor e nunca pensaram em machucar meu corpo ou ferir meu orgulho. E era exatamente isso que tinha acontecido.

Me virei e fui embora, com o rosto entre as mãos, soluçando; meu sonho se desmanchara; ele não era o que eu imaginara; não desejava mais vê-lo.

Não olhei para trás.

Estou em minha casa outra vez. Está chovendo e está escuro. Queria ter uma mãe. Os outros têm. Nunca tinha sentido falta de uma antes.

Um mês depois — Essa ferida ficou comigo, nunca mais me aproximei daquele lugar. Tinha decidido que me concentraria em meu trabalho e que iria esquecê-lo. Fiz meu trabalho, mas não sentia mais o mesmo gosto que antes. Fiz um monte de fósseis, mas não eram mais tão bons, pois meu coração não estava ali. Alguns até passavam, mas a maioria ficou grosseira e nem um pouco artística; precisavam de um toque final. Eu os queria para o Quaternário, mas não eram bonitos o suficiente para isso, fui obrigada a contragosto a colocá-los de volta na categoria da Era Primária, onde obviamente eles nada mais são do que apócrifos e inúteis, pois não fazem parte, e confundirão a ciência algum dia; mas o que devo fazer? Jogar fora? Provavelmente não. Como invenções, até que não são tão ruins. Montei um plantígrado hidrocefálico com traços de répteis e moluscos e uma disposição evolucionária ao desenvolvimento de penas, que vai chamar a atenção em alguma época posterior. Poderá até servir na reconciliação entre a ciência e as escrituras, mas quanto mais o observo

mais me convenço de que serão necessárias concessões consideráveis de ambos os lados antes que isso seja possível.

Esses longos e tristes dias — como duraram, nossa! Apesar de mim, comecei secretamente a desejar — não importa o quê. Tive vergonha do que senti e resisti. Um dia, na areia lisa da beira do lago, encontrei as seguintes palavras:

"Me desculpa. Estou arrependido. Perdoa!"

Reconheci suas pegadas também. Por um momento senti o sangue pulsando em minhas veias, e eu…

E então lembrei novamente daquele dia, e aquele amargor voltou. Apaguei aquelas palavras, fui embora e me escondi.

No dia seguinte voltei, implacável, ressentida, para apagá-las mais uma vez. Mas para minha surpresa não havia mais nenhuma palavra ali para apagar. Fiquei amargamente ofendida. Foi outra afronta. Disse a mim mesma que ele era uma pessoa sem caráter; para mim já chega, não quero mais saber dele.

No dia seguinte, o mesmo aconteceu — nada para apagar. Estava envergonhada por ter vindo, e disse que seria a última vez, nunca mais viria.

Mantive minha palavra. Eu fui, sim, mas não para ver se havia palavras: não me dei conta de que estava lá até eu estar lá. Então fiquei procurando outras coisas.

Não havia mal nisso, e assim fui até lá todos os dias para procurar outras coisas. Mas nunca achei nada. Até que um dia, mecanicamente, sem perceber o que estava fazendo, eu mesma escrevi algumas coisas:

"Volta."

Quando vi o que tinha feito, fiquei ainda mais envergonhada, e risquei as palavras. Ficou assim:

""

No outro dia, lá estavam. E nada mais. Nada, só algumas pegadas. E por três dias lá estavam elas — e mais nada. Só pegadas. Chorei, mesmo sem motivo — e risquei completamente as palavras. Mais tarde, meio aérea, escrevi de novo, e de novo meu orgulho se voltou contra mim, e apaguei parcialmente: "".

E lá estavam elas no dia seguinte. E também uma flor, se é que a gente pode chamar um ramo de capim de flor; era um *dente-de-leão*. Fiquei arrepiada, mas joguei o ramo fora, pois foi muito impertinente da parte

dele fazer isso. À noite, voltei lá e peguei o capim; não sei bem por quê, mas foi só um impulso — pois nem gosto de dente-de-leão.

No dia seguinte as palavras e as pegadas e um *malmequer*. Fiquei com a flor, apesar de meu impulso ser o de jogá-la fora. Estava me sentindo péssima e, incomodada, apaguei as palavras. Então, escrevi de novo, mas esqueci de riscar.

"Volta."

No orvalho da manhã seguinte, fui correndo até o lago; meu coração batendo como nunca; lá estavam elas — as palavras — só as palavras, nada mais! As lágrimas rolaram, e uma fraqueza tomou conta de mim até eu desfalecer… em seus braços!

Foi um dia abençoado. "Vem para casa", disse ele. "Essas terras de clima tão hostil não são nada boas para minha Eva". Então me beijou, e eu disse:

"Qualquer lugar onde Satã estiver é bom para mim."

Ele riu, deu uma batidinha na minha bochecha e disse:

"Simploriazinha querida!"

"Por quê?"

E foi assim que ele me disse quem era, e quem era Satã, e nós dois rimos e tagarelamos sobre isso como as crianças bobas que éramos. Oh, juventude despreocupada! Oh, juventude dourada. Oh, única coisa preciosa nesta vida tão desgastante. Damos tão pouco valor enquanto a temos, e como choramos ao perdê-la!

Diariamente caminhávamos pela relva do Éden de braços dados, e ele sempre me contava a mesma história, e ela sempre me parecia nova e estimulante, sempre uma alegria para os meus ouvidos: contou o quanto sofrera, naquele dia trágico, e que me seguiu a distância, esperando que eu me voltasse; e foi morar perto de mim, durante todo esse tempo, nunca tendo voltado ao Éden; e tentou nunca me perder de vista, sempre com medo de que eu o avistasse, pensando que eu o odiava. E muitas foram as vezes em que o interrompi, pedindo que repetisse algumas coisas que já tinha dito centenas de vezes:

"E quando foi que descobriu que me amava, meu amor?"

"Quando foi que escreveu aquelas palavras?"

"Está feliz, Adão?"

Ele calou minha boca em resposta, mas não com a mão.

"Mas eu riscava as palavras."

“É, verdade; é, realmente. Quase dava para notar.”

Parecia uma brincadeira astuta, o modo astuto como ele disse aquilo. E rimos muito.

“Bom, mas então, se sabia ler, por que não voltou?”

“Por que estava tão seguro de si?”

“Tão seguro de mim?”

“Sim”, eu disse. “Ela me quer, mas tenta fazer de conta que está indiferente. Vou esperar. Ela vai escrever novamente — e de forma mais direta. E mais de uma vez. E continuará escrevendo essas palavras até esquecer de riscar. E foi *assim*, franca, direta e sem perturbação a sua confissão!”

“Mas como você é safado!”

“Mas bem charmoso.”

“Charmoso! Não para mim. Como você pôde aguentar toda essa espera?”

“*Foi* duro, mas tive que fazer você confessar. E houve também circunstâncias modificadoras, que tornaram as coisas mais fáceis para mim.”

“O que você quer dizer?”

“Ora, tive a sua companhia. O dia inteiro eu a segui e me alimentei da sua visão. Muitas vezes estive tão perto de você que quase podia tocar. Às vezes cheguei a te tocar.”

“Tocar de verdade?”

Dá para dizer que sim. Até te beijei enquanto você dormia.”

“Ah se eu tivesse como saber! Mas foi melhor assim. Foi muito indelicado.”

“Foi criminoso, inclusive; foi um roubo. Chegue sua boca mais para cá, vou devolver cada um.”

E devolveu.

“Adão, se você me amou tanto, por que me presenteou com aquele dente-de-leão tão sem graça?”

“Só para te testar, minha querida. Eu pensei: se ela ficar com as flores, vou saber que também me ama.”

“A prova falhou! Eu joguei fora.”

“É, eu vi.”

“Coitadinho, me sinto mal agora. Como foi que você se sentiu?”

“Mal, muito mal.”

“Bom, você não vai mais precisar sofrer por causa disso. Vou confessar um segredo: eu voltei lá e a colhi de novo.”

“É, eu lembro. Eu estava lá.”

Então lhe dei uns tapinhas nas orelhas e rimos muito por causa dessas bobagens, como se nunca mais esse tipo de dor e sofrimento fosse abalar o mundo.

Amor, paz, conforto, contentamento desmedido — assim era a vida no Paraíso. Era um prazer estar vivo. Dor não havia. Nem enfermidades nem marcas físicas que assinalassem a passagem do tempo; doenças, cuidado, sofrimento podem até ser sentidos do lado de lá, mas não no Éden. Lá não havia espaço para isso, e lá nunca os avistamos. Todos os dias eram assim, todos como um sonho bom.

As distrações eram muitas, pois éramos crianças, e ignorantes; ignorantes numa concepção diferente da de hoje. Não conhecíamos nada — nada mesmo. Estávamos começando do zero — no começo do começo. Tínhamos que aprender o *abc* das coisas. Hoje as crianças com quatro anos sabem de coisas que nós aos trinta ignorávamos. Pois éramos crianças sem instrutores e babás. Não havia ninguém lá para nos explicar as coisas. Não havia dicionário, e não tínhamos como saber se estávamos usando as palavras corretamente ou não. Gostávamos das palavras compridas, e lembro que muitas vezes as empregávamos porque soavam bem ou pela sua dignidade, mesmo desconhecendo o significado; e quanto à ortografia, era desregrada. Mas não dávamos a mínima para essas bobagens, tanto que tínhamos acumulado um vasto e pomposo vocabulário, mas nem ligávamos para o sentido ou para os métodos.

Mas estudar, aprender e descobrir a causa, a natureza e o propósito de tudo que cruzava nosso caminho eram nossas paixões, e essa pesquisa preenchia nossos dias com um interesse vivo e contagiante. Adão era um cientista por natureza e por inclinação; posso dizer, com acerto, que eu também era, e adorávamos nos chamar usando esse grande nome. Ambos tínhamos a ambição de derrotar o outro em descobertas científicas, e isso adicionou um estímulo a nossa amistosa rivalidade, e efetivamente nos protegeu de cairmos na ociosidade e em ocupações frívolas e menos frutíferas em nossa busca de prazer.

Nossa primeira descoberta científica memorável, a lei de que a água e outros fluidos correm para baixo, não para cima. Foi Adão que descobriu isso. Ficou dias conduzindo experimentos em segredo, não disse nada, pois

queria estar absolutamente certo antes de dizer qualquer coisa. Eu desconfiava que algo de suma importância estava perturbando seu grande intelecto, pois seu sono era agitado e ele se mexia muito. Enfim ele teve certeza, e só então me falou. Não pude acreditar, parecia tão estranho, tão impossível. Minha surpresa foi o seu triunfo, sua recompensa. Ele me levou de riacho em riacho, dezenas deles, dizendo sempre: "Então, pode ver que corre sempre para baixo, em todos a correnteza vai para baixo, nunca para cima. Minha teoria está certa, provada, estabelecida, nada pode contradizê-la". E foi realmente um grande prazer ver sua exaltação por causa da grande descoberta.

Nos dias de hoje nenhuma criança se maravilha vendo a água descer em vez de subir; mas na época isso era algo grandioso e tão inacreditável quanto qualquer outro fato com que deparei. Veja, aquela verdade simples estava debaixo do meu nariz desde o primeiro dia da minha existência, mas nunca reparei. Levei algum tempo para aceitar e me ajustar a ela, e por um bom tempo não podia olhar para uma correnteza sem verificar voluntária ou involuntariamente se a água não subia mesmo pela margem, meio que esperando ver a lei de Adão ser violada. Mas finalmente me convenci, e assim foi. Daquele dia em diante eu ficaria muito surpresa e perplexa se encontrasse uma queda-d'água indo na direção errada. O conhecimento se adquire com muito trabalho; nada é de graça.

Aquela foi sua primeira grande contribuição à ciência — e por mais de dois séculos foi identificada por seu nome — A lei de precipitação fluida de Adão. Qualquer um o cativava mencionando casualmente a lei quando estava por perto. Estava um tanto imodesto — não vou tentar esconder —, mas não chegou a ficar insuportável. Nada chegou a deixá-lo arrogante; era tão querido e correto. Sempre fazia um gesto com a mão como se sua descoberta não fosse tudo aquilo, e dizia que mais dia menos dia outro cientista a descobriria. De qualquer modo, se um visitante ouvisse falar dele e não tivesse tato suficiente para mencionar, mesmo que de leve, o acontecimento, era certo que o estranho não seria mais convidado. Depois de uns dois séculos, a descoberta dessa lei entrou em disputa e muito se brigou por ela durante uns cem anos, e o crédito acabou sendo dado a alguém mais recente. Foi um golpe duro. Adão nunca mais foi o mesmo. Ele carregou aquela mágoa por mais de seiscentos anos, e acredito que foi isso o que encurtou sua vida. Evidentemente durante seus dias ele foi preferido pelos reis de toda a raça, sendo considerado o Primeiro Homem,

e recebia as honras que vinham com esse grande título. Porém, essas distinções não compensaram aquela lamentável violação, pois foi um verdadeiro cientista, e o primeiro. Ele me segredou mais de uma vez que se pudesse manter a glória da lei de precipitação de fluidos não teria se importado de se passar por filho e tornar-se o segundo homem. Fiz o que pude para confortá-lo. Disse que como Primeiro Homem sua fama estava garantida, e que chegaria um tempo em que o nome do descobridor embusteiro seria apagado, morto e esquecido sobre a face da terra. Eu realmente acreditava nisso. Nunca deixei de acreditar. Esse dia, com certeza, ainda virá.

A segunda grande descoberta científica foi minha: entender como o leite é introduzido na vaca. Ambos ficamos maravilhados com esse mistério durante muito tempo. Seguimos as vacas por anos a fio — quer dizer, durante o dia —, mas nunca as pegamos tomando algum tipo de líquido daquela cor. E assim finalmente admitimos que faziam isso apenas durante a noite. Estabelecemos turnos para observá-las à noite. O resultado foi o mesmo —, e o quebra-cabeça seguiu sem solução. Esses métodos eram esperados em principiantes; mas percebemos agora que não eram muito científicos. Com o tempo, a experiência nos ensinou métodos mais eficientes. Uma noite, deitada à toa, olhando as estrelas, uma grande ideia me passou pela cabeça, e encontrei meu caminho! Meu primeiro impulso era o de acordar Adão e contar tudo, mas resisti e mantive segredo. Não dormi nada o restante da noite. Ao primeiro sinal de que a madrugada se aproximava, sorrateira fui até a floresta e, em uma clareira gramada, fiz um pequeno cercado, bem seguro, dentro do qual prendi uma vaca. Tirei todo o leite dela, e deixei-a presa lá. Não havia nada ali para beber — ela devia conseguir leite por alguma alquimia secreta, ou permaneceria seca.

Passei o dia inteiro inquieta, e não falava coisa com coisa de tão preocupada, mas Adão estava bem ocupado também, tentando inventar uma tabela de multiplicação, e nada percebeu. Ao anoitecer, ele tinha chegado a seis vezes nove são vinte e sete, e embriagado de felicidade com sua façanha, ignorando tudo o que acontecia ao redor. Fui ver a vaca. Minhas mãos tremiam tanto por medo de fracassar que por alguns momentos não consegui segurar a teta com firmeza; por fim consegui, e o leite saiu! Dois galões. Quase dez litros, sem ela ter de onde tirar o líquido. Aí me veio a explicação: o leite não entrava pela boca, ele era condensado da atmosfera através dos pelos dela. Corri para contar a Adão,

e sua alegria foi tão grande quanto a minha, seu orgulho de mim era inexprimível.

Ele disse:

"Você sabe que não fez só uma contribuição de peso e grande repercussão para a ciência, mas duas."

Era verdade. Através de uma série de experimentos chegamos à conclusão de que o ar da atmosfera consistia de água em suspensão invisível, e de que os componentes da água, hidrogênio e oxigênio, na proporção de dois daquele para um deste, podiam ser expressados pelo símbolo H_2O. Minha descoberta revelou que havia ainda outro ingrediente — o leite. Ampliamos a sigla para H_2OL.

diário — Outra descoberta. Percebi, um dia, que William McKinley não estava bem. Ele é o leão original. E foi meu bicho de estimação desde o início. Examinei-o para ver o que tinha de errado com ele e descobri que um repolho, que ele não tinha mastigado bem, estava preso em sua garganta. Fui incapaz de retirar, por isso, peguei um cabo de vassoura e empurrei o repolho para baixo. Isso o aliviou. Ao longo dessas tentativas, fiz que abrisse bem as mandíbulas, e foi então que percebi algo de peculiar em seus dentes. Submeti os dentes dele a um exame cuidadoso e científico, e o resultado foi surpreendente: o leão não é vegetariano; ele é carnívoro, come carne! Pelo menos foi projetado para isso.

Corri ao encontro de Adão e lhe contei, mas é claro que ele zombou de mim:

"Onde é que ele encontraria carne?"

Tive que admitir que não sabia.

"Pois bem, você mesma pode ver que sua ideia é apócrifa. Carne não era para ser comida, caso contrário teria sido fornecida. Não tendo sido fornecida, conclui-se, obrigatoriamente, que carnívoros não foram introduzidos na ordem das coisas. É uma dedução lógica, não é?"

"É sim."

"Será que tem um ponto fraco nessa ordem?"

"Não."

"Neste caso, o que você tem a dizer?"

"Que existe algo melhor que lógica."

"Verdade? E o que seria?"

"Fatos."

Chamei um leão e pedi que abrisse a boca.

“Olhe essa mandíbula superior, que enorme”, eu disse. “Esse dente longo curvado para a frente não é um canino?”

Ele estava surpreso. E disse, impressionado:

“Macacos me mordam, não é que é?”

“E o que são esses quatro, atrás dele?”

“Pré-molares, ou meus dentes do juízo!”

“O que são aqueles dois lá atrás?”

“Molares, quando vejo um, sei se é ou não é. Não tenho mais nada a dizer. As estatísticas não mentem. Esse animal não é herbívoro.”

Ele é sempre assim. Nunca é mesquinho, invejoso. É sempre justo, magnânimo. Se você prova algo a ele, ele cede imediatamente de forma nobre e graciosa. Fico pensando se sou digna de um rapaz tão maravilhoso, dessa criatura bela, de espírito tão generoso.

Isso foi há uma semana. Examinamos um por um os animais da propriedade, e vimos que está cheia de animais que até agora nem suspeitávamos serem carnívoros. De certo modo é muito comovente, agora, ver um imponente tigre de Bengala comer morangos e cebolas, parece tão pouco característico, tão fora do normal, mas nunca me senti tão tocada.

Hoje, na floresta, ouvimos uma Voz.

Procuramos por ela, mas não a achamos. Adão disse que já a tinha ouvido, mas nunca visto, apesar de parecer estar próximo dela. Por isso parecia estar certo de que era algo como o ar, algo que não dava para ver. Pedi que ele me dissesse tudo que sabia sobre a Voz, mas ele não sabia quase nada. A Voz era o Senhor do Jardim, disse ele, que lhe tinha dito para decorar e cuidar do Jardim; disse também que não deveríamos comer da fruta de certa árvore, que se comêssemos certamente morreríamos. Nossa morte seria certa. Isso era tudo o que Adão sabia. Eu queria ver essa árvore, e foi assim que fizemos uma bela e longa caminhada até onde ela estava, numa clareira linda e afastada. Lá nos sentamos e ficamos olhando para ela com muito interesse, e conversamos. Adão disse que essa era a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

“Do bem e do mal?”

“Sim.”

“E o que é isso?”

“O que é o quê?”

“Ora, essas coisas. O que é o bem?”

“Não sei. Como poderia saber?”

“Tá bom, mas e o mal, o que é?”

“Imagino que seja o nome de algo, mas não sei o quê!”

“Mas Adão, você deve ter alguma ideia do que seja.”

“Por que eu deveria ter alguma ideia? Nunca vi essa coisa antes, como poderia formar uma concepção do que é? O que você acha que pode ser?”

É claro que eu não tinha noção, era ilógico querer que ele tivesse. Não havia como um de nós dois saber do que se tratava. Era uma palavra nova, como a outra; nunca tínhamos ouvido, e nenhuma das duas significava nada para nós. Continuei matutando sobre o assunto, e perguntei:

“Adão, há também aquelas outras palavras novas — “morrer”, e “morte”. O que *elas* significam?”

“Não tenho a menor ideia.”

“Sim, mas o que você acha que significam?”

“Minha filha, você não consegue ver que é impossível eu tentar adivinhar coisas sobre as quais sou completamente ignorante? Uma pessoa não consegue *refletir* sobre uma coisa se não tem subsídios *com os quais* formular algum pensamento, não é verdade?”

“Sim, eu sei disso. Mas veja que embaraçoso: justamente por não conseguir saber, mais *quero* saber.”

Ficamos calados por um tempo, tentando analisar o quebra-cabeça de diversos ângulos; de repente achei um jeito, e fiquei surpresa por não termos pensado nisso desde o início, já que era tão simples. Levantei e disse:

“Como somos idiotas! Vamos comer da fruta. Aí morremos e ficamos sabendo o que é e não teremos mais que nos preocupar com isso.”

Adão achou que era a coisa certa a fazer. Levantou-se imediatamente para colher uma maçã, quando de repente uma criatura curiosa veio se enleando, era de um tipo que nunca tínhamos visto; claro, deixamos para lá o assunto sem interesse científico especial para nos ocupar de algo que tinha.

Milhas e milhas seguimos, por entre planícies e montanhas, esse gnomo desajeitado e esvoaçante, até que o alcançamos lá embaixo, no lado oeste do vale onde está a grande figueira-de-bengala. Que felicidade, que triunfo: ele é um pterodáctilo! É um amor, tão feinho! E tem um temperamento e uma voz odiosos. Chamamos dois tigres para nos levar de volta, mas o agarramos e trouxemos conosco. Agora tenho-o comigo, e já

é tarde, mas não consigo ir me deitar, pois é um demônio fascinante, uma nobre contribuição para a ciência. Sei que não conseguirei dormir pensando nele, querendo que o dia amanheça logo, para poder explorá-lo e examiná-lo em detalhe e descobrir o segredo de sua origem, e desvendar quanto dele é ave e quanto é réptil, e ver se é um dos mais fortes entre os sobreviventes da espécie, o que sem dúvida deve ser, dá para ver só de olhar para ele. Oh, ciência, diante de ti todos os outros interesses se esvanecem!

Adão acorda. Pede que eu não esqueça de registrar essas quatro novas palavras. Isso mostra que ele mesmo já as esqueceu. Mas eu não. Para o bem dele, estou sempre atenta. Ele é que está escrevendo o dicionário — é o que ele pensa —, mas me dei conta de que o trabalho mesmo quem faz sou eu. Não tem problema, eu gosto de fazer tudo o que ele quer que eu faça; e, quando se trata do dicionário, tenho o maior prazer em fazer o trabalho, assim evito que ele seja humilhado, pobrezinho. Sua ortografia não é muito científica. Ele soletra gato com *q* e catástrofe com *k*, apesar de as duas palavras terem a mesma raiz.

Três dias depois — Nós lhe demos o nome de Terry, e, nossa, ele é um amor! Nesses três dias ficamos completamente absorvidos por ele. Adão se pergunta como foi que a ciência se virou até aqui sem ele, e eu também penso o mesmo. O gato tentou se aproveitar da situação sabendo que Terry era um novato, mas se arrependeu amargamente. Terry lhe deu uma sova de cabo a rabo que deixou a pelagem de Thomas num estado lamentável, e foi assim que Thomas se retirou com o ar de uma pessoa que planejava fazer uma surpresa mas foi brutalmente surpreendido. Terry é simplesmente incrível — não há outra criatura igual a ele. Adão o examinou detalhadamente e tem certeza de que ele é o sobrevivente da espécie. Acho que Thomas pensa diferente.

diário, Ano 3 — No começo de julho, Adão notou que um peixe do lago estava desenvolvendo pernas — um da família das baleias. Apesar de não ser uma baleia de fato, como se estivesse em um estado menos evoluído. Era um girino. Observamos com muito interesse, pois se as pernas realmente crescessem e se tornassem utilizáveis, seria nosso propósito fazer com que outros peixes também as desenvolvessem, para poder sair da água e caminhar com mais liberdade. Muitas vezes nos preocupamos com essas criaturas, sempre molhadas e sem conforto, sempre restritas à água, enquanto os outros animais podiam sair e brincar

entre as flores e se divertir. Em pouco tempo as pernas se desenvolveram, e a baleia tornou-se um sapo. Veio para a beira e ficou pulando e cantando, bem feliz, principalmente à noite, sua gratidão era sem limites. Muitos outros o seguiram, e em breve tínhamos música em abundância, o que representava uma grande melhoria, em comparação com o silêncio de antes.

Trouxemos muitos tipos de peixes para a beira e os soltamos na relva, mas foi uma decepção: nenhum desenvolveu pernas. Era estranho, não conseguíamos entender. Em uma semana todos tinham voltado para a água, e não conseguíamos explicar, pareciam mais satisfeitos lá do que na terra. Tomamos isso como evidência de que os peixes, em geral, gostam mais da água do que da terra, e de que, com exceção das baleias, nenhum deles se interessou pela terra. Havia algumas baleias em um lago enorme a uns quinhentos quilômetros vale acima, e Adão foi até lá com a ideia de fazer uma criação e aumentar seu bem-estar.

Quando ele estava fora há uma semana, o pequeno Caim nasceu. Foi uma surpresa grande para mim, pois não tinha noção de que algo estava para acontecer. Mas é como Adão sempre diz: "O inesperado sempre acontece".

No começo não sabia o que pensar. Achei que fosse um animal. Mas, examinando mais detalhadamente, dava para ver que não era, já que não tinha nem dentes nem pelos, e parecia um desses filhotinhos abandonados. Alguns detalhes pareciam de humanos, mas não o suficiente para justificar que cientificamente o classificássemos nessa categoria. Assim, inicialmente o consideramos *lusus naturae* — uma aberração —, e foi necessário deixar por isso mesmo e esperar para ver como se desenvolvia.

Logo comecei a ficar mais interessada nele, e esse interesse aumentava a cada dia, até que foi assumindo um tom mais caloroso, tornou-se afeto, depois amor, depois idolatria, e minha alma toda ficou absorvida pela criatura, e fui consumida por um sentimento de gratidão e alegria. A vida tinha se transformado em felicidade, arrebatamento, êxtase; eu esperava ansiosa, dia após dia, contava as horas e os minutos até Adão voltar, para compartilhar essa felicidade quase insuportável.

Ano 4-5 — Finalmente ele veio, mas não imaginava que fosse uma criança. Estava bem-intencionado, tratava-o com carinho e amor, mas era antes de mais nada um cientista, e só em segundo lugar um homem; isso era da sua natureza. Mas não tirava nenhuma conclusão a menos que fosse

cientificamente provada. As situações alarmantes por que passei durante os doze meses seguintes por causa dos experimentos desse estudioso são indescritíveis. Ele expôs a criança a toda sorte de desconforto e inconveniente imaginável a fim de determinar que tipo de ave, réptil ou quadrúpede ela era e para que servia, e assim tive de segui-lo dia e noite, receosa e desesperada para apaziguar as dores do pobrezinho e ajudá-lo a suportá-las da melhor forma possível. Adão acreditava que eu o tinha encontrado na floresta, e eu estava feliz e grata por ele pensar assim, pois a ideia de sair de vez em quando para caçar outro da mesma espécie o deixava bem entusiasmado, o que dava à criança e a mim períodos abençoados de repouso e tranquilidade. Ninguém pode imaginar o alívio que eu sentia quando ele parava com seus experimentos aflitivos, reunia armadilhas e iscas e se mandava para a floresta. Assim que a gente o perdia de vista, eu abraçava meu tesouro e o sufocava com beijos, e chorava de gratidão. Essa pobre coisinha parecia se dar conta de que algo ótimo nos tinha acontecido, pois esperneava e gritava de alegria, abria aquela boca que era pura gengiva, e sorria um sorriso alegre de orelha a orelha, ou sei lá o que eram aquelas coisas presas na lateral.

Ano 10 — Então veio nosso filho Abel. Acho que tínhamos um ano ou dois quando Caim nasceu, e três ou três e meio quando Abel se juntou a nós. Foi por aí que Adão começou a entender. Gradualmente seus experimentos foram ficando mais leves, e finalmente, um ano depois do nascimento de Gladys e Edwina — nos anos 5 e 6, ele parou completamente. Passou a amar as crianças com paixão depois de conseguir classificá-las cientificamente, e de lá até agora a felicidade no Éden é perfeita.

Temos nove filhos, a metade meninos, e a outra, meninas.

Caim e Abel estão começando a aprender. Caim já sabe somar tão bem quanto eu, e consegue multiplicar e subtrair algumas coisas. Abel não é tão rápido quanto o irmão mentalmente, mas tem uma persistência que parece compensar sua lentidão. Abel aprende sobre muitas coisas em três horas como Caim, mas Caim fica brincando durante duas dessas três horas. Assim, como Adão diz, "Abel se perde pelo caminho, mas acaba chegando". Adão concluiu que persistência é um talento, e classificou essa palavra nessa categoria em seu dicionário. Soletrar também é um talento, estou certa disso. Com toda a inteligência de Caim, ele não conseguiu aprender a soletrar. O fato de ser como o pai, o mais inteligente de todos, e

não saber ortografia é uma calamidade. Eu sei soletrar, e Abel também. Esses fatos não provam nada, pois não se pode deduzir um princípio a partir de alguns exemplos apenas, mas pelo menos indicam que a capacidade de aprender a escrever é um talento inato, sem deixar de ser um sinal de inferioridade intelectual. Paridade de raciocínio, a falta dela é um sinal de grande poder mental. Às vezes, quando Adão finalmente conseguiu que uma palavra tão longa como "raciocínio" passasse pela sua cachola, a custa de muito suor e lágimas, poderia adorá-lo por ser tão intelectualmente incrível, surpreendente e sublime. Ele consegue soletrar "fhísica" de várias formas, e não só daquele jeito mais comum.

Caim e Abel são dois garotos bem queridos, e tomam conta dos irmãozinhos e irmãzinhas. Os quatro mais velhos da ninhada vão a toda parte, conforme a vontade, e às vezes, por mais de dois ou três dias, não vemos nem sombra deles. Uma vez perderam Gladys e voltaram sem ela. Não conseguiam lembrar quando e onde a tinham perdido. Era longe, disseram, mas não sabiam quão longe, era uma região desconhecida para eles, rica em frutinhas silvestres, daquelas que chamamos de "erva-envenenada" — não sei por quê. Não tem significado nenhum, mas tem na composição uma daquelas palavras usadas pela Voz, e adoramos empregar novas palavras toda vez que surge uma oportunidade, assim tornamos essas palavras funcionais e convenientes. Eles são fãs dessas frutinhas, e ficaram muito tempo às voltas com elas, comendo, e foi numa dessas ocasiões que, com o passar do tempo, perceberam que Gladys não estava com eles, e não respondia quando começaram a chamar.

No dia seguinte ainda não tinha aparecido. Nem no seguinte, nem depois. Três dias e ainda não tinha voltado. Foi muito estranho. Nada parecido acontecera até então. Isso despertou nossa curiosidade. Adão achava que se não aparecesse até o dia seguinte, ou pelo menos até dois dias depois, deveríamos mandar Caim e Abel atrás dela.

E assim fizemos. Ficaram fora três dias, mas a encontraram. Passou por algumas aventuras. No escuro, na primeira noite, ela caiu em um rio e foi levada pela correnteza até muito longe, não sabia dizer quão longe, mas finalmente foi jogada num banco de areia. Depois disso, viveu com uma família de cangurus que a entreteve de forma bem hospitaleira e sociável. A mãe canguru era dócil e materna, tirava os bebês da sua bolsa e saía, descendo e subindo por vales para coletar frutas e nozes das mais finas e saborosas, e quase todas as noites eles recebiam a visita de ursos e

coelhos e águias e galinhas, raposas e hienas, touros e outras criaturas — divertiam-se a valer. Os animais tinham pena da nossa garotinha porque não tinha pelo; quando dormia, sempre a cobriam com folhas e musgo para proteger sua pele delicada, e foi assim que os meninos a encontraram. Primeiro ela ficou doente de saudade, mas depois melhorou.

Essa era a expressão dela, "doente de saudade". Incluímos a expressão no dicionário, e já estamos chegando a um acordo sobre o que significa. É composta de duas palavras que já tínhamos, com sentido próprio, mas que juntas aparentemente ainda não tinham significado nenhum. Compilar um dicionário é muito interessante, mas difícil, como diz Adão.

Ano 15 — As crianças prometem. Edwina faz bonecas convincentes de cenouras bifurcadas, com galhinhos atravessados no tórax que servem de braços, e um rabanete como cabeça. Gladys ajuda o pai a entalhar elefantes e mastodontes em ossos, e Abel ajuda-o a fazer facas e ponteiras de flecha de pedras para o sambaqui. Caim é o mais esperto de todos. Ele é ótimo para fazer os fósseis mais simples, e acho que logo vai assumir essa tarefa. Ele inventou um fóssil sozinho.

Solilóquio de Adão

(*Inspecionando o dinossauro no Museu de História Natural*.)

Estranho… muito estranho. Não me lembro dessa criatura. (*Depois de olhar longamente, admirado*). É, ele é realmente maravilhoso! Um mero esqueleto de dezessete metros de comprimento por cinco de altura! Até agora, que eu saiba, encontraram apenas um dessa espécie — sem dúvida esse é um de tamanho médio; uma pessoa certamente não iria topar com um desse por acaso ao sair daqui e entrar no parque, como se fosse o maior de todos os cavalos da América; não, ele toparia com um que pareceria pequeno ao lado do maior puro-sangue. É muito provável que o maior dos dinossauros tivesse uns vinte e sete metros de comprimento e uns sete de altura. Ele seria cinco vezes mais comprido que um elefante; um elefante seria para ele o que um bezerro seria para um elefante. Que volume tem essa criatura! Que peso! Tão comprido como a maior das baleias, mas tem duas vezes o seu volume. E provavelmente uma carne boa, semelhante à suína, suficiente para alimentar uma vila durante um ano inteiro… Imagine cem deles enfileirados, paramentados com uma manta dourada! — algo majestoso para uma coroação. Mas caro, pois certamente come demais, só reis e milionários poderiam bancar um.

Realmente não me lembro dele; nem Eva nem eu ouvimos falar dele antes de ontem. Falamos com Noé sobre ele; Noé enrubesceu e mudou de conversa. Voltando ao assunto, e pressionando um pouco ele finalmente confessou que quanto à estocagem da Arca as estipulações não tinham sido seguidas ao pé da letra em alguns pequenos detalhes que não eram essenciais. Havia algumas irregularidades. Ele disse que a culpa era dos meninos — principalmente os filhos, mas parcialmente também por indulgência dele mesmo. Naquela época eles estavam no auge da inconstância da juventude, na alegre primavera da vida, seus cem anos quase não se faziam sentir, e… bem, ele também já fora um menino, por isso não teve pulso para ser tão exigente com eles. E assim… bem, eles fizeram o que não deviam, e ele — para ser camarada — fazia de conta que não via. Mas no geral foram fiéis ao trabalho, considerando a idade. Coletaram e armazenaram um bom estoque dos animais realmente úteis, e também, quando Noé não estava vendo, uma multidão de animais menos úteis, como moscas, mosquitos, cobras e assim por diante, e realmente

acabaram deixando na margem uma boa quantidade de animais que possivelmente tiveram algum valor em uma ou outra época. Estes eram principalmente os sáurios de trinta metros de comprimento, e monstruosos mamíferos, como o megatério e similares, e eles tinham realmente uma desculpa para deixá-los para trás, duas razões, na verdade: (1) estava claro que em dado momento seriam necessários como fósseis para museus; e (2) houve um problema de cálculo. A Arca ficou menor do que devia, não tinha espaço para todas as criaturas. Na verdade, só de material fóssil havia o suficiente para fretar vinte e cinco arcas como a nossa. Quanto ao dinossauro, a consciência de Noé estava tranquila, ele não constava da lista de carga, e os meninos não sabiam que tal criatura existia. Disse que não se culparia por não saber da existência dele, porque o dinossauro era um animal americano, e a América não tinha sido descoberta ainda.

Noé continuou dizendo que "tinha sim repreendido os meninos por não terem maximizado o espaço. E por terem descartado alguns animais que não prestavam e substituído outros, como o mastodonte, que poderia ter sido útil ao homem na lida mais pesada, fazendo o que os elefantes fazem. Mas eles disseram que esses animais teriam aumentado o trabalho deles além de suas forças no que diz respeito ao trato e à alimentação, uma vez que a mão de obra era escassa. Nisso meus filhos tinham razão. Não tínhamos uma bomba, e havia apenas uma janela; tínhamos que soltar um balde por ela e depois içá-lo de volta por uns quinze metros mais ou menos, era muito cansativo; ainda tínhamos que carregar a água até o porão — mais quinze metros —, quando a água era para os elefantes e outros da família, uma vez que os mantínhamos lá embaixo, no porão, para dar mais lastro à embarcação. Por causa daquelas condições, perdemos muitos animais, principalmente os mais seletos, que teriam valido uma fortuna em coleções, como os diferentes tipos de leões, tigres, hienas, lobos e assim por diante, que já não bebiam mais água depois que ela se misturou com a água salgada. Mas nunca perdemos um gafanhoto ou um grilo sequer, nem mesmo um gorgulho, um rato, um germe da cólera, nem ao menos um desses míseros seres. No frigir dos ovos, acho que nos saímos bem. Éramos pastores e agricultores, nunca tínhamos estado no mar, éramos ignorantes em assuntos navais, e sei com certeza que há mais diferença entre agricultura e navegação do que as pessoas podem imaginar. Penso que estes dois ofícios não devem se misturar. Sem pensa o mesmo,

Jafé também. Quanto ao que Cam pensa, isso não é importante. Cam é tendencioso; quero ver você me apontar um presbiteriano que não o seja".

Disse isso de forma agressiva; havia ali um quê de desafio. Evitei a provocação mudando de assunto. Para Noé, a discussão é uma paixão, uma doença, que está tomando conta dele há mais de trinta e tantos mil anos, se não mais, e o está tornando impopular, desagradável; muitos dos seus velhos amigos têm medo de cruzar com ele. Até mesmo estranhos logo começam a evitá-lo, mesmo que inicialmente fiquem felizes em conhecê-lo e o admirem por conta da sua tão celebrada aventura. Por um tempo ficam orgulhosos de receber sua atenção, já que é uma pessoa tão distinta; mas ele os tritura com seus argumentos, e logo eles começam a desejar — como o restante — que algo tivesse acontecido com a Arca.

(*Sentado num banco no parque, no meio da tarde, ocioso, observando a passagem dessas espécies para lá e para cá.*)

E pensar que essa multidão não é mais que uma pequena fração da população da terra! Todos são meus parentes de sangue, cada um deles! Eva devia ter vindo comigo; isso teria aguçado seu coração afetuoso, ela nunca soube manter a compostura quando encontrava algum parente — sempre saía beijando um por um, pretos, brancos e os demais.

(*passa um carrinho de bebê.*)

Mudou tão pouco — nada, para falar a verdade. Eu me lembro bem do nosso primeiro filho — deixe-me ver… vai fazer trezentos mil anos agora na terça; e esse aí é como aquele primeiro. Então, entre aquele primeiro bebê e esse agora, não há nada que os diferencie. A mesma falta de cabelo, a mesma ausência de dentes, o mesmo corpinho frágil, esse aparente vazio mental e essa mesma falta de atrativos. E mesmo assim Eva adorava aquele primeiro, e era bonito vê-la com ele. A mãe desse aí também adora o seu; dá para notar no olhar dela, que brilha tal qual o de Eva naquela época. E pensar que algo tão sutil e intangível quanto um olhar poderia migrar de rosto em rosto durante trezentos mil anos e permanecer igual, sem um traço de mudança! E aqui está, iluminando o rosto dessa jovem criatura do mesmo modo como iluminou o rosto de Eva tanto tempo atrás — a criatura mais jovem que já vi e a mais antiga, diante de mim. É claro, o dinossauro, mas esse pertence a outra espécie.

Ela aproximou o carrinho do banco, sentou-se e começou a empurrá-lo para a frente e para trás com uma mão enquanto segurava o jornal com a outra, absorta na leitura. "Minha nossa!", ela exclamou, o que me

surpreendeu e me fez perguntar, modesta e respeitosamente, o que tinha acontecido. Ela, educada, me mostrou o jornal e disse, apontando com o dedo:

"Ali, parece um fato, mas não sei se é."

Foi desconcertante. Tentei disfarçar, e despretensiosamente virei o jornal frente e verso, mas ela me olhou de um jeito, percebi que não conseguia disfarçar. De repente ela perguntou, meio hesitante:

"O senhor não sabe ler?"

Tive que confessar que não. Ela ficou admiradíssima. Mas isso teve um efeito agradável — ela se interessou por mim, e eu fiquei grato, pois já estava me sentindo sozinho, sem ter com quem conversar. O jovem que fazia as vezes de guia para mim — por iniciativa própria, já que não lhe pedi — acabou perdendo um compromisso no museu, e eu fiquei triste quando ele se foi, pois ele tinha sido uma boa companhia. Quando disse à jovem que não sabia ler, ela fez outra pergunta embaraçosa:

"De onde o senhor vem?"

Disfarcei — para ganhar tempo e me posicionar — e disse:

"Adivinhe. Vamos ver quão perto consegue chegar."

Ela se iluminou e exclamou:

"Vou adorar, se o senhor não se importar. E se eu adivinhar o senhor vai me dizer?"

"Sim."

"Jura pela sua honra?"

"Pela minha honra? O que isso quer dizer?"

Ela riu prazerosamente e disse:

"Esse é um bom começo. Eu tinha *certeza* de que ia gostar dessa expressão. Agora, uma coisa eu sei. Eu sei…"

"Sabe o quê?"

"Que o senhor não é americano. Não vai me dizer que é, é?"

"Não, você tem razão. Não sou. Pela minha honra, como vocês dizem."

Ela parecia bem satisfeita consigo mesma, e disse:

"Sei que nem sempre sou esperta, mas *isso* foi muito esperto. Mas também nem tão esperto assim, pois já estava imaginando que o senhor fosse estrangeiro por causa de outro detalhezinho."

"Qual?"

"Seu sotaque."

Ela era uma observadora perspicaz; eu falo, de fato, com um sotaque, vamos dizer assim… divino, e ela conseguiu notar esse "saborzinho" de um sotaque de fora. E prosseguiu, cheia de charme, inocentemente satisfeita com seu triunfo:

"No momento em que o senhor disse 'Vamos ver quão perto consegue chegar', eu disse a mim mesma: 'Aposto que é estrangeiro, e aposto o dobro que é inglês'. Essa é sua nacionalidade, não é?"

Me senti mal por ter de acabar com sua vitória, mas era preciso:

"Hum, você vai ter que tentar de novo."

"O quê, o senhor não é inglês?"

"Não, pela minha honra."

Ela me observou de cima a baixo, evidentemente pensando, juntando uma informação com outra, e então disse:

"É, a bem da verdade, o senhor não parece mesmo inglês." Então acrescentou: "O fato é que o senhor não se parece com nenhum estrangeiro — com ninguém que eu, ao menos, tenha cruzado antes. Vou tentar adivinhar outra vez".

Ela foi dizendo o nome de cada país de que conhecia, e aos poucos foi desanimando. Finalmente disse:

"Você deve ser O Homem sem Pátria. Aquele da história. O senhor parece não ter nacionalidade. Como veio parar na América? Tem parentes aqui?"

"Sim, muitos."

"Ah, então veio para vê-los."

"É, mais ou menos."

Ela ficou um tempo sentada, pensando, e então disse:

"Não vou desistir ainda. Onde o senhor mora quando está em casa — na cidade grande ou no interior?"

"O que você acha?"

"Bom, não sei bem. O senhor me parece meio interiorano, se me permite, mas também tem alguma coisa da cidade, não muito, sei lá, apesar de não saber ler, o que é muito curioso, e além disso não está acostumado a jornais. Assim, diria que vive principalmente no interior quando está em casa, e só de vez em quando fica na cidade. Acertei?"

"Isso mesmo."

"Ótimo, assim posso tentar de novo."

Ela acabou ficando exausta de tanto nomear cidades. Sem sucesso. Depois quis que eu a ajudasse dando algumas dicas, como ela disse, perguntando se minha cidade era grande. Sim. Muito grande? Sim. E eles têm móveis lá? Não. E luz elétrica? Não. E estradas de ferro, hospitais, faculdades, polícia? Não.

"Mas então não é um lugar civilizado! Onde será que fica? Seja generoso e diga ao menos uma peculiaridade de lá, para eu poder adivinhar."

"Muito bem. Só uma: o lugar tem portais feitos de pérolas."

"Ah, essa não. Isso é em Nova Jerusalém. Essa brincadeira não é justa. Mas pode deixar, vou adivinhar assim mesmo. Já vai me ocorrer, quando eu menos esperar. Ah, tive uma ideia. Fale um pouco em sua língua — isso pode ser uma boa pista."

Fiz o obséquio de dizer uma ou duas frases. Ela balançou a cabeça, desesperançada.

"Não, isso não soa humano", disse. "Quer dizer, não soa como nenhuma dessas línguas estrangeiras. É até bonito, bem bonito, mas sei que nunca ouvi nada nessa língua. E se o senhor pronunciasse o seu nome — qual é o seu nome, afinal, será que pode me dizer?"

"Adão."

"Adão?"

"Sim."

"Mas Adão do quê?"

"É só isso — só Adão."

"Nada mais, só isso?"

"É, nada mais que isso."

"Nossa, que interessante. Tem tanto Adão por aí; como distinguir uns dos outros?"

"Isso não é problema; lá de onde eu venho, sou o único."

"Jura? Agora o senhor acabou comigo. Me faz até pensar que é aquele, o ancestral, o original. Esse era o nome dele também. Ele também não tinha sobrenome, como o senhor." E então ela disse maliciosamente: "Imagino que já ouviu falar dele."

"Oh, sim. Você o conhece? Já o viu alguma vez?"

"Se já o vi? Se vi Adão? Graças a Deus que não! Eu morreria de susto!"

"Não vejo por quê."

“Não?”

“Não.”

“Como o senhor não vê por quê?”

“Porque não há motivo para alguém se assustar com um parente.”

“Parente?”

“Ora, ele não seria um parente seu, distante?”

Ela achou isso muito divertido, e disse que era realmente verdade, mas que nunca teria sido esperta o suficiente para pensar nisso. Eu estava achando essa uma sensação nova e muito agradável, a de ser admirado, e estava a ponto de fazer novas brincadeiras quando um rapaz apareceu. Ele se plantou ao lado da jovem e fez um comentário enfadonho sobre o tempo, mas ela o olhou meio de lado, com o semblante fechado. Levantou-se e foi embora empurrando seu carrinho de bebê.

Henry James

Henry James (1843–1916), nascido em uma família abastada de Nova York, estudou durante a adolescência com tutores em Genebra, Paris, Bolonha e Bonn. Em 1862 entrou para o curso de direito de Harvard, onde permaneceu apenas um ano. Em 1869 iniciou a primeira de suas grandes viagens à Europa, com passagens por Paris, Londres e Roma. Seu primeiro romance, *Watch and Ward*, de 1871, apareceu de forma seriada na revista *Atlantic Monthly*, da qual era colaborador; nos anos seguintes, com *Roderick Hudson* (1875), *The Americans* (1877) e *The Europeans* (1878), inicia a publicação de suas grandes obras, aqui retratando e contrapondo as culturas americana e europeia, e ganhando definitivamente um lugar de prestígio nas letras americanas. Depois de morar em Paris, mudou-se para a Inglaterra, vivendo inicialmente em Londres e, mais tarde, em Rye, Sussex. Publicaria ainda inúmeras obras mundialmente famosas, como *A Portrait of a Lady* (1882) e *What Maisie Knew* (1897). Henry James escreveu vinte romances, cerca de uma centena de contos e doze peças teatrais, além de suas respeitadas obras memorialística e de crítica literária. É considerado um dos grandes estilistas da prosa em língua inglesa.

Caberia a Henry James criar a mais famosa obra de suspense psicológico da literatura norte-americana, e quiçá mundial, *A volta do parafuso*. Uma "questão ficcional" cercaria a narrativa desde sua publicação em 1898 (contemporaneamente a um dos textos fundamentais da psicanálise, *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud): os fantasmas da velha casa são "reais" na ficção, ou seja, existem e assombram a jovem preceptora, além de estarem em conluio com as duas crianças "maléficas" de quem ela cuida, ou tudo é apenas delírio e ilusão? Trata-se de uma questão irresolvida e irresolvível, de modo semelhante ao caso do *Dom Casmurro* de Machado: não há como saber se Capitu traiu ou não Bentinho porque o texto foi construído com palavras mas também com ambiguidades. E ainda como em *Dom Casmurro*, a questão sexual é pulsante em *A volta do parafuso*: os "fantasmas" são de um casal de amantes, a preceptora é uma jovem solteira (possivelmente "histérica",

como se dizia à época), as crianças, um menino e uma menina, estão no fim da infância e, portanto, da inocência.

Tradução Marcos Maffei.

A volta do parafuso

A história nos mantivera, em volta da lareira, suficientemente em suspense, mas, exceto pela óbvia observação de que era horripilante, como essencialmente, numa velha casa na noite de Natal, deveria ser algo insólito que se contasse, não lembro de nenhum outro comentário até alguém por fim dizer que era o único caso que já ouvira em que uma visitação desse tipo acontecera com uma criança. O caso, cabe dizer, era o de uma assombração numa velha casa muito similar à que nos reunira para a ocasião — uma aparição, de medonho aspecto, para um menininho que dormia no quarto com sua mãe e que o fez acordá-la aterrorizado; acordá-la não para que dissipasse seu horror e o reconfortasse para voltar a dormir, mas para ela também, antes que pudesse fazer isso, se ver diante da mesma visão que o havia abalado. Foi essa observação que suscitou em Douglas — não imediatamente, mas mais adiante na noite — uma réplica que teve uma interessante consequência para a qual chamo a atenção. Uma outra pessoa contou uma história não propriamente interessante, e eu percebi que ele não a acompanhava. Considerei isso um sinal de que ele tinha algo a revelar e que teríamos apenas que esperar. Esperamos, de fato, duas noites mais; mas ainda naquela, antes que nos recolhêssemos, ele disse o que passava em sua cabeça.

— Eu realmente concordo, quanto a Griffin e seu fantasma, ou o que quer que fosse, que aparecer primeiro para o menininho, de tão pouca idade, dá à história um caráter particular. Mas não é a primeira vez que ouço uma ocorrência desse tipo encantador em que há uma criança envolvida. Se uma criança dá ao efeito uma outra volta do parafuso, o que me diriam de *duas* crianças?

— Diríamos, claro — alguém exclamou —, que daria duas voltas! E também que queremos saber mais sobre elas.

Posso até ver Douglas ali na frente do fogo, para o qual ficara de costas ao se levantar, olhando de cima para seu interlocutor, com as mãos nos bolsos. — Ninguém a não ser eu, até agora, soube dessa história. É horrível demais. , naturalmente, várias vozes afirmaram, era o que dava ao caso um valor inestimável, e nosso amigo, com arte sutil, preparou seu triunfo voltando seu olhar para o resto de nós e prosseguindo: — Vai além de qualquer limite. Nunca ouvi nada que chegasse perto.

— Em puro terror? — lembro de ter perguntado.

Ele pareceu querer dizer que não era tão simples assim; que realmente faltavam-lhe palavras para descrever como era. Passou a mão sobre os olhos, balançou a cabeça num breve esgar de aversão: — Em horrendo… horror!

— Ah, que delícia! — exclamou uma das mulheres.

Ele a ignorou; olhou-me, mas como se em vez de mim, o que estivesse vendo era do que falava: — Em completa e insólita feiura, e pavor, e dor.

— Bom, então — eu disse — pode sentar e começar a .

Ele voltou-se para a lareira, empurrou com o pé um pedaço de lenha, observou-o por um instante. Então, ao nos encarar de novo: — Não posso começar. Terei de mandar buscar na cidade. — Houve um lamento unânime, e muitas recriminações; após o que ele, em seu jeito preocupado, explicou: — A história está escrita. Guardada numa gaveta trancada, de onde não saiu por anos. Poderia escrever para meu criado, mandando a chave; e ele enviaria o pacote assim que o encontrasse. Foi para mim em particular que ele pareceu propor isso — pareceu quase implorar para ajudá-lo a não hesitar. Ele quebrara uma camada espessa de gelo, acumulada por muitos invernos; tinha tido suas razões para o longo silêncio. Os outros ficaram aborrecidos com o adiamento, mas foram exatamente esses seus escrúpulos que me encantaram. Instei-o a escrever pelo primeiro correio, e a combinar conosco uma pronta leitura; então perguntei se a experiência em questão tinha sido vivida por ele. A resposta a isso foi imediata. — Não, graças a Deus!

— E o relato é seu? Foi você quem o registrou?

— Apenas a impressão; registrei-a *aqui* — tocou seu coração. — Nunca a perdi.

— Então, o seu manuscrito…?

— É em tinta antiga e apagada, com uma letra belíssima. — Ele se deteve mais um instante. — De uma mulher. Morreu há uns vinte anos. Enviou-me as páginas em questão antes de morrer. — Estavam todos o ouvindo agora e, claro, alguém teria de ser malicioso, ou ao menos fazer alguma inferência. Mas se foi sem sorrir que não a respondeu de imediato, foi também sem irritação. — Era uma pessoa das mais encantadoras, mas dez anos mais velha que eu. Era a preceptora de minha irmã — disse tranquilamente. — Foi a mulher mais agradável que conheci nessa função; e seria digna de qualquer outra. Eu estava no Trinity College, e encontrei-a

no segundo verão que passei em casa. Naquele ano, fiquei bastante lá; estava um belo verão, e em algumas de suas horas de folga passeamos e conversamos no jardim; conversas nas quais ela me surpreendeu com quão extraordinariamente inteligente e simpática era. Ah, sim, não riam: gostava imensamente dela e até hoje me alegra saber que ela sentia o mesmo por mim. Se não fosse assim, não teria me contado. Nunca contara a ninguém. Não que tenha me dito isso, mas eu sabia que não contara. Tinha certeza disso; era evidente. Vocês facilmente compreenderão o porquê ao ouvir.

— Por que tinha sido assustador demais?

Ele continuou a olhar fixamente para mim. — Vocês compreenderão facilmente — e insistiu —, *você* compreenderá.

Eu devolvi seu olhar: — Entendo. Ela estava apaixonada.

Ele riu pela primeira vez. — Você *é* perspicaz. Sim, ela estava apaixonada. Ou melhor, tinha estado. Ficou claro; ela não poderia ter contado a história sem que ficasse claro. Ela percebeu isso, e também que eu percebera; mas nenhum dos dois tocou no assunto. Lembro o momento e o lugar; um canto do gramado, à sombra de grandes faias, na longa e quente tarde de verão. Não era uma cena para arrepios, mas… — Ele afastou-se do fogo e se deixou cair de novo em sua poltrona.

— Você vai receber o pacote na manhã de quinta-feira? — indaguei.

— Provavelmente só no segundo correio.

— Então, depois do jantar…

— Iremos todos nos reunir aqui? — ele olhou para todos de novo. — Ninguém terá ido embora? — Havia quase um tom esperançoso na pergunta.

— Todo mundo vai ficar!

— *Eu* vou ficar! E *eu* também — exclamaram as senhoras que já estavam de partida marcada. A sra. Griffin, no entanto, demonstrou precisar de um pouco mais de esclarecimento. — Por quem ela estava apaixonada?

— A história dirá — encarreguei-me de responder.

— Ah, mal posso esperar pela história!

— A história *não* dirá — Douglas disse. — Pelo menos não de uma maneira literal, vulgar.

— Que lástima, então. É a única maneira que consigo entender.

— Mas *você*, Douglas, não nos dirá? — alguma outra pessoa perguntou.

Ele se pôs de pé de novo. — Sim, mas amanhã. Agora irei dormir. Boa noite. — E, imediatamente, pegou um castiçal e deixou-nos com um leve desconcerto. De onde estávamos no grande salão revestido de madeira ouvimos seus passos na escada, e imediatamente a sra. Griffin disse: — Bom, se não sei por quem ela estava apaixonada, por quem *ele* estava eu sei.

— Ela era dez anos mais velha — disse seu marido.

— *Raison de plus*… naquela idade! Mas é de fato encantador, seu longo silêncio.

— Quarenta anos! — Griffin acrescentou.

— E por fim esse desabafo!

— O desabafo — eu arrematei — fará da noite de quinta-feira uma ocasião memorável. — E todos concordaram comigo de tal modo que, à luz daquilo, perdemos o interesse por tudo o mais. A última história, embora incompleta e mais parecendo o início de um folhetim, havia sido contada; e entre apertos de mãos e acertos de castiçais, como alguém disse, fomos dormir.

Soube que no dia seguinte uma carta contendo a chave tinha sido enviada, pelo primeiro correio, para o apartamento dele em Londres; mas apesar — ou talvez precisamente por causa — da eventual difusão dessa informação, deixamo-lo em paz até depois do jantar, ou até certa hora da noite que, de fato, melhor poderia corresponder ao tipo de emoção em que depositávamos nossas esperanças. Então ele se mostrou tão comunicativo quanto poderíamos desejar e deu-nos mesmo uma ótima razão para tanto. Foi de novo em frente à lareira no salão, onde na noite anterior tivéramos nossos moderados assombros. O caso era que a narrativa que ele prometera ler para nós requeria para a sua compreensão adequada algumas palavras como prólogo. É preciso deixar já bem claro, para não voltar à questão, que essa narrativa, de uma transcrição exata que eu mesmo fiz muito depois, é a que logo mais seguirá. O pobre Douglas, antes de sua morte — quando esta era iminente — confiou a mim o manuscrito que chegara a ele no terceiro daqueles dias e que ele, no mesmo lugar, com imenso efeito, começou a ler na noite do quarto dia para nosso silencioso e atento pequeno grupo. As senhoras que estavam de partida marcada e haviam dito que iam ficar, no fim, graças aos céus, não ficaram, claro:

partiram, devido aos compromissos já assumidos, embora inteiramente tomadas pela curiosidade, segundo declararam, fomentada pelos detalhes que ele nos antecipara. Mas isso apenas tornou a plateia que ele enfim teve mais compacta e seleta, mantendo-a em torno da lareira envolvida pela mesma emoção.

O primeiro desses detalhes estabelecia que o testemunho escrito partia de um ponto em que a história, de certa maneira, já havia começado. O fato que se precisava saber era que sua velha amiga, a mais nova das várias filhas de um pobre pároco rural, tinha, aos vinte anos, em seu primeiro serviço como preceptora, ido a Londres, ansiosa, para responder em pessoa ao anúncio que já a fizera trocar uma breve correspondência com o anunciante. Esta pessoa revelou-se, quando ela se dirigiu, para sua entrevista, a uma casa, em Harley Street, que a impressionou como vasta e imponente — esse seu possível patrão revelou-se um cavalheiro, um homem solteiro ainda jovem, o tipo de figura que jamais tinha antes sido contemplada, exceto em sonhos ou algum romance antigo, por uma moça embaraçada e ansiosa criada numa paróquia em Hampshire. É fácil identificar o seu tipo; é um que nunca, felizmente, deixa de existir. Era bonito, ousado e simpático; descontraído, alegre e gentil. Impressionou-a, inevitavelmente, como galante e esplêndido, mas o que mais a encantou, e deu a ela a coragem que mais tarde mostraria foi ter tratado o assunto todo como uma espécie de favor dela, uma obrigação que ele gratamente assumiria. Ela imaginou-o rico, mas temerariamente extravagante — vislumbrou-o inteiramente envolto por uma aura de elegância requintada e excelente aparência, de hábitos luxuosos e modos encantadores com as mulheres. Tinha como residência na cidade uma mansão repleta de objetos trazidos de suas viagens e troféus de caça; mas era para sua casa no campo, uma antiga propriedade da família em Essex, que ele gostaria que ela seguisse imediatamente.

Ele ficara com a guarda, devido à morte dos pais na Índia, de dois sobrinhos, um menino e uma menina, filhos de seu irmão mais moço, militar, que falecera dois anos antes. Essas crianças tinham se tornado, pelo mais estranho dos acasos para um homem em sua situação — sozinho e sem a experiência apropriada ou a menor paciência — um fardo em suas mãos. Tinha sido tudo uma grande preocupação e, da parte dele sem a menor dúvida, uma série de equívocos, mas ele se compadecia imensamente dos pobres órfãos e fizera tudo o que podia; em particular,

mandá-los para a sua outra casa, o campo sendo naturalmente o lugar mais adequado para crianças, e mantê-los lá, desde o princípio, com as melhores pessoas que pudera encontrar para cuidar deles, privando-se mesmo de alguns de seus criados, e indo lá sempre que possível ver como estavam. O que complicava as coisas era o fato de as crianças praticamente não terem outros parentes e seus próprios negócios tomarem todo o seu tempo. Cedera a eles sua propriedade de Bly, que era saudável e segura, e pusera no comando da casa — mas só quanto à organização doméstica — uma mulher excelente, a sra. Grose, com a qual ele tinha certeza que ela simpatizaria, e que antes tinha sido criada de sua mãe. Era agora a governanta e estava também por enquanto encarregada de cuidar da menina, a quem, já que não tinha filhos, era por sorte muito apegada. Havia ampla criadagem, mas obviamente a jovem ao assumir a função de preceptora teria suprema autoridade. Ela teria também de, nas férias, cuidar do menino que estava em seu primeiro semestre na escola — era pequeno demais para isso, mas o que se podia fazer? — e que, como as férias estavam para começar, não demoraria a voltar. Inicialmente havia uma jovem encarregada das duas crianças, mas tiveram a infelicidade de perdê-la. Desempenhara sua função maravilhosamente bem — era uma moça respeitabilíssima — até sua morte, o grave inconveniente que, precisamente, não deixara alternativa a não ser a escola para o pequeno Miles. A sra. Grose, desde então, no que estava a seu alcance, vinha fazendo o melhor que podia com Flora; e havia ainda uma cozinheira, uma criada, uma mulher encarregada dos laticínios, um velho pônei, um velho empregado da estrebaria e um velho jardineiro, todos eles perfeitamente respeitáveis.

Douglas tinha chegado até esse ponto em nos apresentar a situação quando alguém perguntou: — E do que morreu a preceptora anterior? De excesso de respeitabilidade?

A resposta de nosso amigo foi imediata. — Isso se saberá. Não vou antecipar nada.

— Perdão; achei que era exatamente isso que você estava fazendo.

— Se estivesse no lugar de sua sucessora — eu aventei — teria gostado de saber se o serviço implicaria…

— Sério risco de morte? — Douglas completou a minha questão. — Ela quis saber, e ficou sabendo. Vocês ouvirão amanhã o que ela ficou sabendo. Enquanto isso, claro, a perspectiva lhe pareceu um pouco

intimidadora. Ela era jovem, inexperiente, nervosa: teria pela frente sérias responsabilidades e pouca companhia, uma solidão realmente considerável. Hesitou, quis alguns dias para ponderar e refletir. Mas o salário oferecido em muito ultrapassava suas modestas pretensões, e numa segunda entrevista resolveu enfrentar a situação e aceitou. — E Douglas, com isso, fez uma pausa da qual me vali para sugerir, para o proveito de todos:

— A moral da história sendo, claro, a sedução exercida pelo esplêndido jovem. Ela sucumbiu.

Ele levantou-se e, como havia feito na noite anterior, foi até a lareira e revolveu com o pé um pedaço de lenha, ficando por um instante de costas para nós. — Ela o viu apenas duas vezes.

— Sim, mas é exatamente essa a beleza da paixão dela.

Para certa surpresa minha, isso fez com que Douglas se voltasse para mim. — *Foi*, sim, essa a beleza de sua paixão. Houve outras — ele continuou — que não sucumbiram. Ele disse a ela francamente as dificuldades que encontrara, que para várias candidatas as condições tinham parecido proibitivas. Elas ficaram, de algum modo, simplesmente com medo. Soava tolo, soava estranho; e ainda mais tendo em vista a principal condição dele.

— Que era…?

— Que ela nunca deveria incomodá-lo, nunca mesmo, em circunstância alguma: não deveria recorrer, nem reclamar ou escrever a ele sobre o que fosse; caberia a ela resolver o que surgisse por conta própria, receber as remessas de dinheiro de seu advogado, encarregar-se de tudo e deixá-lo em paz. Ela prometeu agir assim, e mencionou a mim que, quando por um momento ele, aliviado, deliciado, segurou sua mão e agradeceu-lhe pelo sacrifício, ela já se sentira recompensada.

— Mas essa foi toda a recompensa dela? — uma das senhoras perguntou.

— Ela jamais voltou a vê-lo.

— Oh! — disse a senhora; e, como nosso amigo imediatamente tornou a se retirar, foi essa a última palavra significativa sobre o assunto até a noite seguinte quando, perto da lareira, na melhor poltrona, ele abriu a capa vermelha desbotada de um álbum pouco espesso com as bordas decoradas em ouro à moda antiga. A leitura toda acabaria tomando mais

noites do que só uma, mas nessa primeira, a mesma senhora fez outra pergunta. — Qual é o título?

— Não tenho nenhum.

— Pois *eu* tenho um! — eu disse. Mas Douglas, sem me dar atenção, já começara a ler com uma dicção tão nítida que era como uma transposição para nossos ouvidos da beleza da letra da autora.

I

Recordo do início todo como uma sucessão de altos e baixos, uma pequena gangorra entre as emoções certas e as erradas. Após a resolução, na cidade, de atender a seu apelo, tive alguns dias, sob todos os aspectos, muito difíceis — vi-me de novo em dúvida, tive de fato a certeza de ter cometido um erro. Nesse estado de espírito passei as longas horas de solavancos na diligência que me levou até a parada na qual um veículo da casa viria me buscar. Esta providência, informaram-me, fora tomada, e encontrei, no fim de uma tarde de junho, um confortável cabriolé à minha espera. Viajar nessa hora, num belo dia, por uma região cuja doçura de verão parecia me oferecer uma amigável acolhida, fez com que minha coragem voltasse e, ao entrarmos numa alameda, passasse por uma conversão que era apenas a prova do quanto a perdera. Suponho que eu esperara, ou receara, algo tão melancólico que o que então encontrei foi uma grata surpresa. Lembro que foi das mais agradáveis a impressão que me deu a fachada ampla e clara, com as janelas abertas e as cortinas imaculadas, e o par de criadas aguardando a minha chegada; lembro do gramado e das flores brilhantes, do ruído das rodas no cascalho e das frondosas copas das árvores sobre as quais as gralhas voavam em círculos, ruidosas, no céu dourado. A cena tinha uma grandiosidade que a fazia inteiramente diferente de meu lar humilde, e imediatamente surgiu na porta, de mãos dadas com uma menininha, uma pessoa educada que me fez uma mesura tão cortês como se eu fosse a dona da casa ou uma visita distinta. Em Harley Street a descrição que recebera do lugar tinha sido muito mais modesta, o que me fez, conforme lembro, considerar o proprietário ainda mais cavalheiresco, e pensar que o que eu iria desfrutar seria muito além do que ele prometera.

Não voltei a me decepcionar até o dia seguinte, pois fui tomada por uma sensação de triunfo nas horas que se seguiram àquela em que foi

apresentada a mais jovem de meus alunos. A menininha que acompanhava a sra. Grose pareceu-me, de imediato, uma criatura tão encantadora que me fez sentir verdadeiramente afortunada de vir a conviver com ela. Era a criança mais bela que eu já tinha visto, e me perguntei depois por que meu patrão não falara mais sobre ela. Dormi pouco aquela noite — a exaltação era demais; e isso também me deixou aturdida, lembro-me, deixando-me naquele estado, além da impressão que me causou a generosidade com que fui tratada. O quarto grande e imponente, um dos melhores da casa, a enorme cama que me pareceu quase digna de um chefe de estado, as ricas cortinas estampadas, os compridos espelhos em que, pela primeira vez, eu podia me ver da cabeça aos pés, tudo me impressionava — tanto quanto o extraordinário charme de minha pequena discípula — como muito mais do que pudesse ter previsto. Como também era o fato de, desde o primeiro momento, ter me dado bem com a sra. Grose, uma relação que me deixara, a caminho, na diligência, um tanto preocupada. A única coisa nesse primeiro momento que poderia ter de novo me despertado receios era a clara circunstância do quanto ela ficara contente em me ver. Percebi na meia hora seguinte que ela estava tão contente — aquela mulher robusta, simples, direta, asseada e franca — que efetivamente se esforçava em não demonstrá-lo demais. Já então me intriguei um pouco porque ela fazia questão de não demonstrar, e isso, com mais reflexão ou suspeita, poderia ter me deixado inquieta.

Mas era reconfortante que não podia haver inquietação nenhuma em relação a algo tão beatífico quanto a imagem radiante da minha menininha, uma visão cuja angelical beleza provavelmente era, mais do que qualquer outra coisa, a razão para o desassossego que, antes de amanhecer, fez com que mais de uma vez eu me levantasse e andasse pelo quarto para assimilar a situação toda e suas perspectivas; para contemplar, de minha janela aberta, a pálida aurora de verão, para observar as outras partes da casa que dali eu podia ver, e para escutar, enquanto a escuridão da noite se desvanecia e os primeiros pássaros começavam a cantar, a possível recorrência de um ou outro som, menos natural e vindo não de fora, mas de dentro, que imaginei ter ouvido. Houve um momento em que julguei ter reconhecido, débil e distante, o choro de uma criança; houve outro em que percebi ter me sobressaltado como se, atrás de minha porta, passos leves tivessem sido dados no corredor. Mas essas impressões não foram nítidas o suficiente para não serem descartadas, e é só à luz, ou à

sombra, seria melhor dizer, de outros fatos posteriores, que elas agora voltam à minha mente. Cuidar da pequena Flora, ensiná-la, "formá-la", era, muito evidentemente, a perspectiva de uma vida feliz e útil. Ficara combinado entre nós lá embaixo que depois desse primeiro dia eu a teria comigo todas as noites, sua caminha branca já tendo sido instalada, com essa finalidade, em meu quarto. O que eu assumira era a inteira criação dela, e ela só ficara, esta última vez, com a sra. Grose em razão de ambas termos levado em consideração tanto ser inevitável que ela me estranhasse quanto a natural timidez dela. Apesar dessa timidez — que a própria criança, de uma maneira completamente singular, admitia com perfeita franqueza e coragem, permitindo, sem o menor sinal de incômodo ou embaraço, aliás com a profunda e suave serenidade de um dos anjos de Rafael, que fosse mencionada, a ela atribuída, e por nós levada em conta — eu tinha certeza que ela não demoraria a gostar de mim. Era parte do que já me fizera gostar da própria sra. Grose o prazer que pude perceber que ela sentia com a minha admiração e deslumbramento ao estar sentada para jantar com quatro velas grandes e a minha discípula, numa cadeira alta e com um babador, olhando-me radiante através delas, entre o pão e o leite. Naturalmente havia coisas que, na presença de Flora, podiam apenas passar entre nós como olhares encantados e gratos, alusões obscuras e indiretas.

— E o menino, parece com ela? É também assim notável?

Convém não lisonjear as crianças. — Ah, senhorita, *muito*. Se essa assim lhe parece… — e ela ficou lá com uma travessa na mão, contemplando embevecida nossa companheira, que nos olhava alternadamente com olhos plácidos e celestiais, em nada sugerindo que nos contivéssemos.

— Sim, e se me parece…?

— *Vai* ficar arrebatada pelo pequeno cavalheiro.

— Bom, creio que foi para isso que vim, para me deixar arrebatar. Receio, todavia — lembro de me ver compelida a acrescentar —, que não sou difícil de arrebatar. Em Londres eu fiquei arrebatada!

Ainda posso ver a expressão da sra. Grose ao ouvir isso. — Na Harley Street?

— Na Harley Street.

— Bom, senhorita, não foi a primeira… e não será a última.

— Ah, não tenho a pretensão — consegui rir — de ser a única. Em todo caso, meu outro aluno, segundo entendi, chega amanhã?

— Não amanhã; sexta-feira, senhorita. Virá, como a senhorita, pela diligência, sob os cuidados do condutor, e a mesma carruagem que a trouxe irá buscá-lo.

Observei imediatamente que o correto, bem como o agradável e amistoso, seria na chegada da diligência eu estar esperando-o junto com sua irmãzinha; uma ideia com a qual a sra. Grose concordou de tão bom grado que eu de alguma maneira considerei sua atitude como uma reconfortante promessa — nunca desmentida, graças aos céus! — de que estaríamos inteiramente de acordo em todas as questões. Ah, como ela estava contente por ter-me ali!

O que senti no dia seguinte não foi algo que, suponho, pudesse ser tido com justiça como uma reação ao entusiasmo da chegada; provavelmente, foi mais uma ligeira opressão produzida por uma avaliação mais ampla da dimensão, enquanto eu as percorria, observava e assimilava, de minhas novas circunstâncias. Tinham, por assim dizer, um tamanho e um peso para os quais eu não estava preparada, e em cuja presença eu me senti mais uma vez um tanto atemorizada, mas também orgulhosa. As aulas, nessa agitação, com certeza algum adiamento tiveram; ponderei que meu primeiro dever era, da maneira mais gentil que conseguisse, ganhar a confiança da criança fazendo com que ela fosse me conhecendo. Passei o dia com ela ao ar livre; combinei com ela, para sua enorme satisfação, que seria ela, e apenas ela, quem me mostraria o lugar. Mostrou-o passo a passo, cômodo por cômodo, segredo por segredo, com suas engraçadas e deliciosas observações infantis sobre tudo, e tendo como resultado que, em meia hora, havíamos nos tornado as melhores amigas. Pequena como era, ela me impressionou, em nossa volta pela casa, com a sua confiança e coragem em ir adiante, em quartos vazios e corredores sombrios, através de escadarias tortuosas que me fizeram vacilar, e até mesmo ao topo de uma velha torre com seteiras que me deixou com vertigem; sua loquacidade matinal, sua disposição em me contar muito mais coisas do que me perguntava, se sobressaía e me conduzia. Não voltei a Bly depois do dia que de lá parti, e devo dizer que a meus olhos mais velhos e experientes pareceria agora consideravelmente acanhado. Mas enquanto minha pequena guia, com seus cabelos dourados e vestidinho azul, dançava na minha frente fazendo curvas e saltitando pelos corredores, a

visão que tive foi a de um castelo romântico habitado por uma fada cor-de-rosa, o tipo do lugar que de algum modo, para entreter as mentes juvenis, tiraria todas as cores dos livros de fábulas e contos de fadas. E se tudo não passasse de um desses livros de contos, sobre o qual eu adormecera e começara a sonhar? Não; era uma casa grande, feia, e antiga, mas conveniente, incorporando alguns aspectos de uma construção ainda mais antiga, em parte substituídos e em parte reutilizados, e que me fez imaginar que estávamos quase tão perdidas como um punhado de passageiros num grande navio à deriva. E, bem, o mais estranho era eu estar no leme!

II

Isso ficou claro para mim quando, dois dias depois, fui com Flora na carruagem buscar o pequeno cavalheiro, como a sra. Grose o chamara; e ainda mais depois de um incidente que, tendo ocorrido na segunda noite, deixara-me profundamente desconcertada. O primeiro dia tinha sido, em geral, como afirmei, tranquilizador; mas eu o veria se encerrar com uma viva apreensão. O correio, naquela noite — chegara atrasado — trouxera uma carta para mim que, embora na letra de meu patrão, continha apenas umas poucas palavras e incluía outra carta, a ele endereçada, com o lacre ainda intacto. "Esta, sem dúvida, é do diretor do colégio, um sujeito terrivelmente aborrecido. Leia, por favor; entenda-se com ele; mas nem pense em me informar. Nem uma palavra. Até logo!" Rompi o lacre com um grande esforço — tão grande que demorei muito a fazê-lo; levei enfim a carta ainda fechada para o meu quarto e só a enfrentei antes de ir para a cama. Teria sido melhor esperar até a manhã seguinte, pois me fez passar uma segunda noite em claro. Sem ter com quem me aconselhar, no dia seguinte, fiquei extremamente incomodada; e isso tanto foi se agravando que decidi, por fim, me abrir ao menos com a sra. Grose.

— O que significa isso? A criança foi dispensada da escola.

Ela fez uma expressão que notei no mesmo instante; então, visivelmente, com uma imediata neutralidade, pareceu querer voltar atrás.
— Mas não foram todas…?

— Mandadas para casa? Sim. Mas só durante as férias. Miles não poderá mais voltar.

Conscientemente, sob o meu olhar, ela enrubesceu. vão aceitá-lo de volta?

— Recusam-se terminantemente.

Com isso, ela ergueu de novo os olhos, que tinha desviado de mim; vi neles brotarem lágrimas comovidas. — O que foi que ele fez?

Hesitei; então achei melhor simplesmente lhe dar a carta que recebera; mas isso apenas teve como efeito que ela, sem pegá-la, pusesse as mãos atrás das costas. Balançou com tristeza a cabeça. — Essas coisas não são para mim, senhorita.

Minha conselheira não sabia ler! Fiquei embaraçada com meu erro, que tentei atenuar como pude, abrindo a carta de novo para lê-la para ela; então, hesitei quanto ao ato e dobrei-a mais uma vez, pondo-a em meu bolso. — Ele é realmente *mau*?

As lágrimas ainda estavam nos olhos dela. — Esses senhores dizem isso?

— Não entram em detalhes. Simplesmente informam que lamentam, mas será impossível mantê-lo. Isso só pode significar uma coisa. — A sra. Grose escutou-me numa emoção muda; evitou me perguntar qual poderia ser esse significado; de modo que, então, para formular a coisa com alguma coerência e tendo apenas a presença dela como auxílio para meu raciocínio, prossegui: — Que ele é prejudicial para os outros.

Ao ouvir isso, com uma dessas instantâneas mudanças de humor das pessoas simples, ela se inflamou: — O senhor Miles! *Ele*, prejudicial?

Tamanha era a boa fé em suas palavras que, embora ainda não tivesse visto o menino, meus próprios receios fizeram com que eu recuasse ante o absurdo da ideia. Vi-me, para ser solidária com minha companheira, acrescentando na mesma hora, com sarcasmo: — A seus pobres coleguinhas inocentes!

— É horrível demais — a sra. Grose exclamou — que se digam coisas tão cruéis! Ora, ele mal fez dez anos!

— Sim, sim; é difícil de acreditar.

Ela ficou evidentemente grata com essa declaração. primeiro, senhorita. E *depois* acredite, se puder. — E senti imediatamente renovada a minha impaciência em vê-lo; era o começo de uma curiosidade que, nas horas seguintes, se intensificaria a ponto de quase doer. percebeu, pude notar, o efeito de suas palavras em mim, e reforçou-as com segurança. —

Seria o mesmo que acreditar isso quanto à menininha. Que Deus a abençoe — acrescentou em seguida — …*olhe* para ela!

Voltei-me e vi que Flora, que, dez minutos antes, eu deixara instalada na sala de estudos com uma folha de papel em branco, um lápis e uma porção de redondos "O" para copiar, estava ali no limiar da porta aberta. Demonstrava em sua atitude um extraordinário desapego às tarefas desagradáveis, olhando para mim, entretanto, com um radiante ar infantil que parecia oferecê-la apenas como o resultado da afeição que desenvolvera pela minha pessoa, impelindo-a a vir atrás de mim. Eu não precisava muito mais do que isso para sentir todo o poder da comparação da sra. Grose e, tomando minha aluna em meus braços, cobri-a de beijos, nos quais havia um soluço de arrependimento.

Ainda assim, durante o resto do dia, procurei uma nova oportunidade para conversar com minha colega, especialmente quando, perto do fim da tarde, começou a me parecer que ela estava me evitando. Alcancei-a, lembro bem, na escada; descemos juntas e, embaixo, eu a detive, segurando-a pelo braço. — Entendi o que a senhora me disse ao meio-dia como uma declaração de que *você* nunca o viu comportando-se mal.

Jogou a cabeça para trás; já tinha claramente, a essa altura, e muito honestamente, decidido que atitude adotar. o vi… Oh, não, eu não quis dizer *isso*!

Fiquei de novo desconcertada: — Então, a senhora o *viu*…?

— Sim, claro, senhorita, graças a Deus!

Refletindo um pouco, compreendi. — A senhora quer dizer que um menino que nunca…

— …não é um menino para *mim*!

Apertei seu braço com mais firmeza. — A senhora gosta quando eles tendem a ser travessos? — E, antecipando-me à resposta dela, — …eu também! — ardentemente exclamei. — Mas não a ponto de poderem contaminar…

— Contaminar? — minha palavra difícil a confundiu.

Expliquei-a: — Corromper.

Fitou-me, assimilando o que eu dissera; mas o resultado foi uma curiosa risada: — Tem medo que ele corrompa *a senhorita*? — Fez a pergunta com tão decidido bom humor que, com uma risada, sem dúvida um pouco tola, para acompanhar a dela, aceitei então ficar apenas com a percepção do ridículo da coisa.

Mas no dia seguinte, ao se aproximar a hora de sair, abordei-a de novo em outro lugar. — Como era a mulher que esteve aqui antes de mim?

— A última preceptora? Era também jovem e bonita; quase tão jovem e bonita quanto a senhorita.

— Ah, então espero que a juventude e a beleza dela a tenham ajudado! — lembro de ter exclamado. — Ele parece gostar de nós jovens e bonitas!

— Ah, *gostava*, sim — a sra. Grose concordou. — Era assim que gostava de todo mundo. — Mas mal disse isso e imediatamente tentou se emendar: — Quero dizer, é assim que *ele*… o patrão.

Fiquei perplexa. — Mas de quem a senhora estava falando antes?

Manteve-se inexpressiva, mas enrubesceu: — Ora, *dele*.

— Do patrão?

— De quem mais?

Era tão óbvio que não poderia haver ninguém mais que no momento seguinte deixei de ter a impressão de que ela acidentalmente dissera mais do que pretendia; e apenas perguntei o que queria saber. — *Ela* nunca viu nada no menino…?

— Que não fosse correto? Nunca me disse nada.

Tive um escrúpulo, mas o superei. — Ela era cuidadosa, atenciosa?

A sra. Grose pareceu tentar não ser indiscreta. — Em alguns aspectos, sim.

— Mas não em tudo?

De novo ela ponderou. — Bem, senhorita, ela faleceu. Não vou ficar falando dela.

— Compreendo o que a senhora sente — apressei-me a dizer; mas achei, após um instante, que isso não impedia que eu prosseguisse. — Ela morreu aqui?

— Não. Já tinha ido embora.

Não sei bem o que havia nesse jeito lacônico da sra. Grose que me soou ambíguo. — Ido embora para morrer? — a sra. Grose olhou diretamente janela afora, mas achei que, em teoria, eu tinha o direito de saber o que se esperava das jovens contratadas para trabalhar em Bly. — A senhora quer dizer que ela ficou doente e voltou para casa?

— Ela não ficou doente, ao menos pelo que se podia ver, nesta casa. Partiu no fim do ano, para ir para casa, segundo me disse, para umas férias breves, a que ela com certeza tinha direito pelo tempo que trabalhara. Tínhamos então uma jovem, uma babá que ainda estava aqui, uma moça

boa e inteligente; e *ela* cuidou das crianças durante esse período. Mas nossa jovem preceptora nunca mais voltou, e foi só quando eu estava aguardando seu retorno que o patrão me informou que ela morrera.

Refleti sobre isso. — Mas morreu de quê?

— Ele nunca me disse! Mas, por favor, senhorita — disse a sra. Grose —, preciso voltar ao trabalho.

III

Ela ter me dado as costas assim felizmente não foi, como cheguei a me preocupar, uma afronta que pudesse deter o crescimento de nossa estima recíproca. Ficamos, depois que eu trouxe para casa o pequeno Miles, mais íntimas do que nunca com base em minha perplexidade, minha comoção: eu agora estava pronta a declarar inteiramente monstruoso que uma criança como aquela que se revelara para mim estivesse submetida a uma interdição. Cheguei um pouco atrasada onde devíamos encontrá-lo, e eu senti, ao vê-lo solitário à minha espera em frente à porta da estalagem onde a diligência o deixara, que o percebera, de imediato, por dentro e por fora, envolto naquele frescor irradiante, na mesma fragrância positiva de pureza, na qual eu, desde o primeiro momento, vira sua irmã. Ele era inacreditavelmente belo, e a sra. Grose acertara: tudo que não fosse uma imediata ternura apaixonada por ele se desvanecia em sua presença. O que ali naquele mesmo instante me fez ficar inteiramente afeiçoada a ele foi algo divino que jamais encontrei no mesmo grau em qualquer outra criança — o indescritível ar de nada conhecer do mundo que não fosse amor. Teria sido impossível alguém carregar uma má reputação com uma inocência mais doce, e ao voltar para Bly com ele eu continuava simplesmente perplexa — para não dizer ultrajada — com o que dizia aquela carta horrível trancada em meu quarto, numa gaveta. Assim que pude obter uma conversa em particular com a sra. Grose, afirmei a ela que tudo aquilo era grotesco.

Ela imediatamente me compreendeu. — A senhorita está falando daquela acusação cruel…?

— Não se sustenta nem por um instante. Minha cara, é só *olhar* para ele!

Ela sorriu com a minha pretensão de haver descoberto o encanto dele. — Posso lhe garantir, senhorita, que não faço outra coisa! O que irá dizer,

então? — imediatamente acrescentou.

— Em resposta à carta? — Eu já tinha me decidido. .

— E para o tio dele?

Fui incisiva. — Nada.

— E para o próprio menino?

Fui maravilhosa. — Nada.

Com o avental ela limpou bem a boca. — Então, ficarei a seu lado. Juntas iremos nisso até onde for necessário!

— Juntas iremos nisso até onde for necessário! — eu repeti ardentemente, dando-lhe a mão para selarmos nosso pacto.

Ela ficou ali comigo um momento, e então ergueu de novo o avental com a mão livre.

— A senhorita se importaria, se eu tomasse a liberdade…

— …de me beijar? Não! — tomei a boa criatura em meus braços e, depois de termos nos abraçado como irmãs, senti-me ainda mais fortalecida e indignada.

E ficamos assim, de todo modo, por um bom tempo: um tempo tão repleto que, ao recordar como foi, me faz pensar em toda a arte que agora me é necessária para tornar distintos tantos acontecimentos. O que, em retrospecto, me deixa surpresa é a situação que eu aceitara. Encarregara-me, com a minha companheira, de ir até onde fosse necessário com aquilo, e estava sob o efeito de um encantamento, aparentemente, que podia aplainar a extensão e as difíceis e consideráveis conexões desse esforço. Deixei-me levar por uma grande onda de enternecimento e compaixão. Achei simples, em minha ignorância, minha confusão, e talvez minha pretensão, assumir que poderia dar conta de um menino cuja educação para o mundo estava a ponto de começar. Nem mesmo consigo lembrar agora que planos eu concebera para o fim de suas férias e o recomeço de seus estudos. Aulas comigo, naquele verão encantador, tínhamos todos uma teoria de que ele deveria ter; mas agora o que me parece é que, por semanas, mais fui eu quem tive aulas. Aprendi algo — pela primeira vez, com certeza — que não fizera parte dos ensinamentos de minha limitada e apagada vida; aprendi a me divertir, e até ser divertida, e não pensar no dia de amanhã. Era a primeira vez, de certo modo, que vivia o espaço, o ar livre e a liberdade, toda a música do verão e todos os mistérios da natureza. E ainda gozava de consideração — e essa consideração era doce. Ah, era uma armadilha — não deliberada, mas perigosa — para a minha

imaginação, minha sensibilidade e, talvez, minha vaidade; para o que fosse, em mim, mais suscetível. A melhor maneira de descrever a situação toda é dizer que eu baixara a minha guarda. Eles me davam tão pouco trabalho — eram de uma doçura tão extraordinária. Costumava especular — mas mesmo isso com uma vaga incoerência — como o futuro árduo (pois todos os futuros são árduos!) iria tratá-los e poderia até machucá-los. Eram a saúde e a felicidade em flor; e no entanto, como se eu estivesse encarregada de cuidar de dois pequenos dignitários, príncipes de sangue real, para quem tudo, para ser adequado, deveria estar contido e protegido, a única forma que, em minha fantasia, a vida futura deles poderia assumir era a de um prolongamento romântico e verdadeiramente digno de reis do jardim e do parque. Talvez, claro, tenha sido o que subitamente irrompeu depois que deu a esse período anterior o encantamento de uma calmaria — aquele silêncio em que algo se prepara e contrai. A mudança foi na realidade como o bote de uma fera.

Nas primeiras semanas os dias eram longos; com frequência, nos melhores deles, me proporcionavam o que eu costumava chamar de minha hora, a hora em que, tendo passado para as crianças a do jantar e a de ir para a cama, eu tinha, antes de finalmente me recolher, um breve período sozinha. Por mais que eu gostasse de meus pequenos companheiros, essa hora era o que eu mais gostava no dia; e sobretudo quando, com a claridade se desvanecendo — ou melhor, eu deveria dizer quando o dia ainda durava e os derradeiros cantos dos passarinhos vinham, sob um céu avermelhado, das velhas árvores — eu podia dar uma volta pelos jardins e desfrutar, quase com um sentimento de propriedade que me divertia e lisonjeava, da beleza e dignidade do lugar. Era um prazer nesses momentos sentir-me tranquila e justificada; sem dúvida, talvez, também refletir que através de minha discrição, meu calmo bom senso e alto nível de decoro, eu estava dando prazer — se é que em algum momento ele pensava nisso! — à pessoa a cujo chamado eu atendera. O que eu estava fazendo era o que ele sinceramente esperava e claramente pedira a mim, e que eu *conseguisse* fazê-lo, afinal, revelou-se uma alegria ainda maior do que eu esperara. Ouso dizer, em suma, que me via como uma jovem extraordinária e encontrava conforto na fé em que isso acabaria se tornando público. Bem, eu tinha de ser mesmo extraordinária para enfrentar as coisas extraordinárias que em seguida deram seu primeiro sinal.

Foi abruptamente, ao anoitecer, bem no meio da minha hora; as crianças estavam na cama e eu saíra para meu passeio. Um dos pensamentos que, agora anoto sem a menor hesitação, costumava me acompanhar nessas caminhadas era o quão encantador seria, como num encantador conto de fadas, se eu subitamente me encontrasse com alguém. Alguém apareceria ali numa curva do caminho e ficaria me fitando, sorridente, e com ar aprovador. Eu não pedia mais que isso — pedia apenas que ele de fato *soubesse*; e a única maneira de ter certeza que ele sabia seria ver isso, e a doce luz disso, em seu belo rosto. Era exatamente o que estava na minha mente — quero dizer, esse rosto estava — quando, na primeira dessas ocasiões, no fim de um longo dia de junho, detive-me de repente, ao sair de uma parte de vegetação mais densa e me deparar com a vista da casa. O que me fez ficar parada ali — e com um choque muito maior do que qualquer visão justificaria — foi a sensação de que minha fantasia, num piscar de olhos, tornara-se real. Ele de fato estava lá! — mas bem no alto, muito além do gramado e precisamente na torre a que, naquela primeira manhã, a pequena Flora me havia levado. Essa torre era uma de um par — estruturas quadradas, com ameias, e incongruentes — que eram denominadas, por alguma razão, embora eu pouca diferença visse entre elas, como a nova e a velha. Estavam situadas em flancos opostos da casa e eram provavelmente extravagâncias arquitetônicas, em certa medida redimidas por não serem inteiramente deslocadas nem muito pretensiosas em altura, datando, em sua antiguidade fingida, de uma voga romântica que agora já se tornara um passado respeitável. Eu as admirava, entregava-me a fantasias com elas, pois até certo ponto elas impressionavam a todos, especialmente quando se impunham, no crepúsculo, com a imponência de suas ameias; não era, todavia, para a figura que eu com tanta frequência invocara, o lugar mais apropriado para estar.

Lembro que produziu em mim, essa figura, no claro crepúsculo, dois sobressaltos diferentes de emoção, que foram, nitidamente, o choque de minha primeira e minha segunda surpresa. A segunda foi a percepção brusca do erro da primeira: o homem diante dos meus olhos não era a pessoa que eu me precipitara em supor ali. Isso suscitou em mim tal aturdimento da visão que ainda hoje, depois de todos esses anos, não consigo recordar de forma vívida. Um homem desconhecido num lugar solitário é evidentemente objeto de temor para uma moça de família; e a

figura que me encarava era — uns poucos segundos mais me deixaram certa disso — tão diferente de alguma outra pessoa que eu conhecesse quanto da imagem que estivera em minha mente. Não a vira em Harley Street — não a vira em parte alguma. O lugar, além disso, da maneira mais estranha do mundo, tinha, naquele instante, e devido à aparição, se tornado inteiramente ermo. Ao menos para mim, ao querer aqui narrar com uma deliberação que nunca tentara antes, me vem de volta tudo o que senti naquele momento. Era como se, enquanto percebia aquilo — o que conseguia perceber — a morte tivesse se precipitado sobre tudo ao redor. Posso ouvir de novo, enquanto escrevo. o intenso silêncio em que os sons do anoitecer se calaram. As gralhas pararam de crocitar no céu dourado e a hora aprazível perdeu, naquele minuto, toda sua voz. Mas não houve nenhuma outra mudança na natureza, a menos que fosse de fato a mudança de eu estar vendo tudo com uma estranha nitidez. O dourado continuava no céu, a limpidez no ar, e o homem que olhava para mim das ameias era tão definido como um retrato numa moldura. Foi como pude pensar, com uma extraordinária rapidez, em todas as pessoas que ele poderia ser e não era. Confrontamo-nos a distância por um tempo suficiente para eu me perguntar insistentemente quem então ele era e sentir, como consequência de não saber a resposta, um assombro que em poucos instantes se tornou intenso.

A grande questão, ou uma delas, é, depois, eu sei, no que se refere a certos eventos, dizer quanto tempo eles duraram. Bem, esse meu caso, não importa o que se quiser pensar dele, durou o bastante para que eu percorresse uma dúzia de possibilidades, nenhuma delas melhor que a outra, que eu podia vislumbrar no fato de haver na casa — e desde quando, sobretudo? — uma pessoa cuja existência eu ignorava. Durou o bastante para que eu me indignasse um tanto com o fato de que a minha posição exigia que não houvesse tal ignorância, nem tal pessoa. Durou o bastante, em todo o caso, para que o visitante — e havia um ar de estranha liberdade, conforme lembro, no indício de familiaridade que era ele não estar usando chapéu — parecesse me observar, de onde estava, com a mesma questão, o mesmo escrutínio sob a luz do crepúsculo, que a própria presença dele ali provocava. Estávamos muito longe um do outro para que pudéssemos falar-nos, mas houve um momento no qual, estivéssemos mais perto, uma interpelação mútua, quebrando o silêncio, teria sido o resultado lógico do modo como encarávamos diretamente um ao outro. Ele

estava no ângulo mais afastado da casa, muito ereto, o que chamou minha atenção, com ambas as mãos no parapeito. Via-o tão bem como agora vejo as letras que traço nesta página; então, exatamente após um minuto, como se para incrementar o espetáculo, ele lentamente mudou de lugar — foi, o tempo todo me encarando fixamente, para o canto oposto da torre. Sim, tive a mais nítida impressão de que ele em momento algum tirou os olhos de mim, e posso ver ainda agora o jeito que sua mão, enquanto ele se movia, passava de uma ameia para a seguinte. Parou na outra extremidade, mas por menos tempo, e mesmo ao se voltar para se afastar ainda tinha os olhos claramente fixos em mim. Ele se afastou; e foi tudo o que vi.

IV

Não que eu não esperasse, naquela ocasião, mais, pois eu estava tão profundamente paralisada quanto abalada. Haveria algum "segredo" em Bly — um mistério de Udolpho ou um louco, um parente inapresentável mantido num confinamento secreto? Não sei dizer quanto tempo fiquei pensando nisso, ou por quanto tempo, numa confusão de curiosidade e apreensão, permaneci onde ocorrera meu choque; lembro apenas que quando entrei na casa a escuridão já era quase completa. A agitação, nesse intervalo, certamente se apossara de mim e me levara a dar voltas pelo parque, pois devo ter andado uns cinco quilômetros; mas eu ia ficar, depois, tão mais estarrecida que aquele simples princípio de alarme pareceria em comparação um arrepio benigno. A parte mais singular disso foi de fato — singular como o resto fora — a parte de que me dei conta, no hall, ao encontrar a sra. Grose. Essa imagem retorna em meio à coisa toda: a impressão que me causou, ao voltar, o amplo espaço revestido de painéis brancos, tão claro sob a luz, com seus retratos e tapete vermelho, e o acolhedor ar de surpresa de minha amiga, que imediatamente disse ter sentido a minha falta. Ocorreu-me no mesmo instante, ao dar com ela, que, em sua simples sinceridade e mero alívio ao me ver de volta, ela nada sabia que pudesse ter algo a ver com o incidente que eu estava pronta a lhe contar. Não antecipara que seu rosto afável me reconfortaria, e de certa forma avaliei a gravidade do que vira ao me ver hesitando em mencionar a ela. Quase mais nada na história toda me parece tão estranho quanto o fato do princípio real de meu medo ter vindo junto, se posso dizer assim, com o instinto de poupar minha companheira. Ali mesmo, então, no agradável

hall e ante os olhos dela, eu, por uma razão que não poderia enunciar, passei por uma reviravolta interna — ofereci uma explicação vaga para a minha demora e, alegando a beleza da noite e quanto orvalho havia e meus pés molhados, fui o mais rápido possível para o meu quarto.

Lá, já foi outro o caso; lá, durante muitos dias, foi algo de muito estranho. Havia horas, no dia a dia — ou ao menos houve momentos, até mesmo roubados aos meus deveres — em que eu precisava me isolar para pensar. Não era ainda que eu já estivesse mais nervosa do que poderia suportar, era o sério receio de vir a ficar assim; pois a verdade que eu tinha agora de enfrentar, clara e simplesmente, era que eu não podia chegar a conclusão nenhuma quanto ao visitante com o qual me vira tão inexplicavelmente e no entanto, como pareceu, intimamente envolvida. Não demorei muito a perceber que poderia, sem fazer perguntas e sem despertar suspeitas, descobrir alguma trama doméstica. O choque que sofri deve ter aguçado meus sentidos; tinha certeza, depois de três dias e como resultado apenas de uma maior atenção, que eu não tinha sido ludibriada pelos criados nem vítima de alguma "brincadeira". Sobre o que quer que fosse que eu sabia, nada se sabia a minha volta. Só havia uma inferência razoável a fazer: alguém tomara uma liberdade um tanto abusada. Era isso que, repetidamente, eu me trancava em meu quarto para dizer a mim mesma. Havíamos sido, coletivamente, submetidos a uma intrusão: algum viajante inescrupuloso, interessado em casas antigas, introduzira-se sem ser percebido, desfrutara da vista do melhor lugar para contemplá-la, e saíra tão furtivamente quanto entrara. Se me olhara tão fixa e ousadamente, tinha sido apenas parte de sua petulância. A coisa boa era que, no fim das contas, com certeza não o veríamos mais.

Não tão boa, admito, para que eu deixasse de perceber que, essencialmente, o que fazia nada mais importar muito era o meu trabalho encantador. Meu trabalho encantador era minha vida com Miles e Flora, e nada me fazia gostar tanto dele quanto sentir que eu podia a ele me dedicar mesmo perturbada. A atração das crianças sob meus cuidados era uma alegria constante, levando-me volta e meia a considerar com surpresa como tinha sido vão meu receio original, o desgosto que a princípio sentira ante a perspectiva de um serviço prosaico e monótono. Nada haveria de prosaico, logo ficou claro, ou de penoso; como poderia não ser encantador um trabalho que se apresentava tão belo todos os dias? Tinha toda a fantasia dos quartos de brincar das crianças, e toda a poesia das

salas onde elas estudam. Não quero dizer com isso, claro, que só estudávamos ficção e poesia; quero apenas dizer que não há outro jeito de exprimir o tipo de interesse que meus companheiros inspiravam. Como posso descrever, a não ser dizendo que em vez de me habituar a eles — e que maravilha para uma preceptora, como bem podem testemunhar minhas colegas! — fazia novas descobertas constantemente. Havia uma direção, com certeza, na qual essas descobertas cessavam: uma obscuridade profunda continuava a encobrir a região da conduta do menino na escola. Logo a princípio me fora dada, como notei, a possibilidade de enfrentar esse mistério sem angústia. Talvez até seria mais próximo da verdade dizer que — sem uma — o próprio menino esclarecera tudo. Ele tornara a acusação inteiramente absurda. Minha conclusão brotou do rosado rubor de sua inocência: ele era simplesmente bom e delicado demais para o mesquinho, horrível e sujo mundo da escola, e pagara por isso. Refleti com amargura que a percepção de tais diferenças, de tais qualidades superiores, sempre resulta em que a maioria — a qual pode incluir até diretores estúpidos e sórdidos — recorra infalivelmente à vingança.

As duas crianças tinham uma doçura (era seu único defeito, e nunca fez de Miles um maricas) que os deixava — como posso exprimi-lo? — quase impessoais e certamente impossíveis de castigar. Eram como os querubins da anedota, que não tinham — moralmente, ao menos — onde levar uma palmada. Lembro sentir em relação especialmente a Miles que era como se ele não tivesse, por assim dizer, história. De uma criança pequena não se espera uma muito grande, mas havia neste belo menino algo de extraordinariamente sensível, e ainda assim extraordinariamente feliz, que, mais que em qualquer outra criatura de sua idade que eu já vira, dava a intensa impressão de que ele recomeçava a vida a cada dia. Nunca sofrera nem por um segundo. Considerei isso uma refutação direta do castigo que ele teria recebido. Se tivesse sido malvado, seria algo que teria “ficado" nele, e eu pegaria o reflexo disso — descobriria algum indício. Eu nada descobri, e portanto ele era um anjo. Ele nunca falava sobre sua escola, nunca mencionou um colega ou professor; e eu, de minha parte, achava o assunto desagradável demais para tocar nele. Claro que eu estava sob o seu encanto, e a parte maravilhosa disso é que, mesmo na época, eu sabia perfeitamente disso. Mas me entreguei àquele encanto; era o antídoto para qualquer angústia, e eu tinha mais de uma. Recebera

naqueles dias cartas inquietantes de casa, onde as coisas não iam muito bem. Mas com as minhas crianças, o que mais no mundo me importava? Essa era a pergunta que eu me fazia em meus breves momentos de recolhimento. Eu estava deslumbrada pela beleza deles.

Houve um domingo — para prosseguir — em que chovera tão forte e por tantas horas que não pudemos ir à igreja; em consequência, com o dia passando, combinei com a sra. Grose que, se houvesse melhora no tempo, iríamos juntas ao último ofício. Felizmente a chuva parou, e preparei-me para nossa caminhada que, através do parque e então pela boa estrada até o povoado, seria questão de uns vinte minutos. Descendo as escadas para encontrar minha companheira no hall, lembrei de um par de luvas que precisara de alguns pontos e os recebera — com uma publicidade talvez não muito edificante — enquanto eu estava com as crianças durante o chá delas, servido aos domingos, em caráter excepcional, naquele frio e imaculado templo de mogno e bronze que era a sala de jantar dos "adultos". As luvas tinham ficado lá, e fui pegá-las. O dia estava bastante cinzento, mas ainda restava a luz do fim da tarde, que me permitiu, ao transpor a porta, não só reconhecer numa cadeira junto à ampla janela, então fechada, o que eu fora buscar, como também perceber uma pessoa do lado de fora da janela e olhando diretamente para dentro. Um passo na sala bastara; minha visão foi instantânea; estava tudo ali. A pessoa olhando diretamente para dentro era a mesma que já havia aparecido para mim. Aparecera de novo não direi que com mais nitidez, porque isso seria impossível, mas com uma proximidade que representava um passo à frente em nossa relação e me fez, ao vê-lo, ficar sem fôlego e inteiramente gélida. Era o mesmo — era o mesmo e visível, desta vez, como tinha estado antes, da cintura para cima, pois a janela, embora a sala de jantar ficasse no térreo, não descia até o piso do terraço em que ele estava. Sua face estava próxima ao vidro, e no entanto o efeito desta visão melhor foi apenas, estranhamente, mostrar quão intensa a primeira tinha sido. Ficou ali só uns poucos segundos — tempo bastante para me que também tinha me visto e reconhecido; mas era como se eu o visse fazia anos e sempre o tivesse conhecido. Algo, todavia, aconteceu dessa vez que não tinha acontecido antes; seu olhar fixo em meu rosto, através da janela e da sala, tinha sido tão intenso e implacável como da outra vez, mas deixou-me por um momento em que ainda pude segui-lo, vendo-o se deter sucessivamente em várias outras coisas. No mesmo instante me veio o

choque adicional da certeza de que não era por minha causa que viera. Viera atrás de alguma outra pessoa.

Essa percepção repentina — pois foi uma percepção em meio ao terror — produziu em mim o mais extraordinário efeito, principiando, enquanto eu me mantinha ali, um súbito frêmito de dever e coragem. Digo coragem porque sem dúvida eu já estava completamente fora de mim. Voltei atrás pela porta, fui para a da casa, saí imediatamente e, passando pelo terraço o mais rápido que podia, dei a volta na casa e obtive a visão completa. Mas era a visão de nada, agora — meu visitante desaparecera. Detive-me, quase caí, com o alívio real que isso me deu; mas queria a cena toda — dei-lhe tempo para que reaparecesse. Digo tempo, mas quanto tempo de fato foi? Não consigo saber ao certo, hoje, a duração dessas coisas. Essa espécie de medida deve ter me abandonado: não devem ter durado tanto tempo quanto para mim pareceram durar. O terraço e o lugar inteiro, o gramado e o jardim além dele, tudo que eu podia ver do parque, estavam vazios, um imenso vazio. Havia arbustos e árvores maiores, mas lembro da inequívoca certeza que tive de que nenhum deles o ocultava. Ele estava ali ou não estava ali; não estava se eu não o via. Consegui me assegurar disso; então, instintivamente, em vez de voltar por onde viera, fui até a janela. Ocorreu-me confusamente a noção de que devia me colocar no lugar em que ele ficara. Foi o que fiz: aproximei o rosto da vidraça e olhei, como ele olhara, para a sala lá dentro. Naquele momento, como que para me mostrar o exato alcance que ele teve, a sra. Grose, como eu fizera para ele pouco antes, entrou na sala vindo do hall. Com isso tive a imagem completa de uma repetição do que já ocorrera. Ela me viu como eu vira meu próprio visitante; deteve-se assustada como eu fizera; proporcionei a ela um pouco do choque que eu tivera. Ela ficou branca, fazendo com que eu me perguntasse se eu também empalidecera tanto assim. Ela olhou-me fixamente, em suma, recuou do mesmo jeito que *eu*, e eu sabia que saíra e estava dando a volta e que logo eu a veria chegando. Fiquei onde estava, e enquanto esperava pensei em várias coisas ao mesmo tempo. Mas me limitarei a mencionar uma. Perguntei-me por que *ela* teria ficado assustada.

V

Ah, ela me fez saber assim que, tendo dado a volta na casa, apareceu de novo. — O que, em nome de Deus, aconteceu? — Estava afogueada e sem fôlego.

Eu nada disse até ela chegar bem perto de mim. — Comigo? — Devo ter feito uma expressão e tanto. — Estou demonstrando algo?

— A senhorita está branca como um lençol. Está com uma aparência horrível.

Refleti; naquela situação, eu podia, sem nenhum escrúpulo, enfrentar a inocência que fosse. A minha necessidade de respeitar aquela em flor da sra. Grose esvaiu-se, sem um sussurro, de meus ombros, e se vacilei naquele instante não foi pelo que eu ocultara. Estendi minha mão e ela a pegou; segurei firme por um momento, gostando de senti-la perto de mim. Havia uma espécie de apoio no tímido arfar de sua surpresa. — A senhora veio me procurar para irmos à igreja, claro, mas não posso ir.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim. A senhora precisa saber agora. Eu parecia muito estranha?

— Através desta janela? Horrível.

— Bem — eu disse —, eu estava assustada. — Os olhos da sra. Grose expressaram claramente que isso *ela* não queria ficar, mas também que sabia muito bem qual era o seu lugar para não se mostrar pronta a compartilhar comigo qualquer inconveniência maior. Ah, era mais que evidente que ela *tinha* de compartilhar! — O que a senhora viu um minuto atrás foi o efeito disso. O que *eu* vi, um pouco antes, foi muito pior.

A mão dela apertou a minha com mais força. — O que foi?

— Um homem extraordinário. Olhando para dentro.

— Que homem extraordinário?

— Não faço a menor ideia.

A sra. Grose olhou em volta, em vão. — Então, para onde ele foi?

— Sei ainda menos.

— A senhorita já o tinha visto antes?

— Sim, uma vez. Na torre velha.

Ela só pôde me olhar com mais intensidade. — A senhorita quer dizer que é um desconhecido?

— Ah, sem dúvida.

— E ainda assim não tinha me dito nada?

— Não, tinha minhas razões. Mas agora que a senhora descobriu…

Os olhos redondos da sra. Grose reagiram a essa afirmação. — Ah, eu não descobri nada! — disse com muita simplicidade. — Como poderia, se nem a *senhorita* imagina o que possa ter sido?

— Não faço a menor ideia, mesmo.

— A senhorita só o viu lá na torre?

— E bem aqui, agora há pouco.

A sra. Grose olhou em volta de novo. — O que ele estava fazendo na torre?

— Só ficou parado, olhando-me lá de cima.

Ela pensou um pouco. — Era um cavalheiro?

Nem sequer precisei pensar para responder. — Não. — Ela me olhou com espanto ainda maior. — Não.

— E não era ninguém daqui? Ninguém da região?

— Ninguém… ninguém. Eu não lhe informei, mas procurei me certificar.

Ela suspirou com um vago alívio: isso, estranhamente, melhorava um pouco a coisa. Só que, afinal, não muito. se ele não é um cavalheiro…

— O que ele *é*? Ele é um horror.

— Um horror?

— Ele é… Valha-me Deus se eu souber o *que* ele é!

A sra. Grose olhou em volta mais uma vez; fixou os olhos ao longe no anoitecer, e então, recompondo-se, voltou-se para mim com uma súbita inconsequência: — Já é hora de irmos à igreja.

— Ah, não estou em condições de ir à igreja.

— Mas não iria lhe fazer bem?

— Não fará a *eles*! — Apontei com a cabeça a casa.

— As crianças?

— Não posso deixá-las agora.

— A senhorita está com medo que…?

Falei com determinação. — Estou com medo *dele*.

O amplo rosto da sra. Grose demonstrou-me, ao ouvir isso, pela primeira vez, o distante e fraco indício de um reconhecimento mais definido: de alguma forma vi nisso o despertar tardio de uma noção que eu não dera a ela e que ainda era bastante obscura para mim. Recordo agora que no mesmo instante me ocorreu que nisso havia algo que eu poderia obter dela; e achei que estava vinculado ao desejo que ela então mostrou de saber mais. — Quando foi… que o viu na torre?

— Lá pelo meio do mês. Nessa mesma hora.

— Quase de noite — disse a sra. Grose.

— Oh não, bem antes disso. Vi-o tão bem quanto a estou vendo agora.

— E como foi que ele entrou?

— E como foi que ele saiu? — eu ri. — Não tive a chance de perguntar! E hoje à tarde, veja — prossegui —, ele não conseguiu entrar.

— Ele fica só olhando?

— Espero que ele se limite a isso! — Ela agora soltara minha mão; afastou-se um pouco. Esperei um instante, então disse: — Vá à igreja. Adeus. Eu preciso ficar aqui vigiando.

Ela lentamente voltou-se de novo para mim. — Teme pelas crianças?

Trocamos outro longo olhar. — E a *senhora*, não? — Em vez de responder ela foi até a janela e, por um minuto, aproximou o rosto do vidro. — A senhora está vendo o que ele podia ver — eu enquanto isso acrescentei.

Ela não se moveu. — Quanto tempo ele ficou aqui?

— Até eu sair. Vim atrás dele.

A sra. Grose por fim se voltou, mais intensa sendo a expressão em seu rosto. — *Eu* não teria conseguido sair atrás dele.

— Nem eu! — Ri de novo. — Mas mesmo assim vim. Tenho um dever a cumprir.

— Eu também tenho os meus — ela respondeu; e em seguida acrescentou: — Como ele é?

— Morro de vontade de lhe descrever, mas ele não parece com ninguém.

— Ninguém? — ela ecoou.

— Não usava chapéu. — Vendo então em seu rosto que ela, com isso, já começava a formar, com uma consternação profunda, um possível retrato, eu rapidamente acrescentei pincelada atrás de pincelada. — Tem cabelos ruivos, bem ruivos, muito crespos, e um rosto pálido, alongado, com feições bem delineadas, e suíças pequenas, um tanto esquisitas, tão ruivas quanto o cabelo. As sobrancelhas são um pouco mais escuras: parecem se arquear muito e se mover bastante. Os olhos são penetrantes, estranhos, de um jeito terrível; mas só posso dizer com certeza que são bem pequenos e de um olhar muito fixo. A boca é larga, os lábios finos e, exceto pelas curtas suíças, mantém barbeado o rosto. Deu-me de certa forma a impressão de estar vendo um ator.

— Um ator! — Era impossível alguém se assemelhar menos a um ator que a sra. Grose naquele momento.

— Nunca vi um, mas é assim que eu suponho que sejam. Ele é alto, enérgico, ereto — prossegui —, mas jamais, de forma alguma mesmo, um cavalheiro.

O rosto de minha companheira empalidecera enquanto eu falava; seus olhos redondos estavam arregalados e sua boca suave aberta.

— Um cavalheiro? — ela balbuciou, confusa, atônita: cavalheiro, *ele*?

— A senhora então o conhece?

Ela visivelmente tentou se controlar. — Mas ele *é* bonito?

Vi como ajudá-la. — Muitíssimo!

— E vestido…?

— Com as roupas de outra pessoa. São elegantes, mas não são dele.

Ela soltou sem fôlego um gemido afirmativo. — São do patrão!

Vali-me da oportunidade. — Então a senhora *de fato* o conhece?

Vacilou só um instante. — Quint! — exclamou.

— Quint?

— Peter Quint, o seu próprio criado, quando ele estava aqui!

— Quando o patrão estava aqui?

Ainda balbuciando, mas respondendo a mim, ela foi juntando as peças. — Ele nunca usava seu chapéu, mas usava… Bem, demos por falta de coletes! Estiveram os dois aqui, o ano passado. Então o patrão se foi, e Quint ficou sozinho.

Eu a compreendia, mas não de todo. — Sozinho?

— Sozinho *conosco*. — E então, como que vindo mais do fundo: — Como o encarregado — acrescentou.

— E o que aconteceu com ele?

Ela demorou tanto a responder que fiquei ainda mais intrigada. — Ele se foi também — por fim declarou.

— Foi para onde?

A expressão dela, com isso, tornou-se extraordinária. Deus sabe para onde! Ele morreu.

— Morreu? — quase gritei.

Ela pareceu se aprumar melhor, se plantar firmemente no chão para exprimir o espantoso daquilo. — Sim. está morto.

VI

É claro que foi preciso mais do que esse incidente em particular para nos colocar juntas na presença daquilo com que agora teríamos de conviver o melhor que pudéssemos — minha terrível suscetibilidade a impressões de um gênero de que tivéramos tão vívidos exemplos e, a partir de então, a consciência que minha companheira tinha — uma consciência que era metade consternação, metade compaixão — dessa suscetibilidade. Houve, naquela noite, após a revelação que me deixou, por uma hora, tão prostrada — houve, para nós duas, não o comparecimento ao ofício da igreja, mas um pequeno ofício nosso de lágrimas e votos, de preces e promessas, um clímax para uma série de mútuos juramentos e compromissos que se seguiram imediatamente a termos nos retirado para a sala de estudos onde nos fechamos para esclarecer tudo. O resultado desse esclarecimento foi simplesmente reduzir nossa situação a seus elementos mais básicos e rigorosos. Ela mesma nada vira, nem a sombra de uma sombra, e ninguém mais na casa a não ser a preceptora se via naquele apuro que era só da preceptora; todavia, ela aceitou sem diretamente impugnar minha sanidade a verdade que eu revelara a ela, e acabou demonstrando, com base nisso, uma consternada ternura por mim, uma expressão de sua compreensão de meu mais que duvidoso privilégio, cujo calor permaneceu em minha lembrança como a mais doce das compaixões humanas.

O que ficou acertado entre nós, naquela noite, portanto, foi que achávamos que devíamos enfrentar juntas as coisas; e eu nem mesmo tinha certeza se ela, apesar de não diretamente envolvida, iria ficar com a parte mais leve do fardo. Eu sabia naquele momento, acho, tão bem quanto soube depois, o que era capaz de enfrentar para proteger meus alunos; mas demorei algum tempo para ficar inteiramente convencida de que minha honesta aliada estava preparada para honrar os termos de um contrato tão comprometedor. Eu era uma companhia bem estranha — tão estranha quanto a companhia que me visitara; mas ao retomar o que passamos juntas, posso ver o quanto em comum devemos ter encontrado na única ideia que, por sorte, *podia* firmar-nos. Era a ideia, o segundo movimento, que me fez achar a saída, por assim dizer, da câmara recôndita de meu terror. Eu podia tomar ar no pátio, enfim, e lá a sra. Grose podia se juntar a mim. Posso lembrar perfeitamente agora o modo particular em que as forças me voltaram antes de nos despedirmos naquela noite. Tínhamos repassado vezes sem fim cada aspecto do que eu vira.

— Disse que ele estava procurando outra pessoa, alguém que não era a senhorita?

— Estava procurando o pequeno Miles. — Uma clareza portentosa se apoderara de mim. — *Era* quem ele procurava.

— Mas como a senhorita sabe?

— Eu sei, eu sei, eu sei! — Minha exaltação aumentou. *senhora* sabe, minha cara!

Ela não o negou, mas senti que eu não precisava nem mesmo dessa confirmação. Ela prosseguiu depois de um momento: — E o que aconteceria se ele o visse?

— O pequeno Miles? É isso que ele quer!

Ela pareceu de novo imensamente assustada. — O menino?

— Deus nos livre! O homem. Ele quer aparecer para *eles*. — Era algo terrível de conceber, mas algo que, de alguma forma, eu poderia evitar; o que, além do mais, enquanto permanecíamos ali, consegui praticamente provar. Eu tinha a certeza absoluta de que veria de novo o que tinha visto, mas algo dentro de mim me dizia que, se eu me oferecesse corajosamente como o único objeto dessa experiência, se aceitasse, se desafiasse, se superasse isso tudo, eu serviria como uma vítima expiatória e garantiria a tranquilidade de meus companheiros. As crianças, em especial, eu deveria assim cercar e proteger, e sem dúvida alguma as salvaria. Lembro de uma das últimas coisas que naquela noite disse para a sra. Grose.

— Surpreende-me que as crianças nunca tenham mencionado…

Ela fitou-me intensamente enquanto eu me interrompia pensativa. — Que ele esteve aqui e o tempo que passaram com ele?

— O tempo que passaram com ele, e seu nome, sua presença, sua história, o que fosse.

— Ah, a menininha não lembra. Ela nunca ouviu falar ou ficou sabendo.

— Das circunstâncias da morte dele? — Refleti com alguma intensidade. — Talvez não. Mas Miles deveria lembrar, Miles deveria saber.

— Ah, não o perturbe com isso! — a sra. Grose exclamou.

Devolvi a ela o olhar que me dera. — Não tenha receio. — Continuei a refletir. — É *de fato* estranho.

— Que não tenha nunca falado dele?

— Nunca, nem a menor alusão. E a senhora me disse que eles eram "grandes amigos"?

— Oh, não era *ele*! — a sra. Grose declarou com ênfase. coisa do Quint. Brincar com ele, quero dizer, mimá-lo. — Fez uma pausa, e então acrescentou: — Quint era muito abusado.

Essas palavras provocaram em mim, trazendo a imediata imagem de seu rosto, e *que* rosto!, uma náusea e um desgosto súbitos. — Muito abusado com o *meu* menino?

— Muito abusado com todo mundo!

Abstive-me, naquele momento, de analisar essa descrição, limitando-me à reflexão de que uma parte dela se aplicava a vários membros da casa, à meia-dúzia de criadas e empregados que ainda constituíam nossa pequena colônia. Mas havia muito a considerar, para nossa apreensão, no fato afortunado de que nenhum boato incômodo, nenhum rumor entre a criadagem, até agora se vinculara, na memória de ninguém, à velha e simpática mansão. Não tinha mau nome nem reputação duvidosa, e a sra. Grose, ao que tudo indicava, queria apenas se apoiar em mim e tremer em silêncio. Até mesmo, num gesto derradeiro, a pus à prova. Foi quando, à meia-noite, ela já estava com a mão na porta da sala de estudos para sair. — A senhora então me assegura, e isso é da maior importância, que ele era definitiva e sabidamente mau?

— Oh, sabidamente não. *Eu* sabia; mas o patrão não.

— E a senhora nunca disse a ele?

— Bem, ele não queria saber desse tipo de histórias; detestava queixas. Não tinha a menor paciência com nada desse gênero, e se as pessoas pareciam direitas para *ele*…

— …para ele era o bastante? — Isso se adequava à impressão que eu tivera dele: não era um cavalheiro que quisesse saber de problemas, e tampouco lá muito exigente, talvez, quanto às *suas* próprias companhias. Ainda assim, insisti com minha interlocutora: — Já *eu* sem dúvida teria dito .

Ela sentiu minha recriminação. — Admito que estava errada. Mas, na verdade, eu tinha medo.

— Medo de quê?

— Das coisas que aquele homem poderia fazer. Quint era tão inteligente, era tão sabido.

Isso causou-me maior impacto do que, provavelmente, demonstrei. — A senhora não tinha medo de alguma outra coisa? Do efeito dele…?

— O efeito dele? — ela repetiu com uma expressão de angústia e expectativa enquanto eu balbuciava.

— Nas inocentes vidinhas preciosas deles. As crianças estavam sob a sua responsabilidade.

— Não, não estavam! — ela retrucou decidida e aflita. tinha confiança nele e mandou-o para cá porque supostamente ele não estava bem e o ar do campo lhe faria melhorar. Então era ele quem decidia tudo. Sim — ela me deixou claro —, até sobre *elas*.

— Elas… essa criatura? — Tive de sufocar uma espécie de uivo. — E como a senhora podia suportar isso?

— Não, eu não podia… e não posso agora! — E a pobre mulher prorrompeu em lágrimas.

Um controle estrito, a partir do dia seguinte, como eu disse, as seguiria; e no entanto, com quanta frequência e quanta paixão voltamos, durante a semana, ao assunto! Por mais que o tivéssemos discutido naquela noite de domingo, ainda me assombrava, em especial na madrugada em seguida — pois não é difícil imaginar se consegui ou não dormir — o espectro de alguma coisa que ela não me contara. não escondera nada, mas havia algo que a sra. Grose omitira. Eu tinha certeza, além disso, pela manhã, que isso não se devia a uma falta de franqueza, mas a que de todas as partes havia receios. Parece-me de fato, em retrospecto, que quando o sol da manhã estava alto eu já percebera, em minha inquietude, nos fatos à nossa frente todo o significado que viriam a adquirir com os acontecimentos subsequentes e mais cruéis. O que deles se depreendia era sobretudo a figura sinistra do homem quando vivo — o morto poderia esperar um pouco! — e dos meses que ele passara seguidamente em Bly que, somados, davam um período considerável. O fim desse tempo de maldade só chegou quando, no alvorecer de uma manhã de inverno, Peter Quint foi encontrado, por um trabalhador indo cedo para o serviço, morto na estrada que saía da vila: uma catástrofe explicada — superficialmente, ao menos — por um ferimento visível em sua cabeça; o tipo de ferimento que teria sido produzido — e *foi*, segundo o que se concluiu dos indícios — por um escorregão fatal, no escuro da noite após ter saído da taverna, no gelo de um declive acentuado, no caminho inteiramente errado que seguira, e em cujo final ele jazia. O gelo

no declive, o engano quanto ao caminho pelo escuro da noite e pela bebida, davam conta de muito — praticamente, no fim e após a investigação e infindáveis especulações, de tudo; mas havia aspectos de sua vida — estranhas passagens e perigos, desordens secretas, vícios mais do que suspeitados — que dariam conta de muito mais.

Mal sei como colocar minha história em palavras que possam dar uma imagem plausível de meu estado de espírito; mas naqueles dias eu literalmente conseguia encontrar uma alegria no extraordinário arroubo de heroísmo que a situação exigia de mim. Percebera então que tinham me pedido um serviço admirável e difícil; e que haveria uma grandeza em deixar claro — ah, para quem realmente importava! — que eu poderia me sair bem em algo que muitas outras jovens teriam fracassado. Foi de uma imensa ajuda para mim — confesso que chego a me congratular quando volto a pensar nisso — que eu tenha encarado meu serviço com tanta firmeza e simplicidade. Eu estava lá para proteger e defender aquelas pequenas criaturas, das mais desamparadas e adoráveis do mundo, em que o apelo de seu desamparo subitamente ficara dos mais explícitos, tornara-se um aperto profundo e contínuo em meu coração com elas comprometido. Estávamos isolados, de fato, juntos; estávamos unidos no perigo que corríamos. Elas só tinham a mim; e eu — bem, eu tinha *a elas*. Em suma, era uma oportunidade magnífica. A oportunidade se apresentava para mim numa imagem ricamente concreta. Eu era um biombo — eu devia me colocar na frente delas. Quanto mais eu visse, menos elas veriam. Comecei a observá-las com uma expectativa tensa, uma ansiedade dissimulada que, se tivesse continuado por muito tempo, teria se tornado uma espécie de loucura. O que me salvou, como agora percebo, foi que as coisas mudaram completamente de rumo. Não ficaram muito tempo como simples expectativa — foram suplantadas por provas horríveis. Provas, sim, eu digo — a partir do momento em que realmente me dei conta de tudo.

Este momento ocorreu numa hora da tarde em que eu estava passeando no parque sozinha com a mais jovem das duas crianças. Tínhamos deixado Miles em casa, na almofada vermelha de um confortável assento junto à janela; queria terminar de ler um livro, e eu ficara satisfeita de encorajar um propósito tão louvável para um jovenzinho cujo único defeito era, ocasionalmente, ser irrequieto demais. Sua irmã, ao contrário, se dispusera imediatamente a sair, e passeamos juntas por meia hora, procurando a

sombra, pois o sol ainda estava alto e o dia excepcionalmente quente. Percebi de novo, com ela, enquanto caminhávamos, o quanto conseguia, como seu irmão — era algo muito encantador em ambas as crianças — deixar-me sozinha sem parecer me abandonar e acompanhar-me sem ficar à minha volta demais. Não eram nunca importunas, e no entanto, jamais indiferentes. Tê-las sob minha atenção realmente acabava sendo vê-las se divertindo imensamente sem mim: era um espetáculo que pareciam preparar ativamente e que me envolvia como uma admiradora ativa. Eu vivia num mundo de sua invenção — nunca houve ocasião em que solicitassem a minha; de modo que meu tempo era apenas tomado com ser, para elas, alguma pessoa ou coisa importante que a brincadeira do momento requeria e que era tão somente, graças à minha elevada e superior figura, uma sinecura feliz e altamente honrosa. Esqueci o que eu era naquela ocasião; apenas lembro que era algo muito importante e muito quieto e que Flora brincava com muita seriedade. Estávamos à beira do lago, e, como recentemente tínhamos começado a estudar geografia, o lago era o mar de Azov.

Subitamente, nessas circunstâncias, dei-me conta que, do outro lado do Mar de Azov, tínhamos um espectador muito interessado. A maneira em que essa percepção se tornou clara para mim foi a coisa mais estranha do mundo — quer dizer, a mais estranha se não tivesse sido ainda mais estranho no que ela se converteu. Eu sentara com algum trabalho de costura — pois o papel que fazia era o de algo ou alguém que podia sentar — no velho banco de pedra em frente ao lago; e nessa posição comecei a sentir com certeza, embora sem ter uma visão direta, a presença, a certa distância, de uma terceira pessoa. As velhas árvores, os arbustos densos, produziam uma grande e agradável sombra, mas em tudo se espalhava a claridade da hora quente e parada. Não havia ambiguidade em nada; ou ao menos, não na convicção que aos poucos fui formando quanto ao que veria direto à minha frente do outro lado do lago caso erguesse meus olhos. Estavam fixos naquele momento na costura que eu fazia, e posso sentir de novo o espasmo de meu esforço de não movê-los até eu ter me acalmado o bastante para poder decidir o que faria. Havia um objeto alheio à vista — uma figura cujo direito de estar presente ali eu questionava no mesmo instante e com veemência. Recordo ter considerado perfeitamente as possibilidades, lembrando a mim mesma que nada seria mais natural que o aparecimento de um dos empregados, ou mesmo um mensageiro, um

carteiro ou um entregador de algum dos comércios da região. Lembrar isso teve tão pouco efeito em minha convicção efetiva quanto eu tinha consciência — mesmo sem ter ainda olhado — que nenhum tivera sobre o caráter e a atitude de nosso visitante. Nada mais natural que essas coisas fossem justamente o que as outras coisas em absoluto não eram.

Da identidade precisa da aparição eu me asseguraria assim que o pequeno relógio de minha coragem marcasse o segundo exato; enquanto isso, com um esforço que já foi considerável, transferi meu olhar direto para a pequena Flora, que, naquele momento, estava a uns nove metros de mim. Meu coração se deteve um instante com o assombro e terror da dúvida se ela também iria ver; e prendi a respiração enquanto esperava o que um grito dela, ou qualquer súbito inocente sinal, fosse de interesse ou de alarme, iria me revelar. Esperei, mas nada veio; então, em primeiro lugar — e há algo mais medonho nisso, acho, do que em todo o resto do que tenho a relatar — tive a clara sensação de que, fazia um minuto, todos os sons que vinham dela tinham cessado; e, em segundo, que, também naquele minuto, em sua brincadeira ela dera as costas ao lago. Era essa a atitude dela enquanto eu a fiquei olhando — olhando com a firme convicção de que estávamos ainda, juntas, sob observação direta e pessoal. Ela tinha pegado um pedacinho de madeira, que por acaso tinha um pequeno buraco que evidentemente sugerira a ela a ideia de enfiar nele um outro fragmento que serviria de mastro, fazendo assim um barquinho. Este segundo pedaço, enquanto a observava, ela estava claramente empenhada em tentar prender no lugar. A percepção do que ela fazia amparou-me de um modo que, após alguns sentir que eu estava pronta para mais. Então movi de novo meus olhos — e encarei o que tinha de encarar.

VII

Abordei a sra. Grose depois disso o mais rápido que pude; e não tenho como exprimir de maneira inteligível como enfrentei o intervalo. Mas ainda posso me ouvir gritando ao praticamente me atirar nos braços dela:
— Eles , é por demais monstruoso! Eles sabem, eles sabem!

— Mas o quê, por Deus? — Percebi sua incredulidade enquanto me abraçava.

— Ora, tudo o que *nós* sabemos! E sabe Deus o que mais! — Então, quando ela me soltou de seu abraço, esclareci a ela, e esclareci talvez só

então com completa coerência para mim mesma. — Duas horas atrás, no jardim… — eu mal conseguia falar — …Flora *viu*!

A sra. Grose reagiu àquilo como se tivesse levado um soco no estômago. — Ela lhe disse? — perguntou ofegante.

— Nem uma palavra; e esse é o horror. Guardou segredo! Uma criança de oito anos, *aquela* criança! — Ainda inexprimível, para mim, era a estupefação que aquilo me causava.

A sra. Grose, claro, só podia ficar ainda mais boquiaberta. — Mas então como a senhorita sabe?

— Eu estava lá, vi com meus próprios olhos: vi que ela tinha perfeita consciência.

— A senhorita quer dizer consciência da presença *dele*?

— Não: *dela*. — Dei-me conta enquanto falava que minha expressão ia mudando prodigiosamente, pois tinha o lento reflexo disso no rosto de minha companheira. — Outra pessoa, dessa vez; mas uma figura do mesmo horror e maldade inequívocos: uma mulher de preto, pálida e medonha; e com que atitude, que expressão! Na outra margem do lago. Eu estava lá com a criança, na maior tranquilidade por uma hora; e em meio a isso ela veio.

— Veio como, de onde?

— De onde eles vêm! Ela simplesmente apareceu e ficou lá; mas não muito perto.

— E sem chegar mais perto?

— Ah, pelo efeito e pela sensação, ela podia estar tão perto quanto a senhora.

Minha amiga, num estranho impulso, recuou um passo. — Era alguém que a senhorita nunca viu?

— Sim. Mas alguém que a criança já viu. Alguém que a *senhora* já viu. — E então, para mostrar que tinha refletido claramente: — Minha predecessora. A que morreu.

— A senhorita Jessel?

— A senhorita Jessel. Não acredita em mim? — eu insisti.

Ela olhou para os lados, sem saber o que fazer. — Como a senhorita pode ter certeza?

Isso fez com que eu, no estado de nervos em que estava, tivesse uma explosão de impaciência. — Então pergunte a Flora; *ela* tem certeza! —

Mas assim que disse isso, caí em mim. — Não, pelo amor de Deus, *não* pergunte! Ela responderá que não; ela mentirá.

A sra. Grose não estava tão aturdida para não protestar instintivamente: — Oh, como *pode* dizer isso?

— Porque tenho certeza. Flora não quer que eu saiba.

— Então é apenas para poupá-la.

— Não, não; é mais sério, muito mais sério! Quanto mais penso no assunto, mais eu vejo, e quanto mais vejo, mais tenho medo. Não sei o que *não* ver, o que *não* temer!

A sra. Grose tentou me acompanhar. — A senhorita quer dizer que tem medo de vê-la de novo?

— Ah, não; isso não é nada, agora! — Então expliquei. — É de *não* vê-la mais.

Mas minha companheira pareceu ficar no ar. — Não estou entendendo.

— Ora, é que a criança pode continuar com isso, e ela com certeza *vai*, sem eu ficar sabendo.

A imagem dessa possibilidade fez a sra. Grose por um momento se desesperar, mas logo se recompôs, como se da força positiva da noção de que, se cedêssemos um pouco que fosse, seria realmente estarmos nos entregando. — Ora, ora, precisamos manter a cabeça no lugar! E afinal, se ela não se importa com isso… — Até tentou um gracejo lúgubre.
— Talvez ela até goste!

— …gostar de coisas *assim*, um pinguinho de gente?

— Não é apenas uma prova de sua abençoada inocência? — minha amiga perguntou corajosamente.

Ela conseguiu, naquele momento, quase me convencer. — Ah, precisamos nos apegar a *isso*, temos de nos aferrar a isso! Se não é uma prova do que a senhora está dizendo, é uma prova de… Deus sabe o quê! Porque a mulher é o horror dos horrores.

Ao ouvir isso, a sra. Grose fixou os olhos no chão por um minuto; e então, enfim os erguendo, disse: — Diga-me como é que sabe.

— Então a senhora admite que é isso que ela era? — exclamei.

— Diga-me como é que sabe — minha amiga simplesmente repetiu.

— Como sei? Só de vê-la! Pelo jeito que ela olhava.

— Para a senhorita, com uma expressão má?

— Por Deus, não, eu poderia ter suportado isso. Ela não me deu nem mesmo um relance. Fitava apenas a criança.

A sra. Grose tentou imaginar a coisa. — Fitava a criança?

— Ah, e com uns olhos tão terríveis!

Ela fixou meus olhos como se eles realmente pudessem parecer com aqueles. — A senhorita quer dizer com repulsa nos olhos?

— Deus nos ajude, não. Algo muito pior.

— Pior que repulsa? — isso realmente a deixou perplexa.

— Com uma determinação… indescritível. Com uma espécie de intenção furiosa.

Ela ficou pálida. — Intenção?

— De se apoderar dela. — A sra. Grose, seus olhos ainda nos meus, teve um arrepio e andou até a janela; e enquanto ela ficou ali olhando para fora completei minha afirmação. — É *isso* que Flora sabe.

Um instante depois, ela se voltou. — A pessoa estava de preto, a senhorita disse?

— De luto; mais para o pobre, quase maltrapilho. Mas, sim, com uma beleza extraordinária. — Percebi então ao que, afinal, golpe a golpe, eu levara a vítima de minha confidência, pois ela ponderou muito visivelmente minhas palavras. — Ah, bonita… muito, muito — insisti —, maravilhosamente bonita. Mas deplorável.

Ela voltou a se aproximar de mim, lentamente. — A senhorita Jessel… *era* deplorável. — Mais uma vez pegou minha mão entre as dela, segurando-a firmemente como que para me fortalecer contra o acréscimo de inquietação que me causaria essa revelação. — Os dois eram deploráveis — por fim disse.

De modo que, por um momento, voltamos a enfrentar o assunto juntas; e realmente encontrei certo grau de alívio em estar vendo-o agora tão claramente. — Agradeço à senhora — eu disse — a grande decência de não ter até agora nada falado disso; mas sem dúvida chegou o momento de me contar tudo. — Ela pareceu aquiescer a isso, mas ainda apenas em silêncio; vendo-a assim, prossegui: — Preciso saber agora. De que ela morreu? Vamos, havia algo entre eles.

— Havia tudo.

— Apesar da diferença…?

— Oh, de classe, de condição — ela revelou com pesar. — *Ela* era uma dama.

Considerei isso; vi-a de novo. — Sim, ela era uma dama.

— E ele tão horrivelmente inferior — disse a sra. Grose.

Achei que sem dúvida não era o caso de insistir muito, junto a ela, sobre o lugar de um criado na hierarquia; mas nada impedia que eu aceitasse a dimensão que minha companheira dava ao aviltamento de minha predecessora. Havia um jeito de lidar com o assunto, e dele me vali; sem nem hesitar por ter agora uma visão completa, com base nas provas, do esperto e atraente finado criado de nosso patrão: impudente, seguro de si, mimado, depravado. — O sujeito era desprezível.

A sra. Grose considerou o que eu disse como se talvez fosse o caso de matizar um pouco. — Nunca vi ninguém como ele. Fazia tudo o que queria.

— Com *ela*?

— Com todos.

Foi então como se a srta. Jessel tivesse reaparecido aos olhos de minha amiga. Pareceu-me que eu via, por um momento, neles a evocação dela tão nítida como eu a vira junto ao lago; e eu afirmei com resolução: — Devia ser também o que *ela* queria!

A expressão da sra. Grose indicou que de fato fora assim, mas ela disse ao mesmo tempo: — Pobre mulher… ela pagou por isso!

— Então a senhora sabe do que ela morreu?

— Não, não sei; eu não quis saber; fiquei contente de não ter ficado sabendo; e agradeci aos céus que ela estava bem longe daqui!

— Mas ainda assim a senhora teve, então, ideia…

— Da verdadeira razão da partida dela? Ah, sim, quanto a isso sim. Ela não poderia ter ficado. Acontecer isso aqui… e com uma preceptora! E depois imaginei, e ainda imagino. E o que imagino é terrível.

— Não tanto quanto o que *eu* imagino — respondi; e com isso devo ter mostrado a ela, e disso tive a maior convicção, um ar de miserável derrota. Despertou nela toda a sua compaixão por mim, e ao sentir de novo o toque de sua gentileza faltaram-me forças para resistir. Prorrompi, como eu a fizera, da outra vez, prorromper, em lágrimas; ela me tomou em seu peito maternal, e meu lamento transbordou. — Eu não consigo! — solucei em desespero. — Eu não consigo salvá-los ou protegê-los! É bem pior do que imaginei… eles estão perdidos!

VIII

O que eu dissera à sra. Grose era bastante verdadeiro: faltava-me a resolução para sondar profundidades e possibilidades no problema que eu lhe apresentara: de modo que quando mais uma vez nos reunimos em meio ao assombro daquilo tudo concordamos quanto ao dever de resistir a fantasias extravagantes. Deveríamos manter a cabeça no lugar, ainda que nada mais restasse — por difícil que de fato fosse ante o que, em nossa experiência prodigiosa, menos podíamos questionar. Tarde naquela noite, quando todos na casa dormiam, tivemos outra conversa em meu quarto; em que ela fez questão de se certificar comigo de que não havia a menor dúvida de que eu vira exatamente o que vira. Para mantê-la perfeitamente segura disso, percebi que tinha apenas de lhe perguntar como eu, se tivesse "inventado", poderia ter sido capaz de dar, de cada uma das pessoas que apareceram para mim, uma imagem revelando, até o último detalhe, seus aspectos característicos — um retrato cuja exibição bastou para ela instantaneamente reconhecê-los e nomeá-los. Ela queria, claro — não há como censurá-la por isso! — abafar a coisa toda; e eu me precipitei a assegurar-lhe que o meu interesse no assunto tinha agora violentamente tomado a forma de uma busca de uma maneira de escapar dele. Eu a enfrentei tendo como base a probabilidade de que com a repetição — pois tínhamos como evidente que se repetiria — eu me acostumaria ao meu perigo; claramente afirmando que a exposição de minha pessoa subitamente se tornara o menos importante dos meus incômodos. Era a minha nova suspeita que era intolerável; e no entanto até quanto a essa complicação as últimas horas do dia tinham trazido algum alívio.

Ao deixá-la, depois de meu primeiro desabafo, eu tinha, é claro, voltado para meus alunos, associando o remédio certo para meu desalento com aquela percepção do charme deles que eu já descobrira ser algo que podia cultivar positivamente e que até agora jamais me falhara. Eu tinha simplesmente, em outras palavras, mergulhado de novo no convívio singular com Flora, em que percebi — foi quase um luxo! — que ela podia pôr sua mãozinha consciente bem onde doía. Ela olhara para mim com um ar de doce indagação e então me acusara de ter "chorado". Eu achara que tinha removido os feios indícios; mas podia literalmente — por enquanto, em todo caso — regozijar-me, sob essa insondável caridade, por não terem desaparecido de todo. Olhar as profundezas do azul dos olhos da criança e declarar que seu encanto era um truque de uma astúcia precoce implicava ser culpada de um tal cinismo que eu preferia renunciar a meu julgamento

e, tanto quanto pudesse, a minha agitação. Não podia renunciar simplesmente por querer, mas eu podia repetir à sra. Grose — como faria depois, repetidas vezes, tarde da noite — que com suas vozes no ar, seu efeito em meu coração e seus rostos fragrantes contra o meu, tudo caía por terra que não fosse a inocência e beleza deles. Era uma pena que, de algum modo, para resolver isso de uma vez por todas, eu tivesse igualmente que reenumerar os sinais de esperteza que, à tarde, à beira do lago, fizeram com que eu desse um espetáculo de autocontrole. Era uma pena ser obrigada a investigar de novo a certeza do momento em si e repetir de que modo viera a mim como uma revelação que a comunhão inconcebível que eu surpreendera era, para ambas as partes, um hábito. Era uma pena que eu tivesse que de novo dizer com voz trêmula as razões para eu não ter, em minha ilusão, nem sequer questionado que a menininha vira nossa visitante do mesmo modo que eu realmente via a sra. Grose, e que ela queria, pelo próprio fato de ter mesmo visto, me fazer supor que ela não vira, e ao mesmo tempo, sem nada demonstrar, conseguir descobrir se eu também vira! Era uma pena que eu precisasse uma vez mais descrever a portentosa minúcia de atividade com que ela procurara distrair minha atenção — o perceptível aumento de movimento, a maior intensidade na brincadeira, na cantoria, na tagarelice, em bobagens e no convite às travessuras.

E no entanto, se eu não tivesse me permitido, para provar que nada havia aí, essa recapitulação, eu teria perdido os dois ou três frágeis elementos de consolo que ainda restavam para mim. Por exemplo, eu não poderia ter assegurado à minha amiga que eu tinha certeza — e que era melhor assim — que *eu* ao menos não havia me traído. Eu não teria sido levada, pela pressão da necessidade, pelo desespero da mente — mal sei como chamar — a invocar o auxílio adicional da informação que poderia resultar de pôr minha colega contra a parede. Ela me contara, pouco a pouco, sob pressão, muita coisa; mas uma pequena nódoa fugidia no lado errado daquilo tudo às vezes roçava-me a testa como a asa de um morcego; e lembro como nessa ocasião — pois a casa estar adormecida e a concentração em nosso perigo e nossa vigília pareciam ajudar — percebi a importância de dar o derradeiro puxão na cortina. — Não acredito em algo assim tão horrível — recordo-me de ter dito. — Não, vamos deixar bem claro, minha cara, que não acredito. Mas se eu acreditasse, sabe, há algo que eu devia exigir agora, sem poupá-la mais, nem um pouco, por favor,

que a senhora me informasse. O que a senhora tinha em mente quando, em nossa aflição antes de Miles voltar, em relação à carta que viera da escola dele, me disse, sob minha insistência, que não poderia alegar que ele literalmente *nunca* tivesse sido "mau"? "nunca" agiu mal, nessas semanas em que eu mesma convivi com ele e o observei tão de perto; ele tem sido um inabalável pequeno prodígio de deliciosa e adorável bondade. Portanto a senhora poderia perfeitamente ter dito isso em favor dele se não tivesse, pelo visto, testemunhado uma exceção. Qual foi essa exceção, e a qual passagem de sua própria observação dele a senhora se referiu?

Era uma inquirição terrivelmente severa, mas não podíamos ser levianas e, de qualquer modo, antes que a luz cinzenta da alvorada fizesse com que nos separássemos, eu tinha obtido a minha resposta. O que minha amiga tivera em mente provou-se imensamente pertinente. Era nada mais, nada menos que a circunstância de que, por um período de vários meses, Quint e o menino haviam sido companheiros inseparáveis. Era de fato a verdade muito apropriada de que ela se aventurara a criticar a conveniência, a insinuar a incongruência de uma aliança assim tão próxima, e mesmo a ir tão longe no assunto a ponto de falar francamente com a srta. Jessel. A srta. Jessel solicitara a ela, da maneira mais estranha, que não se metesse onde não fora chamada, e a boa mulher, com isso, abordara diretamente o pequeno Miles. O que dissera a ele, revelou ante minha insistência, tinha sido que *ela* não gostava de ver jovens cavalheiros esquecendo de sua posição.

Tais palavras, claro, me fizeram insistir de novo. — A senhora fez-lhe ver que Quint não passava de um reles criado?

— Pode-se dizer que sim! E a resposta que ele me deu foi a primeira coisa que foi má.

— E houve outras? — fiquei à espera. — Ele repetiu suas palavras para Quint? — Não, nada disso. Era algo que ele simplesmente *não* faria! — ela ainda queria deixar claro para mim. — Tenho certeza, em todo caso — acrescentou —, que ele não fez isso. Mas ele negou certas ocasiões.

— Que ocasiões?

— Em que ficavam o tempo todo juntos como se Quint fosse o preceptor dele, e um preceptor dos mais importantes, e a senhorita Jessel fosse apenas encarregada da pequena dama. Ocasiões em que Miles saía com esse sujeito, quero dizer, e passava horas com ele.

— Ele então tergiversava, dizia que não? — O assentimento dela foi claro o suficiente para que eu acrescentasse em seguida: — Entendo. Ele mentia.

— Ah…! — a sra. Grose murmurou. Era para sugerir que isso não tinha importância; o que de fato sublinhou com mais uma observação. — Veja, afinal, a senhorita Jessel não se importava. Ela não o proibia de ficar com ele.

Refleti um pouco. — Ele apresentava isso como uma justificativa?

Ela baixou o tom de novo. — Não, nunca falou sobre isso.

— Nunca a mencionou em relação a Quint?

Ela percebeu, enrubescendo visivelmente, onde eu queria chegar. — Bom, ele nunca demonstrou saber nada disso. Ele negava — ela repetiu —, ele negava.

Deus, como eu a pressionei em seguida! — Como a senhora conseguiu perceber que ele sabia o que havia entre os dois miseráveis?

— Não sei! Não sei! — a pobre mulher gemeu.

— Sabe sim, minha cara senhora — retruquei. — Apenas não tem a terrível coragem de pensar nisso como eu, e ocultou, por timidez, modéstia e delicadeza, a própria impressão que, no passado, quando tinha, sem minha ajuda, de tudo suportar em silêncio, mais lhe deixava desconsolada. Mas ainda vou conseguir que me diga tudo! Havia algo no menino que lhe sugeria — continuei — que ele ocultava e dava cobertura à relação deles?

— Ah, ele não podia impedir.

— …que a senhora descobrisse a verdade? Acho bem provável! Mas, céus! — me vi, com veemência, me dando o quanto isso mostra o que eles devem ter conseguido fazer do menino, e a que ponto!

— Oh, nada que não esteja bem *agora*! — a sra. Grose soturnamente o defendeu.

— Não me surpreende o quanto a senhora ficou alterada — persisti — quando lhe mencionei a carta da escola!

— Duvido que tenha ficado tão alterada quanto a senhorita — ela replicou com veemência simplória. — E se ele era tão mau quanto isso parece indicar, como é que agora ele é um perfeito anjo?

— Sim, é verdade… se ele era um demônio na escola, como, como, como? Bem — disse em minha angústia —, a senhora precisa me perguntar de novo, mas levarei alguns dias até poder lhe responder. Mas

não deixe de me perguntar! — exclamei de um jeito que fez minha amiga me olhar espantada. — Há direções em que no momento não posso me deixar ir. — Enquanto isso, voltei ao primeiro exemplo dela, o que ela pouco antes contara, a tranquila capacidade do menino de incorrer em deslizes ocasionais. — Se Quint, na repreensão que a senhora mencionou, era um reles criado, uma das coisas que Miles lhe respondeu, me vejo adivinhando, foi que a senhora também era. — De novo a admissão dela foi tão transparente que continuei. — E a senhora o perdoou por dizer isso?

— E a senhorita *não* o perdoaria?

— Ah, claro! — E trocamos então, no silêncio da noite, uns sorrisos cúmplices dos mais estranhos. Então prossegui: — Em todo caso, enquanto ele estava com o homem…

— A senhorita Flora estava com a mulher. Era conveniente para todos!

Era também conveniente para mim, achei, até demais; o que quero dizer é que convinha exatamente à visão particularmente fatal que eu no mesmo instante estava me proibindo de entreter. Mas eu consegui tão bem conter a expressão dessa visão que não darei, por ora, mais esclarecimentos sobre ela do que o que se pode inferir de minha observação final à sra. Grose. — Ele ter mentido e sido insolente são, admito, espécimes menos interessantes do que eu esperava obter da senhora quanto à irrupção nele do pior da natureza humana. Ainda assim — ponderei — servirão, pois me fazem achar mais do que nunca que preciso vigiá-lo.

Fez-me ruborescer, no minuto seguinte, ver no rosto de minha amiga o quanto mais incondicionalmente ela o perdoara do que a minha ternura se mostrara capaz em relação ao que ela contara. Isso ficou evidente quando, na porta da sala de estudos, ela me deixava. — Decerto a senhorita não *o* acusa…

— …de manter um relacionamento que esconde de mim? Ah, lembre que, até ter mais provas, no momento não acuso ninguém. — Então, antes de fechar a porta por onde ela ia, por outro corredor, para seus aposentos, eu arrematei: — Só o que posso é esperar.

IX

Esperei, e esperei, e os dias, ao irem passando, levaram um pouco de minha consternação. Alguns deles, de fato, transcorridos com meus alunos sempre à minha vista, sem novos incidentes, bastaram para dar nas especulações angustiantes, e mesmo nas memórias odiosas, como que uma passada de esponja. Mencionei a entrega à extraordinária graça infantil deles como algo que eu podia cultivar ativamente, e é fácil imaginar se eu negligenciaria agora procurar essa fonte, mesmo sem saber o que me forneceria. Mais estranho do que possa exprimir, certamente, era o esforço de lutar contra as novas luzes que tivera; sem dúvida teria sido, no entanto, uma tensão ainda maior se não tivesse saído vitoriosa com tanta frequência. Costumava me perguntar como as crianças não chegavam a perceber que eu pensava coisas estranhas sobre elas; e a circunstância de que tais coisas as tornavam ainda mais interessantes não era em si uma grande ajuda para mantê-las ocultas. Tremia só de pensar o que aconteceria se percebessem quão imensamente mais interessantes *tinham ficado*. Encarando as coisas pelo lado pior, em todo o caso, como eu fazia com frequência ao refletir, qualquer sombra em sua inocência — tão singelos e já condenados — só podia ser uma razão a mais para correr riscos. Havia momentos em que, por um impulso irresistível, eu me via arrebatando-os e estreitando-os contra meu coração. Assim que acabava de fazê-lo, perguntava a mim mesma: vão pensar? Não estarei revelando demais?" Teria sido fácil cair num triste e confuso emaranhado de suposições sobre o quanto estaria revelando; mas o que realmente explicava, acho, as horas de paz de que ainda podia desfrutar era que o charme imediato de meus companheiros era um encanto ainda eficaz mesmo sob a sombra da possibilidade de ser premeditado. Pois me ocorrera que, se eu ocasionalmente podia despertar suspeitas pelas pequenas irrupções de minha paixão mais intensa por eles, também me lembro de me perguntar se não havia algo de estranho no visível aumento das demonstrações deles.

Estavam, nesse período, extravagante e sobrenaturalmente afeiçoados a mim; o que, afinal, eu podia pensar, era nada mais do que uma reação graciosa de crianças continuamente reverenciadas e abraçadas. A afeição em que eram tão pródigos resultava, na verdade, tão boa para os meus nervos que era como se nunca me parecesse possível, se posso dizer assim, literalmente flagrá-los agindo com um motivo ulterior. Eles nunca, acho, tinham querido fazer tantas coisas para sua pobre protetora; quero dizer —

embora se saíssem cada vez melhor em seu aprendizado, o que seria naturalmente o que mais a agradaria — no sentido de distraí-la, entretê-la, surpreendê-la; liam-lhe trechos, contavam-lhe histórias, propunham-lhe charadas, irrompiam para ela fantasiados de animais ou personagens históricos e, sobretudo, deixavam-na atônita com os "pedaços" que haviam secretamente decorado e podiam recitar interminavelmente. Jamais chegaria ao fim — nem mesmo se agora me dedicasse a tanto — do prodigioso comentário íntimo, todo sob um escrutínio ainda mais intenso, com o qual, naqueles dias, eu assinalava a plenitude de suas horas. Desde o princípio haviam me mostrado uma facilidade para tudo, uma aptidão genérica que, a cada novo impulso, atingia alturas notáveis. Cumpriam suas pequenas tarefas como se as adorassem, e se compraziam, pela pura exuberância de seu dom, em oferecer espontaneamente pequenos milagres de memória. Não só me apareciam como tigres e romanos, mas ainda como personagens de Shakespeare, astrônomos e navegadores. Era tão singular o caso que, presumivelmente, teve muito a ver com um fato para o qual, até hoje, não consigo encontrar outra explicação: estou aludindo a minha anormal tranquilidade quanto ao assunto de uma outra escola para Miles. O que lembro é que contentei-me, naquele momento, em não levantar a questão, e essa atitude deve ter decorrido da impressão que me causava a continuamente espantosa demonstração de sua inteligência. Era inteligente demais para que uma preceptora medíocre, a filha de um pároco, pudesse estragá-lo; e o mais estranho, se não o mais brilhante, fio desse bordado mental que descrevi era a percepção que eu devia ter tido, se tivesse ousado analisá-lo, de que ele estava sob alguma influência operando em sua pequena vida intelectual como uma poderosa incitação.

Se era fácil refletir, todavia, que para um menino assim a volta à escola poderia ser adiada, igualmente evidente era que um menino assim ter sido "expulso" por um diretor de escola constituía motivo para uma perplexidade sem fim. Devo acrescentar que na companhia deles — em que eu agora tomava o cuidado de quase sempre estar — eu não conseguia seguir nenhuma pista por muito tempo. Vivíamos numa nuvem de música e amor e êxitos e representações teatrais. A musicalidade de ambas as crianças era das mais vivas, mas o mais velho em especial tinha um maravilhoso dom para aprender e repetir. O piano da sala de estudos prorrompia nas mais extravagantes fantasias; e quando cessava havia confabulações pelos cantos, cujo resultado era um dos dois sair todo

entusiasmado para “entrar” como uma personagem nova. Eu mesma tinha irmãos, e não era nenhuma surpresa para mim que meninas pequenas podiam ter uma submissa idolatria pelos meninos. O que ia muito além disso era haver no mundo um menino que pudesse mostrar tanta consideração por uma idade, sexo e inteligência inferiores. Eram extraordinariamente unidos, e dizer que nunca brigavam ou se queixavam um do outro é fazer um elogio muito vulgar perto da qualidade de sua doçura. Às vezes, de fato, quando eu me deixava levar pela vulgaridade, talvez tenha suposto indícios de pequenos entendimentos entre eles no sentido de que um deveria me manter ocupada enquanto o outro escapulia. Há um lado *naïf*, imagino, em toda diplomacia; mas se meus alunos a exerciam contra mim era com certeza com o mínimo de indelicadeza. Foi bem num outro flanco que, depois de uma calmaria, a grosseria se .

Vejo que estou realmente relutando em prosseguir; mas preciso ir até o fundo. Ao continuar o relato do que havia de hediondo em Bly eu não só desafio a credulidade mais indulgente — o que pouco me importa; mas — e isso já é outro assunto — renovo tudo o que sofri, de novo tenho de forçar meu caminho até o fim. Aconteceu subitamente de haver um momento a partir do qual, como agora recordo, a coisa toda pareceu tornar-se para mim puro sofrimento; mas enfim cheguei ao seu âmago, e o caminho mais curto para sair é sem dúvida seguir em frente. Uma noite — sem nada que antecipasse ou levasse a isso — senti o hálito gélido da impressão que tivera na noite de minha chegada e que, muito mais leve então, como mencionei, provavelmente mal teria ficado em minha memória, se o resto da minha estadia tivesse sido menos agitado. Não tinha ido ainda para a cama; ficara lendo à luz de duas velas. Havia um aposento repleto de velhos livros em Bly — ficção do século passado, alguns com uma reputação nitidamente duvidosa, mas não tanto que algum exemplar extraviado não tivesse chegado àquela retirada casa e despertasse a inconfessada curiosidade de minha juventude. Lembro que o livro que tinha em minhas mãos era *Amélia*, de Fielding; e também que eu estava totalmente desperta. Recordo-me igualmente também de certa convicção de que era terrivelmente tarde e de uma determinada recusa a olhar meu relógio. Revejo, enfim, a imagem das cortinas brancas, como então era moda, na cabeceira da caminha de Flora, protegendo, como me assegurara bem antes, a perfeição do sono infantil. Lembro em suma que, embora estivesse profundamente interessada em meu autor, me vi, ao virar

uma página e deixar seu encanto se dispersar, tirando os olhos dele para fixá-los na porta de meu quarto. Por um momento fiquei ouvindo, recordando a vaga impressão que tivera, na primeira noite, de haver algo indistintamente em movimento na casa, e notei a brisa suave movendo a cortina entreaberta na janela. Então, dando mostras de uma determinação que teria parecido magnífica se houvesse alguém para admirá-la, larguei meu livro, levantei-me e, pegando uma vela, saí imediatamente do quarto e, no corredor, que a minha chama pouco iluminava, silenciosamente fechei e tranquei a porta.

Não sei dizer agora o que me motivava nem o que me guiava, mas segui direto pelo corredor, segurando bem alto minha vela, até chegar à alta janela que dominava a imponente curva da escadaria. Nesse instante precipitadamente me dei conta de três coisas. Foram praticamente simultâneas, embora vindo com os lampejos de uma sucessão. Minha vela, com um súbito bruxuleio, apagou-se, e eu percebi, através da janela sem cortina, que a noite cedendo à primeira luz da manhã a tornava desnecessária. Sem ela, no momento seguinte, vi que havia alguém na escada. Falo como se fosse uma sequência, mas não precisei de lapsos de segundo para me preparar para um terceiro encontro com Quint. A aparição chegara ao patamar a meio caminho da subida e estava, portanto, no ponto mais próximo à janela onde, ao me ver, deteve-se e fixou os olhos em mim exatamente como fizera da torre e do jardim. Ele me conhecia tão bem quanto eu o conhecia; e então, na fria, fraca luz da madrugada, entre um reflexo na alta janela e outro no carvalho envernizado da escada abaixo, encaramos um ao outro com mútua intensidade. Ele era sem sombra de dúvida, nessa ocasião, uma presença viva, detestável, perigosa. Mas não era esse o assombro dos assombros; reservo esta distinção para uma circunstância bem diferente: a circunstância de que o terror inequivocamente me desertara e não havia nada em mim que não o enfrentasse ou não estivesse à altura dele.

Não foi pouca a minha angústia após aquele momento extraordinário, mas, graças a Deus, nenhum foi o terror. E ele sabia disso — decorrido um instante, descobri-me magnificamente consciente disso. Senti, numa feroz asserção de confiança, que se me mantivesse firme ali por um minuto, logo deixaria — pelo menos por enquanto — de ter de enfrentá-lo ali; e durante esse minuto, conforme seria de se esperar, a coisa foi tão humana e hedionda como um encontro real: hediondo exatamente porque *era*

humano, tão humano quanto defrontar-se sozinho, na madrugada, numa casa em que todos dormem, com algum inimigo, algum aventureiro, algum criminoso. Era só o silêncio total de nossa longa troca de olhares a tão pouca distância que dava ao horror todo, imenso como era, seu único aspecto sobrenatural. Se eu tivesse encontrado um assassino em tal lugar e em tal hora, ao menos teríamos falado. Algo teria se passado, na vida, entre nós; se nada se passasse, um de nós teria se movido. O momento se prolongou tanto que precisaria ter durado só um pouco mais para eu começar a duvidar se até mesmo *eu* estava viva. Não posso exprimir o que ocorreu então a não ser dizendo que foi o próprio silêncio — de fato e de certa forma um atestado de minha força — que se tornou o elemento no qual eu vi a figura desaparecer; no qual definitivamente a vi voltar-se, como teria visto o miserável empregado que ele antes fora voltar-se ao receber uma ordem, e seguir, com meus olhos fixos nas costas torpes que nenhuma corcunda faria mais disforme, direto escada abaixo e para a escuridão em que se perdia a curva seguinte.

X

Permaneci por um momento no alto da escada, mas para em seguida compreender que quando meu visitante se fora, tinha ido embora mesmo; então voltei ao meu quarto. A primeira coisa que vi à luz da vela que deixara acesa foi que a caminha de Flora estava vazia; e isso me fez prender a respiração com todo o terror que, cinco minutos antes, eu conseguira dominar. Lancei-me ao lugar em que a deixara deitada, em volta do qual (pois a pequena colcha de seda e os lençóis estavam desarrumados) as cortinas brancas tinham sido enganosamente corridas; quando meus passos, para meu inexprimível alívio, produziram um som em resposta: percebi um movimento nas cortinas da janela, e a criança, agachando-se, apareceu passando por baixo delas. Lá ficou de pé com muita candura, em sua camisolinha, com seus rosados pés descalços e o brilho dourado de seus cabelos encaracolados. Tinha um ar intensamente sério, e nunca tive tamanha sensação de perder uma vantagem obtida (cuja emoção tinha sido tão prodigiosa) como ao perceber que ela se dirigia a mim com uma repreensão. — Sua malvada; onde a *senhorita* estava? — e em vez de questionar o comportamento dela vi-me interrogada e tendo de me explicar. Ela, por sua parte, explicou-se com a mais encantadora e

ardente simplicidade. Percebera subitamente, deitada em sua cama, que eu saíra do quarto, e pulara da cama para saber o que acontecera comigo. Eu me deixara cair, com a alegria do reaparecimento dela, em minha cadeira — sentindo-me então, e só então, um pouco fraca; e ela correra para mim e se atirara em meu colo, entregando-se para ser abraçada com a vela iluminando inteiramente seu maravilhoso rostinho que ainda estava cheio de sono. Lembro de ter fechado meus olhos por um instante, rendendo-me, conscientemente, mais uma vez ante o excesso de algo belo que irradiava do azul dos dela. — Você estava procurando me ver da janela? — eu disse. — Achou que eu poderia estar caminhando lá fora?

— Bem, sabe, achei que havia alguém lá — ela respondeu, sem nenhuma hesitação, sorrindo para mim.

Ah, como a olhei intensamente então! — E você viu alguém?

— Ah, *não*! — replicou, quase que, com todo o privilégio da inconsequência infantil, com indignação, embora com uma doçura no tom em que prolongou a palavra.

Naquele momento, no estado de nervos em que me encontrava, tive absoluta certeza de que ela mentira; e se de novo fechei meus olhos foi ante a confusão inspirada pelas três ou quatro maneiras possíveis de enfrentar isso. Uma delas, por um momento, tentou-me com tão singular intensidade que, para resistir, devo ter apertado minha menininha num espasmo ao qual ela, maravilhosamente, se deixou submeter sem um grito ou sinal de medo. Por que não abrir o jogo com ela e encerrar o assunto de uma vez por todas? …dizer tudo a ela, bem para seu adorável rostinho iluminado? "Veja você, veja bem, você *sabe* o que faz e que já suspeita que eu percebi; portanto, por que não confessar tudo francamente, para que possamos ao menos viver com isso juntas e aprender talvez, na estranheza de nosso destino, qual a situação em que estamos e o que ela significa?". Esse ímpeto, infelizmente, desvaneceu-se no mesmo momento em que veio; se tivesse imediatamente sucumbido a ele teria me poupado de — bem, o leitor verá do quê. Em vez de sucumbir eu levantei-me de novo, olhei para a cama dela e adotei um inútil meio termo. — Por que você puxou a cortina? Para me fazer achar que ainda estava na cama?

Flora refletiu, luminosamente; e então, com seu sorriso divino, disse: — Porque eu não gosto de assustar a senhorita!

— Mas como… se achava que eu tinha saído?

Ela de forma alguma estava disposta a ficar intrigada; voltou os olhos para a chama da vela como se a pergunta fosse tão irrelevante ou, pelo menos, tão impessoal quanto uma dos livros da senhora Marcet ou quanto é nove vezes nove. — Oh, mas a senhorita sabia — respondeu de maneira muito adequada — que iria voltar, minha querida, e *voltou*! — E pouco depois, quando ela voltou para a cama, tive de ficar, por um bom tempo, bem junto a ela segurando sua mão, para provar que reconhecia a pertinência de meu retorno.

É fácil imaginar o que foram, a partir de então, as minhas noites. Repetidamente ficava acordada até nem sei que horas; escolhia momentos em que minha companheira de quarto inequivocamente dormia e saía sorrateiramente, para percorrer silenciosamente o corredor, chegando até mesmo onde encontrara Quint da última vez. Mas não voltei a encontrá-lo ali; e posso dizer de uma vez por todas que em nenhuma outra ocasião o vi de novo na casa. Por outro lado, quase perdi, na escada, uma aventura diferente. Olhando para baixo do alto dela reconheci imediatamente a presença de uma mulher sentada num dos últimos degraus de baixo com suas costas para mim, seu corpo meio curvado e sua cabeça, numa atitude de desgosto, nas mãos. Mas eu mal ficara lá um instante, no entanto, e ela já desaparecera sem se voltar para olhar para mim. Eu sabia, mesmo assim, exatamente qual face horrível ela teria para mostrar; e perguntei-me se, em vez de estar em cima estivesse lá embaixo, teria tido, para subir, a mesma coragem que anteriormente revelara ante Quint. Bom, continuaram a haver muitas oportunidades para mostrar coragem. Na décima primeira noite após meu último encontro com aquele cavalheiro — agora eu as contava — tive um sobressalto que perigosamente a desafiou e que de fato, pela qualidade particular de ser tão inesperado, mostrou-se o meu choque mais violento. Foi precisamente a primeira noite nessa série em que, cansada de vigiar, achei que eu podia voltar, sem ser negligente, a dormir na hora usual. Adormeci imediatamente e, como depois soube, até por volta de uma hora; mas quando acordei foi para sentar-me no mesmo instante, tão completamente desperta como se uma mão me tivesse sacudido. Havia deixado uma vela acesa, mas estava agora apagada, e tive uma certeza imediata que tinha sido Flora que a apagara. Isso me fez levantar e ir diretamente, na escuridão, até a cama dela, onde percebi que ela não estava. Um relance à janela esclareceu-me ainda mais, e acender um fósforo completou o quadro.

A criança de novo se levantara — dessa vez soprando a vela, e tinha de novo, com alguma intenção de observação ou resposta, se espremido atrás da cortina para espiar a noite lá fora. Que ela agora via — como da outra vez, eu ficara convencida, não vira — ficou provado para mim pelo fato de que ela não se perturbara nem quando eu acendi de novo a vela, nem com minha precipitação em calçar chinelos e colocar um roupão. Oculta, protegida, absorta, ela evidentemente apoiava-se no parapeito — as janelas do lado de fora abertas — e se entregava inteira. Havia uma grande lua tranquila ajudando-a, e esse fato influiu em minha rápida decisão. Ela estava frente a frente com a aparição que encontráramos no lago, e podia agora comunicar-se com ela, diferentemente daquela vez. O que a mim, por meu lado, cabia era, sem que ela percebesse, ir pelo corredor até outra janela dando na mesma direção. Fui até a porta sem que ela me ouvisse; saí, fechei a porta e ouvi, do outro lado, se algum som vinha dela. Ali no corredor, meus olhos se detiveram na porta de seu irmão, apenas a dez passos, o que produziu em mim, indescritivelmente, uma renovação do estranho impulso que depois descrevi como minha tentação. E se eu entrasse direto em seu quarto e marchasse até a janela *dele*? — e se, ao arriscar para o assombro do menino a revelação de meus motivos, eu jogasse em torno do resto do mistério o amplo laço de minha coragem?

Essa ideia se apoderou o bastante de mim para fazer com que eu fosse até a soleira de sua porta, onde me detive de novo. Fiquei ouvindo com uma nitidez sobrenatural; imagine que portentos poderiam estar ocorrendo; perguntei-me se também a cama dele estava vazia e ele igualmente observava em segredo. Foi um minuto profundo e silencioso, ao fim do qual meu impulso cedeu. Ele estava quieto; ele podia ser inocente; o risco era hediondo; afastei-me. Havia uma figura lá fora — uma figura à espreita de um olhar, um visitante com o qual Flora estava envolvida; mas não era o visitante mais interessado em meu menino. Hesitei de novo, mas por outras razões e só por alguns segundos; então fiz minha escolha. Havia quartos vazios em Bly, e era só uma questão de escolher o certo. O certo subitamente se apresentou a mim como sendo o mais baixo — embora ainda bem acima do jardim — no canto sólido da casa ao qual eu me referira como a velha torre. Tratava-se de um enorme aposento quadrado, arrumado com alguma pompa como um quarto de dormir, cujo tamanho extravagante o fazia tão inconveniente que fazia anos, embora fosse mantido pela sra. Grose em perfeita ordem, que não

era ocupado. Com frequência eu o admirara e conhecia a disposição dos móveis nele; eu só tinha de, após o breve arrepio de enfrentar seu sombrio abandono, atravessá-lo e abrir do modo mais silencioso possível uma das janelas. Chegando nela, abri as cortinas sem um ruído e, com meu rosto rente à vidraça, pude ver, com a escuridão lá fora sendo muito menor do que dentro, que dali eu tinha a visão certa. Então vi algo mais. A lua tornava a noite extraordinariamente clara e mostrou-me no gramado uma pessoa, diminuída pela distância, totalmente imóvel e como que fascinada, olhando para cima de onde eu aparecera — olhando, quer dizer, não diretamente para mim, mas para algo que aparentemente estava acima de mim. Era evidente que havia outra pessoa acima de mim — havia uma pessoa na torre; mas a presença no gramado não era nem um pouco a que eu esperava e confiantemente me apressara a vir ver. A presença no gramado — senti náuseas ao descobrir — era o próprio Miles.

XI

Foi só bem tarde no dia seguinte que falei com a sra. Grose; o rigor com que mantinha meus alunos sempre sob minha vista tornava com frequência difícil conversar com ela a sós, e mais ainda porque ambas percebíamos a importância de não despertar — da parte tanto dos criados quanto das crianças — nenhuma suspeita de uma perturbação secreta ou de uma discussão sobre mistérios. Nesse particular, dava-me grande segurança simplesmente sua aparência tranquila. Nada havia em seu rosto despreocupado que indicasse aos outros as horríveis confidências que eu lhe fizera. Ela acreditava em mim, tenho certeza, da maneira mais absoluta; se não fosse assim, não sei o que teria sido de mim, pois eu não teria suportado aquilo tudo sozinha. Mas ela era um magnífico monumento à benção que é a falta de imaginação, e se ela nada via em nossas crianças a não ser sua beleza e afabilidade, sua felicidade e inteligência, tampouco entrara em comunicação direta com as fontes de minha angústia. Se as crianças estivessem visivelmente abatidas ou prostradas ela sem dúvida ficaria, ao perceber a causa, tão combalida quanto elas; do jeito que as coisas iam, todavia, eu pressentia que ela, ao observá-las com seus alvos e vigorosos braços cruzados e o hábito da serenidade em seu olhar, dava graças a Deus que, se estivessem destroçadas, os pedaços que restavam ainda serviriam. As chamas da

fantasia cediam lugar, em seu espírito, à constância de um doméstico fogo na lareira, e já começara a perceber que, com o desenvolvimento da convicção de que — com o tempo passando sem qualquer incidente digno de nota — nossos jovenzinhos podiam, afinal, cuidar de si mesmos, ela passara a concentrar sua solicitude no triste caso que a instrutora deles representava. Isso, para mim, era uma simplificação sadia: eu podia me empenhar que, para o resto do mundo, meu rosto nada demonstrasse, mas teria sido, naquelas condições, um imenso esforço a mais ficar ansiosa quanto ao dela.

Na hora a que agora me refiro ela viera me encontrar, por insistência minha, no terraço, onde, com o declínio da estação, o sol da tarde já era agradável; e sentamo-nos lá enquanto, à nossa frente, a certa distância, mas ao alcance se quiséssemos chamá-las, as crianças iam e vinham com o melhor dos humores. Moviam-se lentamente, em uníssono, abaixo de nós, no gramado, o menino lendo alto um livro de histórias e com o braço em volta de sua irmã para mantê-la bem perto. A sra. Grose os observava com uma imperturbável placidez; então percebi o rangido intelectual suprimido com o qual ela se voltou conscienciosamente para ouvir a visão que eu tinha a lhe dar do avesso da tapeçaria. Eu a tornara um receptáculo de coisas sinistras, mas havia um curioso reconhecimento de minha superioridade — meus méritos e minha função — em sua paciência com minhas aflições. Oferecia sua mente para minhas revelações como se, tivesse eu a vontade de preparar uma poção de bruxa e o propusesse com toda a confiança, ela pusesse à disposição uma grande e limpa panela. Essa já era evidentemente sua atitude quando, no relato dos eventos da noite anterior, cheguei ao que Miles dissera para mim quando, após vê-lo, em tão monstruosa hora, quase no mesmo lugar em que por acaso agora estava, desci para trazê-lo para dentro; optando, da janela, com uma necessidade premente de não alarmar a casa, por esse método em vez de uma atitude mais ruidosa. Deixei bem clara, no entanto, a pouca esperança que tinha, mesmo com toda a compreensão dela, de fazê-la de fato perceber a minha impressão do verdadeiro esplendor da pequena inspiração com que o menino, depois que o trouxe para a casa, enfrentou meu articulado pedido de explicações. Assim que apareci no terraço sob o luar, ele veio até mim o mais rapidamente possível; então peguei sua mão sem uma palavra e o levei, através da escuridão, pela escada onde Quint

tinha tão sofregamente rondado atrás dele, pelo corredor onde eu ficara escutando e tremendo, até o seu quarto abandonado.

Nenhuma palavra, no caminho, foi por nós trocada, e eu me perguntei — oh, o *quanto* me perguntei! — se ele estaria buscando por toda a sua cabecinha alguma explicação plausível e não muito grotesca. Iria exigir muito de sua inventividade, com certeza, e senti, ante seu efetivo embaraço, uma curiosa sensação de triunfo. Era uma armadilha e tanto para o menino tão inescrutável! Não mais poderia fingir inocência; assim, como diabos iria se sair dessa? Ressoou em mim, então, com o intenso apelo dessa questão, uma silenciosa dúvida similar, como diabos *eu* iria me sair dessa? Teria enfim de me confrontar, como nunca antes ocorrera, com todo o risco vinculado a enunciar meu próprio e horrível conhecimento. Lembro de fato que ao entrarmos em seu pequeno quarto, onde a cama não dava indício algum de alguém ter dormido nela e a janela, com as cortinas abertas para o luar, deixava tudo tão claro que não havia necessidade de riscar um fósforo — lembro como subitamente me deixei cair na beira da cama dele ante a força da noção de que ele devia saber o quanto, na realidade, ele me "pegou", como dizem. Ele poderia fazer o que quisesse, com toda sua inteligência a ajudá-lo, enquanto eu continuasse a me curvar à velha tradição que culpabiliza os encarregados pelos mais jovens por neles incutirem superstições e temores. Ele de fato me "pegou", e completamente: pois quem iria me absolver, quem consentiria em me salvar da forca se, pelo mais leve frêmito de uma alusão, fosse eu a primeira a introduzir em nosso relacionamento perfeito um elemento tão horrendo? Não, não; seria inútil tentar fazer a sra. Grose compreender, quase tão inútil quanto tentar sugeri-lo aqui, como, em nosso breve e tenso embate no escuro, ele chegou a me deixar admirada. Fui, é claro, gentil e compassiva o tempo inteiro; nunca, nunca antes pusera em seus pequenos ombros mãos tão ternas como as que, ali encostada na cama, o seguraram durante minha investida. Eu não tinha alternativa a não ser, formalmente que fosse, pedir-lhe explicações.

— Você precisa me dizer agora, e toda a verdade. Para que saiu lá fora? O que estava fazendo lá?

Posso ainda ver seu sorriso maravilhoso, a luz de seus belos olhos e seus dentinhos à mostra, brilhando na penumbra. — Se eu lhe contar por quê, a senhorita irá entender? — Fiquei com o coração na mão, ao ouvir isso. Ele *iria* me dizer o porquê? Nenhuma palavra veio a meus lábios para

insistir, e me dei conta de que respondia apenas repetidamente assentindo com a cabeça, de forma vaga e com o cenho franzido. Ele era a própria imagem da doçura, e enquanto eu movia minha cabeça, mais do que nunca ele parecia um pequeno príncipe de conto de fadas. Foi aliás esse seu jeito todo que me fez ponderar. Estaria assim tão radiante se fosse realmente me contar? — Bem — ele enfim disse —, foi exatamente para que a senhorita fizesse isso.

— Fizesse o quê?

— Uma vez me achasse, para variar, *mau*! — Nunca esquecerei a doçura e júbilo com o qual pronunciou essa palavra, nem como, ainda por cima, inclinou-se na minha direção e me deu um beijo. Era, na prática, o fim de tudo. Aceitei seu beijo e tive de fazer, enquanto o estreitei por um instante em meus braços, o mais estupendo esforço para não chorar. Ele dera exatamente a explicação de seu comportamento que menos me permitia investigar mais, e foi só para confirmar minha aceitação dela que, olhando em seguida em volta no quarto, pude dizer:

— Então você nem chegou a tirar a roupa para dormir?

Ele parecia luminoso na penumbra. — Não. Fiquei acordado lendo.

— E quando você desceu?

— À meia-noite. Quando sou mau, eu sou mau *mesmo*!

— Sei, sei… muito encantador. Mas como podia ter certeza de que eu ia ficar sabendo?

— Ah, isso eu combinei com a Flora. — As respostas dele vinham tão imediatas! — Ela ia se levantar e ficar olhando.

— O que de fato ela fez. — Tinha sido eu quem caíra na armadilha!

— Então ela despertou sua atenção, e, para ver o que ela estava olhando, a senhorita também olhou; e viu.

— Enquanto você — retruquei — arriscava sua saúde no ar frio da noite!

Ele tão literalmente brilhava de orgulho com sua proeza que podia se dar ao luxo de assentir radiante: — De que outro jeito eu iria ser mau o suficiente? — perguntou. Então, após outro abraço, o incidente e nossa conversa se encerraram com o meu reconhecimento de todas as reservas de bondade a que, para sua travessura, ele pudera recorrer.

XII

A impressão particular com que fiquei provou-se, à luz da manhã, não exatamente possível de apresentar com clareza, repito, à sra. Grose, embora eu a tenha reforçado com a menção de outro comentário que ele fizera antes de nos separarmos. — É tudo uma questão de meia dúzia de palavras — disse a ela —, palavras que realmente encerram o assunto. "Imagine só o que eu *poderia* fazer!" Ele soltou essa só para me mostrar o quanto é bom nisso. Sabe muitíssimo bem o que "poderia" fazer. Foi disso que deu mostras às pessoas da escola.

— Deus meu, como a senhorita muda de opinião! — minha amiga exclamou.

— Não mudo; apenas percebo com mais clareza. Os quatro, a senhora pode ter certeza, se encontram continuamente. Se em alguma dessas duas últimas noites tivesse ficado com qualquer uma das crianças entenderia perfeitamente. Quanto mais observo e aguardo, mais acho que se nada mais houvesse para deixar isso evidente, só o sistemático silêncio de ambos já bastaria. *Nunca*, nem por descuido, fizeram a menor referência a seus antigos amigos, do mesmo modo que Miles nunca aludiu à sua expulsão. Ah sim, podemos ficar aqui a contemplá-los, e eles podem se mostrar até enjoarem; mas mesmo quando fingem estarem absortos em seu conto de fadas estão imersos em sua visão dos mortos que voltaram. Ele não está lendo para ela — declarei —, estão falando sobre *eles*, estão dizendo coisas horrorosas! Do jeito que falo, bem sei, deve parecer que fiquei louca; e é uma surpresa que não tenha ficado. O que eu vi teria feito a *senhora* ficar louca; mas apenas me fez mais lúcida, me fez perceber ainda outras coisas.

Minha lucidez deve ter parecido terrível, mas as charmosas criaturas que eram vítimas dela, passando e repassando em sua entrelaçada doçura, deram à minha colega algo a que se apegar; e percebi quão firme ela se apegava, sem se misturar à paixão de minha convicção, pois não tirava os olhos deles. — E que outras coisas a senhorita ?

— Ora, as mesmas que me deliciavam, fascinavam e, no entanto, no fundo, como agora estranhamente vejo, me iludiam e perturbavam. Sua beleza mais que terrena, sua bondade absolutamente incomum. É um jogo — prossegui —, um cálculo e uma fraude!

— Da parte desses pequeninos…?

— Que não são mais que criancinhas adoráveis? Sim, por mais que pareça loucura! — O próprio ato de me exprimir realmente me ajudou a retraçar aquilo tudo, repassar tudo e montar todas as peças. — Eles não têm sido bons; têm sido apenas ausentes. Têm sido fácil viver com eles, porque simplesmente eles levam uma vida só deles. Eles não são meus, não são seus. Eles são dele e são dela!

— De Quint e daquela mulher?

— De Quint e daquela mulher. Querem se aproximar deles.

Ah, como, ao ouvir isso, a sra. Grose pôs-se a observá-los intensamente! — Mas para quê?

— Pelo amor a todo o mal que, naqueles dias horríveis, a dupla infundiu neles. E insuflar ainda mais mal, manter a obra dos demônios, é o que os traz de volta.

— Credo! — disse minha amiga num sussurro. A exclamação era simplória, mas revelava uma aceitação efetiva da minha prova adicional do que, naquele péssimo período — pois houvera um ainda pior que este! — deve ter ocorrido. Não poderia ter havido melhor justificativa para mim do que o pleno assentimento, pela experiência dela, a qualquer extremo de depravação que eu julgasse possível quanto à nossa dupla de canalhas. Foi por uma óbvia submissão à memória que ela acabou exclamando um momento depois: — Eles *eram* uns canalhas! Mas o que podem fazer agora? — prosseguiu.

— Fazer? — repeti tão alto que Miles e Flora, passando lá na distância em que estavam, detiveram-se um instante e olharam para nós. — Já não fazem o bastante? — perguntei em voz mais baixa, enquanto as crianças, tendo sorrido, assentido e mandado beijos para nós, retomaram sua exibição. Ficamos a assisti-la um instante; então eu respondi: — Podem destruí-los! — Isso fez com que minha companheira se voltasse para mim, mas sua inquisição foi silenciosa, tendo o efeito de me fazer mais explícita. — Não sabem, ainda, exatamente como; mas estão tentando de todas as maneiras. Foram vistos só do outro lado, por assim dizer, ou de longe, em lugares estranhos ou em lugares elevados, no alto de torres, no telhado de casas, do lado de fora de janelas, na outra margem da água; mas há a resoluta intenção, em ambos, de encurtar a distância e superar o obstáculo; e o êxito do que tentam é só uma questão de tempo. Só o que precisam é continuar com suas insinuações de perigo.

— Para fazer as crianças irem até eles?

— E perecerem ao tentar! — A sra. Grose levantou-se lentamente, e eu acrescentei escrupulosamente: — A menos, claro, que nós possamos impedir!

Ali de pé à minha frente enquanto eu continuava sentada, ela visivelmente considerava a situação. — É ao tio deles que cabe impedir. Ele precisa tirá-las daqui.

— E quem o convencerá a fazer isso?

Ela estivera perscrutando a distância, mas então voltou-se para mim com uma expressão descabida: — A senhorita, ora.

— Escrevendo-lhe para dizer que sua casa está corrompida e seus sobrinhos loucos?

— Mas… se eles *estão*, senhorita?

— E se eu também estiver, quer dizer? Belas notícias para serem dadas por uma preceptora cuja principal obrigação era não lhe dar problemas.

A sra. Grose refletiu, seguindo de novo as crianças com os olhos. — É, ele de fato detesta problemas. Foi essa a principal razão…

— …daqueles seres diabólicos o terem enganado por tanto tempo? Sem dúvida, embora a indiferença dele deva ter sido terrível. Como nada tenho de diabólico, de qualquer maneira, não o enganarei.

Minha companheira, após um instante e como única resposta, sentou-se de novo e segurou firmemente meu braço. — Faça de algum modo que ele venha falar com você.

Olhei-a perplexa. — *Comigo*? — Tive um medo súbito do que ela poderia fazer. — "Ele"?

— Ele devia *estar* aqui; ele devia ajudar.

Levantei-me precipitadamente, e acho que devo ter lhe mostrado em meu rosto a mais estranha de todas as minhas expressões até então. — A senhora pode me ver pedindo a ele que faça uma visita? — Não, pela maneira que me olhava era evidente que não. Em vez disso ela podia ver, como só uma mulher é capaz de ler no rosto de outra, o que eu mesma via: a derrisão dele, sua diversão e desprezo ante o colapso de minha resignação a ter sido deixada sozinha, e pelo requintado mecanismo que pus em ação para atrair a atenção dele para meus parcos encantos. Ela não sabia — ninguém sabia — quão orgulhosa eu me sentia de servir a ele e manter os termos de nosso compromisso; ainda assim, acho que tomou

com a devida consideração a advertência que então lhe fiz. — Se a senhora perder a cabeça a ponto de chamá-lo por minha causa…

Mostrou-se realmente assustada. — Sim, senhorita?

— Eu abandonarei, no mesmo instante, tanto ele quanto a senhora.

XIII

Não havia dificuldade em estar com eles, mas falar com eles provava-se sempre algo quase além de minhas forças — oferecendo, no contato mais imediato, dificuldades tão intransponíveis quanto antes. Essa situação prosseguiu por um mês, e com novos agravantes e notas particulares, e sobretudo, mais e mais aguda, a nota de uma leve consciência irônica por parte de meus alunos. Não era, tenho tanta certeza hoje quanto tinha então, um mero efeito de minha infernal imaginação: era perfeitamente perceptível que eles tinham consciência de minhas atribulações e que essa nossa estranha relação constituía, de certa maneira, durante um bom tempo, a atmosfera em que nos movíamos. Não estou dizendo que eles zombavam de mim ou faziam qualquer coisa vulgar, pois não havia perigo de algo assim da parte deles; o que estou dizendo, por outro lado, é que o elemento do inominável e do inabordável tornou-se, entre nós, maior do que qualquer outro, e que ter sempre tanto a evitar só podia ser levado a termo com sucesso a custa de um considerável arranjo tácito. Era como se, em certos momentos, estivéssemos continuamente nos deparando com assuntos sobre os quais devíamos calar, voltando subitamente de becos que percebíamos que não tinham saída, fechando com um pequeno ruído que fazia com que nos entreolhássemos — pois, como todos os pequenos ruídos, soara mais forte do que pretendíamos — portas que indiscretamente tínhamos aberto. Todos os caminhos levam a Roma, e havia momentos em que a impressão que não podíamos deixar de ter era de que todo tema de estudo ou tópico de conversação bordejava território proibido. E território proibido era a questão do retorno dos mortos em geral e do que fosse, em particular, que pudesse restar, na memória, dos amigos que crianças pequenas perderam. Havia dias em que eu poderia ter jurado que um dos dois tinha dito, com uma leve e invisível cutucada, ao outro: “Ela acha que vai conseguir dessa vez; mas *não* vai!” *Conseguir* teria sido me permitir, por exemplo — e por uma só vez que fosse — alguma referência direta à mulher que os preparara para minha

disciplina. Tinham um delicioso e infinito apetite por passagens de minha própria história, com os quais eu repetidamente os deleitava; possuíam o de tudo o que acontecera comigo, tinham tido, com todas as circunstâncias, as histórias de minhas menores aventuras e das de meus irmãos e irmãs e do gato e do cachorro da casa, bem como muitas minúcias do caráter excêntrico de meu pai, dos móveis e de sua disposição em minha casa, e das conversas das velhas da minha terra. Havia coisas de sobra, uma puxando a outra, sobre as quais conversar, quando se ia muito rápido e se sabia por instinto onde mudar de assunto. Manipulavam com uma arte de invenção própria as cordas de minha imaginação e minha memória; e talvez nenhuma outra coisa, quando depois refletia sobre essas ocasiões, me dava suspeitas maiores de estar sendo sub-repticiamente observada. Era em todo caso só sobre a *minha* vida, *meu* passado e *meus* amigos que podíamos realmente ficar à vontade; uma situação que os levava às vezes, sem a menor pertinência, a enveredar por essas reminiscências sociáveis. Eu era convidada — sem conexão aparente — a repetir de novo o célebre *mot* de Goody Gosling ou a confirmar os detalhes já fornecidos quanto à esperteza do pônei do presbitério.

Era em parte em situações como essas e em parte noutras bem diferentes que, com o rumo que minhas preocupações haviam tomado, as minhas atribulações, como eu as chamei, ficavam mais notáveis. O fato de os dias passarem para mim sem outro encontro devia, seria de se supor, ter acalmado meus nervos. Desde o breve relance, naquela segunda noite no alto da escada, da presença de uma mulher num dos primeiros degraus de baixo, não tinha visto nada, tanto dentro quanto fora da casa, que seria melhor não ter visto. Houve mais de uma vez que ao virar uma esquina temi me deparar com Quint, e mais de uma situação que teria, simplesmente por algo de sinistro nela, favorecido a aparição da srta. Jessel. O verão foi passando, o verão se foi; o outono se abateu sobre Bly e dissipou metade de nossas luzes. O lugar, com seu céu cinzento e guirlandas murchas, seus espaços esvaziados e folhas mortas espalhadas, parecia um teatro depois do espetáculo — todo coberto de programas amassados. Havia exatos estados do ar, condições de som e silêncio, inexprimíveis impressões do *tipo* de momento propiciatório, que trouxeram de volta a mim, por um tempo longo o bastante para captá-la, a sensação da atmosfera em que, naquele fim de tarde de junho ao ar livre, eu vira pela primeira vez Quint, e em que também, naquele outro instante,

depois de tê-lo visto pela janela, procurei-o em vão em meio aos arbustos. Reconhecia os sinais, os portentos — reconhecia o momento, o lugar. Mas se mantinham desacompanhados e vazios, e eu seguia sem ser perturbada; se é que se pode dizer isso de uma jovem cuja sensibilidade, da maneira mais extraordinária, não declinara, mas se aprofundara. Eu dissera em minha conversa com a sra. Grose sobre aquela horrorosa cena com Flora junto ao lago — e a deixara perplexa ao dizê-lo — que daquele momento em diante iria me afligir muito mais perder meu poder do que conservá-lo. Expressara então o que era vívido em meu espírito: a verdade que, quer as crianças vissem, quer não — já que ainda não tinha ficado definitivamente provado — eu decididamente preferia, como uma salvaguarda, ficar inteiramente exposta. Eu estava preparada para ficar sabendo o que de pior houvesse para se saber. Do que naquela conversa tinha tido um horrível vislumbre era que meus olhos poderiam estar selados justo quando os das crianças estariam abertos ao máximo. Bem, meus olhos *estavam* selados, parecia, no momento — uma consumação pela qual pareceria blasfemo não agradecer a Deus. Mas havia, ai de mim, uma dificuldade nisso: eu teria agradecido de toda a minha alma, se não tivesse em igual medida essa convicção quanto ao segredo de meus alunos.

Como posso hoje retraçar os estranhos passos de minha obsessão? Havia momentos em que estávamos juntos em que estaria pronta a jurar que, literalmente, em minha , mas com a minha percepção direta impedida, eles tinham visitas que eram bem conhecidas e bem-vindas. Era então que, não fosse eu dissuadida pela possibilidade de que tal injúria poderia se revelar maior que a injúria a ser evitada, minha exasperação não teria como se conter. “Eles estão aqui, eles estão aqui, seus desgraçadinhos”, eu teria gritado, “e agora vocês não podem negar!” Os desgraçadinhos o negavam com toda a somada intensidade de sua sociabilidade e sua ternura, em cujas cristalinas profundezas — como o súbito brilho de um peixe numa corrente de água — a zombaria da vantagem que tinham sobre mim por um instante fulgurava. O choque, na verdade, me atingira ainda mais fundo do que percebera na noite em que, buscando ver sob as estrelas tanto Quint quanto a srta. Jessel, me deparei com o menino por cuja tranquilidade eu velava e ele imediatamente apresentou — voltou-o, ali, diretamente para mim — o adorável olhar para cima com o qual, nas ameias da torre lá no alto, a hedionda aparição de Quint havia se entretido. Se era questão de um susto, a minha descoberta

nessa ocasião me assustara mais do que qualquer outra, e foi no estado de nervos por ela produzida que fiz minhas efetivas induções. Elas me assediavam tanto que às vezes, em momentos livres, eu me trancava para ensaiar em alto e bom som — era ao mesmo tempo um alívio fantástico e um renovado desespero — a maneira que eu poderia abordar o assunto. Começava por um lado, e depois por outro, enquanto ia e vinha em meu quarto, mas sempre sucumbia quando chegava o momento de proferir os monstruosos nomes. Quando morriam em meus lábios eu me dizia que de fato os estaria ajudando a representar algo de infame pois, ao pronunciar seus nomes, estaria violando o caso mais raro, provavelmente, de delicadeza instintiva que já se vira numa sala de estudos. Quando dizia a mim mesma: "*Eles* têm a educação para se manter em silêncio, e você, em quem confiam, a baixeza de falar!", eu ficava inteiramente ruborizada e cobria meu rosto com as mãos. Depois dessas cenas secretas eu falava mais que nunca, tagarelando voluvelmente até ocorrer um de nossos prodigiosos, palpáveis silêncios — não posso chamá-los de outra coisa —, uma estranha, atordoada ascensão ou mergulho (procuro os termos!) numa calmaria, uma pausa de toda a vida, que nada tinha a ver com o maior ou menor barulho que pudéssemos estar envolvidos em fazer e que eu podia ouvir em meio a qualquer animação intensa ou declamação precipitada ou acorde mais alto do piano. Era então que os outros, os intrusos, estavam lá. Embora não fossem anjos, "passavam", como os franceses dizem, fazendo com que eu, enquanto eles lá ficavam, tremesse com o medo de que eles estariam dirigindo às suas vítimas mais jovens uma mensagem ainda mais infernal ou imagem ainda mais vívida do que as que julgaram suficientes para mim.

O que me parecia mais impossível de me livrar era da cruel ideia de que, o que quer que eu tenha visto, Miles e Flora viam *mais* — coisas terríveis e inimagináveis emergindo de passagens horríveis de seu relacionamento com a dupla no passado. Tais coisas naturalmente deixavam na superfície, por um tempo, um arrepio que clamorosamente negávamos sentir; e adquirimos, todos os três, com a repetição, treinamento tão esplêndido que tratávamos, toda vez, quase automaticamente, de marcar o fim do incidente, através dos mesmíssimos movimentos. Era notável como as crianças, em todas as situações, se punham a me beijar incessantemente com uma espécie de descabida irrelevância e sempre faziam — uma ou a outra — a preciosa pergunta que

nos ajudou a atravessar mais de um perigo. “Quando a senhorita acha que ele *virá*? Não acha que *devíamos* lhe escrever?” — não havia nada como essa pergunta, descobrimos com a experiência, para afastar qualquer constrangimento. “Ele” era, claro, o tio deles de Harley Street; e vivíamos em meio a uma profusão de teorias de que ele poderia a qualquer momento chegar para se juntar ao nosso círculo. Era impossível alguém ter dado menos encorajamento do que ele a tal doutrina, mas se não tivéssemos a doutrina para sempre voltar teríamos nos privado de algumas de nossas mais hábeis representações. Ele nunca escrevia a elas — isso podia ser egoísta, mas era parte da lisonjeira confiança que depositava em mim; pois a maneira em que um homem pode prestar seu mais alto tributo a uma mulher bem pode ser não mais que a celebração festiva de uma das sagradas leis de seu comodismo; e eu mantenho que seguia o espírito da promessa que dera de não recorrer a ele quando deixava claro às minhas crianças que suas cartas para ele eram apenas encantadores exercícios literários. Eram belas demais para serem postas no correio; eu as guardava comigo; tenho-as até hoje. Essa era uma regra que apenas se acrescentava ao efeito satírico de eu ter de conviver com a suposição de que a qualquer momento ele poderia estar entre nós. Era exatamente como se minhas crianças soubessem como isso seria mais embaraçoso do que qualquer outra coisa para mim. Além disso, quando penso na época, me ocorre que nenhum aspecto nisso tudo era mais extraordinário que o fato de eu, apesar de minha tensão e do triunfo deles, jamais ter perdido a paciência com eles. Adoráveis eles realmente devem ter sido, reflito agora, para que eu não os odiasse naqueles dias! Teria a exasperação, todavia, se o alívio tivesse demorado mais tempo, finalmente me traído? Pouco importa, pois o alívio veio. Chamo de alívio, embora seja apenas o alívio que traz o rompimento de algo tensionado ou o cair de uma tempestade num dia de calor sufocante. Mas era ao menos mudança, e veio com ímpeto.

XIV

Seguindo para a igreja na manhã de um domingo, Miles ia ao meu lado e sua irmã, na frente e com a sra. Grose, bem à vista. Era um dia límpido, claro, o primeiro assim depois de algum tempo; geara um pouco à noite, e o ar do outono, diáfano e brilhante, tornava quase alegre o som dos sinos da igreja. Foi um curioso acaso do pensamento que naquele preciso

momento eu estivesse, em particular e muito gratamente, considerando a obediência de minhas crianças. Por que elas nunca se ressentiam de minha inexorável, contínua companhia? Alguma coisa me fizera pensar que era quase como se eu tivesse o menino preso por um alfinete a meu xale e que, na maneira em que nossa companhia marchava junto a mim, eu parecia ter me precavido contra qualquer perigo de rebelião. Eu era como um carcereiro sempre alerta a possíveis surpresas e fugas. Mas tudo isso era parte — refiro-me à magnífica pequena rendição deles — apenas daquela série de fatos que eram tão abissais. Vestido para o domingo pelo alfaiate de seu tio, que tivera toda a liberdade e alguma noção quanto a belos coletes e o arzinho altivo do menino, os títulos à independência de Miles, os direitos de seu sexo e situação, eram tão evidentes que, se ele subitamente proclamasse a sua liberdade, eu nada teria a dizer. Eu estava, pela mais estranha das coincidências, me perguntando como eu reagiria a isso quando a revolução inequivocamente ocorreu. Chamo-a de revolução porque agora vejo que, com as palavras que ele disse, a cortina se abriu para o último ato de meu horrível drama e a catástrofe se precipitou. — Olhe aqui, minha querida, sabe — ele disse charmosamente — quando afinal, por favor, vou voltar para a escola?

Transcrita aqui a fala parece bastante inofensiva, ainda mais por ter sido dita no tom doce, alto e casual em que, para todos os interlocutores, mas sobretudo para sua eterna preceptora, ele lançava suas entoações como se estivesse atirando rosas. Havia algo nelas que sempre "segurava" a atenção, e tão efetivamente me segurou, de qualquer maneira, que eu me detive tão abruptamente como se uma das árvores do parque tivesse caído no meio do caminho. Havia algo de novo, naquele momento, entre nós, e ele estava perfeitamente consciente de que eu compreendera isso, embora, para tanto, ele não precisasse mostrar-se nem um pouco menos cândido e charmoso do que o habitual. Eu podia intuir como ele, quando de imediato nada achei para lhe responder, já percebia a vantagem que obtivera. Demorei tanto para achar o que dizer que ele teve tempo de sobra para, após um momento, prosseguir com seu sorriso sugestivo mas inconclusivo: — Sabe, minha querida, para um rapaz, estar *sempre* com uma dama… — Esse "minha querida" estava constantemente em seus lábios para mim, e nada poderia expressar melhor o tom exato do sentimento que eu desejava inspirar a meus alunos do que essa terna familiaridade. Era tão respeitosamente espontâneo.

Mas, oh, como eu senti, naquele momento, que tinha de escolher bem minhas próprias palavras! Lembro que, para ganhar tempo, tentei rir, e pareci ver no belo rosto dele me observando quão feia e estranha devo ter ficado. — E sempre com a mesma dama? — repliquei.

Ele não vacilou nem piscou. A coisa toda estava virtualmente evidente entre nós. — Ah, claro que ela é uma dama encantadora, "perfeita"; mas, afinal, sou um rapaz, percebe? Quer dizer, bem, estou crescendo.

Deixei-me ficar com ele por um instante na gentileza de sempre. — Sim, você está mesmo crescendo. — Ah, mas como me sentia desamparada!

Mantenho até hoje a impressão, de cortar o coração, que ele parecia saber disso e estar se divertindo. — E a senhorita não pode dizer que eu não tenho sido incrivelmente bom, pode?

Pus a mão no ombro dele, pois, embora percebesse quão melhor seria se continuássemos caminhando, ainda não estava bem em condições de seguir adiante. — Não, não posso dizer isso, Miles.

— Exceto por apenas aquela única noite, a senhorita sabe…

— Aquela única noite? — Eu não conseguia olhá-lo tão diretamente nos olhos quanto ele me olhava.

— Ora, aquela em que desci do quarto, saí no jardim.

— Ah, sim. Mas esqueci por que você fez aquilo.

— Esqueceu? — disse isso com a doce extravagância das repreensões infantis. — Ora, para lhe mostrar que podia !

— Sim, que você podia.

— E poderia de novo.

Senti que talvez conseguiria, afinal, manter minha calma. — Com certeza. Mas você não o fará.

— Não, *aquilo* de novo não. Não foi nada.

— Não foi nada — eu disse. — Mas precisamos seguir adiante.

Ele continuou a andar comigo, passando a mão em meu braço. — Então, quando é que *vou* voltar?

Mostrei, ao considerar a questão, meu ar mais responsável. — Você era muito feliz na escola?

Ele pensou um pouco. — Ah, fico bastante feliz em qualquer lugar!

— Bom, então — minha voz tremeu —, se você se sente igualmente feliz aqui…

— Ah, mas isso não é tudo! Claro que a *senhorita* sabe muita coisa…

— Você quer dizer que sabe quase tanto quanto eu? — arrisquei, na pausa dele.

— Nem metade do que gostaria! — ele admitiu honestamente. — Mas não é bem isso.

— O que é, então?

— Bem… eu queria ver mais vida.

— Entendo, entendo. — Tínhamos chegado perto da igreja e de várias pessoas, incluindo empregados de Bly, indo para a entrada e se aglomerando na porta para nos ver entrar. Acelerei o passo; queria chegar lá antes que o assunto entre nós se estendesse muito mais; considerei avidamente que, por mais de uma hora, ele teria de ficar em silêncio; e cobicei a relativa penumbra do banco e o conforto quase espiritual que me daria a almofada em que me ajoelharia. Eu parecia literalmente estar apostando uma corrida contra a confusão a que ele estava a ponto de me reduzir, mas senti que ele chegou primeiro quando, antes até de termos entrado no cemitério da igreja, ele exclamou:

— Quero estar com gente como eu!

Fez com que eu literalmente desse um salto à frente. há muita gente como você, Miles! — eu ri. — A não ser talvez a pequena Flora.

— A senhorita realmente está me comparando a uma menininha pequena?

Isso me pegou singularmente desarmada. — Mas então você não *ama* nossa doce Flora?

— Se eu não a amasse; e a senhorita também; se eu não as amasse… — ele repetiu como que recuando para um salto, mas deixando seu pensamento tão inacabado que, depois que chegamos ao portão, outra parada, que ele impôs com a pressão de seu braço, se tornara inevitável. A sra. Grose e Flora tinham entrado na igreja, os outros tinham entrado em seguida e ficamos, naquele instante, sozinhos entre as velhas e pesadas sepulturas. Tínhamos ficado, no caminho depois do portão, junto a um túmulo baixo e oblongo como uma mesa.

— Sim, se não amasse…?

Ele olhou, enquanto eu esperava, as sepulturas em volta. — Bem, a senhorita sabe! — Mas ele não se moveu, e em seguida saiu-se com algo que me fez cair sentada na laje de pedra, como que subitamente precisando descansar. — O meu tio pensa o mesmo que a *senhorita*?

Fiz questão de demorar a responder. — Como você sabe o que eu penso?

— Ah, bem, na verdade não sei; pois me ocorre agora que a senhorita nunca me diz. Mas o que quero saber é se *ele* sabe.

— Sabe o quê, Miles?

— Ora, o que se passa comigo.

Percebi imediatamente que não poderia, a essa pergunta, dar nenhuma resposta que não envolvesse sacrificar um pouco o meu patrão. No entanto, pareceu-me que estávamos todos, em Bly, bastante sacrificados para fazer daquilo não mais que um pecado venial. — Eu não acho que seu tio se importa muito.

Miles, ao ouvir isso, olhou-me fixamente. — Então você não acha que seria possível fazê-lo se importar?

— De que jeito?

— Ora, fazendo com que ele venha aqui.

— Mas quem vai fazer com que ele venha aqui?

— *Eu* vou! — o menino disse com extraordinário brilho e ênfase. Deu-me outro olhar com essa mesma expressão e então foi a passos firmes sozinho para a igreja.

XV

O assunto ficou praticamente encerrado a partir do momento em que não o segui. Era uma lamentável rendição ao nervosismo, mas saber disso de alguma forma não foi suficiente para eu recobrar a calma. Apenas fiquei lá sentada em minha tumba e procurei apreender o significado completo do que meu amiguinho dissera; quando enfim compreendi tudo já tinha também assumido, para minha ausência, o pretexto de estar envergonhada de dar a meus alunos e o resto da congregação tal exemplo de atraso. O que sobretudo disse a mim mesmo foi que Miles conseguira obter algo de mim e a prova disso, para ele, seria justamente esse meu embaraçoso colapso. O que obtivera de mim era que havia algo de que eu tinha muito medo e que ele provavelmente poderia usar esse meu medo para conseguir, para seus propósitos, muito mais liberdade. Meu medo era ter de lidar com a questão intolerável das razões de sua expulsão da escola, pois realmente não era outra que a questão dos horrores que se acumulavam por trás dela. Que o tio dele viesse para resolver comigo

essas coisas era uma solução a que, estritamente falando, eu deveria então ter desejado recorrer; mas me era tão difícil enfrentar a feiura e a dor disso que eu simplesmente procrastinei e fui vivendo um dia de cada vez. O menino, para meu profundo desassossego, estava imensamente certo, em posição de me dizer: "Ou a senhorita resolve com meu guardião o mistério da interrupção de meus estudos, ou deixa de esperar que leve com vocês essa vida que é tão pouco natural para um menino". O que era tão pouco natural para o menino específico com quem eu estava envolvida era esta súbita revelação de uma consciência e de um plano.

Foi isso que realmente me venceu, me impediu de entrar. Andei em volta da igreja, hesitando, vacilando; ponderei que eu já tinha, com ele, me magoado além do que seria possível consertar. De modo que não havia remendo a fazer, e seria um esforço por demais extremo apertar-me junto a ele no banco: ele estaria mais seguro do que nunca em me dar o braço e me fazer ficar lá por uma hora num contato próximo e silencioso como um comentário de nossa conversa. Pela primeira vez desde que ele chegara eu queria estar longe dele. Quando parei sob a alta janela a leste e ouvi os sons do culto, fui tomada por um impulso que me dominaria completamente, achei, se lhe desse o menor encorajamento. Eu poderia facilmente pôr um fim em minha tormenta se simplesmente fosse embora. Era a minha chance; não havia ninguém para me impedir; eu podia desistir da coisa toda — dar as costas e recuar. Era só uma questão de correr de volta, para alguns preparativos, para a casa que a presença na igreja de tantos empregados deixara praticamente vazia. Ninguém, em suma, poderia me culpar se eu desesperadamente desertasse. O que adiantaria ficar longe se fosse só até a hora do almoço? Seria dali a um par de horas, no fim dos quais — eu previa com clareza — meus aluninhos iriam fingir inocente surpresa quanto a eu não ter aparecido em meio a eles.

— O que a senhorita *aprontou*, tão desobediente e malvada? Por que afinal, deixando-nos tão preocupados — e nos distraindo também na igreja, sabia? — nos abandonou bem na porta? — Eu não poderia enfrentar essas questões, nem, enquanto eram perguntadas, seus falsos olhinhos adoráveis; e no entanto era tão exatamente o que teria de enfrentar que, com essa perspectiva ficando cada vez mais nítida, por fim me deixei ir embora.

Fui embora, pelo menos quanto ao momento imediato; sai direto do cemitério da igreja e, refletindo intensamente, voltei pelo parque. Parecia

a mim quando cheguei a casa que tinha me decidido a fugir. A tranquilidade dominical tanto dos arredores da casa quanto de seu interior, onde não encontrei ninguém, infundiu em mim a sensação da oportunidade que se apresentava. Se eu fosse embora rapidamente, desse modo, de lá sairia sem cena alguma, sem palavra alguma. Minha rapidez teria de ser considerável, todavia, e a questão do transporte era a mais difícil de resolver. Atormentada, no hall, com dificuldades e obstáculos, lembro de ter sentado no início da escada — subitamente me largando no primeiro degrau e então, com repulsa, lembrando que tinha sido exatamente ali, mais de um mês antes, na escuridão da noite e igualmente arcando com presságios malignos, que vira o espectro da mais horrível das mulheres. Isso fez com que eu me recompusesse; subi o resto da escada; fui, em meu atordoamento, à sala de estudos, onde estavam objetos que me pertenciam e que eu deveria levar. Mas abri a porta para descobrir, como um raio, meus olhos de novo não selados. Na presença do que vi recuei à minha resistência.

Sentada em minha própria mesa na clara luz do meio-dia vi uma pessoa que, sem a minha experiência anterior, eu teria tomado à primeira vista por uma das criadas que ficara em casa para tomar conta dela e que, aproveitando-se de um raro momento sem supervisão e de minhas penas, tinta e papel, aplicava-se ao esforço considerável de uma carta a seu amado. O seu esforço estava na maneira em que, com os braços apoiados na mesa, suas mãos, com evidente cansaço, seguravam a cabeça; mas no momento que me dei conta disso já tinha me apercebido que, apesar de minha entrada, a atitude dela estranhamente persistia. Foi então que — com o próprio ato de anunciar-se a si mesma — sua identidade ficou clara numa mudança de postura. Levantou-se, não como se tivesse me ouvido, mas com uma indescritível melancolia grandiosa em seu desapego e indiferença e, a três metros de mim, revelou-se como a minha vil predecessora. Desonrada e trágica, ela se mostrava inteira para mim; mas enquanto eu a fixava para guardar na memória, a imagem terrível se desvaneceu. Escura como a meia-noite em seu vestido preto, sua beleza abatida e seu infortúnio inexprimível, ela me olhou por um tempo suficiente para parecer que dizia que tinha tanto direito de sentar à minha mesa quanto eu tinha de sentar à dela. Enquanto esses instantes duraram eu tive a extraordinária sensação arrepiante de que era eu a intrusa ali. Foi como um veemente protesto contra isso que, de fato me dirigindo a ela —

“Sua mulher terrível e miserável!” — ouvi a mim mesma num som que, pela porta aberta, ressoou no longo corredor e na casa vazia. Ela me olhou como se tivesse me ouvido, mas eu tinha me recuperado e limpado a atmosfera. Não havia nada na sala no minuto seguinte a não ser a claridade do sol e a sensação de que eu devia ficar.

XVI

Tinha esperado com tanta certeza que o retorno de meus alunos seria marcado por uma demonstração que fiquei de novo perturbada ao ter que lidar com o silêncio que mantiveram quanto à minha ausência. Em vez de alegremente me recriminar e acariciar, não fizeram nenhuma alusão a eu ter faltado com eles, e fiquei então, ao perceber que ela também nada dissera, estudando a expressão estranha da sra. Grose. Fiz isso com o propósito de me assegurar que eles tinham, de algum modo, a subornado para ficar em silêncio; um silêncio que, todavia, eu iria romper no primeiro momento em particular que tivéssemos. Esse momento veio antes do chá: consegui cinco minutos com ela na sala da governanta onde, ao cair da tarde, em meio ao cheiro de pão recém-saído do forno, mas com o lugar todo limpo e arrumado, a encontrei sentada com toda placidez em frente ao fogo. Assim ainda a vejo, assim que melhor a vejo: fitando a chama de sua cadeira de espaldar reto na penumbra da sala imaculada, numa ampla e limpa imagem de “tudo guardado” — de gavetas fechadas e trancadas e um repouso irrepreensível.

— Ah, sim, pediram-me para não dizer nada; e para agradá-los, pelo menos enquanto estivessem presentes, claro que lhes prometi. Mas o que aconteceu com a senhorita?

— Fui com vocês até lá apenas pela caminhada — eu disse. — Tinha então de voltar para encontrar com uma amiga.

Ela demonstrou sua surpresa. — Uma amiga? A *senhorita*?

— Ah, sim, tenho um par de amigos! — ri. — Mas as crianças lhe deram alguma razão?

— Para não mencionar que nos deixou? Sim: disseram que a senhorita ia achar melhor assim. E achou melhor mesmo?

A minha expressão a deixou pesarosa. — Não, achei pior! — Mas depois de um instante, acrescentei: — Eles disseram por que eu iria achar melhor?

— Não; o senhor Miles apenas disse: “Não devemos fazer nada que ela não goste”.

— Quem me dera se ele agisse assim! E o que Flora disse?

— A senhorita Flora foi muito gentil. Disse: “Oh, é claro, é claro"; e eu disse o mesmo.

Pensei por um instante. — A senhora também foi muito gentil; posso ouvir os três. Mas mesmo assim, entre Miles e mim, está tudo claro agora.

— Tudo claro? — Minha companheira me olhou perplexa. — Mas o quê, senhorita?

— Tudo. Não importa. Já me decidi. Vim para casa, minha cara — prossegui — para uma conversa com a senhorita Jessel.

Eu tinha a essa altura adquirido o hábito de ter a sra. Grose literalmente nas minhas mãos bem antes de tocar nesse assunto; de modo que mesmo naquele momento, em que ela bravamente piscava ante minhas palavras, podia mantê-la relativamente firme. — Uma conversa! Então agora ela falou?

— Pode-se dizer que sim. Encontrei-a, ao voltar, na sala de estudos.

— E o que ela disse? — Ainda posso ouvir a boa mulher, e a candura de sua perplexidade.

— Que sofre os tormentos…

Foi isso, como uma verdade que preenche o que faltava na imagem, que a fez ficar boquiaberta. — Quer dizer… — ela vacilou — …dos aflitos?

— Dos aflitos. Dos condenados. E é por isso, para compartilhá-los… — eu mesma vacilei com o horror da coisa.

Mas minha companheira, com menos imaginação, susteve-me. — Para compartilhá-los…?

— Ela quer Flora. — A sra. Grose, quando lhe revelei isso, poderia facilmente não ter se mantido comigo, se eu não estivesse preparada. Eu ainda a segurei ali, para provar que estava. — Mas como eu lhe disse, não importa mais.

— Por que a senhorita já se decidiu? Mas em relação ?

— A tudo.

— E o que quer dizer com “tudo”?

— Ora, chamar o tio deles.

— Ah, senhorita, por piedade, faça isso — minha amiga exclamou.

— Oh, mas eu vou, eu *vou*! Vejo que é o único jeito. O que está "claro", como lhe disse, com Miles, é que se ele acha que tenho medo de fazê-lo, e imagina que tem a ganhar com isso, ele verá que está enganado. Sim, sim: o tio dele terá de mim a explicação imediata (e na frente do menino se necessário) que se é para eu ser recriminada por nada ter feito quanto a outra escola…

— Sim, senhorita? — minha amiga insistiu que eu prosseguisse.

— Bem, há aquela terrível razão.

Havia agora tantas dessas que era desculpável que minha pobre colega tenha se mostrado incerta: — Mas… qual?

— Ora, a carta da sua antiga escola.

— Vai mostrá-la ao patrão?

— Devia tê-lo feito na hora.

— Oh não! — disse a sra. Grose com decisão.

— Vou deixar claro para ele — prossegui inexoravelmente — que eu não posso me encarregar da questão em nome de uma criança que foi expulsa…

— Por qual razão nunca ficamos sabendo afinal! — a sra. Grose declarou.

— Por perversidade. Que outra razão? Se ele é tão inteligente e bonito e perfeito? É ele estúpido? É ele desleixado? É ele doente? É ele rebelde? É primoroso, então só pode ser *isso*; e isso vai esclarecer a coisa toda. Afinal — eu disse — é culpa do tio deles. Se deixou aqui pessoas como aquelas…

— Ele mal as conhecia. A culpa é minha. — Ela ficara bastante pálida.

— Bem, a senhora não irá pagar por isso — respondi.

— As crianças não irão pagar! — ela replicou enfaticamente.

Fiquei em silêncio por um instante; olhamos uma para a outra. — Então o que devo lhe dizer?

— A senhorita não precisa dizer nada a ele. *Eu* direi .

Considerei isso. — A senhora quer dizer que vai escrever… — Lembrando que ela não sabia, emendei: — Como a senhora se comunicará?

— Falo com o mordomo. *Ele* escreve.

— E a senhora vai querer que ele escreva a nossa história?

Minha pergunta tinha uma força sarcástica que eu não inteiramente pretendera, e a fez, após um instante, inconsequentemente perder o

controle. Havia lágrimas de novo em seus olhos. — Ah, que a *senhorita* escreva então!

— Bem, hoje à noite mesmo — por fim respondi, e com estas palavras nos separamos.

XVII

Cheguei mesmo, à noite, a começar. O tempo mudara de novo, um forte vento soprava, e à luz da lâmpada, em meu quarto, com Flora dormindo tranquilamente a meu lado, fiquei sentada por muito tempo com uma folha de papel em branco à minha frente, ouvindo as vergastadas da chuva e o estrépito das rajadas. Por fim, saí, levando uma vela; atravessei o corredor e por um minuto fiquei escutando do lado de fora da porta do quarto de Miles. O que, em minha infinita obsessão, me fazia escutar era a procura de alguma traição dele a estar dormindo, e em seguida obtive uma, mas não na forma que eu esperava. A voz dele tilintou: — Vamos, a senhorita aí fora… Entre. — Era uma alegria em meio à melancolia!

Entrei com minha vela e o encontrei, na cama, totalmente desperto, mas muito à vontade. — Bem, o que a *senhorita* está aprontando? — ele perguntou com uma graça toda sociável na qual me ocorreu que a sra. Grose, se estivesse presente, em vão procuraria alguma prova de que tudo estava “claro" entre nós.

Fiquei diante dele com minha vela. — Como você sabia que eu estava ali?

— Ora, é claro que a ouvi. A senhorita acha que não fez barulho nenhum? Foi como um tropel de cavalaria! — ele riu bonito.

— Então você não estava dormindo?

— Não muito! Fico acordado, pensando.

Tinha posto a vela, deliberadamente, um pouco a distância, e então, quando ele estendeu para mim sua habitual mão amiga, sentei-me na beira da cama. — E no que você fica pensando? — perguntei.

— Em que outra coisa, minha querida, se não na *senhorita*?

— Ah, o orgulho que sua apreciação me dá não exige tanto! Preferia bem mais que você dormisse.

— Bom, também estava pensando, sabe, em nosso estranho assunto.

Percebi que sua mãozinha firme estava fria. — Que estranho assunto, Miles?

— Ora, a maneira que a senhorita me educa. E todo o resto!

Cheguei a conter minha respiração por um minuto, e mesmo a chama bruxuleante de minha vela era luz suficiente para ver como ele sorria para mim de seu travesseiro. — O que você quer dizer com todo o resto?

— Oh, a senhorita sabe, a senhorita sabe!

Por um minuto nada pude dizer, embora sentindo, enquanto segurava sua mão e continuávamos a olhar-nos nos olhos, que meu silêncio tinha todo o ar de admitir a sua acusação e que nada no mundo real era talvez naquele momento tão fabuloso quanto a nossa efetiva relação. — Com certeza você vai voltar para a escola — eu disse — se é isso que o preocupa. Mas não para a velha; precisamos achar outra, melhor. Como eu poderia saber que isso o preocupava, essa questão, se você nunca me disse, nunca mencionou nada a respeito? — Sua face límpida e atenta, emoldurada pela alvura macia, fazia com que ele no momento parecesse tão atraente como um paciente ansioso num hospital infantil; e eu teria dado, quando essa semelhança me ocorreu, tudo que eu tinha na terra para ser realmente a enfermeira ou irmã de caridade que podia ter ajudado a curá-lo. Bem, mesmo como as coisas eram, eu talvez pudesse ajudar! — Você sabe que nunca me disse nenhuma palavra sobre a sua escola, quero dizer, a sua antiga escola, nunca a mencionou de nenhum modo?

Ele pareceu refletir; sorriu com o mesmo encanto. Mas claramente estava ganhando tempo; esperava, invocava orientação. — Nunca falei nada? — Não era *eu* quem poderia ajudá-lo; era aquela coisa que eu encontrara!

Algo em seu tom e na expressão de seu rosto, quando ele disse isso, fez meu coração doer com uma angústia que nunca antes sentira; tão indescritivelmente tocante era ver sua cabecinha perplexa e seus pequenos recursos exigidos ao extremo para representar, sob o feitiço que tinham posto nele, um papel de inocência e consistência. — Não, nunca; em nenhum momento desde que voltou de lá. Você nunca mencionou para mim um de seus professores, um de seus colegas, nem mesmo a menor coisa que tenha lhe acontecido na escola. Nunca, meu pequeno Miles, nunca mesmo, você me deu um indício que fosse de algo que *possa* ter acontecido lá. De modo que você pode imaginar como estou no escuro. Até você dizer aquilo, esta manhã, quase nunca, desde a primeira hora em que o vi, você fez alguma referência a algo de seu passado. Parecia aceitar tão perfeitamente o presente. — Era extraordinário como minha absoluta

convicção de sua precocidade secreta (ou como quer que eu pudesse chamar o veneno de uma influência à qual eu só ousava aludir com meias palavras) o fazia, apesar do leve sopro de sua perturbação íntima, parecer tão acessível quanto uma pessoa mais velha; o impunha quase como se fôssemos intelectualmente iguais. — Achei que você queria continuar como estava.

Surpreendeu-me que isso o fez corar levemente. Em todo o caso, como um convalescente um pouco cansado, balançou languidamente a cabeça. — Não, não quero. Quero ir embora.

— Cansou de Bly?

— Oh não, eu gosto de Bly.

— Bom, então…?

— Ah, a *senhorita* sabe o que um menino quer!

Senti que eu não sabia tão bem quanto Miles, e procurei um refúgio temporário. — Você quer ir ficar com seu tio?

De novo, ao ouvir isso, com seu doce rosto irônico ele se movimentou no travesseiro. — Ah, a senhorita não pode se livrar com essa!

Fiquei em silêncio por um instante, e fui eu, então, acho, quem mudou de cor. — Meu caro, eu não quero me livrar de nada!

— A senhorita não pode, mesmo se quiser. Não pode, não pode! — ficou me encarando de um jeito belo. — Meu tio precisa vir para cá, e vocês precisam resolver as coisas todas.

— Se o fizermos — repliquei com alguma coragem — você pode ter certeza que acabará indo para bem longe.

— Ora, a senhorita não entende que é isso exatamente o que estou procurando? A senhorita terá de lhe contar; sobre como deixou as coisas ficarem assim: terá de lhe contar um montão de coisas!

A exultação com que proferiu essas palavras ajudou-me, naquele momento, de certa forma, a enfrentá-lo um pouco mais. — E quantas coisas *você*, Miles, terá de contar a ele? Ele na certa lhe fará perguntas!

Ele pensou um pouco. — É bem provável. Mas que ?

— As coisas que você nunca me contou. Para ele poder decidir o que fazer com você. Ele não pode mandá-lo de volta…

— Ah, mas eu não quero voltar! — ele me interrompeu. — Quero é um ambiente novo.

Disse isso com admirável serenidade, com uma alegria positivamente irrepreensível; e sem dúvida foi esse tom que mais me fez evocar o caráter

comovente, a inaceitável tragédia infantil, de seu provável retorno ao fim de três meses com todas essas bravatas e ainda mais desonra. Afligiu-me então que eu jamais seria capaz de suportar isso, e isso fez com que eu não mais pudesse me conter. Lancei-me sobre ele e na ternura de minha compaixão o abracei: — Meu pequeno querido, meu pequeno Miles…

Meu rosto estava junto ao dele, e ele me deixou beijá-lo, simplesmente aceitando com indulgente bom-humor. — E então, cara dama?

— Não há nada, nada mesmo que você queira me dizer?

Ele voltou-se um pouco, em direção à parede, e ergueu sua mão para olhá-la como se vê crianças doentes fazerem. — Eu já lhe disse; disse hoje de manhã.

Oh, como sentia pena dele! — Que você quer apenas que eu não o perturbe?

Ele então voltou-se para mim, como que reconhecendo que eu o compreendia; e da forma mais gentil, respondeu: você me deixe em paz.

Havia até mesmo uma singular pequena dignidade naquilo, algo que me fez soltá-lo, mas, ao me levantar lentamente, continuar junto a ele. Deus é testemunha de que nunca quis atormentá-lo, mas senti que naquele momento, simplesmente dar-lhe as costas seria abandoná-lo ou, para dizer de forma mais verdadeira, perdê-lo. — Acabei de começar uma carta para seu tio — disse.

— Então termine-a logo!

Esperei um minuto. — O que aconteceu antes?

Ele me fitou de novo. — Antes do quê?

— Antes de você retornar. E antes de você partir.

Por algum tempo ficou em silêncio, mas continuou a olhar-me nos olhos. — O que aconteceu?

O som de suas palavras, no qual me pareceu haver pela primeira vez um leve tremor de aquiescente consciência, fez-me cair de joelhos ao lado da cama e me agarrar uma vez mais à chance de mantê-lo ainda em minha posse. querido Miles, meu pequeno Miles, se você *soubesse* o quanto quero ajudá-lo! É só isso, não é nada mais que isso, e preferiria morrer a causar-lhe algum sofrimento ou lhe fazer algum mal; preferiria morrer a danificar um só fio de cabelo seu. Meu querido Miles — oh, continuei mesmo se me *arriscando* a ir longe demais — …eu apenas quero que você me ajude a salvá-lo! — Mas soube no instante seguinte que tinha ido longe demais. A resposta a meu apelo foi instantânea, mas veio na forma de uma

extraordinária rajada e um arrepio, um golpe de vento gélido e um tremor no quarto tão grande quanto se as esquadrias das janelas, com a ventania, se rompessem. O menino deu um grito alto e agudo que, perdido em meio ao estrépito, poderia ter parecido, indistintamente, embora eu estivesse tão perto dele, tanto de júbilo quanto de terror. Levantei-me de imediato e me dei conta da escuridão. Ficamos assim por um momento, enquanto olhei em volta e vi as cortinas fechadas e as janelas firmes. — Ora, a vela apagou! — exclamei.

— Fui eu quem a soprou, querida! — disse Miles.

XVIII

No dia seguinte, depois das aulas, a sra. Grose achou um momento para me perguntar, em voz baixa: — A senhorita escreveu?

— Sim, escrevi. — Mas não acrescentei, naquele momento, que minha carta, endereçada e selada, ainda estava em meu bolso. Haveria tempo de sobra para enviá-la antes que o mensageiro partisse. Enquanto isso, da parte de meus alunos, jamais outra manhã fora mais brilhante, mais exemplar do que aquela. Era exatamente como se ambos tivessem decidido, de coração, minimizar qualquer atrito recente. Realizaram vertiginosas proezas em aritmética, pairando bem acima do *meu* débil alcance, e perpetraram, mais animados que nunca, troças geográficas e históricas. Era ostensivo, claro, em particular de Miles, que ele parecia querer mostrar quão facilmente podia me deixar para trás. Essa criança, em minha memória, realmente habita um cenário de beleza e miséria que não há palavras que traduzam; havia uma distinção toda dele em cada impulso que revelava; nunca houve criança daquela idade, para o olho não iniciado em toda franqueza e liberdade, que fosse mais engenhoso, mais extraordinário como um pequeno cavalheiro. Eu tinha de manter-me perpetuamente em guarda contra o maravilhamento de contemplá-lo com que minha visão iniciada me traía; controlar o irrelevante olhar fixo e o suspiro de desalento com que eu constantemente atacava e renunciava ao enigma do que poderia ter feito esse pequeno cavalheiro que merecesse uma punição. Digamos que, através do sombrio prodígio que eu sabia, a imaginação de todo o mal *tivera* se aberto para ele: todo o senso de justiça que havia em mim buscava ardentemente a prova de que esse mal jamais poderia ter florescido num ato.

Ele nunca, em todo caso, tinha sido mais o próprio pequeno cavalheiro do que quando, após nosso almoço nesse dia terrível, veio até mim e me perguntou se eu não gostaria que ele, por meia-hora, tocasse para mim. Davi tocando para Saul jamais teria mostrado um senso de ocasião mais refinado. Foi literalmente uma charmosa exibição de tato, de magnanimidade, e praticamente equivalente a ele me dizer sem reservas: "Os verdadeiros cavaleiros sobre os quais adoramos ler nunca abusam de uma vantagem. Sei o que a senhorita quer dizer agora: quer dizer que — para também ser deixada em paz e não ser seguida — irá parar de se preocupar e me espionar, não me manterá sempre perto da senhorita, e me deixará ir e vir à vontade. Bem, eu "vim", como pode ver — mas ainda não irei! Haverá tempo de sobra para isso. Eu realmente me delicio com a sua companhia, e apenas queria lhe mostrar que se a enfrentei foi por uma questão de princípio." É fácil imaginar que não resisti a esse apelo nem deixei de acompanhá-lo mais uma vez, de mãos dadas, à sala de estudos. Sentou-se ao velho piano e tocou como nunca tocara antes; e se há quem ache que ele faria melhor se estivesse chutando uma bola de futebol eu só posso dizer que concordo inteiramente. Pois no fim de um intervalo em que sob sua influência eu praticamente deixara de perceber a passagem do tempo tive um sobressalto com a estranha sensação de ter literalmente dormido em serviço. Era depois do almoço, e junto à lareira da sala de estudos, mas na realidade eu de forma alguma tinha adormecido: fizera algo muito pior — tinha esquecido. Onde, durante esse tempo todo, teria estado Flora? Quando fiz essa pergunta para Miles, ele continuou a tocar por um minuto antes de responder, e mesmo assim apenas disse: — Ora, minha querida, como é que *eu* vou saber? — e ainda por cima deu uma risada feliz que, imediatamente depois, como se fosse um acompanhamento vocal, prolongou numa canção incoerente, extravagante.

Fui direto para o meu quarto, mas a irmã dele não estava lá; então, antes de descer a escada, olhei em vários outros. Se ela não estava em lugar nenhum por ali com certeza estaria com a sra. Grose, e dela, seguindo essa teoria reconfortante, saí em busca. Encontrei-a onde estava na noite anterior, mas ela respondeu à minha precipitada pergunta com um ar alheio e assustado de ignorância. Presumira apenas que eu, depois da refeição, levara comigo ambas as crianças; e nisso ela estava certa, pois era a primeira vez que eu deixara a menininha fora de minha vista sem alguma providência específica. Claro que então ela estaria com as criadas,

de modo que a coisa imediata a fazer era procurá-la sem nos mostrarmos alarmadas. Foi o que prontamente decidimos; mas quando, dez minutos depois e conforme combináramos, encontramo-nos no hall, foi apenas para ambas relatarmos que nossas perguntas discretas tinham falhado no intuito de localizá-la. Por um minuto ali, longe da vista alheia, trocamos em silêncio nossas respectivas inquietudes, e eu pude perceber com que altos juros minha amiga me restituía todas as que antes eu lhe dera.

— Ela deve estar lá em cima — ela então disse — num dos quartos em que a senhorita não olhou.

— Não; ela está longe. — Tinha chegado a uma conclusão. — Ela saiu.

A sra. Grose olhou-me surpresa. — Sem chapéu?

Meu olhar, naturalmente, também dizia muito. — Aquela mulher não está sempre sem chapéu?

— Flora está com *ela*?

— Flora está com *ela*! — afirmei. — Precisamos encontrá-las.

Minha mão estava no braço de minha amiga, mas naquele momento, confrontada à gravidade da situação, ela não pôde responder a minha pressão. Ao contrário, deixou-se ficar ali tomada por sua apreensão. — E onde está o senhor Miles?

— Oh, *ele* está com Quint. Estão na sala de estudos.

— Meu Deus, senhorita! — Minha percepção do que acontecia, eu tinha plena consciência, e portanto suponho que também meu tom, nunca antes chegara a uma certeza tão tranquila.

— O ardil funcionou — continuei. — Executaram o plano deles com total sucesso. Ele descobriu o jeitinho mais divino de me manter ocupada enquanto ela escapava.

— "Divino"? — ecoou desconcertada a sra. Grose.

— Infernal, que seja! — retruquei quase com júbilo. — E tratou de se garantir também. Mas venha!

Ela olhou em desespero para a parte de cima da casa. — Mas a senhorita vai deixá-lo…

— Tanto tempo com Quint? Sim; isso não me importa, agora.

Ela sempre terminava, nessas ocasiões, tomando posse de minha mão, e dessa maneira ela podia ainda me deter naquele momento. Mas após um instante de pasmo ante minha súbita resignação, conseguiu dizer ansiosamente: causa da sua carta?

Eu imediatamente, como resposta, procurei minha carta, tirei-a do bolso, mostrei-a e então, desvencilhando-me, fui até a grande mesa no hall para deixá-la ali. — Luke irá levá-la — disse ao retornar. Fui até a porta de entrada e a abri; logo estava nos degraus.

Minha companheira ainda vacilava: a tempestade da noite e do começo da manhã parara, mas a tarde estava úmida e cinzenta. Desci à alameda enquanto ela permanecia na porta. — A senhorita vai sair sem pôr nada?

— O que me importa se a menina também saiu sem nada? Não posso perder tempo agasalhando-me — exclamei — e se a senhora precisa fazê-lo, irei sozinha. Tente dar uma olhada, enquanto isso, no andar de cima.

— Com *eles* lá? — Ah, ao pensar nisso, a pobre mulher mais que depressa veio comigo!

XIX

Fomos direto até o lago, como era chamado em Bly, e ouso dizer que com razão, embora reflita agora que de fato bem podia ser uma extensão de água menos notável do que parecia para meus olhos não viajados. Minha familiaridade com lagos era pequena, e o que havia em Bly, toda vez nas poucas ocasiões que eu consentira, sob a proteção de meus alunos, em enfrentar sua superfície no velho barco de fundo chato que lá ficava para nosso uso, impressionara-me tanto por sua dimensão quanto pela agitação de sua água. O lugar habitual de embarque ficava a oitocentos metros da casa, mas eu tinha a convicção íntima de que, onde quer que Flora pudesse estar, não seria perto de casa. Ela nunca escapulira antes para qualquer pequena aventura e, desde o dia daquela enorme que compartilhamos junto ao lago, pudera perceber, em nossos passeios, qual rumo ela preferia tomar. Foi por isso que eu dava agora aos passos da sra. Grose uma direção tão definida — uma direção que a fez, quando deu-se conta, opor uma resistência que me mostrou que ela estava de novo confusa. — A senhorita está indo para a água? Acha que ela pode estar *dentro*…

— Pode até estar, embora a profundidade não seja, creio, em nenhum lugar muito grande. Mas o que acho mais provável é que ela esteja no lugar de onde, naquele dia, vimos juntas o que eu lhe contei.

— Quando ela fingiu não ver…?

— E com que espantoso domínio de si mesma! Sempre tive a certeza de que ela queria voltar lá sozinha. E agora seu irmão arranjou-lhe a oportunidade.

A sra. Grose ainda estava onde parara. — A senhorita acha que os dois realmente *falam* sobre eles?

Podia responder isso com tamanha confiança! — Dizem coisas que, se ouvíssemos, simplesmente nos deixariam aterradas.

— E se ela *estiver* lá…?

— Sim?

— Então a senhorita Jessel estará também?

— Sem a menor dúvida. A senhora verá.

— Ah, muito obrigada! — minha amiga exclamou, plantando-se ali tão firmemente que eu, ao perceber, continuei sem ela. Quando cheguei ao lago, no entanto, ela estava bem atrás de mim, e eu percebi que, não importando o que pudesse acontecer comigo, estar em minha companhia parecia para a apreensão dela ser o perigo menor. Ela soltou um gemido de alívio quando enfim avistamos a maior parte do lago sem que a menina estivesse visível. Não havia sinal de Flora naquela parte mais próxima da margem onde eu tivera a mais alarmante de minhas observações dela, e nenhum na margem oposta, onde, exceto por uma extensão de uns vinte metros, um mato cerrado chegava até a água. O lago, de forma oblonga, tinha uma largura tão pequena em comparação a seu comprimento que, sem suas extremidades à vista, podia ser tomado por um rio. Olhamos a extensão deserta, e então percebi a sugestão nos olhos de minha amiga. Sabia o que ela pretendia e respondi balançando negativamente a cabeça.

— Não, não, espere! Ela pegou o barco.

Minha companheira fitou o local de atracação vazio e de novo o lago todo. — Mas então, onde ela está?

— Nós não estarmos vendo o barco é a melhor das provas. Usou-o para ir para o outro lado, e então tratou de .

— Sozinha, aquela criança?

— Ela não está sozinha, e nesses momentos ela não é uma criança; é uma mulher velha, muito velha. — Percorri com o olhar toda a margem visível enquanto a sra. Grose dava outra vez, no estranho elemento que eu lhe oferecia, um de seus mergulhos de submissão; então apontei que o barco podia perfeitamente estar num pequeno esconderijo formado por um

dos recessos do lago, uma reentrância oculta, de onde estávamos, por uma projeção da margem e algumas árvores que cresciam junto à água.

— Mas se o barco está lá, onde afinal está *ela*? — minha colega perguntou ansiosamente.

— É exatamente isso que temos de descobrir. — E comecei a andar naquela direção.

— Dando toda a volta no lago?

— Certamente, por longe que seja. Levaremos não mais que dez minutos, mas é longe o bastante para ter feito a criança preferir não ir a pé. Ela atravessou diretamente .

— Credo! — exclamou de novo minha amiga; o encadeamento de minha lógica era sempre excessivo para ela. Mas arrastou-a atrás de mim mesmo assim, e quando déramos metade da volta — um processo tortuoso e cansativo, em terreno muito acidentado e numa trilha coberta de mato crescido — fiz uma pausa para ela recuperar o fôlego. Sustentei-a com um braço agradecido, assegurando a ela que iria me ajudar imensamente; e com isso seguimos em frente, de modo que uns poucos minutos depois alcançamos um ponto de onde vimos o barco bem onde eu tinha achado que estaria. Tinha sido intencionalmente deixado o mais fora de vista possível e estava amarrado a uma das estacas de uma cerca que chegava, bem ali, até a beira e tinha servido de auxílio para o desembarque. Considerei, ao ver o par de remos curtos e grossos, puxados em segurança para dentro, o caráter prodigioso do feito para uma menininha; mas, a essa altura, já fazia tempo demais que eu vivia em meio a assombros e me vira sem fôlego ante acontecimentos ainda mais extremos. Havia um portão na cerca, pelo qual passamos, levando-nos, num breve intervalo, a um lugar mais aberto. Então exclamamos as duas em uníssono: “lá está ela!”

Flora, a pouca distância, estava de pé na relva e sorria como se a sua performance agora estivesse completa. O que fez em seguida, todavia, foi se inclinar e colher — como se tivesse ido até ali só para isso — um ramo enorme e feio de samambaia murcha. No mesmo instante tive certeza de que ela acabara de sair do mato. Ela ficou nos aguardando, sem dar nenhum passo, e tive consciência da singular solenidade com que em seguida nos aproximamos dela. Ela sorria sem parar, e nos encontramos; mas foi tudo num silêncio a essa altura já flagrantemente sinistro. A sra. Grose foi a primeira a quebrar o encanto: pôs-se de joelhos e, trazendo a criança para junto dela, envolveu num longo abraço o corpinho terno e

dócil. Enquanto essa muda convulsão durou eu pude apenas observá-la — o que fiz com mais atenção ainda depois de ver o rosto de Flora me espiar por cima do ombro de nossa companheira. Estava sério agora — a agitação o deixara; mas isso intensificou a angústia com que naquele momento eu invejei a sra. Grose pela simplicidade da *sua* relação com ela. Ainda assim, durante todo esse momento, nada mais se passou entre nós a não ser Flora deixar sua absurda samambaia cair de novo no chão. O que virtualmente ela e eu dissemos uma à outra é que pretextos eram inúteis agora. Quando a sra. Grose finalmente se levantou ficou segurando a mão da criança, de modo que as duas ficaram à minha frente; e a singular reticência de nosso reencontro ficou ainda mais evidente pelo franco olhar que ela me desferiu. "Nem morta", dizia, "*eu vou* falar!"

Foi Flora, olhando-me de cima abaixo em cândida surpresa, a primeira a dizer algo. Estranhara nos ver sem nada nos cobrindo a cabeça. — Ora, onde estão as suas coisas?

— Onde as suas estão, minha cara! — respondi prontamente.

Ela já recobrara sua alegria e pareceu considerar isso uma resposta bastante suficiente. — E onde está Miles? — ela continuou.

Havia na pequena valentia daquilo algo que acabou comigo: essas quatro palavras dela foram, num clarão como o brilho de um espada desembainhada, o tranco no cálice que minha mão, por semanas a fio, segurara bem alto e cheio até a borda e que agora, mesmo antes de falar, eu sentia transbordar num dilúvio. — Eu lhe direi se você *me* disser… dizendo, e então o tremor em que minha voz se interrompeu.

— Disser o quê?

A inquietude da sra. Grose me fulminava, mas já era tarde demais, e eu disse o que tinha de dizer com galhardia: — Onde, meu bem, está a senhorita Jessel?

XX

Tal como com Miles no cemitério da igreja, a coisa toda desabou sobre nós. Por mais que eu levasse em conta o fato daquele nome nunca antes, entre nós, ter sido mencionado, o súbito e intensamente magoado olhar com o qual o rosto da criança então o registrou fez minha quebra do silêncio se assemelhar ao despedaçar de uma vidraça. Acrescentou-se ao grito que a sra. Grose, no mesmo instante, como que para desviar o golpe,

interpusera contra a minha violência — o grito estridente de uma criatura acuada, ou melhor, ferida, que por sua vez, em poucos segundos, foi completado por um grito sufocado meu. Agarrei o braço de minha colega: — Lá está ela, lá está ela!

A senhorita Jessel estava diante de nós na margem oposta exatamente como da outra vez, e eu lembro, estranhamente, como a primeira sensação que produziu em mim, de meu estremecimento de júbilo por ter obtido uma prova. Ela estava lá, e eu estava justificada; ela estava lá, e eu não era nem cruel nem louca. Ela estava lá para a pobre e apavorada sra. Grose, mas ela estava lá sobretudo para Flora; e nenhum outro momento desse monstruoso período de minha vida foi talvez tão extraordinário como esse em que eu conscientemente dirigi a ela — com a impressão de que, mesmo sendo um demônio pálido e faminto, ela a captaria e compreenderia — uma muda mensagem de gratidão. Ela estava ereta no lugar que minha amiga e eu há pouco havíamos deixado, e não havia, em todo o longo alcance de seu desejo, uma parcela ínfima de sua maldade que não atingisse o alvo. Essa primeira nitidez da visão e emoção foi coisa de poucos segundos, durante os quais a sra. Grose piscar aturdida os olhos voltados para onde eu apontava pareceu-me um sinal soberano de que ela também enfim via, e fez que no mesmo instante meus olhos se voltassem precipitadamente para a criança. A revelação da maneira em que Flora era afetada espantou-me, na verdade, bem mais do que se eu a encontrasse apenas agitada, pois um simples susto não era, claro, o que eu esperava. Preparada e em guarda como nossa busca na realidade a deixara, ela iria reprimir qualquer traição; fiquei portanto abalada, no mesmo instante, pelo meu primeiro relance de uma que em particular eu jamais esperara. Vê-la, sem nenhum terror em seu rostinho rosado, nem sequer fingindo olhar na direção do prodígio que eu anunciara, mas apenas, em vez disso, voltando para *mim* uma expressão de implacável e severa gravidade, uma expressão absolutamente nova e sem precedentes e que parecia ver através de mim e me acusar e me julgar — isso foi um golpe que de certa forma converteu a própria menininha na presença que podia me fazer estremecer. E estremeci mesmo se minha certeza de que ela inequivocamente via nunca tivesse sido maior do que naquele instante, e sentindo a necessidade premente de me defender chamei-a passionalmente para testemunhar. — Ela está lá, sua coisinha miserável; lá, lá, *lá*, e você a vê tão bem quanto me vê! — Eu dissera pouco antes à sra. Grose que nesses momentos ela

não era uma criança mas uma mulher velha, muito velha, e essa descrição dela não podia ser mais fortemente confirmada do que pela maneira na qual, como toda a sua resposta, ela simplesmente me mostrou, sem uma concessão, uma admissão, de seus olhos, um semblante em que mais e mais profunda era, e de fato subitamente fixou-se de vez, a sua reprovação. Eu estava a essa altura — se é que posso reconstituir a coisa toda — mais apavorada com o que poderia apropriadamente chamar a atitude dela do que com qualquer outra coisa, mesmo me dando conta, ao mesmo tempo, que eu teria também, e num grau formidável, a sra. Grose para enfrentar. De todo modo, minha companheira mais velha, no momento seguinte, encobriu tudo o que não fosse o seu próprio rosto afogueado e o seu chocado e sonoro protesto, uma explosão de total desaprovação. — Que comportamento mais horrível, faça-me o favor, senhorita! Onde afinal está vendo alguma coisa?

Só pude agarrá-la ainda com mais premência, pois mesmo enquanto ela falava a presença evidente e hedionda permanecia lá, sem perder nitidez e sem recuar. Já durara um minuto, e durou enquanto eu, apoderando-me de minha colega e praticamente forçando-a a olhar e a empurrando na direção dela, continuei a insistir apontando com a mão. — A senhora não a está vendo exatamente como *nós* a vemos? Está dizendo que não a vê agora, *agora* mesmo? Se ela está ali enorme como uma fogueira a arder! Apenas olhe, minha boa mulher, *olhe*! — Ela olhou, tanto quanto eu, e com um gemido profundo de negação, repulsa, compaixão, a mistura de sua pena com o alívio de estar isenta de ver, deu-me a impressão, comovente mesmo então, de que teria me apoiado se pudesse. E eu bem que teria precisado, pois com o duro golpe da prova de que seus olhos estavam irremediavelmente selados senti a minha própria situação se desmoronar horrivelmente; senti — vi — minha lívida predecessora, de seu posto, precipitando a minha derrota, e eu percebi, mais do que tudo, o que teria de enfrentar daquele momento em diante na espantosa atitude de Flora. A essa atitude a sra. Grose pronta e violentamente aderiu, prorrompendo, enquanto a minha sensação de ruína era atravessada por um prodigioso triunfo pessoal, em esbaforidas palavras para reassegurá-la.

— Ela não está lá, minha menina, não há ninguém lá, e você nunca vê coisa alguma, meu amor! Como poderia a pobre senhorita Jessel… se a pobre senhorita Jessel está morta e enterrada? *Nós* sabemos, não sabemos, meu amor? — e ela apelou, atabalhoadamente, à criança. — Tudo isso não

passa de um engano, um aborrecimento, uma bobagem; e nós vamos voltar para casa o mais rápido que pudermos!

Nossa companheira, diante disso, reagiu com uma estranha e instantânea afetação de decoro, e estavam as duas de novo, com a sra. Grose a seus pés, unidas, por assim dizer, em magoada oposição a mim. Flora continuou a me fitar com sua pequena máscara de reprovação, e no próprio instante pedi a Deus para me perdoar por ter achado que, ali agarrada firmemente à saia de nossa amiga, a sua incomparável beleza infantil subitamente sumira, desaparecera por completo. Eu já o dissera: ela estava literalmente, odiosamente implacável; tornara-se comum e quase feia. — Não sei o que a senhorita quer. Eu não vejo ninguém. Eu não vejo nada. *Nunca* vi. Acho que a senhorita é má. Não gosto da senhorita! — Então, depois desse desabafo, que poderia ter sido o de uma menininha de rua vulgar e atrevida, abraçou com mais força a sra. Grose e afundou nas saias dela seu desagradável rostinho. Nessa posição emitiu um lamento quase furioso. — Leve-me embora, leve-me embora! Oh, leve-me para longe *dela*!

— De *mim*? — perguntei sem fôlego.

— Da *senhorita*, sim, da senhorita! — ela gritou.

Até a sra. Grose me olhou com consternação; enquanto eu nada tinha a fazer a não ser me comunicar de novo com a figura que, na margem oposta, sem um movimento, tão rigidamente imóvel como se captasse, a distância, nossas vozes, estava tão vividamente ali para a minha desgraça quanto não estava para me servir. A desafortunada criança falara exatamente como se recebesse de uma fonte externa cada uma de suas pequenas palavras ferinas, e eu portanto só pude, em meio ao completo desespero de tudo o que teria de aceitar, balançar tristemente minha cabeça dirigindo-me a ela. — Se alguma dúvida cheguei a ter, agora não tenho mais nenhuma. Estive vivendo com a miserável verdade, e ela agora simplesmente me cercou de vez. É evidente que eu a perdi; eu interferi, e você encontrou, sob a direção *dela* — nesse momento mais uma vez encarei, do outro lado do lago, nossa infernal testemunha — o meio fácil e perfeito de reagir. Fiz o melhor que pude, mas eu a perdi. Adeus. — Para a sra. Grose eu tinha um imperativo, quase frenético “Vá, vá!", diante do qual, com infinita aflição, mas mudamente se apossando da menininha e claramente convencida, apesar de sua cegueira, que algo horrível

acontecera e alguma catástrofe nos engolfara, ela se retirou, pelo caminho que viéramos, o mais depressa possível.

O que em seguida aconteceu quando fiquei sozinha não ficou em minha memória. Apenas sei que ao fim de, imagino, um quarto de hora, uma fragrante umidade e aspereza, penetrando e arrepiando minha angústia, fez com que eu compreendesse que devia ter me atirado ao chão, de bruços, entregando-me a um selvagem desespero. Devo ter ficado lá muito tempo, chorando e soluçando, pois quando ergui minha cabeça o dia já quase terminara. Levantei-me e olhei por um momento, através do crepúsculo, o lago cinzento e sua margem vazia e assombrada, e então tomei, de volta a casa, o meu caminho melancólico e difícil. Quando cheguei ao portão na cerca o barco, para a minha surpresa, não estava mais lá, de modo que tive nova chance de refletir sobre o extraordinário domínio que Flora tivera da situação. Ela passou aquela noite, pelo mais tácito e, devo acrescentar, não fosse a palavra uma falsidade tão grotesca no caso, mais feliz dos arranjos, com a sra. Grose. Não vi nenhuma das duas ao voltar mas, por outro lado, como se em ambígua compensação, vi Miles de sobra. Eu o vi — não há outra frase que possa usar — de tal modo que era como se fosse muito mais do que até então. Nenhuma noite que eu passara em Bly tinha uma qualidade tão portentosa quanto aquela; e apesar disso — e apesar também das profundezas de consternação que tinham se aberto a meus pés — havia literalmente, real em seu refluxo, uma tristeza extraordinariamente doce. Ao chegar em casa eu nem mesmo procurei o menino; simplesmente fui direto ao meu quarto para trocar a roupa com que estava e perceber, num relance, suficiente testemunho material da ruptura de Flora. Seus pequenos pertences tinham sido todos removidos. Quando mais tarde, junto à lareira da sala de estudos, o chá me foi servido pela criada de sempre, permiti-me, quanto a meu outro aluno, não fazer qualquer pergunta que fosse. Ele tinha a liberdade dele agora — poderia ficar com ela até o fim! Bem, de fato ele a tinha; e consistiu — em parte ao menos — em sua chegada por volta das oito da noite e em deixar-se ficar ali comigo em silêncio. O serviço do chá sendo removido, eu apagara as velas e arrastara minha poltrona para mais perto do fogo: sentia um frio mortal e me parecia que nunca mais conseguiria me aquecer. Assim, quando ele surgiu, eu estava sentada com meus pensamentos à luz do fogo. Ele se deteve por um momento na porta como que para me olhar; então — como se para compartilhá-los — veio até o outro lado da lareira e

se afundou numa poltrona. Ficamos sentados em absoluto silêncio; no entanto ele queria, eu senti, ficar comigo.

XXI

Antes que um novo dia, em meu quarto, raiasse por inteiro, meus olhos se abriram para a sra. Grose, que viera até minha cama com notícias ainda piores. Flora estava tão notoriamente febril que uma doença talvez fosse iminente; passara uma noite de extrema perturbação, uma noite agitada por temores que tinham como objeto de forma alguma a preceptora anterior, mas tão somente a atual. Não era contra a possível reentrada em cena da srta. Jessel que ela protestava — era visível e intensamente contra a minha. Levantei imediatamente, claro, e com muito a perguntar; ainda mais que minha amiga tinha discernivelmente se preparado para me enfrentar mais uma vez. Percebi isso assim que tive de fazer a pergunta que colocaria para ela a sinceridade da criança contra a minha. — Ela persiste em negar para a senhora que viu, ou que alguma vez tenha visto algo?

A preocupação de minha visitante era, na verdade, grande. — Ah, senhorita, não é um assunto que eu possa insistir com ela! Contudo, devo dizer que não me parece necessário. O assunto a deixou, por inteiro, muito mais velha.

— Ah, posso imaginá-la perfeitamente daqui. Ficou ressentida, como se fosse uma figurinha da mais alta importância, com a imputação à sua honestidade e, por assim dizer, à sua respeitabilidade. "A senhorita Jessel, ora… *ela*!" Ah, ela é "respeitável", a danada! A impressão que ela me deu ontem foi, posso lhe assegurar, a mais estranha de todas; foi muito além de todas as outras. Eu *de fato* disse o que não devia! Ela nunca mais vai falar comigo.

Hediondo e obscuro como aquilo tudo era, fez com que a sra. Grose ficasse por um instante em silêncio; então ela me deu razão com uma franqueza que, seguramente, tinha mais por trás. — Eu acho que de fato, senhorita, nunca mais. Ela mostra uma atitude muito solene quanto a isso.

— E essa atitude — eu resumi — é na prática o problema com ela agora.

Ah, essa atitude, eu podia vê-la na face de minha visitante, e muito mais, além disso! — Ela me pergunta a cada três minutos se eu acho que a

senhorita está vindo.

— Entendo, entendo. — Eu também, por minha parte, já tinha compreendido tanto mais. — Ela disse à senhora, depois de ontem, exceto para repudiar sua familiaridade com algo tão horrível, uma única palavra que fosse sobre a senhorita Jessel?

— Nenhuma, senhorita. E claro, a senhorita sabe — minha amiga acrescentou —, ela me afirmou que, junto ao lago, pelo menos naquele lugar e naquela hora, não *havia* ninguém.

— Claro! E, naturalmente, a senhora acredita na afirmação dela.

— Não vou contradizê-la. O que mais posso fazer?

— Nada neste mundo! A senhora tem de lidar com a mais esperta das pessoinhas. Eles tornaram as crianças, me refiro aos dois amigos delas, ainda mais espertas do que a natureza já as fizera; pois eram um material excelente para se trabalhar! Flora tem agora a sua queixa, e vai levá-la até o fim.

— Sim, senhorita; mas *que* fim?

— Ora, o de entregar-me para seu tio. Ela me fará parecer a mais vil das criaturas para ele!

Estremeci ante a cena se mostrando na face da sra. Grose; por um instante, ela pareceu estar vendo nitidamente os dois juntos. — E ele que a tem em tão alto conceito!

— Ele tem um jeito bem estranho, me ocorre agora — tive de rir —, de provar isso! Mas isso não importa. O que Flora quer, claro, é se livrar de mim.

Minha companheira corajosamente concordou. mais nem mesmo vê-la.

— Então foi para isso que a senhora veio ter comigo — perguntei —, para que eu apresse minha partida? — Antes que ela tivesse tempo de responder, todavia, antecipei-me. uma ideia melhor, o resultado de minhas reflexões. Minha partida *pareceria* ser a coisa certa a fazer, e no domingo estive terrivelmente perto disso. No entanto, não vai resolver. É a *senhora* quem deve partir. A senhora deve levar Flora.

Minha visitante se pôs a especular. — Mas para onde neste mundo…?

— Longe daqui. Longe *deles*. Longe, até acima de tudo, agora, de mim. Direto para o tio dela.

— Apenas para que fale da senhorita a ele?

— Não, não “apenas”. Para deixar-me aqui, também, com meu remédio.

Ela ainda não compreendia. — E qual é o *seu* remédio?

— A sua lealdade, para começar. E depois a de Miles.

Ela me olhou fixamente. — A senhorita acha que ele…?

— Não irá, se tiver a chance, se voltar contra mim? Sim, ainda me aventuro a achar. Em todo o caso, quero tentar. Vá embora com a irmã dele o quanto antes e me deixe a sós com ele. — Eu mesma fiquei surpresa comigo, com a coragem que ainda tinha de reserva, e talvez por isso um tanto desconcertada com o quanto, apesar do belo exemplo, ela ainda hesitava. — Há mais uma coisa, claro — prossegui —, eles não devem, antes dela partir, se encontrar nem por três segundos. — Então me ocorreu que, apesar do presumível isolamento de Flora a partir do momento que voltou do lago, já poderia ser tarde demais. — A senhora quer dizer — perguntei ansiosamente — que eles *já* se encontraram?

Com isso ela ficou indignada. — Ah, senhorita, não sou tão tola assim! Se fui obrigada a deixá-la três ou quatro vezes, foram todas as vezes com uma das criadas, e no momento, embora esteja sozinha, está trancada e segura. Mas ainda assim, ainda assim… — Eram coisas demais.

— Ainda assim o quê?

— Bem, tem certeza mesmo quanto ao pequeno cavalheiro?

— Não tenho certeza de nada, a não ser quanto à *senhora*. Mas tenho, desde a noite de ontem, uma nova esperança. Acho que ele quer se abrir comigo. Acredito de verdade que o pobre menininho com seu singular infortúnio!… ele quer falar. Na noite passada, junto à lareira e em silêncio, ele ficou sentado comigo por duas horas como se estivesse a ponto de dizer algo.

A sra. Grose olhou, pela janela, ao dia cinzento que nascia. — E disse?

— Não, embora eu tivesse esperado e esperado, devo confessar que não, e foi sem quebrar o silêncio e sem nem mesmo a menor alusão à situação e ausência de sua irmã que enfim ele me deu boa-noite com um beijo. Ainda assim — continuei — não posso, se o tio deles vir a menina, consentir que veja o irmão sem antes eu ter dado ao menino, e em especial pelo fato de as coisas terem ficado tão ruins, um pouco mais de tempo.

Minha amiga pareceu quanto a isso mais relutante do que eu podia entender. — O que a senhorita quer dizer com mais tempo?

— Bom, um ou dois dias; realmente para ele poder falar. Ele então ficará do *meu* lado, algo cuja importância a senhora há de compreender. Se nada acontecer, eu apenas terei fracassado, e a senhora terá, na pior das

hipóteses, me ajudado fazendo, ao chegar na cidade, tudo o que achar possível. — Assim expliquei para ela, mas por um momento ela continuou tão inescrutavelmente constrangida que de novo fui em seu auxílio. — A menos que — arrematei — a senhora realmente *não* queira ir.

Pude ver seu rosto enfim se iluminar; estendeu sua mão como quem firma um pacto. — Eu vou, eu vou. Partirei esta manhã.

Eu queria ser bastante justa. — Se a senhora ainda *quiser* esperar, cuidarei para que ela não me veja.

— Não, não; é o próprio lugar. Ela precisa ir embora daqui. — Ela me olhou por um momento com seriedade, e disse o resto. — A sua ideia é a certa. Eu mesma, senhorita…

— Sim?

— Não posso ficar.

O olhar que ela me deu me fez considerar novas possibilidades. — A senhora quer dizer que, desde ontem, *viu*…?

Ela balançou a cabeça com dignidade. — Eu *ouvi*!

— Ouviu?

— Daquela criança, horrores! É isso! — ela suspirou com trágico alívio. — Por minha honra, senhorita, ela diz coisas… — Mas evocá-las foi demais para ela; deixou-se cair, com um repentino soluço, em meu sofá e, como eu já a vira fazer antes, deu vazão a todo o pesar da situação.

Foi de uma maneira bem diferente que eu, por minha parte, deixei escapar. — Ah, graças a Deus!

Ela se levantou imediatamente, enxugando os olhos com um gemido. — "Graças a Deus"?

— Isso me justifica inteiramente!

— E como, senhorita!

Eu não poderia ter desejado maior ênfase, mas hesitei. — Ela é tão horrível assim?

Vi minha colega mal sabendo como exprimi-lo. — Realmente chocante.

— E a meu respeito?

— A seu respeito, senhorita, já que me perguntou. É além da conta, para uma jovem dama; e não posso imaginar onde ela pode ter aprendido…

— As palavras estarrecedoras que usou sobre mim? Pois eu posso! — E dei uma risada que era sem dúvida significativa o bastante.

Na verdade, apenas deixou minha amiga ainda mais séria. — Bom, talvez eu também possa, pois já ouvi algumas delas antes! No entanto, não posso suportar — a pobre mulher continuou, enquanto no mesmo movimento deu uma olhada, na penteadeira, a meu relógio. — Mas preciso voltar.

Eu a retive, todavia. — Ah, se a senhora não pode suportar…!

— Como posso ficar com ela, é o que quer saber? Ora, justamente *por* isso: para levá-la daqui. Longe disso tudo — prosseguiu —, longe *deles*…

— Ela poderá ficar diferente? Ficar livre? — Eu a segurei quase com alegria. — Então, apesar de ontem, a senhora *acredita*…?

— Nessas coisas? — A sua simples descrição dela não exigia, em vista de sua expressão, ser levada muito adiante, e ela admitiu a coisa toda como nunca antes fizera. — .

Sim, foi uma alegria, e estávamos ainda unidas ombro a ombro; se eu pudesse continuar tendo certeza disso não precisaria mais me preocupar muito com o que quer que acontecesse. Meu apoio na presença do desastre iria ser o mesmo que havia sido quando, a princípio, precisava de confiança, e se minha amiga respondesse por minha honestidade eu poderia responder por todo o resto. Ainda assim, quando estava a ponto de despedir-me dela, fiquei um pouco embaraçada. — Há uma coisa, claro, que me ocorre que esquecemos. Minha carta, dando o alarme, terá chegado à cidade antes da senhora.

Eu agora percebia ainda mais o quanto ela se valera de circunlóquios e o quanto isso por fim a esgotara. — Sua carta não terá chegado. Sua carta nem foi enviada.

— O que aconteceu com ela?

— Só Deus sabe! O senhor Miles…

— A senhora quer dizer que *ele* a pegou? — perguntei, sem fôlego.

Ela não respondeu de imediato, mas acabou vencendo sua relutância. — Quero dizer que vi ontem, quando voltei com a senhorita Flora, que ela não estava onde a senhorita a deixara. Depois à noite tive ocasião de perguntar a Luke, e ele afirmou que nem a vira nem tocara nela. — Com isso, só podíamos trocar um de nossos olhares de profunda sondagem mútua, e foi a sra. Grose quem tirou o chumbo dessas profundezas com um quase exultante: — Veja só!

— Sim, estou vendo que se foi Miles quem a pegou ele provavelmente a leu e destruiu.

— E a senhorita não vê mais nada?

Eu a olhei por um momento com um sorriso triste. que agora os seus olhos estão bem mais abertos que os meus.

Provaram-se de fato estar, mas ela ainda podia ficar quase ruborizada, para demonstrá-lo. — Agora sei o que ele deve ter feito na escola. — E, em sua perspicácia humilde, fez com a cabeça um gesto de desilusão quase cômico. — Ele roubou!

Ponderei isso; tentei ser mais judiciosa. — Bem… talvez.

Ela me olhou como se me achasse inesperadamente calma. — Ele roubou *cartas*!

Ela não podia saber minhas razões para uma calma, afinal, bastante superficial; então expliquei-as como pude. que então tenha sido com mais proveito do que nesse caso. O bilhete, de todo modo, que deixei na mesa ontem — continuei — lhe deu tão pouca vantagem, pois tudo o que continha era apenas o pedido de uma entrevista, que ele já deve estar muito envergonhado de ter ido tão longe por tão pouco, e o que ele tinha em mente ontem à noite foi precisamente essa necessidade de confessar. — Pareceu-me então que eu tinha dominado, compreendido tudo. — Deixe-nos, deixe-nos — eu já estava na porta, apressando-a a partir. — Eu farei que ele conte tudo. Ele me procurará, ele confessará. Se ele confessar, estará salvo. E se estiver salvo…

— …então a *senhorita* estará? — A boa mulher beijou-me ao dizer isso, e aceitei sua despedida. — Eu a salvarei sem ele! — bradou ao sair.

XXII

No entanto foi quando ela partiu — e senti sua falta no mesmo instante — que o grande aperto realmente veio. Se eu imaginara como seria ficar sozinha com Miles, mais que depressa descobri que isso me dava uma noção. De fato, nenhuma hora da minha estadia fora tão tomada de apreensões como aquela em que desci e fiquei sabendo que a carruagem com a sra. Grose e minha aluna mais jovem já tinha passado pelos portões. Agora eu *estava*, disse a mim mesmo, face a face com a tempestade iminente, e por uma boa parte do resto do dia, enquanto eu lutava contra minha fraqueza, só pude achar que tinha sido supremamente temerária. Era um lugar ainda mais opressivo o que eu agora percorria; ainda mais porque, pela primeira vez, eu podia ver no aspecto dos outros um confuso

reflexo da crise. O que acontecera naturalmente deixara-os todos perplexos; havia muito pouco de explicado, excluído tudo o que podíamos, no repentino ato de minha colega. As criadas e os empregados pareciam estupefatos; o efeito disso exauriu meus nervos até eu perceber a necessidade de fazer disso um auxílio positivo. Foi precisamente, em suma, por ter agarrado o leme que pude evitar o naufrágio total; e ouso dizer que, para suportar tudo aquilo, tornei-me, naquela manhã, muito altiva e muito seca. Aceitei de bom grado a consciência de que eu estava encarregada de muito o que fazer, e fiz saber a todos também que, tendo sido tudo deixado por minha conta, eu seria notavelmente firme. Andei com essa atitude, por uma ou duas horas, por todo o lugar e parecia, não tenho dúvida, preparada para o que desse e viesse. Assim, para o benefício de quem pudesse interessar, eu desfilava altiva com o coração angustiado.

A pessoa a quem menos isso pareceu interessar foi, até o almoço, o próprio Miles. Minhas perambulações não me deram, enquanto isso, nenhum relance dele, mas tendiam a tornar mais pública a mudança que ocorrera em nossa relação em consequência dele, ao piano, no dia anterior, ter me mantido, no interesse de Flora, tão seduzida e enganada. O anúncio, claro, fora dado por inteiro pelo isolamento e a partida dela, e a mudança em si foi introduzida pela nossa não observância do hábito regular dos estudos. Ele já tinha desaparecido quando, antes de descer, abri a porta dele, e soube embaixo que ele tomara café da manhã — na presença de um par de criadas — com a sra. Grose e a irmã dele. Ele então saíra, conforme dissera, para dar uma volta; e nada poderia exprimir melhor, concluí, sua visão franca da transformação de meu ofício. No que ele iria agora permitir que este consistisse ainda estava para ser resolvido: havia um estranho alívio, em todo o caso — digo em especial para mim — na renúncia a uma pretensão. Se tanto brotara à superfície, não será exagero afirmar que o que brotou mais alto foi o absurdo de prolongarmos a ficção de que eu ainda tinha algo a lhe ensinar. Ficava evidente que, por pequenas manobras tácitas em que ele ainda mais do que eu se encarregava de zelar por minha dignidade, eu tinha tido de recorrer a ele para ser poupada do esforço de enfrentá-lo no terreno de sua própria capacidade. De qualquer modo, ele tinha a sua liberdade agora; eu jamais poderia voltar a tolhê-la; como eu deixara muito claro, além disso, quando, ao se juntar a mim na sala de estudos na noite anterior, não fiz, quanto ao intervalo decorrido, nenhuma pergunta ou alusão. Ocupavam-me demais, a partir daquele

momento, minhas outras ideias. No entanto, quando ele por fim chegou, a dificuldade de colocá-las em prática, a saturação de meu problema, ficaram diretamente claras quando me deparei com a bela pequena presença em que o que ocorrera não deixara, visivelmente, nem mancha nem sombra.

Para indicar, para a casa, o estado altivo que eu cultivava, decretei que todas as minhas refeições com o menino deveriam ser servidas no andar de baixo, como dizíamos; de modo que eu estivera esperando na portentosa pompa da sala em que do lado de fora da janela eu tivera da sra. Grose, naquele primeiro domingo assustador, um lampejo de algo que dificilmente se poderia chamar de luz. Ali de novo senti — pois já sentira incontáveis vezes — o quanto meu equilíbrio dependia do triunfo de minha vontade inflexível, a vontade de cerrar o mais firme possível meus olhos para a verdade de que aquilo com o que eu tinha de lidar era, revoltantemente, contra a natureza. Só poderia prosseguir pondo a "natureza" a meu lado e nela depositando minha confiança, tratando minha monstruosa provação como um impulso numa direção incomum, claro, e desagradável, mas exigindo, afinal, para um confronto justo, apenas uma outra volta do parafuso da virtude humana comum. Nenhuma tentativa, ainda assim, poderia requerer maior tato do que esta de prover, por conta própria, *toda* a natureza. Como poderia eu colocar um pouco que fosse de natural na supressão da referência ao que ocorrera? Como, por outro lado, poderia fazer a referência sem outro mergulho na hedionda obscuridade? Bem, uma espécie de resposta, depois de um tempo, me ocorreu, e foi até certo ponto confirmada quando me deparei, incontestavelmente, com uma visão renovada do que havia de raro em meu pequeno companheiro. Era de fato como se ele tivesse descoberto mesmo agora — como tantas vezes descobrira nas aulas — ainda uma outra delicada maneira de me deixar à vontade. Pois não havia luz no fato que, ao compartilharmos nossa solidão, mostrou-se com um brilho ostensivo com o qual até então jamais aparecera? — o fato que (a oportunidade ajudando, a oportunidade preciosa que agora tínhamos) seria absurdo, com uma criança tão dotada, privar-se da ajuda que se poderia obter de uma inteligência tão absoluta? Para que lhe fora dada a sua inteligência a não ser para salvá-lo? Não seria o caso, para atingir sua mente, de arriscar o uso de um pouco de força sobre o seu caráter? Foi como se, quando nos vimos face a face na sala de jantar, ele literalmente me mostrasse o caminho. O carneiro assado estava

sobre a mesa, e eu dispensara as criadas. Miles, antes de sentar, ficou um momento com as mãos nos bolsos olhando para o prato, como se fosse fazer um comentário jocoso sobre ele. Mas o que ele de fato acabou dizendo foi: — Diga, minha querida, ela está realmente tão doente assim?

— A pequena Flora? Não tanto que não vá logo melhorar. Londres fará com que ela se recupere. Bly não estava mais lhe fazendo bem. Venha pegar seu prato com carneiro.

Ele prontamente obedeceu, levou o prato cuidadosamente para seu lugar e, assim que se acomodou, prosseguiu. — Bly passou a lhe fazer mal assim tão de repente?

— Não tão de repente quanto possa lhe parecer. Dava para ver que isso ia acontecer.

— Então por que não a mandou embora antes?

— Antes do quê?

— Antes que ficasse doente demais para viajar.

Eu estava preparada. — Ela *não* estava doente demais para viajar; só teria ficado se continuasse aqui. Esse foi o momento oportuno. A viagem vai dissipar a influência — ah, que dignidade a minha! — e a fará passar.

— Sei, sei. — Miles, por sua vez, também manteve a dignidade. Ele se pôs a comer com suas encantadoras "maneiras à mesa" que, desde o dia em que cheguei, me dispensaram da rudeza de qualquer admoestação. O que quer que o tenha feito ser mandado embora da escola, com certeza não foi não portar-se bem à mesa. Mostrava-se irrepreensível, como sempre, naquele dia; mas inequivocamente de uma maneira mais consciente. Estava visivelmente tentando tomar por garantidas mais coisas do que era, sem ajuda, fácil para ele; e deixou-se ficar em plácido silêncio enquanto avaliava sua situação. Nossa refeição foi das mais breves — a minha um inútil fingimento, e fiz com que tirassem a mesa imediatamente. Enquanto isso acontecia Miles ficou de novo de pé com as mãos nos bolsos e de costas para mim — olhando pela mesma ampla janela através da qual, naquele outro dia, eu vira o que me desconcertara. Continuamos em silêncio enquanto a criada estava conosco — um silêncio, ocorreu-me absurdamente, similar ao de um jovem casal que em sua viagem de núpcias fica constrangido, no hotel, com a presença do garçom. Ele se voltou apenas quando o garçom nos deixou. — Bem, então agora estamos a sós!

XXIII

Ah, mais ou menos — imagino que meu sorriso tenha sido amarelo. — Não completamente. Não iríamos gostar disso! — continuei.

— Não, suponho que não. Mas claro, há os outros.

— Há os outros, há de fato os outros — concordei.

— Mas mesmo havendo os outros — ele retrucou, ainda com as mãos nos bolsos e ali de pé na minha frente —, eles não contam muito, não é?

Fiz o melhor que pude, mas me senti sem forças: — Depende do que você chama de "muito".

— Sim — todo aquiescente —, tudo depende! — Contudo, depois disso, voltou-se para a janela de novo e em seguida foi até ela com seus passos indecisos, inquietos, medidos. Permaneceu ali algum tempo, com a testa apoiada na vidraça, contemplando os arbustos estúpidos que eu sabia ali e a paisagem monótona de novembro. Eu sempre tinha a hipocrisia de meu "trabalho" e, por trás dela, instalei-me no sofá. Firmando-me ali com ele como repetidamente fizera naqueles momentos de tormento que descrevi como os momentos em que sabia que as crianças estavam entregues a algo do qual eu estava excluída, obedeci devidamente ao meu hábito de preparar-me para o pior. Mas uma extraordinária impressão me ocorreu quando eu extraía algum significado das costas embaraçadas do menino — nada mais, nada menos que a impressão de que naquele momento eu não estava excluída. Essa inferência assumiu em alguns minutos uma intensidade aguda e parecia vinculada à percepção direta de que decididamente era *ele* o excluído agora. As esquadrias e os quadrados da ampla janela eram uma espécie de imagem, para ele, de um tipo de fracasso. Senti que o via, de todo modo, fechado do lado de dentro ou do lado de fora. Sua reação era admirável, mas desconfortável: percebi isso com um frêmito de esperança. Não estava ele procurando, através da vidraça mal-assombrada, algo que não podia ver? — e não era essa a primeira vez na história toda que ele se defrontava com um lapso? A primeira, a primeiríssima: considerei isso um esplêndido presságio. Deixava-o ansioso, embora ele se controlasse; estivera ansioso o dia todo e, mesmo quando de seu jeito doce usual sentou-se à mesa, precisou de todo seu peculiar pequeno talento para disfarçar. Quando por fim se voltou para me encarar foi quase como se esse talento tivesse sucumbido. — Bem, acho que fico contente por Bly não fazer mal para *mim*!

— Você parece certamente ter tido a chance, nessas vinte e quatro horas, de ver bem mais de Bly do que qualquer outra vez antes. Espero — prossegui corajosamente — que você tenha se divertido.

— Oh, sim, nunca fui tão longe; tudo em volta, quilômetros e quilômetros daqui. Nunca me senti tão livre.

Ele realmente tinha um jeito todo dele, e eu só podia tentar acompanhá-lo. — Bem, e você gosta disso?

Ficou ali sorrindo; então por fim pôs em três palavras — A *senhorita* gosta? — mais significado que eu jamais ouvira três palavras conterem. Antes que tivesse tempo de lidar com isso, no entanto, ele continuou como se percebendo que aquela era uma impertinência a ser atenuada. — Nada poderia ser mais encantador do que o modo como a senhorita encara a situação, pois se agora estamos sozinhos é claro que a senhorita é quem fica mais só. Mas eu espero — acrescentou — que não se importe muito!

— De estar com você? — perguntei. — Meu querido menino, como posso deixar de me importar? Embora tenha renunciado a exigir sua companhia… você está tão além de mim!… é claro que ela me agrada imensamente. Qual outra razão haveria para eu ter ficado aqui?

Ele me olhou mais diretamente, e a expressão de sua face, mais grave agora, pareceu-me a mais bonita que já vira nela. — A senhorita ficou só por *isso*?

— Certamente. Fiquei como sua amiga e pelo enorme interesse que tenho por você, até que se possa fazer alguma coisa por você que esteja mais a sua altura. Isso não precisaria surpreendê-lo. — Minha voz tremia tanto que me pareceu impossível suprimir o tremor. — Você não lembra como eu lhe disse, quando fui sentar em sua cama na noite daquela tempestade, que não havia nada no mundo que eu não faria por você?

— Sim, sim! — Ele, por sua parte, mais e mais visivelmente nervoso, também tinha de controlar sua voz; mas ele foi tão mais bem-sucedido do que eu que pôde, rindo em meio a sua seriedade, fingir que estávamos prazerosamente brincando. — Só que aquilo, acho, era apenas para conseguir que eu fizesse algo para a *senhorita*!

— Em parte era para conseguir que você fizesse algo — admiti. — Só que, você sabe, você não fez.

— Ah, sim — ele disse com a mais viva animação superficial —, a senhorita queria que eu lhe dissesse algo.

— É isso. Direto, bem direto. O que lhe passa pela cabeça, sabe.

— Ah, então foi por *isso* que a senhorita ficou aqui?

Ele falou com uma alegria através da qual eu podia entretanto captar um tremor mínimo do seu ressentimento; mas nem sei como começar a exprimir o efeito sobre mim dessa sua insinuação, mesmo tão leve, de sua rendição. Era como se o que eu ansiara tanto viera apenas para me deixar atônita. — Bom, sim; acho que posso dizê-lo abertamente. Foi por isso mesmo.

Ele esperou tanto tempo que supus que fosse com o propósito de repudiar a pressuposição sobre a qual minha ação se baseara; mas o que ele finalmente disse foi: — A senhorita quer dizer… agora, e aqui?

— Não poderia haver melhor lugar ou hora. — Ele olhou em volta com desconforto, e tive a rara, e tão estranha!, impressão de ver nele o primeiro sintoma da aproximação de um medo imediato. Era como se subitamente ele estivesse com medo de mim; o que me fez pensar que de fato talvez fosse a melhor coisa a infundir-lhe. No entanto, na própria agonia do esforço de tentar ser severa senti que era em vão, e me ouvi no instante seguinte sendo tão gentil que quase soou grotesco: — Você quer tanto assim sair de novo?

— Demais! — Ele me sorriu heroicamente, e a delicada e comovente coragem disso foi intensificada por ele ruborizar-se com a aflição. Tinha pegado o seu chapéu, que trouxera, e ficou torcendo-o de uma maneira que me provocou, mesmo estando quase chegando ao porto, um horror perverso do que eu estava fazendo. Fazer aquilo, de *qualquer* maneira que fosse, era um ato de violência; afinal, no que mais consistia se não na imposição de ideias de vulgaridade e culpa a uma criaturinha indefesa que tinha sido para mim a revelação das possibilidades de um belo relacionamento? Não seria vil criar para um ser tão singular um constrangimento a ele tão alheio? Suponho que agora leio em nossa situação uma clareza que não poderia ter tido na época, pois fico com a impressão de ver nossos pobres olhos iluminados por alguma fagulha premonitória da angústia que estava por vir. De modo que girávamos em círculo, com terrores e escrúpulos, como dois lutadores que não ousavam se atracar. Mas era pelo outro que cada um de nós temia! Isso nos manteve um pouco mais de tempo em suspenso e incólumes. — Vou lhe contar tudo — Miles disse —, quer dizer, contarei tudo o que a senhorita quiser. A senhorita ficará comigo, e vamos os dois ficar muito bem e *vou* lhe contar, *vou* mesmo. Mas não agora.

— Por que não agora?

Minha insistência fez com que ele se afastasse de mim e ficasse uma vez mais junto a sua janela num silêncio em que seria, entre nós, possível ouvir um alfinete caindo. Então ele estava de novo a minha frente com o ar de uma pessoa que tinha, do lado de fora, alguém com quem precisava se entender à espera. — Preciso falar com Luke.

Eu ainda não o havia reduzido a uma mentira tão vulgar, e me senti proporcionalmente envergonhada. Mas, por mais horrível que fosse, suas mentiras consolidavam minha verdade. Dei, pensativa, mais alguns pontos em meu tricô. — Bem, vá lá falar com Luke então, que ficarei esperando o que você prometeu. Mas, em troca disso, queria que você satisfizesse, antes de sair, um pedido muito menos importante.

Ele pareceu como se bem-sucedido o suficiente para poder se permitir ainda alguma barganha. — Muito menos importante…

— É, uma pequena fração do todo. Diga-me — oh, como meu tricô me preocupava, e eu estava sendo casual! — se, ontem à tarde, da mesa do hall, você pegou, sabe, a minha carta.

XXIV

Minha percepção de como ele recebeu essas palavras foi prejudicada por um minuto por algo que só posso descrever como uma feroz divisão de minha atenção — um golpe que a princípio, ao levantar-me precipitadamente, reduziu-me ao cego movimento de tomá-lo em meus braços, aproximando-o de mim e, enquanto procurava apoio no móvel mais próximo, instintivamente mantê-lo com as costas para a janela. Estava inteira diante de nós a aparição com a qual eu já tivera de lidar ali mesmo: Peter Quint surgira à vista como uma sentinela guardando uma prisão. O que em seguida vi foi como, do lado de fora, ele chegara até a janela, e então soube que, rente ao vidro e nos fitando fixamente, mais uma vez ele oferecia à sala sua lívida face de danação. Dizer que no mesmo segundo tomei minha decisão é representar toscamente o que se passou em meu íntimo ao vê-lo; no entanto acredito que nenhuma outra mulher em situação tão extrema conseguiu recobrar tão rápido o domínio da *ação*. Ocorreu-me ante o próprio horror da presença imediata que a ação deveria ser, vendo e enfrentando o que via e enfrentava, não deixar que o menino tomasse consciência. A inspiração — não posso lhe dar

nenhum outro nome — foi eu ter percebido quão voluntariamente, quão transcendentalmente, eu *podia* fazê-lo. Era como lutar contra um demônio por uma alma humana, e quando eu pude avaliar a situação vi como a alma humana — segura, no tremor de minhas mãos, na distância do braço — tinha uma fina camada de suor numa adorável testa infantil. A face tão próxima de mim estava tão branca quanto a da vidraça, e dela veio um som, nem baixo nem fraco, mas como se de muito longe, que eu sorvi como uma nuvem de perfume.

— Sim; eu peguei.

Ao ouvir isso, com um gemido de júbilo, estreitei-o, abracei-o forte; e enquanto o mantinha junto ao peito, onde podia sentir na súbita febre de seu corpinho o pulso intenso de seu pequeno coração, mantive meus olhos na coisa na janela e vi que ela se movia e mudava de posição. Comparara-a a uma sentinela, mas seu movimento vagaroso, por um momento, fez com que parecesse mais uma fera frustrada em sua espreita. Minha coragem naquele momento era tanta que, para não demonstrá-la demasiado, tive que, por assim dizer, atenuar sua chama. Enquanto isso o olhar penetrante daquela face estava de novo na janela, o canalha imóvel ali, a vigiar e esperar. Foi toda a confiança de que eu podia agora desafiá-lo, bem como a certeza definida, por enquanto, de que a criança nada percebia, que me fez prosseguir. — Para que você a pegou?

— Para ver o que a senhorita dizia sobre mim.

— Você abriu a carta?

— Eu a abri.

Meus olhos estavam agora, ao de novo afastá-lo um pouco de mim, na face de Miles, onde o colapso da dissimulação mostrava quão completa era a devastação da inquietude. O que era prodigioso era que enfim, pelo meu êxito, seus sentidos estavam selados e a comunicação interrompida: ele sabia que estava em presença de algo, mas não sabia do quê, e sabia ainda menos que eu também estava e que eu sabia do quê. E o que importava essa angústia quando meus olhos voltaram para a janela apenas para ver que o ar estava limpo de novo e — graças a meu triunfo pessoal — a influência extinta? Não havia nada lá. Senti que minha causa estava ganha e eu com certeza iria conseguir *tudo*. — E você não achou nada! — exclamei exultante.

Ele balançou a cabeça do jeito mais melancólico e cabisbaixo. — Nada.

— Nada, nada! — quase gritei em meu júbilo.

— Nada, nada — ele repetiu tristemente.

Beijei sua testa; estava banhada de suor. — E o que você fez com ela?

— Eu a queimei.

— Queimou-a? — Era agora ou nunca. — Foi isso o que você fez na escola?

Ah, o que isso trazia à tona! — Na escola?

— Você pegou cartas? Ou outras coisas?

— Outras coisas? — Ele parecia estar pensando em algo muito remoto, e isso só o alcançou pela pressão de sua ansiedade. No entanto, o alcançou. — Quer saber se eu *roubei*?

Senti-me ruborizar até as raízes de meus cabelos, pensando se o que era mais estranho era fazer tal pergunta a um cavalheiro ou vê-lo recebendo-a com uma indulgência que dava o preciso tamanho de sua queda no mundo. — Foi por isso que você não podia voltar?

A única coisa que ele sentiu foi uma ligeira surpresa, um tanto triste: — A senhorita sabia que eu não podia voltar?

— Eu sei tudo.

Ao ouvir isso, deu-me um olhar dos mais demorados e estranhos. — Tudo?

— Tudo. Mas então, *você*… — Mas não pude dizer a palavra de novo.

Miles pôde, com simplicidade. — Não. Eu não roubei.

Minha expressão deve ter-lhe mostrado que eu acreditava sinceramente nele; contudo minhas mãos — mas era por pura ternura — chacoalhavam-no como se para perguntar-lhe por quê, se fora tudo a troco de nada, ele me condenara a meses de tormento. — O que foi então que você fez?

Com uma dor indefinível ele olhou para todo o teto da sala e respirou fundo duas ou três vezes, como que com dificuldade. Ele poderia estar no fundo do mar e erguendo os olhos para alguma débil claridade esverdeada. — Bem… eu disse coisas.

— Só isso?

— Eles acharam que era o bastante!

— Para expulsá-lo?

Nunca, de verdade, uma pessoa “expulsa" pareceu ter tão pouco a explicar como aquela pessoinha! Ele pareceu ponderar a minha questão,

mas de uma maneira um tanto alheia e quase desamparada. — Bom, suponho que não devia ter feito isso.

— Mas para quem você as disse?

Ele evidentemente tentou lembrar, mas desistiu; e se viu perdido. — Eu não sei!

Quase sorriu para mim na desolação de sua rendição, que a essa altura era praticamente tão completa que eu devia ter parado por aí. Mas eu estava apaixonada, cega pela vitória, embora o efeito dela, que deveria ser trazê-lo para muito mais perto, já estava sendo naquele momento mesmo um aumento de seu distanciamento. — Foi para todo mundo? — perguntei.

— Não, foi só para… — mas balançou a cabeça desconsolado. — Não lembro os nomes deles.

— Foram tantos assim, então?

— Não: só alguns. Aqueles de quem eu gostava.

Aqueles de quem ele gostava? Tive a impressão de flutuar não para a claridade, mas para uma maior obscuridade, e decorrido um minuto o que em minha compaixão me ocorreu foi a assombrosa possibilidade de que ele talvez fosse inocente. Foi naquele momento algo desconcertante e insondável, pois se ele *fosse* inocente, o que diabos *eu* seria? Paralisada, enquanto durou, pelo simples aflorar da questão, deixei-o afastar-se de mim um pouco, de modo que, com um suspiro profundo, ele de novo me deu as costas; o que, enquanto ele ficou de frente para a janela vazia, me fez sofrer, quando me dei conta de que eu nada tinha agora do que protegê-lo. — E eles repetiram o que você disse? — continuei depois de um instante.

Ele logo estava a certa distância de mim, ainda com a respiração ofegante e de novo com o ar, embora agora sem raiva, de alguém sendo retido contra a vontade. Mais uma vez, como fizera antes, olhava para a claridade opaca do dia como se, do que antes o sustentara, nada restasse a não ser uma inefável ansiedade. — Ah, sim — mesmo assim respondeu —, devem ter repetido. Para aqueles de quem *eles* gostavam — acrescentou.

Havia, de algum modo, bem menos naquilo tudo do que eu esperava; mas fui adiante. — E essas coisas chegaram aos ouvidos…?

— Dos professores? Ah, sim — ele respondeu com muita simplicidade. — Mas eu não sabia que eles iam contar.

— Os professores? Eles não… nunca contaram. É por isso que estou lhe perguntando.

Ele voltou de novo para mim seu belo rostinho febril. foi uma coisa muito má.

— Muito má?

— O que acho que às vezes eu dizia. Para escrever para casa.

Não sei descrever a intensa e patética contradição que havia entre essas palavras e quem as proferia; só sei que no instante seguinte me ouvi exclamar com um vigor familiar: — Que bobagem! — Mas imediatamente depois devo ter soado severa o bastante. — O que *eram* essas coisas?

Minha severidade era toda dirigida para seu juiz, seu carrasco; mas teve o efeito de afastá-lo de novo, e esse movimento fez com que *eu*, num único salto e com um grito irreprimível, me precipitasse sobre ele. Pois de novo estava ali, contra a vidraça, como que para arruinar sua confissão e impedir sua resposta, o hediondo autor de nosso infortúnio — a face lívida da danação. Senti uma vertigem com a ruína de minha vitória e toda a volta de minha batalha, de modo que o ímpeto de meu pulo serviu apenas como uma grande traição. Eu o vi, em meio a meu ato, tentando adivinhar a sua razão, e quando percebi que agora ele só fazia suposições, e que a janela ainda estava aos olhos dele livre, deixei que meu arrebatamento convertesse o clímax de sua consternação na própria prova de sua libertação. — Nunca mais, nunca mais, nunca mais! — gritei, enquanto tentava mantê-lo junto a mim, para meu visitante.

— Ela está *aqui*? — Miles ofegou ao seguir a direção de minhas palavras com seus olhos selados. Então, como seu estranho “ela" me espantara e, num grito sufocado, o ecoei, — A senhorita Jessel, a senhorita Jessel! — ele com uma súbita fúria me devolveu.

Compreendi, estupefata, a sua suposição — alguma continuação do que tínhamos feito com Flora, mas isso só me fez querer mostrar a ele que era ainda melhor que isso. — Não é a senhorita Jessel! Mas está na janela, bem na nossa frente. Está *ali*, o monstro covarde, pela última vez!

Ouvindo isso, depois de um segundo no qual sua cabeça fez o movimento de um cão que perdeu sua pista e em seguida balançou-se freneticamente em busca de ar e luz, ele se voltou contra mim lívido de raiva, aturdido, olhando inutilmente para todos os lados e não

encontrando, ainda que para mim ela agora enchesse a sala como o gosto de um veneno, a enorme, opressora presença. — É *ele*?

Eu estava tão determinada a obter toda a prova que fui glacial ao desafiá-lo: — Quem você quer dizer com "ele"?

— Peter Quint… seu demônio! — seu rosto dirigiu de novo, a toda a sala em volta, sua convulsa súplica: — *Onde?*

Ainda ressoam em meus ouvidos, sua suprema rendição ao dar o nome e seu tributo à minha devoção. — O que importa agora, meu bem? Que importância poderá ter de agora em diante? *Você é meu* agora — e desferi à fera —, mas ele o perdeu para sempre! — Então, como demonstração de meu serviço — Ali, *ali*! — eu disse a Miles.

Mas ele já se voltara bruscamente, fitando, fixando os olhos, e nada vendo a não ser o dia tranquilo. Com o golpe dessa perda de que eu tanto me orgulhava, ele soltou o grito de uma criatura lançada num abismo, e o gesto com que o recuperei bem podia ter sido o de o segurar em sua queda. Eu o segurei, sim, eu o abracei — é fácil imaginar com que paixão; mas ao fim de um minuto comecei a sentir o que era realmente que eu abraçava. Estávamos a sós com o dia tranquilo, e seu pequeno coração, despossuído, tinha parado.

O. Henry

O. Henry, pseudônimo de William Sidney Porter (1862–1910), teve uma infância e uma vida atribuladas, até se estabelecer como um dos primeiros (e um dos mais populares) escritores profissionais norte-americanos. Depois de perder a mãe aos três anos, passou a viver com a avó materna, em cuja casa conheceria a ficção popular e a literatura clássica. Aos dezessete anos, tornou-se funcionário de seu tio, dono de uma drogaria, e aos dezenove obteve uma licença de farmacêutico. Mudou-se em 1882 de Greensboro, sua cidade natal, na Carolina do Norte, para La Sale Count, Texas, onde exerceria uma série de profissões. É quando passa a escrever com mais regularidade. Segue depois para Austin, onde manteria uma intensa vida social, integrando grupos de teatro e música, cantando e tocando violão e bandolim. Casa-se em 1887 com Athol Estes, com quem teria um filho, morto aos poucos meses, e uma filha. O. Henry já colaborava então com revistas e jornais locais, como autor de histórias curtas, enquanto trabalhava no First National Bank para manter a família. Em 1894, foi demitido sob acusação de apropriação indébita. É processado e condenado em 1896. Foge para Honduras, e passa vários meses em Tegucigalpa, retornando a Austin no ano seguinte, ao saber que sua mulher estava gravemente doente (sofria de tuberculose), e apresentando-se à justiça. Condenado a cinco anos, foi enviado à penitenciária de Ohio em março de 1898 e libertado por bom comportamento em 1901. Muda-se então para Nova York, onde viveria o período áureo de sua carreira, tornando-se um dos mestres das histórias curtas da literatura americana e o primeiro grande cronista da “capital do século ”.

Os dez contos aqui reunidos, integrantes de diversos volumes de histórias curtas de O. Henry, representam amplamente seu estilo e sua temática peculiares. “A última folha”, “Mammon e o cupido”, “O sótão” e “O cliente da cidade dos cactos” são fábulas modernas em que a realidade se desdobra para satisfazer, surpreendente e generosa (ou surpreendentemente generosa), os pequenos grandes desejos humanos; “Perdido no desfile de modas”, “Vinte anos depois”, “Reabilitação e regeneração” e “Uma questão de altitude”, ao contrário, demonstram como

tudo pode trair todos os planos e todas as intenções. O mesmo caso, de certo modo, de “O policial e o hino da igreja”, em que um vagabundo deseja ser preso para se safar de suas circunstâncias, sem imaginar como o acaso tornará difícil seu objetivo. Por fim, “Histórias de uma nota ilícita de dez dólares” descreve o dia a dia da grande metrópole moderna do ponto de vista privilegiado — prático, social e comportamental — de sua incomum narradora.

Tradução Márcio Roberto P. da Silva.

A última folha

Parte 1

Em um pequeno e antigo distrito de Nova York, a oeste da praça Washington, denominado Greenwich Village, as ruas ao longo do tempo parecem ter enlouquecido e se partido em pequenos trechos, denominados "travessas". Essas travessas fazem estranhos ângulos e curvas. Uma rua pode dar voltas e cruzar a si mesma uma ou duas vezes. Até que, um dia, o primeiro artista descobriu uma possibilidade valiosa nesta rua e a notícia correu.

Assim, para o velho e exótico Greenwich Village, logo rumaram artistas para vasculhar, caçar imóveis com janelas de face norte e cumeeiras do século xviii; áticos holandeses da época da colonização, anteriores à dominação dos ingleses; e aluguéis baixos. Na sequência, eles trouxeram canecos de estanho e um ou dois rescaldeiros[1] da Sexta Avenida, e se tornaram uma "colônia".

Com tantos artistas em atuação, imagine um cobrador, que ao caminhar por essa rua com uma cobrança de venda de tintas, papéis e telas, volta repentinamente ao ponto de partida, sem conseguir receber sequer um centavo!

Na cobertura de um atarracado edifício de tijolos vermelhos de três andares, Sue e Johnsy montaram seu estúdio. "Johnsy" era o apelido diminutivo de Joanna. Sue era do Maine; Johnsy da Califórnia. Elas se conheceram no *table d'hôte*[2] do restaurante Delmonico's na rua Oito, e descobriram que, em termos de arte, salada de chicória e mangas compridas, tinham os mesmos gostos, e daí resultou um estúdio comum para ambas.

Parte 2

Isso aconteceu em maio. No mês de novembro, um estranho e desconhecido frio, que os médicos denominavam Pneumonia, andou pela colônia, tocando um aqui e outro ali com seus dedos gelados. No lado leste, esse destruidor andava audaciosamente a passos largos, golpeando

suas vítimas às dezenas; porém, seus pés caminhavam mais lentamente através do labirinto de travessas estreitas e cobertas de limo daquele bairro. O sr. Pneumonia não era o que poderia se chamar de um gentil cavalheiro idoso.

Johnsy era um pingo de mulher tão pequena, com o sangue afinado pelos zéfiros[3] da Califórnia, que dificilmente perderia para este velho incompetente, de respiração curta e pulsos vermelhos. Mas ele a golpeou; e ela caiu de cama, praticamente imóvel, em seu leito de ferro pintado, olhando, através da pequena e antiga vidraça holandesa, para a parede de tijolos vermelhos do prédio vizinho.

Certa manhã, o ocupado médico que veio atendê-la chamou Sue para o hall de entrada, olhando-a com suas sobrancelhas grisalhas e emaranhadas.

"Ela tem uma chance em, digamos, dez," disse ele, enquanto sacudia o termômetro para que a coluna de mercúrio recuasse. "E essa chance existe apenas se ela quiser viver. Esta mania que as pessoas têm de se alinhar ao lado do agente funerário faz a farmacopeia toda parecer uma bobagem. Sua pequena amiga decidiu, em sua mente, que não vai ficar curada. Ela tem alguma coisa que a preocupa?"

"Ela, ela sonhava um dia pintar a baía de Nápoles," disse Sue.

"Pintar?! Bolas! Ela tem alguma coisa em mente em que valha a pena pensar duas vezes — um homem, por exemplo?"

"Um homem?" respondeu Sue, com um timbre de harpa judaica em sua voz. "Vale a pena ter um homem? Não. Doutor, não tem nenhum no pedaço."

"Bem, então é a fraqueza física dela," comentou o médico. "Vou fazer tudo o que a ciência, através do meu esforço, possa conseguir. Porém, para todo paciente meu que começa a contar as carruagens para o seu cortejo fúnebre, reduzo em cinquenta por cento as chances do poder curativo dos remédios. Se você conseguir infundir nela uma curiosidade qualquer sobre os novos modelos de mangas para casacos de inverno, então eu lhe prometerei uma chance em cinco, em vez de uma em dez."

Depois que o médico se foi, Sue foi para sua sala de trabalho e encharcou um guardanapo japonês de tanto chorar. Então ela caminhou, de um jeito pretensiosamente insolente, para o quarto de Johnsy, carregando sua prancheta de desenho, assobiando um *ragtime*.[4]

Johnsy jazia inerte na cama, com o rosto virado para a janela, mal percebia-se a ondulação nas cobertas causada por sua respiração. Sue

parou de assobiar, julgando que ela estava adormecida.

Ela montou sua prancheta e começou a esboçar, com tinta e bico de pena, uma ilustração para uma revista em quadrinhos. Artistas jovens têm que preparar seu caminho para as Artes, desenhando ilustrações para publicar em revistas que são escritas por jovens autores — estes por sua vez preparando seu caminho para a Literatura.

Enquanto Sue esboçava um par de elegantes calças para cavalgar e um monóculo na figura de um herói, um cowboy de Idaho, ouviu um som muito baixo, repetido várias vezes. Correu para o lado da cama.

Johnsy estava de olhos bem abertos. Ela olhava pela janela e contava — em contagem regressiva.

"Doze," ela disse, e um pouco depois, "onze"; e então, "dez"; e "nove"; e depois, "oito" e "sete" quase simultaneamente.

Sue olhou solicitamente pela janela. O que havia lá para contar? Apenas um pátio árido e vazio, e uma parede de tijolos vermelhos do edifício vizinho, a uns seis metros de distância. Colada nesta parede desde o solo até a metade da sua altura, havia uma velha parreira retorcida, com as raízes secas, cujas folhas o vento frio de outono já havia arrancado em sua maioria, deixando visíveis os ramos do seu esqueleto, quase vazios.

"O que é, querida?", perguntou Sue.

"Seis," disse Johnsy, quase num murmúrio. "Elas estão caindo mais rápido agora. Três dias atrás, eram quase cem. Fiquei até com dor de cabeça para conseguir contá-las. Mas agora é fácil. Lá vai outra. Sobraram apenas cinco."

"Cinco o quê, querida? Diga para a sua Sue."

"Folhas na parreira. Quando a última folha cair, eu irei embora também. Sei disso há três dias. O médico não lhe disse?"

"Ah, nunca ouvi tamanha bobagem," reclamou Sue, com enorme descaso. "O que tem as folhas de uma velha parreira a ver com sua melhora clínica? E você, que adorava aquela parreira, garota travessa; não seja uma cabeça oca. Ora, o doutor me disse hoje de manhã que suas chances de rápida recuperação eram — deixe-me pensar no que ele disse exatamente — sim, ele disse que suas chances eram dez para uma! Ora, é uma chance quase tão boa quanto a que temos em Nova York quando transitamos de bonde ou quando passamos por um edifício em construção. Tente tomar um pouco de canja agora, e deixe Sudie voltar a desenhar,

para que ela tenha o que vender ao editor e possa comprar um vinho do porto para sua criança doente, e costeletas de porco para esta comilona."

"Você não precisa trazer vinho algum," respondeu Johnsy, mantendo seus olhos fixos em direção à janela. "Lá vai outra. Não, eu não quero nenhuma canja. Agora são apenas quatro. Eu quero ver a última folha cair antes do anoitecer. Aí eu irei também."

"Johnsy, querida," disse Sue, curvando-se sobre ela, "promete que você vai ficar de olhos fechados, e não olhar pela janela até eu terminar meu trabalho? Terei que entregar estes desenhos prontos amanhã. Preciso de claridade; senão eu desenharia com as cortinas fechadas."

"Você não pode desenhar no outro quarto?" perguntou Johnsy, com frieza.

"Prefiro ficar aqui com você," respondeu Sue. "Ademais, eu não quero você olhando para aquelas bobas folhas de parreira."

"Avise-me assim que você tiver terminado," disse Johnsy, fechando seus olhos, estirada na cama, branca e imóvel como uma estátua caída, "porque eu quero ver a última folha cair. Estou cansada de esperar. Estou cansada de pensar. Quero me desapegar de tudo, e flutuar para longe, levada pelo vento, como alguma dessas pobres e cansadas folhas."

"Tente dormir," disse Sue. "Tenho que chamar Behrman para posar como meu velho mineiro ermitão. Não demorarei um minuto. Não tente se mexer até eu voltar."

Parte 3

O velho Behrman era um pintor alemão que morava no andar abaixo delas. Ele já havia passado dos sessenta anos e usava barba igual à do personagem Moisés, pintado por Michelangelo; tinha a cabeça de um sátiro e o corpo de um anão. Behrman era um fracasso em arte. Havia quarenta anos que ele manejava o pincel sem chegar próximo da franja do roupão de sua companheira obra-prima, ou seja, ele sempre estava próximo de pintá-la sem, porém, nunca ter começado. Durante anos, nunca realizou nada de especial, exceto um ou outro esboço na linha comercial ou para propaganda. Ele ganhava uns trocados posando como modelo para os jovens artistas da colônia local, que não podiam pagar um modelo profissional. Era viciado em gim e, quando bebia, não parava de falar em sua iminente obra-prima. E, de resto, era um velhinho mal-humorado, que

zombava terrivelmente da suavidade das outras pessoas, e que se considerava um cão de guarda mastim, protetor das duas jovens artistas moradoras do estúdio acima do seu.

Sue encontrou Behrman exalando forte cheiro de zimbro,5 em seu minúsculo estúdio mal iluminado. A um canto, havia uma tela preta em um cavalete; fazia 25 anos que havia sido colocada ali, ainda aguardando os primeiros traços de sua obra-prima. Sue descreveu a ele a fantasia neurótica de Johnsy, e como ela temia que realmente, leve e frágil tal qual uma folha, Johnsy poderia flutuar e partir para sempre quando a última folha, seu frágil vínculo com o mundo, se soltasse.

O velho Behrman, com os olhos vermelhos de lacrimejar, gritou, com seu forte sotaque alemão, seu desprezo e escárnio por tão absurda imaginação.

"O quê?!" ele exclamou. "Há gente no mundo com tolice de morrerr porrque as folhas caírram de uma parreirra seca? Nunca ouvi falarr de coisa igual! Eu não vai posarr de modelo parra seu errmitão idiota. Porrque você perrmite que essas coisas bobas entrem no cérrebrro dela? Ah, coitada da senhorrita Yohnsy."

"Ela está muito doente e enfraquecida," disse Sue, "e a febre deixou sua mente mórbida e cheia de alucinações. Muito bem, sr. Berhman, se não quiser posar para mim, não precisa. E o senhor é um velho horrendo e fofoqueiro."

"Você é como qualquerr mulherr," gritou Behrman. "Quem disse que eu não vai posarr? Vamos, eu vai com você. Há meia horra que estou tentando dizerr que estou prronto para posarr. Porr Deus, isto não é lugarr parra uma pessoa tão boa como a senhorrita Yohnsy cairr doente. Um dia, pintarrei uma obrra-prrima e irremos todos emborra. Porr Deus, sim!"

Johnsy dormia quando eles subiram ao estúdio. Sue desceu a cortina até a base da janela e conduziu Berhman ao outro quarto, de onde eles olharam com muita apreensão, pela janela, para a parreira seca. Então, eles se entreolharam por um momento, sem trocar uma palavra. Uma chuva fria e persistente estava caindo, misturada com neve. Behrman, usando sua velha camisa azul, voltou a posar no papel de mineiro ermitão sentado sobre uma rocha; essa, na verdade, era um caldeirão de ferro, virado com a boca para baixo.

Parte 4

Quando Sue acordou na manhã seguinte, depois de uma hora de sono, ela encontrou Johnsy bem acordada, de olhos arregalados e duros, olhando para a cortina verde totalmente arriada.

"Levante a cortina, eu quero ver," ela ordenou, quase num sussurro.

Exausta, Sue obedeceu.

Mas, ora! Depois de uma violenta chuva e furiosas lufadas de vento que atravessaram a noite, havia ainda, colada à parede de tijolos, uma folha presa à parreira seca. Era a última. De cor ainda verde escuro junto ao seu talo, mas com suas bordas serradas tingidas pelo amarelo da dissolução e decadência, ela estava pendurada heroicamente em um galho a uns seis metros do solo.

"É a última," disse Johnsy. "Tinha certeza que cairia durante a noite. Eu ouvi o vento. Mas cairá hoje, e eu morrerei junto."

"Querida, querida," respondeu Sue, inclinando seu rosto cansado próximo ao travesseiro de Johnsy, "pense em mim, já que você não pensa em si mesma. O que eu faria?"

Porém Johnsy não respondeu. A coisa mais solitária em todo o mundo é uma alma se preparando para partir para sua distante e misteriosa jornada. A ilusão parecia se apoderar dela com cada vez mais intensidade à medida que os laços que a ligavam à amizade e à terra se afrouxavam.

O dia transcorreu e, mesmo no crepúsculo do entardecer, dava para ver a folha solitária, agarrada ao galho da parreira grudada na parede. E então, com a chegada da noite, o vento norte diminuiu sua força, enquanto a chuva ainda batia nos vidros e escorria para baixo pelos beirais das antigas janelas holandesas.

Final

Quando já havia clareado o suficiente pela manhã, Johnsy, a mulher sem misericórdia, mandou que a cortina fosse erguida.

A folha da parreira ainda estava lá.

Johnsy permaneceu deitada olhando para a folha por um longo tempo. Então, ela chamou Sue, que estava ao fogão a gás preparando uma canja de frango.

"Eu tenho sido uma garota má," afirmou Johnsy. "Alguma coisa fez aquela folha ficar lá para me mostrar quão perversa eu tenho sido. Foi um pecado eu querer morrer. Pode me trazer um pouco de canja agora, e leite

com um pouco de vinho do porto, e — não, traga-me primeiro um espelho, e então coloque algumas almofadas à minha volta, para eu poder me sentar e ver você cozinhando."

Uma hora mais tarde, ela disse:

"Sudie, um dia espero pintar a Baía de Nápoles."

O médico veio naquela tarde, e Sue arrumou uma desculpa para ir ao hall conversar com ele quando saiu do quarto.

"As chances estão meio-a-meio," disse o médico, pegando na mão fina e trêmula de Sue. "Com uma boa assistência sua, ela vai superar. E agora preciso ver outro paciente no andar de baixo. Behrman é seu nome — ele é artista plástico, creio eu. Pneumonia também. Ele é um homem velho e fraco, e aí o ataque é mais agudo. Não há esperança para ele; mas ele vai para o hospital hoje para ficar mais confortável."

No dia seguinte, o médico voltou e disse para Sue: "Ela está fora de perigo. Você ganhou. Nutrição e cuidado agora são tudo."

E naquela tarde, Sue veio para a cama onde Johnsy estava sentada — contente, cerzindo um cachecol de lã de cor azul intenso — e colocou um braço em volta de seus ombros, com almofadas e tudo o mais.

"Tenho algo para lhe dizer, rata branca," disse carinhosamente. "O senhor Berhman morreu de pneumonia hoje no hospital. Ele ficou doente apenas dois dias. O faxineiro do edifício encontrou-o ontem pela manhã, em seu quarto no estúdio embaixo do nosso, paralisado por fortes dores. Seus sapatos e suas roupas estavam encharcados de chuva e duros de frio. Ninguém podia adivinhar aonde ele havia ido naquela noite terrível. Aí então, encontraram uma lanterna, ainda acesa, uma escada que havia sido removida de seu lugar, alguns pincéis espalhados, e uma aquarela com cores verde e amarela misturadas, e — olhe pela janela, querida, para a última folha da parreira na parede. Você não se perguntou por que aquela folha nunca se agitou ou se mexeu enquanto o vento soprava? Ah, querida, é a obra-prima de Berhman; ele a pintou na noite em que a última folha da parreira caiu."

---

1. Braseiro, usado para aquecer comida ou ambientes. [n.t.]↩
2. Expressão equivalente ao "prato do dia". [n.e.]↩
3. Brisa, vento suave. [n.t.]↩

4. Ritmo musical dos anos 1900, em estilo sincopado, dos primórdios do jazz. [n.t.]↩
5. Fruta vermelha, amarga, que produz um forte licor. [n.t.]↩

Perdido no desfile de modas

Parte 1

O jovem Towers Chandler estava, no hall de seu quarto alugado, passando a ferro o seu terno de gala. Havia dois ferros a vapor — um estava aquecendo em um fogareiro a gás; o outro estava sendo empurrado vigorosamente por ele, num intenso vai e vem, para formar o impecável vinco na calça, que seria visto mais tarde ao se estender em linhas retas desde os sapatos de couro patente até a borda do seu paletó de corte baixo.

Nossa próxima vista dele ocorrerá à medida que ele descer os degraus de sua casa, imaculada e corretamente trajado; calmo, seguro de si, bonito — na aparência, o típico jovem rico nova-iorquino indo ao clube, ligeiramente entediado, para estrear os prazeres da noite.

Os honorários de Chandler somavam dezoito dólares por semana. Ele era empregado de um escritório de arquitetura. Tinha 22 anos; considerava a arquitetura uma verdadeira arte; e honestamente acreditava — embora ele não ousasse admiti-lo em Nova York — que o edifício Flatiron[1] era inferior em design à grande Catedral de Milão.

De cada pagamento semanal de dezoito dólares, Chandler separava um dólar. Com o capital assim acumulado, ele, ao final de cada dez semanas, dava-se o direito de adquirir uma noite de cavalheiro de gala. Ele se envolvia nas regalias dos milionários e presidentes; ele se deixava levar ao local onde a vida é mais brilhante e esplendorosa, e lá jantava com bom gosto e luxo. Com dez dólares um homem pode, por algumas horas, bancar à perfeição o rico ocioso. A soma é suficiente para uma refeição bem considerada, uma garrafa de vinho com rótulo respeitável, gorjeta comensurável, um bom fumo, a corrida de táxi e até os demais etecéteras.

Essa prazerosa noite — selecionada dentre outras setenta maçantes noites — era para Chandler uma fonte de perfeita alegria rejuvenescedora.

Chandler pensava: uma jovem debuta uma só vez para a sociedade; e a distante lembrança, quando o cabelo da debutante já embranqueceu, permanece doce apenas na memória dela. Mas, para ele, cada dez semanas traziam uma alegria tão aguda, tão excitante, tão nova quanto a primeira vez havia sido. Sentar-se entre “bons *vivants*”, no balanço da música de

fundo, olhar para os *habitués* de tal paraíso e ser olhado por eles — comparado com isso, o que é a primeira dança de uma garota debutante com blusa de tule de mangas curtas?

Parte 2

Chandler saiu e, ao subir para a Broadway, movimentava-se em harmonia com o desfile vespertino de modas. Nessa noite especial, seria observador e observado. Ele estava ansioso por fazê-lo, pois era um verdadeiro filho do agito da metrópole, e para ele uma noite no esplendor compensava muitas noites sem brilho. Pois, durante as próximas 69 noites, ele jantaria vestido em simples trajes de lã de carneiro penteada, provando duvidosos cardápios em balcões de refeições rápidas; ou então passando a sanduíches e cerveja no hall de seu dormitório.

Chandler andava sem pressa, pois a noite ainda era uma criança, até onde as ruas denominadas com números da dezena quarenta começam a atravessar a grandiosa e fulgurante Broadway; e quando alguém está de bom astral apenas um dia a cada setenta, adora retardar o prazer. Olhares brilhantes, sinistros, curiosos, admiradores, provocativos, fascinantes eram dirigidos a ele, uma vez que sua irrepreensível apresentação e olhar declaravam-no um devoto da hora de pôr do sol e do prazer.

Em uma esquina ele parou, questionando a si mesmo a possibilidade de retornar para o vistoso restaurante da moda, por onde havia acabado de passar, no qual ele geralmente jantava nas suas noites de luxo especial. Eis que então uma garota, ao virar a esquina correndo suavemente, escorregou numa placa de gelo endurecido e caiu bruscamente na calçada.

Chandler ajudou-a a se erguer com cortesia imediata e solícita. A garota andou com dificuldade até a parede, inclinou-se contra ela e agradeceu-lhe discretamente.

“Acho que meu tornozelo está machucado”, ela disse. “Torceu quando eu caí.”

“Dói muito?”, perguntou Chandler.

“Somente quando eu coloco meu peso sobre ele. Acho que conseguirei andar dentro de um ou dois minutos.”

“Se eu puder ser de alguma utilidade”, sugeriu o jovem, “chamarei um táxi, ou…”

“Obrigada”, disse a garota — suave mas firmemente. “Eu tenho certeza de que você não mais precisa se preocupar comigo. Foi tão terrível para mim. E os saltos dos meus sapatos são horrivelmente comuns; nem posso culpá-los”.

Chandler olhou a garota e descobriu que seu interesse por ela despertava rapidamente. Ela tinha uma beleza refinada; e seus olhos eram alegres e gentis. Estava com um vestido simples barato, de tecido preto que mais parecia um uniforme de vendedora de loja. Seu cabelo castanho escuro liso apresentava tranças sob um chapéu barato de palha negra, cujo único ornamento era uma fita e um laço de veludo. Ela poderia posar como modelo do melhor tipo para a garota trabalhadora de autorrespeito.

Uma ideia repentina veio à mente do jovem arquiteto. Iria convidar a garota para jantar com ele. Aqui estava o elemento que faltava em suas esplêndidas, porém solitárias, festas periódicas. Sua breve temporada de luxo e elegância seria duplamente apreciável se ele pudesse incluir a presença de uma dama da sociedade. A garota era uma dama, ele tinha certeza — suas maneiras e sua oratória asseguravam isso. E apesar de seu traje extremamente simples, ele sentiu que seria muito agradável sentar-se à mesa com ela.

Esses pensamentos fluíam por sua mente e assim decidiu perguntar a ela. Era uma quebra de etiqueta, é claro, mas com frequência as garotas trabalhadoras dispensavam estas formalidades. Elas geralmente faziam bons julgamentos dos homens e davam mais importância a isso do que a convenções inúteis.

Os seus dez dólares, se gastos com discrição, permitiriam aos dois jantar muito bem de fato. O jantar seria, sem dúvida, uma maravilhosa experiência para quebrar a dura rotina da vida da garota; e sua vívida apreciação faria muito bem ao ego de Chandler, ao seu triunfo e prazer.

“Eu creio,” disse a ela, com ar de franca gravidade, “que seu pé precisará de mais tempo de repouso do que você está supondo. Assim, eu vou dar uma sugestão de como fazer isso, e ao mesmo tempo, de você me fazer um favor. Eu estava indo jantar totalmente só quando você apareceu repentinamente na minha vida. Venha comigo e teremos, juntos, uma adorável refeição com uma agradável conversa. Quando acabarmos, seu pé já estará pronto para levá-la de volta à sua casa, tenho certeza”.

A garota olhou rapidamente a expressão limpa e agradável de Chandler. Seus olhos piscaram com brilho, e ela sorriu ingenuamente.

“Mas nós não nos conhecemos — não seria correto, você não acha?”, ela respondeu, com ares de dúvida.

“Não há nada de errado nisso”, respondeu o jovem, candidamente. “Vou me apresentar — permita-me — sr. Towers Chandler. Após nosso jantar, que tentarei tornar o mais prazeroso possível, vou lhe desejar boa noite de despedida, ou levá-la até a porta de sua casa — o que você preferir.”

“Mas, nossa!”, disse a garota, observando o traje impecável de Chandler. “Eu nesse vestido surrado e chapéu velho!”

“Não se preocupe com isso”, disse Chandler, carinhosamente. “Estou certo de que você parece mais charmosa nesse vestido do que qualquer dama no restaurante vestindo o mais elaborado traje social.”

“Minha anca ainda dói”, admitiu a garota, tentando dar um passo. “Acho que vou aceitar seu convite, sr. Chandler. Você pode me chamar de srta. Marian.”

“Venha, então, srta. Marian”, disse o jovem arquiteto — alegremente, mas com perfeita cortesia; “Você não terá que andar muito. Há um ótimo e respeitável restaurante no próximo quarteirão. Você terá que se apoiar no meu braço e andar devagar. É solitário jantar sem companhia. Estou até um pouco feliz que você tenha escorregado no gelo.”

Quando os dois já estavam instalados a uma mesa bem colocada, com um garçom à volta, Chandler começou a experimentar a verdadeira alegria que a regularidade dessas noites especiais sempre lhe trazia.

O restaurante não era tão ostensivo ou pretensioso quanto um outro que havia mais abaixo na Broadway, que ele sempre preferia, mas era quase tão bom. As mesas estavam ocupadas por clientes com aparência próspera, havia uma boa orquestra tocando suavemente para preservar o prazer da conversação, a cozinha e o serviço estavam acima de qualquer crítica.

Sua companheira, mesmo em suas roupas baratas, mantinha uma postura que acrescentava distinção à beleza natural de seu rosto e figura. E com certeza ela olhava Chandler, observando sua postura animada mas comportada, assim como seus olhos azuis excitados e dotados de franqueza, que também guardavam certa admiração pela charmosa face da garota.

Então, desceu em Chandler um misto da loucura de Manhattan, do espírito do general Winfield Scott[2] e sua disciplina militar, do bacilo da

pose. Ele estava na Broadway, cercado de pompa e estilo, e havia olhares para ele. No palco daquela comédia, ele assumiu representar o papel de uma borboleta da moda e de *bon vivant* requintado. Ele estava vestido para a ocasião e nenhum de seus anjos bons tinha poder de impedi-lo de agir como tal.

Daí começou a se gabar para Marian dos clubes, chás, festas, bailes, golfe, cavalgadas, cães de caça, viagens ao exterior, além de insinuações sobre um iate ancorado em Larchmont. Percebendo que ela estava vivamente impressionada com sua conversa vaga, reforçou a pose com indicações de grande fortuna pessoal, além de citar familiaridade com alguns nomes de famosos idolatrados pelo proletariado. Era a única chance de Chandler de ter um pequeno dia de glória e ele a estava aproveitando até o último minuto. Mais ainda quando ele notava o brilho do olhar de Marian atravessando a barreira de neblina que ele havia criado entre os dois.

"Esse estilo de vida que você está descrevendo," disse ela, "me parece tão fútil e sem objetivo. Você não tem nenhum trabalho neste mundo que possa interessá-lo?"

"Não, minha querida srta. Marian", ele contestou. "Trabalho? — pense em vestir-se diariamente para o jantar, fazer meia dúzia de telefonemas à tarde, sair e encontrar um policial em cada esquina querendo multar e levar você para a delegacia se passar um pouquinho do limite de velocidade estabelecido. Nós, os ociosos, somos os maiores trabalhadores do mundo."

O jantar foi concluído, o garçom generosamente remunerado, e os dois caminharam para a esquina do encontro casual. A srta. Marian andava bem agora; mal se percebia seu manquejar.

"Obrigada por este agradável encontro", ela disse com franqueza. "Preciso correr para casa. Gostei muito do jantar, sr. Chandler."

Ele apertou a mão dela, sorrindo cordialmente, e citou vagamente um jogo de bridge em seu clube. Ele a observou por um momento, andando rapidamente em direção ao leste, e aí entrou em um táxi para levá-lo calmamente para casa.

Final

Em seu quarto gelado, Chandler colocou sua roupa de gala para descansar durante os próximos 69 dias, e ficou refletindo sobre tudo o que havia acontecido há pouco.

"Era uma garota formidável", disse a si mesmo. "Juro que ela seria ótima também, mesmo que tivesse que trabalhar para ganhar a vida. Talvez se eu tivesse dito toda a verdade em vez daquela pantomina, nós poderíamos…; mas, ora! Não, eu tinha que agir de acordo com a minha aparência."

Assim falou o valente guerreiro, nascido e crescido nas tendas da tribo dos Manhattans.

E a garota, após deixar seu anfitrião, acelerou seu passo através da cidade, até chegar a uma imponente e austera mansão duas quadras a leste, de frente para a avenida de passagem do deus da riqueza e avareza, assim como de seus deuses auxiliares.

Entrou em casa correndo e adentrou uma das salas, onde havia uma bela jovem trajando uma requintada roupa de uso doméstico, olhando ansiosamente pela janela.

"Oh, sua cabeça oca!", exclamou a garota mais velha quando a outra entrou. "Quando você vai parar de nos assustar desta maneira? Faz duas horas que você saiu usando aquele trapo de vestido e o chapéu da Maria. Mamãe está alarmada. Ela enviou o Luís com o carro para lhe procurar por aí. Você é perversa, garota namoradeira e desmiolada."

A garota mais velha tocou uma campainha e logo apareceu uma empregada. "Maria, diga à mamãe que a srta. Marian acabou de chegar."

"Não me repreenda, irmã. Eu fui apenas até o ateliê da Madame Theo para pedir-lhe que usasse entremeio malva em vez de rosa. Usei a minha roupa velha, e o chapéu da Maria era tudo que eu precisava. Todos pensaram que eu era uma vendedora, com certeza."

"O jantar acabou. Você chegou muito tarde."

"Eu sei. Eu escorreguei na calçada e torci o tornozelo. Como eu não conseguia andar, entrei em um restaurante e fiquei lá até me sentir melhor. Foi por isso que demorei."

As duas garotas se sentaram nas cadeiras da varanda, olhando as luzes e o intenso fluxo de veículos apressados na avenida. A mais nova aconchegou a cabeça no colo da mais velha.

"Nós teremos que nos casar um dia", ela disse sonhadora. "Nós duas. Temos tanto dinheiro que não poderemos desapontar o público. Você quer

que eu diga o tipo de homem que eu amaria, irmãzinha?”

“Continue, cabeça de vento”, sorriu a outra.

“Eu poderia amar um homem com olhos azuis escuros e atenciosos, que seja gentil e respeitoso com garotas pobres, que seja bonito e não tente flertar. Mas eu poderia amá-lo apenas se ele tivesse uma ambição, um objetivo, um trabalho para fazer no mundo. Eu não me importaria se ele fosse pobre e eu pudesse ajudá-lo a ascender profissionalmente. Mas, minha querida irmã, o tipo de homem que sempre encontramos — aquele que leva uma vida ociosa se dividindo entre a alta sociedade e seus clubes —, eu não poderia amar. Um homem assim, nem se tivesse olhos azuis e fosse gentil com as garotas pobres que encontrasse na rua.”

---

1. Edifício famoso por seu formato triangular, lembrando uma tábua de passar roupas, foi o primeiro arranha-céu construído em 1902 em Nova York. [n.t.]↩
2. General Winfield Scott (1786—1866) foi o general com o mais longo período ativo na história dos Estados Unidos. [n.t.]↩

Vinte anos depois

Parte 1

O policial de plantão andava de forma imponente pela calçada da avenida. Mas a sua imponência era normal e não proposital — até porque àquela hora havia poucos pedestres. Eram 22 horas. O vento gelado e úmido havia esvaziado as ruas.

À medida que caminhava pela calçada, girava seu cassetete com movimentos intricados e artísticos; inspecionava as portas, examinando suas trancas; e de vez em quando se virava para verificar, com olhos aguçados, a rua tranquila. Com seu físico robusto e levemente arrogante, o policial fazia uma fina imagem de guardião da paz.

A vizinhança se recolhia cedo. Apenas aqui e ali se viam as luzes de alguma tabacaria ou lanchonete noturna de balcão; no entanto, a maioria das portas pertencia a casas de comércio que já estavam fechadas há horas.

Ao caminhar no meio de um quarteirão, o policial repentinamente reduziu seu passo. Na escada de uma loja de ferragens, havia um homem encostado, com um charuto apagado no canto da boca. Quando o policial foi em sua direção, o homem pôs-se a falar sem parar:

"Está tudo certo, sr. Oficial", ele disse de forma convincente. "Estou apenas esperando um amigo. Trata-se de um encontro marcado há vinte anos atrás. Parece um pouco engraçado, não é? Bem, eu lhe explicarei se o senhor concordar que tudo está correto. Naquela época, havia aqui um restaurante, o Big Joe' Brady, onde hoje existe esta loja."

"Até cinco anos atrás", confirmou o policial. "Foi demolido."

O homem na escada riscou um fósforo e acendeu o charuto. A luminosidade do fósforo mostrou um rosto quadrado, pálido, com olhos vivos, e uma pequena cicatriz branca, próxima à sobrancelha direita. Usava um cachecol preso por um pino com um grande diamante na ponta.

"Nesta noite, vinte anos atrás," disse o homem, "eu jantei aqui no Big Joe' Brady com Jimmy Wells, meu melhor amigo, e o cara mais legal do mundo. Nós crescemos aqui em Nova York como dois irmãos, juntos. Eu estava com dezoito anos e Jimmy com vinte. Eu estava de partida para o oeste na manhã seguinte, para fazer fortuna. Mas não consegui convencer

Jimmy a ir comigo, ele não sairia de Nova York por nada deste mundo. Então, fizemos um acordo de nos encontrarmos aqui nesse lugar, exatamente vinte anos depois, no mesmo dia e hora, não importando as condições de cada um e a que distância estivéssemos. Nós calculamos que, em vinte anos, teríamos nossos destinos traçados e nossa vida definida, fosse qual fosse o resultado."

"Parece bastante interessante", comentou o policial. "Entretanto, acho muito tempo entre dois encontros. Você teve notícias do seu amigo desde sua partida?"

"Bem, sim, por um tempo nós nos correspondemos", disse ele. "Entretanto, depois de um ano ou dois, perdemos contato. O senhor sabe, o oeste é muito extenso, e eu tive que me movimentar muito para ganhar dinheiro."

"Mas eu sei que, se Jimmy estiver vivo, vai vir me encontrar aqui, pois ele sempre foi o mais leal amigo do mundo. Ele jamais se esqueceria. Eu viajei 1.600 quilômetros para estar aqui essa noite, e terá valido a pena se o meu velho chapa vier."

O homem puxou um belo relógio de bolso, com a tampa cravejada de pequenos diamantes.

"Três minutos para as dez," anunciou ele. "Foi exatamente às dez horas que nós nos separamos aqui na porta do restaurante."

"Você se deu bem no oeste, não?", perguntou o policial.

"Adivinhou! Espero que Jimmy tenha acertado ao menos a metade do que eu obtive. Entretanto, ele era um tanto lento, apesar de bom sujeito. Eu tive que competir com algumas das mais afiadas e safadas inteligências do oeste para conseguir fazer meu pé de meia. Em Nova York, não se pode fazer muito; mas no oeste os desafios são outros."

O policial girou seu cassetete e deu alguns passos para trás.

"Vou prosseguir no meu caminho. Espero que seu amigo apareça e esteja tudo certo. Vai esperar mais um pouco?"

"Eu diria que sim", disse o outro. "Vou dar pelo menos meia hora. Se Jimmy estiver vivo, ele estará aqui neste ínterim. Até logo, Oficial."

"Boa noite, senhor", disse o policial, retomando seu ritmo, examinando as portas por onde passava.

Caía agora uma fina garoa fria, e o vento soprava sem parar. Os poucos pedestres naquele trecho andavam com rapidez e silenciosamente, usando seus casacos de frio com as golas viradas para cima e as mãos nos bolsos.

E, na porta da loja de ferragens, aquele homem que havia viajado 1.600 quilômetros para um compromisso — incerto e quase absurdo, com seu amigo de infância — fumava seu charuto e esperava.

Final

Mais ou menos vinte minutos depois, apareceu no outro lado da rua um homem alto, de sobretudo, com cachecol enrolado até as orelhas, que atravessou rapidamente em sua direção.

"É você, Bob?", ele perguntou com dúvida.

"É você, Jimmy Wells?", gritou o homem na porta.

"Deus me abençoe!", exclamou o recém-chegado, agarrando as mãos do outro com as suas. "É Bob, certo como o destino. Tinha certeza de que encontraria você aqui se estivesse vivo. Bom! Bom! Bom! — Vinte anos é muito tempo. O velho Big Joe' Brady se foi, Bob; gostaria que ainda estivesse aqui, para podermos jantar novamente. Como o oeste tratou você, meu velho?"

"Excelente! Deu-me tudo o que eu queria. Você mudou muito, Jimmy. Nunca pensei que você pudesse ficar tão alto."

"Oh! Eu ainda cresci alguns centímetros depois dos vinte anos."

"Está se saindo bem em Nova York, Jimmy?"

"Moderadamente. Tenho uma boa posição em um dos departamentos da Prefeitura. Venha comigo, Bob; vamos jantar em um lugar que conheço e poderemos ter uma longa conversa sobre os velhos tempos."

Os dois homens saíram pela rua, de braços dados. O homem do oeste, com seu ego inflado pelo sucesso, começou a delinear a história de sua carreira. O outro, submerso em seu casaco de frio, ouvia com interesse.

Em uma esquina, havia uma drogaria fortemente iluminada. Quando adentraram, ainda de braços dados, ambos se viraram para ver os rostos um do outro.

O homem do oeste parou de repente e soltou o braço. "Você não é Jimmy Wells", ele disparou. "Vinte anos é muito tempo, mas não o suficiente para transformar um nariz de formato romano em arredondado."

"Não, mas algumas vezes é suficiente para mudar o caráter de um homem", disse o cara alto. "Você está preso há dez minutos, Bob 'sedoso'. A polícia de Chicago achou que você poderia estar por aqui e telegrafou avisando que quer ter uma conversa com você. Vai ficar bem quieto,

certo?! Assim está ótimo. Agora, antes de irmos para a delegacia, tenho aqui um papel que me pediram para entregar a você. Pode ler aqui na janela. É do policial Wells."

O homem do oeste desdobrou a pequena folha de papel. Sua mão estava firme quando começou a ler, mas tremia um pouco quando acabou. A nota era bem curta.

"Bob, eu estava no local na hora marcada. Mas quando você riscou o fósforo para acender o charuto, vi o rosto do homem procurado pela polícia de Chicago. De alguma forma, eu mesmo não poderia fazer o trabalho; então, saí e encontrei um policial de roupas à paisana para fazer por mim. Jimmy."

Mammon e o Cupido

Parte 1

O velho Anthony Rockwall, industrial aposentado e ex-proprietário da Indústria Rockwall, fabricante do sabonete Eureka, olhou pela janela da biblioteca de sua mansão na Quinta Avenida e sorriu. Seu vizinho à direita, o aristocrático e sócio de clubes exclusivos, sr. G. Van Schuylight Suffolk-Jones, desceu para entrar no automóvel que o esperava, franzindo o nariz de forma costumeiramente insolente para a escultura italiana renascentista, colocada na elevação frontal da mansão do sabonete.

"Estatueta velha e presunçosa, que não serve para nada!", comentou o ex-rei do sabonete, com referência ao vizinho. "O Museu do Éden ainda vai acolher este velho e congelado Nesselrode[1] se ele não prestar atenção. Vou pintar esta casa de vermelho, branco e azul no próximo verão para ver se esse nariz holandês vai ficar mais empinado ainda."

E então Anthony Rockwall, que nunca se dava ao trabalho de tocar campainhas, foi à porta de sua biblioteca e gritou "Mike!", com a mesma altura de voz que uma vez havia arrancado pedaços do firmamento sobre as planícies do estado de Kansas.

"Diga ao meu filho" disse Anthony ao criado que o atendeu, "para vir aqui antes de sair."

Quando o jovem Rockwall entrou na biblioteca, o velho colocou de lado o jornal e olhou para ele com benevolente sisudez em seu rosto grande, liso e rosado; enrolou seu emaranhado de cabelo branco com uma das mãos enquanto chocalhava o molho de chaves em seu bolso com a outra mão.

"Richard," disse Anthony Rockwall, "quanto você paga pelo sabonete que você usa?"

Richard, que fazia apenas seis meses que voltara para casa após terminar a faculdade, ficou um tanto espantado. Ele ainda não havia se acostumado a este seu progenitor, que era tão cheio de imprevisibilidades quanto uma adolescente na sua primeira festa.

"Seis dólares a dúzia, eu acho, pai."

"E por um terno?"

“Creio que sessenta dólares, como regra.”

“Você é um cavalheiro”, disse Anthony, decididamente. “Ouvi falar de jovens que gastam 24 dólares por uma dúzia de sabonetes, e mais de cem dólares em cada terno. Você tem tanto dinheiro para desperdiçar quanto qualquer um deles, e ainda assim você se mantém decente e moderado. Agora eu uso o velho Eureka — não apenas por sentimentalismo, mas também porque é o mais puro sabonete que existe. Sempre que você paga dez centavos ou pouco mais por uma barra de sabonete, não compra um produto de boa marca e qualidade. Entretanto, cinquenta centavos vão muito bem para um jovem de sua geração, posição e condição. Como disse, você é um cavalheiro. Dizem que leva três gerações para formar um. Estão enganados. O dinheiro faz tudo ser tão brilhante quanto uma barra de sabonete. Você foi feito assim. Por Deus! Eu também quase fui feito assim. Sou quase tão mal-educado, desagradável e rude quanto aqueles dois velhos cavalheiros holandeses que estão localizados à minha esquerda e direita, que não conseguem dormir à noite porque eu comprei a propriedade entre eles.”

“Há algumas coisas que o dinheiro não consegue conquistar”, comentou o jovem Rockwall, um tanto melancolicamente.

“Ah, não diga isso”, disse o velho Anthony, chocado. “Aposto meu dinheiro contra dinheiro todas as vezes. Revirei a enciclopédia de a , procurando alguma coisa que não pudesse ser comprada; e espero terminar de ler o na próxima semana. Eu estou com dinheiro a campo. Diga o nome de algo que o dinheiro não pode comprar.”

“Uma das coisas que não compra é o acesso de alguém aos círculos exclusivos da alta sociedade”, respondeu Richard, num discurso levemente inflamado.

“Ah, não?!”, trovejou o campeão das raízes do mal. “Você me diga onde estariam seus círculos exclusivos se o primeiro Astor[2] não tivesse o dinheiro para pagar sua própria passagem de navio de imigrante de terceira classe?”

Richard suspirou.

“Era aqui aonde eu queria chegar”, afirmou o velho, já menos asperamente. “Foi por isso que pedi para você vir até aqui. Há algo de errado com você, rapaz. Venho notando há duas semanas. Acabe com isso. Acho que eu poderia pôr a mão em onze milhões de dólares em 24 horas, fora os imóveis. Se o problema é seu estilo de vida, há o barco Rambler,

ancorado na baía, abastecido com carvão, pronto para navegar até as Ilhas Bahamas em dois dias."

"Não foi uma má conjectura, papai. Você passou perto."

"Ah," disse Anthony, com sagacidade; "qual é o nome dela?"

Richard começou a andar a esmo pela biblioteca. Havia suficiente camaradagem e solidariedade neste seu velho e rude pai para despertar sua confiança.

"Por que você não a pede em casamento?", demandou o velho Anthony. "Ela vai pular em você. Você tem dinheiro e apresentação, e é um rapaz decente. Suas mãos são limpas, você não tem sabão Eureka nelas. Você esteve na faculdade, ela vai gostar."

"Não tive nenhuma chance", respondeu Richard.

"Provoque uma", disse Anthony. "Leve-a para andar no parque, ou a um passeio em um brinquedo, ou ande com ela até a casa dela na volta da igreja! Puxa!"

"Você não conhece o círculo social, papai. Ela faz parte da correnteza que o faz girar. Cada hora e cada minuto do tempo dela é programado com dias de antecedência. Eu preciso conquistar aquela garota, papai, ou esta cidade vai ser para mim um pântano cheio de árvores. E eu não posso escrever para ela — não posso fazer isso."

"Ora!", disse o velho homem. "Você está querendo me dizer que, com todo o dinheiro que eu tenho, você não consegue para si uma ou duas horas do tempo da menina?"

"Adiei demais. Ela embarca para a Europa ao meio-dia de depois de amanhã, para uma permanência de dois anos. Vou vê-la sozinha amanhã à noite durante apenas alguns minutos. Ela está em Larchmont agora, na casa de uma tia. Não posso ir lá. Mas fui autorizado a encontrá-la com um táxi na Grand Central Station[3] amanhã à noite no trem das 20h30. Nós vamos de coche a galope pela Broadway ao Teatro Wallack's, onde a mãe dela e uma festa fechada estarão esperando por nós no lobby. Você acha que ela iria ouvir uma declaração minha nestes seis a oito minutos nestas circunstâncias? Não. E que chance teria eu no teatro ou após? Nenhuma. Não, papai, este é um emaranhado que o seu dinheiro não pode desembaraçar. Não podemos comprar um minuto do tempo com pagamento à vista; se pudéssemos, os ricos viveriam mais tempo. Não há esperança de conversar com a srta. Lantry antes da sua viagem."

“Muito bem, Richard, meu rapaz”, disse o velho Anthony, carinhosamente. “Você pode ir para o seu clube agora. Estou feliz de saber que o problema não é o seu fígado. Porém, não se esqueça de, vez ou outra, acender uns palitos de incenso no templo chinês para o grande deus Mazuma.4 Você disse que dinheiro não compra tempo? Bem, é claro, você não pode encomendar a eternidade embrulhada e entregue na porta de sua casa por um preço, mas eu já vi o Pai Tempo5 sofrer pesadas contusões de pedras nos calcanhares quando ele andava no campo de garimpo de ouro.”

Parte 2

Naquela noite, a tia Ellen, delicada, sentimental, enrugada, suspiradora, oprimida pela riqueza, se aproximou do seu irmão Anthony quando este lia o jornal da tarde, e começou a discursar sobre a tragédia dos amantes.

“Ele me contou tudo”, disse o irmão Anthony, bocejando. “Disse-lhe que minha conta bancária estava a seu dispor. Então ele começou a bater no dinheiro. Disse que o dinheiro não poderia ajudá-lo. Falou que as regras da sociedade não podiam ser quebradas, nem por um metro, por um grupo de decamilionários.”6

“Oh, Anthony,” suspirou tia Ellen, “gostaria que você não pensasse tanto em dinheiro. A riqueza não é nada quando se trata de verdadeira afeição. O amor é todo-poderoso. Se ele tivesse dito há mais tempo! Ela não poderia ter recusado nosso Richard. Entretanto, agora eu temo que seja tarde demais. Ele não terá oportunidade de se declarar a ela. Nem o seu ouro todo poderá trazer a felicidade ao seu filho.”

Parte 3

Às oito horas da noite do dia seguinte, tia Ellen tirou um gracioso e antigo anel de ouro de uma caixa roída por traças e deu-o a Richard.

“Use-o essa noite, sobrinho”, ela implorou. “Foi-me dado por sua mãe. Ela disse que traria boa sorte no amor. Ela me pediu para lhe dar quando você encontrasse o amor da sua vida.”

O jovem Rockwall pegou o anel respeitosamente e tentou colocá-lo no dedinho. Alcançou a segunda cartilagem e não avançou mais. Ele tirou-o e,

de forma tipicamente masculina, guardou num bolso de sua vestimenta. Então ele telefonou para o ponto de coches.

Na estação, ele "capturou" a srta. Landry, às 8h32, do meio da multidão em movimento.

"Não podemos deixar mamãe e os outros esperando", disse ela.

"Para o Teatro Wallack's o mais rápido que você puder dirigir", afirmou Richard ao cocheiro, solidariamente a ela.

Eles transitavam rapidamente através da Rua 42 em direção à Broadway, e em seguida pela pista com o brilho branco das estrelas, que vai dos suaves campos do pôr do sol às montanhas rochosas da manhã.

Na Rua 34, o jovem Richard rapidamente abriu a escotilha e mandou o cocheiro parar.

"Deixei cair um anel", ele se desculpou, ao descer do coche. "Era da minha mãe, e eu detestaria perdê-lo. Não vou demorar um minuto. Eu vi onde caiu."

Em menos de um minuto, ele estava de volta com o anel.

Entretanto, durante aquele minuto, um coletivo de passageiros parou exatamente na frente do coche. O cocheiro tentou sair pela esquerda, mas um pesado coche de cargas vindo pela esquerda impediu-o. Ele tentou a direita, mas teve de recuar de um furgão de móveis que não tinha nada que estar ali naquele momento. Ele tentou dar ré, mas deixou cair as rédeas e praguejou apropriadamente. Estava bloqueado por um emaranhado de coches e cavalos.

Um daqueles congestionamentos que ocorriam algumas vezes e amarravam comércio e trânsito repentinamente na grande cidade.

"Por que você não vai em frente?", perguntou a srta. Landry, impacientemente. "Vamos chegar atrasados."

Richard ficou em pé no coche e olhou em volta. Ele viu uma congestionada inundação de vagões, coches, furgões e bondes preenchendo o vasto espaço onde a Broadway, a Sexta Avenida e a Rua 34 se cruzam — tal como uma moça de número 65 usando um espartilho de número 55. E, de todos os cruzamentos em volta, ainda vinham veículos em alta velocidade, buzinando, convergindo ao mesmo ponto da massa em luta, freando as rodas e adicionando impropérios ao clamor geral. Todo o trânsito de Manhattan parecia ter congestionado em volta deles. O mais velho nova-iorquino entre os milhares de expectadores alinhados nas

calçadas não havia testemunhado um bloqueio de trânsito tão intenso quanto este.

"Sinto muito," disse Richard, ao retomar seu assento, "mas parece que estamos retidos. Não vão conseguir desatar essa mixórdia em menos de uma hora. Foi minha culpa. Se eu não tivesse deixado cair o anel, nós…"

"Deixe-me ver o anel", disse a srta. Landry. "Já que não há o que fazer, eu não me importo. Acho que teatros são uma bobagem, de qualquer forma."

Parte 4

Às onze horas daquela noite, alguém bateu levemente à porta de Anthony Rockwall.

"Entre", gritou Anthony, que estava de pijama vermelho, lendo um livro de aventuras de piratas.

Esse alguém era a tia Ellen, parecendo um anjo de cabelo grisalho, que foi esquecido na terra por engano.

"Eles estão noivos, Anthony", ela disse, suavemente. "Ela prometeu se casar com o nosso Richard. No trajeto para o teatro, houve uma interdição no trânsito, e demorou duas horas para que o coche pudesse sair dali."

"E, oh, irmão Anthony, jamais se gabe novamente sobre o poder do dinheiro. Um pequeno emblema do verdadeiro amor — um pequeno anel que simbolizava afeição sem fim e sem mercenarismo — foi a razão do nosso Richard encontrar sua felicidade. Ele deixou cair na rua e voltou para pegá-lo. E antes que eles pudessem continuar, houve o bloqueio do trânsito. Ele falou com seu amor e o conquistou enquanto estavam dentro do coche. O dinheiro é escória comparado com o verdadeiro amor, Anthony."

"Está bem," disse Anthony, "estou feliz que o rapaz tenha conseguido o que queria. Eu lhe disse que não pouparia nenhuma despesa no caso se…"

"Mas, irmão Anthony, o que o seu dinheiro poderia ter feito de bom?"

"Irmã," retrucou Anthony Rockwall, "meu lado pirata está envolvido em um demônio de uma briga. Seu navio está fazendo água, e ele sabe muito bem o valor do dinheiro para pôr tudo a perder. Gostaria que você me deixasse ler este capítulo."

A história deveria acabar aqui. É o que eu gostaria, do fundo do coração, tanto quanto você que está me lendo. Porém, precisamos ir ao

fundo do poço para descobrir a verdade.

Final

No dia seguinte, um homem de mãos vermelhas, de nome Kelly, usando gravata de bolinhas azuis, bateu à casa de Anthony Rockwall e foi imediatamente recebido na biblioteca.

"Bem," disse Anthony, abrindo seu talão de cheques, "foi uma boa ensaboada. Vamos ver — você tinha 5 mil dólares em dinheiro."

"Paguei mais trezentos dólares do meu bolso", completou Kelly. "Eu tive que gastar um pouco mais do que o estimado. Cada carroça e cada coche custaram em média cinco dólares; mas os coches de carga e as parelhas de dois cavalos custaram, em sua maioria, dez dólares cada. Os cocheiros cobraram dez dólares e alguns dos coches de carga cobraram vinte dólares. O mais caro de tudo foram os policiais — dois deles cobraram cinquenta e os demais vinte e 25 dólares. Mas não funcionou tudo a contento, sr. Rockwall? Estou feliz que William A. Brady[7] não estivesse presente para ver aquela cena externa de multidão de veículos. Eu não gostaria de partir de ciúmes o coração dele. E sem nenhum ensaio! Os rapazes chegaram numa fração de segundo. Mesmo uma cobra teria levado duas horas para se arrastar dali e chegar aos pés da estátua de Greeley."[8]

"Mil e trezentos dólares. Aqui estão, Kelly", disse Anthony, destacando um cheque de seu talão. "Seus mil e mais os trezentos que você gastou. Você não despreza o dinheiro, não é, Kelly?"

"Eu?", respondeu Kelly. "Sou capaz de matar de tanto espancar o homem que inventou a pobreza."

Anthony chamou Kelly quando este chegava à porta da biblioteca.

"Você notou," perguntou Anthony, "se, no meio daquela confusão, havia um menino gordo, sem roupas, atirando flechas com um arco?"

"Ah, não", disse Kelly, mistificado. "Eu não. Se ele estava lá como o senhor descreveu, provavelmente foi preso pelos policiais antes de eu chegar."

"Eu sabia que o pequeno Cupido malandro não estaria lá", riu Anthony de satisfação. "Adeus, Kelly."

1. Conde russo (1780—1862), era militar e apreciava culinária, criando pratos que receberam seu nome, dos quais o mais famoso foi um pudim de castanhas. [n.t.]↩
2. John Jacob Astor (1763—1848), imigrante alemão, de origem humilde, que se tornou o homem mais rico nos Estados Unidos em sua época. [n.t.]↩
3. Estação Central de Trens de Nova York. [n.t.]↩
4. Termo de origem hebraica, que significa dinheiro. [n.t.]↩
5. Personificação do tempo, retratada por um velhinho de barbas trajando um robe e carregando uma ampulheta. [n.t.]↩
6. Dono de fortuna a partir de dez milhões de dólares. [n.t.]↩
7. William Aloysius Brady (1863—1950), ator e produtor teatral norte-americano.↩
8. Horace Greeley (1811—1872), jornalista e político norte-americano, imortalizado por um monumento localizado ao sul de Manhattan, em frente à Ponte do Brooklyn. [n.t.]↩

Reabilitação e regeneração

Parte 1

Um policial veio até a oficina de sapatos do presídio, onde Jimmy Valentine trabalhava assiduamente costurando calçados, e escoltou-o até o escritório administrativo. Lá, o diretor entregou-lhe o seu perdão judicial, que havia sido assinado naquela manhã pelo governador do Estado. Jimmy pegou-o com uma expressão de cansaço. Ele havia cumprido dez meses de uma sentença de quatro anos. Tivera expectativa de ficar no máximo três meses. Quando um homem com tantos amigos, como Jimmy Valentine, é recebido na cadeia, nem vale a pena cortar-lhe o cabelo, pois vai sair logo.

"Então, Valentine," disse o diretor, "você vai sair amanhã de manhã. Prepare-se, e faça de si um homem. Você, no fundo, não é um sujeito ruim. Pare de arrombar cofres e tenha uma vida decente."

"Eu?", respondeu Jimmy, surpreso. "Ora, eu nunca arrombei um cofre em toda a minha vida."

"Ah, não", riu o diretor. "Claro que não. Vejamos, então. Como foi que aconteceu de você ter sido preso por causa daquele negócio em Springfield? Foi por que você não podia apresentar um álibi com medo de comprometer alguém da mais alta sociedade? Ou foi simplesmente um caso de um júri idoso e maléfico que foi contra você? É sempre uma das duas que acontece com vocês, vítimas inocentes."

"Eu?", respondeu Jimmy, ainda virtuosamente puro. "Ora, senhor diretor, eu nunca estive em Springfield em toda a minha vida!"

"Leve-o de volta, Cronin," ordenou o diretor ao policial, "e forneça-lhe roupas civis de partida. Destranque-o às sete horas da manhã e deixe-o vir para a sala de saída. Acho bom você refletir sobre o que eu disse, Valentine."

Parte 2

Pontualmente às 7h15 do dia seguinte, Jimmy estava no escritório do diretor. Vestia um terno de corte duvidoso, produzido em série, e um par

de sapatos duros que rangiam ao caminhar, compondo um uniforme que o Estado fornece aos seus hóspedes compulsórios ao serem dispensados.

O funcionário entregou-lhe uma passagem de trem e uma nota de cinco dólares, com a qual a lei esperava que ele se reabilitasse e se tornasse um bom e próspero cidadão. O diretor deu-lhe um charuto e trocaram um aperto de mãos. Valentine, código 9762, foi registrado no livro de ocorrências da penitenciária como "Perdoado pelo Governador", e assim o senhor James Valentine caminhou para o sol da liberdade.

Sem qualquer interesse no canto dos pássaros, no verde das árvores e no perfume das flores, Jimmy rumou direto para um restaurante. Lá, ele provou os primeiros prazeres da liberdade na forma de um frango grelhado e uma garrafa de vinho branco, seguido de um charuto um nível melhor do que o que o diretor havia lhe dado. De lá, seguiu direto para a estação ferroviária. Atirou um quarto de dólar no chapéu de um pedinte deficiente visual sentado à entrada da estação e embarcou no trem. Três horas depois, desceu numa estação em uma pequena cidade na fronteira do Estado. Foi para o café de um tal de Mike Dolan e apertou a mão deste, que estava só atrás do balcão.

"Sinto não poder ter ajudado mais cedo, Jimmy, meu rapaz", disse Mike. "Mas nós tivemos que enfrentar o protesto de Springfield, e o governador quase recuou na assinatura do perdão. Tudo bem com você?"

"Tudo", respondeu Jimmy. "Está com a minha chave?"

Jimmy pegou a chave e foi para o andar superior, destrancando a porta de um quarto no fundo do edifício. Tudo estava do jeito que ele havia deixado meses antes. Sobre o piso do quarto ainda estava o botão do colarinho da camisa de Ben Price, que havia sido arrancado na luta corporal entre Jimmy e esse renomado detetive, quando o dominou e levou preso.

Jimmy afastou da parede uma cama de dobrar, atrás da qual havia um painel móvel, que Jimmy puxou, e retirou de dentro da parede uma maleta coberta de pó. Levantou a tampa da maleta e olhou com satisfação para o jogo de ferramentas de arrombar cofres mais completo de todo o leste dos Estados Unidos. Era um conjunto completo, composto de ferramentas de aço temperado especial; o último tipo de furadeiras, brocas, punções, pés-de-cabra, alicates, perfuradores, além de duas ou três novidades desenvolvidas pelo próprio Jimmy, das quais ele se orgulhava. Custaram

mais de novecentos dólares, executadas em um lugar especializado em ferramentas para profissionais do ramo.

Em meia hora, Jimmy desceu a escada e passou pelo café. Ele estava agora vestido com roupas de bom gosto e corte adequado, carregando na mão sua maleta limpa e sem poeira.

"Alguma coisa em vista?", perguntou Mike Dolan, afavelmente.

"Eu?", respondeu Jimmy, em tom enigmático. "Eu não entendo. Sou representante da Fábrica de Biscoitinhos Cracker Amalgamados e Trigo Granulado de Nova York."

Essa afirmação deleitou Mike a tal ponto que Jimmy ganhou na hora de brinde uma água mineral com leite. Ele não tocava em bebidas "fortes".

Parte 3

Uma semana após a libertação de Valentine, código 9762, foi descoberto um trabalho caprichado de arrombamento de cofre em Richmond, Indiana, sem pistas do autor. Uns escassos oitocentos dólares eram tudo o que foi levado.

Duas semanas mais tarde, em Logansport, um cofre patenteado, aperfeiçoado, à prova de arrombadores, foi aberto como um queijo e levados 1.500 dólares em espécie; a prata e os títulos nem foram tocados.

Isso começou a interessar os caçadores de ladrões. Até que o antiquado cofre de um banco em Jefferson City entrou em erupção como um vulcão e expulsou a quantia de cinco mil dólares. Agora as perdas já eram suficientemente grandes para trazer o assunto às mãos de um investigador da classe de Ben Price. Ao comparar as suas anotações, encontrou uma semelhança notável nos métodos de arrombamento. Após investigar as cenas dos crimes, Ben Price declarou: "Estes são autógrafos do requintado James Valentine. Ele retomou os negócios. Veja aquele botão de travamento — retirado tão facilmente quanto arrancar um rabanete da terra molhada. Ele tem as únicas ferramentas que podem fazer isso. E veja a limpeza dos pinos das dobradiças que foram extraídos! Jimmy nunca precisa fazer mais de um furo. Sim, creio que quero pegar o sr. Valentine. Ele cumprirá sua próxima pena sem qualquer bobagem de redução de tempo ou pedido de clemência."

Ben Price conhecia os hábitos de Jimmy. Ele os aprendeu quando estudou o assalto em Springfield. Longos intervalos, escapes rápidos, nada

de comparsas, e um gosto pela alta sociedade. Esses caminhos haviam ajudado o sr. Valentine a ser conhecido por sua bem-sucedida capacidade de escapar da punição. Foi aludido que Ben Price já havia tomado a trilha do evasivo arrombador, e outros donos de cofres à prova de ladrões sentiram-se mais à vontade.

Parte 4

Numa determinada tarde, Jimmy Valentine e sua maleta desceram de uma carruagem em Elmore, uma cidadezinha a oito quilômetros da ferrovia, no território de floresta de carvalhos de Arkansas. Jimmy, parecendo um jovem adulto, de porte atlético, recém-chegado da universidade, desceu a calçada de madeira e foi diretamente para o hotel.

Uma jovem cruzou a rua, passou por ele e entrou por uma porta sobre a qual se lia "Banco Elmore". Jimmy Valentine olhou-a nos olhos, esqueceu-se de quem ele era, e tornou-se um outro homem. Ela abaixou o olhar e corou um pouco. Em Elmore, era raro encontrar um jovem com o aspecto e estilo de Jimmy.

Jimmy segurou, pelo colarinho da camisa, um menino que estava matando o tempo nos degraus da entrada do banco, como se fosse um dos seus acionistas, e começou a fazer-lhe perguntas sobre a minúscula cidade, dando-lhe uma moeda de vez em quando. Após um tempo, a jovem saiu do banco, e com um ar nobre, ignorando a presença do jovem forasteiro e sua maleta, seguiu seu caminho.

"Aquela não é a senhorita Polly Simpson?", perguntou Jimmy, com uma astúcia capciosa.

"Não", respondeu o menino. "Ela é Annabel Adams. O pai dela é o dono deste banco. O que você veio fazer em Elmore? A corrente do seu relógio é de ouro? Vou comprar um cachorro. Você tem mais algumas moedas?"

Jimmy foi para o hotel Planters, registrou-se como Ralph D. Spencer, e alugou um quarto. Ele se inclinou sobre o balcão e apresentou seus objetivos ao funcionário do hotel. Disse que havia vindo a Elmore em busca de um ponto para negócios. Como estava o comércio de calçados na cidade? Haveria uma oportunidade para montar um negócio de calçados?

O funcionário ficou impressionado com as roupas e as maneiras de Jimmy. Ele mesmo era um modelo da moda da juventude fracamente

dourada de Elmore, porém agora ele se comparava a Jimmy e percebia suas limitações. Enquanto tentava decifrar o modo de Jimmy de dar o nó na gravata, cordialmente dava as informações solicitadas.

Sim, deveria haver uma boa oportunidade no segmento de calçados. Não havia na cidade nenhuma loja especializada em calçados, que eram vendidos em armazéns de secos e molhados, assim como em lojas de armarinhos. Os negócios na cidade corriam bem. Ele torcia para que o sr. Spencer se estabelecesse em Elmore. Era uma agradável cidade para se viver e seus habitantes muito sociáveis.

O sr. Spencer decidiu ficar uns dias na cidade e analisar a situação vigente. Não, o atendente não precisava chamar o carregador; ele mesmo iria levar sua maleta, pois era muito pesada.

Parte 5

O sr. Ralph Spencer, a fênix[1] que renasceu das cinzas de Jimmy Valentine — cinzas essas que foram o que restou das chamas de um repentino e restaurador acesso de paixão — permaneceu em Elmore, e prosperou. Abriu uma loja de calçados, com a qual assegurou para si uma boa parcela do comércio desse produto.

Socialmente também se tornou um sucesso, e conquistou muitos amigos. E realizou o desejo do seu coração. Ele conheceu a srta. Annabel Adams, e foi sendo cativado por seu charme.

Após o primeiro ano, a situação do sr. Ralph Spencer era a seguinte: havia ganhado o respeito da comunidade, sua loja estava florescendo, estava noivo de Annabel e iriam casar-se dentro de duas semanas. O sr. Adams, típico banqueiro perseverante do interior, aprovou Spencer. O orgulho de Annabel por ele quase igualava a sua afeição. Ele já estava tão envolvido com a família do sr. Adams e com a da irmã casada de Annabel, que já parecia ser um deles.

Um dia em seu quarto do hotel, Jimmy escreveu a seguinte carta, que enviou para o endereço seguro de um de seus velhos amigos em Saint Louis:

Meu velho amigo,

Quero que você esteja no restaurante do Sullivan, em Little Rock, na próxima quarta-feira à noite, às nove. Quero que você acerte alguns assuntos para mim. E também quero lhe dar de presente o meu jogo de

ferramentas. Sei que você adoraria ficar com ele — você não gastaria menos de mil dólares para fazer outro igual. Pois é, Billy, eu abandonei esse negócio há um ano. Tenho agora uma bela loja. Estou ganhando a vida honestamente, e vou me casar com a melhor garota do mundo dentro de duas semanas. É a única vida, Billy, a correta. Eu não tocaria agora um dólar de outro homem nem por um milhão. Depois de me casar, vou vender tudo e me mudar para o oeste, onde não haverá tanto perigo de ser enquadrado por algum dos meus antigos processos. Eu lhe digo, Billy, ela é um anjo. Ela acredita em mim; e eu jamais voltaria a fazer qualquer ato ilícito em todo o mundo. Esteja no Sully's conforme combinado; preciso encontrar com você. Levarei as ferramentas comigo.

Seu velho amigo,

Jimmy

Parte 6

Na segunda-feira à noite, após Jimmy ter escrito essa carta, o detetive Ben Price chegou discretamente a Elmore sacolejando em uma charrete de aluguel. Ele vagou pela cidade em seu estilo quieto até que encontrou o que procurava. Da farmácia em frente à loja de calçados, ele pôde observar bem Ralph Spencer.

"Vai se casar com a filha do banqueiro, Jimmy?!", disse Price para si mesmo, em voz baixa. "Eu não sei, não."

Final

Na manhã seguinte, Jimmy tomou o café da manhã com os Adams. Ele iria a Little Rock naquele dia para encomendar seu terno de casamento e comprar alguns presentes para Annabel. Seria a primeira vez que sairia de Elmore desde que ali chegou. Mais de um ano já se passara desde os últimos "trabalhos" executados e assim ele se sentia mais seguro em se aventurar.

Após o café da manhã, uma boa parte da família Adams — o sr. Adams, Annabel, Jimmy, a irmã de Annabel com suas duas filhas de nove e cinco anos — foi ao centro da cidade. Foram ao hotel onde Jimmy estava hospedado, e este subiu rapidamente ao seu quarto e desceu com sua mala. Aí foram todos ao banco. Na porta estava a charrete de Jimmy, e

Dolph Gibson, que iria levá-lo até a estação de trem a oito quilômetros de distância.

No salão do banco, construído com vigas altas entalhadas, entraram todos, inclusive Jimmy, pois o futuro genro do sr. Adams era bem-vindo em qualquer lugar. Os funcionários sentiam prazer em serem cumprimentados pelo jovem bem apessoado e agradável que iria se casar com a srta. Annabel. Jimmy colocou sua mala no chão. Annabel, cujo coração palpitava de felicidade e juvenil alegria, colocou o chapéu de Jimmy e pegou sua mala. "Eu não faria uma bela caixeira-viajante?", perguntou Annabel. "Meu! Ralph, que peso! Parece que está carregada de barras de ouro!"

"São vários moldes metálicos de sapato banhados em níquel lá dentro," respondeu Jimmy, friamente, "que estou devolvendo. Achei melhor economizar o frete levando eu mesmo. Estou ficando terrivelmente econômico."

O Banco Elmore havia acabado de instalar um novo cofre em uma nova câmara. O sr. Adams estava muito orgulhoso de sua nova aquisição, e insistiu que todos o inspecionassem. A câmara era pequena mas tinha uma nova porta, patenteada, que era fixada por três sólidos parafusos de aço, movidos simultaneamente por uma alavanca acionada por uma trava temporizadora. O sr. Adams explicou radiante o seu equipamento ao sr. Spencer, que demonstrou em retorno um interesse cortês porém não excessivamente inteligente. As duas crianças, May e Agatha, estavam deliciadas com o metal brilhante, o relógio e as alavancas curiosas.

Enquanto todos estavam entretidos com a novidade, Ben Price entrou no banco e apoiou o cotovelo sobre o balcão, olhando descomprometidamente para as dependências internas. Disse ao caixa que não precisava de nada, apenas estava aguardando por um conhecido seu.

De repente, um ou dois gritos femininos e uma comoção. Sem ser percebida pelos adultos, May, a menina de nove anos, por brincadeira, trancou Agatha na câmara. Ela então apertou os parafusos e virou o segredo conforme a combinação que havia visto o sr. Adams fazer.

O idoso banqueiro correu para a maçaneta e com força por um momento. "A porta não pode ser aberta", resmungou. "O relógio não recebeu corda nem o segredo do cofre foi ajustado."

A mãe de Agatha gritou novamente, histericamente.

“Silêncio”, disse o sr. Adams, erguendo sua mão trêmula. “Todos quietos por um instante. Agatha!”, chamou ele tão alto quanto lhe foi possível. “Ouça.” Durante o silêncio que se sucedeu, eles podiam ouvir o som fraco da criança, do seu grito selvagem em pânico na câmara escura.

“Minha preciosa querida!”, chorava a mãe. “Ela vai morrer de susto! Abram a porta! Oh, arrombe-a! Vocês homens não podem fazer nada?”

“Não há nenhum homem até Little Rock que possa abrir essa porta”, disse o sr. Adams, com voz embargada. “Meu Deus! Spencer, o que vamos fazer? Aquela criança não pode ficar muito tempo lá dentro. Não tem ar suficiente e, além disso, ela vai ter convulsões por causa do medo.”

A mãe de Agatha, agora desvairada, batia na porta do cofre com as mãos. Alguém impetuosamente sugeriu usar dinamite. Annabel virou-se para Jimmy, seus olhos grandes cheios de angústia, mas ainda não desesperados. Para uma mulher apaixonada, nada parece completamente impossível aos poderes do homem que ela adora.

“Você não pode fazer nada, Ralph?! Tente, por favor.”

Ele a olhou com um sorriso suspeito e suave em seus lábios e em seu olhar.

“Annabel,” disse ele, “dê-me aquele broche de rosa que você está usando na sua blusa, por favor.”

Mal podendo crer no que estava ouvindo dele, ela soltou o pino, tirou o broche e colocou na mão dele. Jimmy colocou-o no bolso de seu colete, arrancou o paletó e arregaçou as mangas de sua camisa. Com este ato, Ralph Spencer saiu de cena e entrou Jimmy Valentine em seu lugar.

“Fiquem longe da porta, todos vocês”, determinou secamente.

Colocou sua maleta sobre a mesa, abriu-a totalmente e apoiou a tampa sobre a mesa. Daí em diante, parecia não ter consciência da presença de mais ninguém. Tirou as suspeitas ferramentas, colocou-as ordenadamente sobre a superfície, assobiando levemente, como costumava fazer em seu trabalho anterior. Em profundo silêncio e imobilizados, os demais o olhavam como se estivessem enfeitiçados.

Em um minuto, a broca de Jimmy estava perfurando suavemente a porta de aço. Em dez minutos — quebrando assim seu próprio recorde de arrombamentos — arrancou os parafusos e abriu a porta.

Agatha, quase desfalecida, porém salva, foi recolhida aos braços da mãe.

Jimmy Valentine vestiu seu paletó, e andou para fora do salão do banco em direção à porta da rua. Enquanto andava, pensou ter ouvido uma voz distante que lhe era familiar chamar “Ralph!”

Na porta do banco, havia um homem alto obstruindo parcialmente sua passagem.

“Olá, Ben”, disse Jimmy, ainda sorrindo estranhamente. “Conseguiu finalmente, não é?! Então, vamos. Não sei se faz muita diferença agora.”

E então Ben Price agiu de forma inesperada.

“Acho que está enganado, sr. Spencer,” disse ele, “não creio que eu o conheça. Sua charrete está lhe esperando, não é?”

---

1. Figura da mitologia fenícia, que se espalhou para outras civilizações primitivas — ave vermelha e dourada que, no final de seu ciclo de vida, ateava fogo ao próprio ninho e suas penas, para renascer em mais um ciclo de vida. [n.t.]↩

O sótão

Parte 1

Primeiramente, a sra. Parker, dona da pensão, mostrava o salão duplo do primeiro andar para cada novo candidato a inquilino. Você não teria coragem de interromper sua descrição das vantagens e dos méritos do antigo morador que o ocupou durante os últimos oito anos. Ao mesmo tempo, você teria que se controlar para não gaguejar ao confessar a ela que você não era médico nem dentista. A forma da sra. Parker receber a sua admissão era tal que fazia você, a partir daí, nunca mais sentir o mesmo carinho por seus pais, por terem negligenciado sua formação acadêmica em uma das poucas profissões que atendiam as suas exigências para ter direito a alugar o salão duplo do primeiro andar.

A etapa seguinte seria subir um lance de escadas e conhecer o segundo andar, onde o aluguel do quarto dos fundos era de oito dólares. Apesar de estar convencido pela sra. Parker de que valia os doze dólares que o sr. Toosenberry sempre pagou, até partir para a Flórida para administrar a plantação de laranjas que pertencia ao irmão dele, próxima a Palm Beach — onde por coincidência sempre passava o inverno a sra. McIntyre, inquilina do salão duplo da frente, também no primeiro andar e com banheiro privativo —, você admitia quase sussurrando que procurava algo ainda mais barato.

Se você sobrevivesse ao desprezo da sra. Parker, era levado para conhecer o grande quarto ocupado pelo sr. Skidder no terceiro andar. O quarto não estava vago. Nele, o sr. Skidder escrevia peças de teatro e fumava o dia inteiro. Mas, cada candidato a inquilino tinha que visitar esse quarto e apreciar os lambrequins[1] das janelas, pois, após cada visita dessas, o sr. Skidder, assustado com a possibilidade de despejo, pagava uma parte de seus aluguéis atrasados.

Então — ah, aí então —, se você ficasse apoiado em apenas um pé, a sua mão quente esfregando os únicos três dólares molhados de suor no bolso, e assumisse publicamente, com voz rouca, sua pobreza repugnante e cheia de culpa, a sra. Parker não mais iria ciceroneá-lo. Ela daria um grito

dizendo, em alto e bom tom, a palavra “Clara!”, viraria as costas para você e desceria as escadas marchando.

Aí então, Clara, a empregada negra, iria escoltá-lo até o quarto andar, subindo a escada carpetada, para lhe mostrar o sótão. Esse ocupava uma superfície de 2×2,5 metros no meio do salão. Cada lado dessa área era constituído por um armário de madeira escura ou um closet, voltados para fora. Dentro do quarto havia uma cama de ferro, um suporte para bacia, uma cadeira e uma estante para colocar roupas. As quatro paredes lisas pareciam fechar o contorno à sua volta como um caixão de defunto, onde você, com a mão no pescoço esfregando a garganta, arfando, olhando para cima como se estivesse dentro de um poço, ainda respirava uma vez mais, vendo, através do vidro da pequena claraboia, um céu quadrado de azul infinito. “Dois dólares, ô meu!”, diria Clara em seu tom de falar, metade petulante e metade parecendo um javali.

Parte 2

Um dia, surgiu na pensão a srta. Leeson, procurando um quarto para alugar. Ela carregava uma máquina de escrever apropriada para uma mulher mais encorpada. Ela era uma garota bem baixinha, com olhos e cabelo que continuaram a crescer mesmo após o fim da sua fase de desenvolvimento da estatura, e que mais pareciam perguntar o porquê de ter ficado tão pequena.

A sra. Parker, como sempre, mostrou-lhe o salão duplo do primeiro andar. “No armário, tem lugar para guardar um esqueleto, um anestésico ou carvão”, disse ela.

“Mas eu não sou médica nem dentista”, respondeu a srta. Leeson, com um arrepio.

A sra. Parker retornou o seu olhar gelado de incredulidade, pena e escárnio, que ela sempre reservava para aqueles que falharam em se qualificar como doutores ou dentistas, e a conduziu ao fundo do segundo andar.

“Oito dólares?! Misericórdia! Eu não sou Hetty Green2, mesmo que eu fosse de cor verde-dólar. Sou apenas uma pobre garota trabalhadora. Mostre-me algo mais acima e mais barato,” disse a srta. Leeson.

No terceiro andar, o sr. Skidder pulou de susto com a batida seca da sra. Parker na porta de seu quarto, deixando cair pontas de cigarro e cinzas

pelo chão.

"Desculpe-me, sr. Skidder, não sabia que estava aqui. Eu trouxe a srta. Leeson para conhecer os lambrequins", explicou a sra. Parker, com um sorriso demoníaco em seu rosto pálido.

"São lindos", disse a srta. Leeson, com um sorriso que só os anjos têm.

Depois que elas saíram, o sr. Skidder se ocupou em remover a heroína alta, de cabelos pretos, de sua última peça (ainda não publicada), e inserir, em seu lugar, uma garota baixa, travessa, de cabeleira clara e cheia, e características vivazes. "Anna Held vai adorar", pensou o sr. Skidder, sentado de pernas cruzadas para o alto, na direção dos lambrequins, no meio de uma cortina de fumaça de cigarro que mais parecia uma lula voadora.

Neste instante, "Clara!", o grito de alerta disparado pela sra. Parker, revelou ao mundo o estado das finanças da srta. Leeson. Aí, um duende negro surgiu e , escalou uma tenebrosa escada, arremessou-a dentro de uma câmara com um facho de luz vindo do teto, e murmurou as duas cabalísticas e diabólicas palavras "dois dólares!"

"Eu fico!", suspirou a srta. Leeson, afundando na cama de ferro, no meio de rangidos.

A srta. Leeson trabalhava fora todos os dias. À noite, ela trazia papéis manuscritos para fazer cópias datilografadas com sua máquina de escrever. Havia noites em que não tinha trabalho; então ela descia do seu quarto e sentava na escada com outros moradores. Um sótão não combinava com os planos que foram delineados antes do seu nascimento; ela tinha um coração alegre e cheio de ternura, e sonhos cheios de fantasias. Uma vez ela até concordou em deixar o sr. Skidder ler para ela três atos de sua grande comédia (não publicada), denominada estranhamente de "Não é criança, ou O herdeiro do metrô."

Era sempre uma festa para os moradores quando a srta. Leeson tinha uma ou duas horas de seu tempo para sentar nos degraus com eles. Mas a srta. Longnecker, a loira alta que era professora em uma escola pública e sempre respondia "bem, realmente!" para tudo que se dissesse, sentava-se no degrau mais alto e ficava suspirando. A srta. Dort, que trabalhava numa loja de departamentos e gostava de ir todo final de semana atirar nos patos de brinquedo do parque de diversões na Ilha Coney, sentava-se no degrau mais baixo e também suspirava. Então a srta. Leeson sentava-se num degrau intermediário e logo os homens se agrupavam em volta dela.

Especialmente o sr. Skidder, que a vislumbrava como a estrela principal de um drama íntimo romântico, na vida real, não mencionado. E muito especialmente o sr. Hoover, 45 anos, gordo, cheio de vida e tolo. E também especialmente o jovem sr. Evans, que simulava uma tosse falsa para induzir a srta. Leeson a pedir-lhe que deixasse de fumar. Os homens a elegeram a mais engraçada e alegre de todas as moradoras. Enquanto isso, os suspiros tanto no degrau superior como no inferior continuavam implacáveis.

Pausa para Reflexão

Eu lhe suplico, leitor, que deixe em suspenso por um tempo a cena do drama, enquanto o coro no palco caminha na ponta dos pés em direção aos holofotes e deixa cair uma lágrima de tristeza pelo gordo sr. Hoover; ajusta as cordas vocais para a tragédia da gordura, a fatalidade da obesidade, a calamidade da corpulência. Este Falstaff[3] poderia render mais romance por tonelada do que as costelas do franzino Romeu por quilo. Um amante pode suspirar, mas não ofegar. Para o trem de Momo, vão encarcerados os homens gordos. Em vão, bate o mais fiel coração acima de uma cintura de 130 centímetros. Vá embora, Hoover! Quarenta e cinco anos, gordo, cheio de vida e tolo, você poderia causar a morte de Helena. Desista, nunca haveria uma chance para você, Hoover.

Parte 3

Numa noite de verão, estavam reunidos ao ar livre, nos degraus da escada de entrada, os pensionistas da sra. Parker. Também estava a srta. Leeson que, ao olhar fixamente para o firmamento, gritou de alegria: “Ora, lá está Billy Jackson! Posso vê-lo daqui de baixo também”.

Todos olharam para cima; alguns para as janelas dos edifícios em volta; outros esquadrinhando o céu à procura de um aeroplano — pilotado, é claro, por Billy Jackson.

“É aquela estrela”, explicou srta. Leeson, apontando com um dedo fino. “Não é a grande que pisca, mas sim a azul ao lado. Posso vê-la todas as noites pela minha claraboia. Aí lhe dei o nome de Billy Jackson.”

“Bem, realmente! Eu não sabia que você era astrônoma, srta. Leeson”, disse a srta. Longnecker.

“Ah, sim! Conheço tanto de estrelas quanto a tendência da moda para o próximo outono no planeta Marte”, respondeu a srta. Leeson.

“Bem, realmente!”, respondeu a srta. Longnecker. “A estrela de que você está falando é a Gamma, da constelação da Cassiopeia. Ela é de segunda magnitude, e a sua passagem meridiana é…”

“Oh!” interrompeu o jovem sr. Evans. “Acho que Billy Jackson é um nome muito mais adequado.”

“Eu também”, disse o sr. Hoover, em tom desafiador. “Acho que a srta. Leeson tem o mesmo direito de batizar estrelas que tiveram os astrônomos da Antiguidade.”

“Bem, realmente!”, disse mais uma vez a srta. Longnecker.

“Eu me pergunto se é uma estrela de atirar. Acertei nove patos e um coelho de cada dez, no último domingo na barraca de tiro do parque da Ilha Coney”, disse a srta. Dort.

“Não dá para ver direito daqui de baixo. Você precisaria vê-la do meu quarto”, comentou a srta. Leeson. “Mesmo de dia, dá para ver estrelas estando no fundo de um poço. À noite, o meu quarto parece um túnel de uma mina de carvão, e a luminosidade faz Billy Jackson parecer um grande diamante colado a um pino de atarraxar que a escura noite usa para prender seu quimono.”

Parte 4

Chegou uma época em que reduziram os trabalhos para a srta. Leeson fazer em casa. E, quando ela saía de manhã, não era para trabalhar. Andava de escritório em escritório atrás de serviço, e seu coração derretia em gotas após cada fria recusa transmitida por insolentes office-boys.

Houve uma noite em que ela, exausta, subia a escada do alpendre da pensão da sra. Parker na mesma hora em que sempre voltava do restaurante após o jantar. Só que, dessa vez, não teve jantar.

Ao subir as escadas do hall da casa, encontrou o sr. Hoover. A sua gordura pairava no ar acima da srta. Leeson, como uma avalanche prestes a desabar. Ele não perdeu tempo. Ali mesmo pediu-a em casamento. Ela se esquivou, segurando no corrimão. Ele tentou pegar sua mão, mas ela levantou e esbofeteou-o sem força no rosto. Degrau a degrau ela continuou subindo, movimentando-se com esforço.

Passou pela porta do sr. Skidder na hora em que ele estava redigindo, com tinta vermelha, as instruções para a personagem Myrtle Delorme (srta. Leeson) realizar piruetas através do palco — em sua comédia ainda não aprovada.

Finalmente, a srta. Leeson chegou ao seu sótão. Estava fraca demais para acender a luz e tirar a roupa. Desabou sobre a cama de ferro, seu frágil corpo mal conseguindo ocupar os vazios deixados pelas molas gastas e afundadas. E, naquele Érebo[4] do sótão, ela lentamente ergueu os pesados cílios e sorriu. Lá estava Billy Jackson, brilhando para ela diretamente através do vidro, de maneira calma, clara e constante. Não existia mais o mundo ao seu redor, afundada num fosso de escuridão coberto por aquele pequeno quadrado transparente, emoldurando de luz a estrela que ela havia tão caprichosa e, pena, tão inutilmente batizado. Sim, a srta. Longnecker devia estar certa; era Gamma, da constelação Cassiopeia, e não Billy Jackson. Ainda assim, ela não podia consentir que fosse Gamma.

Deitada de costas, por duas vezes tentou levantar o braço. Na terceira vez, trouxe dois dedos finos até seus lábios e mandou um beijo de despedida para Billy Jackson, de dentro de seu buraco negro. Seu braço sem força caiu de volta. "Adeus, Billy", num murmúrio quase inaudível. "Você está a milhões de quilômetros e não piscou uma vez sequer. Mas se manteve numa posição em que pude ver a maior parte do tempo, quando nada mais havia para ver na escuridão, certo?… milhões de quilômetros… Adeus, Billy Jackson."

Parte 5

No dia seguinte, Clara, a empregada negra, encontrou o quarto trancado às dez horas da manhã. Arrombaram a porta. Nada do que foi providenciado surtiu efeito — vinagre, tapas nos pulsos, fumaça de penas queimadas. Aí alguém correu ao telefone para chamar uma ambulância.

No devido tempo, à porta da rua com ruído apressado de gongo,[5] um jovem e capacitado médico com seu casaco de linho branco, ativo, pronto, confiante, com seu rosto liso, meio-charmoso e meio-rígido, subiu aos saltos os degraus.

"Chamado de ambulância para o número 49", falou rapidamente. "Qual é o problema?"

“Ah, sim, doutor”, suspirou a sra. Parker, falando como se o maior problema fosse ter problema na sua casa. “Não consigo imaginar o que aconteceu com ela. Nada do que fizemos para acordá-la adiantou. Ela é jovem, acho que seu nome é Elsie — sim, srta. Elsie Leeson. Nunca antes na minha casa…”

“Qual é o quarto?”, gritou o médico com uma voz terrível, de um jeito que a sra. Parker não estava acostumada a ouvir.

“O sótão. Ele…”

Evidentemente, o jovem médico estava acostumado a localizar sótãos. Saiu em disparada pelas escadas, subindo os degraus de quatro em quatro. A sra. Parker, que o seguia, subia vagarosamente, como exigia sua dignidade.

Mal chegou ao primeiro andar e já o encontrou descendo com a astrônoma desacordada em seus braços. Ele parou e, falando em voz baixa para a sra. Parker, soltou a língua experimentada e afiada como um bisturi. Aos poucos, a arrogância da sra. Parker foi se esvanecendo, e ela foi murchando, como murcha uma roupa pendurada num prego na parede. Mesmo mais tarde, depois de passado o incidente, ficaram marcas em seu corpo e sua mente. Seus inquilinos nunca descobriram, mas ficavam às vezes muito curiosos sobre o que teria dito o jovem doutor à sra. Parker. “Deixe estar”, ela respondia. “Se eu obtiver perdão por ter ouvido o que ouvi, estarei satisfeita.”

O médico da ambulância caminhava a passos largos com sua carga através da multidão — que mais parecia uma matilha de cães de caça, numa perseguição gerada pela curiosidade, mas que depois recuava com sentimento de medo, uma vez que o olhar do médico era de quem conduzia seus próprios mortos.

Eles notaram em seguida que o médico não deitou a paciente na cama da ambulância, e sim que a levou no colo, e tudo o que ele dizia era: “Corra como o diabo, Wilson!”, para o motorista.

Final

Isso é tudo, leitor ou leitora. E o resto da história? No jornal da manhã do dia seguinte, eu vi uma minúscula notícia, e sua última frase pode lhe ajudar (como me ajudou) a juntar os incidentes ocorridos.

A notícia descrevia a chegada, ao Hospital Bellevue, de uma jovem que havia sido removida de uma casa de número 49 numa rua do lado leste, sofrendo de debilidade decorrente de desnutrição. Conclui então com as seguintes palavras:

"O dr. William Jackson, o médico da ambulância que atendeu o caso, disse que a paciente vai se recuperar."

---

1. Enfeite em ferro fundido ou madeira entalhada, de origem europeia, muito usado em janelas no fim do século e início do século . [n.t.]↩
2. Milionária norte-americana (1834—1916), também conhecida por ser muito econômica e avarenta. Mulher de negócios desde tenra idade e banqueira após herdar o banco do pai. [n.t.]↩
3. Personagem de Shakespeare. Apesar de ser mau-caráter, bandido, mentiroso, covarde e bêbado, é adorado por ser bem humorado, jovial e infantil. [n.t.]↩
4. Região escura abaixo da Terra e acima do inferno (mitologia grega). [n.t.]↩
5. Prato de metal que, quando batido por um instrumento, faz ruído. Usado antes da invenção das sirenes elétricas, servia de alerta no trânsito para veículos preferenciais, como ambulâncias, viaturas policiais e bombeiros. [n.t.]↩

O cliente da cidade dos cactos

Parte 1

Ainda bem que não se pega febre do feno e resfriado na saudável região da Cidade dos Cactos, Texas, pois o empório de mercadorias secas Navarro & Platt, aqui situado, não é lugar para espirros.

Os 20 mil habitantes na Cidade dos Cactos são mão-aberta com suas moedas de prata na hora de adquirir as coisas que seus corações desejam. Com isso, o grosso do precioso metal vai parar nos cofres da Navarro & Platt. Seu enorme edifício de tijolos aparentes cobre uma superfície que daria para uma dúzia de carneiros pastarem. Eles têm para vender desde gravatas de couro de cascavel até automóveis, passando por casacos de couro curtido para senhoras por 85 dólares cada, última moda em vinte diferentes tonalidades. Navarro & Platt foi o primeiro a introduzir moedas de um centavo[1] a oeste do Rio Colorado. Eles haviam sido rancheiros; porém, com cabeça de empresários, viram que o mundo não acabava necessariamente no final do seu gramado para pasto.

Todos os anos na primavera, Navarro, o sócio mais velho — metade hispânico, cosmopolita, idôneo, educado —, agora com 55 anos, ia a Nova York para adquirir mercadorias. Contudo, este ano ele recuou da ideia de percorrer a longa trajetória. Ele estava ficando, sem dúvida, mais velho; e olhava seu relógio várias vezes ao dia, antevendo a hora da sesta.

“John,” disse ele ao seu jovem sócio, “desta vez, você vai a Nova York comprar as mercadorias.”

John Platt parecia cansado. “Disseram-me que Nova York é uma cidade completamente morta, sem diversão. Mas eu irei, sim. E no caminho pararei em San Antonio por alguns dias para agitar um pouco.”

Parte 2

Duas semanas depois, um homem trajando um costume completo do Texas — casaco preto longo, chapéu branco de abas, colarinho de dez centímetros de altura, corrente de pescoço preta — entrou no

estabelecimento Zizzbaum & Filho, atacadista de casacos e vestidos, localizado na baixa Broadway.

O velho Zizzbaum tinha olhos de águia pescadora, memória de elefante, e mente que se desdobrava rapidamente em vários movimentos interligados, como régua de carpinteiro. Assim que viu Platt, ele deslizou para a entrada da loja, como um urso polar sobre o gelo, e apertou sua mão.

"Como vai o sr. Navarro?", perguntou. "A viagem ia ser muito cansativa para ele este ano, não ia? Nós então damos boas vindas ao sr. Platt."

"Um tiro certeiro!", disse Platt. "E eu seria capaz de lhe dar quinze hectares de terras não irrigadas no condado de Pecos para saber como o senhor descobriu."

"Eu sabia," disse Zizzbaum, "como eu sei que o índice pluviométrico em El Paso este ano foi de 720 milímetros, ou seja, houve um acréscimo de 380 milímetros, e que portanto Navarro & Platt este ano vão adquirir 15 mil dólares de vestidos, ao invés dos 10 mil dólares do ano passado, mais seco. Mas isso vai ficar para amanhã. Eu tenho um charuto legítimo em meu escritório, que vai remover da sua boca o gosto dos charutos que vocês trazem contrabandeados através do Rio Grande e arredores — porque eles são contrabandeados."

A tarde já estava no final, os negócios do dia já estavam encerrados quando Zizzbaum saiu de sua sala, deixando Platt com um charuto fumado pela metade, e foi à sala do filho, que estava ajustando seu prendedor de cachecol de diamante diante do espelho, pronto para sair.

"Abey," disse ele, "você vai ter que levar o sr. Platt hoje à noite para dar uma volta pela cidade, para mostrar-lhe algumas coisas. Eles são nossos clientes há dez anos. O sr. Navarro e eu jogávamos xadrez nas horas vagas quando ele vinha. Isso é bom, mas o sr. Platt é jovem e esta é sua primeira visita a Nova York. Ele não terá dificuldade de se entreter."

"Está certo", disse Abey, atarraxando firmemente o pino ao prendedor. "Vou levá-lo. Depois que ele tiver visto o Flatiron,[2] o *maître* do hotel Astor e ouvido o gramofone tocar "Sob a velha macieira", serão 22h30, e o senhor Texas estará pronto para entrar debaixo do cobertor. Eu terei um jantar às 23h30, mas ele estará aos cuidados da sra. Winslow antes disso."

Parte 3

Na manhã seguinte às dez, Platt entrou na loja pronto para fazer negócios. Ele tinha um maço de jacintos presos à lapela. Zizzbaum estava aguardando-o. Navarro & Platt eram bons clientes e nunca falhavam em pleitear e receber desconto para pagamento à vista.

"O que você achou da nossa cidadezinha?", perguntou Zizzbaum, com o sorriso vaidoso dos habitantes de Manhattan.

"Eu não moraria aqui", disse o texano. "Seu filho e eu andamos um bocado ontem à noite. Vocês têm água de boa qualidade, mas a Cidade dos Cactos é mais iluminada."

"Nós temos boa iluminação na Broadway, você não acha, sr. Platt?"

"E muita escuridão", disse Platt. "Acho que do que mais gostei foi dos seus cavalos. Não vi nenhum animal abandonado desde que cheguei à cidade."

Zizzbaum conduziu-o ao andar superior para mostrar os modelos de vestidos.

"Peça para a srta. Asher vir até aqui", ele disse a uma balconista.

A srta. Asher veio, e Platt, da Navarro & Platt, sentiu pela primeira vez a maravilhosa luz clara do romance e da glória descer sobre si. Ele permaneceu imóvel como um rochedo à beira do cânion do Colorado, com olhos arregalados e fixos nela — que notou o seu olhar e corou um pouquinho, o que não era seu costume.

A srta. Asher era a modelo top da Zizzbaum & Filho. Ela era do tipo loiro, de compleição média, e suas medidas eram ainda melhores que as do padrão, 95—63—105. Há dois anos trabalhava na Zizzbaum & Filho e conhecia bem seu negócio. Seus olhos eram brilhantes, porém frios; e se ela tivesse escolhido enfrentar o olhar penetrante desse famoso lagarto do Texas, o fabuloso monstro teria vacilado e se retraído. Não por acaso, ela sabia reconhecer os clientes.

"Agora, sr. Platt," disse Zizzbaum, "quero que você veja estes vestidos longos em tons claros. Serão o grito da moda para o seu clima quente. Este primeiro, por favor, srta. Asher."

A modelo rapidamente entrava e saía do quarto de vestir, trajando um costume diferente e, a cada mudança, parecendo mais e mais estonteante. Ela posava com absoluta autoconfiança perante o abalado cliente, que permanecia de língua amarrada e imóvel, enquanto Zizzbaum praticava um discurso bem lubrificado sobre os estilos. O rosto da modelo

apresentava um sorriso tênue, impessoal e profissional, que parecia encobrir algo como aborrecimento ou desprezo.

Quando a apresentação terminou, Platt parecia hesitante. Zizzbaum estava um pouco ansioso, temendo a possibilidade de seu cliente estar propenso a procurar outro fornecedor. Mas Platt estava apenas repassando em sua mente os melhores locais da Cidade dos Cactos, tentando escolher um deles para construir uma casa para sua futura esposa, que estava nesse momento no quarto de vestir, tirando um vestido de noite de tule de cor lavanda.

"Não se apresse, sr. Platt; pense com calma essa noite. Você não vai encontrar preços e qualidade iguais aos nossos", disse Zizzbaum. "Acho que você está passando uns dias monótonos em Nova York, sr. Platt. Um jovem como você deve estar sentindo, é claro, falta de companhia feminina. Gostaria de levar uma jovem senhorita para jantar essa noite? A srta. Asher é uma jovem muito agradável para lhe fazer companhia."

"Ora, ela não me conhece", disse Platt, em dúvida. "Ela não sabe nada a meu respeito. Por que ela iria sair comigo?"

"Se ela iria?", repetiu Zizzbaum, de sobrancelhas erguidas. "Claro que iria. Vou lhe apresentar a ela. E claro que ela irá."

Ele chamou a srta. Asher em voz alta. Ela veio, calma e levemente insolente, trajando sua blusa branca acinturada e saia preta.

"O sr. Platt gostaria de ter o prazer da sua companhia para jantar essa noite", declarou Zizzbaum, afastando-se em seguida.

"Claro", respondeu a srta. Asher, olhando para o teto. "Terei muito prazer. Meu endereço é Rua Vinte, Oeste, nº 911. A que horas?"

"Digamos às dezenove?"

"Perfeito, mas por favor não se antecipe. Divido espaço com uma professora, e ela não permite que nenhum cavalheiro espere no quarto. Não existe uma sala de visitas, então você terá que esperar no hall de entrada. Mas eu estarei pronta."

Parte 4

Às 19h30, Platt e a srta. Asher estavam sentados a uma mesa de um restaurante da Broadway. Ela estava usando cor preta opaca. Platt não sabia que isso era parte de seu dia de trabalho.

Com a ajuda discreta de um bom garçom, Platt conseguiu escolher um respeitável jantar, sem as preliminares usuais servidas na Broadway.

A srta. Asher lançou sobre ele um encantador sorriso.

"Posso pedir um aperitivo?"

"Ora, com certeza", respondeu Platt. "O que você quiser."

"Um Martini seco", ela pediu ao garçom.

Quando o copo chegou e foi colocado em frente a ela, Platt pegou-o e afastou para longe.

"O que é isso?", ele perguntou.

"Um aperitivo, é claro."

"Pensei que você houvesse pedido algum tipo de chá. Isso é alcoólico, você não pode beber. Qual é o seu primeiro nome?"

"Para meus amigos íntimos," respondeu a srta. Asher, friamente, "é Helen."

"Ouça, Helen", disse Platt, curvando-se sobre a mesa. "Há muitos anos, a cada vez que as flores desabrocham nas planícies com a chegada da primavera, penso em alguém que nunca conheci ou ouvi falar. Descobri ontem, no primeiro minuto em que a vi, que essa pessoa era você. Voltarei para casa amanhã e você irá comigo. Sei que irá, pois vi nos seus olhos o seu primeiro olhar. Você não precisa contestar, pois tem que aderir a regras predeterminadas. Eis aqui um pequeno mimo que comprei para você ao vir para cá."

Ele estendeu, através da mesa, um anel solitário com um diamante de dois quilates. A srta. Asher empurrou-o de volta com seu garfo.

"Não seja atrevido", ela respondeu com severidade.

"Eu valho cem mil dólares," disse Platt, "construirei para você a mais bela casa do oeste do Texas."

"Você não poderia me comprar, sr. Comprador, se você tivesse cem milhões," respondeu a srta. Asher. "Não pensei que tivesse que repreendê-lo. Você não era parecido com os outros no início, mas já vi que são todos iguais."

"Todos, quem?", perguntou Platt.

"Todos vocês, clientes. Vocês pensam que porque nós, garotas, temos que jantar com vocês ou perdemos nossos empregos, que vocês são privilegiados e podem falar o que querem. Bem, esqueça. Pensei que você fosse diferente dos outros, mas vejo que errei."

Platt pressionou seus dedos sobre a mesa com um gesto repentino de inspiradora satisfação.

"Achei!", ele exclamou, quase hilariante. "A casa do Nicholson, no lado norte. Há um grande bosque de carvalhos e um lago natural. A velha casa pode ser demolida e uma nova construída em seu lugar."

"Apague seu fogo", disse a srta. Asher. "Desculpe-me por acordá-lo, mas vocês homens precisam aprender, de uma vez por todas, o seu lugar. Eu sou obrigada a ir a jantares com vocês, ajudá-los a passar o tempo, para que vocês façam negócios com o velho Zizzy. Porém não espere me encontrar dentro de um dos vestidos que você vier a adquirir."

"Você está querendo me dizer," disse Platt, "que você sai desta mesma maneira com outros clientes, e eles — todos eles — falam da mesma maneira que eu?"

"Eles todos fazem propostas", disse a srta. Asher. "Entretanto, devo lhe dizer que você ganhou deles em um aspecto. Em geral, eles apenas falam de diamantes, enquanto você trouxe um de verdade."

"Há quanto tempo você trabalha, Helen?"

"Aprendeu meu nome, não é?! Eu me sustento há oito anos. Trabalhava como caixa embrulhando pacotes, e posteriormente como vendedora de loja até ficar adulta, e então como modelo. Sr. Texas, não acha que um pouco de vinho tornaria este jantar um pouco menos árido?"

"Você não vai beber vinho algum, querida. É terrível pensar como irei à loja amanhã pegar você. Quero que você escolha um automóvel antes de sairmos. Isso é tudo que nós precisaremos comprar aqui."

"Ora, pare com isso. Você não pode imaginar como eu estou enjoada de ouvir este tipo de conversa."

Após o jantar, eles caminharam Broadway abaixo, até o pequeno bosque da Diana.

As árvores do local chamaram a atenção de Platt imediatamente, e ele foi obrigado a se encolher para andar pelo caminho tortuoso por baixo delas. As luzes da rua refletiram duas grandes lágrimas nos olhos da modelo.

"Não gosto disso", disse Platt. "Qual é o problema?"

"Você não se importa", disse a srta. Asher. "Bem, é porque — bem, eu não pensei que você fosse daquela laia quando o vi pela primeira vez. Mas você é. Agora, você me leve para casa, ou vou ter que chamar um policial?"

Platt levou-a para a porta de sua pensão. Eles pararam por um minuto no vestíbulo. Ela o olhou com tanto desprezo em seus olhos que mesmo o duro coração dele, de carvalho, começou a hesitar. Seu braço já abraçava metade da cintura dela, quando ela o esbofeteou no rosto com a mão aberta.

Ele andou para trás e nisso caiu um anel de algum lugar, que fez ruído ao bater nos ladrilhos do assoalho. Platt tateou o piso e encontrou-o.

"Agora, pegue seu diamante inútil e vá, sr. Cliente", disse ela.

"Esse anel é o outro — é a aliança de casamento", disse o texano, segurando na palma da mão o círculo de ouro de superfície lisa.

Os olhos da srta. Asher brilharam sobre Platt na semiescuridão. "Foi isso que você quis dizer? Você…"

Neste momento, abriram a porta de entrada. "Boa noite", disse Platt. "Nos veremos amanhã na loja".

Final

A srta. Asher subiu as escadas correndo para o seu quarto, sacudiu a professora até ela acordar e sentar na cama, pronta para berrar "incêndio!"

"Onde é o fogo?", ela gritou.

"É isso que eu quero saber", disse a modelo. "Você estudou geografia, Emma, e deve saber. Onde fica uma cidade chamada Cac — Cac — Carac — Caracas, acho, como dizem?"

"Como você ousa me acordar para perguntar isso?", diz a professora. "Caracas fica na Venezuela, é claro."

"Como é lá?"

"Ora, tem basicamente terremotos, negros, chipanzés, malária e vulcões."

"Ah, eu não me importo", disse a srta. Asher alegremente; "Estou indo para lá amanhã."

---

1. Moeda denominada *penny*, produzida em cobre, com a efígie de Abraham Lincoln. [n.t.]↩
2. Edifício construído em 1902, então o mais alto de Nova York. [n.t.]↩

Histórias de uma nota ilícita de dez dólares

Introdução

O dinheiro fala. Mas você pode achar que a conversa de uma velha e pequena nota de dez dólares em Nova York não seria nada mais do que um sussurro. Pois muito bem! Pule esta autobiografia em voz baixa de um 1 vermelho se você quiser. E se você é do tipo que prefere ouvir o rugido do talão de cheques do sr. John D. Rockefeller2 através de um megafone à medida que ele passa por você, tudo bem. Mas não se esqueça de que as moedas também podem fazer seus comentários aqui e ali. Na próxima vez em que você der uma moeda de um quarto de dólar de prata de gorjeta para subornar o balconista da mercearia a lhe entregar, à custa do patrão dele, um adicional de peso da mercadoria adquirida, leia as quatro palavras "Nós confiamos em Deus" escritas acima da efígie da moeda. Que tal uma réplica?

Parte 1

Eu sou uma nota de dez dólares, ano 1901. Talvez você já tenha visto alguma nas mãos de um amigo seu. Na minha face, bem no centro, está uma reprodução do bisão americano, erroneamente denominado de búfalo por cinquenta ou sessenta milhões de americanos. As fotos do capitão Lewis e do capitão Clark adornam as extremidades da face. Nas minhas costas, está a graciosa figura da Estátua da Liberdade ou Ceres ou Maxine Elliot em pé no centro do palco em uma estufa. Minha referência no Tesouro Americano é "Seção 3.588, Estatutos Revisados". Dez dólares frios e duros — não estou informando se são de prata, ouro, chumbo ou ferro — é o que o Tio Sam vai lhe entregar em mãos por cima do balcão se você quiser me descontar.

Eu imploro que você desculpe qualquer interrupção minha para conversar — grata, eu sabia que você concordaria —, você tem aquele baixo e dissimulado respeito com relação a um , não tem? Veja, uma nota ilícita não tem muita chance de adquirir uma forma correta de expressão cultural. Eu nunca realmente conheci uma pessoa culta e instruída que

pudesse manter uma nota de dez mais tempo do que gastaria o atleta Arthur Duffey[3] para alcançar o mais próximo anúncio do *That's All!*, ou uma *delicatessen*.

Estamos em 1907 e, para os meus seis anos de idade, eu até que tenho tido uma circulação cheia de vida e alegria. Creio que já paguei todos os débitos da vida inteira de um homem. Já fui possuída por muitos tipos de pessoas.

Parte 2

Mas um dia, uma velha, amarrotada, úmida e encardida nota de cinco dólares, com certificação de equivalência em prata, causou-me um sobressalto. Nós estávamos juntas no bolso estufado do avental mal cheiroso de um açougueiro.

"Ei, você, Touro Sentado,"[4] eu disse, "não me empurre. De qualquer forma, você não acha que já está na hora de você ir a um posto de recolhimento e ser retirada de circulação? Para uma nota de série 1899, você está com aparência horrível."

"Ora, não seja sarcástica só porque você é um Buffalo Bill",[5] disse a nota de cinco dólares. "Você também estaria um bagaço se passasse o dia todo enfiada em um bolso de algodão grosso, presa por um elástico, dentro de uma loja cuja temperatura nunca fica abaixo de trinta graus."

"Nunca ouvi falar de uma carteira assim", disse a ela. "Quem trouxe você?"

"Uma cliente", respondeu a nota de cinco.

"O que é isso?", tive que perguntar.

"Você só saberá quando milhares delas chegarem", respondeu a de cinco.

Aí uma nota de dois dólares atrás de mim, com o rosto do George Washington, falou para a de cinco:

"Ah! Pare de reclamar. Bolso de algodão não é suficientemente bom para você? Se você estivesse debaixo de tecido de algodão como eu estive o dia todo, sufocada com a poeira da fábrica onde eu estava, até a senhora que me pegou espirrar cinco ou seis vezes sobre mim, aí você teria razão para reclamar."

Isso foi no dia após eu chegar a Nova York. Eu vim para um banco no Brooklyn num pacote contendo 500 dólares em notas de dez, proveniente

de um banco da Pensilvânia — e ainda não tinha feito contato com as notas de cinco e dois dólares no mesmo bolso de algodão. Para mim, tudo tinha sido suave como uma seda o tempo todo até então.

Eu era uma nota de sorte. Não ficava parada. Algumas vezes eu mudava de mãos vinte vezes no mesmo dia. Vi o funcionamento interno de cada negócio; lutei por cada prazer de meus donos. Parecia que nas noites de sábado eu nunca deixava de ser estendida sobre o balcão de um bar. As notas de dez eram sempre estendidas, enquanto que as de um e dois dólares eram passadas aos *barmen* dobradas. Eu desenvolvi o hábito de procurar bebida, e eu manobrava para bebericar um pouco de Martini ou Manhattan, puro ou derramado, sempre que possível.

Porém, uma vez eu fui enfiada em um grande maço de notas engorduradas na calça jeans de um vendedor ambulante. Pensei que nunca mais voltaria a circular, pois o futuro dono de uma loja de departamentos vivia de uma ração de carne de cachorro e cebolas equivalente a oito centavos por dia. Até que um dia esse ambulante arrumou confusão por ter estacionado seu carrinho muito próximo de um cruzamento, e assim eu fui salva. Serei sempre grata ao policial que me pegou. Ele me trocou em uma loja de charutos, próxima à zona de meretrício, onde havia nos fundos uma sala de jogo de azar. Foi então que o capitão do distrito policial, finalmente, me fez a maior virada, ao ganhar a rodada. Ele me esbanjou na noite seguinte, trocando-me por vinho em um restaurante da Broadway; e eu realmente fiquei tão feliz quanto poderia, por voltar ao brilho como um Astor[6] se sente quando vê as luzes da Charing Cross.[7] Uma nota de dez dólares certamente se envolve em grande agito na Broadway.

Eu fui, por uma vez, pensão alimentícia; fui dobrada e acabei dentro de uma minúscula carteira de couro de cão, com várias moedas de dez centavos. Estas estavam se gabando dos tempos de agito em Ossining,[8] sempre circulando na mão de garotas adolescentes durante a temporada de sorvetes.

Por sorte, na hora do corre-corre da temporada das caras lagostas, aí nós, os bisões, circulamos e nos recusamos a permanecer grudados em imóveis igual argamassa, enquanto que para as pequenas gorjetas vale a sinalização de trânsito para veículos pesados e lentos, que têm que permanecer na pista da direita, seguindo as placas de sinalização.

Parte 3

A primeira vez que ouvi falar de dinheiro ilícito foi numa noite em que um sujeito com seu furgão fechado de entregas me atirou, juntamente com outras notas, para comprar uma pilha de uniformes.

Por volta de meia-noite, um homem grande e tranquilo, com o rosto cheio de um monge e o olhar de um faxineiro cujo salário foi reajustado, me recolheu com muitas outras notas e enrolou a gente numa espécie de maço de notas, usado por traficantes.

"Credite-me quinhentos dólares", disse ao banqueiro, "e fique atento a tudo, Charlie. Vou sair para uma caminhada pelo vale, antes que a luz do luar desapareça da borda do precipício. Se alguém me pegar, há 60 mil dólares enrolados em uma folha de jornal no canto superior esquerdo do cofre. Seja corajoso; em qualquer lugar, seja corajoso, mas não seja pego de surpresa. Boa noite."

Eu me vi entre duas notas de vinte dólares, conversíveis em ouro. Uma delas me falou: "Oi, chifre curto, hoje você está com sorte. Nesta noite, vai conhecer um pouco da vida. O velho Jack vai fazer o filé parecer um bife de hambúrguer."

"Explique melhor. Eu estou acostumada a restaurantes, mas não curto o filé mignon com molho que servem por aí."

"Desculpe," retrucou a nota de vinte, "o velho Jack é o dono deste cassino. Ele vai sair por aí esta noite porque ele ofereceu 50 mil dólares a uma igreja, que se recusou a aceitar alegando que é dinheiro ilícito."

"O que é uma igreja?", perguntei.

"Ah, esqueci que estou falando com uma nota de dez", respondeu a nota de vinte. "É claro que você não sabe. Você é muito para ser doada na coleta, mas é pouco para comprar qualquer bugiganga no bazar. Igreja é um edifício grande onde se vendem mata-borrões[9] e panos bordados por vinte dólares cada."

Eu não ligo muito para conversa com notas de vinte certificadas em ouro. Há um traço de esnobismo nelas. Mas nem tudo o que reluz é ouro.

O velho Jack era certamente um bom camarada, de ouro. Quando chegava sua vez de dar gorjeta, ele cuidadosamente nunca indicava um contabilista[10] a um garçom.

Aos poucos, espalhou-se o boato de que ele estava, como Moisés no deserto com o povo de Israel, fazendo jorrar água de pedra; e assim, ao longo de toda a Broadway, seres com narizes gelados e gargantas quentes

caíam no nosso trajeto. O "Terceiro Livro da Selva" estava lá, aguardando que alguém bancasse o custo de sua capa.

O dinheiro do velho Jack podia ter algo de ilícito, mas ao mesmo tempo tinha muitos interessados, como se fosse um saboroso queijo Camembert. Primeiramente foram seus amigos a se agrupar à sua volta; depois foram os amigos dos amigos; e então alguns inimigos enfiaram a faquinha de cortar queijo; e por fim ele estava comprando *souvenirs* para tantas virgens pescadoras napolitanas e octetos de poemas de borboleta que os *maîtres* estavam telefonando a toda a cidade à procura de Julian Mitchell,11 para que fizesse o favor de vir e estabelecer alguma ordem no local.

Por fim, fomos parar num café na periferia que eu já conhecia de cor. Quando a turma do sindicato dos carregadores de tijolos, vestidos com jaquetas e aventais, nos viu entrando, o principal chutador de pênaltis começou a ordenar "seis — onze — quarenta e dois — dezenove — doze" para seus homens, e eles colocaram seus protetores faciais12 até ficar esclarecido se estávamos nos referindo a Port Arthur13 ou Portsmouth.14 Entretanto, esta noite o velho Jack não estava trabalhando para fabricantes de móveis e vidros. Ele sentou quietamente e cantou "Ramble" em tom morno. Estava magoado, disse-me a nota de vinte dólares, por causa da recusa do pároco em aceitar sua doação.

Mas a festa não parou; e o próprio Brady não poderia ter forçado a multidão sedenta a uma melhor imitação do real pendor pelo produto que é entornado de uma garrafa de vidro desarrolhada.

O velho Jack pagou uma rodada com a nota de vinte acima de mim; e assim eu fiquei em primeiro plano no seu maço de notas. Ele colocou o maço sobre a mesa e mandou chamar o proprietário da casa.

"Mike," disse ele, "aqui tem dinheiro que os bons samaritanos se recusaram a receber. Será que dá para comprar suas mercadorias em nome do demônio? Dizem que este dinheiro é ilícito."

"Claro que sim," respondeu Mike, "e vou guardá-lo próximo às contas que paguei pelos beijos da filha do pároco na quermesse da igreja, em prol da construção da nova ala com os aposentos para ela morar."

A uma hora da madrugada, quando os funcionários do restaurante estavam se preparando para fechar as portas e continuar funcionando internamente, uma mulher entrou furtivamente pela porta e se aproximou da mesa do velho Jack. Você já viu este tipo: xale preto, cabelo arrepiado,

blusa maltrapilha, rosto branco, olhos que parecem um cruzamento dos do anjo Gabriel com os de um gatinho doente; é o tipo de mulher que está sempre ligada em algum automóvel ou no comitê da mendicância — ela ficou em pé sem dizer uma palavra, mas de olho no dinheiro.

Aí o velho Jack se levantou, me puxou do maço de notas e me entregou a ela com uma reverência.

"Madame," ele disse, tal como os atores que vi representar, "aqui está uma nota ilícita. Eu sou jogador. Essa nota chegou a mim esta noite através do filho de um amigo. Onde ele a conseguiu eu não sei. Se a senhora fizer o favor de aceitá-la, será sua."

A mulher me pegou com a mão tremendo.

"Senhor," ela respondeu, "contei e separei milhares dessas notas para despachar quando elas eram virgens, recém-saídas das prensas da gráfica. Eu era funcionária do Departamento do Tesouro. Havia um oficial a quem eu devia meu emprego. O senhor disse que essa nota agora é ilícita. Se o senhor soubesse… mas não vou dizer mais nada. Agradeço de todo coração, senhor. Obrigado. Obrigado."

Agora, para onde você acha que a mulher me levou numa pressa, quase correndo? Para uma padaria, ora. Longe do velho Jack e divertindo-se numa padaria. E com isso eu fui trocada por uma dúzia de pães e uma fatia de um bolo com gelatina, tão grande quanto uma roda d'água; por fim, ela saiu levando suas compras com as notas e moedas que recebeu de troco, para uma caminhada de trinta quilômetros, como as longas viagens do general Sheridan.[15]

É claro que naquela noite eu perdi de vista as outras notas e moedas, pois fiquei enfurnada naquela padaria, perguntando a mim mesma se eu seria trocada na farmácia no dia seguinte na compra de algum sulfato adstringente, ou se seria usada para pagar um serviço de construção.

Final

Uma semana mais tarde, trombei com uma das notas de um dólar que o padeiro havia dado para a mulher como troco.

"Ei, E35039669," disse para ela, "você não estava no meu troco naquela noite de sábado na padaria?"

"Sim", respondeu a solitária, em seu estilo livre e direto.

"O que aconteceu depois que vocês se foram?", perguntei.

“Ela trocou a E17051431 por centavos e um bife”, respondeu a nota de um dólar. “E eu fiquei com ela até o dia em que apareceu o homem do aluguel. Era um quarto de gente ociosa, com uma criança enferma. Você deveria tê-lo visto pegar o pão e tintura de formaldeído. Acho que estava meio morto de fome. Aí ela começou a orar. Não fique encucada, nota de dez. Enquanto vocês de dez ouvem uma prece, nós, de um dólar, ouvimos dez preces. Ela falou alguma coisa sobre dar para os pobres. Ah, chega de falar de desgraça. Cansei dos tipos que ficam comigo. Eu queria ser grande como vocês, notas ilícitas, para poder transitar pela alta sociedade.”

“Ah, cale a boca”, respondi. “Não existe isso. Conheço a história toda. Há um ditado qualquer sobre emprestar a Deus quem dá aos pobres. Agora, olhe nas minhas costas e diga o que você está lendo.”

“Essa nota tem valor legal e líquido de valor de face para qualquer débito público ou privado.”

“Está vendo?! Sou perfeitamente legal! Essa história de dinheiro ilícito já me cansou”, respondi.

---

1. As notas de dez dólares, impressas por volta de 1900, eram apelidadas de por causa da sua estampa com a palavra escrita sobre um grande . [n.t.]↩
2. John Davison Rockefeller (1839—1937): multimilionário norte-americano, magnata do petróleo, um dos homens mais ricos dos em sua época. [n.t.]↩
3. Atleta norte-americano (1879—1955), campeão de corrida dos cem metros rasos, vencedor da Olimpíada de Verão de 1900 em Paris, França. [n.t.]↩
4. “Sitting Bull”, índio norte-americano (1831—1890), morto em confronto com a polícia, estampado na nota de cinco dólares lançada em 1899. [n.t.]↩
5. “Buffalo Bill”, caçador de bisões, era o apelido de William Frederick Cody (1846—1917), soldado durante a Guerra de Secessão, biscate e *showman*. [n.t.]↩
6. William Waldorf Astor (1848—1919): multimilionário nova-iorquino, que sofreu ameaças de sequestro em Nova York e resolveu mudar-se em definitivo para Londres, de onde nunca mais voltou para morar nos . [n.t.]↩

7. Cruzamento no centro de Londres. [n.t.]↩
8. Pequena cidade próxima a Nova York. [n.t.]↩
9. Objeto com formato de meia-lua, feito em madeira e papel absorvente, usado antigamente para absorver excesso de tinta de caneta após a escrita. Daí o nome característico. [n.t.]↩
10. Profissional de contabilidade; aqui tem o sentido de “contar e economizar centavos”, como são apelidados esses profissionais, por força de seu trabalho. [n.t.]↩
11. Julian Mitchell (1854–1926) foi diretor, coreógrafo e produtor de musicais da Broadway. [n.t.]↩
12. Capacetes usados em posição de defesa no jogo de rúgbi, para proteção do rosto. [n.t.]↩
13. Base militar na Manchúria/China, onde em 1905 as tropas japonesas foram massacradas pelas tropas russas. [n.t.]↩
14. Time inglês de futebol, fundado em 1898 na cidade de Portsmouth, Inglaterra. [n.t.]↩
15. Philip Sheridan (1831—1888), general norte-americano, andou por uma boa parte do território dos Estados Unidos comandando diversas batalhas e, na Europa, em 1870, durante a guerra Franco-Prussiana. [n.t.]↩

O policial e o hino da igreja

Parte 1

Sentado em seu banco na praça Madison, Soapy[1] movimentava-se incomodado.

Quando os gansos selvagens grasnam nos céus; quando as senhoras que não têm casaco de pele começam a tratar bem os seus maridos; e quando Soapy se mexe inquieto no banco do parque, pode ter certeza de que o inverno está chegando.

Uma folha seca caiu no colo de Soapy. Era o cartão de visita do Homem do Gelo. Esse é gentil com os moradores do parque, avisando sua chegada anual com bastante antecedência. Nos cruzamentos de quatro ruas, ele entrega seus cartões ao Vento Norte — empregado da mansão de todos os sem-teto — para que seus moradores possam se preparar a tempo.

A mente de Soapy conscientizou-se do fato de que havia chegado o momento de se alistar em um Comitê Único de Maneiras e Modos de se precaver contra os rigores do frio. E por tal razão, ele estava ficando apreensivo, sentado em seu banco.

As suas ambições hibernatórias não eram das mais grandiosas. Não havia previsões de cruzeiros marítimos no Mar Mediterrâneo e céus soporíficos do sul, navegando pela baía do Vesúvio. Sua alma ambicionava apenas três meses de permanência na Ilha de Blackwell.[2] Três meses de cama e comida garantidas, em companhia compatível, a salvo de ventos Bóreas[3] e fardas azuis, pareciam a Soapy a essência do desejável. Havia anos que o hospitaleiro Presídio de Blackwell[4] vinha sendo seu alojamento de inverno.

Da mesma forma que seus mais afortunados conterrâneos nova-iorquinos a cada inverno adquiriam suas passagens para Palm Beach ou para a Riviera Francesa, o mesmo fazia Soapy com seus humildes arranjos para sua hégira[5] na Ilha.

Chegara a hora. Na noite anterior, três jornais sabáticos — espalhados por baixo de seu casaco, em volta de suas ancas e sobre seu colo — não foram suficientes para repelir o frio quando ele dormia em seu banco próximo à fonte jorrante, em meio à velha praça.

Assim, a Ilha crescia em tamanho e oportunidade na mente de Soapy. Ele desdenhava as provisões feitas pela cidade, em nome da caridade, para os desafortunados. Na opinião de Soapy, a lei era mais benigna do que a filantropia. Havia um incontável número de instituições, tanto municipais quanto particulares, onde ele poderia buscar e receber abrigo e comida simples. Porém, para alguém de espírito orgulhoso como Soapy, presentes de caridade são embaraçosos. Quando não em dinheiro, tem-se que pagar em humilhação de espírito cada benefício recebido das palmas das mãos da filantropia. Assim como César teve seu Brutus, cada cama da caridade tem como preço o banho obrigatório, cada fatia de pão tem por custo uma inquisição sobre a vida privada e pessoal. Razão pela qual é melhor ser um hóspede da lei, a qual, embora conduzida por regras, não se imiscui indevidamente na vida particular do cidadão.

Parte 2

Soapy, tendo decidido ir para a Ilha, começou imediatamente a arquitetar um plano de ação. Havia diversas maneiras de realizar esse intento. A mais prazerosa era jantar em grande estilo em algum restaurante caro; e então, após declarar insolvência, ser entregue em silêncio e sem tumulto a um policial. Um magistrado conciliador faria o resto.

Pulou do seu banco, saiu da praça, atravessou o mar de asfalto e foi perambular onde a Broadway e a Quinta Avenida se juntam. Ao subir a Broadway, deparou com uma cafeteria iluminada, onde à noite se misturavam os mais refinados produtos da uva, da seda e do protoplasma.6

Soapy tinha confiança em si mesmo e em suas roupas, do botão mais baixo ao mais alto. Ele estava barbeado, seu sobretudo estava com aparência decente, sua camisa e gravata preta em bom estado haviam sido dadas por uma senhora missionária no dia de Ação de Graças.

Se ele conseguisse sentar-se a uma mesa sem levantar suspeitas, seu sucesso estaria garantido. A metade dele que estaria visível acima da mesa não geraria dúvidas na mente do garçom. Um assado de pato selvagem, pensou Soapy, seria o máximo, acompanhado de queijo Camembert e uma garrafa de Chablis; por fim, um café e um charuto. Um dólar por um charuto seria suficiente. O valor total não seria exageradamente alto para gerar manifestação de retaliação por parte da gerência da casa; e ainda a

refeição serviria para deixá-lo bem alimentado e feliz para sua jornada ao seu iminente refúgio de inverno.

No entanto, assim que Soapy pisou no restaurante, o *maître*, com seu olhar aguçado, notou sua calça velha e seus sapatos decadentes. Mãos fortes e rápidas fizeram-no virar para a porta de saída e conduziram-no silenciosa e apressadamente para a rua, evitando o desprezível final do pato selvagem em perigo.

Soapy desistiu da Broadway. Parecia que sua rota para a cobiçada Ilha não seria através da gastronomia. Outra maneira de entrar no limbo teria que ser pensada.

Em uma esquina da Sexta Avenida, Soapy passou por uma loja com luzes acesas e mercadorias expostas organizadamente atrás de uma vitrine. Ele achou uma pedra de calçamento da rua e atirou na vidraça. Pessoas ouviram o barulho e correram para a loja, com um policial na sua dianteira. Soapy ficou parado em pé, com as mãos nos bolsos, e sorria vendo os botões de latão.

"Onde está o homem que fez aquilo?", perguntou o policial a Soapy.

"Não lhe ocorre que possa ter sido eu mesmo?", respondeu Soapy; não sem uma ponta de sarcasmo, porém amistosamente, como quem dá boas-vindas à boa sorte.

A mente do policial se recusou a cogitar até mesmo a hipótese de suspeita. Homens que destroem vidraças não ficam parados para conferenciar com os guardiões da lei. Eles giram sobre os calcanhares e correm. Neste momento, o policial viu um homem em disparada para pegar um bonde. Com o cassetete na mão, ele saiu em sua perseguição. Soapy, com desgosto no coração pelas duas tentativas sem sucesso, continuou sua vadiagem.

No outro lado da rua, havia um restaurante sem maiores pretensões, próprio para grandes apetites e modestos recursos. Tanto sua louça de barro quanto sua atmosfera eram pesadas, enquanto que suas sopas e toalhas de mesa eram ralas. Para esse lugar, Soapy resolveu levar, sem desafios, seus sapatos e sua calça reveladores de sua situação. Sentou-se a uma mesa e consumiu um bife com panquecas, roscas e torta. E aí então, ao garçom ele revelou o fato de que não havia nenhuma familiaridade entre ele e qualquer moeda, por menor que fosse.

"Agora, mexa-se e procure um policial," disse Soapy, "não deixe um cavalheiro esperando."

“Nada de polícia para você,” disse o garçom com voz mole como um bolo de manteiga e os olhos vermelhos como uma cereja de aperitivo. “Ei, Con!”, ele chamou o outro garçom.

Assim, os dois garçons empurraram Soapy para o meio da rua, que caiu deitado sobre a orelha esquerda no pavimento áspero. Ele se levantou, junta por junta, esticando como uma régua dobrável de carpinteiro, e bateu a poeira de sua roupa.

Mais uma vez, sua detenção foi apenas um sonho otimista. A Ilha ainda parecia muito distante. Um policial em pé na frente de uma farmácia duas lojas adiante riu de Soapy e saiu andando em sentido contrário.

Soapy andou mais cinco quarteirões antes de tomar coragem para nova investida rumo à sua detenção. Desta vez, a oportunidade se apresentou como ele mesmo orgulhosamente denominou de “barbada”. Uma moça de aparência simples e agradável estava diante de uma vitrine observando, com jovial interesse, os canecos para pincel de barba e os tinteiros. A dois metros da vitrine, um enorme policial com aspecto severo estava encostado em um hidrante de incêndio.

O plano de Soapy era assumir o papel de vilão e conquistador execrável. A aparência elegante e refinada de sua futura vítima, e a proximidade física do policial consciente de seu dever, encorajaram-no a acreditar que logo sentiria o tão sonhado aperto oficial no seu braço, que lhe asseguraria o encaminhamento para o “alojamento” de inverno na pequena Ilha.

Soapy ajustou a gravata feita à mão, presente da senhora missionária, esticou os punhos encolhidos de sua camisa, encaixou seu chapéu em inclinação fatal, e andou de lado até a jovem. Ele lançou olhares a ela, deixou-se ter acesso repentino de tosse e pigarro, sorriu afetadamente, e cumpriu descaradamente a petulante e desprezível ladainha de conquistador. Com o canto do olho, Soapy viu que o policial o observava fixamente. A jovem se afastou uns passos, e novamente voltou sua atenção aos canecos. Soapy seguiu-a, e audaciosamente parou ao seu lado, tirou o chapéu e disse:

“Olá, Bedelia, gostaria de vir jogar na minha quadra?”

O policial ainda o estava olhando. À jovem importunada, bastaria gesticular com um dedo que Soapy estaria na rota para seu abrigo na Ilha. Em sua imaginação, ele já podia sentir o aconchegante calor da casa-

estação. No entanto, a moça encarou-o e, ao esticar a mão, agarrou a manga de Soapy.

"Claro, Mike," disse ela com alegria, "se você vai me atirar em uma caçamba cheia de espuma de sabão. Eu já teria falado com você, mas o policial estava atento."

Com a jovem desempenhando o papel de planta que sobe aderindo ao tronco da árvore, Soapy saiu de cena e passou pelo lado do policial tomado de desânimo. Ele parecia estar condenado à liberdade.

Na esquina seguinte, ele livrou-se de seu companheiro e correu até parar em um distrito onde à noite se encontram os mais alegres endereços, corações, promessas e libretos musicais.

Mulheres vestidas com casacos de peles e homens vestidos com sobretudos transitavam alegremente no ar frio de inverno. Um medo repentino se apossou de Soapy de que algum encantamento maligno o havia tornado imune à detenção. Tal pensamento lhe trouxe certo pânico, e quando ele cruzou com outro policial parado em frente a um luxuoso[7] teatro, imediatamente agarrou a oportunidade de exercer "conduta desordeira".

Na calçada, Soapy começou a gritar termos sem sentido, tal qual um bêbado, no alto de sua voz estridente. Dançava, uivava, rugia, e assim perturbava a paz do local.

O policial girou seu cassetete, virou-se de costas para Soapy e comentou com um cidadão: "É um dos alunos de Yale celebrando a vitória sobre Hartford. Barulhento, porém inofensivo. Temos ordens de não importuná-los."

Desconsolado, Soapy interrompeu seu inútil tumulto. Será que nunca algum policial iria colocar as mãos nele? Em sua imaginação, a Ilha estava se tornando uma Arcádia[8] inatingível. Ele abotoou seu paletó leve para se proteger do vento gelado.

Ao passar por uma tabacaria, ele viu um homem bem vestido acendendo um charuto sob luzes piscantes. Ele havia deixado seu guarda-chuva de seda na porta ao entrar. Soapy adentrou a loja, pegou o guarda-chuva e saiu com ele vagarosamente. O homem saiu atrás dele apressadamente.

"Meu guarda-chuva", ele falou com firmeza.

"Ah, é?!", zombou Soapy, adicionando afronta a este pequeno roubo. "Então, por que você não chama a polícia? Eu peguei seu guarda-chuva!

Chame um policial; ali na esquina tem um."

O dono do guarda-chuva desacelerou seus passos. Soapy fez o mesmo, com um pressentimento de que a sorte estaria contra ele novamente. O policial observava os dois com curiosidade.

"Com certeza," afirmou o homem, "isto eh, eh, bem, o senhor sabe que erros acontecem; eu, eh, se o guarda-chuva é seu, peço desculpas. Peguei-o esta manhã em um restaurante. Se o senhor reconhecê-lo como seu, ora, espero que sim…"

"Claro que é meu", respondeu Soapy, perversamente.

O ex-dono do guarda-chuva se retraiu. E o policial correu para dar cobertura a uma loira alta, no outro lado da rua, trajando um longo casaco de peles, parada num ponto de embarque, pronta a subir em um bonde que ainda estava a duas quadras de distância.

Soapy caminhou para o leste da cidade através de uma rua em obras. Ele atirou com raiva o guarda-chuva dentro de uma escavação. Praguejou contra os homens que usam capacetes e carregam cassetetes. Enquanto Soapy queria ser preso com algemas, eles pareciam vê-lo como um rei que não poderia fazer nada errado.

Final

Por fim, Soapy atingiu uma das avenidas do lado leste, onde o brilho e o agito eram a regra. Ele passou direto, sem olhar, em direção à sua praça Madison, uma vez que o instinto de moradia existe mesmo para quem tem, como lar, um banco da praça.

Entretanto, antes de chegar à praça, Soapy parou em uma esquina de uma região muito tranquila, onde havia uma igreja muito antiga, graciosa, de formato arquitetônico pouco comum e telhado triangular. Através de uma janela com vitral de cor violeta, brilhava uma luz suave, de onde se ouvia o organista ensaiando nas teclas do órgão, preparando-se para o hino do culto do próximo domingo. Pois então, os suaves acordes musicais fluindo para os ouvidos de Soapy fizeram-no permanecer imobilizado, agarrado às curvaturas artísticas da grade de ferro da igreja, parecendo que iria saltar para dentro do prédio.

A lua no céu brilhava cheia e serena; veículos e pedestres eram poucos; pardais gorjeavam sonolentamente nos beirais dos telhados. Essa cena poderia perfeitamente bem estar acontecendo em uma igreja no

interior. E o hino que o organista tocava fazia Soapy ficar ainda mais agarrado à grade da igreja, sem sequer perceber sua posição estranha, trazendo lembranças do tempo em que sua vida continha coisas como mães e rosas e ambições e amigos, assim como pensamentos e colarinhos imaculados.

A conjunção do estado mental receptivo e as influências geradas pela velha igreja provocaram uma repentina e maravilhosa mudança na alma de Soapy. Ele visualizou com ligeiro horror o buraco em que se afundou, o período de degradação, desejos sem valor, esperanças mortas, aptidões destruídas e motivos fundamentais que construíram sua existência.

E, da mesma forma, em um minuto seu coração respondeu de maneira comovente a este novo astral. Um impulso forte e instantâneo moveu-o a batalhar por seu desesperador destino. Ele sairia do atoleiro; faria de si novamente um homem; dominaria o demônio que dele se apossara. Havia tempo; ele ainda era relativamente jovem; ressuscitaria suas antigas e ansiosas ambições e as perseguiria sem falta. Aquelas notas solenes porém doces, vindas do órgão da igreja, haviam gerado uma revolução dentro dele. Amanhã ele iria ao barulhento centro da cidade para procurar trabalho. Um importador de peles havia uma vez oferecido um emprego de condutor de veículos. Ele iria procurá-lo amanhã e pleitear a posição. Ele seria novamente alguém. Ele seria…

Soapy de repente sentiu uma mão forte no seu braço. Olhou para o lado e viu o rosto largo do policial.

“O que você está fazendo aqui?”, perguntou-lhe.

“Nada”, respondeu Soapy.

“Então venha comigo”, disse o policial.

“Três meses na ilha”, determinou o Magistrado na corte de polícia na manhã do dia seguinte.

---

1. *Soapy*: ensebado, sujo. [n.t.]↩
2. Localizada no East River, em Nova York, atualmente denominada Roosevelt Island. [n.t.]↩
3. Vento do norte. [n.t.]↩
4. Presídio na ilha de mesmo nome. Sua história remonta a 1832. [n.t.]↩
5. Longa viagem para escapar de uma situação indesejável. [n.t.]↩

6. Substância que compõe as células de seres vivos. [n.t.]↩
7. O termo original “transplendent” foi inventado por O. Henry, para exagerar no sentido de luxo e requinte. [n.t.]↩
8. Na mitologia grega, um local ideal para morar. [n.t.]↩

Uma questão dealtitude inadequada

Parte 1

Durante um determinado inverno, a Companhia Alcazar de Ópera de Nova Orleans realizou uma turnê especulativa pela costa do México, América Central e América do Sul. A empreitada provou ter sido de extremo sucesso. Os impressionáveis hispano-americanos amantes da música inundaram a companhia com dólares e "bravos". Assim, o gerente da companhia tornou-se próspero e afável, e quase foi persuadido a elevar os salários de toda a equipe da companhia quando, num momento não apropriado, deixou desabrochar a distinta flor de sua prosperidade — ao usar o rico sobretudo de pele de animal, entrelaçado, emoldurado e opulento. Entretanto com, um vigoroso esforço, venceu o impulso em direção a tal efervescência não lucrativa de alegria.

Em Macuto, na costa da Venezuela, a companhia registrou seu mais grandioso sucesso. Imagine "Coney Island" — a ilha de Nova York com seu enorme parque de diversões — traduzida para o espanhol, e você entenderá o que é Macuto, onde a alta estação vai de novembro a março. Vindos de La Guayra, Caracas, Valencia e outras cidades do interior, turistas afluem para a temporada de férias. Isso inclui banhos de mar, festas, touradas e escândalos. E então as pessoas desenvolvem uma relação passional com a música, que as bandas locais da praça e da praia agitam, mas não satisfazem. A chegada da Companhia Alcazar de Ópera despertou o mais extremado ardor e zelo entre os perseguidores do prazer.

O ilustre Guzmán Blanco, presidente e ditador da Venezuela, hospedou-se com sua corte em Macuto para a temporada. O poderoso governante — que pagava pessoalmente um subsídio anual de 40 mil pesos para a Grande Ópera de Caracas — determinou que um dos galpões do governo fosse transformado em teatro temporário. Um palco foi imediatamente construído e bancos rústicos de madeira foram produzidos para a plateia. Camarotes privados foram montados para uso do presidente e de seus notáveis do exército e do governo.

A Companhia permaneceu em Macuto durante duas semanas. Cada apresentação sua lotava o teatro, quase até onde fosse possível colocar

gente. Então o público, enlouquecido pela música, brigava dentro do teatro por espaço junto às janelas e portas abertas, e se apinhava às centenas do lado de fora. Tais audiências formavam uma colcha de retalhos de cores brilhantemente diversificadas. As nuances das suas faces variavam — do tom oliva claro dos espanhóis de puro sangue aos matizes amarelados e morenos dos mestiços, passando ao preto-carvão dos negros caribenhos e da Jamaica. Dispersos entre eles, havia alguns grupos de índios com semblantes duros como esculturas de pedra, enrolados em vistosos cobertores de fibra trançada, os quais vieram dos estados montanhosos de Zamora, Los Andes e Miranda para comercializar seu pó de ouro nas cidades costeiras.

O fascínio exercido sobre esses cidadãos das montanhas do interior era notável; eles se sentavam petrificados, em êxtase. Nos excitáveis macutianos era claramente visível que, com a língua e as mãos, esforçavam-se ardentemente para evidenciar seu prazer. Entretanto, apenas uma vez o sombrio entusiasmo desses aborígenes se fez perceber.

Durante a rendição de "Fausto" — ópera de Charles Gounod[1] — o presidente Guzmán Blanco, extravagantemente deliciado com a "Canção das joias" interpretada pelo soprano "Marguerite", atirou ao palco uma bolsa com pepitas de ouro. Outros distintos cidadãos seguiram seu líder a ponto de buscar em seus bolsos todas as moedas perdidas, enquanto algumas das finas e bem vestidas senhoras eram motivadas, por imitação, a atirar uma joia ou um ou dois anéis aos pés de "Marguerite" — que era, de acordo com o script, a *mademoiselle*[2] Nina Giraud. Então, de diferentes pontos da casa se levantaram diversos dos impassíveis habitantes das montanhas e atiraram ao palco pequenos sacos, nas cores marrom e cinza, que batiam no piso fazendo suave ruído abafado e não ricocheteavam. Era, sem dúvida, o prazer ao tributo da sua arte que fazia os olhos de *mlle*.[3] Giraud brilharem tão intensamente quando abria, em seu camarote, aqueles saquinhos feitos de couro de lhama contendo puro ouro em pó. Assim, o prazer era seu de direito, pois sua voz ao interpretar, pura, forte e impactante com o seu conteúdo emocional de artista, merecia o tributo que recebera.

Entretanto, o triunfo da Companhia de Ópera Alcazar não é o tema — ele apenas se apoia e dá o tom. Houve em Macuto uma tragédia, um mistério insolúvel, que moderou por um tempo a alegria da feliz temporada.

Parte 2

Uma noite, entre o crepúsculo do final do dia e a hora em que a personagem principal deveria estar rodopiando no palco, vestida como a ardente Carmem, de vermelho e preto, *mlle*. Nina Giraud desapareceu da vista e da percepção de seis mil pares de olhos e tantas mentes em Macuto. Houve o usual tumulto e pressa em procurá-la. Mensageiros correram para o pequeno hotel francês onde ela se hospedara; outros da companhia aceleraram a busca aqui e ali, onde ela poderia estar relaxando em alguma tenda ou prolongando o banho de sol na praia. Todas as buscas deram em nada. *Mlle*. havia desaparecido.

Meia hora passou e nada. O ditador, desacostumado com os caprichos de uma *prima donna*, ficou impaciente. Ele enviou um adido de seu camarote para avisar o gerente da companhia que, se a cortina não fosse imediatamente aberta, mandaria prender imediatamente toda a companhia — embora ser compelido a tal extremo fosse algo de desolar seu coração.

O gerente abandonou qualquer esperança de encontrar *mlle*. Giraud. Uma participante do coral, que por anos sonhou desesperançosamente em ser a Carmem, rapidamente agarrou a abençoada oportunidade e assim a ópera continuou.

Mais tarde, enquanto a cantora continuava desaparecida, a ajuda das autoridades foi solicitada. O presidente imediatamente colocou o exército, a polícia e a população no seu encalço. Porém, nenhuma pista do seu desaparecimento foi encontrada. Assim, a Companhia Alcazar deixou Macuto e seguiu para outras localidades a fim de cumprir seus outros compromissos contratuais.

Na volta, o navio a vapor ancorou em Macuto e o gerente da companhia saiu ansiosamente à busca de informações. Nenhum vestígio da dama foi descoberto. A Companhia Alcazar não tinha mais o que fazer; os objetos pessoais da desaparecida foram deixados no hotel, caso ela reaparecesse, e a companhia de ópera prosseguiu em sua viagem de volta a Nova Orleans.

Parte 3

No caminho real ao longo da costa da Venezuela, as duas mulas com selim e as quatro mulas de carga do senhor Don Johnny Armstrong,

pacientemente esperavam o estalo da chicotada do arreador, Luís. Aquele seria o sinal para o início de mais uma longa jornada através das montanhas. As mulas de carga foram carregadas com uma variedade de utensílios e cutelaria. Esses artigos o sr. Don Johnny trocava, com os índios do interior, por pó de ouro que eles recolhiam em lavagem nos ribeirões andinos e armazenavam em tubos ou saquinhos. Era um negócio lucrativo, e o sr. Armstrong esperava em breve ter recursos para comprar a fazenda de café que ele tanto cobiçava.

Armstrong parou na calçada estreita; trocou seu espanhol falho com o velho Peralto — rico comerciante nativo, que havia acabado de lhe cobrar quatro dinheiros por meia grosa[4] de machadinhas feitas em ferro fundido; depois retomou o inglês simplificado para falar com Rucker — o pequeno cidadão de origem alemã, que era o cônsul dos Estados Unidos na região.

"Leve com o senhor," dizia Peralto, "as bênçãos dos santos em sua jornada."

"Melhorr tentarr quinino",[5] resmungou o alemão com seu cachimbo na boca. "Tome dois grrãos toda noite ao dorrmirr. E não estenderr muito a viagem, Johnny, pois temos necessidade de você. É infame jogarrr carrtas com Melville no whist[6] e não há como substituirrr você. Adeus, e mantenha seus olhos entrre as orrelhas da mula quando você estiverr cavalgando à beirra do prrecipício."

As sinetas no pescoço da mula de Luís tocaram e o comboio de carga se enfileirou após o som de partida. Armstrong acenou um adeus e tomou seu lugar no final do comboio. Subiram a rua estreita e, no alto, viraram e passaram diante do hotel Inglês — uma construção de madeira de dois andares, onde se hospedaram Ives, Dawson, Richard e os demais da companhia, que agora estavam ociosos na ampla praça em frente, lendo jornais de uma semana antes. Eles se aglomeraram para ver o comboio passar, e gritavam mensagens de despedida — umas amistosas e inteligentes, outras nem tanto. As mulas atravessaram a praça trotando lentamente; passaram diante da estátua de bronze do ditador Guzmán Blanco, guardada por uma cerca construída de baionetas e rifles capturados dos revolucionários; passaram depois pela periferia da cidade, entre fileiras de cabanas com telhados de sapê e bandos de crianças nuas. Aí, eles se embrenharam por um úmido e fresco bananal, e foram desembocar em um ribeirão de águas claras, onde mulheres de pele morena bem escura, em trajes sumários, lavavam roupas nas pedras. A

comitiva cruzou o ribeirão, subiu pela outra margem em direção às montanhas, e se despediu desta forma da civilização existente na costa marítima.

Durante semanas, Armstrong, guiado por Luís, seguiu sua rota pelas montanhas. Depois de juntar uma arroba[7] do precioso metal, representando um lucro de quase cinco mil dólares, era hora de começar a voltar. As mulas, agora bem mais leves, começaram a descer a cordilheira. Quando atingiram a cabeceira do rio Guarico, que jorra de uma fenda numa rocha lateral de uma montanha, Luís parou o comboio.

"A meio-dia de viagem daqui," disse Luís, "está a aldeia de Tacuzama, que nós nunca visitamos. Creio que muitas onças[8] de ouro podem ser encontradas lá. Vale a tentativa."

Armstrong concordou, e eles se prepararam mais uma vez para subir as montanhas — dessa vez em direção a Tacuzama. A trilha era íngreme e estreita, atravessando uma densa floresta. Quando a noite desceu, escura e melancólica, Luís mais uma vez parou o comboio. Diante deles, havia um abismo negro, dividindo em duas a trilha até onde eles podiam ver.

Luís desmontou. "Aqui deveria haver uma ponte", ele afirmou, e percorreu a fenda a pé. "Aqui está", gritou; montou novamente e conduziu o comboio. Ao sair, Armstrong algumas vezes ouviu na escuridão um estrondo abafado, parecido com o de um tambor; eram os cascos das mulas afundando na ponte feita de couro resistente, atada a estacas e estendida através do abismo. Quase um quilômetro adiante, estava Tacuzama. A aldeia era uma congregação de cabanas de pedra e argila, inserida nas profundezas de uma densa e obscura floresta. Assim que entraram na floresta, ouviram um som inconsistente com a solidão meditativa do local. De uma cabana baixa e comprida, feita de pau-a-pique, da qual eles se aproximavam, vinha a gloriosa voz de uma mulher que cantava. A letra era em inglês, e havia algo de familiar para a memória de Armstrong, mas seu conhecimento musical não chegava a tanto.

Ele desceu de sua mula e deslizou furtivamente pela lateral da casa, até uma janela estreita localizada numa extremidade. Olhando cuidadosamente para dentro, ele viu, a apenas um metro de distância, uma linda mulher, de imponente beleza, vestida em um esplêndido roupão de pele de leopardo. A cabana era anexa a um pequeno espaço onde ela estava, com vários índios de compleição atarracada.

A moça encerrou sua canção e sentou-se próxima à janela onde estava Armstrong, sentindo-se gratificada pelo ar puro que entrava. Quando ela parou de cantar, vários índios que estavam assistindo levantaram-se e deixaram saquinhos de couro a seus pés. Um murmúrio áspero — sem dúvida uma forma bárbara de aplausos e comentários — correu pela intimidadora audiência.

Armstrong estava acostumado a aproveitar oportunidades assim que elas surgissem. Tirando vantagem do barulho na casa, ele chamou a mulher em voz baixa e clara: "Não vire a cabeça para cá, mas escute; eu sou americano, e se você precisa de assistência, diga-me o que fazer. Responda o mais brevemente que você puder."

"Estou prisioneira destes índios. Deus sabe que preciso de ajuda. Em duas horas, venha até a cabana a vinte metros em direção à montanha. Haverá uma luz e uma cortina vermelha na janela. Há sempre um guarda na porta, que você vai ter que enfrentar. Pelo amor dos céus, não falhe em vir."

Pausa para Reflexão

Esta história parecia até agora desprovida de aventura, resgate e mistério. O tema é muito suave para aqueles tons audaciosos e rápidos. E ainda assim volta longe no tempo. Denominou-se "meio ambiente", que é um termo tão fraco quanto qualquer outro, para expressar a afinidade do ser humano com a natureza; aquela fraternidade esquisita que faz as pedras, as árvores, a água salgada, as nuvens mexerem com as nossas emoções. Por que nós ficamos sérios, solenes e sublimes diante das altitudes das montanhas; circunspectos e contemplativos diante da abundância de árvores de uma floresta; reduzidos à inconstância e às acrobacias de um macaco dentro das ondas do mar em uma praia arenosa? Em parte por causa do protoplasma. Os cientistas estão investigando a matéria e, num futuro não muito distante, eles terão toda a vida representada numa tabela de símbolos.

Rapidamente, então, com o intuito de confinar a história dentro de fronteiras científicas, John Armstrong foi à cabana, asfixiou o índio guardião e resgatou *mlle*. Giraud. Junto com ela, vieram várias onças de pó de ouro que ganhou durante os seis meses de sua estada forçada em Tacuzama.

Os índios carabobos são facilmente os maiores entusiastas de música entre a linha do Equador e a Casa de Ópera Francesa em Nova Orleans. Eles também acreditam piamente, sem o saber, nas palavras do filósofo Emerson[9] quando este disse: "A coisa mais desejada, ó homem descontente, leve-a e pague o preço". Alguns deles haviam estado na recente temporada de ópera em Macuto e consideraram satisfatória a técnica e o desempenho de *mlle*. Giraud. Eles a queriam e, então, levaram-na uma noite, rapidamente e sem qualquer tumulto. Em Tacuzama, eles a trataram com muita consideração, exigindo apenas uma apresentação por noite. Ela estava muito satisfeita por ter sido resgatada pelo sr. Armstrong. Muito pelo mistério e aventura. Agora é hora de retomar a teoria do protoplasma.

John Armstrong e *mlle*. Giraud transitaram pelos picos andinos, envolvidos por sua grandiosidade e sublimidade. Os povos mais poderosos, mais afastados entre si, tornam-se, dentro da grande família da natureza, cientes de suas ligações. Entre aquelas enormes pilhas de rochas elevadas da crosta terrestre, no meio daquele gigantesco silêncio e paisagens a perder de vista, a mesquinhez do ser humano é precipitada assim como um químico separa um sedimento de outro. Eles se movimentavam com reverência, como em um templo. Suas almas estavam enaltecidas pelas imponentes altitudes. Eles viajavam por uma zona de majestade e paz.

Para Armstrong, a mulher era quase um objeto sagrado. Ainda banhada da dignidade branca e imóvel de seu martírio, o qual purificou sua beleza terrena e se extinguiu, parecia — em meio a uma aura de amabilidade transcendental, nestas primeiras horas de companhia — que ela extraiu dele uma adoração que era metade amor humano e metade adoração a uma deusa descida dos céus.

Nenhuma vez desde seu resgate ela havia sorrido. Sobre seu vestido, ainda usava o roupão de pele de leopardo, pois fazia frio nas montanhas. Ela parecia ser uma esplêndida princesa, originária daquelas altitudes selvagens e terríveis. O espírito da região harmonizava-se com o dela. Seus olhos estavam sempre voltados para os frios penhascos, os abismos azuis e os picos cobertos de neve, parecendo uma sublime melancolia igual à da paisagem. Algumas vezes durante a jornada, ela cantou arrepiantes te-déums[10] e *misereres*[11] cujas notas ecoavam nas paredes de pedra, e transformavam a jornada da descida numa solene procissão no

corredor dentro de uma catedral. A resgatada falava pouco e seu estado de ânimo estava mais voltado ao silêncio da natureza à sua volta. Armstrong olhava para ela como se estivesse vendo um anjo. Com isso, ele não podia pensar em cometer o sacrilégio de cortejá-la como cortejaria outras mulheres.

No terceiro dia, eles já haviam descido até a *tierra templada*, região de planícies e sopé das colinas. As montanhas estavam ficando para trás, mas ainda exibiam seus impressionantes picos. Aqui eles já encontravam sinais de existência humana. Viam as casas brancas da plantação de café cintilar através das clareiras. Eles atingiram uma estrada onde encontravam viajantes com mulas de carga. Havia gado pastando nas colinas. Passaram por uma pequena aldeia onde as crianças, de olhos redondos, gritavam e chamavam a comitiva.

Mlle. Giraud colocou de lado o casaco de pele de leopardo, uma vez que usá-lo agora parecia um pouco incoerente. Nas montanhas, parecia sob medida e natural. E se Armstrong não estava enganado, junto com o casaco ela havia colocado de lado uma parte da alta dignidade de seu porte. À medida que o campo ficava mais populoso e com sinais de vida confortável, ele observava, com uma sensação de alegria, que a sublime princesa e sacerdotisa dos picos andinos estava se transformando numa mulher — uma mulher comum mas não menos atraente. Um pouco de cor aflorou à sua face de mármore. Ela ajustou o vestido, que surgiu após a remoção do casaco, com o toque solícito de quem está consciente dos olhares alheios. Escovou o desalinhado cabelo. Um interesse mundano, por longo tempo latente na atmosfera gelada das montanhas, aparecia nos seus olhos.

O derretimento da sua divindade fez o coração de Armstrong bater mais rápido, da mesma forma que um explorador do Ártico arrepia-se ao ter a primeira percepção de um campo verde e águas em estado líquido. Eles agora estavam em um plano mais baixo da superfície terrestre e da vida, e estavam sucumbindo à sua influência sutil e peculiar. A austeridade das colinas não mais rarefazia o ar que eles respiravam. Em volta deles, respirava-se agora o aroma das frutas e do milho, das casas, o confortável cheiro da fumaça e da terra morna, e os prêmios de consolação que o ser humano colocou entre si e o pó da terra, da qual ele surgiu. Enquanto atravessava as terríveis montanhas, *mlle*. Giraud parecia ter sido envolvida no espírito de retiro reverencial. Seria ela aquela mesma mulher, agora

palpitante, calorosa, ansiosa, vibrando com a consciência da vida e charme, feminina até a ponta dos dedos? Ponderando sobre tudo isso, Armstrong sentiu certos receios invadindo seus pensamentos. Ele preferia parar ali mesmo com aquela criatura em mutação. Aquele ponto geográfico tinha a altitude e o ambiente ideal no qual a natureza dela parecia responder da melhor forma possível. Ele temia descer mais, aos níveis de dominação do homem. Será que o espírito dela iria se rebaixar àquela região para a qual eles estavam descendo?

Agora, sobre um pequeno platô, eles viam o brilho do mar no contorno das terras verdes baixas. *Mlle*. Giraud soltou um suspiro baixo e cativante. "Olhe, sr. Armstrong, lá está o mar. Não é adorável? Estou tão cansada das montanhas." Ergueu um bonito ombro num gesto de repugnância. "Aqueles índios horríveis! Imagine o que eu sofri! Embora eu acredite que eu tenha atingido minha ambição de me tornar uma atração principal, não me importaria de repetir a temporada. Foi muita gentileza sua trazer-me de volta das montanhas. Diga-me, sr. Armstrong, honestamente, agora — estou com aspecto aterrorizante? Não me olho em um espelho há meses, o senhor sabe."

Armstrong deu a resposta de acordo com seu novo estado de espírito. Além disso, colocou sua mão sobre a mão dela, que segurava a sela da mula. Luís estava no comando na frente do comboio e não podia ver. Ela permitiu que a mão dele ficasse ali e seus olhos sorriram para os dele.

Então, no pôr do sol eles desmontaram das mulas ao nível do mar, debaixo de palmeiras e limões, dentre os vívidos tons de verde, escarlate, ocre da exuberante *tierra caliente*. Eles continuaram até Macuto e viram a fila de banhistas voláteis mergulhando nas ondas. As montanhas haviam ficado muito longe.

Os olhos de *mlle*. Giraud brilhavam com uma alegria que não poderia ter existido sob a proteção dos habitantes da cordilheira. Havia agora outros espíritos despertando sua atenção — ninfas dos laranjais, duendes das ondas barulhentas, diabinhos, nascimento da música, os perfumes, as cores e a insinuante presença da humanidade. Ela ria em voz alta, musicalmente, diante de tal pensamento repentino.

"Não seria uma sensação?", ela perguntou a Armstrong. "Adoraria ter uma entrevista coletiva agora. Que matéria os jornalistas teriam! 'Mantida prisioneira por um bando de índios selvagens dominados pela pronúncia de sua maravilhosa voz' não faria uma ótima reportagem? Mas acho que,

de alguma forma, pedi demissão do jogo. Deve haver no saco uns dois mil dólares de pó de ouro que ganhei nos bises, você não acha?"

Ele a deixou na porta do pequeno hotel de *Bien Descansar*, onde ela havia se hospedado anteriormente. Duas horas mais tarde, ele retornou ao local. Olhou para dentro pela porta da pequena sala de recepção e café.

Meia dúzia de cavalheiros, representantes oficiais e sociais de Macuto, estavam distribuídos pela sala. O senhor Villablanca, rico produtor de borracha, repousava sua obesa figura em duas cadeiras, com um sorriso amolecido em seu rosto de cor de chocolate. Guilbert, o engenheiro de minas francês, olhava de soslaio através de seus óculos polidos sobre o nariz. Coronel Mendez, do exército, em uniforme com galões dourados e sorriso presunçoso, estava ocupado extraindo rolhas de garrafas de champanhe. Outros exemplares da galantaria e da moda de Macuto posavam arrogantemente. O ar estava carregado de fumaça de cigarro. Havia vinho caído no chão.

Empoleirada em uma mesa no centro da sala, numa atitude de fácil superioridade, estava *mlle*. Giraud. Um elegante vestido de linho branco, com fitas de cor cereja, substituiu seu traje de viagem. Havia um detalhe de laço e um ou dois babados, com um discreto e pequeno par de meias cor-de-rosa, bordado à mão. Sobre seu colo, um violão. Em seu rosto brilhava a luz da ressurreição, a paz de Elísio12 atingida através de fogo e sofrimento. Ela estava cantando, para um acompanhamento ao vivo, uma canção:

Quando você vir a lua redonda e grande
Se aproximando como um balão,
Este negro escapará para beijar os lábios
De sua fêmea de cara negra e charmosa.

Aí a cantora avistou Armstrong.

"Ei, Johnny," ela chamou, "estou esperando você há uma hora. O que aconteceu? Ora, esses caras esfumaçados são os mais lentos que você já viu. Eles não estão ligados, é isso. Entre, e eu farei este velho cor de café e este de uniforme com dragonas douradas abrir uma garrafa para você, diretamente do gelo."

"Obrigado," respondeu Armstrong, "agora não. Tenho várias coisas para fazer."

Saiu do hotel, desceu a rua, e encontrou Rucker vindo do consulado.

"Vamos jogar uma partida de snooker," disse Armstrong, "já que não deu para ficar em definitivo no platô da descida da montanha, quero algo para tirar da minha boca o péssimo gosto de nível do mar."

---

1. Compositor francês (1818—1893), escreveu a ópera "A danação de Fausto", cuja apresentação inaugural foi em Paris em 1859. [n.t.]↩
2. Senhorita, em francês. [n.t.]↩
3. Abreviação de *mademoiselle*. [n.t.]↩
4. Medida antiga de quantidade, correspondendo a doze dúzias, ou 144 unidades. [n.t.]↩
5. Alcaloide extraído de arbustos, usado para fins medicinais contra malária e outras doenças. [n.t.]↩
6. Jogo de cartas, antecessor do bridge, com um baralho e quatro parceiros. [n.t.]↩
7. Arroba: antiga medida de peso, equivalente a quase quinze quilos. [n.t.]↩
8. Medida de peso, muito usada para ouro, correspondendo a 28 gramas. [n.t.]↩
9. Ralph Waldo Emerson (1803—1882): filósofo, ensaísta e poeta norte-americano. [n.t.]↩
10. Antigo hino latino cantado em forma de salmo. [n.t.]↩
11. Antigo salmo religioso musicado. [n.t.]↩
12. Local de felicidade ideal na Mitologia grega. [n.t.]↩

Jack London

Jack London, aliás John Griffith Chaney (1876–1916), teve uma vida atribulada, até decidir e conseguir viver como escritor, o que lhe seria possibilitado por um novo meio em pleno desenvolvimento, o das revistas populares impressas em massa, que tinham nos contos inéditos um de seus principais atrativos. Até lá, trabalhou em extensas jornadas numa fábrica de enlatados, comprou um pequeno barco e tornou-se catador de ostras, foi membro da Patrulha Pesqueira da Califórnia e, por fim, depois de ler o *Moby Dick* de Melville, embarcou na escuna *Sophie Stherland* para uma viagem comercial ao Japão. Ao retornar, matriculou-se no ginásio de Oakland, e passou a colaborar com seu jornal acadêmico. Seu primeiro texto publicado foi "*Typhoon of the Coast of Japan*" ("Tufão nas costas do Japão"), com o qual receberia o primeiro lugar em um concurso literário do jornal *San Francisco Call*, além de 25 dólares. Mas depois retomaria o trabalho fabril, em uma usina de bondes, para logo trocar os bondes pelos trens e passar a atravessar o país como clandestino. Preso em 1894 por vadiagem em Bufallo, passa trinta dias na penitenciária. Em 1897, parte para o Alasca, para tentar participar da corrida do ouro, mas tem de desistir depois de desenvolver escorbuto. Quando afinal decide ser um escritor profissional, quase desiste, ante a proposta de *The Overland Monthly* de pagar 5 dólares por uma história, que aliás demora para receber. Seria salvo, segundo ele mesmo recordaria, quando a famosa *The Black Cat* aceitou o conto "*A Thousand Deaths*", pagando-lhe 40 dólares. Em janeiro de 1903, London enviou o manuscrito de *The Call of the Wild* (*O chamado selvagem*) ao *The Saturday Evening Post*, recebendo 750 dólares. Em seguida a editora Macmillan comprou os direitos da história por 2000 dólares, com o compromisso de promover o livro. Ele seria um dos grandes *best-sellers* da época, e se tornaria um dos maiores clássicos da literatura norte-americana. Entre os vários livros de Jack London, que o tornariam mundialmente famoso ainda em vida, estão *White Fang* (*Caninos brancos*) e *The Sea Wolf* (*O lobo do mar*).

"O chamado selvagem" é a clássica história da autodescoberta do herói, depois que se vê lançado em uma circunstância imprevista e desconhecida, e tem de superar todas as dificuldades, incapacidades e

desconhecimentos para sobreviver. Mas enquanto o faz, não sobrevive apenas, pois passa por uma transformação física e mental que por fim o integra à sua nova condição, na qual termina por se tornar um mestre, um líder, um herói. A diferença desta famosa história de Jack London é que esse herói não é humano, mas um cão. Um cão doméstico que, roubado do ócio confortável em que crescera na Califórnia, e levado de trem para o inóspito Alasca, tem de enfrentar homens impiedosos, dos quais foge, e a desconfiança de outros cães e lobos com quem passa a conviver. Ele precisa, então, contar consigo mesmo. E portanto buscar em si próprio os meios para sobreviver e se impor. E esses meios estão em sua até então domesticada herança selvagem. A história é narrada a partir do ponto de vista canino, o que gera, além de uma grande e surpreendente empatia para com o personagem, um estranhamento da visão habitual dos atos, emoções e decisões humanas. Não se trata de uma visão maniqueísta, rousseauniana, opondo a boa natureza à civilização má, mesmo porque o herói é de início "civilizado", domesticado. Trata-se de algo mais complexo e sutil, o do reencontro de alguma coisa esquecida, que o distanciamento do mundo conhecido, tanto quanto a proximidade com um desconhecido, permitem e induzem. E essa alguma coisa é afinal aquele que se é.

Tradução Roberto Amado.

O chamado selvagem

1. Rumo ao primitivo

Se Buck pudesse ler os jornais, saberia dos problemas que estavam por vir, não apenas para ele, mas para todos os cães durões, com músculos fortes e pelos longos e quentinhos, de Puget Sound a San Diego. Isto porque os homens, tateando na escuridão do Ártico, encontraram um metal amarelo e milhares deles correram em direção às terras do norte enriquecendo as empresas de transporte e os donos de navios a vapor. Estes homens queriam cães e os cães que eles queriam tinham de ser durões, com músculos fortes, capazes de puxar cargas pesadas e com pelos quentinhos que pudessem protegê-los do frio.

Buck vivia numa grande casa no ensolarado vale de Santa Clara. Sítio do Juiz Miller, era o nome do lugar. A casa ficava atrás da estrada, meio encoberta pelas árvores, através das quais se entrevia a varanda fresca e ampla que a rodeava. Davam-lhe acesso caminhos de cascalho que cruzavam amplos campos gramados sob ramos entrelaçados de choupos altos. Atrás, tudo era em escala mais grandiosa ainda. Havia grandes estábulos, conduzidos por uma dúzia de tratadores e ajudantes, fileiras de casebres para os empregados, cobertas de trepadeiras, uma interminável sequência de áreas de serviço, grandes videiras, pastos verdes e pomares. Daí havia a estação de bombeamento do poço artesiano e o grande tanque de cimento onde os filhos do juiz Millller davam seus mergulhos matinais e se refrescavam à tarde.

E nessa grande propriedade, reinava Buck. Havia nascido e vivido ali os quatro anos da sua vida. É verdade, havia outros cães. Não podia deixar de haver outros em um lugar tão amplo, mas eles não contavam. Chegavam e partiam, moravam nos canis populosos ou viviam obscuramente pelos cantos da casa sob o comando de Toots, o buldogue japonês, ou Ysabel, a cadelinha mexicana de pelo curto — criaturas estranhas que raramente punham o nariz para fora. Por outro lado, havia os fox terriers, pelo menos uns vinte, que latiam amedrontados para Toots e Ysabel, acompanhando-os pela janelas e protegidos por uma legião de empregadas armadas de vassouras e esfregões.

Mas Buck não era cão doméstico nem de canil. Ele era o mestre do reino. Dava seus mergulhos no tanque de cimento ou ia caçar com os filhos do juiz; acompanhava Mollie e Alice, as filhas do juiz, nos longos passeios ao entardecer ou de manhã cedo; nas noites de inverno, deitava-se aos pés do juiz, próximos à crepitante lareira da biblioteca; carregava nas costas os netos do juiz ou embolava-se com eles no gramado e acompanhava seus passos nas aventuras que faziam à fonte no jardim do estábulo e até mais além, onde ficavam os pastos e as videiras. Ele reinava entre os terriers e ignorava solenemente Toots e Ysabel, porque afinal era o rei — o governante de todas as coisas que rastejavam, andavam e voavam no sítio do juiz Miller, inclusive os humanos.

Seu pai, Elmo, um imenso são-bernardo, fora um inseparável companheiro do juiz e Buck concorria ao seu posto. Não era tão grande — pesava apenas 63 quilos — pois sua mãe, Shep, era uma pastora escocesa. Ainda assim, seus 63 quilos, somados à dignidade obtida por meio de uma vida saudável e de respeito universal, lhe davam aquele porte de rei. Em seus primeiros quatro anos teve uma vida aristocrática. Era um cão orgulhoso e de certa forma egoísta, como os senhores que vivem no campo, devido ao isolamento em que se encontram. Mas ele se safou, tornando-se mais do que um mero cão doméstico. Os prazeres da caça e outras atividades do gênero mantiveram-no em forma e enrijeceram seus músculos. Para ele, assim como para todas as raças que apreciavam um banho gelado, a paixão pela água era um tônico estimulante e saudável.

Era dessa forma que se encontrava o cão Buck no outono de 1897, quando o Klondike[1] começou a atrair homens do todos os lugares do mundo para as terras geladas do norte. Mas Buck não lia jornais e não sabia que Manuel, um dos ajudantes do jardineiro, era um sujeito de caráter duvidoso. Manuel tinha um defeito. Adorava jogar na loteria chinesa. E, ao apostar, também tinha um defeito inoportuno — acreditava em um sistema de apostas, o que determinava a sua desgraça. Afinal, para adotar um sistema de apostas é preciso dinheiro, e o salário de ajudante de jardineiro mal bastava para atender às necessidades de sua mulher e de seus inúmeros filhos.

O juiz estava em um encontro da Associação dos Vinicultores e os meninos, ocupados em organizar um clube de atletismo na inesquecível noite da traição de Manuel. Buck saiu com ele para o pomar imaginando que fariam um passeio. Com exceção de um homem solitário, ninguém os

viu chegar à pequena estação conhecida como College Park. O homem conversou com Manuel e entre eles houve uma transação em dinheiro.

— Você vai ter que embrulhar a mercadoria antes de entregá-la — disse o homem de maneira impertinente e Manuel prendeu uma guia à coleira, em volta do pescoço de Buck.

— Não torça a guia, senão você vai se engasgar — disse Manuel a Buck e o homem acenou afirmativamente.

Buck aceitou a guia com dignidade silenciosa. Na verdade, era uma situação incomum, mas ele tinha aprendido a confiar nos homens que conhecia e dar crédito a uma sabedoria que estava além de seus conhecimentos. Porém, quando o outro lado da guia foi tomado por mãos estranhas, rosnou ameaçadoramente. Ele apenas quis sinalizar seu descontentamento, acreditando que sinalizar era o mesmo que comandar. Para sua surpresa, a guia apertou seu pescoço, sufocando-o. Tomado de súbita raiva, ele saltou em direção ao homem, que o interceptou a meio caminho, agarrando-o pela garganta e, com um rápido giro, atirou-o de costas no chão. Em seguida a guia apertou ainda mais, enquanto Buck relutava com fúria, sua língua para fora da boca e seu peito arfando inutilmente.

Nunca na sua vida tinha sido tratado de maneira tão cruel e tampouco tinha ficado tão furioso. Mas suas forças esvaíam-se, seus olhos escureciam e não soube o que estava acontecendo quando o trem se aproximou e os dois homens atiraram-no ao vagão de carga.

Quando se recobrou, apenas percebia vagamente que sua língua estava dolorida e que seu corpo balançava dentro de algum tipo de veículo. A sonoridade equina do apito da locomotiva logo o informou onde estava. Ele já havia viajado bastante com o juiz, embora ainda não conhecesse a sensação de estar num vagão de carga. Abriu os olhos e neles brilhou a raiva de um rei raptado. O homem tentou agarrar-lhe a garganta, mas Buck foi mais rápido. Seus dentes cerraram-se sobre a mão e não a soltaram até que ele perdesse os sentidos novamente.

— Nossa, é bravo — disse o homem, escondendo a mão ferida do fiscal do trem que veio ver o que havia acontecido, atraído pelo barulho da briga. — Estou levando-o para Frisco, a pedido do meu patrão. Tem um veterinário maluco lá que acha que pode curá-lo.

Sobre essa viagem, o homem fez comentários eloquentes nos fundos de um bar à beira-mar, já em São Francisco.

— Só vou ficar com cinquenta — resmungava o homem —, e não faria isso de novo nem por mil.

Sua mão estava envolta em um lenço ensanguentado e a perna direita da calça estava rasgada, do joelho ao tornozelo.

— E o outro cara, quanto levou?

— Cem — foi a resposta. — Não aceitou fazer por menos, santo Deus!

— Então, ao todo foram cento e cinquenta — calculou o dono do bar. — E ele vale a pena, ou sou muito burro.

O sequestrador retirou o lenço ensanguentado e olhou para a mão dilacerada. — Se eu não pegar uma hidrofobia…

— Vai pegar sim, você nasceu pra se ferrar — riu o dono do bar. — Vai, me dê uma ajuda, antes que você estrague a mercadoria — completou.

Tonto, com dores terríveis na garganta e na língua, sentindo a vida esvair-se do seu corpo, Buck tentou encarar seus algozes.

Mas foi mobilizado novamente para que pudessem retirar a coleira. Em seguira, removeram a guia que o prendia e ele foi atirado em uma espécie de gaiola. Lá permaneceu o resto da noite, remoendo a raiva e o orgulho ferido. Não conseguia entender o que estava acontecendo. O que essas pessoas estranhas queriam dele? Por que o prendiam nessa gaiola minúscula? Mesmo sem saber o motivo, sentia a opressão causada pela sensação de uma tragédia iminente. Por várias vezes durante a noite ergueu-se quando ouviu a porta abrir-se, esperando ver o juiz ou pelo menos um dos meninos. Mas em todas as ocasiões era o rosto proeminente do dono do bar que o encarava, levemente iluminado por uma vela. E todas as vezes o alegre latido que estava preso na garganta de Buck era substituído por um rosnar selvagem.

Mas o dono do bar deixou-o sozinho e de manhã quatro homens apareceram e o levaram dentro da gaiola. “Mais homens maus”, reconheceu Buck pela aparência dos indivíduos, esfarrapada e desgrenhada. E rosnou irritado para eles. Os homens apenas riram e o cutucaram com varetas através da tela da gaiola. Buck reagiu mostrando os dentes, até perceber que era justamente isso que queriam. De modo que Buck deitou-se melancolicamente, permitindo que levassem a gaiola para um vagão. Lá, ele e a gaiola na qual estava preso passaram por muitas mãos. Funcionários da estação assumiram a tarefa e colocaram-no em outro vagão. Depois, um caminhão levou-o juntamente com um carregamento de caixas e embrulhos até um barco a vapor e de lá foi

conduzido para um grande depósito da estrada de ferro e finalmente deixado em um vagão do trem expresso.

Por dois dias e noites, esse vagão foi conduzido por locomotivas barulhentas. Por dois dias e noites, Buck não comeu nem bebeu nada. Enfurecido, impediu a aproximação dos funcionários do trem, rosnando, e eles se vingaram tentando irritá-lo. Quando se lançava em direção às grades, espumando de raiva, os homens zombavam e riam dele. Latiam e rosnavam como cachorros de rua ou miavam como gatos ou imitavam galinhas, cacarejando e batendo os braços. Buck percebia que era um bando de idiotas. E justamente por isso sentia-se ofendido em sua dignidade e a raiva aumentava mais e mais. Até que ele não se importava tanto com a fome, mas a falta de água fazia-o sofrer muito, tornando sua raiva ainda mais descontrolada. Apesar de forte, era extremamente sensível, e por isso os maus tratos provocavam-lhe um estado febril, que piorava com a garganta e a língua seca e inflamada.

Pelo menos, uma coisa o agradava: seu pescoço já não estava preso a uma guia. Era algo que dava aos homens uma grande vantagem, mas agora que já não estava preso, podia mostrar a eles um pouco de fibra. Com certeza, nunca mais poriam uma guia em seu pescoço. Isso não se discutia. Por dois dias e duas noites não havia comido nem bebido e, durante esse tempo de tormento, Buck acumulou uma ira que se voltaria a qualquer um que zombasse dele novamente. Seus olhos tornaram-se sanguíneos e ele se transformou em um demônio canino. Foi tão grande a transformação que o próprio juiz não o reconheceria e os funcionários do trem respiraram aliviados quando finalmente chegaram a Seattle e ele foi retirado do vagão.

Quatro homens carregaram a gaiola cuidadosamente para um pequeno pátio com muros altos. Um homem robusto, com um agasalho vermelho que o cobria desde o pescoço, apareceu para assinar o recibo que o motorista apresentou. “Esse é meu próximo vilão”, reconheceu Buck, e rosnou com fúria para ele por trás das grades. O homem sorriu de maneira pouco amistosa e o ameaçou com um porrete e um machado.

— Não vai tirá-lo da gaiola agora? — perguntou o motorista.

— Claro que vou — respondeu o homem, cutucando Buck com o porrete para testá-lo.

Imediatamente os quatro homens que tinham carregado a gaiola subiram em um muro para assistir à cena em segurança.

Buck atirou-se contra a grade de madeira e, simulando uma luta, agarrou-a com os dentes, rosnando e sacolejando. Toda vez que o machado ameaçava do lado de fora, ele, de dentro, rosnava e latia, cada vez mais furioso e ansioso para sair, à medida que o homem de agasalho vermelho dava mostras de que pretendia libertá-lo.

— Agora! Seu demônio de olhos vermelhos — disse o homem, quando deixou na gaiola uma abertura suficiente para Buck passar. Ao mesmo tempo, livrou-se do machado e passou o porrete para a mãe direita.

De fato, Buck era mesmo um demônio de olhos vermelhos, pronto para dar um bote, com pelos eriçados, a boca espumando de raiva, um olhar ensandecido e sanguíneo. Atirou-se diretamente contra o homem com seus 63 quilos de fúria acumulados durante dois dias e duas noites de sofrimentos. Mas no meio do salto, pouco antes de suas mandíbulas cerrarem-se contra o homem, recebeu um choque que o paralisou instantânea e dolorosamente. Rodopiou sobre si mesmo e caiu ao chão de costas. Nunca tinha sido atingido por um porrete antes e não entendeu o que tinha acontecido. Com um resmungo que em parte pretendia ser um latido, mas que era principalmente um ganido, se pôs novamente de pé e atacou. Recebeu outro choque, caindo ao chão como um saco de batatas. Desta vez, ele já tinha aprendido que fora atingido pelo porrete, mas sua fúria não permitia cautela. Atacou de novo e de novo, uma dúzia de vezes, e em todas recebeu o mesmo tratamento do porrete, caindo ao chão.

Depois de um golpe particularmente duro, arrastou-se no chão, já incapaz de atacar. Avançou, fraco e assustado, com sangue escorrendo pelo focinho, boca e orelhas, seu manto de pelos ensopado. O homem aproximou-se dele e sem motivo algum desferiu mais um golpe em seu nariz. Toda a dor que ele tinha sentido não foi nada perto da agonia causada por este golpe. Então, com um rosnar que se aproximava da fúria de um leão, atirou-se novamente contra o homem. Mas este, mudando o porrete rapidamente da mão direita para a esquerda, acertou-o friamente sob a mandíbula, com um movimento rápido, como se o chicoteasse. Buck rodopiou, descrevendo um círculo e meio no ar, para cair ao solo de cabeça.

Pela última vez, ele atacou. Então o homem desferiu o golpe final, que havia guardado até esse momento, e Buck se encolheu todo e caiu ao chão, desta vez completamente sem sentidos.

— Ele não é nada mole para domar cachorros, é preciso reconhecer — gritou entusiasmado um dos homens empoleirados sobre o muro.

— Ele dá banho em onça uma vez por dia e duas vezes no domingo — completou o entregador, enquanto subia na carroça e punha os cavalos em movimento.

Buck recobrou os sentidos, mas não as forças. Prostrado onde caíra, observava o homem de agasalho vermelho.

— Ele atende pelo nome de Buck — dizia para si mesmo, repetindo os termos da carta enviada pelo dono do bar com a gaiola e outras orientações.

— Então, Buck, meu garoto — continuou ele com um tom de voz cordial —, já tivemos nossa briga e o melhor que podemos fazer agora é deixar tudo para trás. Você aprendeu qual é o seu lugar e eu sei o meu. Seja um bom garoto que eu serei bacana com você também. Mas se você continuar bravo, vou acabar contigo. Entendeu?

Enquanto falava, acariciava, sem medo, aquela mesma cabeça que havia acertado com o porrete, e embora Buck involuntariamente tenha eriçado os pelos ao toque, permaneceu quieto, sem protestar. Quando o homem lhe ofereceu água, bebeu com sofreguidão e, mais tarde, devorou uma generosa refeição de carne crua, pedaço por pedaço, oferecida pela mesma mão.

Ele tinha sido vencido, sabia disso. Mas não estava acabado. Aprendera, de uma vez por todas, que não tinha a menor chance contra um homem armado de um porrete. A lição tinha sido aprendida e nunca mais a esqueceria. O porrete foi uma revelação. Sua introdução ao reino da vida primitiva, embora já fosse bastante crescido. Agora a vida adquirira um aspecto duro e era preciso enfrentar essa verdade desconhecida com toda a latente astúcia da sua natureza. Ao longo do dia, outros cães chegaram, presos em gaiolas ou em guias e coleiras, alguns dóceis, outros rosnando e latindo como ele própria tinha chegado. E, com todos eles, assistiu a mesma cena de dominação executada pelo homem de agasalho vermelho. E novamente, a cada cena brutal, a lição voltava a se repetir para Buck: um homem com um porrete é dono da lei, um mestre a ser obedecido, embora não necessariamente aceito. Isso era algo de que não se podia acusar Buck, embora ele tenha testemunhado alguns cães que, depois de dominados, passavam a bajular o homem, a balançar a cauda para ele e lamber sua

mão. Também viu um dos cães que não sucumbiu ao domínio do homem e acabou sendo morto, lutando.

Também apareciam outros homens estranhos que falavam de maneira excitada e bajuladora com o homem de agasalho vermelho. Em certos momentos, quando o dinheiro circulava entre eles, os estranhos pegavam um ou mais cães e os levavam embora. Buck tentava imaginar para onde iam, já que nunca voltavam. Mas o medo do futuro era ainda mais forte para ele e ficava feliz quando não era escolhido pelos homens.

No entanto, a sua hora chegou, por meio de um homenzinho rude que falava com um sotaque esquisito, cujas expressões e exclamações Buck não conseguia compreender.

— *Carrramba*! — gritou ele, quando pôs seus olhos em Buck. — *Eze* é o tal do cachoro *brafo*? É? Quanto custa?

— Trezentos, e é uma pechincha — foi a resposta imediata do homem de agasalho vermelho. — E tem que pagar em dinheiro pra fechar negócio, certo, Perrault?

Perrault sorriu. Considerando que o valor dos cães tinha subido muito devido à forte demanda, não era um preço injusto para um cão extraordinário como aquele. O governo do Canadá não teria prejuízo e suas mensagens não atrasariam. Perrault sabia avaliar os cães e quando olhou para Buck soube imediatamente que era um em mil. — Um em dez mil — corrigiu-se mentalmente.

Buck viu dinheiro circular entre eles e não ficou surpreso quando Curly, uma bondosa cadela da raça terra-nova, e ele foram levados pelo homenzinho rude. Esta foi a última vez em que viu o homem de agasalho vermelho e, à medida que Buck e Curly olhavam Seattle se afastar no horizonte, a partir do deck do navio Narwhal, essa também foi a última vez em que viram as terras tépidas do sul. Ele e Curly foram levados para baixo por Perrault e foram deixados sob a guarda de um gigante de cara negra chamado François. Perrauld era um franco-canadense moreno. Mas François era um franco-canadense mestiço, de pele bem mais escura. Para Buck, eram um tipo novo de homem (do qual estava fadado a conhecer muitos outros), e embora não tenha desenvolvido nenhum tipo de afeto por eles, aprendeu, apesar de tudo, a ter um respeito honesto por aquela gente. Rapidamente percebeu que Perrault e François eram homens que procuravam ser justos de uma maneira calma e imparcial, e eram muito conhecedores do comportamento dos cães para serem enganados por eles.

No duplo deck do Narwhal, Buck e Curly juntaram-se a outros dois cães. Um deles era grande e branco como neve, de Spitzbergen,2 trazido por um capitão pescador de baleia com quem, mais tarde, acompanhou uma expedição geológica em Barrens. Era um tipo sociável, mas dissimulado, capaz de sorrir para alguém enquanto conjecturava algum plano escuso, como, por exemplo, quando roubou a comida de Buck na primeira refeição que tiveram. Assim que Buck ameaçou atacá-lo o chicote de François zuniu no ar, logo atingindo o meliante, nada restando para Buck fazer além de se apossar dos restos. "Foi uma atitude justa de François", concluiu Buck, e assim começou a nascer uma amizade pelo mestiço.

O outro cão não se aproximou e nem deixou se aproximarem dele, mas também não tentou roubar nenhum dos novos cães. Era um sujeito melancólico e rabugento e deixou claro para Curly que tudo que desejava era permanecer sozinho, e mais, que haveria problemas caso esse desejo não fosse respeitado. O nome dele era Dave, e ele comia, dormia e, às vezes, bocejava, e não se interessou por nada, nem mesmo quando o Narwhal atravessou o estreito da Rainha Carlota e balançou, chacoalhou e empinou como um navio possuído. Quando Buck e Curly reagiram excitados, muito por causa do medo, Dave lançou-lhes um olhar enfadado, bocejou e voltou a dormir novamente.

Por dias e noites navegaram sob o incansável impulso das hélices e, apesar de os dias parecerem sempre muito iguais, Buck percebia que o clima estava cada vez mais frio. Finalmente, as hélices se aquietaram e o Narwhal foi tomado por uma atmosfera de excitação. Ele percebeu isso, assim como os outros cães, e soube que haveria alguma mudança na situação. François os prendeu com guias e os trouxe para o deck. No primeiro passo sobre a superfície fria, as patas de Buck se enterraram em uma superfície mole, muito parecida com lama. Ele cheirou o chão com curiosidade e depois deu algumas lambidas. Ardia como fogo e logo desaparecia na boca. Ficou intrigado. Repetiu o mesmo gesto e obteve o mesmo resultado. Aqueles que o olhavam, riram ruidosamente e ele ficou constrangido, apesar de nem saber o motivo. Era a primeira vez que via a neve.

2. A lei do porrete e dos caninos

O primeiro dia de Buck na praia de Dyea foi um pesadelo. A cada momento surgia um novo choque ou uma surpresa. Ele havia sido retirado subitamente do coração da civilização e conduzido para o centro da vida primitiva. Não era mais aquela rotina preguiçosa, ficar se espreguiçando ao sol, sem nada para fazer além de vadiar e se entediar. Agora, não havia paz, não havia descanso, não havia nem mesmo segurança. E havia sempre muita ação e confusão, a cada momento a vida e a integridade estavam em perigo. Era realmente necessário estar sempre alerta porque aqueles cães e homens não eram cães e homens da cidade. Eram selvagens, todos eles, que não seguiam outra lei além da determinada pelo porrete e pelos caninos.

Ele nunca tinha visto briga de cães que lutavam como lobos e sua primeira experiência deixou uma lição inesquecível. Verdade que foi uma lição dada a outros, do contrário ele não teria vivido para usufruir dela. E a vítima foi Curly. Estavam acampados perto do depósito de lenha quando ela, com seu jeito simpático, aproximou-se de um cão mal-encarado, do tamanho de um lobo adulto, embora não tivesse nem a metade da largura dela. Não houve aviso, apenas um salto relâmpago, os dentes estalando, outro salto de retirada igualmente rápido e o focinho de Curly ficou esfacelado, dos olhos ao queixo.

Era o estilo com que os lobos brigavam: atacar e se retirar rapidamente. Mas havia mais do que isso. Outros trinta ou quarenta cães mal-encarados correram para o local e fizeram um círculo silencioso e atento em volta dos dois brigões. Buck não entendeu por que estavam tão intensamente silenciosos nem a maneira ansiosa com que assistiam a cena como se lambessem os beiços. Curly avançou sobre o seu adversário que novamente atacou e se retirou. Nesse ataque, atingiu seu peito de tal modo que ela desabou. E não levantou mais. Era isso que os cães mal-encarados esperavam. Eles se aproximaram dela, rosnando e latindo, e a envolveram sob a massa de corpos peludos, enquanto ela gritava agonizante.

Foi uma cena tão rápida e inesperada que Buck ficou sem ação. Ainda viu Sptiz sair correndo com a língua de fora, que era sua maneira de rir. E viu também François, brandindo o machado, avançar sobre a multidão de cães. Três homens com porretes vieram ajudá-lo a dispersar a aglomeração. Foi tudo muito rápido. Não mais do que dois minutos se passaram entre o momento em que Curly foi abatida e o último cão foi afastado a pauladas. Mas ela permaneceu ali, quieta e sem vida, sobre a

neve pisada e ensanguentada, quase literalmente feita em pedaços, o mestiço em pé ao seu lado, praguejando palavras de baixo calão. A cena se repetia frequentemente para Buck, prejudicando seu sono.

E assim era o modo de vida lá. Sem justiça e ética. Uma vez abatido, este era o seu fim. De modo que ele soube que não deveria nunca se deixar abater. Spitz mostrou a língua e riu de novo, e deste momento em diante Buck passou a odiá-lo com toda a amargura e ressentimento.

Antes que pudesse se recobrar do choque causado pela trágica morte de Curly, ele recebeu outro impacto. François envolveu-o com uma teia de fitas e cintas. Não o incomodavam, mas eram semelhantes ao que ele já vira colocados em cavalos, quando estava no sítio. Assim os cavalos eram postos para trabalhar, e da mesma maneira ele também foi ao trabalho, puxando François num trenó em direção à floresta e retornando com um carregamento de lenha. Embora sua dignidade fosse atingida seriamente por ter sido utilizado como animal de tração, ele foi sábio o suficiente para não se revoltar. Aceitou as cintas e fez o melhor que pôde, embora tudo aquilo fosse muito novo e estranho. François era severo e exigia obediência imediata e, graças ao seu chicote, de fato obtinha obediência imediata. Enquanto Dave, que era um puxador experiente, mordia seu traseiro sempre que Buck cometia um erro. Spitz era o líder, também bastante experiente, e como nem sempre podia aproximar-se de Buck, volta e meia lançava-lhe rosnados de reprovação ou espertamente jogava seu peso contra a trajetória de Buck para fazer com que ele pegasse a direção certa. Buck aprendia rapidamente e combinando os ensinamentos de seus dois companheiros e os de François, fez progressos admiráveis. Quando voltaram ao acampamento, ele já sabia parar ao grito de “ôôô", seguir em frente com “muxi muxi“, abrir para fora nas curvas e manter-se afastado do líder quando o trenó carregado ganhava velocidade montanha abaixo, aproximando-se de suas patas.

— *Trrês* cachorros muito bons — disse François a Perrault. — *Exte* Buck puxa muito bem. Ele *aprrende* muito rápido.

À tarde, Perrault, que estava com pressa de pegar seu caminho para entregar mensagens, voltou com mais dois cães. Billee e Joe, ele os chamou, dois irmãos e ambos da raça huskie. Embora fossem filhos da mesma mãe, eram tão diferentes como o dia e a noite. O único defeito de Billee era ser excessivamente bondoso, enquanto Joe era exatamente o oposto, azedo e introspectivo, com ar permanente de resmungão e olhar

maligno. Buck os recebeu de maneira amistosa, Dave os ignorou, enquanto Spitz passou a agredir um, depois o outro. Primeiro, Billee balançou a cauda amistosamente, depois correu quando percebeu que seu gesto amigável não surtia efeito, e finalmente ganiu, ainda que de maneira branda, quando os dentes afiados de Spitz enterraram-se nas suas costas. Já com Joe… não importava o quanto Spitz o circundava, Joe rodava sobre suas patas encarando-o, os pelos eriçados, as orelhas esticadas para trás, os beiços trêmulos e arreganhados, as mandíbulas rangendo com rapidez, o olhar com um brilho diabólico — a encarnação do terror da guerra. Tão terrível era sua aparência que Spitz foi obrigado a desistir de enquadrá-lo e, para compensar sua frustração, voltou-se contra a amigável Billee, correndo atrás dela até os confins do acampamento.

À noite, Perrault arranjou outro cão, um husky mais velho, comprido, magro, seco, com uma cicatriz de briga no focinho e apenas um olho, que emanava valentia e inspirava respeito. Era chamado de Sol-leks, que significava “o bravo“. Como Dave, ele não pedia nada, não dava nada, não esperava nada. E quando ele se dirigia, vagarosamente, para o seu canto, até mesmo Spitz deixava-o só. Tinha uma peculiaridade que Buck descobriu dolorosamente: não gostava que se aproximassem dele pelo lado cego.

Buck cometeu sem querer essa ofensa e logo soube da sua indiscrição quando Sol-leks girou em torno dele e abriu-lhe uma ferida no ombro até o osso, rasgando-lhe de cima para baixo um talho de oito centímetros. A partir de então, Buck passou a evitar seu lado cego e pelo menos em termos de coleguismo, não tiveram mais problemas. Sua única ambição aparente era, assim como Dave, ser deixado em paz, sozinho. Apesar de que, Buck soube depois, ambos tinham suas próprias ambições, ainda mais vitais.

Naquela noite, Buck enfrentou o grande problema na hora de dormir. A tenda, iluminada por uma vela, brilhava de maneira aconchegante na clareira branca, e quando ele resolveu de fato entrar, tanto Perrault como François bombardearam-no de impropérios e utensílios de cozinha, até que ele, recobrando-se do seu embaraço, escapuliu humilhantemente para o frio. Um vento gelado fustigava-lhe, afiado, com especial crueldade em seu flanco ferido. Ele deitou-se na neve e tentou dormir, mas o vento gelado logo fez com que se levantasse, tremendo de frio. Infeliz e desconsolado, circulou entre as muitas tendas, o que serviu apenas para

constatar que uma era mais fria do que a outra. Por onde fosse, cães irritados apareciam para lhe ameaçar, mas ele eriçava os pelos do pescoço e rosnava (é, ele aprendia fácil) e bastava isso para deixarem-no em paz.

Até que teve uma ideia. Voltar e descobrir como seus colegas solucionavam o problema. Mas para sua surpresa, eles tinham desaparecido. Novamente, circulou por todo o acampamento, procurando-os, para voltar em seguida. Será que estavam na tenda? Não, não podia ser, se fosse assim, não teria sido expulso de lá. Então onde poderiam estar? Com a cauda caída e tremendo de frio, muito humilhado, circulou sem rumo pelo acampamento. De repente, a neve cedeu sob suas patas dianteiras e ele afundou. Alguma coisa se moveu embaixo dele. Buck reagiu, eriçando os pelos e rosnando, cheio de medo do que não podia ver e do desconhecido. Mas um latido amigável deixou-o mais confiante e ele voltou-se para investigar a situação. Um sopro de ar quente invadiu suas narinas e, todo enrolado sob a neve como uma bolota de pelos, lá estava Billee. Ele resmungou de maneira aconchegante, retorcendo-se e demonstrando boas intenções e receptividade e até mesmo arriscando-se, como em um gesto de paz, a lamber o focinho de Buck com sua língua morna e úmida.

Mais uma lição. “Então era assim que eles faziam, heim?” Cheio de certezas, Buck escolheu um lugar e começou a cavar um buraco, esforçando-se ruidosamente. Rapidamente o calor de seu corpo preencheu a pequena caverna e ele pôde finalmente dormir. O dia tinha sido longo e árduo, e seu sono foi profundo e confortável, embora tenha rosnado, latido e se agitado a noite toda com sonhos ruins.

Mas ele não abriu os olhos até ser despertado pelos ruídos matinais do acampamento. No começo, nem sabia direito onde estava. Havia nevado durante a noite e ficou completamente enterrado. As paredes de neve pressionavam-no por todos os lados e um medo enorme invadiu seu corpo — o medo da armadilha, da vida selvagem. Era como um sinal de que estava sendo conduzido para a vida dos seus antepassados. Afinal, era um cão civilizado, até mesmo em excesso, e não podia conhecer, por sua própria experiência, as armadilhas e o medo que podiam gerar. Todos os músculos de seu corpo se contraíram em espasmos. Aleatoriamente, os pelos de seu pescoço e seu dorso se eriçaram e, com um rosnar feroz, ele ergueu-se para o dia, a neve espalhando-se em volta dele como uma nuvem. Quando se levantou, viu que o acampamento se espalhava pela

clareira branca e lembrou-se de onde estava e de tudo o mais que tinha acontecido desde que saíra para passear com Manoel até o buraco que ele tinha cavado para dormir na noite anterior.

Um grito de François anunciou sua presença. — Não disse?! — o condutor de cães berrou, dirigindo-se a Perrault. — Este cachorro *aprrende* muito rápido!

Perrault assentiu. Como mensageiro do Governo do Canadá, ele se preocupava em ter os melhores cães e estava particularmente feliz por ter comprado Buck.

Mais outros três huskies foram adicionados ao time na hora seguinte, perfazendo um total de nove cães, e antes que mais quinze minutos se passassem, todos eles estavam com arreios subindo o caminho para o Cânion Dyea. Buck ficou satisfeito por partir e, embora o trabalho tenha sido duro, descobriu que não o detestava de fato. Na verdade, estava surpreso com a ansiedade que animava todos da equipe e que o contagiava. Mas o mais surpreendente era como Dave e Sol-lecks se transformavam. Eram cães diferentes, completamente modificados pelas condições difíceis. Toda aquela passividade e falta de interesse não existiam mais neles. Estavam alertas e ativos, ansiosos em fazer bem o trabalho, e capazes de se irritar com qualquer coisa, atraso ou confusão, que pudesse prejudicar o trabalho. Puxar o trenó pelo caminho parecia ser a suprema expressão de suas almas, a razão de suas vidas e o único prazer.

Dave era o condutor. Buck ficava à sua frente e em seguida vinha Sol-lecks; o resto da equipe perfilava-se à frente, em fila indiana, até o líder, posição ocupada por Spitz.

Buck tinha sido posto de propósito entre Dave e Sol-leks de maneira a receber orientação dos dois. Era tão bom aluno quanto eles eram bons professores, reforçando suas lições com um rosnar em que mostravam seus dentes afiados. Dave era justo e muito sábio. Nunca cutucava Buck sem ter um bom motivo, mas também nunca deixou de cutucá-lo quando ele fez por merecer. Diante das chicotadas de François, Buck achou melhor reparar seus erros do que tentar uma retaliação. Certa vez, durante uma parada, ele se enroscou nos arreios, atrasou a partida e Dave e Sol-lecks correram para lhe dar uma grande bronca. O resultado foi que se enroscou ainda mais nos arreios, mas Buck passou a tomar muito cuidado para não acontecer novamente. Quando o dia terminou, tinha feito seu trabalho tão bem que seus colegas pararam de importuná-lo. Mesmo o chicote de

François diminuiu a frequência com que o acertava, e Perrault até mesmo lhe fez uma homenagem, tomando-lhe uma das patas e examinando-a cuidadosamente.

Tinha sido uma jornada difícil, subindo em direção ao cânion, através do Sheep Camp, para além de Scales e da faixa da floresta, por centenas de metros pelas geleiras e montanhas de neve, por sobre o imponente Chilcoot Divide, que se interpunha entre a água salgada e a doce e servia como porta de entrada para o solitário e melancólico norte. Tiveram bom desempenho atravessando os lagos que preenchiam as crateras de vulcões extintos, e tarde daquela noite puxaram o trenó em direção ao imenso acampamento no extremo do Lago Bennett, onde milhares de garimpeiros construíam barcos para se precaver contra o degelo da primavera. Buck cavou seu buraco na neve e dormiu o sono dos justos, mas muito cedo teve que se desentocar e enfrentar o frio na escuridão, juntando-se aos seus companheiros de trenó.

Neste dia, percorreram quarenta milhas com o trenó completamente carregado. Mas no dia seguinte, e nos muitos que se seguiram, quebraram seu próprio trenó e tiveram que trabalhar muito para produzir pouco. Normalmente, Perrault ia à frente da equipe, socando a neve com sapatos de raquete de tênis para facilitar o avanço dos cães. François, que ficava no leme o trenó, às vezes trocava de lugar com ele, mas não com frequência. Perrault estava sempre com pressa e se orgulhava de ser bom conhecedor do gelo, o que era crucial, porque a neve recém-caída formava camadas muito finas e onde houvesse água torrencial, não poderia haver nenhum gelo.

Ao longo de dias intermináveis, Buck puxou o trenó pelas trilhas. Sempre chegavam ao acampamento à noite e logo nos primeiros momentos da madrugada já estavam avançando pelas trilhas, com quilômetros de caminho a percorrer. E sempre chegavam à noite no acampamento, comiam sua porção de peixe e se arrastavam para dormir no meio da neve. Buck era um esfomeado. O pouco mais de meio quilo de salmão desidratado que consistia na sua ração diária parecia não existir. Nunca estava satisfeito e tinha eternas dores de fome. Enquanto os outros cães, por serem mais leves e terem nascido para essa vida, recebiam ainda menos quantidade de peixe e conseguiam se manter em boas condições.

Ele rapidamente perdeu as boas maneiras que caracterizavam sua antiga vida. Um apreciador da comida, Buck descobriu que seus colegas,

que terminavam de comer antes, roubavam os restos da sua ração. Não havia como se defender disto. Enquanto ele enfrentava dois ou três, a comida desaparecia no estômago dos outros. Para evitar isso, ele passou a comer tão rapidamente quanto os demais. E, com toda a fome que sentia, não resistiu a pegar aquilo que não lhe pertencia. Observava e aprendia. Quando viu Pike, um dos cachorros novos, um malandro esperto e fingido, roubar furtivamente um pedaço de bacon quando Perrault não estava olhando, ele, no dia seguinte, fez o mesmo, pegando a peça inteira de bacon. Houve uma grande confusão, mas não desconfiaram dele, e o desastrado do Dub, que era sempre apanhado, foi castigado no lugar de Buck.

Esse primeiro delito tornou Buck apto a sobreviver no ambiente hostil do norte. Marcou sua capacidade de se adaptar e de se ajustar às mudanças de condições e, sem elas, seria condenado a uma morte rápida e terrível. Mais ainda, marcou o desmoronamento de sua estrutura moral, um inútil obstáculo naquela luta sem lei pela sobrevivência. Tudo estava muito bem no sul, sob a lei do amor e do companheirismo, do respeito à propriedade privada e aos sentimentos pessoais. Mas no norte, sob a lei do porrete e dos caninos, quem pensasse de outra maneira faria papel de bobo e, tanto quanto ele já aprendera, falharia na missão de sobreviver.

Não que Buck chegasse a refletir sobre o assunto. Ele estava preparado por inteiro e inconscientemente tinha se adaptado ao seu novo modo de vida. E, não importa pelo que tenha passado, nunca correu de uma briga. Mas o porrete do homem de agasalho vermelho tinha lhe despertado um lado fundamental e primitivo. Se fosse ainda um cão civilizado, teria morrido para manter suas considerações morais, como, por exemplo, para defender-se do chicotinho do juiz Miller. Mas a completa transformação do ser civilizado era evidenciada agora pela maneira com que abria mão de defender considerações morais para salvar a própria pele. Ele não roubava por prazer, mas sim pelas exigências do seu estômago, que iam muito além do porrete e dos caninos. Resumindo, o que fazia era devido ao fato de ser mais fácil fazer assim do que não fazer.

Sua evolução (ou involução) foi rápida. Seus músculos ficaram rígidos como aço e adquiriu resistência a todas as dores mais comuns. Desenvolveu um modo de vida econômica, interna e externamente. Era capaz de comer qualquer coisa, não importava o quanto fosse repulsivo ou indigesto. E, uma vez ingerido, os sucos de seu estômago extraíam

qualquer que fosse a partícula de alimento que pudesse existir. E seu sangue transportava esse alimento aos mais remotos recantos do seu corpo, forjando o mais resistente e vigoroso dos tecidos. A visão e o olfato se tornaram notavelmente apurados, enquanto sua audição desenvolveu tal precisão que ele poderia ouvir, durante o sono, o mais distante som e saber se era inofensivo ou se representava algum perigo. Aprendeu a arrancar com os dentes o gelo grudado entre os dedos das patas e quando estava com sede e havia uma camada espessa de gelo sobre a água, ele a rompia, deslocando-as para fora e quebrando-as com as patas dianteiras tesas. Sua característica mais proeminente era a habilidade de farejar o vento e prever as mudanças do tempo com uma noite de antecedência. Assim, não importava como estava o vento: quando ele cavava seu ninho perto de uma árvore ou margem, estava sempre protegido, abrigado e acomodado.

Ele não aprendera apenas devido às suas experiências, mas também pelos instintos que, por tanto tempo adormecidos, agora tinham sido novamente despertados. Todas as gerações domesticadas que o precederam tinham sido superadas. De maneira vaga, distante, ele retrocedia à infância da raça, ao tempo dos cães selvagens que vagavam em alcateias pelas florestas primitivas, caçando para comer o que havia pelo caminho. Não foi problema para ele aprender a lutar usando os dentes afiados e os golpes rápidos como fazem os lobos. Como se estivesse enfrentando seus ancestrais esquecidos. Foram eles que o fizeram superar os hábitos da velha vida. E toda aquela astúcia ancestral, herdada ao longo das gerações, era agora sua. Sobreveio a ele sem esforço, sem parecer uma descoberta, como se sempre tivesse existido dentro dele. E quando, nas noites frias, ele apontava o focinho para uma estrela e uivava longamente como um lobo, eram seus ancestrais, no limbo da morte, que apontavam o nariz para a estrela e uivavam através dos séculos e através dele. E o seu ritmo era o ritmo deles, o ritmo que ecoava em seu uivo e que para eles significava o silêncio, o frio, a escuridão.

Assim, símbolo de como a vida é absurda, a antiga canção ecoava dentro dele, e ele se apropriava de sua natureza novamente. E isso tinha acontecido porque o homem havia encontrado o metal amarelo no norte, e também porque Manuel era o ajudante do jardineiro cujo salário não era suficiente para atender às necessidades de sua mulher e das várias pequenas cópias dele mesmo.

3. O domínio da fera primordial

A presença de uma fera primordial e dominadora era forte em Buck, e sob as condições duras da vida de cão de trenó, crescia a cada dia. Mas de uma maneira secreta. Sua recém-adquirida habilidade de sobrevivência deu-lhe equilíbrio e controle. Concentrou-se em ajustar-se a essa nova vida a tal ponto que já não conseguia se sentir tranquilo, e não apenas não entrava em brigas como também procurava evitá-las sempre que possível. Sua atitude se caracterizava pela ponderação. Nunca se precipitava. E mesmo com todo o ódio que existia entre ele e Spitz, sabia agir com paciência, evitando atitudes ofensivas.

Por outro lado, possivelmente pelo fato de ver em Buck um perigoso rival, Spitz nunca perdeu a oportunidade de mostrar seus dentes. Era capaz de sair do seu caminho só para provocar Buck, esforçando-se constantemente para começar uma briga que estava predestinada a terminar com a morte de um ou de outro.

Naquela viagem, logo no princípio, essa briga poderia ter acontecido, não fosse a ocorrência de um incidente totalmente incomum. Quando o dia terminou, armaram acampamento improvisado próximo das margens geladas do lago Le Barge. O vento, soprando neve, cortante como uma faca em brasa, e a escuridão obrigou-os a parar para acampar. Não poderiam ter tomado decisão pior. Às suas costas, erguia-se uma parede perpendicular de rocha e Perrault e François fizeram fogo e esticaram seus cobertores sobre o próprio gelo do lago. Tinham deixado a barraca em Dyea para viajar com menos peso. Uns poucos gravetos secos forneceram a lenha para o fogo, que derreteu o gelo e acabou deixando-os no escuro durante a ceia.

Perto dali, sob a proteção da rocha, Buck cavou seu ninho. Estava tão confortável e aquecido que demorou a sair do seu canto quando François distribuiu o peixe que havia descongelado no fogo. Mas quando Buck terminou sua ração e voltou, encontrou seu ninho ocupado. Um rosnar avisou-lhe que o intruso era Spitz. Até esse momento, Buck tinha evitado confrontos com seu inimigo, mas agora o limite tinha sido ultrapassado. A fera dentro dele despertou. Atirou-se contra Spitz com uma fúria que surpreendeu a ambos, principalmente ao próprio Spitz, já que sua convivência com Buck fez com que ele acreditasse que seu rival era um

cão excessivamente tímido, que lograva sobreviver só por causa do seu tamanho e peso.

François também se surpreendeu quando começaram a se engalfinhar pela propriedade do ninho e ele entendeu o motivo da briga. — Acaba com ele, mostra pra esse *ladronzinho* imundo.

Spitz estava da mesma forma convicto em permanecer no ninho. Gania de pura raiva e inquietação, andando em círculos para trás e para frente, esperando uma oportunidade para atacar. Buck não estava menos inquieto e cauteloso, da mesma forma andando em círculos para buscar uma vantagem na situação. Foi então que o inesperado aconteceu, o fato que adiou a luta deles pela supremacia para um futuro bem distante, para depois de muitas milhas de caminhos cansativos.

Um xingamento de Perrault, o ressoar do impacto do porrete sobre uma estrutura de ossos e um penetrante uivo de dor, anunciaram o início de uma grande confusão. De repente, o acampamento estava tomado de formas sombrias e furiosas — huskies famintos, uns oitenta ou cem deles que, de alguma vila indígena, farejaram o acampamento. Eles apareceram rastejando enquanto Buck e Spitz brigavam, e quando os dois homens enfiaram-se no meio deles com seus porretes enormes, eles mostraram os dentes e contra-atacaram. Estavam enlouquecidos com o cheiro de comida. Perrault viu um deles com a cabeça enterrada na caixa de provisões. O porrete baixou vigorosamente sobre suas costelas magras e a caixa de provisões tombou de lado. Nisso, um punhado deles se amontoou para catar pedaços de pão e bacon. O porrete baixou sobre eles, indiscriminadamente. Uivaram e ganiram sob a chuva de porretadas, mas continuaram lutando como loucos até que o último pedaço de comida fosse devorado.

Enquanto isso, a equipe de cães do acampamento saiu, atônita, de seus ninhos e foi imediatamente atacada pelos invasores. Buck nunca tinha visto cães como aqueles. Parecia que seus ossos rasgariam a pele a qualquer momento. Eram praticamente pele e osso, imundos, egressos de algum canto enlameado, com olhos flamejantes, a baba escorrendo de seus caninos. Mas, ensandecidos pela fome, eram persistentes e imbatíveis. Não havia como impedi-los. A equipe de cães foi imediatamente empurrada contra a rocha. Buck foi cercado por três huskies e em poucos segundos já estava com o focinho e parte do corpo arranhados e cortados. O barulho era terrível. Billie uivava como sempre. Dave e Sol-leks,

sangrando por vários ferimentos, lutavam bravamente lado a lado. Joe mordia como um demônio. Em certo momento, seus dentes enterraram-se na pata dianteira de um dos huskies e trincaram o osso. Pike, o dissimulado, pulou sobre o corpo do animal ferido e com uma dentada rápida e um solavanco, quebrou seu pescoço. Buck abocanhou pelo pescoço um adversário que espumava, e recebeu um jato de sangue quando seus dentes cravaram-se na jugular dele. O gosto do líquido morno em sua boca despertou-lhe ferocidade ainda maior. Passou a atacar outro cão, ao mesmo tempo em que sentiu-se abocanhado por dentes afiados. Era Spitz que, traiçoeiramente, o atacava de lado.

Depois de liberarem a sua parte do acampamento, Perrault e François correram para ajudar seus cães de trenó. O grupo selvagem de cães esfomeados recuou e Buck conseguiu libertar-se. Mas só por alguns momentos. Os dois homens foram obrigados a voltar para salvar as provisões, permitindo que os huskies voltassem a atacar a equipe de trenó. Billee, tomado de coragem pelo terror, lançou-se contra o círculo de cães selvagens e escapuliu pelo gelo. Pike e Dub o seguiram, com o resto da equipe vindo atrás. Quando Buck conseguiu se livrar para juntar-se aos demais, enxergou, pelo canto do olho, Spitz aproximar-se dele com a clara intenção de atacá-lo. Se fosse derrubado no meio dos huskies, não teria a menor chance. Mas ele se preparou para receber o choque de Spitz sem cair e depois juntou-se aos outros no lago.

Mais tarde, todos os nove cães da equipe de trenó se juntaram e se abrigaram na floresta. Embora não estivessem mais sendo perseguidos, estavam todos alertas. Não havia nenhum que não estivesse ferido em quatro ou cinco lugares, e alguns tinham feridas graves. Dub tinha a pata traseira gravemente machucada; Dolly, o último dos huskies que se incorporou à equipe em Dyea, tinha a garganta dilacerada; Joe havia perdido um olho, enquanto o pacífico Billee, com a orelha mordida e feita em tiras, ganiu e gemeu a noite toda. Quando o dia começou a clarear, iniciaram vagarosamente a volta para o acampamento. Os saqueadores já tinham ido embora, mas encontraram os dois homens irritados. Mais da metade das provisões tinham sido perdidas. Os huskies tinham comido até mesmo as correias do trenó e as coberturas de lona. Na verdade, nada escapou deles que fosse remotamente digerível. Tinham devorado um par de mocassins de Perrault, feito de pele de alce, os arreios de couro e até mesmo alguns centímetros da ponta do chicote de François, que

contemplava dolorosamente os estragos quando percebeu a chegada de seus cães feridos.

— Ah, meus amigos — disse com ternura —, talvez vocês acabem pegando a doença dos cachorros loucos com essas mordidas. Talvez todos eles, meu Deus! Não acha, Perrault?

O mensageiro balançou a cabeça em dúvida. Levando-se em conta os oitocentos quilômetros de trilhas que existiam até Dawson, ele não podia se dar ao luxo de pensar que algum de seus cães pegaria raiva. Depois de duas horas praguejando e labutando para colocar arreios nos cães, lá estavam eles a caminho, lutando bravamente na pior parte da trilha que encontraram e, na verdade, na pior parte até Dawson.

O Rio Thirty Mile escancarou-se à frente. Suas águas turbulentas desafiavam o congelamento e somente nas margens ou nos lugares onde a água parava é que se formava gelo. Foram necessários seis dias exaustivos para vencer os terríveis sessenta quilômetros do rio. E eram mesmo terríveis porque cada passo oferecia risco de vida, para homens e cães. Por uma dúzia de vezes, Perrault, tateando o caminho, rompeu o gelo do solo e se salvou graças à vara que usava, com a qual ele se prendia sempre que seu corpo abria um buraco no gelo. Mas havia uma onda fria, os termômetros registravam perto de 45 graus negativos, e todas as vezes em que ele caía, era obrigado, para salvar a vida, a fazer um fogo e secar suas roupas.

Nada o intimidava. E era porque nada o intimidava que ele tinha sido escolhido como mensageiro do governo. Expunha-se a toda espécie de riscos, oferecendo com convicção seu pequeno rosto ressecado ao vento gelado e lutando bravamente desde o início da madrugada até o cair da noite. Ele ladeava as margens congeladas dos precipícios, cujo gelo quebrava e estalava sob seus pés, sem sequer pensar em se deter. Certa vez, o trenó afundou no gelo com Dave e Buck e ambos estavam quase congelados quando foram içados para fora do buraco. Foi necessário fazer a fogueira de praxe para salvá-los. Estavam cobertos por uma sólida camada de gelo e os dois homens fizeram com que eles corressem em volta da fogueira, suando e derretendo o gelo, tão próximos do fogo que chamuscaram o pelo.

Em outra ocasião, foi Spitz quem afundou, carregando a equipe toda com ele até chegar a vez de Buck, que fez toda a força reversa possível, tencionando suas patas dianteiras sobre o solo escorregadio, espalhando

gelo picado por toda parte. Atrás dele estava Dave, da mesma forma fazendo força reversa, e atrás do trenó estava François, puxando com tanta força quanto seus tendões podiam suportar.

Mais uma vez, o gelo das extremidades rompeu-se por trás e pela frente, e não havia saída a não ser escalando o penhasco. Milagrosamente, Perrault conseguiu a proeza, enquanto François rezava por um milagre. E com todas as tiras de couro e cordas, e com os arreios em frangalhos, os cães foram içados, um a um, para o topo do precipício. François subiu por último, depois do trenó e da carga. Em seguida, procuraram um lugar para a descida, o que acabou acontecendo com a ajuda de uma corda, e, com a chegada da noite, estavam de volta à margem do rio, algumas centenas de metros à frente.

Quando chegaram a Hootalinqua, sobre gelo sólido, Buck estava acabado. Como estavam também o restante dos cães. Mas Perrault, para compensar o tempo perdido, forçava-os a continuar de manhã à noite. No primeiro dia, avançaram quase setenta quilômetros até o Big Salmon. No segundo dia, cobriram a mesma distância até Little Salmon. No terceiro dia, mais oitenta quilômetros, o que os levou a Five Fingers.

Os pés de Buck não eram tão compactos e sólidos como os pés dos huskies. Os dele tinham sido suavizados ao longo das muitas gerações desde o dia em que seu longínquo ancestral selvagem foi domesticado por um homem das cavernas ou um pescador. Durante todo o dia, ele mancava cheio de dores, e quando assentavam acampamento, deitava-se como um cão morto. Mesmo faminto, não conseguia sequer se mexer para receber sua ração de peixe e François tinha que levá-la até ele. O condutor de trenó também fazia massagem nos pés de Buck todas as noites, por meia hora, depois da ceia, e sacrificou parte de seu próprio calçado para fazer pequenos mocassins para proteger as patas de Buck. Essa solução foi de grande alívio e até conseguiu arrancar um sorriso na face ressequida de Perrault quando, certa manhã, François esqueceu-se dos mocassins e Buck deitou-se de costas agitando suas quatro patas no ar e recusando-se a mover-se sem eles. Mais tarde, as trilhas calejaram suas patas e os mocassins foram dispensados.

Certa manhã, em Pelly, quando estavam colocando os arreios, Dolly, que nunca se rebelava contra nada, surtou de repente. E anunciou seu estado anormal através de um longo e doloroso uivado de lobo que fez todos os cães arrepiarem-se de medo. E daí saltou diretamente em direção

a Buck. Ele nunca tinha presenciado um cão raivoso e, portanto, não tinha motivos para temer a raiva canina. Mas logo percebeu que deveria ser evitada e saiu correndo em pânico, com Dolly a um passo atrás dele, espumando e arfando. Se ela não conseguia alcançá-lo, tão grande era o seu medo, também ele não conseguia se livrar dela, tão grande era o seu estado raivoso. Embrenhou-se no coração da floresta da ilha, correu até uma de suas extremidades, cruzou um canal repleto de pedaços de gelo para chegar à outra ilha, alcançou uma terceira ilha, voltou em direção ao rio principal e, já desesperado, começou a atravessá-lo. E todo esse tempo, embora ele não se atrevesse a olhar, poderia ouvi-la rosnando apenas um passo atrás de si. Distante uns trezentos metros, François o chamou e ele correu em sua direção, ainda mantendo apenas um passo à frente da sua perseguidora, aspirando dolorosamente o ar e colocando todas as suas esperanças de salvação em François. O condutor de trenó brandia um machado na mão e quando Buck passou por ele, o machado abateu-se sobre a cabeça raivosa de Dolly.

Buck deixou-se cair ao lado do trenó, transtornado, exausto, tentando respirar, indefeso. Foi a oportunidade de Spitz. Ele saltou em direção a Buck e por duas vezes seus dentes cravaram-se no inimigo indefeso, rasgando a carne e ferindo-o até o osso. O chicote de François zuniu e Buck teve a satisfação de ver Spitz receber a pior punição em chicotadas já aplicada em qualquer um da equipe.

— Que demônio este Spitz — observou Perrault. — Algum dia destes ele mata o Buck.

— E o Buck é demônio em *dobrro* — completou François. — *Tô* de olho o *temp* todo nesse Buck. Sei o que estou dizendo. Qualquer dia destes ele vai enlouquecer e acabar de vez com a raça do Spitz. Tenho certeza.

A partir de então, começou uma guerra entre eles. Spitz, como líder, reconhecido como chefe da equipe, sentiu sua supremacia ameaçada por esse estranho cão do sul. Estranho porque de todos os cães do sul que ele havia conhecido, nenhum tinha mostrado qualquer qualidade nos acampamentos ou nas trilhas. Eram moles demais, rendendo-se às dificuldades do trabalho, do frio e da fome. Buck era uma exceção. Sem ajuda de ninguém, tinha progredido, endurecido e prosperado, igualando-se aos huskies em força, selvageria e astúcia. Antes, ele tinha vocação para ser o mestre dos cães, mas a transformação feita pelo porrete do homem de agasalho vermelho anulou seu ímpeto e o impulso da vocação de ser um

mestre. Sua maior qualidade era a astúcia e sabia esperar a hora certa de agir com uma paciência tipicamente primitiva.

Assim, foi inevitável que o confronto pela liderança acabasse acontecendo. Buck a desejava. Essa era a sua natureza, até porque ele havia sido contaminado fortemente por esse desconhecido e improvável orgulho do cão de trenó — esse orgulho que fazia com que os cães mantivessem o passo até o último sopro, que os levava a aceitar a morte com alegria nas dificuldades da trilha, e os magoava caso fossem afastados dessa vida. Esse era o orgulho de Dave como condutor, de Sol-leks, que ia até as últimas forças para puxar o trenó. O orgulho que os mantinha juntos nos paradas de acampamento, transformando aquelas brutas e azedas em ambiciosas, batalhadoras e dedicadas. O orgulho que os estimulava ao longo do dia e os fazia relaxar para o sono à noite, no acampamento, mergulhando-os novamente na calma sombria e melancólica. Este era o orgulho que dominava Spitz e fazia com que ele perseguisse os cães de trenó que cometiam erros ou fugiam das trilhas ou ainda que se escondiam cedo pela manhã, na hora de colocar os arreios. Era também este mesmo orgulho que o fazia temer Buck como candidato a líder da equipe. O que também era um orgulho para Buck.

Ele passou a desafiar abertamente a liderança do outro. Punha-se entre ele e os infratores que deveriam ser castigados. E fazia isso deliberadamente. Certa noite, houve uma grande nevasca e, de manhã, Pike, o dissimulado, desapareceu. Estava confortavelmente escondido em seu ninho a mais de dois palmos de profundidade. François chamou-o e procurou-o em vão. Spitz ficou tomado de ódio. Circulou enfurecido pelo acampamento, farejando e cavando em cada canto, rosnando de maneira tão ameaçadora que Pike, tendo-o ouvido, permaneceu quieto em seu esconderijo.

Quando finalmente saiu da toca e Spitz atacou-o para puni-lo, Buck atirou-se entre os dois com o mesmo ímpeto. Foi um gesto tão inesperado, e executado com tal vivacidade, que Spitz recuou num impulso e acabou caindo. Pike, que estava tremendo de medo, aderiu imediatamente à rebelião, e atirou-se contra o líder caído. Buck, para quem a ética era um código já esquecido, atirou-se também contra Spitz. Mas François, rindo do incidente e ao mesmo tempo consciente de seus deveres de justiça, baixou seu chicote contra Buck com toda a força. Mas não foi isso que impediu Buck de atacar seu rival prostrado, e o cabo do chicote foi

colocado em ação. Surpreso, Buck recuou atordoado e o chicote caiu-lhe sobre o lombo repetidas vezes, enquanto Spitz punia rigorosamente o tantas vezes insolente Pike.

Nos dias que se seguiram, com a proximidade cada vez maior de Dawson, Buck continuou a se interpor entre Spitz e os infratores. Mas fazia isso discretamente, quando François não estava presente. Com a rebelião dissimulada de Buck, instaurou-se uma insubordinação geral crescente. Dave e Sol-lecks não foram afetados, mas o resto da equipe foi de mal a pior. Nada funcionou direito a partir de então. Havia constantes confrontos e altercações. E sempre que surgiam problemas a origem deles era Buck. François estava de olho, constantemente apreensivo com o embate de vida ou morte entre os dois, sabendo que cedo ou tarde iria ocorrer. E em mais de uma noite, os latidos de briga e confronto entre os cães obrigou-o a despertar do sono com o temor de que Buck e Spitz estivessem lutando até a morte.

Mas a oportunidade não apareceu e chegaram em Dawson numa certa tarde sombria sem que a briga final tivesse acontecido. Lá, havia muitos homens e inúmeros cães, e Buck os encontrou todos atarefados. Parecia ser natural que os cães trabalhassem tanto. Passavam o dia descendo e subindo a rua principal em grandes grupos e à noite ainda era possível ouvir o tilintar de seus guizos. Transportavam lenha e madeira para as cabanas, contratadas pelas minas, e faziam todos os tipos de trabalho que os cavalos realizavam no vale de Santa Clara. Em vários momentos, Buck encontrou cães do sul, mas a maioria era de huskies da linhagem dos lobos selvagens. Todas as noites, regularmente às nove, à meia-noite e às três da manhã, eles produziam um coro de uivos noturnos, um estranho canto ao qual Buck aderia com deleite.

Com a aurora boreal ardendo friamente sobre todos, ou as estrelas dançando por entre a geada que caía e a terra dormente e gelada em seu túmulo de neve, o canto dos huskies poderia ser tomado como um desafio à vida, embora em tom menor, num lamento profundo que se assemelhava mais a uma súplica de vida, à expressão sonora da luta pela existência. Era um velho canto, tão velho quanto a própria raça — um dos primeiros cantos de um mundo nascente numa época em que os cantos eram melancólicos. Estava incorporado de angústias acumuladas pelas gerações, um lamento com o qual Buck estava estranhamente envolvido. Quando uivava e gemia, era com toda a angústia da vida, a mesma de seus

ancestrais selvagens, e com o mesmo temor e inquietação a respeito da escuridão e do frio que acometiam seus antepassados. E o fato de essa angústia tocá-lo tanto, demonstrava o quanto se complementava ao retroceder à idade das cavernas e do fogo até os primórdios da vida dos tempos ululantes.

Sete dias após terem chegado a Dawson, eles desceram as margens escarpadas de Barracks e Yukon Trail, e seguiram para Dyea e Salt Water. Perrault agora levava documentos ainda mais urgentes do que trouxera antes. Além disso, o orgulho do viajante já o havia dominado e ele se dispôs a bater o recorde do ano. Havia muitos aspectos que o favoreciam. A semana de descanso tinha recuperado os cães e os colocado em boa forma. A trilha que haviam aberto pela região estava bem firme e compacta graças aos viajantes que passaram por ali antes. Além disso, a polícia tinha providenciado dois ou três pontos de depósito de alimentos para homens e cães, de modo que ele podia viajar com pouco peso.

No primeiro dia, foram a Sixty Miles, percorrendo quase cem quilômetros. No segundo dia já estavam escalando o Yukon a caminho de Pelly. Mas esse ótimo desempenho foi conquistado não sem grandes conflitos e muita irritação por parte de François. A insidiosa revolta conduzida por Buck destruiu a solidariedade da equipe. Já não era mais como se um só cão trilhasse os caminhos. O que Buck ofereceu aos rebeldes permitiu que cometessem todos os tipos de pequenas infrações. Spitz já não era mais um líder a ser temido. O medo que todos sentiam dele se foi e passaram a se sentir capazes de desafiar sua autoridade. Certa noite, Pike roubou dele metade de sua ração de peixe, e a engoliu prontamente, sob a proteção de Buck. Em outra noite, Dub e Joe enfrentaram Spitz e acabaram por fazê-lo desistir da punição que mereciam. E até mesmo Billee, o bondoso, passou a ser menos bondoso e a se lamentar bem menos do que antes, ainda que de maneira pacífica. Buck nunca mais se aproximou de Spitz sem rosnar e eriçar os pelos ameaçadoramente. De fato, sua atitude se aproximava da de um provocador e chegava a desfilar de maneira ofensiva bem debaixo do focinho de Spitz.

A quebra da disciplina afetou, da mesma forma, o relacionamento dos cães entre si. Nunca brigaram e se confrontaram tanto, até que o acampamento se transformou numa imensa confusão. Dave e Sol-leck não se alteraram, embora se mostrassem irritados com as brigas intermináveis.

François praguejava estranhas maldições bárbaras, chutava a neve com raiva inútil e arrancava os cabelos. Seu chicote estava sempre zumbindo entre os cães, mas sem nenhuma eficiência. Ele afastava Spitz com chicotadas enquanto Buck afastava os outros da equipe. François sabia que ele estava por trás de todos esses problemas e Buck sabia que ele sabia. Mas Buck estava esperto demais para ser pego em flagrante. Ele fazia seu trabalho com determinação, já que o serviço no trenó tinha se tornado um prazer para ele. Na verdade, também tinha se tornado um grande prazer utilizar a sua malícia para provocar uma briga entre seus colegas e emaranhar as correias.

Certa noite, logo depois da ceia, nos arredores de Tahkeena, Dub cercou um coelho da neve, mas cometeu um erro e deixou-o escapar. Imediatamente a equipe inteira saiu à caça. A cerca de cem metros encontrava-se o acampamento da Polícia Montada, com cinquenta cães, todos huskies, que também se juntaram à caçada. O coelho disparou em direção ao rio, desviou na direção de um pequeno riacho e sem hesitar correu sobre seu leito gelado. Chovia brandamente sobre a superfície de neve enquanto os cães avançavam com dificuldade a toda força. Buck era o líder do grupo, formado por sessenta cães possantes, vencendo curva após curva, mas sem conseguir o que queria. Entregou-se totalmente à caçada, arfando com sofreguidão, seu corpo esplêndido brilhando, a cada salto, sob a tênue luz branca da lua. E, a cada salto, como um pálido espectro gelado, o coelho da neve ganhava distância.

Toda a emoção dos velhos instintos que em certos períodos levam homens às florestas, para além dos limites das cidades barulhentas, com o objetivo de simplesmente matar utilizando projéteis disparados quimicamente, a volúpia do sangue, o prazer da matança — era exatamente isso que Buck sentia, mas numa escala infinitamente mais íntima. Ele tinha tomado a dianteira do grupo, correndo em busca da caça selvagem, da carne viva, para matá-la com seus próprios dentes e lambuzar seu focinho de sangue morno.

Existe um êxtase que sinaliza o auge da vida, além do qual a vida não vinga. E é tal o paradoxo da existência que este êxtase sobrevém quando se está mais vivo e ao mesmo tempo quando se esquece completamente que se está vivo. Esse êxtase, esse esquecimento da vida, é o que sobrevêm ao artista, arrebatado por uma centelha viva; é o que sobrevêm ao soldado delirante que, vencido, não se rende; e foi o que sobreveio a Buck,

conduzindo o grupo, emitindo o velho canto dos lobos, lutando pelo alimento vivo e que disparava em alta velocidade à sua frente sob a luz da lua. Ele emitia os sons mais íntimos, de partes da sua natureza que eram mais profundas do que sua própria existência e que remontavam aos tempos uterinos. Estava sob controle das ondulações mais puras da vida, a maré da existência, o prazer da perfeita sincronização de cada músculo, cada articulação, cada tendão de tudo que não estava morto, que era vivo e palpitante e se expressava em movimento, pairando de maneira exultante sob a luz das estrelas em face à matéria morta e sem movimento.

Mas Spitz, frio e calculista mesmo nos estados de espíritos mais supremos, saiu do grupo e pegou um atalho sob um estreito vale onde o riacho fazia uma longa curva. Buck não conhecia esse caminho e, enquanto percorria a curva, tendo à sua frente o espectro ligeiro do coelho, pôde observar um outro espectro, bem maior, pular da margem proeminente por sobre o caminho percorrido pelo coelho. Era Spitz. O coelho não pôde voltar e, quando os dentes brancos abocanharam seu corpo no ar, emitiu um grito lancinante, tal qual um homem abatido. Ao ouvir o grito — o grito da Vida que, em seu auge, entrega-se à Morte —, o grupo todo que seguia Buck murmurou um demoníaco canto de prazer.

Buck não os acompanhou. Nem sequer se deteve — atirou-se contra Spitz, ombro com ombro, com tanta violência que não conseguiu agarrar-lhe a garganta. Rolaram ambos sobre a poeira da neve. Spitz se pôs de pé como se não tivesse sido derrubado, ferindo Buck no ombro e saltando para fora. Por duas vezes abocanhou o rival, com os dentes de aço de um tubarão, ao mesmo tempo em que recuava para readquirir sua posição inicial, os lábios finos erguidos, retorcendo-se, e rosnando.

Num átimo, Buck percebeu a estratégia que deveria adotar. Tinha chegado a hora. Era o momento de enfrentar a morte. Enquanto davam voltas, se estudando e rosnando, com as orelhas baixas, perscrutando possibilidades de adquirir vantagem, a cena surgiu na mente de Buck com uma sensação de familiaridade. Parecia que já tinha vivido situação semelhante — as árvores esbranquiçadas pela neve, a terra, a luz da lua e a emoção da batalha. Sobrepondo-se às testemunhas e ao silêncio, pesava uma calma opressiva. Não havia nem sequer o mais débil ruído — nada se movia, nem mesmo uma folha, apenas a respiração quase visível dos cães destacava-se suavemente no ar gelado. Aqueles cães descendentes de lobos já tinham abatido um coelho e agora, formando um círculo, enchiam-se de

expectativas para o combate. Também eles estavam em silêncio com um brilho nos olhos e a respiração suspensa e lenta. Para Buck, aquilo tudo era uma cena que remetia aos velhos tempos, nada era novo ou estranho. Como se sempre tivesse sido assim, a forma habitual dos fatos da vida.

Spitz lutava de maneira prática. A partir de Spitzbergen até o Ártico, atravessando o Canadá e Barrens, ele tinha se garantido com todos os tipos de cães e conquistado a supremacia. Possuía uma cólera amarga, mas nunca cega. Com a paixão por despedaçar e destruir, ele, no entanto, nunca esquecia que seu inimigo tinha semelhante paixão em despedaçar e destruir. Nunca atacava até que estivesse preparado para receber um ataque; nunca investia enquanto não tivesse se defendido de uma investida.

Buck tentou, em vão, enterrar seus dentes no pescoço daquele grande cão branco. Sempre que seus caninos procuravam atingir a carne mais tenra, recebia o contra-ataque dos caninos de Spitz. Os caninos se chocavam e os lábios sangravam, feridos, mas Buck não conseguia romper a guarda de seu inimigo. E então ele acelerou suas investidas e envolveu Spitz num turbilhão de ataques. Seguidas vezes ele tentou a garganta branca como neve, onde a vida borbulhava na superfície, e todas as vezes Spitz o rechaçava e se esquivava. Então Buck atirava-se novamente procurando a garganta, e, recuando a cabeça e inclinando-a lateralmente, tentava emparelhar seus ombros com os de Spitz, tentando assim abatê-lo. Mas em vez disso, os ombros de Buck caíam no vazio, já que Spitz se esquivava levemente.

Enquanto Spitz estava ileso, Buck já tinha grandes manchas de sangue. A briga evoluía para uma situação crítica. E durante todo o tempo, o silêncio e o círculo dos cães apenas esperava o desfecho para saber quem seria o derrotado. À medida que Buck ia se cansando, Spitz começava a atacar, mantendo-o hesitante sobre as patas. Em certo momento, tombou, fazendo com que todos os sessenta cães do círculo se erguessem. Mas logo se recompôs, antes mesmo que caísse completamente, e o circulo se refez e voltou a assistir à briga.

Mas Buck tinha uma qualidade reservada aos melhores — a imaginação. Brigava por instinto, mas podia lutar também com a mente. Ele atacou, como se fosse tentar o mesmo truque de sempre, mas no último instante, deslizou sobre a neve por baixo. E seus dentes abocanharam a perna esquerda dianteira de Spitz. Houve um estalido de

osso quebrando e o cão branco teve que enfrentá-lo apoiado em apenas três pernas. Por três vezes, tentou abatê-lo, até repetir o truque novamente e quebrar a perna direita dianteira. Apesar da dor e do desamparo, Spitz lutou bravamente para continuar em pé. Observou o círculo , com olhos brilhantes, línguas soltas, respiração ressoante, aproximando-se dele da mesma maneira com que ele tinha visto no passado círculos semelhantes se aproximarem de seu rival abatido. Só que desta vez era ele quem tinha sido derrotado.

Nada mais restava a fazer. Buck foi inexorável. Compaixão era algo reservado a regiões mais amenas. Começou uma manobra para o ataque final. O círculo tinha se fechado ao ponto de ele poder ouvir a respiração dos huskies à sua volta. Poderia vê-los também, atrás de Spitz e em ambas as laterais, já meio encurvados para atacar, seus olhos fixos nos de Buck. Pareceu ocorrer uma pausa. Os animais estavam paralisados, como se tivessem virado pedra. Apenas Spitz agitava-se e eriçava os pelos enquanto movia-se para frente e para trás, rosnando numa ameaça aterrorizante, como se pudesse intimidar a morte. Então Buck moveu-se para o centro e nesse momento, pela última vez, os ombros dos dois cães colidiram. O círculo escuro transformou-se num ponto negro na neve inundada pela luz da lua e Spitz desapareceu no meio dele. Buck permaneceu parado, observando, tal como um campeão, dominado pela fera primordial que tinha feito sua matança e agora usufruía o prazer do que fizera.

4. O conquistador da supremacia

— Viu só? Eu não disse? Falei a *verrdade* quando disse que Buck era igual a dois demônios — era o que falava François na manhã seguinte, quando percebeu a ausência de Spitz e viu que Buck estava coberto de ferimentos. Ele foi conduzido à fogueira sob cuja luz François examinou as feridas.

— Aquele Spitz lutava como um diabo — disse Perrault, ao observar os cortes e rasgos abertos.

— E Buck luta como dois diabos — foi a resposta de François. — E agora vamos ficar bem. Sem Spitz, sem problemas, com *cerrteza*.

Enquanto Perrault recolhia o acampamento e carregava o trenó, o condutor foi botar os arreios nos cães. Buck adiantou-se ao lugar em que

Spitz teria ocupado como líder. Mas François, sem perceber seu movimento, trouxe Sol-leks para ocupar a posição. Na sua avaliação, Sol-leks era o único dos cães que poderia ser o líder. Buck, furioso, avançou contra Sol-leks, fazendo-o recuar para tomar seu lugar.

— Para, para — gritou François, açoitando-o alegremente com o chicote. — Olha só esse Buck. Ele matou aquele Spitz e *agorra querr pegarr* seu *lugarr*.

— Vai *emborra*, vai *emborra* — gritou ele, mas Buck recusou-se a sair.

Agarrou Buck pela nuca e, embora o cão rosnasse de maneira ameaçadora, colocou-o de lado e trouxe Sol-leks para a posição.

O velho cão não estava gostando daquela história, deixando claro que temia Buck. Mas François era obstinado e quando voltou as costas, Buck novamente espantou Sol-leks da posição, que não se importou nada com isso.

François ficou bravo. — Agora você vai ver, vou te dar uma lição — gritou ele, voltando com um porrete pesado na mão.

Buck lembrou-se do homem de agasalho vermelho e recuou lentamente. E não tentou atacar quando Sol-leks foi outra vez levado a ocupar a posição de líder. Permaneceu fora do alcance do porrete, rosnando de maneira amarga e raivosa. E à medida que o fazia, observava o porrete de maneira a poder fugir caso François resolvesse usá-lo, já que tinha ficado esperto no que se referia a porretes.

O condutor voltou ao seu trabalho e chamou Buck quando foi o momento de colocá-lo na sua posição de sempre, em frente a Dave. Buck recuou dois ou três passos. François foi atrás dele e, à medida que se aproximava, Buck recuava mais e mais. Depois de algumas repetições desta cena, François ameaçou com o porrete, acreditando que Buck teria medo de levar uma surra. Mas Buck estava francamente revoltado. O que queria não era escapar de uma surra de porrete, mas sim assumir a liderança. Considerava seu direito. Tinha-o conquistado e não se contentaria com menos.

Perrault veio ajudar. Os dois homens perderam bem uma hora confrontando o cão. Ameaçavam bater nele com o porrete. Ele recuava. Xingavam-no, xingavam sua mãe e pai e toda a sua raça até a mais remota geração, e cada pelo do seu corpo e cada gota de sangue que corria em suas veias. E ele respondia rosnando e mantendo-se longe do alcance dos homens. Não tentou fugir, mas ficou circulando pelo acampamento, num

sinal claro de que quando seu desejo fosse aceito, ele se apresentaria e seria um bom menino.

François sentou-se e coçou a cabeça. Perrault olhou o relógio e praguejou. O tempo estava voando e já deveriam estar a caminho há mais de uma hora. François coçou a cabeça novamente. Balançou os ombros e sorriu envergonhado para o mensageiro, que ergueu os ombros em sinal de que tinham sido vencidos. Em seguida, François se dirigiu até onde estava Sol-leks e chamou Buck. Buck riu, do jeito que os cães riem, mas manteve a distância. François retirou os arreios de Sol-leks e colocou-o na posição de sempre. A equipe manteve-se com arreios no trenó, perfilada, pronta para partir. Não havia lugar para Buck na frente. Mais uma vez, François chamou-o, e mais uma vez Buck riu e manteve a distância.

— Joga o porrete fora — ordenou Perrault. François obedeceu e Buck aproximou-se, rindo triunfantemente, e logo tomou a posição do líder da equipe. Recebeu os arreios, o trenó movimentou-se e, com os dois homens correndo, se dirigiram à trilha do rio.

Muito longe do que havia previsto, o condutor de trenós, ainda cedo, percebeu que tinha subestimado Buck e seus dois demônios. Rapidamente, e de maneira convincente, Buck assumiu suas obrigações de líder. E quando o seu julgamento foi necessário, seguido de pensamento rápido e ação mais ainda, ele demonstrou ser superior até mesmo a Spitz, a quem François acreditava nunca ter visto igual.

Mas era fazendo com que todos cumprissem as regras que Buck destacava-se. Dave e Sol-leks não se importaram com a mudança de líder. Não era da conta deles. O que importava a eles era puxar o trenó, e puxar com potência, trilha afora. Contanto que ninguém interferisse nisso, eles não se importavam com os acontecimentos. Até mesmo Bilee, o bondoso, podia ser o líder, desde que mantivesse a ordem. O resto da equipe, no entanto, vinha se revoltando contra Spitz nos últimos dias, e estava surpresa agora que Buck era o responsável pela manutenção da ordem.

Pike, que ficava atrás de Buck, e que não fazia nenhum esforço além do que era solicitado, passou a ser eficaz e repetidamente advertido por falta de empenho. E antes de terminar o primeiro dia, ele estava puxando mais do que já tinha feito em toda a sua vida. Na primeira noite no acampamento, Joe, o azedo, foi exemplarmente punido, o que Spitz nunca conseguira. Buck simplesmente prensou-o, aproveitando-se do fato de ser

mais pesado que ele, e permaneceu assim até que ele parasse de morder e implorasse por trégua.

Imediatamente, houve uma mudança no comportamento da equipe, recuperou-se o espírito solidário dos velhos tempos e novamente os cães estavam correndo nas trilhas como se fossem um só. Em Rink Rapids, dois huskies nativos, Teek e Koona, se juntaram à equipe e a rapidez com que Buck os dominou foi de tirar o fôlego de François.

— Nunca vi um cão como o Buck! — alardeou ele. — Nunca mesmo. Ele vale mil dólares, juro! Não é, Perrault?

Perrault concordou. Ele já estava à frente do recorde naquele momento e ganhava terreno, dia após dia. A trilha estava em excelentes condições, bem socada e sólida e não havia nenhuma nevasca a caminho. Estava frio demais. A temperatura caiu para cinquenta graus negativos e permaneceu assim a viagem toda. Os homens se revezavam correndo ao lado do trenó e conduzindo-o e os cães eram mantidos nos arreios, com algumas paradas pouco frequentes.

O rio Thirty Miles estava razoavelmente coberto de gelo e fizeram o trajeto de volta em um dia, quando normalmente levaria dez dias na direção contrária. Em uma só jornada fizeram cem quilômetros, do lago Le Barge até o rio White Horse. Ao atravessar Marsh, Tagish e Bennett (cem quilômetros de lagos), iam tão rápido que o homem que corria ao lado tinha de ser puxado por uma corda atada ao trenó. Na última noite da segunda semana, subiram o White Pass e desceram a colina em direção ao mar, da onde podiam avistar as luzes de Skaguay, tendo os navios aos seus pés.

Foi um recorde. Fizeram em média, nos catorze dias de viagem, oitenta quilômetros por dia. E nos três dias seguintes, Perrault e François exibiram-se orgulhosos, indo e vindo pela rua principal de Skaguay, e foram requisitados com convites para beber, enquanto a equipe de cães tornou-se o centro das atenções de uma multidão de admiradores formada por especialistas em cães e condutores de trenó. Então chegaram três ou quatro baderneiros com a intenção de limpar a cidade e foram furados como peneira, e as atenções voltaram-se para os novos ídolos. Em seguida, vieram ordens oficiais. François chamou Buck, envolveu-o com seus braços e choramingou sobre ele. E esta foi a última vez que esteve com François e Perrault. Como outros, estes também passaram na vida de Buck e sumiram para sempre.

Um escocês mestiço tomou conta dele e dos outros, e na companhia de uma dúzia de cães, ele começou de novo a cansativa jornada para Dawson. Desta vez, não era uma viagem com pouco peso e nem havia a preocupação de bater o recorde, mas sim um trenó pesado com carga mais pesada ainda. Afinal, este era o transporte dos correios, levando notícias provenientes do mundo todo para os homens que buscavam ouro sob a sombra do polo.

Buck não gostava desse trabalho, mas aceitou com resignação a missão, da mesma maneira orgulhosa de Dave e Sol-leks, cobrando que seus companheiros fizessem o mesmo, com orgulho ou sem. Era um trabalho monótono, executado com a regularidade de uma máquina. Um dia era igual ao outro. Todas as manhãs, na mesma hora, os cozinheiros apareciam, acendiam o fogo e serviam o café da manhã. Daí, enquanto alguns recolhiam o acampamento, outros colocavam arreios nos cães, e eles se punham a caminho por volta de uma hora antes da escuridão da noite terminar anunciando a aurora. À noite, assentavam acampamento. Enquanto uns faziam o trabalho pesado, outros cortavam lenha e galhos dos pinheiros para fazer camas, e outros ainda buscavam água ou gelo para a cozinha. Também alimentavam os cães. Para eles, esse era o acontecimento do dia, embora fosse bom também, depois de comer o peixe, passear pelas redondezas por uma hora ou mais com os outros cães, mais de cem deles, todos esquisitões. Havia grandes lutadores entre eles, mas bastaram três combates com o mais durão para que Buck assumisse o comando, de maneira que quando eriçava os pelos e mostrava os dentes, os demais saíam de seu caminho.

Mas o melhor de tudo era, talvez, deitar-se perto do fogo, com as pernas traseiras recolhidas sob seu corpo, as dianteiras esticadas para frente, a cabeça erguida e os olhos vagando, brilhantes, sob a luz do fogo. Às vezes ele pensava na grande casa do juiz Miller, no ensolarado vale de Santa Clara, e na piscina de cimento, em Ysabel, a cadelinha mexicana de pelo rapado, e em Toots, o mascote japonês. Mas com frequência também lembrava do homem com agasalho vermelho, da morte de Curly, da grande briga com Spitz, e das boas coisas que comeu ou que desejava comer. Não tinha saudade. A Terra do Sol era distante e vaga — essas lembranças não tinham mais efeito sobre ele. Muito mais efetivas eram as lembranças remotas de sua ascendência, que lhe mostravam coisas que nunca tinha visto antes e que agora eram familiares. Seus instintos (que nada mais

eram que a memória de seus ancestrais transformada em hábito), que pareciam ter sumido nos últimos tempos e ainda antes, agora reavivavam.

Às vezes, aninhado ao lado da fogueira, com os olhos vagando, brilhantes, parecia que as chamas pertenciam a outro fogo, ao lado do qual ele também se aninhava, porém, com um homem diferente daquele cozinheiro escocês mestiço à sua frente. Este homem diferente tinha pernas menores e braços mais compridos, com músculos longos e nodosos em vez de arredondados e inchados. Os cabelos desse homem eram longos e embaraçados, sob os quais se inclinava a cabeça a partir dos olhos. Ele pronunciava sons estranhos e parecia ter muito medo da escuridão, para a qual olhava continuamente, apertando entre as mãos uma vara, repousada entre o pé e o joelho, com uma pedra na ponta. Estava completamente nu, expondo uma pele áspera e chamuscada pelo fogo, embora seu corpo fosse coberto de pelos. Alguns lugares, sobre o peito e os ombros e na parte externa dos braços e coxas, eram cobertos com um tapete de pelos. Ele não permanecia ereto, mas com o tronco inclinado para frente, apoiado sobre as coxas, já que as pernas eram dobradas no joelho. Seu corpo tinha uma flexibilidade quase felina e um estado de alerta latente de quem vive em temor contínuo pelo que via e também pelo que não podia ver.

Em outras situações, esse homem cheio de pelos encolhia-se ao lado da fogueira, com a cabeça entre as pernas, e dormia. Nesses momentos, apoiava seus cotovelos nos joelhos e juntava as mãos por sobre a cabeça, como se quisesse se proteger da chuva. E, além do fogo, na escuridão circundante, Buck podia ver muitos pontos brilhantes como brasa, aos pares, sempre aos pares, os quais ele identificava como sendo os olhos de grandes feras predadoras. Podia ouvir o movimento de seus corpos chocando-se contra os arbustos e todos os barulhos que faziam na noite. E sonhando essas cenas às margens do Yukon, com olhos sonolentos piscando para o fogo, estes sons e visões de um outro mundo faziam com que seus pelos se eriçassem ao longo de seu dorso, dos ombros ao pescoço, até que ele rosnasse de maneira suave ou abafada e o cozinheiro mestiço gritasse para ele, “Ei, Buck, acorda!“. Era quando o outro mundo sumia e o mundo verdadeiro aparecia diante de seus olhos e ele levantava-se, bocejava, esticava-se todo, como se estivesse dormindo.

Foi uma viagem cansativa transportando correspondência e o trabalho duro acabou com eles. Perderam peso, chegaram em condições lastimáveis de volta a Dawson e deveriam ter tido uma semana ou dez dias de

descanso pelo menos. Mas depois de dois dias, saíram de novo em direção a Yukon, a partir de Barracks, carregados de cartas provenientes de todos os lugares. Os cães estavam cansados, os condutores reclamavam sem parar, e, para piorar ainda mais, nevava todos os dias. Isso significa que as trilhas estavam mais fofas, provocando mais atrito para quem seguia correndo e exigindo mais força para os cães puxarem o trenó. Na verdade, os condutores até que foram justos, fazendo o possível para poupar os animais.

Todas as noites, os cães eram os primeiros a ser atendidos. Comiam antes que os condutores e nenhum homem era visto com roupas de dormir sem antes examinar as patas dos cães que conduzia. Mesmo assim, as forças se esvaíam. Desde o começo do inverno, viajaram mais de 360 quilômetros puxando trenós o tempo todo. E 360 quilômetros de viagens significavam vida dura como poucas. Buck resistiu, mantendo sua equipe no trabalho e com disciplina, embora também estivesse exausto. Billee gania e chorava regularmente todas as noites, durante o sono. Joe nunca esteve tão azedo, e não era possível se aproximar de Sol-leks, tanto pelo lado cego como pelo outro.

Mas Dave era o que mais sofria. Alguma coisa não estava indo bem com ele. Tornou-se ainda mais rabugento e irritadiço e assim que o acampamento se instalava, ele ia direto para o seu ninho, onde seu condutor o alimentava. Daí, quando lhe tiravam os arreios, ele já não mais ficava de pé até que chegasse a hora de colocar os arreios novamente, pela manhã. Às vezes, no meio da trilha, surpreendido por uma parada do trenó ou pelo súbito recomeçar da viagem, ele choramingava cheio de dores. O condutor o examinava, mas não encontrava nada errado. Todos os condutores começaram a se interessar pelo caso. Conversavam a respeito nas refeições ou enquanto fumegavam seus cachimbos antes de dormir e certa noite se reuniram em conferência. Ele foi trazido do seu ninho para perto do fogo e lá foi pressionado em diversos pontos do corpo até que ganisse várias vezes. Alguma coisa não estava bem dentro dele, mas não conseguiram localizar nenhum osso quebrado ou esclarecer a questão.

Quando chegaram a Cassiar Bar, estava tão fraco que, por várias vezes, despencou durante a viagem. O mestiço escocês solicitou uma parada e o retirou da equipe, fazendo Sol-leks, que corria ao lado do trenó, ocupar seu lugar. Sua intenção era propiciar algum descanso a Dave, deixando-o correr livremente ao lado do trenó. Mas ainda que estivesse doente, Dave

ficou ressentido, rosnando e chiando enquanto os arreios eram retirados, e ganindo de maneira comovente quando viu Sol-leks na posição em que ele estava, na qual havia servido por tanto tempo. O orgulho da trilha e do trenó fazia com que, mesmo doente à beira da morte, não pudesse suportar outro cão fazendo o seu trabalho.

Quando o trenó começou a se mover, ele patinou na neve fofa ao lado da trilha batida, atacando Sol-leks com mordidas, correndo atrás dele, tentando derrubá-lo sobre a neve e fazendo todo esforço para se colocar no seu caminho. E todo o tempo resmungando, ganindo e latindo em profunda dor. O mestiço tentou afugentá-lo com o chicote, mas ele não deu a menor bola para as chicotadas e o homem não teve coragem de bater mais forte. Dave recusou-se a ficar quieto na trilha, atrás do trenó, onde o caminho era mais fácil, e continuou patinando nas laterais da trilha sobre a neve fofa, onde o caminho era o mais difícil, exaustivo mesmo. Até que caiu e permaneceu deitado, uivando melancolicamente enquanto o longo comboio de trenós seguia em frente.

Com o último sopro de energia que lhe restava, conseguiu cambalear atrás do trenó até que fizessem nova parada, quando, patinando na neve, se colocou novamente ao lado de Sol-leks. O condutor se deteve por uns momentos para acender seu cachimbo, pedindo fogo ao homem atrás de si. Então retornou e movimentou seus cães. Eles fizeram o trenó trepidar com uma clara falta de energia e, em seguida, voltaram seus olhos para trás, aflitos e surpresos, e se detiveram. O condutor ficou surpreso também, já que o trenó não se moveu. Então chamou seus amigos para apreciar a cena. Dave tinha mastigado as duas correias atadas em Sol-leks e agora estava parado em frente ao trenó naquele que seria o seu lugar.

Ele pedia com os olhos para permanecer lá. O condutor estava perplexo. Seus amigos comentavam como um cão magoava-se por ser impedido de fazer seu trabalho mesmo com risco de morrer, e lembravam outros exemplos que testemunharam, nos quais cães, velhos demais para cumprir a função, ou então machucados, acabaram morrendo porque foram retirados do trabalho no trenó. Ao mesmo tempo, ficaram com pena, e já que Dave estava condenado a morrer de todo jeito, que morresse trabalhando no trenó, tranquilo e contente. Então puseram novamente os arreios nele e, cheio de orgulho, ele voltou a puxar como sempre, embora mais de uma vez tenha ganido e choramingado involuntariamente, por causa da dor que sentia. Por várias vezes ele tombou no caminho e foi

conduzido de volta e, numa ocasião, o trenó passou por cima da sua perna, fazendo com que ele terminasse o trajeto mancando.

Mas o fato é que ele aguentou até chegarem ao acampamento, onde seu condutor fez um cantinho para ele ao lado do fogo. Pela manhã, ele estava fraco demais para viajar. Na hora de colocar os arreios, ele tentou se arrastar até seu condutor. Fazendo um esforço convulsivo, conseguiu levantar-se, mas escorregou e caiu. Então se arrastou lentamente até onde os arreios estavam sendo colocados nos outros cães. Ele esticava suas patas dianteiras e arrastava seu corpo com uma espécie de movimento de cobra e voltava novamente a esticar as patas dianteiras e a arrastar seu corpo para avançar mais alguns poucos centímetros. Já não tinha força nenhuma e a última coisa que seus amigos cães viram foi ele arfando na neve, implorando com os olhos. Mas puderam ouvir seu lamento doloroso seguindo em direção a uma fileira de árvores às margens do rio até perderem-no de vista.

Quando atingiu esse ponto, o trenó parou. O escocês mestiço voltou alguns passos em direção ao acampamento. Os homens pararam de falar. Ouviu-se o disparo de um revólver. Os ganidos silenciaram, os sinos soaram alegremente e os trenós prosseguiram caminho. Mas Buck sabia, assim como todos os cães, o que havia acontecido naquele momento, quando estavam atrás da fileira de árvores, ao lado do rio.

5. A labuta nas trilhas

Trinta dias depois de terem saído de Dawnson, o correio de Salt Water, puxado por Buck e sua equipe de cães, chegou a . Eles estavam num estado lastimável, exaustos e arrebentados. Os sessenta e poucos quilos de Buck tinham diminuído para pouco mais de cinquenta. O restante dos cães, embora mais leves, perdeu mais peso do que ele, relativamente. Pike, o transgressor, que em toda a sua vida pregressa tinha muitas vezes fingido, com sucesso, estar com a perna machucada, agora mancava de verdade. Sol-leks também mancava e Dub sofria com sua omoplata deslocada.

Todos sentiam dores terríveis nas patas. Não tinham mais energia ou ímpeto para trabalhar. Suas patas estavam pesadas sobre a trilha, abalando seus corpos e ampliando o cansaço que sentiam depois de um dia de trabalho. Não havia nada de errado com eles a não ser o fato de estarem exaustos. Não era aquele tipo de cansaço proveniente de um esforço

excessivo, mas curto, do qual recuperar-se é uma questão de horas. Era uma exaustão resultante de meses puxando o trenó, tendo suas forças drenadas de maneira lenta e prolongada. Não havia energia sobrando para a recuperação, não havia forças de reserva para superar o cansaço. Tudo havia sido usado, até a última gota. Cada músculo, cada fibra, cada célula, estava cansada, exausta. E havia bons motivos para isso. Em menos de cinco meses tinham percorrido cinco mil quilômetros, sendo que nos últimos três mil não tiveram mais do que cinco dias de descanso. Quando chegaram a Skaguay estavam aparentemente em seus últimos dias. Mal conseguiam manter as correias tensas e nas descidas conseguiam a custo manter-se afastados do trenó.

— Falta pouco, amigos cansados — encorajou o condutor quando entraram na rua principal de Skaguay. — *Agorra* é o fim e vamos *descansarr* bastante, tá? Com *cerrteza, descansarr* muito.

Os condutores esperavam de fato uma longa folga.

Afinal, tinham percorrido cinco mil quilômetros com apenas dois dias de descanso e em nome do bom-senso e da justiça comum mereciam um intervalo para vagabundear. Mas tantos homens haviam chegado em Klondike e tantas eram as namoradas, esposas e outras pessoas queridas que não tinham ido com eles, que o tráfego de correspondência tinha tomado proporções gigantescas. E, também, havia ordens oficiais. Novos grupos de cães vindos de Hudson Bay iriam tomar o lugar daqueles que já não conseguiam render bem nas trilhas. Os que não estavam em condições, seriam dispensados e como não importava o desejo dos cães, mas sim os dólares, seriam vendidos.

Três dias se passaram, tempo em que Buck e seus companheiros perceberam o quanto estavam cansados e fracos. Na manhã do quarto dia, dois americanos apareceram e compraram todos eles, incluindo os arreios e tudo o mais, por uma ninharia.

Os homens se chamavam Hal e Charles. Charles era um mulato claro de meia-idade, com um olhar fraco e líquido e um bigode arrebitado, numa trancinha, para cima, ocultando em parte os lábios tortos. Hal era um jovem de dezenove ou vinte anos, com um grande revólver Colt e uma faca de caça pendurados em seu cinto carregado de balas. O cinto era o que mais chamava a atenção nele. Denunciava toda a sua imaturidade, absolutamente inquestionável. Os dois homens demonstravam claramente que não pertenciam àquele lugar e o motivo pelo qual estavam se

aventurando no norte é parte de um mistério que o entendimento não alcança.

Buck acompanhou a negociação, viu o dinheiro circular entre o homem e o agente do governo, e logo soube que o escocês mestiço e os condutores do trenó do correio estavam saindo de sua vida da mesma maneira que saíram Perrault e François e todos os outros que se foram. Quando foi levado para seus novos donos, Buck viu uma cena desleixada e preguiçosa, a barraca mal esticada, pratos por lavar, tudo na maior bagunça. Também viu uma mulher. Mercedes era o nome pelo qual os homens a chamavam. Ela era mulher de Charles e irmã de Hal — uma bela bagunça familiar.

Buck os observou apreensivo quando começaram a desmontar a barraca e a carregar o trenó. Faziam um grande esforço para cumprir as tarefas, mas não tinham métodos de gente experiente. A barraca foi dobrada e guardada num pacote desajeitado três vezes maior do que deveria. Os pratos de metal foram guardados sujos. Mercedes agitava-se de um lado para o outro do mesmo jeito que os homens e não parava de dar conselhos e reclamar. Quando puseram um saco de roupas na parte da frente do trenó, ela sugeriu que o colocassem atrás; quando o puseram atrás, e o cobriram com outros volumes, ela descobriu que alguns objetos teriam que ir nesse saco, e em nenhum outro, e eles tiveram que descarregar tudo.

Três homens de acampamentos vizinhos vieram observar a operação e ficaram sorrindo e piscando entre si.

— Vocês carregaram o trenó de um jeito muito bom — disse um deles. — Não é da minha conta dizer como vocês devem fazer, mas eu não levaria essa barraca, se eu fosse vocês.

— Nem sonhando! — exclamou Mercedes, levando as mãos à cabeça, horrorizada. — Como é que vou passar sem uma barraca?

— Já é primavera, não vamos ter mais tempo frio — respondeu o homem.

Ela balançou a cabeça decidida e Charles e Hal puseram os últimos objetos no topo daquela montanha de carga.

— Acha que o trenó aguenta? — perguntou um dos homens.

— E por que não? — questionou Charles abruptamente.

— Tá bom, tá bom — o homem apressou-se em dizer de maneira amistosa. — Eu só estava pensando alto, só isso. Parece um pouco sobrecarregado.

Charles virou as costas e apertou as correias o melhor que pôde, o que estava longe de ser o ideal.

— E com certeza os cães vão conseguir puxar o trenó o dia inteiro com toda essa carga atrás — afirmou o outro homem.

— Com certeza — disse Hal, num tom educadamente frio, empunhando o controle do leme com uma das mãos e, com a outra, brandindo seu chicote. — Eia! — ele gritou. — Eia, vamos embora!

Os cães fizeram força nas correias, esforçaram-se durante alguns momentos e depois relaxaram. Simplesmente não conseguiam mover o trenó.

— Bichos mais preguiçosos, eles vão ver uma coisa — gritou ele, preparando-se para descer o chicote na equipe.

Mas Mercedes interferiu dizendo: — Não faça isso, Hal — enquanto tirava o chicote das mãos dele. — Tadinhos deles! Quero que você prometa não ser duro com eles pelo resto da viagem, do contrário não vou sair daqui.

— Você se preocupa muito com esses cachorros — reclamou seu irmão. — Acho melhor você não dar palpite. São uns bichos preguiçosos. Vai por mim, é preciso dar umas chicotadas neles para que trabalhem. É assim que se faz. Pode perguntar pra qualquer um. Pergunte para esses homens aqui.

Mercedes olhou para os homens implorando solidariedade à repugnância contra a ideia inscrita em sua face.

— Eles estão fracos demais, se você quiser saber — foi a resposta de um dos homens. — Estão completamente exaustos, esse é o problema. Precisam de um descanso.

— Esquece descanso — disse Hal, movimentando seus lábios imberbes. E Mercedes exclamou: — Ai, ai — cheia de pena e dor.

Mas ela era uma criatura simplória e logo correu em defesa do irmão. — Não ligue para esses homens — disse ela, suavemente. — Você está conduzindo seus cães e deve fazer o que achar melhor.

Mais uma vez, Hal açoitou os cães com o chicote. Eles fizeram força contra as correias, enterraram as patas na neve batida e empurraram pra frente com todas as energias que tinham. Mas o trenó permaneceu imóvel como se estivesse ancorado. Repetiram o esforço mais duas vezes, mas o trenó não se moveu e eles pararam, arfando. O chicote zuniu de novo,

furiosamente, e mais uma vez Mercedes interferiu. Ela se ajoelhou ao lado de Buck, com lágrimas nos olhos, e colocou seus braços em volta dele.

— Tadinho de você — choramingou ela de maneira simpática. — Por que você não puxa mais forte? Daí você não seria castigado… — Buck não gostava dela, mas estava se sentindo debilitado demais para lhe fazer resistência, considerando que essa era a parte triste do seu trabalho.

Um dos observadores, que até então mordia a boca para não falar, não resistiu mais.

— Eu não me importo nada com o que vai acontecer com vocês, mas, pelo bem dos cães, gostaria de avisar que vocês poderiam ajudá-los bastante se destravassem o trenó. Os deslizadores estão congelados. Jogue seu peso contra o leme, ora para a esquerda ora para a direita, e libere o trenó.

Uma terceira tentativa foi feita, mas, desta vez seguindo o conselho, Hal conseguiu liberar os deslizadores que estavam congelados na neve. O trenó desajeitado e sobrecarregado deslocou-se para a frente, Buck e seus companheiros lutando bravamente sob uma saraivada de golpes. Uma centena de metros à frente o caminho fazia uma curva e em seguida inclinava-se numa ladeira em direção à rua principal. Somente um homem poderia manter o trenó equilibrado e Hal não era esse homem. Quando fez a curva, o trenó inclinou, jogando metade da carga para fora e espalhando-a generosamente pelo chão. Os cães não pararam. Mais leve, o trenó caiu atrás deles. Estavam zangados por causa dos maus-tratos recebidos e do excesso de peso. Buck estava furioso. E disparou com o resto da equipe. Hal gritou “Eia, eiaaaa!", mas eles não deram ouvidos. Acabou tropeçando e caindo. O trenó, virado, foi para cima dele e os cães dispararam pela rua, oferecendo um divertimento em Skaguay à medida que espalhavam o restante da carga pela rua principal da cidade.

Alguns gentis moradores detiveram os cães e recolheram a carga espalhada. Também deram bons conselhos. Metade da carga e o dobro de cães, se eles queriam mesmo chegar à Dawson, foi o que disseram. Hal, sua irmã e seu cunhado ouviram contrariados. Armaram a barraca e fizeram uma revisão geral na carga. A comida enlatada foi motivo para risadas, já que esse tipo de coisa era sonho nas trilhas do norte. Cobertores são para hotel, comentou rindo um dos homens que ajudava. — Metade está mais do que bom, jogue o resto fora. E livre-se desta barraca e de

todos esses pratos. Ninguém vai lavá-los mesmo. Meu Deus, vocês estão pensando que vão viajar na primeira classe do expresso?

E assim prosseguiu a inevitável eliminação do excesso. Mercedes reclamou quando sua mala foi atirada ao chão e cada um dos objetivos foi sendo descartado. Chorava por cada objeto eliminado. Abraçou seus joelhos e ficou balançando-se para frente e para trás, cheia de tristeza. Daí começou a ameaçar não sair dali, nem por uma dúzia de Charles. Ela apelou para tudo e para todos, até que finalmente, enxugando suas lágrimas, começou a se livrar de objetos, até mesmo daqueles que eram indispensáveis. E tomada de excesso de zelo, quando terminou com seus pertences, atacou os do seu marido como um furacão.

Isso feito, a bagagem, ainda que reduzida pela metade, tinha ainda um volume extraordinário. Charles e Hal saíram à noite e trouxeram seis cães de fora. Somados aos seis da equipe original, e Teek e Koona, os huskies adquiridos em Rink Rapids, na viagem que quebrou o recorde, a equipe agora tinha catorze cães. Mas os novos cães, apesar de adestrados desde que chegaram, praticamente não somavam nada. Três deles eram perdigueiros de pelo curto, um outro era um terra-nova, e os dois restantes não tinham raça determinada. Nenhum deles parecia saber coisa alguma a respeito das trilhas. Buck e seus companheiros olharam para eles com repulsa, e embora tenha ensinado rapidamente qual era o lugar deles e o que não deveriam fazer, não poderia ensiná-los a fazer o certo. Não eram do tipo que gostava das trilhas e das correias. Com exceção dos dois sem raça, eram atrapalhados e sem ânimo, devido ao ambiente estranho e selvagem em que se encontravam e ao péssimo tratamento que receberam. Já os dois sem raça não tinham nada a oferecer. A única coisa que os sustentavam eram seus ossos.

Com esses recém-chegados assim desamparados e desanimados, e a velha equipe castigada pelos cinco mil quilômetros de contínua, a perspectiva estava muito distante de ser brilhante. Mas os dois homens estavam animados. E também muito orgulhosos. Estavam fazendo tudo com muito estilo, com catorze cães. Tinham visto outros trenós partirem para Dawson ou chegarem de Dawson, mas nunca viram um trenó com tantos cães assim. No ambiente das viagens do Ártico há um motivo pelo qual não se leva catorze cães num só trenó: o fato de que não se pode levar comida para catorze cães em um só trenó. Mas Charles e Hal não sabiam disso. Eles trabalharam no planejamento da viagem fazendo contas na

ponta do lápis — tanto para um cão, tantos cães, tantos dias. Estava tudo certo! Mercedes olhava por cima de seus ombros e acenava como se estivesse compreendendo — era muito simples mesmo.

No fim da manhã do dia seguinte, Buck conduziu a interminável equipe para a rua. Não havia nenhum ânimo ou energia nele e em seus companheiros. Estavam começando a jornada já exaustos. Por quatro vezes, tinham percorrido a distância entre Salt Water e Dawson e saber que teriam que percorrer tudo de novo, exaustos e desanimados, tornava-os amargurados. O coração de Buck não estava naquele trabalho, assim como o coração de nenhum dos cães estava lá. Os novatos eram tímidos e amedrontados, e os antigos não confiavam em seus condutores.

Buck sentia que não poderia depender desses dois homens e dessa mulher. Não sabiam fazer nada direito e, conforme passavam os dias, tornava-se claro que não poderiam aprender coisa alguma. Eles eram atrapalhados em tudo, sem ordem ou disciplina. Levaram metade da noite para montar precariamente o acampamento, e mais metade da manhã para desmontá-lo e carregar o trenó de uma maneira tão mal feita que pelo resto do dia se ocuparam em parar e arrumar tudo novamente. Em alguns dias não conseguiam fazer mais do que vinte quilômetros. Em outros, não conseguiam sequer começar a trilha. E não houve um dia em que eles conseguiram fazer mais do que a metade da distância prevista como base para seus cálculos de comida para os cães.

Foi inevitável que o alimento para eles rareasse. E os homens pioraram a situação superalimentando os animais e, assim, apressando o dia em que teriam que fazer racionamento. Os cães novatos, cuja digestão ainda não havia sido treinada pela fome crônica para fazer o máximo com o mínimo, tinham um apetite voraz. E, para piorar as coisas, quando os huskies antigos começaram a perder a força de tração, Hal decidiu que a ração normal era insuficiente e a dobrou. Quando Mercedes, com lágrimas nos seus belos olhos e um tremor na voz, não conseguia convencê-lo a dar mais comida ainda aos cães, saqueava peixes e os alimentava às escondidas. Mas não era comida que Buck e os huskies precisavam, e sim descanso. E, embora estivessem fazendo performances lentas, a carga pesada que puxavam minava ainda mais suas poucas forças.

Então veio o racionamento. Hal acordou certo dia para o fato de que seu suprimento de comida de cachorro já estava pela metade e que tinham apenas percorrido um quarto da distância. Agora, nem por dinheiro ou

caridade poderiam conseguir mais alimentos. Então diminuiu a ração abaixo da considerada normal e tentou aumentar o tempo de viagem por dia. Sua irmã e seu cunhado deram-lhe apoio, mas foram frustrados em seus propósitos devido à carga pesada e à própria incompetência. Era uma questão simples dar aos cães menos alimento. Mas seria impossível fazê-los viajar mais rapidamente. Além disso, a incompetência para partir cedo pela manhã impedia que viajassem por mais horas. Não apenas não sabiam como trabalhar com cães como, também, não sabiam como trabalhar entre eles mesmos.

O primeiro da lista foi Dub. Ladrão atrapalhado, sempre pego em flagrante e punido, era, apesar de tudo, um trabalhador aplicado. Com a omoplata lesionada, sem ser tratado e sem descanso, foi de mal a pior, até que finalmente Hal sacrificou-o com um tiro de seu grande revólver Colt. Na região, costumam dizer que um cão de fora morre de fome com a ração de um husky, de modo que aos seis cães novatos sob o comando de Buck não houve outra alternativa, com a metade da ração de um husky, além de morrer. O terra-nova foi o primeiro, seguido dos três perdigueiros de pelo curto, e os dois sem raça, mais resistentes, acabaram morrendo também.

Por essa época, todos os confortos e gentilezas do sul tinham sido dispensados pelas três pessoas. Muito além do *glamour* e do romantismo, a viagem pelo Ártico tornou-se uma realidade muito cruel para a condição que tinham de homem e mulher. Mercedes parou de choramingar pelos cães, ocupada demais em lamentar-se em causa própria e em discutir com o marido e o irmão. Aliás, discutir era algo que eles nunca cansavam de fazer. A irritação entre eles surgiu com as péssimas condições de vida, cresceu, dobrou e se multiplicou. Aquela paciência extraordinária que se vê nas trilhas entre os homens dedicados a duras jornadas e que, apesar de sofrerem com as adversidades, conservam a conversa suave e gentil, não vingou entre os dois homens e a mulher. Tinham endurecido de maneira dolorosa. Seus músculos doíam, seus ossos doíam, tinham dor até mesmo no fundo do coração. Por isso alfinetavam-se o tempo todo e as palavras contundentes eram as primeiras a ser pronunciadas pela manhã e as últimas à noite.

Charles e Hal discutiam sempre que Mercedes criava uma oportunidade para isso. Cada um deles tinha a plena convicção de que trabalhavam mais do que seria devido e não abriam mão de deixar isso claro sempre que podiam. Algumas vezes, Mercedes apoiava seu marido,

em outras, seu irmão. O resultado era uma típica situação de desentendimento familiar. Começando pela briga para decidir quem deveria cortar a lenha para o fogo (uma disputa que se limitava a Charles e Hal) e que imediatamente acabava envolvendo o resto da família — pais, mães, tios, primos, gente que estava a milhares de quilômetros de distância, alguns inclusive já mortos. A ligação entre as opiniões de Hal sobre arte ou sobre as peças teatrais de caráter social que o irmão da sua mãe escrevia e alguns pedaços de lenha, ultrapassava a compreensão. Seja como for, a discussão podia tanto tender nessa direção quanto na direção dos preconceitos políticos de Charles. E a importância da irmã fofoqueira de Charles para fazer uma fogueira em Yukon só era reconhecida, aparentemente, por Mercedes, que se dava ao trabalho de elencar opiniões sobre o assunto e também, , sobre outros temas desagradáveis que diziam respeito apenas à família do seu marido. Enquanto isso, o fogo não era aceso, não terminavam de montar o acampamento e os cães não eram alimentados.

Mercedes tinha uma mágoa especial — a mágoa do sexo. Ela era bonita e delicada e sempre foi tratada com gentileza a vida toda. Mas o tratamento que recebia naquele momento, do irmão e do marido, estava muito longe de ser gentil. Ela estava acostumada a não ser de grande ajuda. E eles reclamavam. E como não respeitavam aquelas que, para ela, eram suas prerrogativas de mulher, ela transformava a vida deles em um inferno. Já não tinha a mesma consideração pelos cães e, como estava cansada e cheia de dores, manteve-se viajando sobre o trenó. Ela era bonita e delicada, mas pesava mais de sessenta quilos — aumentando a carga a ser puxada pelos animais, já fracos e famintos. Viajou assim por vários dias, até que os cães começaram a cair pela trilha e o trenó acabasse parando de vez. Charles e Hal pediram para ela sair do trenó e andar, imploraram até, ao que ela respondeu chorosa, lamentando aos céus tanta brutalidade.

Até que numa ocasião, tiraram-na do trenó à força. Nunca mais repetiram o feito. Como uma criança mimada, ela se sentou no meio da trilha e se deixou ficar. Os homens voltaram para pegá-la, mas ela não se moveu. Depois de terem percorrido seis quilômetros, esvaziaram o trenó e voltaram para pegá-la. E colocaram-na, à força, de volta.

Concentrados em seu sofrimento, não estavam sensíveis ao sofrimento de seus cães. A teoria de Hal, que ele gostava de praticar nos outros, era de

que se fazia necessário endurecer. Ele começou a discursar sobre esse tema para a irmã e o cunhado. Como não lhe deram ouvidos, passou a praticar a tese surrando os cães com um porrete. Em Five Fingers a comida dos cães acabou e uma índia americana desdentada ofereceu alguns quilos de pele de cavalo congelada em troca do revólver Colt que ficava ao lado da faca de caça na cintura de Hal. Não era de fato um substituto razoável para a comida. As peles tinham sido retiradas de cavalos famintos seis meses antes. Congeladas, pareciam tiras de aço galvanizado e, quando foram para o estômago dos cães, degelaram e se transformaram em finas folhas de couro e em um aglomerado de pelos, indigestos e irritantes.

Nessas circunstâncias, Buck comandava sua equipe de maneira temerosa, como se estivesse em um pesadelo. Quando podia, puxava. Quando não aguentava mais puxar, caía e permanecia assim até que a ameaça de uma surra com porrete ou chicote fazia-o levantar-se de novo. Todo o brilho e vigor de sua bela cobertura de pelos tinham desaparecido. Estava agora desfeita e suja, além de manchada de sangue ressecado nos lugares onde Hal havia machucado com seu porrete. Seus músculos estavam enfraquecidos, cheios de nódulos, e as camadas de carne tinham desaparecido, de maneira que cada osso e costela salientavam-se nitidamente sob a pele solta, enrugada em dobras vazias. Era de partir o coração, embora o coração de Buck fosse inquebrável. O homem de agasalho vermelho tinha provado isso.

O que acontecia com Buck, acontecia também com seus colegas. Eram esqueletos ambulantes. Sete ao todo, incluindo ele. Em seu grande sofrimento, tinham se tornado insensíveis às chicotadas e aos ferimentos provocados pelo porrete. A dor das surras era vaga e distante e da mesma forma o que seus olhos viam e seus ouvidos escutavam era vago e distante. Eles não estavam com metade da vida ou um quarto da vida. Eram simplesmente sacos de ossos nos quais alguns lampejos de vida vibravam debilmente. Quando faziam uma parada, caiam sem forças na trilha como cães mortos e os sinais de vida pareciam esmorecer, empalidecer e sumir de vez. Quando o chicote ou o porrete baixavam sobre eles, os sinais reacendiam, fracos, e se punham de pé, a postos e assustados.

Então chegou o dia em que Billee, o bondoso, caiu e não pôde mais levantar-se. Como Hal tinha negociado seu revólver, pegou o machado e acertou-o bem na cabeça enquanto estava estendido na trilha, daí cortou a carcaça para retirá-la dos arreios e a arrastou para o lado. Buck assistiu à

cena, assim como seus colegas, e perceberam que aquilo estava muito próximo para eles. No dia seguinte, foi a vez de Koona, e sobraram somente cinco deles: Joe, que há muito tinha deixado de ser o transgressor; Pike, machucado e mancando, apenas em parte consciente, mas não consciente o suficiente para fingir-se incapacitado; Sol-leks, de um olho só, ainda comprometido com a labuta nas trilhas e desolado por ter pouca energia para puxar; Teek, que não tinha tanto naquele inverno e que estava agora mais acabado do que os outros por ainda ser novato; e Buck, ainda no comando da equipe, mas não mais impondo disciplina ou empenhando-se para reforçá-la, parcialmente cego de tanta fraqueza, guiando-se na trilha apenas pelo seu traçado ou pela sensibilidade turva de seus pés.

Fazia um tempo maravilhoso de primavera, mas nem os cães nem os humanos tinham consciência disso. Todos os dias, o sol nascia mais cedo e se punha mais tarde. Já se podia ver o brilho do sol às três da manhã e o crepúsculo durava até as nove da noite. Durante o dia, o sol brilhava continuamente. O silêncio fantasmagórico do inverno cedeu lugar para o grande murmúrio primaveril do despertar da vida. Esse murmúrio brotava em todos os cantos, carregado de energia vital. Vinha das coisas que viviam e voltavam a se mover, coisas que tinham permanecido como mortas durante os longos meses de gelo. A folhagem crescia nos pinheiros. Os salgueiros e chorões eclodiam em novos botões. Arbustos e videiras vestiam novas coberturas de verde. Cigarras cantavam à noite e, de dia, todos os tipos de criaturas rastejantes apareciam sob o sol. Perdizes e pica-paus surgiam para se debater com as árvores. Esquilos tagarelavam, pássaros cantavam e no céu aves selvagens grasnavam, vindas do sul, em formas cônicas que cortavam o ar.

De cada vertente vinha o borbulhar da água corrente, a música das fontes ocultas. Tudo derretia, reclinava, rompia. O Yukon pressionava para romper o gelo que o aprisionava. Devorava-o pelas entranhas enquanto o sol o consumia pela superfície. Formavam-se bolhas de ar, as fissuras alargavam-se e dilatavam-se fazendo com que uma parte do gelo desabasse sobre o rio. E no meio dessa vida que despertava, eclodia e rompia, sob o brilho do sol e a suave brisa que soprava, arrastavam-se, como viajantes da morte, dois homens, uma mulher e os huskies.

Com a decadência dos cães, Mercedes chorando em cima do trenó, Hal praguejando inutilmente, e os olhos de Charles melancolicamente úmidos,

eles avançaram em direção ao acampamento de John Thornton na boca de White River. Quando pararam, os cães caíram por terra como se tivessem sido mortos por disparos. Mercedes enxugou as lágrimas e olhou para John Thornton. Charles sentou-se sobre um punhado de lenha para descansar. Agachou-se lenta e cuidadosamente observando a rigidez de seus músculos. Hal cuidou da conversa. John Thornton estava talhando os últimos retoques de um cabo de machado que fez com um galho de bétula. Ele continuou talhando o cabo enquanto ouvia, respondendo com monossílabos e, quando perguntado, dando conselhos sintéticos. Ele conhecia aquela raça de gente e dava seus conselhos com a certeza de que não seriam seguidos.

— Disseram-nos lá pra cima que o fundo de gelo estava descolando da trilha e que o melhor que podíamos fazer era esperar — disse Hal, em resposta ao aviso de Thornton de que não valia a pena se arriscar no gelo que derretia. — Disseram-nos também que não conseguiríamos chegar a White River e cá estamos — disse com um leve toque de escárnio e ar triunfante.

— E disseram a verdade — respondeu John Thornton. — O fundo está mesmo para despregar a qualquer momento. Somente os otários, com a sorte cega dos otários, é que conseguiram alguma coisa. Vou ser direto, eu não arriscaria minha carcaça nesse gelo nem por todo o ouro do Alasca.

— Isso porque você não é otário, suponho — disse Hal. — Mesmo assim, nós vamos para Dawson — disse, desenrolando o chicote. — Levanta, Buck! Todos em pé! Vamos, vamos!

Thornton voltou a talhar. Ele sabia que era inútil intermediar a estupidez de um otário. Além disso, dois ou três otários a mais ou a menos não iam alterar a vida de ninguém.

Mas a equipe de cães não obedeceu à ordem. Já há muito tempo eles haviam ultrapassado o estágio em que gritos eram suficientes para que obedecessem. O chicote começou a zunir, lá e aqui, de maneira errática, sem compaixão. John Thornton contraiu os lábios. Sol-leks foi o primeiro a se erguer. Em seguida, Teek. Joe foi o próximo, gemendo de dor. Pike fez um doloroso esforço. Por duas vezes tombou ao chão, ainda que não estivesse totalmente de pé, e só na terceira tentativa conseguiu erguer-se. Buck não fez nenhum esforço. Permaneceu imóvel no mesmo lugar onde havia deitado. O chicote baixou sobre ele várias vezes, mas ele não ganiu nem reagiu. Por várias vezes Thornton ameaçou intervir, mas mudou de

ideia. Seus olhos ficaram úmidos e, como as chicotadas continuavam, ele levantou-se e ficou andando de um lado para outro, indeciso.

Essa foi a primeira vez que Buck falhou, motivo suficiente para provocar a ira em Hal. Então ele trocou o chicote pelo porrete costumeiro. Mas Buck se recusou a se mover sob a saraivada de pancadas que agora o atingiam. Assim como seus amigos, ele mal podia se erguer, mas, diferentemente deles, estava convencido a não se levantar. Tinha a vaga sensação de uma desgraça iminente. Uma sensação que tomou conta dele desde que tinha chegado à margem e que se mantinha até então. O gelo fino, quebradiço, que ele havia sentido sob suas patas o dia inteiro fez com que ele pressentisse algum desastre prestes a acontecer logo adiante, para onde seu mestre tentava conduzi-lo. Ele se recusou a seguir. E isso lhe causou tanto sofrimento, tão fora de si estava, que as pancadas já não lhe doíam tanto. E à medida que o castigo continuava, a centelha da vida esmorecia-se, quase apagava. Ele se sentia estranhamente dormente. Tinha de que estava sendo espancado, mas era como se estivesse acontecendo em algum lugar distante. As últimas sensações de dor tinham desaparecido. Já não sentia mais nada, embora pudesse ouvir, vagamente, o impacto do porrete sobre seu corpo. Mas já não era mais seu corpo, estava muito distante dali.

E então, repentinamente, sem aviso, explodindo num grito desarticulado mais parecido com o clamor de um animal, John Thornton atacou o homem que empunhava o porrete. Hal foi arremessado para trás como se tivesse sido atingido por uma árvore tombada. Mercedes gritou. Charles lançou-lhe um olhar melancólico, enxugou seus olhos úmidos, mas não se levantou devido às dores que sentia.

John Thornton permaneceu ao lado de Buck, lutando para se controlar, perturbado demais para falar.

— Se você bater novamente nesse cão, eu te mato — conseguiu finalmente falar com uma voz emocionada.

— É o meu cão — respondeu Hal, limpando o sangue da boca enquanto voltava. — Sai do meu caminho ou vou te dar um corretivo. Estou indo para Dawson.

Thornton permaneceu entre ele e Buck sem demonstrar nenhuma intenção de sair dali. Hal sacou sua grande faca de caça. Mercedes gritou, chorou, riu e manifestou todas as formas de histeria possíveis. Thornton acertou os dedos da mão de Hal com o cabo do machado, atirando a faca

ao chão. E acertou mais uma vez sua mão quando Hal tentou apanhar a faca novamente. Daí recolheu a faca e com dois golpes secos cortou as correias que prendiam Buck.

Hal já não tinha forças para brigar. Além disso, Mercedes segurava suas mãos, ou melhor, seus braços. E Buck tinha ficado muito próximo da morte, não poderia mesmo puxar nenhum trenó. Alguns minutos mais tarde, saíram da margem do rio e seguiram seu curso abaixo. Buck os ouviu saírem e levantou a cabeça para vê-los. Pike estava na posição de líder, Sol-leks como guia e entre eles estava Joe e Teek. Eles mancavam e hesitavam. Mercedes estava em cima do trenó carregado. Hal conduzia no leme e Charles seguia atrás, claudicando.

Enquanto Buck os observava, Thornton ajoelhou-se ao seu lado e com mãos ásperas, mas gentis, procurou por algum osso quebrado. Quando terminou o exame, sem ter encontrado nada mais que muitos machucados e um estado crítico de fome, o trenó já estava distante meio quilômetro. Cão e homem observaram o trenó se arrastar ao longo do gelo. De repente, viram que a parte de trás estava afundando, como se sugada, e o leme, em que Hal se agarrava, foi lançado ao ar. O grito de Mercedes chegou aos ouvidos dos dois. Viram Charles virar-se e dar um passo para voltar, e daí um grande pedaço de gelo cedeu e tanto homens como cães desapareceram. Um imenso buraco era tudo o que podiam ver agora. O fundo da trilha tinha desabado.

John Thornton e Buck olharam-se.

— Pobre diabo — disse John Thornton e Buck lambeu-lhe a mão.

6. O amor ao homem

Quando John Thornton teve os pés congelados no dezembro anterior, seus companheiros ofereceram-lhe conforto e esperaram que ele melhorasse, partindo sem ele para o rio numa espécie de jangada de madeira em direção a Dawson. Ele ainda mancava levemente no momento em que defendeu Buck, mas com a continuidade do tempo quente, já não apresentava nenhum problema. E lá, deitado às margens do rio, usufruindo longos dias da primavera, observando o fluxo das águas, ouvindo preguiçosamente o canto dos pássaros e o soar da natureza, Buck lentamente recuperou suas forças.

Um descanso é muito bom depois de viajar seis mil quilômetros e, deve-se dizer, Buck se entregou à preguiça enquanto curava seus ferimentos, recuperava seus músculos e a carne voltava a cobrir seus ossos. Nesse sentido, todos estavam vagabundeando — Buck, John Thornton, Skeet e Nig — esperando a jangada chegar para levá-los a Dawson. Skeet era uma pequena perdigueira irlandesa que logo fez amizade com Buck, pois ele, à beira da morte, não foi capaz de repelir suas tentativas de aproximação. Ela tinha, como alguns outros cães, uma vocação para cuidar. E tal como a gata mãe limpa seus filhotes, ela também limpava e lavava os ferimentos de Buck. Todas as manhãs, regularmente, depois que ele terminava seu café da manhã, ela desempenhava a função que designou a si mesma, até que surgisse nele o mesmo tipo de sentimento que reservava a Thornton. Nig, também muito amigável, embora demonstrasse menos, era um grande cão negro, mestiço de galgo, com olhos que riam e um ilimitado bom humor.

Para a surpresa de Buck, esses dois cães não manifestavam ciúme. Pareciam dispostos a dividir a bondade e generosidade de John Thornton. À medida que Buck ficava mais forte, começaram a chamá-lo para algumas brincadeiras ridículas, nas quais o próprio John Thornton não se abstinha de participar. E dessa maneira, Buck saiu do seu período de convalescença para entrar em um novo estilo de vida. Amor, mas amor apaixonado e genuíno, apoderou-se dele pela primeira vez. Algo que nunca tinha sentido no sítio do juiz Miller, no ensolarado vale de Santa Clara. Com os filhos do juiz, caçando e passeando, havia estabelecido uma parceria de trabalho. Com os netos do juiz, tinha tido uma sensação de zelo e proteção. E com o próprio juiz, uma grande e digna amizade. Mas aquele amor que ferve e incendeia, que te faz adorar e te enlouquece, foi surgir apenas com John Thornton.

Este homem havia salvado sua vida, o que não era pouco. Mas, mais tarde, tornou-se o mestre perfeito. Outros homens entendiam o bem-estar de seus cães como um dever e um negócio conveniente. Mas ele via seus cães como se fossem seus próprios filhos e era uma sensação inevitável. Mais ainda. Nunca deixava de dirigir-lhes uma palavra gentil ou um agrado e sentar-se para conversar entre eles (“bater um papo“, dizia ele). Eram momentos de prazer para todos. Ele tinha um jeito de agarrar rudemente a cabeça de Buck entre suas mãos e de apoiar sua própria cabeça sobre a dele balançando-o para frente e para trás, enquanto o

chamava de nomes feios, que para Buck pareciam palavras amorosas. Buck não conhecia alegria maior do que aquela que sentia por esse abraço rude e pelo som rude das palavras murmuradas e a cada sacudida que levava parecia que seu coração iria pular fora do seu peito, tão grande era seu êxtase. E quando era libertado do abraço, se punha de pé, sorridente, olhos expressivos, garganta vibrando sons silenciosos, e permanecia imóvel, ao que John Thornton exclamava com reverência: — Meu Deus! Esse bicho só falta falar!.

Buck tinha uma maneira dolorida de expressar seu amor. Frequentemente ele abocanhava a mão de Thornton e cerrava os dentes com tanto ímpeto que a carne ficava marcada por algum tempo. E, assim como Buck entendia os nomes feios como palavras amorosas, também o homem entendia essa falsa mordida como um gesto de carinho.

Mas na maior parte do tempo, no entanto, o amor de Buck era demonstrado pela adoração. Embora ficasse efusivamente alegre quando Thornton tocava-o ou falava com ele, Buck não precisava solicitar esses gestos. Diferente de Skeet, que estava acostumado a enfiar o focinho sob a mão de Thornton e ficava empurrando, empurrando, até que fosse acariciado, ou de Nig, que ficava procurando uma oportunidade para apoiar sua grande cabeça sobre os joelhos de Thornton, Buck contentava-se em adorá-lo a distância. Ele podia ficar deitado horas a fio, ansioso e alerta aos passos de Thornton, olhando seu rosto, estudando-o, acompanhando com interesse sincero cada expressão passageira, cada movimento ou mudança de atitude. Ou, se tivesse oportunidade, deitava-se a distância, atrás ou à frente, observando o perfil do homem e os movimentos ocasionais do seu corpo. E era tal a comunicação que existia entre eles que muitas vezes a intensidade do olhar de Buck fazia com que John Thornton se voltasse para retornar o olhar, sem palavras, o coração emanando na mesma vibração que o coração de Buck.

Por muito tempo após ter sido resgatado, Buck não gostava que Thornton estivesse fora do alcance de sua visão. Do momento em que ele saía da barraca até a hora em que entrasse novamente, Buck seguia seus passos. A rotatividade de seus mestres, desde que ele havia chegado ao norte, fez surgir nele o medo de que nenhum mestre pudesse ser permanente. Temia que Thornton sumisse de sua vida assim como Perrault e François e o mestiço escocês. Mesmo à noite, em seus sonhos, esse medo o perseguia. Nessas horas, ele despertava do sono e saía para a noite fria,

sob o toldo da barraca, onde permanecia ouvindo o som da respiração do seu mestre.

Mas, a despeito do grande amor que ele dedicava a John Thornton, que parecia indicar uma leve influência da civilização, o espírito primitivo, que o norte despertou nele, continuava vivo e ativo. A fé e a devoção, nascida dos momentos cálidos do teto e do fogo, estavam lá. E ele mantinha seu espírito selvagem de sobrevivência. Ele era um animal selvagem, vindo do ambiente selvagem para sentar-se ao lado de John Thornton à beira da fogueira, e não um cão do sul, marcado por gerações de civilização. Devido ao seu grande amor genuíno, não podia roubar de seu mestre, mas de qualquer outro homem, em qualquer acampamento, ele não hesitava nem por um instante. E graças à sua perspicácia, sempre escapava.

Seu corpo estava marcado por dentes de muitos cães, já que ele brigava tão ferozmente quanto antes, mas com mais perspicácia. Skeet e Nig eram muito bonzinhos para brigar — além disso, pertenciam a John Thornton. Mas quando se tratava de cães estranhos, não importava a raça ou o valor, a superioridade de Buck era rapidamente reconhecida ou teria que enfrentar um terrível adversário numa luta de vida ou morte. E Buck não tinha compaixão. Tinha aprendido bem a lição do porrete e dos caninos, e nunca concedia uma vantagem ou recuava diante de um inimigo que já tinha posto no caminho da morte. Tinha aprendido com Spitz, e com os melhores cães lutadores da polícia e dos correios, que não havia meio termo. Ou ele comandava ou seria comandado — e mostrar compaixão era sinal de fraqueza. Compaixão não existe na vida primitiva. Confunde-se com o medo e essa confusão podia ser fatal. Mate ou seja morto, coma ou seja comido, essa era a lei. E esse mandamento, vindo das profundezas do tempo, ele obedecia.

Agora estava mais velho, depois dos dias que viveu e do ar que respirou. Vinculava o passado com o presente e a sua ancestralidade palpitava dentro dele em um poderoso ritmo que oscilava, assim como oscilam a maré e as estações do ano. Ao lado de John Thornton, em frente à fogueira, ele era um cão de peito largo, caninos brancos e pelos longos. Mas no fundo estavam os espectros de todos os tipos de cães, de meio lobos e de lobos selvagens, manifestando-se e impelindo-o, experimentando o sabor da carne que comia, saciando-se com a água que bebia, sorvendo o vento, ouvindo e ecoando com ele os sons da vida

selvagem na floresta, ditando seu humor, direcionando suas ações, deitando-se para dormir, sonhando com ele, tornando-se, juntos, o objeto dos sonhos.

Tão categoricamente esses espectros o chamavam, que o ser humano, e suas manifestações, cada dia mais se afastavam dele. Do fundo da floresta soava um chamado, e sempre que ouvia esse chamado, misteriosamente excitante e sedutor, sentia-se compelido a virar as costas para o fogo e a terra batida a sua volta, e mergulhar na floresta, cada vez mais fundo, sem saber para onde ou por que — o chamado era imperioso, vindo do fundo da floresta. Mas sempre que ele entrava no terreno suave e virgem das sombras verdes, o amor por John Thornton arrastava-o de volta para o fogo novamente.

Apenas Thornton o segurava. O resto da humanidade não era nada. Eventuais viajantes podiam elogiá-lo ou acariciá-lo, mas ele reagia com frieza, e quando se deparava com um homem mais caloroso, apenas levantava-se e ia embora. Quando os parceiros de Thornton, Hans e Pete, chegaram com a tão esperada jangada, Buck se recusou a reconhecê-los, até que soube que eram amigos próximos de Thornton. Depois disso, passou a tolerá-los de uma maneira passiva, aceitando seus agrados como se fosse um favor aceitá-los. Eram do mesmo tipo grandalhão de Thornton, vivendo intimamente com a terra, com pensamentos simples e visão clara da vida. E logo quando amarraram a jangada junto da grande enseada, perto da serraria de Dawson, já compreenderam o jeito de Buck e suas manias, e não insistiram para adquirir intimidade como fizeram com Skeet e Nig.

Seu amor por Thornton, no entanto, parecia cada vez maior. Apenas ele, entre todos os homens, podia colocar um fardo sobre o lombo de Buck nas viagens que faziam durante o verão. Nada era demais para Buck, quando a ordem vinha de Thornton. Um dia (depois de carregar de provisões a jangada e partir de Dawson para Tananá pela corrente principal) estavam, homens e cães, sentados na crista de um penhasco que desabava, vertiginosamente, em direção a uma platô de rochas nuas, 150 metros abaixo. John Thornton estava sentado perto da beira e Buck ao seu lado. Daí Thornton foi acometido de um pensamento extravagante e chamou a atenção de Hans e Pete para o que lhe passava pela mente. “Pula, Buck!”, ele ordenou, balançando os braços em direção ao abismo. No

instante seguinte, ele estava se agarrando com Buck no limite máximo do abismo, enquanto Hans e Pete puxavam os dois para trás, em segurança.

— Foi surpreendente! — disse Pete, tão logo recuperou a fala.

Thornton balançou a cabeça. — Não. É esplêndido, mas terrível também. Sabe, às vezes isso me dá medo.

— Não gostaria de precisar encostar um dedo em você, enquanto ele estiver por perto — Pete decretou de maneira conclusiva, balançando a cabeça em direção a Buck.

— Bingo — foi a contribuição de Hans. — Muito menos eu.

Mas foi em Circle City, antes do fim do ano, que as apreensões de Pete se realizaram. Negro Burton, um homem de maus bofes e insidioso, arrumou uma briga com um novato no bar, e Thornton se pôs entre os dois, cheio de boas intenções. Buck, como era de seu costume, estava deitado num canto, com a cabeça sobre as patas, observando todas as ações do seu mestre. Burton desferiu um soco, sem aviso prévio, em Thornton, que rodopiou pelo salão, segurando-se na ferragem do bar para não cair de vez.

Aqueles que assistiam à cena ouviram um som que não parecia ser nem um latido nem um rosnado, mas algo que poderia ser descrito como um urro, e viram o corpo de Buck projetar-se no ar, levantando voo diretamente para a garganta de Burton. O homem salvou sua vida porque instintivamente jogou seus braços contra o cão, mas foi atirado ao chão com Buck sobre ele. Buck retirou seus dentes fincados na carne do braço e buscou novamente a garganta. Desta vez, o homem conseguiu se defender embora apenas parcialmente e sua garganta abriu-se numa ferida. Em seguida, Buck foi rodeado por uma multidão e retirado do local. Mas enquanto o médico cuidava do sangramento, ele ficou andando de um lado para outro, rosnando furiosamente, esperando a hora de atacar novamente, e impedido apenas quando lhe mostravam porretes. Uma reunião de mineradores, como foi chamada, decidiu que o cão já tinha sido provocado o suficiente e Buck foi absolvido. Mas sua fama estava feita e a partir deste dia seu nome espalhou-se por todos os acampamentos do Alasca.

Mais tarde, no finalzinho do ano, ele salvou a vida de John Thornton de uma maneira bem diferente. Os três sócios conduziam um barco comprido e estreito por um trecho agitado da correnteza em Forty Mile Creek. Hans e Pete iam pela margem, fazendo o freio do barco com uma corda de sisal que iam perpassando de árvore em árvore, enquanto Thornton permanecia no barco, conduzindo seu deslocamento correnteza

abaixo com uma vara, ao mesmo tempo em que gritava comandos. Buck, preocupado e nervoso, seguia o barco com o olhar fixo em seu mestre.

Num ponto complexo da trajetória, onde uma prateleira de rochas semissubmersas emergia repentinamente no rio, Hans largou a corda e, enquanto Thornton empurrava o barco com a vara em direção à correnteza, correu pela margem com a ponta da corda na mão para deter o barco quando tivesse ultrapassado a rocha. Assim que isso aconteceu, o barco ganhou velocidade correnteza abaixo e Hans puxou a corda para freá-lo, mas de maneira muita abrupta. O barco rodou e deslizou em direção à margem, enquanto Thornton, arremessado para fora, foi levado pela correnteza em direção à pior parte do rio, um ponto de águas turbulentas no qual nenhum bom nadador poderia sobreviver.

Buck atirou-se na água no mesmo instante e, depois de nadar uns duzentos metros, em meio a redemoinhos, avistou Thornton. Quando sentiu que o homem havia agarrado sua cauda, Buck nadou em direção à margem, usando toda a sua magnífica força.

Mas o progresso em direção à terra era lento e, em direção à correnteza, incrivelmente rápido. Do fundo vinha um rugido funesto, onde a corrente ficava ainda mais turbulenta e espargia-se e rasgava-se em pedaços pelas rochas, como se fossem um grande e dilacerante pente. A sucção da água, ao lançar-se no precipício escarpado, era assustadora, e Thornton percebeu que era impossível chegar à margem. Ele arremeteu-se furiosamente sobre uma rocha, arranhou-se contra a segunda e chocou-se contra uma terceira. Mas agarrou-se em sua ponta escorregadia com as duas mãos, soltando Buck, e, sobrepondo-se ao rugido intenso da água, gritou: — Volta, Buck! Volta!

Buck já não conseguia manter o controle e foi levado pela correnteza, lutando muito, mas incapaz de vencê-la. Quando ouviu Thornton repetir a ordem, elevou meio corpo fora d'água, erguendo a cabeça para lançar um último olhar, e obedientemente voltou-se em direção à margem. Nadou com vigor e foi resgatado por Pete e Hans no exato ponto em que nadar tornava-se impossível e começava a violência da água.

Eles sabiam que o tempo que um homem podia se manter preso a uma rocha escorregadia, no meio daquele tipo de corrente enfurecida, não ia além de alguns minutos, e correram pela margem tão rapidamente quanto podiam para um ponto logo acima de onde Thornton estava. Prenderam a corda, que estavam utilizando para frear o barco, no pescoço e sob as

pernas de Buck, tomando cuidado para que ele não fosse estrangulado ou impedido de nadar, e colocaram-no de volta à correnteza. Ele nadou com bravura, mas não diretamente em direção à corrente. E descobriu o erro tarde demais, quando, tendo Thornton a seu lado e a uma meia dúzia de braçadas distante, foi arrastado inexoravelmente para longe.

Hans imediatamente puxou a corda, como se Buck fosse o barco. A corda apertou-se contra ele no empuxo da corrente e ele foi jogado para o fundo, permanecendo sob a superfície até que seu corpo batesse contra a margem e ele fosse içado para fora.

Estava meio afogado e Hans e Pete jogaram-se sobre ele, espancando-o no peito para que recuperasse a respiração e lançasse a água para fora. Buck tentou levantar-se, mas balançou e voltou a cair. Então o tênue som da voz de Thornton chegou a eles e, embora não pudessem compreender o que dizia, perceberam que ele estava no limite das forças. Sua voz de mestre agiu sobre Buck como um choque elétrico. Novamente ele levantou-se e correu pela margem até ficar de frente para Thornton, no ponto em que haviam saído antes.

Mais uma vez, a corda foi atada ao seu corpo e ele jogou-se na correnteza, e mais uma vez nadou bravamente, mas desta vez diretamente contra a correnteza. Já tinha errado o cálculo uma vez, não seria acusado disso na segunda. Hans apertou bem a corda, eliminando os pontos frouxos, enquanto Pete impedia que ela se torcesse. Buck manteve o controle até ficar alinhado ao ponto em que estava Thornton. Então se virou e com a rapidez de um trem expresso foi em direção a ele. Thornton viu-o se aproximar e quando Buck chocou-se contra ele como uma pedra lançada, empurrado por toda a força da correnteza, ele estendeu os dois braços e enlaçou-se em volta do pescoço peludo de Buck. Hans prendeu a corda em volta da árvore e Buck e Thornton lançaram-se para as águas. Asfixiados, sufocados, às vezes um, às vezes o outro, arrastando-se no fundo pedregoso, chocando-se contra as rochas e saliências, ele alcançaram a margem.

Thornton chegou de barriga para baixo, violentamente puxado e arrastado de um lado para outro por Hans e Pete. Seu primeiro olhar foi para Buck, sobre cujo corpo, aparentemente imóvel e sem vida, Nig uivava, enquanto Skeet lambia seu rosto encharcado e seus olhos cerrados. Thornton também estava machucado e moído e se aproximou

cuidadosamente do corpo de Buck para examiná-lo, descobrindo três costelas quebradas.

— Agora não tem discussão — disse ele. — Vamos acampar aqui mesmo. — E montaram acampamento até as costelas de Buck se consolidarem e ele ter condições de prosseguir viagem.

Naquele inverno, em Dawson, Buck viveu nova proeza, não tão heroica, talvez, mas que colocou seu nome muitos graus acima no termômetro da fama no Alasca. Essa proeza foi particularmente gratificante para os três homens, já que estavam precisando do equipamento que ela forneceu e conseguiram fazer uma viagem, há muito desejada, ao leste ainda virgem, onde os mineradores ainda não tinham chegado. Aconteceu devido a uma discussão no salão Eldorado, na qual os homens exibiam as qualidades de seus cães favoritos. Buck, com seu histórico, era um assunto para esses homens, e Thornton foi convocado a defendê-lo bravamente. Depois de meia hora, um dos homens declarou que seu cão poderia arrancar e puxar um trenó com 250 quilos de carga. Um segundo homem, garantiu trezentos quilos para o seu cão. E um terceiro, 350 quilos.

— É pouco! É pouco! — disse John Thornton. — Buck pode arrancar com quinhentos quilos.

— E continuar arrastando? Por cem metros? — desafiou Mattheson, um líder de Bonanza, aquele que garantiu 350 quilos.

— Sim, continuar arrastando por cem metros — disse John Thornton com tranquilidade.

— Bom — disse Matthewson, lento e seguro, de maneira que todos pudessem ouvir. — Tenho aqui mil dólares que garantem que ele não consegue. Aqui está. — E, dizendo isso, jogou uma saco de pepitas de ouro sobre o balcão.

Ninguém se pronunciou. O blefe de Thornton foi aceito, se é que foi blefe mesmo. Sentiu o sangue quente subir ao rosto e sua língua enrolou, denunciando-o. Ele não sabia se Buck podia mesmo arrancar o trenó com quinhentos quilos. Meia tonelada! A grandeza do peso agora o chocava. Ele tinha muita fé na força de Buck e sempre acreditou que ele pudesse arrancar com tal peso. Mas nunca, até aquele instante, tinha encarado essa possibilidade, ainda mais com os olhos de uma dúzia de homens fixos sobre ele, em silêncio, esperando. Além disso, ele não tinha mil dólares para apostar; nem ele, nem Hans ou Pete.

— Eu tenho um trenó lá fora nesse momento com vinte sacos de farinha com 25 quilos cada — continuou Matthewson, com implacável objetividade —, então não vamos perder mais tempo.

Thornton não respondeu. Não sabia o que dizer. Observou cada uma das faces em volta, com o olhar ausente de quem perdeu a capacidade de raciocínio e está procurando em algum lugar algo que lhe permita recuperá-la. O rosto de Jim O'Brien, um rei mastodonte e velho amigo, encontrou seus olhos. Era uma pista para ele, um incentivo para que ele fizesse o que nunca imaginaria fazer.

— Pode me emprestar os mil? — ele perguntou, quase num sussurro.

— Claro — respondeu O'Brien, atirando um saco entulhado ao lado do de Matthewson. — Apesar de não acreditar que esse bicho possa fazer essa proeza, John.

O Eldorado esvaziou-se e todos os frequentadores foram para a rua ver o teste. As mesas ficaram desertas e os apostadores se aglutinaram para acompanhar o movimento de apostas. Centenas de homens encapuzados e enluvados rodearam o trenó mantendo a distância. O trenó de Matthewson, carregado com 500 quilos de farinha, tinha permanecido algumas horas sob o frio intenso (estava sessenta graus negativos) e os deslizadores congelaram rapidamente sobre a neve bem socada. As apostas estavam dois para um de que Buck não conseguiria puxar o trenó. Uma discussão se formou em torno do que se deveria entender pela palavra "arrancar". O'Brien defendia que Thornton tinha o direito de despregar os deslizadores, permitindo que Buck "arrancasse" a partir desse ponto. Matthewson insistia que a frase incluía também destravar os deslizadores da neve sólida do chão. A maioria dos homens que presenciaram os termos da aposta decidiu em seu favor, fazendo com que as apostas subissem para três por um contra Buck.

Ninguém pagou a aposta. Nenhum homem acreditou que ele fosse capaz de tal façanha. Thornton tinha sido conduzido apressadamente para a aposta e estava cheio de dúvidas. E agora, olhando para o trenó de perto, observando o fato concreto, com a equipe normal de dez cães enrolados nele, a missão parecia ser ainda mais impossível. Matthewson estava radiante.

— Três por um! — exultava ele. — Aposto mais mil nessas condições, Thornton. O que você diz?

A dúvida de Thornton era evidente em seu rosto, mas seu espírito de luta se manifestava — aquele espírito que sobrepunha-se às incertezas, não reconhecia o impossível e é surdo a tudo, menos ao clamor da batalha. Ele chamou Hans e Pete. Seus sacos eram magros e, com o seu próprio, os três sócios puderam juntar apenas duzentos dólares. Com a pobre vida que tinham, essa era a soma total do capital que possuíam. Mesmo assim, não hesitaram em apostar tudo contra os seiscentos dólares de Matthewson.

A equipe de dez cães foi solta e Buck, com seus próprios arreios, foi colocado no trenó. Estava contagiado pela excitação e sentia que, de alguma forma, ele precisava fazer algo grandioso para John Thornton. Ouviram-se murmúrios de admiração por sua esplêndida aparência. Estava em perfeitas condições, sem sequer algumas gramas a mais de gordura, e os 75 quilos que ele pesava agora eram de pura coragem e virilidade. Sua cobertura de pelos brilhava como seda. No pescoço e sobre as omoplatas, sua juba, mesmo em repouso como estava, permanecia meio eriçada e ameaçava erguer-se completamente a qualquer movimento, tal o excesso de vigor que percorria cada pelo.

O amplo peitoral e as sólidas patas dianteiras estavam em proporção com o resto do corpo e os músculos se destacavam sob a pele em rolos compactos. Os homens observaram esses músculos e reconheceram serem rígidos como aço e as apostas voltaram a ser dois para um.

— Meu Deus! Meus Deus! — exclamou um membro da última dinastia, um rei de Skookum Benches. — Ofereço oitocentos por ele, sir, antes mesmo do teste, sir. Oitocentos do jeito que ele está.

Thornton balançou a cabeça e se pôs ao lado de Buck.

— Você tem que ficar longe dele — protestou Matthewson. — Jogo limpo e muito espaço.

A multidão ficou em silêncio. Só se ouviam as vozes dos apostadores oferecendo dois por um. Todos reconheciam Buck como um animal magnífico, mas vinte sacos de 25 quilos de farinha pareciam muito aos seus olhos para arriscar em uma aposta.

Thornton ajoelhou-se ao lado de Buck. Pegou a cabeça dele com as duas mãos e encostou a face nela. Não brincou de balançá-lo, como de costume, nem murmurou docemente palavras feias. Mas sussurrou em seu ouvido. — Se você me ama mesmo, Buck. Se você me ama — era o que sussurrava. Buck ganiu com ansiedade contida.

A multidão assistia a cena com curiosidade. A ligação entre os dois ficava ainda mais misteriosa. Parecia mais um encantamento. Quando Thornton ficou de pé, Buck enfiou sua mandíbula entre as mãos enluvadas, apertando-as com os dentes e soltando-as lentamente, um tanto relutante. Era a sua resposta com gestos de amor, não com palavras. Thornton recuou alguns passos.

— Agora, Buck — disse ele.

Buck comprimiu as cordas que o prendiam e em seguida afroxou-as alguns centímetros. Era assim que tinha aprendido.

— Vai! — a voz de Thornton ecoou incisiva no silêncio tenso.

Buck inclinou-se para a direita, finalizando o movimento com um puxão que eliminou a folga e todo o peso de seus 75 quilos produziram um tranco repentino. A carga tremeu e ouviu-se um estalo ligeiro vindo dos deslizadores.

— Vai! — comandava Thornton.

Buck repetiu a manobra, desta vez para a esquerda. O estalo virou um chiado, o trenó girou e os deslizadores escorregaram lateralmente, arranhando o solo por alguns centímetros. Estava solto. Os homens prendiam a respiração, inconscientemente.

— Agora. Vai, eia!

O comando de Thornton soou como um tiro de pistola.

Buck atirou-se para a frente, esticando as cordas num impulso decisivo. Seu corpo inteiro contraía-se, compacto, num esforço máximo, os músculos contorcendo-se e vibrando cheios de vida sob o pelo brilhante. Seu grande peitoral estava baixo, perto do chão, e sua cabeça projetava-se para a frente, inclinada para baixo, enquanto seus pés agitavam-se loucamente, as garras arranhando a neve socada nos canais paralelos da trilha. O trenó oscilava e tremia, prestes a se deslocar. Quando uma das patas escorregou, um homem gemeu alto. E então o trenó começou a se movimentar para frente no que parecia ser uma rápida sucessão de sacudidas, sem mais se deter novamente… meio centímetro… um centímetro… dois centímetros… As sacudidas diminuíram e o trenó ganhou movimento contínuo, até começar a deslizar lentamente.

Os homens suspiraram e começaram a respirar de novo, sem perceber que por alguns momentos tinham parado a respiração. Thornton, correndo ao lado, estimulava Buck com palavras curtas, encorajadoras. A distância tinha sido medida e ao se aproximarem da pilha de lenhas que marcavam o

final dos cem metros, um murmúrio começou a se elevar cada vez mais alto até se transformar num rugido coletivo quando Buck ultrapassou a pilha de lenha e obedeceu a ordem de parar. Todos estavam esfuziantes, até mesmo Matthewson. Bonés e luvas eram lançados ao ar. Os homens se parabenizavam apertando as mãos, não importava de quem, e fazendo comentários em uma confusão geral e incompreensível.

Mas Thornton ajoelhou-se ao lado de Buck, cabeça contra cabeça, e balançou-o para frente e para trás. Aqueles que se aproximaram, ouviram-no xingar Buck longamente, fervorosamente, suavemente e amorosamente.

— Meu Deus! Meu Deus! — balbuciou o rei de Skookum Bench. — Eu dou mil por ele, sir, mil! Não, 1200, sir.

Thornton levantou-se. Seus olhos estavam úmidos. As lágrimas escorriam sobre seu rosto claramente. — Sir — disse ele ao rei de Skookum Bench —, não, sir. Vai para o inferno, sir. É o melhor que posso fazer por você, sir.

Buck abocanhou a mão de Thornton entre seus dentes. Thornton balançou-o para frente e para trás. Embora animados por uma emoção coletiva, os que assistiam à cena recuaram para uma distância respeitosa: nenhum deles era suficientemente indiscreto para interromper o que se passava entre os dois.

7. O som do chamado

Quando Buck ganhou 1600 dólares em cinco minutos para John Thornton, ele tornou possível ao seu mestre pagar algumas dívidas e viajar com seus parceiros para o leste, à procura de uma mina de ouro lendária, uma história tão antiga quanto a história do país. Muitos homens a buscaram, mas poucos encontraram. E muitos deles nunca voltaram da busca. Essa mina perdida estava impregnada de tragédias e coberta de mistérios. Ninguém sabia quem foi o primeiro homem que a encontrou. As histórias mais antigas perdiam-se antes de chegar a ele. Desde o princípio, existia ali uma cabana velha e desmantelada. Homens à beira da morte tinham jurado pela existência dela e da mina, dando o testemunho a respeito de pepitas cujo grau de concentração de ouro ninguém nunca vira no norte.

Mas nenhum homem vivo tinha trazido este tesouro para casa e aqueles que morreram, mortos estavam. Então John Thornton, Pete e Hans,

com Buck e mais meia dúzia de outros cães, foram para o leste por uma trilha desconhecida para conseguir aquilo que outros homens e cães tão bons quanto eles não conseguiram. Eles puxaram o trenó por 140 quilômetros ao longo do Yukom, virando à esquerda em direção ao rio Stewart, passando por Mayo e o McQuestion, e continuaram em frente até que o Stewart se transformasse numa pequena corrente, se esgueirando entre os picos verticais que definem a espinha dorsal do continente.

John Thornton exigia pouco do homem e da natureza. Não temia a selva. Com um punhado de sal e um rifle ele podia se embrenhar na mata e se dar bem quando quisesse e por quanto tempo desejasse. Sem ter pressa, à maneira dos indígenas, ele caçava seu jantar durante a jornada diária de viagem. E, como os indígenas, se ele não conseguisse achar a caça, continuava viajando, seguro de que cedo ou tarde ela apareceria. Desse modo, a carne fresca era a rotina da sobrevivência, a munição e as ferramentas constituíam a carga principal e os prazos estavam traçados sobre um futuro sem limites.

Para Buck, era um prazer inigualável caçar, pescar e atravessar lugares desconhecidos. Durante semanas, avançaram, firmes, dia após dia. E durante semanas acamparam, aqui e ali, os cães a vadiar e os homens abrindo buracos onde faziam fogo sobre o estrume e o cascalho gelado e lavando inúmeras panelas ao lado do calor do fogo. Às vezes, ficavam famintos, em outras, faziam verdadeiros banquetes, tudo de acordo com a abundância e a sorte da caça. Com a chegada do verão, homens e cães arrumaram suas coisas, atravessaram os lagos azulados das montanhas em jangadas e subiram ou desceram rios desconhecidos em barcos frágeis, construídos com madeira retirada das velhas florestas.

Os meses se passavam e eles seguiam ziguezagueando através daquela vastidão desconhecida, onde nenhum homem jamais estivera e ao mesmo tempo onde já haviam estado alguns se a cabana perdida fosse mesmo real. Atravessaram vertentes sob nevascas de verão, tiritaram ao sol da meia-noite nas montanhas nuas entre o fim da floresta e o começo das neves eternas, desceram os vales do verão entre enxames de insetos e moscas, e nas sombras das geleiras colheram flores e morangos tão maduros e belos como em qualquer lugar do sul. No outono daquele ano, penetraram num estranho lago do interior, triste e silencioso, frequentado por aves selvagens, mas onde já não havia mais nem sinal de vida — apenas o

soprar do vento gelado, o gelo se formando em pontos abrigados e a melancólica ondulação da maré em praias desertas.

E por mais um inverno eles vagaram por trilhas mal conservadas, feitas por homens que passaram lá antes. Certa vez, chegaram a um caminho com vestígios de incêndio que atravessava a floresta, um velho caminho, e a cabana perdida parecia estar mais perto do que nunca. Mas o caminho começava no nada e terminava em lugar algum, e permaneceu como um mistério, assim como também o homem que o fez manteve em mistério seus motivos.

Outra vez, encontraram, por acaso, uma cabana de caçadores destruída pelo tempo, e entre os retalhos de cobertores apodrecidos, John Thornton encontrou uma espingarda de pederneira, de cano longo. Ele reconheceu que a arma era da Companhia Hudson Bay, usada nos velhos tempos do começo da exploração do norte, quando espingardas deste tipo valiam o seu tamanho em peles de castor bem empilhadas. E isso era tudo — não havia outro sinal deste homem que no passado erguera a cabana e deixara a espingarda entre os cobertores.

Quando veio a primavera novamente, e já no final de sua aventura, eles acharam, não a Cabana Perdida, mas uma planície no meio de um vale imenso onde o ouro aparecia como manteiga amarela no fundo da peneira de garimpo. Já não precisavam procurar mais. Cada dia que trabalhavam rendia a eles milhares de dólares em pepitas e pó de ouro, e trabalharam todos os dias. O ouro era guardado em sacos feito de couro de alce, 25 quilos cada saco, que eram empilhados como lenha do lado de fora da cabana de madeira. Trabalhavam como gigantes, dia após dia, e, como num sonho, amontoavam cada vez mais seu tesouro.

Para os cães, não havia nada o que fazer além de carregar a carne que Thornton caçava sempre, e Buck passava longas horas meditando ao pé do fogo. A visão do homem peludo e de pernas curtas aparecia ainda mais frequentemente agora que havia pouco trabalho a fazer. E, frequentemente, Buck, encarando o fogo, imaginava-se com ele em outro mundo que já fazia parte de suas lembranças remotas.

O que mais chamava a atenção neste outro mundo era o medo. Quando ele observava o homem peludo dormindo perto do fogo, a cabeça entre os joelhos e as mãos entrelaçadas por cima, percebia que seu sono era inquieto e muito agitado. Interrompia-se com frequência, e todas as vezes em que isso acontecia, ele olhava temeroso para a escuridão e colocava

mais lenha no fogo. Quando caminhavam pela praia, onde o homem peludo catava conchas para comer, seus olhos perscrutavam ameaças escondidas e suas pernas estavam sempre preparadas para correr como o vento ao primeiro sinal de perigo. Na floresta, caminhavam sem fazer barulho, Buck trotando ao seu lado. E estavam ambos sempre alertas e vigilantes, com ouvidos sensíveis e despertos, as narinas inquietas, já que o homem podia ouvir como Buck e, como ele, ter o mesmo olfato. O homem peludo podia subir em árvores e se deslocar nas copas tão rápido quanto se estivesse no chão, balançando-se com os braços de galho em galho, alguns com doze metros de distância entre eles, projetando-se no ar e voltando a agarrar o galho, sem nunca errar, nunca deixar de agarrar o galho. Na verdade, parecia se sentir tão bem no alto das árvores quanto se sentia no chão. E Buck tinha na memória as noites de vigília passadas embaixo de árvores em que o homem peludo empoleirava-se e adormecia agarrado a um galho.

A visão do homem peludo estava diretamente relacionada com o chamado que ainda ecoava vindo das profundezas da floresta. E que o preenchia de uma grande inquietação e estranhos desejos. Provocava nele um vago e doce sentimento de satisfação e ele percebia evocações selvagens e consternadoras, mas não podia entender. Às vezes ia atrás deste chamado pela floresta adentro, procurando como se fosse algo tangível, latindo suavemente ou audaciosamente, de acordo com seu estado de espírito. Ele aproximava o focinho do musgo frio da madeira, ou do chão enegrecido onde vicejava a grama mais alta e tragava com prazer o odor da terra farta. Ou então escondia-se encolhido atrás de troncos tombados, cobertos de fungos, por horas a fio, com os olhos escancarados e os ouvidos atentos para tudo que se movia ao seu redor. Talvez achasse que, desta maneira, pudesse surpreender o chamado que ele não compreendia. Mas também não sabia porque se comportava assim. Sentia-se impelido a fazer essas coisas e não refletia a respeito delas nem um pouco.

Era tomado por impulsos irresistíveis. Podia estar deitado no acampamento, cochilando preguiçosamente sob o calor do dia, quando de repente erguia a cabeça e as orelhas, procurando ouvir alguma coisa, e em seguida erguia-se num salto e saía em disparada, sempre em frente, por horas, pelos caminhos da floresta e através das clareiras onde as rochas se aglutinavam. Ele adorava correr pelos leitos secos dos cursos d’água e

espiar a vida dos pássaros nas árvores. De vez em quando, deitava-se sob os arbustos onde podia observar as perdizes cacarejando e pavoneando-se em círculos. Mas o que ele gostava mesmo era de correr sob a luz do crepúsculo permanente na meia-noite de verão, ouvindo os murmúrios abafados e sonolentos da floresta, decifrando sinais e sons como um homem quando lê um livro, e procurando por algum mistério que o chamava o tempo todo, dormindo ou acordado.

Certa noite, despertou do sono num impulso, os olhos inquietos, as narinas vibrando e sentindo os odores, sua juba eriçando-se em ondas contínuas. Era o chamado que vinha da floresta (ou apenas um tom dele, já que o chamado tinha muitos tons), nítido e definitivo como nunca fora antes — um longo uivo arrastado, igual, e, ao mesmo tempo, diferente, de qualquer som feito por um cão husky. Ele entendeu o chamado, de uma forma familiarmente ancestral, como se o tivesse ouvido antes. E disparou para fora do acampamento, em silêncio, penetrando suavemente entre as árvores. E cada vez mais lento, foi aproximando-se do som, com cuidado em cada movimento, até chegar a uma clareira entre as árvores e ver, ereto em suas patas, com o focinho apontado para o céu, um lobo magro, comprido e seco.

Buck não fez nenhum barulho, mas assim mesmo o lobo parou de uivar e procurou sentir sua presença. Buck aproximou-se silenciosamente pela clareira, um tanto agachado, o corpo compactado, a cauda esticada e tesa, as patas negando-se a tomar o cuidado habitual. Cada movimento denunciava uma mistura de ameaça e possibilidades de uma amizade. Era a trégua perigosa que marca o encontro de feras predadoras. Mas o lobo escapou ao vê-lo. Buck seguiu-o com saltos bruscos, ansioso por alcançá-lo. E foi atrás dele por um canal escuro, no leito de um riacho, onde o caminho estava obstruído por uma pilha de madeira. O lobo rodeou a pilha, girando sobre as patas traseiras do mesmo jeito que fazia Joe e todos os cães huskies acuados, rangendo os dentes e eriçando os pelos, cerrando os dentes numa sucessão rápida e contínua de estalos.

Buck não atacou, mas o rodeou e o cercou, procurando avançar amigavelmente. O lobo estava desconfiado e com medo. Buck tinha três vezes o seu peso e sua cabeça não alcançava a omoplata de Buck. Analisando suas chances, resolveu então fugir novamente e a perseguição continuou. Em pouco tempo ele estava de novo encurralado e a cena voltou a repetir-se, embora ele estivesse já cansado, o que permitiu que

Buck o alcançasse mais depressa. Ele corria até que a cabeça de Buck estivesse emparelhada à sua, quando então se detinha o suficiente para, na primeira oportunidade, escapar novamente.

Mas no fim a persistência de Buck foi recompensada: o lobo, percebendo que não havia más intenções, finalmente permitiu a ele que tocassem focinhos. Em seguida, tornaram-se amigos, e brincaram de um jeito nervoso e envergonhado, que é como as feras selvagens camuflam sua ferocidade. Depois de algum tempo, o lobo iniciou um trote leve de tal maneira a mostrar claramente que estava se dirigindo a algum lugar. Buck entendeu e começaram a correr, lado a lado, pelas sombras do crepúsculo, retornando pelo leito do riacho até a garganta da nascente e através da encosta desolada onde ela se formava.

Do outro lado da vertente, chegaram a uma planície com muitos riachos e amplas áreas de floresta, pelas quais correram sem parar, hora após hora, com o sol erguendo-se cada vez mais alto e o dia ficando cada vez mais quente. Buck estava imensamente satisfeito. Ele sabia que finalmente estava atendendo ao chamado, correndo ao lado de seu irmão selvagem em direção ao local de onde o chamado certamente se originava. As memórias ancestrais lhe sobrevinham e ele estremecia como antigamente com a realidade que elas refletiam. Já tinha feito algo parecido antes, em algum lugar desse outro mundo do qual se lembrava vagamente, e estava fazendo tudo de novo agora, correndo pelo descampado, suas patas sobre a terra fofa, o céu aberto sobre sua cabeça.

Pararam para beber num rio e, ao parar, Buck lembrou-se de John Thornton. Sentou-se. O lobo reiniciou o caminho em direção ao local de onde vinha o chamado e voltou-se para ele, tocando focinhos e agitando-se na tentativa de encorajá-lo. Mas Buck virou-se e começou a trilhar o caminho de volta. Por quase uma hora seu irmão selvagem correu ao seu lado, choramingando suavemente. Daí sentou-se, apontou seu focinho na outra direção e uivou. Foi um uivo desolado e como Buck permanecia firme no seu caminho de volta, pôde ouvi-lo cada vez mais fraco até que se perdesse na distância.

John Thornton estava jantando quando Buck chegou ao acampamento e saltou sobre ele, num furor de afeição, derrubando-o, embolando-se com ele, lambendo sua face, mordendo sua mão — “as brincadeiras de bobeira“, como John Thornton chamava-as, enquanto balançava Buck para frente e para trás e o xingava amavelmente.

Por dois dias e duas noites, Buck não saiu do acampamento e nunca deixou de acompanhar Thornton com os olhos. Seguia-o em seu trabalho, observava-o enquanto comia, olhava-o entrar em seus cobertores à noite e sair deles pela manhã.

Depois de dois dias, o chamado da floresta começou a soar novamente, mais imperioso do que nunca. A inquietação de Buck voltou e ele era perseguido por recordações do irmão selvagem e do odor da terra além do vale e da corrida, lado a lado pelos caminhos selvagens da floresta. Uma vez mais ele circulou pela selva, mas não encontrou o irmão selvagem. E por mais que tenha esperado em longas vigílias, nunca mais ouviu o uivo desolado.

Começou a dormir fora, permanecendo distante do acampamento por dias às vezes. E, certa vez, chegou a cruzar o desfiladeiro para chegar à terra das florestas e dos riachos. Lá, circulou por uma semana, procurando em vão por sinais frescos do irmão selvagem, caçando para comer carne enquanto viajava e se deslocando com seu trotar tranquilo do qual parecia nunca se cansar. Pescou salmão num rio caudaloso que desaguava no mar em algum lugar, e, nas cercanias desse rio, matou um grande urso negro, cego pelos mosquitos, que também pescava e saiu em disparada pela floresta, desamparado, em estado lastimável. Mesmo assim, foi uma luta difícil. E despertou o que ainda restava latente da ferocidade de Buck. Dois dias depois, quando voltou para a sua vítima e encontrou uma dúzia de lobos disputando o espólio, os pôs em debandada, e os que fugiram deixaram dois para trás com os quais nunca mais disputariam espólio nenhum.

O desejo de sangue tornou-se maior do que nunca fora antes. Era um matador, um animal predador, vivendo graças ao que caçava, solitário, dependendo apenas de sua força e poder, sobrevivendo de maneira triunfal num ambiente hostil onde apenas os fortes sobrevivem. Devido a isso, ele se tornou possuidor de um grande orgulho por si mesmo, que se manifestava, de maneira contagiosa, em seu aspecto físico. Manifestava-se em todos os seus movimentos, era aparente no esforço de cada músculo, era plenamente eloquente em seu porte e tornava sua cobertura de pelos ainda mais gloriosa. Não fosse pelas manchas marrons, desgarradas no focinho e sobre os olhos, e pelo borrão de pelos brancos que se espalhava pela parte inferior do seu peito, ele poderia ser confundido com um lobo gigante, maior do que o maior da sua estirpe. Do seu pai são-bernardo

tinha herdado o tamanho e o peso, mas era sua mãe pastora que tinha dado forma a esse peso e tamanho. Seu focinho era longo como o dos lobos, mas mais largo. E sua cabeça era igual à de um lobo em escala muito maior.

Também sua perspicácia era a de um lobo, a perspicácia selvagem. Sua inteligência era de pastor e são-bernardo. E tudo junto, acrescido da experiência adquirida na mais dura das escolas, fez dele uma criatura tão formidável quando as demais que vagavam pela selva. Um animal carnívoro, vivendo sob uma dieta exclusivamente de carne, estava no apogeu da forma, no ponto alto da sua vida, transbordando vigor e virilidade.

Quando Thornton acariciava o seu dorso, um som quebradiço e eletrizante acompanhava a mão, o contato descarregando o magnetismo aprisionado em cada pelo. Cada parte do seu corpo, cérebro, tecidos nervosos e fibras eram harmonizadas e havia um perfeito ajuste e equilíbrio. Tudo o que ele ouvia e via, e que exigisse uma ação, era respondido com a velocidade da luz. Se um cão husky podia se defender rapidamente de um ataque, ou então atacar, ele podia ser duas vezes mais rápido. Podia ver um movimento, ou escutar um ruído, e responder em menos tempo que qualquer outro cão precisaria para entender o que estava vendo ou ouvindo. Ele percebia, definia e respondia, tudo no mesmo instante. Na verdade, as três ações, perceber, definir e responder, eram sequenciais, mas o intervalo de tempo entre elas era tão infinitesimal que pareciam ser ações simultâneas. Seus músculos eram sobrecarregados de vitalidade e reagiam rapidamente como molas de aço. O fluxo da vida passava por ele numa esplêndida correnteza, plena e exuberante, que parecia explodi-lo em partes de puro êxtase e derramar-se generosamente por todo o mundo.

— Nunca existiu um cão como esse — disse certo dia John Thornton, enquanto seus parceiros assistiam Buck caminhando pelo acampamento.

— Depois que o fizeram, quebraram o molde — disse Pete.

— É isso mesmo! É o que eu acho também — confirmou Hans.

Eles o viram caminhando para fora do acampamento, mas não viram a transformação instantânea e radical que o acometeu tão logo penetrou no segredo da floresta. Então ele parou de caminhar. De repente, tinha se transformado em um elemento pertencente à floresta, deslizando suavemente ao léu, com um andar de felino, tal qual uma sombra que

aparece e desaparece entre tantas outras sombras. Sabia tirar vantagem de todos os abrigos, rastejar sobre sua barriga como uma cobra e, como uma cobra, dar o bote e surpreender. Sabia como tirar um galo selvagem do seu ninho, matar um coelho e interceptar no meio do salto o pequeno esquilo que foge, um segundo atrasado, para dentro das árvores. Peixes, em águas abertas, não eram rápidos o suficiente para ele. Nem mesmo os castores, trabalhando em suas barragens, eram cuidadosos demais. Ele matava para comer, não por hábito. E preferia comer aquilo que matava. Por isso, suas ações sempre tinham uma ponta de humor não declarado — se divertia pegando esquilos de surpresa e, depois de aprisioná-los, deixava-os escapar, gritando, mortos de medo, para cima das árvores.

Com a aproximação do outono, os alces começaram a aparecer em abundância, se dirigindo lentamente para vales mais baixos onde o inverno é menos rigoroso. Buck já tinha abatido um filhote de alce. Mas ele queria muito uma presa maior e mais forte e um dia deparou com uma no alto do desfiladeiro. Um bando de vinte alces tinha atravessado a terra dos riachos e a floresta, e o chefe deles era um grande espécime. Parecia bastante bravo e, com uma altura de quase dois metros, era o antagonista de porte que Buck tanto desejava. Avançando e recuando, o alce girava seus grandes chifres espalmados em catorze galhos, com cerca de dois metros de uma ponta a outra. Seus pequenos olhos ardiam um brilho amargo e cruel enquanto ele olhava para Buck rosnando furiosamente.

De um dos flancos do alce projetava-se a ponta de flecha com penas, o que explicava a sua fúria. Conduzido pelo instinto que vinha dos velhos dias de caça dos tempos primordiais, Buck começou isolando o alce do resto do rebanho. Não foi fácil. Ele dançou e latiu em volta do bicho, mantendo-se fora do alcance de seus grandes chifres e dos largos coices que poderiam definir o resto de sua vida em alguns segundos. Incapaz de virar as costas ao perigo e continuar em frente, o alce enfurecia-se até o paroxismo. Em certo momento, ele atacou Buck, que recuou espertamente, enganando-o ao simular que não podia escapar. Mas quando finalmente ele isolou-se de seus companheiros, dois ou três alces mais jovens atacaram Buck, permitindo que o alce ferido se reintegrasse ao grupo.

Não se pode negar a paciência da vida selvagem — teimosa, incansável, persistente como a própria vida — que faz com que a aranha permaneça intermináveis horas imóvel em sua teia, ou a cobra preparando o bote, ou a pantera espreitando numa emboscada. Essa paciência pertence

particularmente à vida quando a caça é o alimento vivo. E pertencia a Buck quando ele agarrou-se a um dos flancos do alce, atrapalhando sua caminhada, irritando os alces jovens, atormentando as fêmeas com seus filhotes ainda por crescer e enfurecendo o alce ferido de uma maneira inclemente. Buck multiplicava-se, atacando de todos os lados, envolvendo o alce macho num redemoinho de ameaças, impedindo sua vítima de se juntar à manada, destruindo a paciência das criaturas caçadas que é sempre menor do que a paciência daquelas que caçam.

O dia foi passando, o sol se pôs em seu ninho no nordeste (as noites escuras tinham voltado e, durante o outono, duravam seis horas) e os jovens alces começavam a demonstrar cada vez mais relutância em ajudar o líder fustigado. A aproximação do inverno impelia-os para altitudes mais baixas e parecia que nunca conseguiriam se livrar daquela criatura incansável que os impedia de seguir em frente. Além disso, não era a vida de toda a manada, ou dos alces mais jovens, que estava sendo ameaçada. Apenas a vida de um membro estava em jogo, o que suscitava interesse muito menor do que suas próprias vidas, e no fim se conformariam a pagar essa conta.

Com o crepúsculo, o velho alce parou com a cabeça baixa observando seus companheiros — a fêmea que conhecia, os filhotes que tinha protegido, os jovens que tinha ensinado — enquanto caminhavam em passo rápido pela luz que esmaecia.

Ele não podia segui-los porque à sua frente saltitava aquele demônio cheio de dentes que não permitia que fosse adiante. Pesava mais de meia tonelada e tinha tido uma vida longa e poderosa, plena de lutas e brigas, e no fim estava encarando a morte pelos dentes de uma criatura cuja cabeça mal ultrapassava seus grandes tornozelos.

Dali em diante, noite e dia, Buck nunca abandonou ou deu um momento de sossego à sua presa, nunca permitiu que o alce pastasse as folhas das árvores ou os brotos de salgueiro e videira. Tampouco lhe deu oportunidade de saciar sua sede ardente nos pequenos fios d’água que atravessavam. Muitas vezes, desesperado, ele desembestava em longas corridas sem rumo. Nessas horas, Buck não tentava detê-lo, mas galopava tranquilamente ao seu lado, satisfazendo-se em jogar seu jogo, deitando-se quando o alce parava e atacando-o ferozmente quando ele tentava comer ou beber.

A grande cabeça abaixava-se cada vez mais sob sua galhada de chifres e seu desengonçado trote tornava-se cada vez mais fraco e lento. Passou a ficar longos períodos parado com o focinho colado ao solo e as orelhas caídas frouxamente em sinal de fraqueza. Assim, Buck encontrava mais tempo para beber água e descansar. Esses momentos, ofegante, com a língua vermelha dependurada e olhos fixos no grande alce, eram uma oportunidade para Buck encarar a realidade. Ele podia sentir uma nova sensação no ambiente. Assim como o alce tinha aparecido, outras formas de vida também estavam aparecendo. A floresta e os rios e o ar pareciam palpitantes com a sua presença. Essas sensações o acometiam não por meio da visão ou do som ou do olfato, mas sim por outro tipo de percepção, mais sutil. Mesmo sem ouvir ou ver nada, ele sabia que o ambiente estava de alguma forma diferente, que havia um novo tipo de vida palpitando. Decidiu investigar o assunto quando tivesse terminado o que estava fazendo.

Ao final do quarto dia, abateu o grande alce. Por um dia e uma noite, permaneceu ao lado do corpo, dormindo e comendo, virando e revirando-se. Então, descansado, refeito e forte, ele partiu em direção ao acampamento e a John Thornton. Seguiu em seu tranquilo galope por horas a fio sem se perder no complicado caminho de volta, mantendo sempre o sentido certo naqueles territórios estranhos, com um senso de direção capaz de envergonhar os homens com suas bússolas de agulha magnética.

Quanto mais se aproximava, mais se tornava consciente de uma nova realidade naquela terra. Havia um novo tipo de vida lá, diferente da vida que existia durante o verão. Essa sensação já não se manifestava mais de forma sutil e misteriosa. Os pássaros a anunciavam, os esquilos tagarelavam sobre ela, até mesmo a brisa proclamava-a com sussurros. Por várias vezes, parou e aspirou o ar fresco da manhã, recebendo a mensagem que o fazia continuar galopando em velocidade ainda maior. Sentia-se oprimido com a sensação de que alguma calamidade acontecera e, quando atravessou o último fio d’água e desceu o vale em direção ao acampamento, adquiriu um passo ainda mais cuidadoso.

Faltando uns seis quilômetros para chegar, entrou numa nova trilha que fez eriçar e arrepiar os pelos de seu pescoço. A trilha levava diretamente ao acampamento de John Thornton. Buck apertou o passo, correndo com precisão, com os nervos tensos, alerta a todos os múltiplos

detalhes que poderiam descrever o que estava acontecendo — mas sem elucidá-los. Seu olfato dava-lhe uma ampla descrição da passagem de seres vivos nas montanhas pelas quais ele se deslocava. Ele observava o silêncio fértil da floresta. Os pássaros tinham desaparecido. Os esquilos estavam escondidos. Ele viu apenas um — o corpo cinza e magrelo que jazia sobre um pedaço de tronco morto de tal forma que parecia ser parte dele, uma excrescência de madeira brotando da própria madeira.

Enquanto Buck seguia em frente tal uma sombra deslizante e obscura, seu olfato foi atraído repentinamente para um dos lados, como se uma força misteriosa estivesse agarrando-o e puxando-o. Ele seguiu esse novo cheiro em direção a um bosque cerrado e encontrou Nig. Estava deitado de lado, morto no lugar para onde conseguira se arrastar, uma flecha saliente de ambos os lados do seu corpo, num deles, a ponta, no outro, as penas.

Cerca de cem metros depois, Buck encontrou um dos cães de trenó que Thornton tinha trazido de Dawson. Tinha sido espancado numa luta de morte na própria trilha e Buck passou por ele sem parar. Do acampamento, vinha um som fraco de muitas vozes, aumentando e diminuindo como um canto de coral. Encontrou Hans nos limites da clareira, de barriga para baixo, perfurado por flechas como um porco-espinho. Imediatamente, Buck procurou com os olhos o lugar onde a cabana de madeira estava e a cena que viu fez seus pelos se eriçarem no pescoço e omoplata. Uma rajada de raiva intensa varreu seu corpo. Ele não percebeu que rosnou, mas o fez com terrível ferocidade. Pela última vez na vida permitiu que a emoção prevalecesse sobre a inteligência e a razão. Por causa de seu grande amor por John Thornton, ele perdeu a cabeça.

Os Yeehats estavam dançando ao lado das ruínas da cabana de madeira quando ouviram um rugido assustador e viram, correndo em direção a eles, um animal que nunca tinham visto igual. Era Buck, um furacão de fúria, correndo na direção deles, num arroubo de destruição. Ele atirou-se sobre o primeiro homem (era o chefe dos Yeehats), rompendo totalmente sua garganta até que a jugular rasgada jorrasse sangue como uma fonte. Mas não se deteve na primeira vítima. Passou para o segundo homem, rasgando-lhe a garganta também. Ninguém podia resistir à sua fúria. Então, atirou-se no meio deles, rasgando, arrancando, destruindo num movimento constante e infernal que desafiava as flechas que lhe eram atiradas. De fato, seus movimentos eram tão impressionantemente rápidos, e os indígenas estavam tão próximos, que acabaram por acertar flechadas

uns nos outros. Um dos jovens caçadores, ao atirar uma lança quando Buck estava no meio de um salto, acabou acertando o tórax de um outro e com tal força que a ponta atravessou sua pele e foi aparecer do outro lado do corpo. Então o pânico tomou conta dos Yeehats e saíram em disparada para a floresta proclamando enquanto corriam o surgimento do Espírito Diabólico.

E, de fato, Buck era o próprio demônio encarnado, correndo atrás deles furiosamente e derrubando-os como se fossem gamos ao longo da fuga pela floresta. Foi um dia funesto para os Yeehats. Eles se espalharam por toda a região e não foi antes de uma semana que o último dos sobreviventes juntou-se ao resto do grupo em algum vale remoto para finalmente contabilizar suas perdas. Enquanto isso, Buck, exausto pela batalha, retornou ao acampamento desolado. E descobriu que Pete tinha sido morto ainda dentro das cobertas, completamente surpreendido. A desesperada luta de Thornton tinha deixado sinais frescos sobre a terra, e Buck rastreou cada detalhe até chegar à margem da lagoa profunda. Lá, com a pata dianteira e a cabeça imersos dentro d'água, jazia Skeet, fiel até o fim. O próprio lago, lamacento e opaco devido à barragem, escondia o que continha. E continha John Thornton. Buck seguiu seu rastro até dentro da água, onde já não havia mais rastro nenhum.

Por todo o dia, Buck procurou pelo lago e vagou incansavelmente pelo acampamento. A morte, como o fim de movimentos, como a passagem da vida, ele conhecia, e sabia que John Thornton estava morto. E provocava-lhe um grande vazio, alguma coisa parecida com a fome, mas um vazio que doía e doía e que alimento algum poderia preencher. Às vezes, quando parava para contemplar os corpos dos Yeehats, ele conseguia esquecer a dor. E nessas horas percebia porque podia orgulhar-se — um orgulho maior do que qualquer um que já tivera. Tinha matado homens, a mais nobre das caças, e tinha feito isso enfrentando a lei dos porretes e dos caninos. Cheirou os corpos com curiosidade. Tinham sido mortos tão facilmente, muito mais difícil matar um cão husky do que eles. Dali em diante não teria mais o que temer deles, exceto quando portavam em suas mãos flechas, lanças e porretes.

A noite chegou e uma lua cheia apareceu por sobre as árvores no céu, banhando a terra de luz como um dia fantasmagórico. E com a chegada da noite, de vigília e luto às margens do lago, Buck despertou para uma emocionante nova vida na floresta, diferente daquela na qual os Yeehats

viviam. Levantou-se, ouvindo e cheirando. De longe, vinha um uivo fraco e desafinado, seguido de um coro de outros uivos semelhantes. E, passado aquele momento, os uivos aumentaram e ficaram mais próximos. Novamente Buck reconheceu neles o que ouvira naquele outro mundo que persistia em sua memória. Ele caminhou até a clareira e prestou atenção. Era o chamado, aquele chamado de tantos tons, agora ainda mais sedutor e convincente do que nunca. E como nunca, ele estava pronto a segui-lo. John Thornton estava morto. Seu último laço tinha se partido. Os homens e o que podiam oferecer já não mais o detinham.

Caçando seu alimento, assim como os Yeehats caçavam, pelos flancos do bando de alces, o grupo de lobos tinha atravessado a terra dos rios e da floresta em direção ao vale de Buck. Chegaram na clareira banhada pela luz da lua, como uma onda prateada e viva. E no centro dela, estava Buck, imóvel como uma estátua, esperando-os. Os lobos se detiveram em posição de respeito e, depois de uma pequena pausa, o mais corajoso deles aproximou-se de Buck. Como um raio, Buck atirou-se contra ele quebrando-lhe o pescoço. E novamente voltou à posição anterior, sem qualquer movimento, enquanto o lobo atacado se debatia em agonia ao seu lado. Três outros tentaram sucessivamente. E um após o outro retornaram, ensanguentados, com o dorso ou a garganta dilacerados.

Foi o suficiente para fazer com que o bando inteiro avançasse, de maneira tumultuada, uns sobre os outros, como um confuso bloco de feras ansiosas para pegar sua presa. A incrível agilidade e rapidez de Buck permitiram que ele se mantivesse no mesmo lugar. Girando sobre suas patas traseiras, mordendo e arranhando sem parar, ele parecia estar em todos os lugares simultaneamente, imbatível, tão rápido girava e respondia em todos os lados. Mas, para se prevenir de ser atacado por trás, foi forçado a recuar em direção ao lago e ao leito do rio, até encostar na margem alta de cascalhos. Ele se posicionou na encosta feita pelos homens no trabalho das minas, e com esse ângulo enfrentou o bando, protegido pelos três lados e tendo apenas que enfrentar seus oponentes de frente.

E se deu tão bem nessa luta que ao final de meia hora os lobos tiveram que recuar, acovardados, com as línguas enormes para fora e os caninos brancos quase prateados sob a luz da lua. Alguns se deitaram com as cabeças erguidas e as orelhas machucadas. Outros permaneceram em pé, olhando-o. E alguns mais lambiam a água do lago. Um dos lobos, longo, magro e cinza, avançou cuidadosamente, de um jeito amistoso, e Buck

reconheceu o irmão selvagem com quem havia corrido. Ele estava ganindo suavemente e, quando Buck ganiu de volta, tocaram-se os focinhos.

Então, um velho lobo, magro e cheio de cicatrizes de brigas, adiantou-se. Buck torceu os lábios, querendo rosnar, mas também tocou o focinho dele. Imediatamente, o velho lobo sentou-se, apontou o focinho para a lua, e iniciou um longo uivo. Os outros também se sentaram e começaram a uivar. E nesse momento o chamado chegou a Buck com uma inflexão inconfundível. Ele também se sentou e começou a uivar. Feito isso, saiu do seu canto de defesa e o bando juntou-se a ele, rodeando-o, cheirando-o de uma forma meio amistosa, meio selvagem. Os líderes ergueram o uivo da alcateia e correram em direção à floresta. Os demais lobos correram atrás, uivando em coro. E Buck correu com eles, lado a lado com seu irmão selvagem, uivando enquanto corria.

E assim pode terminar a história de Buck. Não se passaram muitos anos para que os Yeehats notassem uma mudança nas novas gerações dos lobos da floresta. Alguns apresentavam manchas amarronzadas na cabeça e no focinho e com outra mancha branca bem no centro do peito. Mas mais notável que isso eram as histórias que os Yeehtas contavam a respeito de um cão fantasma que corria à frente da alcateia. Temiam esse cão fantasma por ser mais esperto do que eles, roubando seu acampamento no inverno rigoroso, ludibriando as armadilhas que montavam, matando seus cães e desafiando seus caçadores mais corajosos.

Não! A lenda foi ainda mais longe. Houve caçadores que nunca retornaram ao acampamento e tem havido caçadores companheiros da mesma tribo com gargantas cruelmente dilaceradas e, em volta deles, pegadas maiores do que qualquer lobo. Todo outono, quando os Yeehats segue o movimento dos alces, há um certo vale em que eles nunca entram. E há mulheres que ficam melancólicas quando conta-se, ao lado da fogueira, de que maneira o Espírito Diabólico apareceu para escolher aquele vale como seu lar permanente.

No verão, no entanto, há um visitante daquele vale que osYeehats não conhecem. É um lobo grande, fartamente coberto de pelos, muito parecido, e ao mesmo tempo completamente diferente, de todos os demais lobos. Ele atravessa sozinho aquela floresta encantada e se aloja na clareira entre as árvores. Lá, corre um ribeirão entre sacos de pele de alce apodrecida e mergulha sob o solo, com grandes tufos de grama crescendo ao longo dele

e o musgo sombreando sua cor amarela. Naquele lugar, ele medita por algum tempo, às vezes longa e melancolicamente, até que vai embora.

Mas nem sempre está sozinho. Quando chegam as longas noites de inverno e os lobos buscam caça nos vales mais baixos, ele pode ser visto correndo à frente da alcateia sob a luz pálida da lua ou da ainda mais tênue aurora boreal, dando saltos gigantescos sobre seus companheiros, com sua goela escancarada para entoar a música de um novo mundo, a música dos lobos.

---

1. Tributário do rio Yukon no noroeste do Canadá. [As notas são do tradutor.]↩
2. A maior das ilhas do arquipélago ártico das Svalbard, na Noruega.↩

Francis Fitzgerald

Francis Scott Key Fitzgerald (1896–1940), nascido em uma família católica irlandesa do Minnesota, ingressou em 1913 na Universidade de Princeton, mas não se formou, alistando-se como voluntário para lutar na Primeira Guerra Mundial. Não chegou, porém, a combater, pois estava ainda em treinamento no fim da guerra. Iniciou em seguida sua carreira literária com duas obras que, de imediato, deram-lhe grande respeito e prestígio literários, *This Side of Paradise* (*Este lado do Paraíso*), de 1920, e *The Beautiful and damned* (*Os belos e malditos*), de 1922, ambos ambientados nesse período conturbado do século . Depois de se casar com Zelda Sayre, mudou-se para a França, onde a instabilidade emocional dela, seu próprio alcoolismo e a intensa vida social de ambos não impediram que ele escrevesse um dos grandes romances da literatura americana, *The Great Gatsby* (*O grande Gatsby*) (1925), retrato penetrante da aristocracia norte-americana e, a partir dela, também da mobilidade social e de seus mecanismos, ou seja, de uma das faces ao mesmo tempo mais douradas e sombrias do "*american way of life*". Em 1934, sairia seu último romance publicado em vida, *Tender is the night* (*Suave é a noite*), considerado pelo autor sua principal obra. F. Scott Fitzgerald é um dos mais característicos representantes da famosa "*Lost Generation*", a "geração perdida" dos que cresceram durante a maior tragédia da história até então, a Primeira Guerra Mundial. Daí *lost* não significar aqui, como se costuma pensar, "inútil", "ociosa", mas sim "sem direção", "desorientada". Como diz outro integrante dessa geração, o irlandês James Joyce, "*History is a nightmare from which I am trying to awake*" ("A história é um pesadelo do qual estou tentando acordar"). A devastadora dimensão da então chamada "Grande Guerra", que lançou a Europa numa mortandade e numa destruição fratricidas até então desconhecidas, é dificilmente imaginada por quem possui como referência necessária a desolação ainda maior da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. Mas para aqueles que cresceram durante a guerra anterior, a primeira em escala industrial (inclusive no número de mortes), o próprio sentido da civilização ocidental estava em xeque, e assim fora posto por ela mesma. Daí os chamados "Anos Loucos" da década de 1920, em que o hedonismo serviu de contraponto à destruição

— ainda que o hedonismo não sirva nada além de si mesmo. Em todo caso, isso nos leva de volta à "geração perdida" de Fitzgerald: perdida para qualquer propósito grandioso ou claro ou convincente (a não ser que se adotasse a via comunista, para muitos inaceitável). Mas não para a arte, ela própria uma busca de sentido através da forma.

O conto de Fitzgerald aqui reproduzido, "O curioso caso de Benjamin Button" (recentemente transformado em filme), é uma das mais perfeitas realizações dessa forma narrativa na história da literatura. Um conto não é meramente uma narrativa curta. Ou seja, ela não é curta por convenção, mas por estrutura. Se o romance, em contraponto, põe em movimento a multidão de caracteres e a miríade de circunstâncias que cercam o personagem principal, do qual ele é a biografia fictícia e ficcional, o conto é a descrição de uma situação, de uma circunstância, que a ela se atém enquanto a ela dedica todo seu desenvolvimento narrativo. É neste sentido que "O curioso caso de Benjamin Button" é um conto perfeito, ou um perfeito conto, que parte de uma circunstância incomum e a explora em toda sua coerência incoerente até seu fim necessário. Neste aspecto, é muito semelhante a "A metamorfose" de Kafka, inclusive porque aqui também se trata de uma metamorfose. Isto dito, são verdadeiros antípodas. Pois enquanto no escritor tcheco a grande densidade do conto serve à extrema densidade psicossocial de sua história, em Fitzgerald prevalece certa dimensão lúdica de uma fábula — apesar disto, desencantada.

Tradução Aline Scátola.

O curioso caso de Benjamin Button

I

Num tempo tão distante quanto 1860, era correto nascer em casa. Hoje, assim me dizem, os altos deuses da medicina decretaram que o primeiro choro da criança deve ser proferido em meio ao ar anestésico de um hospital, de preferência, moderno. Então os jovens sr.e sra. Roger Button estavam cinquenta anos à frente da voga quando decidiram, num dia de verão em 1860, que seu primeiro filho nasceria em um hospital. Se esse anacronismo teve alguma relevância na história assombrosa que estou prestes a registrar, jamais se saberá.

Contarei o que ocorreu e deixarei o julgamento a você.

Os Button ocupavam posição invejável, tanto social quanto financeiramente, na Baltimore pré-Guerra Civil. Tinham relações com Esta Família e com Aquela Família, o que, todo sulista sabia, garantia-lhes filiação àquele enorme pariato que povoava abundante os Estados Confederados. Aquela era sua primeira experiência com o antigo e charmoso costume de ter filhos — o sr.Button, naturalmente, estava nervoso. Torcia para que fosse um menino, para poder mandá-lo à faculdade de Yale em Connecticut, instituição em que ele próprio fora conhecido durante quatro anos pela alcunha um tanto óbvia de "Abotoadura".

Na manhã de setembro consagrada ao grande evento, ele se levantou nervoso às 6 horas, vestiu-se, ajustou uma gravata impecável e saiu apressado pelas ruas de Baltimore rumo ao hospital, para determinar se a escuridão da noite já teria conhecimento de nova vida em seu seio.

Quando estava a aproximadamente cem metros do Hospital Particular de Maryland para Damas e Cavalheiros, viu o dr. Keene, o médico da família, descendo a escadaria da entrada, esfregando as mãos em um movimento de limpeza — como devem fazer todos os médicos segundo a ética tácita da profissão.

O sr.Roger Button, presidente da Roger Button e Cia. — Ferragens por Atacado, correu em direção ao dr. Keene com muito menos dignidade do

que se esperaria de um cavalheiro sulista desse pitoresco período. “Doutor Keene!” chamou. “Doutor Keene!”.

O médico ouviu, olhou em volta e, parado, esperou, com uma expressão curiosa assentada no rosto duro e medicinal, enquanto o sr.Button avançava.

“O que aconteceu?”, exigiu saber o sr.Button ao se aproximar com uma afobação ofegante. “O que foi? Como ela está? Menino? Quem é? O quê?”.

“Fale direito!”, disse o dr. Keene bruscamente. Parecia um pouco irritado.

“A criança nasceu?”, implorou o sr.Button.

O sr.Keene franziu a testa. “Ora, sim, creio que sim — de certo modo”. Mais uma vez lançou um olhar curioso ao sr.Button.

“Minha esposa está bem?”

“Está.”

“É menino ou menina?”

“Olhe só!”, bradou o dr. Keene em um perfeito espírito de irritação, “peço que vá ver com os próprios olhos. Ultrajante!”. Rosnou a última palavra quase em uma sílaba só, depois deu as costas resmungando: “Imagine se um caso como este ajudará minha reputação profissional? Mais um me arruinaria — arruinaria qualquer um”.

“Qual é o problema?”, exigiu saber o sr.Button horrorizado. “Trigêmeos?”.

“Não, não são trigêmeos!”, respondeu corrosivo o doutor. “Veja bem, vá lá ver com os próprios olhos. E arranje outro médico. Eu trouxe você ao mundo, meu jovem, e sou médico da sua família há quarenta anos, mas, para mim, já deu! Não quero ver você nem parente nenhum seu nunca mais! Adeus!”.

Ele então se virou num movimento brusco e, sem dizer mais nada, subiu no fáeton que o esperava no meio-fio e partiu severamente.

O sr.Button ficou ali parado na calçada, estupefato e tremendo da cabeça aos pés. Que terrível infortúnio teria ocorrido? De repente perdera todo o desejo de entrar no Hospital Particular de Maryland para Damas e Cavalheiros — foi com imensa dificuldade que, um momento depois, forçou-se a galgar os degraus e a entrar pela porta.

Uma enfermeira estava sentada atrás de um balcão, no breu opaco do saguão. Engolindo a vergonha, o sr.Button a abordou.

“Bom-dia”, ela declarou, olhando-o com simpatia.

“Bom dia. Eu… eu sou o sr.Button.”

Diante disso, um olhar de absoluto terror se espalhou pelo rosto da moça. Ela se pôs de pé e parecia prestes a sair voando do saguão, contendo-se apenas com a mais evidente dificuldade.

“Quero ver meu filho”, disse o sr.Button.

A enfermeira deu um gritinho. “Ah! Claro!”, bradou histérica. “Em cima. Lá em cima. Pode *subir*!”.

Ela indicou a direção e o sr.Button, banhado de suor frio, virou-se hesitante e começou a subir para o segundo andar. No saguão superior, dirigiu-se a outra enfermeira que o abordou, bacia na mão. “Sou o sr.Button”, conseguiu articular. “Quero ver meu…”.

Blém! A bacia retiniu no chão e rolou na direção da escada. Blém! Blém! Iniciou uma queda metódica, como se compartilhasse do terror geral que esse cavalheiro provocava.

“Eu quero ver meu filho!”, quase guinchava o sr.Button. Estava à beira de um colapso.

Blém! A bacia atingiu o primeiro andar. A enfermeira recuperou o controle e atirou ao sr.Button um olhar de cordial desdém.

“Está *certo*, sr.Button”, concordou num sussurro. “Muito *bem*! Mas se o senhor *soubesse* em que estado isso colocou todos nós hoje cedo! É um ultraje absoluto! O hospital jamais terá um mínimo de reputação depois…”.

“Rápido!”, ele bradou rouco. “Não aguento isso!”.

“Por aqui, então, sr.Button.”

Ele se arrastou atrás dela. No fim de um longo corredor, chegaram a uma sala de onde emanava uma variedade de uivos — de fato, uma sala em que, em uma linguagem posterior, viria a ser conhecida como “sala do choro”. Entraram. Alinhada em torno das paredes havia uma dúzia de berços brancos esmaltados, cada um com uma etiqueta amarrada na ponta.

“Bom”, arfou o sr.Button, “qual é o meu?”.

“Ali!”, disse a enfermeira.

Os olhos do sr.Button seguiram o dedo que apontava, e o que ele viu foi isto: embrulhado em uma volumosa manta branca e parcialmente espremido em um dos berços, estava ali sentado estava um homem velho, aparentando cerca de setenta anos. O parco cabelo era quase branco, e do queixo escorria uma longa barba cor de fumaça, que balançava de forma

absurda para frente e para trás com o sopro da brisa a entrar pela janela. Ele levantou a cabeça e mirou o sr.Button com olhos turvos e desbotados, em que se ocultava uma pergunta intrigada.

"Será que estou louco?", trovejou o sr.Button, o terror se convertendo em fúria. "Isso é alguma piada medonha de hospital?". "Não parece piada para nós", respondeu a enfermeira duramente. "E não sei se o senhor está louco ou não — mas aquele é com toda a certeza o seu filho".

O suor frio redobrou na fronte do sr.Button. Ele fechou os olhos e, em seguida, voltando a abri-los, olhou de novo. Não havia engano: fitava um homem de sete décadas completas — um *bebê* de sete décadas completas, um bebê com pés que balançavam nas laterais do berço onde repousava.

O velho olhou plácido de um para o outro por um momento, e de repente falou em uma voz anciã e falha. "Você é o meu pai?", inquiriu.

O sr.Button e a enfermeira se sobressaltaram com violência.

"Porque se for", continuou o velho com uma queixa, "gostaria que me tirasse deste lugar — ou, pelo menos, faça-os colocar uma cadeira de balanço confortável aqui dentro".

"De onde você surgiu, em nome de Deus? Quem é você?", explodiu frenético o sr.Button.

"Não posso dizer *exatamente* quem sou", replicou o lamento queixoso, "porque faz apenas algumas horas que nasci — mas meu sobrenome com certeza é Button".

"Mentira! Você é um impostor!"

O velho se virou exausto para a enfermeira. "Que belo jeito de receber um recém-nascido", reclamou com a voz fraca. "Por que não diz a ele que está errado?".

"Está errado, sr.Button", disse a enfermeira com gravidade. "É seu filho, e o senhor deverá aceitar a situação da melhor forma possível. Vamos pedir ao senhor para levá-lo para casa assim que possível — ainda hoje".

"Para casa?", repetiu incrédulo o sr.Button.

"Sim, não podemos deixá-lo aqui. Não podemos mesmo, entende?"

"Fico bem contente com isso", gemeu o velho. "Aqui não é um bom lugar para manter um jovem de gostos tranquilos. Com toda essa gritaria e lamentação, ainda não consegui pregar os olhos. Pedi alguma coisa para comer" — aqui a voz se elevou a uma nota estridente de protesto — "e me trouxeram uma mamadeira!".

O sr.Button afundou em uma cadeira perto do filho e encerrou o rosto entre as mãos. “Céus!”, murmurou em um êxtase de horror. “O que as pessoas vão dizer? O que devo fazer?”.

“O senhor precisa levá-lo para casa”, insistiu a enfermeira — “imediatamente!”.

Uma imagem grotesca se formou com espantosa nitidez diante dos olhos do torturado homem — a imagem dele próprio andando pelas ruas abarrotadas da cidade com essa aparição estarrecedora indo ao seu encalço.

“Não consigo. Não consigo”, gemeu.

As pessoas pariam para falar com ele, e o que ele diria? Teria de apresentar esse… esse setuagenário: “Este é meu filho, nascido hoje de manhã”. E então o velho se envolveria na manta e eles se arrastariam, passando pelas lojas agitadas, pelo mercado de escravos — por um instante sombrio, o sr.Button teve o desejo ardente de que o filho fosse negro —, pelas casas luxuosas do distrito residencial, pelo lar dos idosos…

“Venha! Controle-se”, ordenou a enfermeira.

“Olhe só”, o velho anunciou de repente, “se pensa que vou para casa andando com esta manta, está redondamente enganado”.

“Bebês sempre levam mantas.”

Com um estalido malicioso, o velho mostrou um paninho branco de embrulhar bebê. “Olhe!”, falou com a voz trêmula. “Era *isto* que tinham preparado para mim”.

“Bebês sempre usam isso”, disse a enfermeira com decoro.

“Bom”, disse o velho, “*este* bebê não vai mais usar nada daqui a uns dois minutos. Esta manta coça. Poderiam pelo menos ter me dado um lençol”.

“Não tira! Não tira!”, disse o sr.Button apressado. Virou-se para a enfermeira. “O que faço?”.

“Vá ao centro e compre algumas roupas para o seu filho”.

A voz do filho do sr.Button o acompanhou quando ele entrou pelo corredor: “E uma bengala, pai. Quero uma bengala”.

O sr.Button bateu a porta de fora com virulência…

2

“Bom-dia”, o sr.Button disse nervoso ao vendedor na Companhia Têxtil Chesapeake. “Quero comprar roupas para o meu filho”.

“Quantos anos tem seu filho, senhor?”

“Umas seis horas”, respondeu o sr.Button sem a devida ponderação.

“O setor de produtos para bebês fica no fundo.”

“Não, acho que não — não tenho certeza se é isso que quero. É… é uma criança de tamanho atípico. Excepcionalmente — hmm — grande”.

“Eles têm os maiores tamanhos infantis.”

“Onde fica o setor de meninos?”, indagou o sr.Button, mudando desesperado de rumo. Sentiu que o vendedor com certeza farejaria o indecente segredo.

“Aqui mesmo.”

“Bom…” Hesitou. A ideia de vestir o filho com roupas de homem o repugnava. Se, digamos, ele ao menos encontrasse um traje infantil bem grande, poderia cortar aquela terrível barba comprida, tingir o cabelo branco de castanho e assim conseguir ocultar o pior, e manter algo do respeito por si próprio — sem falar na posição que ocupava na sociedade de Baltimore.

Mas uma inspeção frenética do setor de meninos não revelou nenhum traje que servisse no Button recém-nascido. Ele culpou a loja, é claro — em casos assim é necessário culpar a loja.

“Quantos anos o senhor disse que seu menino tinha?”, indagou o vendedor com curiosidade.

“Tem… dezesseis.”

“Ah, o senhor me perdoe. Pensei que tivesse dito seis *horas*. O senhor encontrará o setor de jovens no próximo corredor.”

O sr.Button se virou com imensa tristeza. Então parou, iluminou-se e apontou na direção de um manequim vestido na vitrine da loja. “Aquele!”, exclamou. “Vou levar aquele traje que está ali no manequim”.

O vendedor o encarou. “Ora”, protestou, “esse traje não é infantil. De certa forma *é*, mas é uma fantasia. O senhor mesmo poderia usá-lo!”.

“Pode embrulhar”, insistiu o cliente agitado. “É isso que quero”. O vendedor, espantado, obedeceu.

De volta ao hospital, o sr.Button entrou no berçário e quase atirou o pacote no filho. “Tome a sua roupa”, resmungou.

O velho desamarrou o pacote e inspecionou o conteúdo com um olhar perplexo.

“Isso me parece um tanto cômico”, reclamou, “não quero passar ridículo…”.

“Você é que me fez passar ridículo!”, retorquiu o sr.Button furiosamente. “Não se preocupe em parecer cômico. Vista logo, senão… senão vai *apanhar*”. Engoliu constrangido a última palavra, sentindo no entanto que era a coisa apropriada a se dizer.

“Está certo, pai”, respondeu com uma simulação grotesca de respeito filial: “O senhor já viveu mais; sabe o que é melhor. Como o senhor mandar”.

Assim como antes, o som da palavra “pai” provocou no sr.Button um espasmo violento.

“E vá logo.”

“Estou indo, pai.”

Tendo o filho se vestido, o sr.Button o observou deprimido. O figurino consistia em meias pontilhadas, uma calça rosa, uma blusa com cinto e um largo colarinho branco. Sobre o último, tremulava a longa barba esbranquiçada, pendendo até quase a cintura. O efeito não era bom.

“Espere!”

O sr.Button agarrou uma tesoura do hospital e com três estalos rápidos amputou um grande pedaço da barba. Mas mesmo com esse progresso o conjunto estava longe da perfeição. O tufo restante de pelo desgrenhado, os olhos lacrimejantes, os dentes anciões pareciam estranhamente em desacordo com a alegria do figurino. O sr.Button, no entanto, estava obstinado — estendeu a mão. “Acompanhe-me!”, disse com gravidade.

O filho pegou a mão confiante. “Como o senhor vai me chamar, papai?”, perguntou com a voz trêmula quando saíram do berçário. “Só de ‘bebê’ por enquanto? Até encontrarem um nome melhor?”.

O sr.Button grunhiu. “Não sei”, respondeu ríspido. “Acho que vamos chamá-lo de Matusalém”.

3

Mesmo depois que o novo membro da família Button cortara o cabelo e o tingira de um esparso preto artificial, barbeara o rosto tão rente que reluzia, e trajara vestes de menino feitas sob medida por um alfaiate embasbacado, era impossível para Button ignorar o fato de que o filho era um péssimo exemplar de primeiro bebê da família. Apesar da corcunda da

idade, Benjamin Button — pois foi este o nome que lhe deram em vez do adequado, embora desagradável, Matusalém — tinha 1,73 metros. As roupas não escondiam isso, assim como aparar e tingir as sobrancelhas não disfarçava o fato de que os olhos logo abaixo eram desbotados, lacrimejantes e cansados. De fato, a ama contratada com antecedência saiu da casa depois de uma olhada, em um estado de considerável indignação.

Mas o sr.Button persistiu em seu inabalável propósito. Benjamin era um bebê, e assim deveria ser. A princípio declarou que, se Benjamin não gostava de leite quente, ficaria então sem comida, mas finalmente foi convencido a permitir ao filho pão e manteiga, e até mesmo aveia, através de um acordo. Um dia levou para casa um chocalho e, oferecendo-o a Benjamin, insistiu sem meias palavras que o filho deveria "brincar com ele", ao que o velho pegou o brinquedo com uma expressão exausta e era ouvido chacoalhando-o obediente de tempos em tempos ao longo do dia.

Não há dúvida, no entanto, de que o chocalho o entediava, e que ele encontrava outros divertimentos mais relaxantes quando era deixado sozinho. Por exemplo, o sr.Button descobriu um dia que durante a semana anterior fumara mais charutos que nunca — um fenômeno que foi explicado alguns dias depois quando, ao entrar de supetão no quarto da criança, encontrou o cômodo tomado de uma tímida névoa azul e Benjamin, com uma expressão culpada no rosto, tentando ocultar a ponta de um Havana maduro. Isso, é claro, exigia uma severa sova, mas o sr.Button percebeu que não encontrava forças para aplicá-la. Ele apenas alertou o filho de que aquilo "tolheria o seu crescimento".

Apesar disso, persistia na sua atitude. Levou para casa soldados de chumbo, levou trenzinhos, levou grandes bichos divertidos feitos de algodão, e, para aperfeiçoar a ilusão que estava criando — para ele próprio ao menos — exigia com entusiasmo saber do vendedor da loja de brinquedos se "a tinta sairia do patinho cor-de-rosa se o bebê o colocasse na boca". Mas, apesar de todos os esforços do pai, Benjamin se recusava a ter interesse. Ele descia a escada dos fundos sorrateiramente e voltava para o quarto com um volume da *Encyclopedia Britannica*, e passava a tarde mergulhado no livro, enquanto as vacas de algodão e a arca de Noé ficavam abandonadas pelo chão. Contra tamanha teimosia, os esforços do sr.Button tinham pouco efeito.

A sensação criada em Baltimore foi, de início, prodigiosa. O que o infortúnio teria custado socialmente aos Button e a toda a família não pode

ser determinado, pois a deflagração da Guerra Civil atraiu a atenção da cidade para outras coisas. Algumas pessoas de uma polidez infalível atormentaram os próprios cérebros em busca de elogios para oferecer aos pais — e finalmente chegaram à engenhosa estratégia de declarar que o bebê se parecia com o avô, um fato que, dado o estado padrão de declínio comum a todos os homens de setenta anos, não podia ser negado. O sr.e a sra. Button não ficaram contentes, e o avô de Benjamin se sentiu furioso e insultado.

Benjamin, assim que deixou o hospital, aceitou a vida como a encontrou. Diversos meninos pequenos foram trazidos para visitá-lo, e ele passou uma tarde dolorosa para suas juntas, tentando desenvolver um interesse por peões e bolas de gude — até conseguiu, muito sem querer, quebrar uma janela da cozinha com a pedra de um estilingue, façanha que secretamente deliciou o pai.

Daí em diante Benjamin tramou para quebrar algo todos os dias, mas fazia essas coisas somente porque eram esperadas dele, e porque ele era por natureza obsequioso.

Quando o antagonismo inicial do avô se desfez, Benjamin e aquele cavalheiro começaram a sentir enorme prazer na companhia um do outro. Passavam horas sentados, esses dois, tão distantes na idade e na experiência, e, como velhos camaradas, discutiam em uma monotonia incansável os lentos acontecimentos do dia. Benjamin se sentia mais à vontade na presença do avô que na dos pais — estes sempre pareciam um tanto impressionados com ele e, apesar da autoridade ditatorial que exerciam sobre ele, com frequência o tratavam por “senhor”.

Ele ficava tão intrigado quanto qualquer outra pessoa com a aparente idade avançada de sua própria mente e de seu corpo logo ao nascer. Estudou o assunto no periódico médico, mas descobriu que nenhum caso do tipo havia sido registrado antes. Diante da insistência do pai, tentou sinceramente brincar com outros meninos, e com frequência participava dos jogos mais leves — futebol era agitado demais e ele temia que, em caso de uma fratura, seus ossos anciões se recusassem a colar.

Aos cinco anos foi mandado para o jardim de infância, onde se iniciou na arte de colar papel verde sobre papel laranja, de entrelaçar fitas coloridas e confeccionar eternos colares de papelão. Tinha propensão a cair no sono no meio dessas atividades, hábito que irritava e assustava a jovem professora. Para alívio de Benjamin, ela reclamou com os pais e ele

foi tirado da escola. O casal Button disse aos amigos pensar que o filho ainda era muito novo.

Aos doze anos os pais já tinham se acostumado com ele. Na verdade, tão grande é a força do hábito que eles já não sentiam diferença de qualquer outra criança — exceto quando alguma anomalia curiosa lembrava-os do fato. Mas um dia, algumas semanas depois de seu décimo segundo aniversário, enquanto se olhava no espelho, Benjamin fez, ou pensou ter feito, uma descoberta extraordinária. Será que seus olhos o enganavam, ou o cabelo tinha passado, nos doze anos de sua vida, do branco a um grisalho ferroso sob a tinta que o encobria? Teria a rede de rugas de seu rosto se tornado menos pronunciada? Estaria a pele mais saudável e mais firme, com até mesmo um toque de róseo tom invernal? Ele não tinha certeza. Sabia que não andava mais curvado, e que sua condição física havia melhorado desde os primeiros dias de vida.

"Será que…?", pensou consigo mesmo, ou melhor, quase não ousou pensar.

Foi até o pai. "Estou crescido", anunciou determinado. "Quero usar calças compridas".

O pai hesitou. "Bom", disse enfim, "não sei. Catorze é a idade de se começar a usar calças compridas — e você só tem doze".

"Mas o senhor terá de admitir", protestou Benjamin, "que sou grande para a minha idade".

O pai olhou-o fazendo uma enganosa especulação. "Ah, não tenho tanta certeza disso", comentou. "Eu era do seu tamanho quando tinha doze anos".

Não era verdade — tudo fazia parte do acordo silencioso de Roger Button consigo mesmo para acreditar na normalidade do filho.

Finalmente, chegaram a um meio-termo. Benjamin deveria continuar tingindo o cabelo. Deveria se esforçar mais para brincar com meninos da mesma idade. Não deveria usar óculos nem andar de bengala na rua. Em troca dessas concessões recebeu autorização para usar seu primeiro paletó com calças compridas.

4

Da vida de Benjamin Button entre o décimo segundo e o vigésimo primeiro ano, pretendo dizer pouco. Basta registrar que foram anos de

descrescimento normal. Aos dezoito, Benjamin já andava ereto como um homem de cinquenta; tinha mais cabelo, e era de um grisalho escuro; o passo estava firme, a voz perdera o tremor falho e se assentara em um barítono saudável. Então o pai o mandou a Connecticut para fazer os exames de admissão na faculdade de Yale. Benjamin passou e se tornou membro do primeiro ano.

No terceiro dia, após a matrícula, ele recebeu uma notificação do sr.Hart, secretário da faculdade, para ir até o escritório organizar a agenda. Benjamin, olhando de relance o espelho, decidiu que o cabelo precisava de uma nova aplicação da tinta castanha, mas uma inspeção ansiosa na gaveta da cômoda revelou que o frasco de tinta não estava lá. Ele então se lembro: havia-o esvaziado um dia antes e jogado o recipiente fora.

Ele estava em um dilema. O encontro com o secretário aconteceria em cinco minutos. Parecia não haver escolha — deveria ir como estava. E foi.

"Bom dia", disse o secretário educadamente. "O senhor veio interrogar sobre seu filho".

"Ora, na verdade, meu nome é Button…", começou Benjamin, mas o sr.Hart o interrompeu.

"É um grande prazer conhecê-lo, sr.Button. Estou esperando seu filho, ele deve chegar a qualquer momento".

"Sou eu!", explodiu Benjamin. "Eu sou o calouro".

"O quê!"

"Eu sou o calouro."

"Certamente está brincando."

"De forma alguma."

O secretário franziu a testa e deu uma olhada em uma ficha diante dele. "Ora, eu tenho a idade do sr.Benjamin Button registrada aqui como dezoito anos".

"É a minha idade", declarou Benjamin, com um leve rubor.

O secretário olhou-o aborrecido. "Com certeza, sr.Button, o senhor não espera que eu acredite nisso".

Benjamin sorriu aborrecido. "Tenho dezoito anos", repetiu.

O secretário apontou firme para a porta. "Saia", disse. "Saia da faculdade e saia da cidade. O senhor é um lunático perigoso".

"Tenho dezoito anos."

O sr.Hart abriu a porta. "Que ideia!", gritou. "Um homem da sua idade tentando entrar aqui como calouro. Dezoito anos, o senhor? Bom, dou

dezoito minutos para o senhor sair da cidade".

Benjamin Button saiu da sala com dignidade, e meia dúzia de estudantes que esperavam no corredor o seguiram com os olhos e com a curiosidade. Depois de andar um pouco ele se virou, encarou o secretário enfurecido, que ainda estava parado no limiar da porta, e repetiu com uma voz firme: "Eu tenho dezoito anos".

Sob um coro de risos crescendo entre dentes do grupo de estudantes, Benjamin foi embora.

Mas ele não estava fadado a escapar tão facilmente. Na caminhada melancólica até a estação de trem, percebeu estar sendo seguido por um grupo, depois por um enxame, e finalmente por uma densa massa de estudantes. Espalhara-se a notícia de que um lunático havia sido aprovado nos exames de admissão de Yale e agora tentava se passar por um jovem de dezoito anos. Uma agitação permeou a faculdade. Homens saíram correndo sem chapéu das salas de aula, a equipe de futebol abandonou o treino e se uniu à aglomeração, esposas de professores com toucas tortas e armações de saia fora de lugar correram gritando atrás da procissão, da qual emergiu uma sucessão contínua de comentários que tinham como alvo a sensibilidade delicada de Benjamin Button.

"Deve ser o judeu errante!"

"Ele devia ir para a escola preparatória na idade dele!"

"Olhem só o menino prodígio!"

"Ele achou que aqui era o lar dos idosos."

"Vá para Harvard!"

Benjamin apertou o passo, e logo estava correndo. Eles veriam só! Ele *iria mesmo* para Harvard, e então eles se arrependeriam dessas provocações levianas!

Seguro a bordo do trem para Baltimore, colocou a cabeça para fora da janela. "Vocês vão se arrepender!", gritou.

Os estudantes riram. Foi o maior erro cometido pela faculdade de Yale…

5

Em 1880, Benjamin Button fez vinte anos, e assinalou o aniversário indo trabalhar para o pai na Roger Button e Cia. — Ferragens por Atacado. Foi naquele mesmo ano que começou a "sair socialmente" — isto é, que o

pai passou a insistir em levá-lo a vários bailes da moda. Roger Button tinha agora cinquenta anos, e ele e o filho eram cada vez mais companheiros — na verdade, desde que Benjamin parara de tingir o cabelo (que ainda era grisalho) eles pareciam ter mais ou menos a mesma idade, e poderiam passar por irmãos.

Em uma noite de verão em agosto, os dois subiram no fáeton trajando casacas e partiram para um baile na casa de campo dos Shevlin, situada perto de Baltimore. A noite estava maravilhosa. Uma lua cheia encharcava a estrada com a cor opaca da platina e flores extemporâneas da colheita exalavam no ar inerte aromas que eram como um riso baixo, quase abafado. O prado, acarpetado por todos os lados com um trigo luminoso, estava translúcido como se fosse dia. Era quase impossível não ser tocado pela beleza estonteante do céu — quase.

"Há um grande futuro no comércio têxtil", dizia Roger Button. Ele não era um homem espiritual — seu senso estético era rudimentar.

"Um sujeito velho como eu não aprende novos truques", observou profundamente. "São vocês, jovens com energia e vitalidade, que têm esse grande futuro à frente".

Distante na estrada, as luzes da casa de campo dos Shevlin pouco a pouco se fizeram ver, e logo havia um som sussurrante que deslizava persistente na direção deles podia ser o suave lamento dos violinos ou o rumorejar do trigo prateado sob a lua.

Estacionaram atrás de uma magnífica berlinda, cujos passageiros desembarcavam à porta. Uma dama desceu, depois um cavalheiro de idade avançada, depois outra jovem, bela como o diabo. Benjamin oscilou; uma mudança quase química pareceu dissolver e recompor os elementos de seu corpo. Uma rigidez o atravessou, o sangue subiu até a face, a fronte, e sentiu um latejar compassado nas orelhas. Era o primeiro amor.

A moça era delgada e frágil, com cabelos que pareciam pálidos sob o luar e cor de mel sob as luzes vacilantes da varanda. Nos ombros, trazia uma mantilha espanhola do mais suave amarelo, que se alongava em preto profundo; os pés eram botões cintilantes à bainha de seu vestido armado.

Roger Button se inclinou na direção do filho. "Aquela", disse, "é a jovem Hildegarde Moncrief, filha do general Moncrief".

Benjamin acenou com frieza. "Que coisinha graciosa", disse indiferente. Mas assim que o escravo partiu com a carruagem, acrescentou: "Papai, o senhor poderia me apresentar a ela".

Eles se aproximaram de um grupo em que a srta. Moncrief era o centro. Educada na antiga tradição, ela fez uma referência diante de Benjamin. Sim, ela concederia uma dança. Ele agradeceu e se afastou — vacilante.

O intervalo até que chegasse sua vez se arrastou interminavelmente. Ele ficou de pé perto da parede, em silêncio, inescrutável, assistindo com olhos assassinos a juventude de Baltimore rodopiando em torno de Hildegarde Moncrief, uma admiração apaixonada em seus rostos. Como pareciam detestáveis para Benjamin; corados e intoleráveis! As suíças castanhas e curvas despertavam nele um sentimento equivalente à indigestão.

Mas quando chegou a sua vez, e ele flutuou com ela pelo soalho deslizante ao som da última valsa de Paris, os ciúmes e ansiedades derreteram-se dele como um manto de neve. Cego de encantamento, sentiu que a vida estava só começando.

"Você e seu irmão chegaram aqui junto conosco, não foi?", perguntou Hildegarde, mirando-o com olhos que eram como um esmalte azul brilhante.

Benjamin hesitou. Se ela o tomara por irmão de seu pai, seria melhor lhe esclarecer? Lembrou-se da experiência em Yale, então tomou a decisão contrária. Seria indelicado contradizer uma dama; seria um crime prejudicar essa ocasião primorosa com a história grotesca de sua origem. Depois, quem sabe. Ele então acenou, sorriu, escutou, foi feliz.

"Gosto de homens da sua idade", Hildegarde contou-lhe. "Os moços são muito tolos. Eles me contam quanto champanhe tomam na faculdade, e quanto dinheiro perdem jogando carta. Os homens da sua idade sabem apreciar as mulheres".

Benjamin se sentiu prestes a lhe fazer uma proposta — com esforço engoliu o impulso.

"Você está bem na idade romântica", ela prosseguiu: "cinquenta. 25 é matreiro demais; trinta está propenso a ficar pálido pelo excesso de trabalho; quarenta é a idade de histórias longas que levam um charuto inteiro para serem contatas; sessenta é… sessenta é perto demais de setenta; mas cinquenta é a idade maturada. Adoro os cinquenta".

Cinquenta parecia a Benjamin uma idade gloriosa. Ansiou fervorosamente ter cinquenta anos.

“Eu sempre digo”, continuou Hildegarde, “que prefiro me casar com um homem de cinquenta e receber cuidados do que casar com um homem de trinta e ter de cuidar *dele*”.

Para Benjamin, o resto da noite foi banhado de uma névoa cor de mel. Hildegarde lhe concedeu mais duas danças, e eles descobriram que estavam maravilhosamente de acordo em todos os assuntos do momento. Ela sairia de carruagem com ele no domingo seguinte, quando então os dois discutiriam todas essas questões mais a fundo. Na volta para casa no fáeton, pouco antes do romper da aurora, quando as primeiras abelhas zuniam e a lua sumia tremeluzindo no frescor do orvalho, Benjamin tinha a vaga ideia de que seu pai estava discutindo ferragens por atacado.

“…E o que você acha que deve merecer nossa mais absoluta atenção depois de pregos e martelos?”, dizia o Button mais velho. “Paixão”, respondeu Benjamin distraído.

“Pitão?!”, exclamou Roger Button. “Ora, mas eu acabei de tratar da questão dos pitões”.

Benjamin o examinou com olhos atordoados enquanto o céu oriental de súbito rompia em luz e um corrupião soltava um bocejo penetrante nas árvores farfalhantes…

6

Quando, seis meses depois, o noivado da srta. Hildegarde Moncrief com o sr.Benjamin Button se fez conhecer (digo “se fez conhecer” porque o general Moncrief declarou preferir tombar pela própria espada a anunciá-lo), a agitação na sociedade de Baltimore atingiu um estado de epidemia. A história quase esquecida do nascimento de Benjamin foi lembrada e arremessada aos quatro ventos do escândalo em formas picarescas e inconcebíveis. Foi dito que Benjamin era em realidade o pai de Roger Button, que era um irmão preso há quarenta anos, que era John Wilkes Booth disfarçado — e, finalmente, que tinha dois pequenos chifres cônicos despontando da cabeça.

Os suplementos dominicais dos jornais de Nova York destacaram o caso com desenhos fascinantes que traziam a cabeça de Benjamin Button colada a um peixe, a uma cobra, e, por fim, a um corpo de latão maciço. Ele ficou conhecido, jornalisticamente, como “O homem misterioso de

Maryland". Mas a história real, como quase sempre é o caso, teve uma circulação muito tímida.

No entanto, todos concordaram com o general Moncrief ser "um crime" uma jovem adorável, que poderia ter-se casado com qualquer admirador de Baltimore, atirar-se nos braços de um homem que tinha seguramente cinquenta anos. Em vão o sr.Roger Button publicou a certidão de nascimento do filho em letras garrafais no *Baltimore Blaze*. Ninguém acreditou. Era só olhar para Benjamin.

Da parte das duas pessoas mais interessadas não havia indecisão. Eram tantas histórias falsas sobre o noivo que Hildegarde teimou e se recusou a acreditar até mesmo na verdadeira. Em vão o general Moncrief chamou atenção para a alta mortalidade entre homens de cinquenta anos — ou, ao menos, entre homens que pareciam ter cinquenta anos; em vão falou sobre a instabilidade do comércio de ferragens por atacado. Hildegarde escolhera casar por *maturescência*, e assim o fez…

7

Em um aspecto, ao menos, os amigos de Hildegarde Moncrief se enganaram. O comércio de ferragens por atacado prosperou de forma admirável. Nos quinze anos entre o casamento de Benjamin Button, em 1880, e a aposentadoria do pai em 1895, a fortuna da família foi duplicada — e em grande parte graças ao membro mais jovem da empresa.

Não é preciso dizer, Baltimore acabou aceitando o casal em seu seio. Mesmo o velho general Moncrief se reconciliou com o genro quando Benjamin lhe deu o dinheiro para publicar a sua *História da Guerra Civil* em vinte volumes, após ser recusada por nove proeminentes editoras.

No próprio Benjamin, quinze anos acarretaram muitas mudanças. Parecia-lhe que o sangue fluía com novo vigor pelas veias. Começou a ser um prazer levantar de manhã, andar com um passo enérgico pela rua agitada e ensolarada, trabalhar incansável nos carregamentos de martelos e cargas de pregos. Foi em 1890 que ele executou seu famoso golpe comercial: apresentou a sugestão de que "todos os pregos utilizados para pregar as caixas em que os pregos são despachados são de propriedade do recebedor", proposta que virou estatuto, foi aprovada pelo secretário de Justiça Fossile e representou para a Roger Button e Cia. — Ferragens por Atacado uma economia de mais de seiscentos pregos por ano.

Além disso, Benjamin descobriu que estava se tornando cada vez mais interessado no lado alegre da vida. Era típico do seu crescente entusiasmo por prazer que ele fosse o primeiro homem da cidade de Baltimore a ter e a conduzir um automóvel. Ao encontrá-lo na rua, seus contemporâneos encaravam com inveja a imagem que ele passava de saúde e vitalidade.

"Parece que ele fica mais jovem a cada ano", observavam. E se o velho Roger Button, agora com 65 anos, falhara a princípio nas boas-vindas adequadas ao filho, ele se redimiu por fim, conferindo-lhe o que estava muito perto da adulação.

E assim chegamos a um assunto desagradável, que será bom atravessar o mais rápido possível. Havia apenas uma coisa que preocupava Benjamin Button: a esposa deixara de atraí-lo.

Naquela época, Hildegarde era uma mulher de 35 anos, com um filho, Roscoe, de catorze. Nos primeiros tempos do casamento, Benjamin a venerava. Mas, com o passar dos anos, os cabelos cor de mel se transformaram em um desinteressante castanho, o esmalte azul dos olhos assumira o aspecto de cerâmica barata — além disso, e, acima de tudo, ela se tornara acomodada demais em seus modos, plácida demais, satisfeita demais, anêmica demais em suas emoções e sóbria demais no gosto. Quando noiva, era ela quem "arrastava" Benjamin para bailes e jantares — agora a situação era inversa. Ela saía socialmente com ele, mas sem entusiasmo, já devorada por aquela inércia eterna que um dia ganha vida em cada um de nós e fica conosco até o fim.

O desgosto de Benjamin se avivou. Com a deflagração da guerra hispano-americana em 1898, a casa tinha para ele tão pouco charme que decidiu entrar para o exército. Com a influência comercial que tinha, obteve patente de capitão, e provou-se tão adaptável ao trabalho que foi galgado a major, e finalmente a tenente-coronel, bem a tempo de participar da célebre ofensiva do morro San Juan. Ele teve ferimentos leves e recebeu uma medalha.

Benjamin se tornara tão afeiçoado à atividade e à agitação da vida em combate que lamentava ter de abrir mão dela, mas o negócio pedia sua atenção, então se exonerou da patente e voltou para casa. Foi recebido na estação por uma banda de metais e escoltado até em casa.

8

Hildegarde, acenando uma enorme bandeira de seda, cumprimentou-o na varanda, e mesmo ao beijá-la ele sentiu com um aperto no coração que esses três anos tiveram seu peso. Ela era agora uma mulher de quarenta anos, com uma tímida faixa desordenada de cabelos grisalhos na cabeça. A visão o deprimiu.

No quarto, ele olhou seu reflexo no espelho familiar — chegou mais perto e examinou o próprio rosto com ansiedade, comparando-o após um momento com uma fotografia dele próprio de uniforme, tirada logo antes da guerra.

"Meu Senhor!", disse em voz alta. O processo continuava. Não havia dúvida disso — ele agora parecia um homem de trinta. Em vez de extasiado, ficou inquieto — estava ficando mais jovem. Ele tinha até então alimentado a esperança de que, quando chegasse à idade física equivalente à sua idade em anos, o grotesco fenômeno que marcou seu nascimento deixaria de operar. Estremeceu. O destino lhe parecia medonho, inconcebível.

Quando desceu do quarto, Hildegarde o esperava. Parecia irritada, e ele se perguntou se ela tinha enfim descoberto que havia algo de errado. Foi com um esforço para aliviar a tensão entre os dois que ele abordou a questão ao jantar, no que considerou uma maneira delicada.

"Bom", observou com leveza, "todos dizem que pareço mais jovem que nunca".

Hildegarde olhou-o com desprezo. Bufou. "Você acha que isso é coisa para se gabar?".

"Não estou me gabando", insistiu desconfortável. Ela bufou de novo. "Que ideia", disse, e depois de um momento: "Devo imaginar que você é muito orgulhoso para parar com isso".

"E como poderia?", indagou ele.

"Não vou discutir com você", ela retorquiu. "Mas existe um jeito certo e um errado de fazer as coisas. Se você enfiou na cabeça que quer ser diferente de todo mundo, penso que não tenho como impedi-lo, mas acho que não é muito gentil".

"Mas, Hildegarde, não tenho como evitar."

"Tem, sim. Só que você é teimoso. Pensa que não quer ser igual a mais ninguém. Sempre foi assim e sempre será. Mas reflita como seria se todo mundo visse as coisas do mesmo jeito que você — como seria o mundo?"

Por ser um argumento fútil e irrespondível, Benjamin não replicou, e a partir daquele momento um abismo começou a se alargar entre os dois. Ele se perguntava que possível fascínio ela teria exercido alguma vez sobre ele.

Contribuindo com a ruptura, ele percebeu, com o avançar do novo século, que sua sede de alegria tinha ficado mais forte. Não havia festa de qualquer tipo na cidade de Baltimore em que ele não estivesse, dançando com as mais belas entre as jovens mulheres casadas, conversando com as mais populares entre as debutantes e encantando-se com a companhia delas, enquanto sua esposa, matrona de mau agouro, ficava sentada com as damas de companhia, agora em soberba censura, seguindo-o com olhos solenes, intrigados e reprovadores.

"Olhe só!", as pessoas comentavam. "Mas que pena! Um sujeito jovem dessa idade amarrado a uma mulher de 45 anos. Ele deve ser vinte anos mais moço que a esposa". Elas tinham esquecido — como as pessoas inevitavelmente esquecem — que em 1880 suas mamães e papais também comentaram sobre esse mesmo casal incompatível. A crescente infelicidade de Benjamin em casa era compensada por um sortimento de novos interesses. Ele começou a praticar golfe e fez muito sucesso com isso. Interessava-se por dança: em 1906 era especialista em "*The Boston*", e em 1908 foi considerado proficiente em "*Maxine*", enquanto em 1909 seu "*Castle Walk*" provocou inveja em todo moço jovem da cidade.

As atividades sociais de Benjamin, naturalmente, interferiram em certa medida nos negócios, mas ele havia se dedicado às ferragens por atacado durante 25 anos e sentia que em breve poderia passar o bastão para o filho, Roscoe, recém-formado em Harvard.

Ele e o filho eram, na verdade, muitas vezes confundidos um com o outro. Isso agradava Benjamin — ele logo esqueceu o medo insidioso que o havia dominado na volta da guerra hispano-americana, e foi com o tempo assumindo um prazer ingênuo na própria aparência. Havia apenas uma mosca na deliciosa sopa — ele detestava aparecer em público com a esposa. Hildegarde estava com quase cinquenta anos, e a imagem dela o fazia se sentir absurdo…

9

Em um dia de outono, em setembro de 1910 — alguns anos depois que a Roger Button e Cia. — Ferragens por Atacado passara para as mãos do jovem Roscoe Button — um homem aparentando cerca de vinte anos se inscreveu como calouro da Universidade de Harvard, em Cambridge. Ele não cometeu o erro de anunciar que jamais voltaria a ver os cinquenta anos de vida, nem mencionou o fato de que o filho havia concluído a graduação na mesma instituição dez anos antes.

Foi aceito, e quase de imediato alcançou posição proeminente na sala de aula, em parte por parecer um pouco mais velho que os demais calouros, cuja idade média girava em torno dos dezoito.

Mas o sucesso se deu mais em função do fato de que, no jogo de futebol contra Yale, ele jogou de forma tão brilhante, com tanta garra e uma fúria tão fria e impiedosa que marcou sete *touchdowns* e catorze gols para Harvard, e fez com que, um por um, onze homens de Yale fossem tirados do campo inconscientes. Ele foi o homem mais celebrado da faculdade.

É estranho dizer, mas no terceiro ele quase não conseguiu entrar no time. Os técnicos disseram que o rapaz perdera peso, e parecia, para aquele mais observador, que não estava mais da mesma altura. Benjamin não fez nenhum *touchdown* — de fato, foi mantido na equipe principalmente na esperança de que sua imensa reputação levasse terror e desorganização para o time de Yale.

No último ano, ele sequer conseguiu vaga na equipe. Tornara-se tão pequeno e frágil que um dia foi tomado por alguns segundanistas como calouro, incidente que o humilhou terrivelmente. Ele ficou conhecido como um certo prodígio — um graduando que com certeza não tinha mais de dezesseis anos — e muitas vezes ficava chocado com a bagagem de mundo de alguns colegas de classe. Os estudos pareciam ter ficado mais difíceis — sentia que estavam avançados demais. Ouvira os colegas falando sobre a St. Midas, a famosa escola preparatória, onde muitos deles haviam se preparado para a faculdade, e determinou que, após a graduação, faria matrícula na St. Midas, onde a vida protegida entre meninos do mesmo tamanho seria mais favorável a ele.

Com a graduação em 1914, voltou para casa em Baltimore com o diploma de Harvard no bolso. Hildegarde agora residia na Itália, então Benjamin foi morar com o filho, Roscoe. Mas embora tenha sido recebido de modo vago, não havia obviamente nenhuma cordialidade no sentimento

de Roscoe em relação ao pai — havia mesmo uma tendência perceptível da parte do filho de pensar que Benjamin, vagando amuado pela casa em uma distração adolescente, estava de certo modo atrapalhando. Roscoe agora era um homem casado e proeminente na vida de Baltimore, e não queria nenhum escândalo sorrateiro ligado à família.

Benjamin, não mais *persona grata* entre as debutantes e o grupo universitário mais jovem, ficava muito tempo sozinho, salvo pela companhia de três ou quatro meninos de quinze anos da vizinhança. A ideia de ir para a escola de St. Midas voltou à sua mente.

Um da disse a Roscoe: "Já falei várias vezes para você que quero ir para a escola preparatória".

"Bom, vá, então", Roscoe respondeu curto. O assunto era repugnante para ele, e desejava evitar uma discussão.

"Não posso ir sozinho", disse Benjamin desamparado. "Você vai precisar me inscrever e me levar até lá".

"Não tenho tempo", declarou Roscoe abruptamente. Apertou os olhos e parecia pouco à vontade com o pai. "Aliás", acrescentou, "seria bom você não continuar com esse negócio muito mais tempo. É bom puxar o freio. É melhor… é melhor…" — parou e o rosto enrubesceu enquanto ele procurava as palavras — "é melhor você dar meia volta agora e começar a andar para o outro lado. Isso já foi longe demais para ser uma piada. Não tem mais graça. Você… se comporte!".

Benjamin olhou para ele à beira das lágrimas.

"E outra coisa", continuou Roscoe, "quando houver visitas na casa quero que você me chame de 'Tio' — não de 'Roscoe', mas de 'Tio', está entendendo? É absurdo que um menino de quinze anos me chame pelo nome. Talvez seja melhor você me chamar de 'Tio' *sempre*, para se acostumar".

Com um olhar duro para o pai, Roscoe lhe deu as costas.

10

Após o término dessa conversa, Benjamin subiu consternado e fitou-se no espelho. Não se barbeava há três meses, mas não encontrava nada no rosto, a não ser uma penugem franzina na qual parecia desnecessário intervir. Em sua volta de Harvard, Roscoe o abordara com a proposta de usar óculos e bigode falso colado à face, e parecera por um momento que a

farsa dos primeiros anos de sua vida viria a se repetir. Mas o bigode pinicava e o deixava envergonhado. Ele chorou e Roscoe, relutante, cedeu.

Benjamin abriu um livro de histórias para meninos, *Os escoteiros da baía de Bimini*, e começou a ler. Mas percebeu que tinha pensamentos persistentes sobre a guerra. Os Estados Unidos haviam se unido à causa aliada no mês anterior, e Benjamin queria se alistar, mas, céus, dezesseis era o limite mínimo, e ele não parecia ter tantos anos. Sua verdadeira idade, que era 57, o desqualificaria de qualquer forma.

Bateram à porta, e o mordomo surgiu com uma carta com uma grande inscrição oficial no canto, endereçada ao sr.Benjamin Button. Benjamin rasgou o envelope ansioso e leu o conteúdo com satisfação. Informava-o de que muitos oficiais da reserva que serviram na guerra hispano-americana estavam sendo convocados para servir em uma graduação superior, e trazia em anexo a patente de general de brigada do exército dos Estados Unidos com ordem de se apresentar imediatamente.

Benjamin pôs-se de pé num salto, tremendo um bocado de entusiasmo. Era o que ele queria. Agarrou o quepe e dez minutos depois já estava em um grande estabelecimento de alfaiataria na Rua Charles, pedindo num soprano incerto para que tirassem suas medidas para um uniforme.

"Quer brincar de soldado, filho?", inquiriu um vendedor casualmente.

Benjamin corou. "Hein? Não importa o que eu quero!", retorquiu com raiva. "Meu nome é Button e moro na Praça Mt. Vernon, então você sabe que tenho como pagar".

"Bom", admitiu o vendedor hesitante, "se não for, imagino que seu papai seja mesmo".

Benjamin tirou as medidas, e uma semana depois o uniforme estava concluído. Teve dificuldade de obter a insígnia correta de general porque o lojista ficou insistindo que um distintivo da Y.M.C.A. ficaria igualmente bom e seria muito mais divertido para brincar.

Sem dizer nada a Roscoe, deixou a casa certa noite e seguiu de trem para o acampamento Mosby, na Carolina do Sul, onde comandaria uma brigada de infantaria. Em um dia abafado de primavera, em abril, aproximou-se da entrada do acampamento, pagou o taxista que o levou da estação até lá e virou para o sentinela de guarda.

"Mande alguém cuidar da minha bagagem!", disse ríspido.

O sentinela o fitou com censura. "Diga", observou, "onde você vai com as coisas do general, filho?".

Benjamin, veterano da Guerra Hispano-americana, dirigiu-se ao sentinela com fogo no olhar, mas — céus! — com uma voz de soprano cambiante.

"Sentido!", tentou trovejar. Parou para tomar fôlego — e de repente viu o sentinela bater os calcanhares e apresentar o fuzil. Benjamin escondeu um sorriso de satisfação, mas quando olhou para o lado, o sorriso desapareceu. Não era ele quem inspirava obediência, mas um imponente coronel de artilharia que vinha a cavalo.

"Coronel!", chamou um esganiçado Benjamin.

O coronel se aproximou, puxou as rédeas, e olhou-o indiferente com um brilho no olhar. "Você é o filhinho de quem?", inquiriu com gentileza.

"Vou já mostrar filhinho de quem eu sou!", retorquiu Benjamin em uma voz feroz. "Desça já desse cavalo!"

O coronel urrou de rir.

"Você o quer, general?"

"Aqui!", clamou Benjamin desesperado. "Leia isto aqui". E atirou a patente no coronel.

O coronel leu, os olhos saltando de órbita.

"Onde você arrumou isto?", indagou, deslizando o documento para dentro do próprio bolso.

"Com o governo, como você logo descobrirá!"

"Venha comigo", disse o coronel com um olhar peculiar. "Vamos ao quartel discutir sobre isso. Venha".

O coronel se virou e começou a levar o cavalo na direção do quartel. Benjamin não podia fazer nada a não ser seguir com o máximo de dignidade possível — enquanto jurava para si uma vingança implacável.

Mas essa vingança não se concretizou. Em compensação, dois dias depois seu filho Roscoe se materializou desde Baltimore, passando calor e contrariado pela viagem premente, e conduziu o general chorão, *sem* uniforme, de volta para casa.

II

Em 1920 nasceu o primeiro filho de Roscoe Button. Durante as festividades, no entanto, ninguém achou "de bom-tom" mencionar que o menininho encardido aparentando cerca de dez anos brincando pela casa com soldados de chumbo e uma miniatura de circo era o avô do novo bebê.

A ninguém desagradou o garoto, com um rosto alegre e jovial em que relanceava uma insinuação de tristeza, mas para Roscoe Button a presença era fonte de tormento. Na linguagem de sua geração, Roscoe não considerava a questão "eficiente". Parecia a ele que o pai, recusando-se a aparentar sessenta anos, não se comportava como um "homem viril" — esta era a expressão favorita de Roscoe — mas de maneira curiosa e perversa. De fato, pensar no assunto por meia hora o colocava à beira da insanidade. Roscoe acreditava que "arrojados" deveriam se manter jovens, mas fazê-lo em tal escala era… ineficiente. E aí Roscoe se detinha.

Cinco anos depois, o filho de Roscoe atingira idade suficiente para se envolver em brincadeiras infantis com o pequeno Benjamin sob supervisão da mesma ama. Roscoe levou os dois para o jardim de infância no mesmo dia, e Benjamin descobriu que brincar com tirinhas de papel colorido, entrelaçar fitas e fazer correntes e desenhos bonitos eram as atividades mais fascinantes do mundo. Uma vez ele se comportou mal e teve que ficar sentado no canto — e chorou —, mas na maior parte do tempo eram horas alegres na sala animada, com a luz do sol entrando pela janela e a mão gentil da srta. Bailey repousando um momento de vez em quando em seu cabelo desgrenhado.

O filho de Roscoe avançou para a primeira série depois de um ano, mas Benjamin continuou no jardim de infância. Ele estava muito feliz. Às vezes, quando outros bebês falavam sobre o que fariam quando crescessem, uma sombra atravessava seu rostinho como se, de um jeito infantil e obscuro, percebesse serem aquelas coisas das quais jamais tomaria parte.

Os dias fluíram em monótono contentamento. Ele voltou para o terceiro ano do jardim de infância, mas agora estava pequeno demais para entender para que serviam as tiras de cores vibrantes. Chorava porque os outros meninos eram maiores que ele, e tinha medo. A professora falava com ele, mas apesar de tentar, não entendia nada.

Foi tirado do jardim de infância. A ama, Naná, em seu vestido xadrez engomado, tornou-se o centro do seu pequenino mundo. Em dias claros, os dois passeavam no parque; Naná apontava para um enorme monstro cinza e dizia "elefante", e Benjamin repetia, e quando tirava a roupa à noite para dormir, repetia de novo e de novo em voz alta para ela: "Elifanti, elifanti, elifanti." Às vezes, Naná deixava-o pular na cama, o que era divertido, porque se você sentasse do jeito certo quicava e ficava de pé de novo, e se

dissesse “Ah” bastante tempo enquanto pulasse, conseguia um efeito vocal irregular muito agradável.

Ele adorava pegar uma bengala grande do mancebo e sair batendo nas cadeiras e mesas dizendo: “Luta, luta, luta”. Quando havia pessoas na casa, as senhoras cacarejavam para ele, o que o interessava, e as jovens tentavam beijá-lo, ao que ele se submetia com um pouco de tédio. E quando o longo dia terminava às cinco horas, ele subia com Naná e ganhava de colher aveia e comidinhas moles.

Não havia memórias inquietantes em seu sono infantil; nenhuma lembrança o acometia dos dias audazes na faculdade, dos anos resplandecentes em que estonteava os corações de muitas moças. Existiam apenas as paredes brancas e seguras do berço e Naná e um homem que vinha vê-lo de vez em quando, e uma imensa bola laranja para a qual Naná apontava pouco antes da hora de dormir ao crepúsculo e chamava de “sol”. Quando o sol ia embora, os olhos dele ficavam sonolentos — não havia sonhos a assombrá-lo. O passado — a bárbara ofensiva à frente de seus homens no morro San Juan; os primeiros anos de casamento, quando trabalhava até o anoitecer estival na cidade agitada para a jovem Hildegarde, a quem amava; os tempos ainda mais anteriores, quando fumava sentado madrugada adentro na velha e melancólica casa dos Button na Rua Monroe com o avô — tudo isso desaparecera da mente como sonhos imateriais que nunca tivessem existido.

Ele não lembrava. Não lembrava com clareza se o leite estava quente ou frio na última refeição ou como os dias passavam — havia apenas o berço e a presença familiar de Naná. E então ele já não se lembrava de nada. Quando tinha fome, chorava — nada mais. No passar dos dias e das noites, respirava, e sobre ele havia balbucios e murmúrios suaves que quase não ouvia, e cheiros vagamente distintos, e claridade e escuridão.

E então era tudo o escuro, e o berço branco, e os rostos turvos que se moviam no alto, e o aroma doce do leite morno desapareceram de sua mente.


Estudos Libertários
Bakunin
O princípio do Estado
e outros ensaios
Plínio Augusto Coêlho
hedra

O princípio do Estado e outros ensaios

Bakunin, Mikhail
9788577154395
142 páginas
Compre agora e leia

A edição apresenta três importantes textos de Bakunin, fundador do sindicalismo revolucionário e o expoente máximo do anarquismo, escritos em um período de grande efervescência revolucionária, com a constituição de sociedades operárias nas principais cidades francesas. Bakunin combate vigorosamente a ideia e o princípio estatistas, denunciando ao mesmo tempo as tentativas de reforma burguesa e ataca a religião.

Compre agora e leia

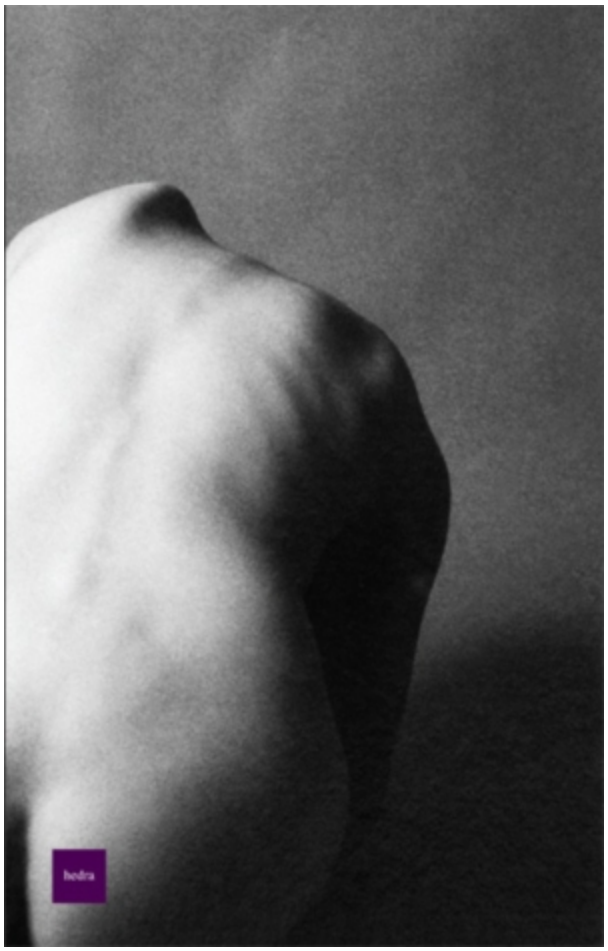

UNIVERSIDADE,
CIDADE,
CIDADANIA
FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA
hedra

Universidade, Cidade, Cidadania

Silva, Franklin Leopoldo e
9788577154166
152 páginas
Compre agora e leia

A universidade serve para produzir pesquisadores, professores, profissionais ou todos eles? Deve ser democrática ou baseada no mérito? É possível ser ambas as coisas? Deve-se sacrificar uma característica pela outra? Quanta autonomia a universidade deve ter? Quanta inserção social? Vocação de pesquisa ou preparação para o mercado?

Compre agora e leia


hydra

Poesia vaginal - cem sonettos sacanas

Mattoso, Glauco
9788577154173
234 páginas
Compre agora e leia

Poesia vaginal - cem sonnettos sacanas, de Glauco Mattoso, possui, nas palavras do próprio (e em sua grafia particular) "o differencial e o ineditismo [em relação às outras seleções da minha obra] de sahir de uma tara especifica e incluir todos os temas do pornô classico". Ou seja, tudo o que se imagina que se faz na cama - e muito do que não se imagina... Glauco Mattoso é um dos mais importantes poetas brasileiros contemporâneos, celebrado por sua ousadia e inventividade por nomes como Caetano Veloso, Paulo Leminski, Millôr Fernandes, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Tom Zé, entre outros. A partir dos anos 1990, renovou o soneto em português, na linhagem de Vinícius de Moraes (que levou o coloquial para a forma fixa). Mas com outra linguagem: em vez do romantismo de poemas como "Soneto de fidelidade", os de Glauco Mattoso são sonetos de fodelidade. Na longa tradição da poesia pornoerótica, o realismo cru, a abordagem variada e a expressão precisa criam a moldura em que as mais profundas experiências humanas se exibem sem qualquer pudor. Mas com muito humor.

Compre agora e leia

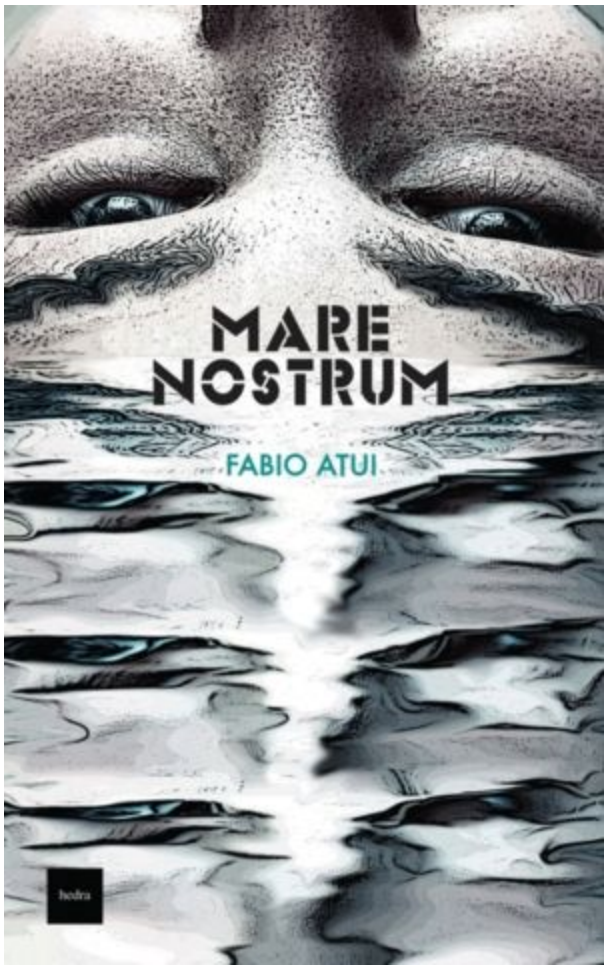

MANUAL DA DESTRUIÇÃO
ALEXANDRE DAL FARRA
hedra

Manual da destruição

Farra, Alexandre Dal
9788577154234
192 páginas
Compre agora e leia

Romance de estreia do dramaturgo, ganhador do 25º Prêmio Shell de melhor autor. Marcada por uma análise corrosiva do eterno conflito de classes brasileiro, esta narrativa ácida é contada pelo ponto de vista de um personagem à beira de um surto psicótico, em um retrato excruciante, cômico e incômodo dos nossos preconceitos.

Compre agora e leia


MARE
NOSTRUM
FABIO ATUI
hydra

Mare Nostrum

Atui, Fabio
9788577154180
152 páginas
Compre agora e leia

Mare Nostrum é um livro de ação, aventura existencial e ficção metacientífica, dirigida ao leitor jovem e ao jovem leitor. Primeira parte de uma trilogia em que você vai acompanhar os personagens até o próprio Mare Nostrum − nosso mar interior − e os limites de nossa mente, navegando por ambientes e realidades tão remotas quanto surpreendentes. De uma aula de anatomia na faculdade de medicina ao coração da Amazônia, por entre fluxos de memórias pessoais e ecos da sabedoria ancestral e universal, até um desfecho repleto de desafios − além de uma grave ameaça: o controle (ou a liberdade) do nosso inconsciente.

Compre agora e leia